**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOLOGIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E
LÍNGUA PORTUGUESA**

IVANILDE DA SILVA

**EM TERRAS DE VOCÊ O NATURAL É MISTURAR
PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR** – estudos
dos pronomes **TU** e **VOCÊ** no Português Popular do Brasil

Versão corrigida

SÃO PAULO

2015

EM TERRAS DE VOCÊ O NATURAL É MISTURAR
PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR – estudos
dos pronomes **TU** e **VOCÊ** no Português Popular do Brasil

por Ivanilde da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Cecília de Souza Rodrigues

De acordo com a orientadora, versão corrigida

SÃO PAULO

2015

IVANILDE DA SILVA

**EM TERRAS DE VOCÊ O NATURAL É MISTURAR PRONOMES DE
SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR** – estudos dos pronomes **TU** e **VOCÊ**
no Português Popular do Brasil

Tese apresentada à Faculdade de Filologia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em Letras. Área de
concentração Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho
à minha mãe, Christa,
ao meu pai, Aurino da Silva (*in memoriam*)
e à minha irmã, Silvana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela vida e oportunidades. Minha profunda gratidão à minha mãe, Christa, e irmã, Silvana, que se fazem presentes sempre em pensamentos, orações e telefonemas, embora distantes fisicamente. Imensa gratidão a Roberto Carlos, amor companheiro, que sempre me cobre de carinho e luz. Sem seu apoio e compreensão essa jornada, com certeza, seria muito difícil. Estendo meus sinceros agradecimentos a todos os familiares pelo apoio, principalmente a José Victor, filho do coração. Agradeço à Eva e Emira, amigas sempre. Agradeço à Marli Maia, minha terapeuta, pelo profissionalismo ímpar e conduta, presença humana sem a qual minha caminhada seria menos compreendida por mim. Meu especial agradecimento ao grupo filosófico e escola EFAM pela amizade e sentimento fraterno, aspectos sem os quais meu dia a dia teria menos graça e momentos de profundos aprendizados. Gratidão aos ensinamentos do Mestre Fábio que me conduzem ao crescimento e maior consciência. Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Ângela pelos encontros e almoços, telefonemas, *e-mails*, momentos de orientação e descontração sem os quais esse trabalho não seria possível. Agradeço também a todos os mestres e amigos acadêmicos que se fizeram e se fazem presentes na minha vida, inclusive, neste trabalho de conclusão. Agradeço em especial às Professoras Dra. Deise P. Crispin pelo apoio e conselhos em relação à esta pesquisa, Dra. Maria Célia L. Hernandez e Dra. Maria Lúcia C.V.O. Andrade (USP). Meus agradecimentos à CAPES pelo fomento à pesquisa, ao PAE/USP e aos professores responsáveis pelo aperfeiçoamento docente. Agradeço ao Prof. Dr. Donizete de Andrade e à Tânia Rennó pela ajuda, amizade e pelos valiosos contatos sem os quais eu não conseguiria realizar entrevistas em ambientes nos quais precisei entrar com autorização. Minha gratidão à coordenadora da Biblioteca Central Cassiano Ricardo, Leíse, e à Valnete Soares pela acolhida e por terem conseguido contatos valiosíssimos sem os quais eu não teria como realizar “dedins de prosa” tão especiais na cidade de SJC-SP. Minha gratidão profunda aos funcionários da Biblioteca Central (SJC-SP), em especial à Mazé, Maria do Socorro, William e Maria Lúcia. Agradeço à empresa URBAM e aos coordenadores Sr. Boanésio, Sras. Fátima e Rosa pela oportunidade ímpar e aprendizado. Agradeço imensamente a todos os entrevistados que participaram desta pesquisa sem os quais este trabalho não seria realizável. Meus agradecimentos aos pré-vestibulandos CASD pelo carinho e ensinamentos constantes. Meu carinho aos amigos nem sempre próximos, mas perto do coração: Valnete e Laura, Adriana Vercesi (irmã/amiga, companheira de martelinhos/branquinhas), Regiane Regis, Juliano e Gabriel, Juliana Leone, André Rauber, Celso Kobaschi, Vanessa Rimbau, Rosângela Ziebarth, Samira Tomio, Profa. Dra. Izete L. Coelho e Marco A. Martins, Fabiana Santolin, Fabiana C. Travessini (peстинha) e Adriano, Rosa Cristina, Cris e Georgia, Elsa Núñez (eterna amiga), pessoas as quais reservo profundo apreço e amizade. Agradeço também à Elza Gonçalves Arundhatii (SJC-SP) pelos conselhos e cafés. Meu especial agradecimento à professora Bethânia Zitzke (Blumenau-SC). Aos demais amigos dos sempre mágicos encontros (São José dos Campos-SP e Fortaleza-CE): Mestres Fábio e Manu (alquimistas de aromas e sabores), Marli, Carolina Maia, Gus e “Jimmi”, Cynthia Naranjo, Adriana Marcondes, Fefa Lopes (Samurai), Daniela e Olívia (dupla com e sem emoções!!), Márcia Gusmão, Aliane (primeira dama), Cezinha (guardião), Lúcia Helena (MC), Juliana Marques (irmã/amiga), Rafa e João Gabriel, Soninha Jereissate, Marcos O. Lima (Mestre dos Magos), Magda (Magdinha), Marcelo Ferrari e Neuton Fraga (Mestres Guerreiros), Tânia Albuquerque (Limpinha) e Gabriel, Roberto Carlos, Tânia Rennó e Pedro R. B. Agradeço também à Célia Mendes (Campinas-SP) pela amizade, compreensão e ajuda.

RESUMO

SILVA, Ivanilde da. *Em terras de você o natural é misturar pronomes de segunda pessoa do singular: estudos dos pronomes TU e VOCÊ no Português Popular do Brasil*. 2015. 318 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

A presente pesquisa tem como objetivos estudar e descrever o comportamento variável dos pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** no Português Brasileiro Popular (PBPOP) falado em três Comunidades de Prática (CsPrát., ECKERT, 2012), localizadas em São José dos Campos (SJC-SP). Para levantar e descrever as variantes em questão, propus como método reunir um, dois, três ou mais falantes para entrevistar, constituindo, desse modo, *molduras discursivas* distintas (GOFFMAN [1974] 2012). Com base em Moreno Fernández (2012), analisei 37 Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) nas quais 66 falantes foram considerados e distribuídos em suas respectivas CsPrát. Essas CsPrát. foram classificadas em níveis de formalidade. Os entrevistados foram distribuídos em três faixas etárias, dois níveis de escolaridade, sexo (masculino e feminino) e procedência, como sugere a literatura laboviana; assim, essa pesquisa baseia-se na perspectiva variacionista, utilizada para descrever variação e mudança linguísticas, com o uso do pacote estatístico Goldvarb X. Além disto, interfaces teórico-metodológicas foram mobilizadas para embasar descrições, percepções, contextos linguísticos e sociais que poderiam ou não condicionar o uso das variantes quanto ao fenômeno “mistura pronominal” na fala popular de SJC-SP. Os resultados apontam a seguinte rota linguística: o uso dos pronomes das séries **você** e **tu** está deixando de ser variável, marcando os populares considerados como falantes que “misturam” pronomes por consequência de construtos sociais. Assim, em linhas gerais, no PB, “misturar” velhas e novas formas pronominais faz parte do comportamento linguístico de certas Comunidades de Fala.

PALAVRAS-CHAVE: mistura pronominal você/tu; entrevistas sociolinguísticas semidirigidas; comunidades de prática; interfaces teórico-metodológicas.

ABSTRACT

SILVA, Ivanilde da. *In the land of you is natural to mix second person singular pronoun: study of pronouns “TU and VOCÊ” in the Popular Portuguese of Brazil*. 2015. 318 f. Thesis (Doctorate) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This research aims at studying and describing the variable behavior of the pronominal series “tu and você” in the Popular Brazilian Portuguese (POPBP) spoken at three Practice Communities (PractComm, ECKERT, 2012) located in São José dos Campos, São Paulo State (SJC-SP). To raise and describe the variants in question I proposed the method of interviewing one, two, three or more speakers, thus creating distinct discursive frames (Goffman [1974] 2012). Based on Moreno Fernández (2012), I analyzed 37 Semi Directed Sociolinguistic Interviews (SDSLIs) in which 66 speakers were considered and distributed in their respective PractComm. These PractComm were classified into levels of formality. The interviewed were divided into three age groups, two levels of school education, gender (male and female) and origin, as suggested by the Labovian literature. Therefore, this research is based upon the variationist perspective, used to describe variation and language change, with the use of the Goldvarb X statistical package. In addition, theoretical-methodological interfaces have been mobilized to support descriptions, perceptions, linguistic and social contexts that could or could not make the use of variants of the phenomenon "pronominal mixture" in popular speech to SJC-SP. The results show out the following linguistic route: the pronouns of series “VOCÊ” and “TU” in Brazilian Portuguese are ceasing to be variable rule, marking the popular crew considered as speakers that "blend" pronouns as a consequence of social constructs. In general lines, in PB, “mix” old and new forms is part of the linguistic behavior of certain speech communities.

KEY-WORDS: Mixing pronominal “você/tu”; Semi Directed Sociolinguistics Interviews (SDSLIs); practice communities; interfaces theoretical and methodological.

LISTA DE ABREVIACÕES (SIGLAS)

Advérbio (ADV)

Amazonas (AM)

Comunidade de Fala (CF)

Comunidades de Fala (CsFal.)

Comunidade Linguística (CL)

Comunidades Socioculturais (CSCUL)

Comunidade de Prática (CP)

Comunidades de Prática (CsPrát.)

Determiner Phrase (DP)

Distrito Federal (DF)

Duplo Sujeito (DS)

Entrevistas Sociolinguística (ES)

Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs)

Halliday e Matthiessen (H&M)

Maranhão (MA)

Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)

Nome (N)

Objeto direto (OD)

Objeto indireto (OI)

Observação (Obs.:)

P2 – pronome pessoal de segunda pessoa

Pontos de Apoio (PAs)

Português Brasileiro (PB)

Português Brasileiro Popular (PBPOP)

Peso Relativo (PR)

Projeto Norma Urbana Culta (Projeto NURC)

Redes Sociais (RS)

Rio de Janeiro (RJ)

São José dos Campos – SP (SJC-SP)

São Paulo (SP)

Sintagmas Nominais (SNs)

Sujeito (S)

Sujeito-verbo-objeto (SVO)

Versus (vs) ou (x)

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Mapa do Brasil sociolinguístico.	68
Figura 2: Entornos da cidade de SJC-SP	112
Figura 3: <i>Mappings</i>	186
Figura 4: Estrutura emergente debate.	188
Figura 5: <i>Frame</i> genérico.	190
Figura 6: <i>Frame</i> do pronome você : <i>eu/self</i>	192
Figura 7: Centro X Periferia – entidades padrão x entidades atípicas.	193
Figura 8: A construção da significação e ampliação referencial.	194
Figura 9: <i>Tu/você</i> radiais.	216
Gráfico 1: Pronomes associados às séries VOCÊ e TU	260
Gráfico 2: Pronomes associados às séries VOCÊ e TU	273
Gráfico 3: Pronomes associados às séries VOCÊ e TU	286

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Norma, prescrição e frequência de usos.	40
Quadro 2: Quadro pronominal tradicional.	45
Quadro 3: Quadro pronominal da língua latina – primeira e segunda pessoas do singular.	46
Quadro 4: Quadro de pronomes voltados para uma sintaxe de objeto mista.	50
Quadro 5: Quadro dos pronomes pessoais no PB.	66
Quadro 6: Estratégias tratamentais.	73
Quadro 7: Neutralidade verbal.	76
Quadro 8: Reflexões e conceitos sobre comunidade de fala.	90
Quadro 9: Diferentes percepções sobre o conceito de comunidade de fala.	91
Quadro 10: Conceptualização subjetiva da situação: conversa coloquial ou casual.	129
Quadro 11: Conceptualização subjetiva das ESSDs. Percepção entre documentor e mais de um entrevistado, além de “iguais linguísticos e sociais ” – espectadores.	130
Quadro 12: Conceptualização da cena objetiva pela perspectiva do transcritor das ESSDs.	131
Quadro 13: Quadro com dados sociais dos entrevistados.	136
Quadro 14: Quadro com dados sociais dos entrevistados.	139
Quadro 15: Quadro com número de entrevistados e dados sociais.	140
Quadro 16: Quadro com número de entrevistados e dados sociais.	142
Quadro 17: Quadro de pronomes objetos – tradição e usos.	175
Quadro 18: Formas das séries VOCÊ e TU	225
Quadro 19: função das formas ligadas às séries VOCÊ e TU	228
Quadro 20: Antecedentes das formas em estudo (paralelismo).	229
Quadro 21: Mecanismos referenciais ligados às formas VOCÊ e TU	233
Quadro 22: Modalização.	238
Quadro 23: De quem para quem?	243
Quadro 24: Presença e ausência de “iguais linguísticos e sociais”	243
Quadro 25: Pares distintos (sexo).	245
Quadro 26: Níveis de formalidade.	246
Quadro 27: Sexo do falante.	247
Quadro 28: Idade do falante.	249
Quadro 29: Naturalidade do falante.	250
Quadro 30: Escolaridade.	251
Quadro 31: padrões pronominais de segunda pessoa	301

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular.	262
Tabela 2: Estratégias referencias.....	265
Tabela 3: Cruzamento dos fatores estratégias referenciais e funções dos pronomes de 2ª p. do singular.	267
Tabela 4: <i>Frames</i> - molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”....	268
Tabela 5: Cruzamento entre os fatores <i>frames</i> – molduras discursivas – e a função dos pronomes – formas das séries VOCÊ e TU	269
Tabela 6: Cruzamento <i>níveis de formalidade e função dos pronomes de 2ª p. do singular</i>	270
Tabela 7: Fatores sociais não relevantes estatisticamente.....	272
Tabela 8: Percentagens relacionadas ao indivíduo, uso variável e categórico dos pronomes considerados	274
Tabela 9: Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular.	277
Tabela 10: Antecedentes das formas em estudo (paralelismo)	279
Tabela 11: <i>Frames</i> – molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais” .	281
Tabela 12: Resultados prévios entre a primeira e segunda etapas estatísticas.	282
Tabela 13: <i>Frames</i> – molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”	283
Tabela 14: Funções das formas pronominais de segunda pessoa do singular.....	287
Tabela 15: Variação das formas VOCÊ e TU no falante.	289

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
ABSTRACT	7
LISTA DE ABREVIACÕES (SIGLAS).....	8
LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS	10
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE TABELAS.....	12
SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO	14
1 O OBJETO EM ESTUDO.....	21
1.1 INTRODUÇÃO.....	21
1.2 “A MISTURA PRONOMINAL” em gêneros do discurso – mistura ou naturalidade?	21
1.3 A VARIEDADE POPULAR e considerações sócio-históricas – o linguajar rotineiro e solto na contramão de imposições artificiais	30
1.4 IMPOSIÇÕES ARTIFICIAIS – breves considerações histórico-sociais do PB do século XIX em relação à produção de gramáticas normativas	34
1.5 A NOÇÃO DE NORMA NO DECORRER DOS SÉCULOS XIX E XX A PARTIR DE GRAMÁTICAS – norma única, norma prescritiva e norma voltada para frequência de usos.	39
1.6 PRONOMES PESSOAIS – considerações conceituais de gramáticos sobre pronomes relacionados à segunda pessoa do singular	41
1.6.1 A NOÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA – herança latino-lusitana arraigada em compêndios gramaticais brasileiros	44
1.6.2 FORMAS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR – que estatuto elas têm segundo gramáticos, autores de livro didático e linguistas?.....	54
1.6.3 TEMPOS ANTIGOS – de Vossa Mercê a você, poder e dinamicidade: reflexos passados contidos na atual sincronia do PB.....	71
1.6.4 “MISTURA TRATAMENTAL” – instabilidades gramaticais refletidas no uso pronominal	80
2 METODOLOGIA	85
2.1 INTRODUÇÃO.....	85
2.1 COMUNIDADE DE FALA – reflexões sobre diferentes realidades sociais	85
2.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA E REDES SOCIAIS – o lugar de práticas interacionais ...	98
2.3 ENTORNOS E DIVISÕES URBANAS – setores sociais associados à ideia radial.....	108
2.4 O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) em quatro tempos.....	113
2.5 ASPECTOS METODOLÓGICOS SOBRE ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS – trabalho de campo	120

2.5.1 ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS SEMIDIRIGIDAS (ESSDs) – entornos e percepções.....	128
2.5.2 CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES DE PRÁTICA – grupos de fala popular	132
2.5.3 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – breves considerações	144
2.5.4 O TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS DE FALA – regularidades linguísticas	145
3 TEORIAS – GRAMATICALIZAÇÃO E MODELOS BASEADOS NO USO.....	149
3.1 INTRODUÇÃO.....	149
3.2 GRAMATICALIZAÇÃO – usos moldam a estrutura linguística.....	153
3.3 GIVÓN (2012) – a ordenação de palavras	170
3.4 ABORDAGEM COGNITIVISTA – a construção do significado a partir de modelos baseados no uso	180
3.5 ABORDAGENS SOCIOCOGNITIVAS – o saber cumulativo de experiências humanas ...	195
3.6 ABORDAGENS DISCURSIVAS E SOCIOINTERACIONISTAS – a construção de objetos do discurso em breves considerações.....	203
3.7 A CONSTRUÇÃO DE MÁSCARAS SOCIAIS – sob o olhar sociointeracionista de Erving Goffman	206
4 A VARIÁVEL LINGÜÍSTICA, ANÁLISES E RESULTADOS	219
4.1 INTRODUÇÃO.....	219
4.2 A VARIÁVEL LINGÜÍSTICA – o recorte de elementos que variam.....	219
4.2.1 VARIÁVEL DEPENDENTE	225
4.2.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	226
4.3 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS DE FALA – sistematizar dados observando o contexto social	253
EXCLUSÃO DE DADOS DAS ANÁLISES.....	255
FORMAS EMITIDAS COM HESITAÇÃO E.....	256
4.4 DISCUSSÕES, ANÁLISES DE DADOS E RESULTADOS – grupos de fatores controlados, etapas estatísticas <i>prévias</i> e <i> finais</i>	258
4.4.1 PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES ESTATÍSTICAS – análises e resultados	259
4.4.2 NOVA AMOSTRA ESTATÍSTICA – afunilando o olhar	273
4.5 RESULTADOS FINAIS – padrões pronominais do PBPOP falado em SJC-SP.....	285
CONCLUSÕES	293
REFERÊNCIAS	303
ANEXO	317

INTRODUÇÃO

Para investigar “mistura pronominal” em Comunidades de Práticas situadas em São José dos Campos-SP, busquei orientação teórico-metodológica em vários autores que levassem em conta *a língua em uso e/ou modelos baseados no uso*. De modo geral, estudiosos, citados ao longo desta pesquisa, enxergam ou interpretam o movimento das línguas em razão de hábitos, necessidades comunicativas e situações discursivo-pragmáticas que, por sua vez, motivam o usuário de determinada língua a se expressar de maneira adequada às situações cotidianas, moldando, assim, a estrutura linguística. Diante do exposto, assumo, baseada em autores funcionalistas e sociocognitivas que a língua é instrumento sofisticado de comunicação, complexo e dinâmico justamente porque os falantes dessa mesma língua a empregam em variadas situações, adaptando-se a contextos. Nesse sentido, falantes são uma das engrenagens que movimentam a língua rumo a mudanças. Por esse motivo, pronomes ligados às séries **TU** e **VOCÊ** foram observados com o intuito de descobrir se esses itens atuam como rivais nas funções de *sujeito*, *complemento* e *possessivos determinantes*. Assim, esses pronomes foram capturados em Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) para investigar o tratamento ao interlocutor e outros pronomes associados a esse tratamento no Português Brasileiro Popular (PBPOP) falado. Além disso, para observar padrões pronominais voltados à segunda pessoa do singular, objectivei colher dados utilizados em variedades do português popular justamente por elas serem numerosas desde épocas coloniais, motivando o Português Brasileiro (PB) ser do jeito que é, e, assim, ter a oportunidade de recontar um pouco da história do PB pelo viés Comunidades de Prática (CsPrát.). Para alcançar os objetivos de investigar e descrever “mistura pronominal”, pesquisei literatura que abordasse trajetórias sociais e linguísticas de nossa língua. Desse modo, os capítulos deste trabalho trazem discussões que localizam os pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** no tempo e espaço com o intuito principal de explorar o fenômeno: “mistura pronominal” através de recortes teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, teorias de Gramaticalização, Cognitivas, Sociocognitivas e Interacionistas por entender que língua e sociedade são de natureza complexa e, nesse sentido, unir olhares que complementem práticas científicas voltadas para *questões qualitativas e quantitativas*, principalmente, quando o pesquisador se interessa por estudar grupos humanos e língua em sociedades democratizadas.

No primeiro capítulo, exploro padrões em uso em alguns gêneros discursivos para mostrar que o PBPOP falado é fonte de inspiração para criar outros textos do universo escrito e criativo como, por exemplo: *panfletos*, *propagandas diversas* e *letras de música*. Além disso,

abordagens sócio-históricas trazem informações sociais e linguísticas de um Brasil antigo que já possuía grande contingente de populares, ainda hoje imenso no Brasil, característica social que marca não só diferenças sociais e étnicas, mas linguísticas, já que grande parte da população brasileira tem pouca escolaridade e pretende, a seu modo, melhorar suas condições de vida, muitas vezes, deixando suas terras de origem para grandes cidades. Essa mobilidade social caracteriza complexidades de Comunidades de Fala (CsFal.) para CsFal., tornando-as, por vezes, semelhantes, mas não iguais. Afinal, cada grupo social é único e a maneira de tratar o interlocutor denuncia, em geral, a forma primeira que as cidades possuem para designar o outro (P2). Nesse sentido, o estudo do fenômeno “mistura pronominal” foi fundamentado no percurso evolutivo de itens como **Vossa Mercê** > **Você** com abordagens contidas em gramáticas históricas e contemporâneas que, por sua vez, trazem luz às noções de correspondência linear entre as formas das séries **TU** e **VOCÊ**, “instabilidades gramaticais” e estatuto do **VOCÊ** como pronome, forma praticamente exclusiva para tratar o interlocutor em algumas CsFal. como SJC-SP.

Diante desse cenário, terras como SJC-SP dominadas pelo uso do **VOCÊ**/sujeito tendem a “misturar” *velhos* e *novos* itens linguísticos de modo que a hipótese geral deste trabalho é: os pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** estão deixando de variáveis pelo fato de **VOCÊ** penetrar paulatinamente em contextos dominados por formas associadas ao antigo paradigma pronominal **TU**. Para testar essa hipótese geral, o segundo capítulo, além de discutir conceitos como os de Comunidade de Fala (CF), Comunidades de Prática (CsPrát.) e ampliar essas concepções para a anterioridade das cidades as quais acolhem falantes de diversas origens, traz como proposta investigativa explorar CsPrát. diferenciadas por níveis de formalidade. Essas CsPrát. contêm grupos sociais, muitas vezes, distintos e diversos que praticam sua língua no cotidiano para cumprir propósitos relacionados a jornadas de trabalho. Assim, recortes teórico-metodológicos da Sociolinguística, Sociocognitiva e modos de interpretação como *percepções* sobre a dinamicidade de arredores e entornos da cidade de São José dos Campos-SP (SJC-SP) contribuíram para que “dedins de prosa” (*frames* ou molduras discursivas) fossem compostos por *um, dois, três* ou *mais entrevistados* e *espectadores* “iguais linguísticos e sociais”, além da documentadora, emergindo, desse modo, *frames* distintos que, por sua vez, ressignificaram as Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) que coletei em “dedins de prosa” (conversas), mesmo que os populares considerados, partícipes livres dessa pesquisa, nunca tivessem participado de entrevistas, debates etc. Isto quer dizer que, além de formas pronominais voltadas para a segunda pessoa do singular, formas emergidas do embate face a

face, tanto o conhecimento de situações quanto contextos de uso são cumulativos da experiência humana, não sendo necessário explicar o que é uma entrevista, um restaurante, um acidente automobilístico etc., pois são construções situacionais (*frames*) presentes na memória episódica dos falantes de determinada língua. Assim, costumes, hábitos e práticas não somem no tempo e espaço com a morte de seus praticantes passados, novas gerações de falantes lançam novidades para dentro da língua já que falantes são uma das engrenagens que movimentam determinada língua para mudanças (LIMA-HERNANDES, 2009b). Além disso, para que pronomes associados à segunda pessoa do singular fossem empregados, propus assuntos relacionados à *educação, transporte público, saúde, moradia, trabalho e renda, lazer* etc., tornando, dessa maneira, os diálogos mais fluidos, motivando, por sua vez, conversas colaborativas, empáticas e espontâneas, isto é, os falantes não tiveram preocupações com normas e regras ligadas a padrões formais da linguagem. O capítulo traz ainda informações sobre o município de SJC-SP, sua formação e desenvolvimento como “capital do avião”.

No terceiro capítulo, abordo correntes teórico-metodológicas diversas que justificam minha interpretação sobre a língua como *dinâmica, complexa, multifacetada e direcionada* para usos cada vez mais voltados ao pronome **você**. Por isso, processos de Gramaticalização trazem luz ao que está acontecendo com itens em evolução **VOCÊ** e **TU**. Assim, exploro esses elementos em transformação sob a premissa de que as línguas são vivas, dinâmicas e heterogêneas, sujeitas a serem moldadas por pressões temporais, sociais e linguísticas. Nesse sentido, transformações linguísticas evolutivas promovem mudanças gramaticais, pois certos itens competem por determinado período de tempo e deixam de ser variáveis. Isto quer dizer que “a mistura pronominal” entre os pronomes das séries **VOCÊ** e **TU** é considerada natural justamente por ser um comportamento linguístico anterior aos indivíduos que a praticam cotidianamente no Português Brasileiro (PB) atual, principalmente no PB Popular (PBPOP), falado, praticado por falantes com nenhuma ou pouca instrução escolar. Desse modo, como mudanças linguísticas acontecem primeiramente na boca do povo, sob prismas da gramaticalização de itens, ordenação natural de palavras, acúmulo de experiências humanas e máscaras sociais, o fenômeno “mistura pronominal” (2ª pessoa do singular) será descrito. Essas abordagens teórico-metodológicas multifacetadas “enxergam” e/ou interpretam *modelos baseados no uso* envolvendo suportes estatísticos para melhor compreensão da variação e mudanças nas línguas (SOARES DA SILVA, 2008). Nesse sentido, a Sociolinguística Laboviana concebe transformações na língua que ocorrem de modo gradual, considerando, por sua vez, os usuários de determinada língua como *agentes estilísticos* por natureza, já que

falantes, de modo geral, não adotam *estilo único ao falar*, pois a depender de registros, situações sociais, níveis de formalidade etc. possivelmente, a variação entre formas linguísticas e comportamentais aconteçam. Além disso, esse capítulo também privilegia noções de categorização, mesclas conceituais e usos relacionados a máscaras sociais, isto é, *estratégias cognitivas* que evidenciam a capacidade humana em utilizar recursos linguísticos, discursivos e interacionais de modo a explorar competências. Assim, justifico as interfaces teórico-metodológicas exploradas no desenvolver desta tese por entender que forças internas e externas à língua e ao falante estão integradas, relacionadas e, por conseguinte, fazem a língua evoluir.¹

No quarto capítulo, descrevo outras partes da metodologia utilizada para coletar e classificar o material analisado. Mostro que as entrevistas foram distribuídas em três grupos, em função de seu grau de formalidade. Além disso, os populares, todos partícipes livres, foram divididos por três faixas etárias: **a)** dos 20 aos 36 anos; **b)** dos 37 aos 49 anos e **c)** + de 49 anos, sexo (masculino e feminino), dois níveis de escolaridade (Ensinos Fundamental e Médio) e procedência dos falantes, além de fatores linguísticos, semânticos, sociodiscursivos e pragmáticos que, por sua vez, mediram o uso dos pronomes variantes considerados. Assim, o quarto capítulo destina-se a discutir *o uso variável* desses pronomes e apresentar possíveis fatores que estariam condicionando esses usos relacionados à segunda pessoa do singular. Após a descrição metodológica, discussões e análises de resultados obtidos em três momentos estatísticos serão abordadas. Nesse sentido, as duas primeiras observações estatísticas foram constituídas pela escolha aleatória de falantes e uma última rodada estatística foi realizada para reunir todos os dados variantes categorizados e tratados pelo pacote estatístico *Goldvarb X*. Especificamente, o quarto capítulo traz discussões e análises sobre *a generalização de sentidos, formas e função* dos pronomes de segunda pessoa do singular investigados no PBPOP falado em SJC-SP.

A seguir relaciono questões, objetivos e hipóteses (gerais e específicas) que nortearam esta pesquisa em CsPrát., situadas em setores sociais existentes em SJC-SP:

¹ Evoluir no sentido de envolver mudanças. As mudanças podem trazer novos itens como **VOCÊ**, mas mudanças também trazem perdas linguísticas. Assim, **ele/a** acusativos, por exemplo, são considerados como novidade, já os acusativos **o/a** foram perdidos, eliminados, principalmente da boca de populares. Nem por isso, o PB deixou de evoluir ou deixou de mudar. *Evoluir/evolução* não são termos usados nesta tese no sentido de “mudar para melhor”. Evoluir/evolução significam que a língua se transforma o tempo todo, muitas vezes incorporando novos itens em detrimento de outros (perdas).

QUESTÕES, OBJETIVOS E HIPÓTESES

QUESTÃO E HIPÓTESE GERAL: se os falantes misturam formas pronominais ligadas à segunda pessoa do singular, como ocorre tal mistura? Ao que tudo indica, o uso das formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU** no PB Popular falado em São José dos Campos-SP está deixando de ser variável.

OBJETIVO GERAL: estudar e descrever como ocorre “a mistura pronominal” ligada às séries **VOCÊ** e **TU** no PBPOP falado

QUESTÃO ESPECÍFICA:

- Por que estudar os pronomes de segunda pessoa do singular no PBPOP falado em Comunidades de Prática (CsPrát.)?

HIPÓTESES ESPECÍFICAS:

- O uso do pronome **VOCÊ** seria favorecido na função de sujeito.
- O uso do objeto **TE** seria favorecido nas funções acusativas e dativas; na função possessiva o uso dos pronomes **seu/a** seria favorecido.
- Quanto maior o nível de formalidade mais uso das formas relativas a **TU**.
- A referência genérica será favorecida pelo uso das formas voltadas à série **VOCÊ**. Usos da série **TU** serão favorecidos quando os referentes serão **P2** determinado/receptor e determinado reportado (**P2**). Já quando o falante falar sobre si mesmo formas associadas ao pronome **VOCÊ** seriam favorecidas.
- Se uma forma pronominal é usada pela primeira vez no discurso (entrada), a tendência seria que esse mesmo item seja repetido na sequência discursiva (paralelismo).
- O uso do **VOCÊ** será favorecido em diálogos com “iguais linguísticos e sociais” – de quem para quem.
- *Frames* com audiência favoreceriam a produção de formas voltadas ao **VOCÊ**; *frames* sem audiência favoreceriam usos associados à série **TU**.
- Todos os falantes, independente da faixa etária, apresentariam maior uso das formas ligadas à série **VOCÊ**.
- Homens usariam mais formas relativas à série **TU**, já mulheres utilizariam mais formas associadas à série **VOCÊ**.

- A concentração do mesmo sexo entre os entrevistados em uma cena interlocutiva motivaria o uso da série **VOCÊ**. Entre sexos opostos, o uso de formas associadas ao **TU** seria favorecido.
- Níveis de escolaridade não motivariam a competição entre as formas em questão.
- As estruturas de modo distribuídas em *afirmação* e *perguntas* favoreceriam o uso do pronome **VOCÊ** e *as estruturas de negação* favoreceriam o uso das formas voltadas para o pronome **TU**.
- Falantes oriundos da região Nordeste usariam mais formas associadas à série **TU** enquanto falantes da região Sudeste privilegiariam o uso das formas da série **VOCÊ**, exceção Estado do Rio de Janeiro.
- Quase todos os falantes populares tenderiam a usar os pronomes relativos à série **VOCÊ**.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Propor uma metodologia capaz de capturar fatos relacionados às formas pronominais de segunda pessoa do singular com o intuito de propiciar diálogos mais espontâneos a partir de entrevistas com *mais de um entrevistado*, motivando, assim, a emergência de formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular entre parceiros colaborativos “iguais linguísticos e sociais”.
- Sugerir uma metodologia que pudesse ser aplicada em diferentes realidades sociais, grupos, comunidades de fala etc.
- Refletir sobre a noção variável de itens linguísticos e condições de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular.
- Discutir a noção de correspondência entre formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular nas funções de *sujeito*, *objeto* e *possessivos determinantes* a partir da exibição de quadros pronominais do *latim*, *português* e *de usos brasileiros*.
- Refletir sobre *generalidade* e *neutralidade* dos usos das formas pronominais consideradas a partir de discussões sobre *a redução do paradigma verbal do PB* e “instabilidades gramaticais” ocorridas ao longo dos tempos.
- Mostrar que “mistura pronominal” é um fato natural da evolução do paradigma pronominal voltado à segunda pessoa do singular.

- Discutir e ampliar conceitos como os de Comunidade de Fala (CF) e Comunidade de Prática (CPrát.) aplicados a novos tempos e a complexas realidades sociais como as que se apresentam na cidade de SJC-SP.
- Investigar padrões pronominais em uso em Comunidades de Prática (CsPrát.).
- Mostrar que modelos pronominais ligados à segunda pessoa não estão presentes só na fala popular, mas na fala culta, textos diversos e universo musical, evidenciando, dessa maneira, usos cumulativos da experiência humana que moldam a língua para manifestar mudanças.
- Chamar a atenção para a importância de se estudar a fala popular como terreno fértil de reflexão sobre mudanças na língua e no comportamento dos falantes, principalmente no que se refere a novos padrões pronominais em uso e situações que moldam o PB no sentido de manifestar características linguísticas cada vez mais brasileiras.
- Relacionar fatores linguísticos e extralinguísticos que motivem o uso de “mesclas pronominais” em terras nas quais **o você**/sujeito reina há séculos;
- Mostrar que grupos sociais em Comunidades de Fala podem ter semelhanças, mas não possuem comportamento social e linguístico idênticos conforme pesquisas realizadas por vários estudiosos no PB.
- Investigar contextos que ainda resistem à atuação do pronome **você** na sincronia atual.
- Mostrar que retenções e “instabilidades gramaticais” fazem parte da natureza de usos dos pronomes associados à segunda pessoa do singular.
- Identificar nuances semânticas além da referência determinada (P2 – interlocutor/receptor) a partir da noção de *máscaras sociais* que levaria o falante a se distanciar ou se aproximar referencialmente de si mesmo ou do outro.
- Refletir sobre a Gramática do Indivíduo a partir do modelo pronominal empregado por populares, “iguais linguísticos e sociais”, em CsPrát., situadas em SJC-SP.

1 O OBJETO EM ESTUDO

Do uso e do abuso do povo nasce a forma você.

(SAID ALI, 1964, p. 93)

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentarei padrões pronominais em uso com o intuito de mostrar “mistura entre formas pronominais” relacionada à segunda pessoa do singular em alguns gêneros do discurso nos quais a variação diafásica se faz presente em razão de intenções comunicativas, variação de registro e graus de formalidade, demonstrando, assim, que *o falante/escritor* e *o ouvinte/leitor*, independente do grau de escolaridade, naturalmente usa sua competência linguística e discursiva por se adequar às situações. Abordarei também discussões realizadas por diversos autores sobre a origem das variedades populares no PB, já que a imensa maioria dos brasileiros, ainda no século XXI, fala padrões linguísticos diferentes de padrões prestigiados pela sociedade letrada do PB. Outros pontos relacionados ao PB falado serão abordados nas seções subsequentes como: imposições gramaticais, instituídas a princípio no século XIX no Brasil, e a noção de norma a partir do olhar de alguns gramáticos dos séculos XIX e XX sob a visão de Barros (2010). Além disso, com o intuito de defender que “mistura pronominal” é consequência de experiências cumulativas de falantes, outros pontos considerados importantes serão abordados neste capítulo: (i) a noção de correspondência entre formas atrelada às três pessoas gramaticais, (ii) o estatuto pronominal ligado às formas pronominais de segunda pessoa do singular em uso e, por fim, (iii) a noção de “mistura entre formas” será discutida a partir de padrões pronominais utilizados em tempos antigos.

1.2 “A MISTURA PRONOMINAL” em gêneros do discurso – mistura ou naturalidade?

Início esta seção com o objetivo de exibir produções pronominais que ocorrem na atualidade do PB falado, padrões linguísticos refletidos em músicas, textos publicitários entre outros gêneros do discurso.

(1) Anúncio feito em revistas voltadas para viagens:

“**VOCÊ** leu direito. Pode deixar que a gente **TE** leva” (Revista Viagem, abril de 2009).

Anúncios como este descrito acima são corriqueiros no cotidiano do Português Brasileiro (PB). Não só na linguagem publicitária, mas na língua falada os pronomes relacionados à segunda pessoa do singular ocorrem com combinações diversas, gerando certos conflitos se comparadas às prescrições gramaticais. Observemos a seguir o excerto de fala popular extraído de Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) que colhi na cidade de São José dos Campos – SP:

(2) [...] Dá até desânimo **VOCÊ** pegá um ônibus **PRA VOCÊ** passia. Esses dias uma amiga falou: “vamo no shopping comigo? Eu **TE** pego. Vem pra cá direto do serviço que eu **TE** pego”. Aí eu disse “então tá bom”. (Entrevistada: mulher, faixa etária intermediária. Origem: Fortaleza-CE. Profissão: auxiliar de limpeza. Comunidade de Prática Universidade e escolar [+formal]).

Outro exemplo de “mistura pronominal” está no próximo excerto de fala. Nele o ator Walmor Chagas² produziu combinações pronominais, envolvendo formas das séries **TU** e **VOCÊ**:

(3) [...] “Quem assistia a Cassilda não esquece. Não lembra da peça, não lembra de nada ... mas causou uma emoção ... quando **TU** vê uma obra de arte **TU** não pode explicá, mas ela modificou **VOCÊ**. **TU** é modificando pela obra de arte. E a Cassilda era modificada pela obra de arte dramática. Ela era a maior atriz dramática que o Brasil conheceu. [...] Televisão também, as pessoas não se emocionam, elas ficam vendo, criticando, não participa ... **TU** participa do teatro ... ele **TE** deixa numa situação ... [...] **TU** não pode mentir, **TU** deve dizer a verdade e aquilo ali tá **TE** mudando por dentro i esse é o poder do teatro, do ator junto ao público. [...] Eu **LHE** agradeço a oportunidade (agradecimento à jornalista).

Nesses três exemplos de texto, escrito e falado, há combinações pronominais associadas às séries **TU** e **VOCÊ**. O primeiro exemplo citado é do universo publicitário, o segundo excerto foi produzido por uma falante popular e o terceiro fragmento falado foi produzido por um ator cuja profissão exige muitas leituras, interpretações, vivências etc. Para melhor visualização das combinações pronominais citadas, a seguir destaco o emprego dessa “mistura pronominal”:

1) Texto publicitário:

“**Você** leu direito. Pode deixar que a gente **te** leva”

 você/sujeito (Øsujeito) imperativo acusativo (te)

Combinação não uniforme

2) Excerto de fala popular:

a) “Dá até desânimo **você** pegá um ônibus **pra você** passia.”

 você/sujeito você/sujeito preposicionado

Combinação uniforme

² <http://globoTV.globo.com/globo-news/starte/v/fazia-um-teatro-maravilhoso-que-hoje-nao-se-faz-mais-diz-walmor-chagas/1652157/> - série grandes atores e atrizes. Antes de sua morte, o ator foi entrevistado por um programa de televisão. Falecimento: 18 de janeiro de 2013.

- b) “Eu **te** pego. Vem pra cá direto do serviço que eu **te** pego”.

acusativo (**tu**) Imperativo Ø acusativo (**te**) – mesmo referente

Combinação não uniforme se relacionada ao trecho de fala anterior

3) Excerto de fala culta (ator Walmor Chagas):

- a) [...] quando **tu** vê uma obra de arte **tu** não pode explicá, mas ela modificou **você**.

tu/sujeito tu/sujeito acusativo (**você**)

Combinação não uniforme

- b) [...] **Tu** participa do teatro ... ele **te** deixa numa situação ...

tu/sujeito

acusativo (**te**)

Combinação uniforme

- c) **Tu** não pode mentir, **tu** deve dizer a verdade e aquilo tá **te** mudando por dentro [...].

tu/sujeito tu/sujeito acusativo (te)

Combinação uniforme

- d) Eu **lhe** agradeço.

Dativo (Ihe referência ao interlocutor)

Independente de *nível escolar, faixa etária, origem dos falantes, grau de formalidade, nível de monitoramento, câmeras etc.*, ocorrem, na fala e na escrita do PB, combinações pronominais atreladas às experiências humanas cotidianas e necessidades comunicativas interpessoais. Além disso, os excertos de fala revelam que ambos os falantes, oriundos das regiões Nordeste e Sul, usam padrões pronominais voltados para as séries **TU** e **VOCÊ**. Enquanto a falante usa preferencialmente o pronome **você**/sujeito em suas colocações, o ator utiliza o **tu**/sujeito majoritariamente. Nesse sentido, o primeiro excerto de fala combina **você**/sujeito com **te/acusativo** (Sujeito+te+Verbo) quando as orações são vistas de maneira global (sem fragmentação); já o segundo fragmento falado combina o **tu/sujeito** associado aos acusativos **você** e **te** (Sujeito+Verbo+você; Sujeito+te+Verbo), e **lhe** dativo (Sujeito+lhe+Verbo).

Todos esses empregos “misturados” entre formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular apontam para o *receptor da mensagem*, que, por sua vez, pode envolver, além da referência determinada (2ª pessoa), referência reportada determinada (P2) – uma espécie de extrapolação situacional do aqui-agora, pois a falante, no momento da situação dialogal, narra outra situação interlocutiva conforme mostra o excerto de fala 1 (convite da amiga da

entrevistada para irem ao *shopping*). Além disso, ocorre também *referência genérica* cuja característica é envolver outros referenciais expansivos como aconteceram no excerto de fala 3, trecho no qual o ator aborda o assunto *obras de arte e sensibilidade sentida por aqueles que assistem a peças teatrais*. Assim, a partir de vivências, de experiências, os dois falantes construíram combinações voltadas a paradigmas pronominais distintos, isto é, *formas velhas* convivem com *formas novas* no PB atual.

Essas manifestações pronominais estão presentes em outros gêneros do discurso (canções, panfletos, propagandas, falas cotidianas diversas, ensaios etc.) que, por sua vez, circulam com frequência na sociedade brasileira. Com efeito, o uso de **você**/sujeito com **te~pra você**/objeto e **seu/sua** – possessivos determinantes – é combinação utilizada em letras de música do segmento sertanejo³ como exemplifico no fragmento⁴ descrito logo a seguir:

(4) “[...]Quero ser **SUA** metade
A **SUA** felicidade
Sou o **SEU** amanhecer [...]
Estou contando as horas
Pra gente se ver
Quando **VOCÊ** chegar eu quero **TE** dizer
Pega **EU** e leva **PRA VOCÊ**
Pega **EU** e leva **PRA VOCÊ** [...]”

O uso do complemento **te** combinado com **você**/sujeito e **você**/objeto, ao que tudo indica, é uso comum em músicas como também mostra o próximo excerto da canção “Amor *I love you*”, cantada por Marisa Monte⁵: “... deixa eu dizer que **TE** amo, deixa eu pensar **EM VOCÊ** [...] deixa eu dizer que **TE** amo, deixa eu gostar **DE VOCÊ**”. Além da harmonia musical provocada pelo uso de repetições, os versos mostram combinações entre **você** (“pensar **em você**”; “gostar **de você**”) junto do verbo transitivo direto amar cuja forma objetiva escolhida foi **te**.

Essas combinações “mesclativas”⁶ entre formas das séries **TU** e **VOCÊ** são frequentes no PB inclusive em contextos de Publicidade e Propaganda conforme mostro a seguir com os exemplos (5) e (6):

³ A seleção de letras de músicas sertanejas foi aleatória. Minha intenção não foi tratar um gênero mais popular de música que estaria em consonância com o contexto dos entrevistados. Apenas quis ilustrar que a mistura pronominal ocorre em gêneros discursivos variados, não apenas na fala (popular e culta).

⁴ Música cantada por Leonardo, cantor sertanejo. Título: “Pega eu e leva pra você”. Extraído do sítio <http://musica.com.br/artistas/leonardo/m/pega-eu-e-leva-pra-voce/letra.html>

⁵ Canção: Amor *I love you* (Marisa Monte e Carlinhos Brown)

⁶ Os termos “mesclativo”, “formas mesclativas”, “pronomes mesclativos” ou “mescla”, “mescla pronominal” têm base na discussão de Lopes e Cavalcante (2011) que trata de *mesclas tratamentais* (usos de **tu**, **tu** e **você** e somente **você**). Já Lilian Ferrari (2011) e Abreu e Ferrari (2013) elaboram construções referenciais ou estruturas referenciais como *mesclas conceptuais* fundamentadas em Fauconnier e Turner (2002) entre outros cognitivistas como Lakoff (1987) e Langacker (1987; 1991) que, por sua vez, levam em consideração *modelos baseados no uso* da língua.

(5):

Nesse panfleto, propaganda veiculada por uma academia de ginástica, localizada em SJC-SP, o escritor/autor utilizou o pronome **você**/sujeito, formas possessivas determinantes (**seu/sua**) e o acusativo **te**, evidenciando que *o modelo pronominal em uso* ou *os padrões pronominais em uso* são **você**/sujeito com **te**/objeto associados aos possessivos determinantes **seu/a**.

Do mesmo modo, “a mistura pronominal” foi empregada no panfleto publicitário distribuído por lojas do Terminal Rodoviário Tietê conforme pode ser observado no exemplo (6) a seguir:

(6)⁷

GRSA
GRUPO DE SOLUÇÕES EM ALIMENTAÇÃO

EMPRESAS EDUCAÇÃO SAÚDE VAREJO SERVIÇOS

Queremos conhecer a sua opinião!

Acreditamos que o diálogo é o segredo dos bons relacionamentos. Queremos que você volte mais vezes e que sua próxima experiência aqui seja sempre melhor!

Algo te surpreendeu?

Algo te frustrou?

Deixe seu nome completo e forma de contato, caso queira receber retorno.

www.grsa.com.br

Nesse tipo de publicidade é comum utilizar linguagens que visam atrair clientes para consumir produtos oferecidos em lugares como os existentes no Terminal Rodoviário Tietê em São Paulo (SP). Com o objetivo de promover interlocução entre lojistas e consumidores, esse panfleto exhibe o uso do **você**/sujeito junto do possessivo **sua** no primeiro enunciado. Já nas próximas frações discursivas há o uso do **te** em duas questões direcionadas para o leitor/consumidor. No último enunciado, há o uso do imperativo que segue regras gramaticais normativas junto do possessivo **seu** diante do substantivo *nome*.

⁷ Diferente do panfleto desenvolvido pela academia de ginástica (exemplo 5), o cartório de notas (tabelião), situado em SJC-SP, privilegiou o uso do clítico **o** para retomar o referente *cliente* (cabeçalho) também designado pela forma **você**. Em razão da formalidade de linguagem exigida por cartórios em geral, principalmente no que se refere à escrita, o uso de clíticos é privilegiado junto da forma de tratamento **você** como na segunda questão contida no panfleto: O que **o** levou a escolher o 1º Cartório?

Cartório de Notas

Prezado Cliente,
Para que você possa ser melhor atendido,
contribua com sua opinião.
Obrigado!

Qual serviço você utilizou?
☐ Autenticação ☐ Reconhecimento de firma ☐ Escritura
☐ Divórcio ☐ Separação ☐ Inventário ☐ Ata Notarial
☐ Testamento ☐ Certificação Digital ☐ Certidão

O que o levou a escolher o 1º Cartório?
☐ Sou cliente antigo, ☐ Indicação de terceiros: _____
☐ Localização, ☐ Internet, ☐ Outros: _____

Você recomendaria o 1º Cartório de Notas?
☐ Sim ☐ Não ☐ Talvez

Você conhece os nossos serviços on line?
 www.1cartoriosjc.com.br
☐ Sim ☐ Não

Quais são os pontos positivos do 1º Cartório?

O que poderia ser melhorado no 1º Cartório?

Comentários, críticas ou sugestões:

Nome: _____ Telefone: _____
 E-mail: _____
 Data: ____/____/____ Horário: _____

De modo semelhante, revistas brasileiras reservam espaços para que colunistas escrevam sobre algo que provoque reflexão em seus leitores. O fragmento de texto abaixo aborda o tema *gentileza em sociedades atuais*. Além da reflexão, a jornalista emprega recursos linguísticos para atingir o leitor. Um desses recursos é a utilização da estratégia **você**/sujeito no sentido genérico, empregando-o para cobrir o referente *qualquer pessoa que sai às ruas*, mas junto desse pronome há o uso do **te**, forma objetiva:

(7) Gentileza virou fraqueza⁸

“Ser gentil é um ato de rebeldia. **VOCÊ** sai às ruas e insiste, briga, luta para se manter gentil. O motorista quase **TE** mata de susto buzinando e **TE** xingando porque **VOCÊ** usou a faixa de pedestres quando o sinal estava fechado para ele. **VOCÊ** posta um pensamento gentil em redes sociais apesar de ler dezenas de comentários xenofóbicos, homofóbicos, irônicos e maldosos sobre tudo e todos. Inclusive **você**. Afinal, **VOCÊ** é obviamente um idiota gentil.”⁹ [...].

Na verdade, “misturar” pronomes de segunda pessoa ocorre independente do nível escolar justamente por ser muito utilizada e por veicular *formas/sentidos generalizados*. Assim, tanto em textos escritos e falados essa “mistura” parece ser natural. Sob essa ótica, na língua oral, esses usos pronominais “mesclativos” acontecem em abundância conforme também poderá ser visto nos excertos de fala exibidos a seguir. Esses dados foram colhidos por *ruas, comércio e biblioteca pública* da cidade de SJC-SP:

(8) Na biblioteca central da cidade de São José dos Campos –SP (data: 17/06/14)

- _ (aluno): Professora, **VOCÊ** tem uma borracha pra me emprestar?
- _ (professora): Tenho. Vocês usam mais do que eu.
- _ (aluno): Tá, depois eu **TE** devolvo (aluno +/-17 anos, vestibulando. Professora +/- 35 anos. Ambos estavam estudando na biblioteca central)

(9) Pelas ruas de SJC-SP¹⁰:

- _ (transeunte): Deixa eu **TE** falá, **VOCÊ** vai lá na festa? Quem vai tá lá? (homem, +/- 25 anos, falando ao celular pelas ruas de SJC-SP; 12/06/14)

(10) Na lanchonete da rodoviária (25/05/14)

- _ (atendente): **A SENHORA?**
- _ (cliente) Café com leite e pão-de-queijo. Quanto é?
- _ (atendente): R\$4.60 ... **SEU** troco, moça.
- _ (cliente): Aí eu entrego esse bilhete ali no balcão?

⁸ Grifos meus.

⁹ Ana Paula Padrão, Gentileza virou fraqueza. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/391399-Gentileza+Virou+fraqueza?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 27 de janeiro 2015. Grifos meus.

¹⁰ Quando eu estava nas ruas, praças, bibliotecas, consultórios médicos de SJC-SP, ouvia conversas, e, em seguida, tomava notas dos dados linguísticos que me interessavam. Do mesmo modo, quando eu estava em lanchonetes, restaurantes etc. Além disso, nas ruas, às vezes, eu simulava alguma cena perguntando às pessoas que passavam sobre horário de ônibus, se determinada linha passava por perto etc. Às vezes, deixava cair uma caneta ou um papel perto de pontos de ônibus para estimular a emissão de pronomes de segunda pessoa das pessoas que viam os objetos caídos no chão. Essa coleta de dados faz parte de *amostras de controle* para verificar se o mesmo comportamento pronominal ocorrerá nas ESSD que colhi em CsPrát. (capítulo 2).

- _ (atendente): É ... ela já **TE** passa **SEU** pedido ali, tá?
- _ (clinte): Obrigada
- _ (atendente): De nada (atendente, +/- 25 anos, homem; mulher, +/-).

(11) No consultório de oftalmologia (15-09-14):

- _ (Médica oculista): eu já **TE** dei essa figurinha?
- _ (Criança): Não.
- _ (Médica oculista): Ahhh, então **VOCÊ** vai fazer esses exercícios primeiro para depois eu **TE** passo outros, tá bem? (Médica +/- 60 anos; menina +/- 8 anos).

(12) No consultório de oftalmologia (13-03-15)

- _ (Médica oculista): **VOCÊ** já fez os óculos **SEU**?
- _ (Paciente mulher): Não, a outra médica não passou a receita.
- _ (Médica oculista): Ahhh, então **VOCÊ** vai fazer uma série de exercícios que eu vou **TE** dar.
- _ (Paciente mulher): Depois vou usar óculos multifocal?
- _ (Médica oculista): Não sei, depois de oito meses **VOCÊ** vai passar na sua oculista e daí **VOCÊ** vai saber se **VOCÊ** vai usar óculos ou não. Primeiro **VOCÊ** vai fazer exercícios que eu vou **TE** passar, tá bem? (Médica +/-60 anos; paciente +/- 45 anos).

Ao que parece a frequência de construções [**te+V**] tem a ver com perdas relacionadas à série pronominal **TU** (contigo, pra ti) e, desse modo, nos termos de Labov (2010), “mecanismos de reparo” tendem a invadir o sistema de pronomes pessoais relacionados à segunda pessoa do singular, demonstrando, assim, que o PB falado em certas Comunidades de Fala (CsFal.) exhibe construções mais voltadas para o uso do **VOCÊ** como, por exemplo, em: “vou **COM VOCÊ**”; “gosto **DE VOCÊ**”; “falei **PRA VOCÊ**”. Como resultado através dos tempos, construções [**te+V**] ainda inibem a entrada do pronome **você** em contextos *acusativo* e *dativo* (te levo, te dou). Conforme Castilho (2010, p.479), **você** derivou de uma expressão cerimoniosa “**Vossa Mercê**” – emitida “pelos de baixo” para “os de cima” – assim, **você** passou a ser ao longo dos anos no PB um tratamento entre iguais, por isso, em CsFal. nas quais o **tu** foi extinto, **você**/sujeito reina em absoluto, mas itens sobreviventes da série **tu** continuam com vitalidade por serem correferentes legítimos do pronome **você** (PERINI, 2010). Além disso, vale dizer que os usos dos pronomes da série **TU** em terras dominadas pelo **VOCÊ** afetam o *distanciamento interpessoal*, principalmente em falas familiares/íntimas como mostram os exemplos fornecidos por Castilho (2010, p.479):

(13) Olhe aí o que o **TEU**¹¹ filho aprontou! Eu **TE** falei para vigiar esse menino!

O distanciamento interpessoal é afetado em CsFal. nas quais **VOCÊ** impera, **tu** seria um elemento que provocaria + *distância interpessoal*. Já em CsFal. na quais **TU** ainda é utilizado, **você** seria um elemento que serve para apontar *maior distância interpessoal*. Tudo

¹¹ Grifos meus.

dependerá da situação, do conteúdo das conversas e das intenções do falante em querer se aproximar ou se afastar do interlocutor.

Nessa perspectiva, enquanto **você** como *sujeito* tem certa autonomia referencial e apresenta maior variabilidade sintagmática¹² porque herdou essas propriedades substantivas da fórmula **Vossa Mercê**, apesar de estar gramaticalmente mais *especialista* na função de sujeito do PB atual, o clítico **te** perdeu através dos tempos característica móvel justamente porque usos em posição pré-verbal eram comuns já no PB antigo como advogam Pagotto (1992) e Lobo (1992). Assim, dados como: “eu **TE** falei” são frequentes no PB e o item **te** permanece também em função **especializada** ou até em vias de *afixação* em razão da frequência de uso (capítulo 3). Em contextos acusativos, o pronome **você** é comum, embora **te** ainda seja uma das opções pronominais mais utilizadas como correferente do pronome **você**/sujeito em certas CsFal. porque **você** é forma primeira para tratamento do interlocutor. Por isso, a variação entre construções como “eu **te** levo” vs “eu levo **você**” é frequente em comunidades como SJC-SP, seja na fala de pessoas escolarizadas ou não. Já o possessivo determinante **seu** também não possui autonomia referencial, pois esse item só faz sentido se acompanhado de algum substantivo na oração, podendo acompanhar substantivos em várias posições nos enunciados como em: “**seu** troco, moça”; “**sua** mochila tá aberta”; “gosto do sorriso **seu**”; “vou com **o seu** pai na feira”, “esse celular é **seu**”.

Apesar de tantas evidências que mostram o PB como uma língua que naturalmente “mistura pronomes” relacionados à segunda pessoa, gramáticos, em geral, não divergem quanto à maneira de apresentar o quadro de pronomes pessoais (CUNHA, 2007; BECHARA, 2009). Suas descrições sobre a língua e exemplos perpetuam um retrato estancado e idealizado de usos, pois estão embebidos da arte de “escrever bem”, ou seja, trazem a escrita de grandes escritores da literatura portuguesa europeia e brasileira, apesar de trazerem novidades como os construtos teóricos de Benveniste, abordados por Bechara (2009).

Haja vista que mudanças linguísticas acontecem paulatinamente conforme Weinreich, Labov e Herzog ([1967] 2006) e, por isso, afetam, ao longo dos tempos, apenas parte do sistema linguístico, exibindo, assim, a convivência entre *estruturas velhas* e *novas*. Nesse sentido, uma das partes do sistema linguístico que mais sofreu alterações foram os paradigmas pronominal e verbal, pois transformações sociais associadas a condicionadores linguísticos, discursivo-pragmáticos etc. criaram, a partir de usos, um sistema de pronomes pessoais e verbais

¹² O pronome **você** pode atuar em qualquer posição sintagmática (sujeito, objeto e possessivo [seu/a, de você])

complexos, embora simplificados no que se refere a usos cotidianos, principalmente na modalidade falada. Fatores sociais como *escolaridade*, por exemplo, e *suportes escritos*, parecem não se deixar afetar por imposições gramático-normativas que, por sua vez, descrevem apenas a uniformidade pronominal e morfologias verbais atreladas a casos latinos e regras lusitanas (MATTOSO CÂMARA, 1985; MENON, 1995). Assim, compêndios gramaticais estão voltados para “a arte de escrever e falar bem” em detrimento de outros usos regulares encontrados em variedades populares do PB. Nesse sentido, qualquer falante do PB deveria perceber, saber usar e respeitar variedades linguísticas, a depender de situações de uso, vivenciadas em ruas, escolas, universidades, palestras, entrevistas, discursos etc., entretanto, ser “um poliglota de sua própria língua” como defende Bechara (2009) ainda é realidade “consciente” de poucos brasileiros.

1.3 A VARIEDADE POPULAR e considerações sócio-históricas – o linguajar rotineiro e solto na contramão de imposições artificiais

Uma das questões pertinentes a esta pesquisa sobre o português popular é: por que estudá-lo? Como se verificará no decorrer deste capítulo, a fala popular representa, na atualidade, uma das variedades do PB falado por milhões de brasileiros que foi numerosa desde épocas coloniais e pós-coloniais (LUCCHESI, 2004). Nesse sentido, justifico trazer, para este momento de reflexões, olhares sócio-históricos que interpretam a formação do Português Brasileiro (PB) e a disseminação de variedades populares e cultas. Essa mistura de variedades do PB levaram o povo a usar e abusar do português aprendido de “ouvido”. Desse modo, o português solto, sem preocupações normativas instalado no Brasil-Colônia até meados do século XIX, seria o berço do “mosaico sociolinguístico” existente no Brasil atual (MATTOS E SILVA, 2004c). Assim por razões socioculturais e históricas, o PB tem em suas origens contatos multifacetados por etnias diversas como indígenas (representantes de vários troncos linguísticos), portugueses (populares colonos e poucos cultos), negros (originários de várias nações africanas). Além disso, levas de navios traziam cada vez mais portugueses e mais tarde outras etnias como *alemães, italianos, japoneses* etc. (MATTOS E SILVA, 2004 c; LUCCHESI, 2004) para povoar o Brasil.

Nessa perspectiva, o fio social e histórico do PB falado foi elaborado com tramas cujas influências de ordem *histórica, intenções políticas, distribuição populacional (demográfica), social e linguística* constituíram as bases dos falares multifacetados existentes em todo o

território nacional (MATTOS E SILVA 2004c; GUY, 2001). Assim, independente da vertente teórica adotada, muitos estudiosos, através de pesquisas sincrônicas e diacrônicas, noticiaram realidades sociolinguísticas diversas manifestadas em diferentes CsFal. situadas no Brasil, caracterizando a diversidade do PB (DUARTE, 1989; RODRIGUES, 1987; SCHERRE *et al* [no prelo]; ARAÚJO, 2014) e, desse modo, variedades cultas e populares do PB foram sistematizadas, possibilitando perceber discrepâncias e semelhanças entre fatos linguísticos portugueses e brasileiros (GALVES E ABAURRE, 1996; DUARTE E PAGOTTO (2005); CASTILHO, 2010 entre outros). Entre essas diferenças estão usos pronominais nas funções de sujeito e complementos como os descritos por Duarte (1995) que defende a presença cada vez maior da expressão do sujeito em detrimento do sujeito gramatical nulo, tornando o PB uma língua de sujeito parcialmente preenchido como advoga KATO (1999). Além disso, segundo Duarte (1989), populares preferem utilizar o acusativo **ele/a**, já falantes cultos preferem omitir o objeto deixando a casa vazia (objeto nulo). Quanto à posição dos pronomes objetivos desde a época da colonização brasileira, esses itens se manifestavam preferencialmente como proclíticos, posição natural (*default*) no PB conforme defendem Pagotto e Duarte (2005) em oposição a leis prescritivas lusitanas, disseminadas em gramáticas produzidas no Brasil durante o século XIX (MATTOS E SILVA, 2004c; BARROS, 2010).

Nessa perspectiva, compêndios gramaticais brasileiros da atualidade ainda estão embebidos por práticas do mundo lusitano e de sua literatura. Segundo Aroux (1999), uma gramática na qual contém regras, descrições de usos e teoria (morfologia, sintaxe, fonologia e semântica), de modo geral, intenciona *instrumentalizar* e *alfabetizar* indivíduos através da manipulação de compêndios gramaticais e dicionários. Essas práticas, por conseguinte, deveriam ser desenvolvidas em escolas e universidades, mas no contexto Brasil-Colônia, quase toda a população não tinha acesso a esses ambientes, razão pela qual a língua cotidiana corria livre e solta, já o ensino de idiomas e da escrita do Português Lusitano ficou restrito a Universidades e escolas frequentadas por poucos habitantes abastados (MATTOS E SILVA, 2004c; LUCCHESI, 2004; ARAÚJO, 2014).

Esses comportamentos socioculturais e linguísticos introduzidos e produzidos no Brasil impossibilitavam a massa popular de praticar “bons usos” de modalidades orais e escritas exibidas por variedades pertencentes ao PB culto. Ainda hoje no Brasil, a depender de condições sociais, muitos brasileiros não possuem acessos ou incentivos para sua formação em idade escolar apropriada. Assim, essas pessoas permanecem condicionadas a praticar apenas uma das variedades do PB, o português popular, concentrado, muitas vezes, só em

Comunidades de Prática restritas, já que esses falantes obtêm ofícios quase sempre braçais (serviços de manutenção, jardinagem, limpeza etc.). Entretanto, isso não quer dizer que esses populares não mantêm contatos com outras variedades do PB como normas cultas (LUCCHESI, 2004). Trabalhadores braçais como os entrevistados por mim, por exemplo, labutam diariamente em universidades, escolas, áreas de lazer e prédios públicos e privados, ambientes nos quais circulam pessoas de todos os níveis sociais e culturais, presenciando, muitas vezes, falas de estrangeiros. Todavia, embora haja esse contato entre variedades cultas e populares, no Brasil há um fosso grande entre *o que se fala*, incluindo falares populares e cultos, e *o que se escreve* (SOARES, 2002).

Segundo dados publicados na Revista Carta Capital¹³, o Brasil ocupa a oitava posição entre países que ainda têm taxas altas de analfabetismo: **8,6%** entre pessoas com 15 anos ou mais. O jornal o Estadão-SP publicou com base em pesquisas feitas pela UNESCO, entre os anos de 2005 a 2011, que há no Brasil **13,9 milhões** de analfabetos adultos. Em 2000 a taxa de analfabetismo era de **13, 6%**. Ainda segundo o jornal esse comportamento é hereditário e, para agravar a situação, não há como obrigar um adulto a se alfabetizar.¹⁴ Com dados semelhantes, Faraco (2014)¹⁵ defende que alguns *déficits* em relação à universalização da educação no Brasil são historicamente acumulados. Enquanto a educação média em alguns países mais avançados foi universalizada entre as décadas de 1950 a 1960, no Brasil há atrasos. Embebido de dados do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (2008)¹⁶, **84%** dos jovens brasileiros entre 15 a 17 anos estavam na escola, mas somente **50%** frequentavam o Ensino Médio, **34%** o Ensino Fundamental e **16%** estavam fora da escola. Na interpretação do autor “Somos, ainda, então, uma sociedade com baixo índice de escolaridade e, claro, baixo índice de letramento” (FARACO, 2014, p.2). Não à toa que Mattos e Silva (2004b,c) e Lucchesi (2004; 2006) refletem sobre o fosso existente entre variedades cultas e populares do PB interpretando-o como polaridades. Devido à defasagem do processo escolar, em consequência da adoção da política da quantidade vs qualidade adotada por sucessivos regimes governamentais (SOARES, 2002)

¹³ <http://www.cartacapital.com.br/educacao/taxa-mundial-de-analfabetismo-cai-1-em-11-anos-mostra-relatorio-5540.html>. Publicado em 29-01-2014. Endereço consultado em 05-07-14.

¹⁴ <http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2014/01/29/brasil-nao-deve-cumprir-meta-contr-analfabetismo.htm>. Publicado em 29-01-2014. Acesso em 05-07-2014.

¹⁵ Nome do artigo: A produção textual de um estudante no final do Ensino Médio, apresentado na abertura do Encontro de Supervisores de Avaliação de Redações, promovido pela DAEB/ INEP. Brasília, 30/08/2014, p.1.

¹⁶ Página consultada pelo autor em 28-8-2014, p. 2.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/indic_sociais2009.pdf

essa grande distância entre as polaridades populares e cultas ainda não diminuiu no Brasil segundo esses autores.

Sob esse ponto de vista, Lucchesi (2006) propõe *um diassistema* constituído por uma bipolaridade de falares: cultos e populares. Essa bipolaridade não é estanque e nem dividida em proporções bem definidas. *Normas cultas e populares* estão muito presentes na atual sincronia brasileira por manterem contatos próximos, isto é, normas cultas e populares brasileiras se cruzam e se mesclam a todo instante por ruas, feiras, instituições financeiras, escolas, universidades etc. Explica esse mesmo autor que essa bipolaridade linguística é pertinente tanto para a atual estrutura do Português Brasileiro (PB) quanto para sua formação (origens do PB). Isto quer dizer que o Brasil de hoje é o reflexo do Brasil de séculos atrás e, dessa maneira, faz-se necessário mencionar alguns pontos da origem social e histórica da formação do PB no Brasil como já mencionado.

Sob esse prisma cumulativo do comportamento linguístico do brasileiro, os dados de fala coletados para esta pesquisa, obtidos em pesquisa de campo, realizada em setores sociais situados em SJC-SP, são de origem popular. Tal empreendimento justifica-se por ser necessário compreender um pouco mais sobre padrões moldados em estruturas hierarquizadas socialmente e, por conseguinte, divididas em trabalhos braçais entre outros ofícios (administrativos, docência, pesquisas, atividades médicas, jurídicas etc.). Faz-se, assim, necessário arrolar fatos no que tange à distribuição demográfica e seus efeitos sobre as variantes do PB através da perspectiva do “tecido multilíngue” existente no Brasil desde o início de sua história e tendo continuidade no seu desenvolver como nação “independente” (MATTOS E SILVA, 2004c, p.29-43). Dessa maneira, alguns fatos foram ordenados por sequências de acontecimentos que, por sua vez, tentam justificar a existência multifacetada de variedades linguísticas ainda muito presentes no Brasil atual:

- Relação entre sócio-histórica do Brasil, heterogeneidade nas origens do Português Popular Brasileiro (PPB), distribuição demográfico-linguística no território nacional – período Brasil-Colônia e consequências na heterogeneidade do PB (línguas indígenas e africanas em contato com portugueses);
- Processos de escolarização no Brasil e homogeneização da língua – século XVIII – a reforma pombalina obriga o uso do PE;
- Século XIX – normatização linguística cuja primeira constituição (1824) versava sobre a necessidade de escolarizar o povo brasileiro (ensino obrigatório e universal). Até o século XVIII 0,5% da população era escolarizada; até 1920 de 20 a 30% da população era escolarizada;
- A constituição do PB no período colonial até o primeiro século de independência brasileira foi moldada naturalmente, assistematicamente, sem interferência do ensino escolar, pois a língua cotidiana era transmitida pela oralidade generalizada (aprendida de ouvido);
- As variantes orais predominavam no país, mas o ideal normativizador, lusitanizante foi decisivo para a construção de um padrão culto brasileiro (o desejo da europeização nacional); entretanto, esse ideal lusitanizante não se implantou, pois só uma minoria da população teve acesso às escolas. As escolas

públicas e obrigatórias da época recebiam estratos sociais que “deviam aprender a língua da escola” como se fosse uma segunda língua (diglossia).

1.4 IMPOSIÇÕES ARTIFICIAIS – breves considerações histórico-sociais do PB do século XIX em relação à produção de gramáticas normativas

O PB atual falado, culto e popular, traz velhas e novas construções que, por sua vez, convivem (seção 1) no cotidiano brasileiro. Em razão dessa convivência entre construções *velhas* e *novas* faz-se necessário abordar breves considerações sobre a implantação de normas lusitanas em terras brasileiras. Os padrões linguísticos brasileiros já nasceram diferentes de regras latino-lusitanas, principalmente normas voltadas para a sintaxe pronominal e ritmos prosódicos. Nessa perspectiva, está em Pagotto e Duarte (2005, p.75) que “o português europeu foi paulatinamente assumindo a ênclise, a partir do século XVII [...]”. Segundo Pagotto ([1998] 2013), a próclise era uso natural dos brasileiros já que o português clássico do texto constitucional de 1824 (Constituição do Império) evidencia *o uso proclítico*; direção preferencial dos brasileiros na atual sincronia do PB falado. Entretanto, no final do século XIX, a constituição de 1892 (Constituição da República) obedecia *regras enclíticas*, levando em consideração vários contextos sintáticos investigados pelo autor. “Assim, a opção por uma norma enclítica em tais contextos não traduzia o passado da língua, mas antes disso, a opção pelo português europeu moderno” (DUARTE E PAGOTTO, 2005, p.75). Os dados da nova constituição refletem a norma culta lusitana da atualidade e é essa a mesma concepção que guia alguns dos compêndios gramaticais brasileiros ainda nos dias atuais como já mencionado.

Além disso, o processo de normatização pela escrita tem relação direta com a chegada da Família Real (1808) e com a instalação da imprensa no final do século XVIII e início do século XIX. Outro fato importante foi a chegada de duas grandes levadas de imigrantes portugueses, uma delas trazida junto da Corte Portuguesa e outra em meados do século XIX (PAGOTTO [1998] 2013). Nesse sentido, está em Castilho (2010) que a escrita no Brasil e as variedades de normas cultas, de uma maneira geral, são muito recentes, pois surgiram apenas por volta do século XIX, já as variantes populares são seculares, por isso “pode ser que uma língua brasileira se desenvolva a partir do PB popular atual” (CASTILHO, 2010, p.209).

Entretanto, compêndios gramaticais, em geral, deixam à margem o uso cotidiano falado, sujeito à invisibilidade social, isto é, variedades linguísticas não existem, principalmente as populares já que “são hábitos do povo”, representantes dos falares não legitimados. Nessa perspectiva,

Mattos e Silva (2004b) interpreta a situação colonial e pós-colonial vivida aqui no Brasil da seguinte maneira:

[...] o tipo de transmissão linguística irregular, majoritário ao longo dos séculos XVI ao XIX e os dados da quase ausência de escolarização nesses séculos, pode-se interpretar, com certa margem de acerto, a polarização socioletal que caracteriza o português brasileiro da atualidade, em que convivem os portadores das *normas cultas* com os, majoritariamente, portadores das *normas vernaculares* e ainda uma minoria, acredito que em extinção, que busca, no modelo da gramática normativo-prescritiva, que inicia seu prestígio sociocultural na segunda metade do século XIX no Brasil, realizar a *norma padrão* de tradição luzitanizante. (MATTOS E SILVA, 2004b, p. 133).

Está em Araújo (2014) que as variedades populares do PB caracterizam-se pela extrema redução na sua morfologia flexional, motivada por razões sociais e históricas. Uma dessas razões, segundo a autora, seriam os inúmeros contatos linguísticos existentes no Brasil-Colônia que ocorriam entre línguas indígenas e portuguesa, a importação de negros escravizados por três séculos, submetidos a um sistema de exclusão social ao longo da história, processos de urbanização e a falta de escolarização atrelados à política de segregação social como já comentado. Nesse mesmo sentido, para Pagotto ([1998] 2013) havia uma política de europeização ao longo do século XIX aqui no Brasil a tal ponto que a fixação da norma culta não aconteceu dentro “de um processo natural de convergência, foi construída a ferro e fogo” (*op cit* p. 41).

Para se compreender o movimento da língua e principalmente os movimentos que levaram o PB popular a se manifestar tal qual como é manifestado atualmente, houve interpretações sobre as origens desse português que, ao que tudo indica, caminha para uma gramática bem brasileira conforme refletiu Castilho (2010). Assim, de acordo com Mattos e Silva (2004c, p.152) e Castilho (2010), há três correntes teóricas que interpretam as origens do Português Popular Brasileiro (PPB): a *crioulização prévia*, a *deriva ou evolução natural* e a *crioulização prévia de modo fatorizado*.

De acordo com Mattos e Silva (2004c), a *crioulização prévia* foi levantada ainda no século XIX por Adolfo Coelho, baseando-se em aspectos de variantes brasileiras bem próximas de crioulos de variantes portuguesas. Ainda segundo a autora essa proposta foi rebatida por Guy (1981), contestada por Tarallo (1993), rebatida por Lucchesi (1994) e posteriormente rebatida por Naro e Scherre (1993). Esses últimos autores, por sua vez, são defensores da *deriva* ou *seleção natural* que teria sido apressada no Brasil pelas condições sócio-históricas e linguísticas do passado brasileiro e português. Para Baxter e Lucchesi, segundo Mattos e Silva (*op cit*: 153), a *crioulização prévia* pode ser vista de modo fatorizado porque leva em conta a sócio-história

e/ou indígena nos interiores do Brasil. Os autores admitem uma criouliização leve no passado do Brasil-Colônia, além disso, defendem uma interpretação social e histórica baseados no contexto social de *transmissão irregular* majoritariamente oral e livre da normatização, da escolarização e de normas da escrita portuguesa europeia, resultando em uma língua divergente em muitos aspectos, e por essas razões o PB apresenta um caráter heterogêneo e multilíngue (MATTOS E SILVA, 2004 a, b, c). Assim, *transmissão linguística irregular* ou *imperfeita*, discutida, principalmente por Lucchesi (2004a, b; 2006), é a base *pidgin* ou *crioula* que ocorre por várias influências internas e externas às línguas. Fundamentos não aceitos por estudiosos que defendem mudanças linguísticas presas a fatores internos como *a deriva* ou *drift* (ARAÚJO, 2014). Esta vertente, em rápidas palavras, prende-se a hipótese de mudanças ocorridas pela evolução natural e imanente, defendida por Naro e Scherre (2000), autores citados por Mattos e Silva (2004c).

Defendendo uma base crioula para o PB, está em Guy (2001) as principais características do Português Brasileiro Popular (PBPOP) falado. O autor busca nos primórdios do Brasil-Colônia fontes de sua gênese para explicar fatos exibidos pelos falares brasileiros na atualidade. O PB exhibe características ou tendências de línguas *crioulizadas*, embora o autor admita que o PB não se transformou em *um crioulo prototípico* no sentido de formar outra língua tão distinta da língua-alvo como aconteceu no Caribe e no sul dos Estados Unidos “onde apareceram línguas crioulas como *o haitiano*, *o jamaicano* e *o gullah* nos Estados Unidos” (*op cit*, p.15). Assim na morfologia do português popular há *perda de flexões verbais e perdas de pronomes átonos*; na sintaxe: *há variação na concordância nominal e verbal*; na fonologia: *há a redução de codas*. O autor ainda afirma que a falta de concordância no sintagma nominal (os homem rico) e a falta de concordância verbal (eles anda) são fenômenos típicos de línguas crioulas. Entretanto, discussões e trabalhos como os de Lucchesi (2004a; b; 2006) e Araújo (2014) mostram que no PB popular do estado da Bahia esses usos no que tange à concordância nominal e verbal são variáveis, fatos confirmados por Rodrigues (1987) em São Paulo – capital – na língua popular (pessoas não escolarizadas ou pouco escolarizadas, oriundas ou não da cidade em questão). Nesse sentido, quais seriam os padrões instalados em variedades populares desde a infância desses indivíduos?

Rodrigues (1987, p.107) baseia-se em Labov (1974) que, por sua vez, propõe seis estágios para a aquisição total do inglês falado: **(i)** a gramática básica; **(ii)** o vernáculo; **(iii)** percepção social; **(iv)** variação estilística; **(v)** *o standard* consistente e **(vi)** totalidade da amplitude. Desse modo, a

autora citada reflete sobre a variedade popular falada no PB, principalmente, a variedade falada em grandes centros urbanos como São Paulo (capital) e postula o seguinte:

o falante popular é aquele que, em tese, não adquire habilidades ou de mudar de um estilo consistente de fala para outro, em função das circunstâncias do ato de fala, ou ainda, de manter o estilo adequado com uma razoável consistência. Em outras palavras, ele não adquire a variedade de língua que Labov rotula como standard ou padrão consistente. Se consegue perceber diferenças de vocabulário e, conscientemente, chega a substituir palavras de seu repertório por outras que aprendeu a usar em contato com outros segmentos sociais, acreditamos que o elenco das regras gramaticais continua, em tese, sendo basicamente o mesmo do seu vernáculo (RODRIGUES, 1987, p.96).

Nessa perspectiva, outros fenômenos como a generalização do **se** para todas as pessoas gramaticais e a eliminação quase total da segunda pessoa verbal como as formas finais em **–s**, **–ste**: falas, falaste, presentes ainda no Sul, também são características crioulas segundo Guy (2000). Entretanto, ressalto que, de acordo com Görski (2012), generalizações deste tipo devem ser observadas com cuidado, pois cada Comunidade de Fala exibe padrões linguísticos e sociocomportamentais que outra poderá não exibir e/ou praticar. Assim, segundo Loregian-Penkal (2004), os finais verbais em Florianópolis **–sse** (visse, fizesse) fazem parte de sua identidade local, ao passo que em Pelotas-RS, os finais verbais não são marcados pelo final **–s** e **–ste** como em **“tu comes; tu falaste”** (AMARAL, 2003), e, além disso, quase não há produção do pronome **você** nessa cidade. O mesmo ocorre na cidade de Tefé (AM) segundo Martins (2010). A produção do **você** nessa cidade está voltada para estratégias de contato com pessoas de fora da região amazônica, prevalecendo o uso do pronome **TU** como forma primeira para tratar o outro.

Sob esse prisma, o quadro pronominal no PB em uso está bastante modificado se comparado às prescrições gramaticais tradicionais como será discutido mais adiante. Com a extinção do **vós**, seus correspondentes verbais e pronominais completivos, exibidos ainda em contextos bem restritos (religiosos e políticos), o pronome **vocês** acompanhado da terceira pessoa verbal no plural ganha espaço exclusivo atuando, por sua vez, em todas as funções sintáticas, inclusive possessivas (MONTEIRO, 1994). Além disso, segundo Guy (2001) e Monteiro (1994), usos mesoclíticos no Brasil estão em desuso bem como caíram as produções dos clíticos **o/a(s)** substituídas por **ele/a(s)** acusativos corroborando tendências de usos como em: **“levo você”**; **“leva eu”** etc. Do mesmo modo, outros casos de variação no PB são os fatos em alternância entre **nós** e **a gente** que, por sua vez, provocam uma redução no paradigma verbal em função da concordância com a forma **a gente**, geralmente, combinada à terceira pessoa do singular. Mas

há exceções como a expressão “a gente vamu”, entre outras, presentes em variedades populares do PB.¹⁷

Outra mudança citada por Guy (2001) é a substituição do imperfeito em lugar do condicional: *chegava* em vez de *chegaria*, indicando redução nos tempos verbais (redução morfológica verbal) e redução de construções perifrásticas como *tinha falado* e *vou falar* (verbos auxiliares) em vez de *falara* e *falarei* (pretérito-mais-que-perfeito). Para o autor supracitado, juntando essas características à falta de concordância verbal de número nos falares de certos grupos sociais resta apenas uma forma verbal atrelada às pessoas do discurso: *eu/você/a gente/vocês/eles fala*, isto é redução morfológica de fato como postula o autor. Essa redução morfológica faz com que a ordenação das palavras no PB sejam **SVO** – sujeito, verbo e objeto. Ordem cada vez mais fixa em relação ao preenchimento do sujeito (DUARTE, 1995), apresentando cada vez mais objetos nulos anafóricos em padrões falados por pessoas escolarizadas e uso cada vez mais crescente do **ele/a** acusativos na fala de populares conforme Duarte (1989), diferenciando, assim, o PB dos padrões do Português Europeu (PE) como revelou a pesquisa de Freire (2005) no que tange à terceira pessoa.

Finalmente, a redução da coda silábica como em /s/ e /r/ finais (computadô e falô), percebida inclusive entre as classes média e alta, segundo Guy (2001). O /l/ final de sílaba também é amplamente vocalizado como em palavras com o final (fina[w]) e filme (fi[w]me). Segundo Guy (*op cit* p.24): “[...] essas observações, apesar de serem sugestivas, não serão decisivas [...] pois, individualmente, são compatíveis com outros fatores históricos”. Para o autor, as origens do PB estão nas situações de *muito contato linguístico* feito através de uma diversidade imensa de variantes, surgindo, por conseguinte, a *hipótese de criouliização* e posterior *descruiouliização*, já que o Português Popular exhibe apenas *traços de criouliização* e não um *retrato nítido de criouliização* como aconteceram com o *haitiano* e o *jamaicano* conforme já citado. Nos Estados Unidos há a fala de negros (*Black English*), dialeto étnico, provavelmente construído por processos de criouliização de acordo com o autor supracitado. Pessoas com antecedência africana formaram uma organização racial distinta em guetos americanos; mas no Brasil não há

¹⁷ Há que se considerar a variação entre **nós vai** x **a gente vamu**, formas expressas por indivíduos menos escolarizados (OMENA, 2003). Essas formas mostram, além da variação pronominal, a existência na “concordância semântica”, isto é, enquanto **nós vai** “concorda” com o padrão de uso de redução do paradigma verbal; **a gente vamu** aplica “concordância semântica” através da noção de grupo (a gente + de um) entre outras nuances referenciais (LOPES, 2003). A partir desse estudo e de outros, Silva (2004) propõe uma escala referencial para os pronomes **nós** e **a gente** em falares cultos da cidade de Blumenau-SC e em dados extraídos de entrevistas do Programa do Jô. Entre outras nuances referenciais, **a gente** invade território determinado, abarcando o referente **eu**, conforme também apontou Menon (1995). **Nós**, por sua vez, especializa-se em referenciais coletivos na língua culta utilizada na cidade em questão.

como dizer que existam dialetos centrados em etnias negras ou africanas, pois a classe baixa trabalhadora não se limita só a pessoas de cor negra ou antecedentes africanos¹⁸. Ainda segundo Guy, no Brasil é mais evidente o uso da língua associado à escala social do falante, não importando que seus descendentes sejam africanos ou europeus¹⁹.

1.5 A NOÇÃO DE NORMA NO DECORRER DOS SÉCULOS XIX E XX A PARTIR DE GRAMÁTICAS – norma única, norma prescritiva e norma voltada para frequência de usos

Em contrapartida dos usos pronominais e de sua natural “mistura” no PB, a variante culta, socialmente “prestigiada”, considerada como *norma elegante e certa* foi idealizada no Brasil durante o século XIX conforme já mencionado. Gramáticas traziam eixos norteadores como: “língua heterogênea, com variantes hierarquizadas (obrigatórias, possíveis, proibidas)” cujo *discurso de modelização, categorias de pessoa e de tempo do discurso* fazem relações sócio-históricas de gramáticas produzidas no Brasil naqueles tempos (BARROS, 2010, p.37). Assim, a partir da gramática de Maximino de Araújo Maciel (1887)²⁰, Barros (2010) extrai trechos dessa gramática e averigua que as gramáticas brasileiras do século XIX fundamentavam-se na concepção de língua como norma única. Desse modo:

os escritores aparecem como aqueles que tiraram a língua portuguesa do estado bárbaro [...] mas os maus escritores, nos séculos XVII e XVIII, considerados como a idade da decadência, fizeram a língua perder a elegância e a pureza, que só foram resgatadas no século XIX, na idade da restauração, de novo por bons escritores e bons filólogos. (*op cit*, p.39-40).

Com base em tradições greco-latinas como já relatadas, Castilho (2010) reflete sobre “a arte de falar e escrever bem”, noção tradicionalmente veiculada por gramáticas normativas em função do antigo pensamento humano em construir beleza e arquitetar a estrutura linguística para o “bom uso” da linguagem. De acordo com Barros (2010), na gramática de João Ribeiro, século XIX, a noção de modalização pelo *dever, querer e poder* a faz mais prescritiva do que os demais compêndios gramaticais produzidos no Brasil. Essa obra é defendida como a arte que ensina a falar e a escrever corretamente.

¹⁸ Não levei em consideração o universo dos quilombos existentes no Brasil e de sociedades indígenas. Apenas, quero reforçar a ideia que no Brasil não há como afirmar que somente brancos são ricos e negros são de classes socioeconômicas menos abastadas.

¹⁹ O autor faz menção aos dialetos alemão e italiano em prática no Sul brasileiro.

²⁰ Gramática brasileira.

Entretanto, em gramáticas modernas como as de Bechara (2009), há a distinção entre *uso exemplar* e *correção*. O uso exemplar está para a adequação de registro *situacional*, já a noção de correção é *juízo de valor*, e as duas não se confundem, segundo o gramático. Levando-se em conta que escrever é “uma arte”, regras gramaticais utilizadas para esse fim são muito diferentes das regularidades convencionizadas pelo uso oral do povo brasileiro, principalmente, no que tange às variedades populares existente no PB. No Brasil, pela diversidade de contatos diários, a produção linguística entre letrados, pouco escolarizados e não escolarizados caracteriza-se por “imperfeições languageiras” (corriqueiras e cotidianas) que, obviamente, não correspondem às regras idealizadas encontradas em compêndios gramaticais.

Barros (2010) defende que a elaboração de gramáticas depende da época e da concepção sobre formação e construção de laços entre *língua* e *sociedade*. Desse modo, há nas gramáticas produzidas ao longo dos séculos XVI ao XIX três tipos distintivos de concepção de norma a depender da modalização discursiva empregada no desenvolver dos tempos:

Quadro 1: Norma, prescrição e frequência de usos.

NORMA ÚNICA, “NATURAL”	NORMA PRESCRITIVA	NORMA USUAL, DE FREQUÊNCIA DE USO
Modalização pela existência, pelo ser (de um único uso).	Modalização pelo querer, dever e poder-se dizer e fazer.	Modalização pelo ser (de diferentes usos).
Língua homogênea sem variação.	Língua heterogênea, com variantes hierarquizadas (obrigatórias, possíveis, proibidas).	Língua heterogênea, com variantes não hierarquizadas, a não ser pela frequência de usos.

Fonte: concepções de norma e língua elaborada por Barros (2010, p. 37)

Para Barros (2010, p.36), há, portanto, três tipos de norma linguística: *norma única e natural*; *norma prescritiva* baseada em variantes hierarquizadas e *norma usual, de frequência de uso*. Os gramáticos e estudiosos dessas normas estudadas pela autora foram: *Norma usual* (língua homogênea, sem variação): *Fernão de Oliveira* e *João de Barros* (século XVI); *Reis Lobato* (século XVIII), e *gramáticas brasileiras do século XIX*, entre outras. *Norma prescritiva*: *Jerônimo Soares de Barbosa* (XVIII) e *Celso Cunha* (século XX), entre outras. *Norma usual, de frequência de uso* (língua tida como uma espécie de ausência de norma²¹, quando todos os usos são modalizados pela existência; eles decorrem da imagem de língua heterogênea, usos não hierarquizados e marcados pela frequência de usos): *Maria Helena de Moura Neves* (século XX – Gramática de Usos).

²¹ Ausência de norma – termo entendido como ausência de norma prescritiva.

Dessa maneira, como nas origens do Brasil, a cidade de SJC-SP vive de constantes contatos, pois recebe, a cada dia, pessoas oriundas de vários cantos do país e do mundo (capítulo 2, seção 2.4). Pela tradição industrial, automobilística e estudos aeroespaciais iniciada por volta da década de 1950, a cidade atrai inúmeras pessoas (SILVA, 2010 *et al*), dentre elas a população de baixa renda que busca melhores condições de vida por não consegui-las no seu lugar de origem conforme aconteceu na capital paulista (RODRIGUES, 1987). Por conseguinte, a cidade de SJC-SP é formada por diversos grupos que, por sua vez, representam camadas sociais do mais alto padrão ao mais baixo. Em feiras de rua, bancos financeiros, escolas, prédios públicos em geral é possível ouvir falantes cultos e populares interagirem para resolverem suas necessidades comunicativas imediatas. Logo, “transmissões irregulares”²² entre contatos de variedades cultas e populares são construídas no cotidiano brasileiro conforme noticiam os trabalhos de Mendes (2014) e Araújo (2014) no que se refere ao uso cada vez maior do pronome tônico como objeto (leva **eu**) em detrimento do uso do **me** e a variação da concordância nominal e verbal na fala de populares. Outro ponto a salientar é que muitas dessas esferas sociais brasileiras possuem em seu interior Comunidades de Prática (CsPrát.) conforme será discutido no Capítulo 2 desta pesquisa.

1.6 PRONOMES PESSOAIS – considerações conceituais de gramáticos sobre pronomes relacionados à segunda pessoa do singular

Em geral, no Brasil, gramáticos e autores de livros didáticos conceituam do mesmo modo os pronomes pessoais e subcategorias a eles relacionadas. Dessa maneira, o objetivo maior dessa seção é apresentar concepções sobre usos da língua na visão de apenas alguns gramáticos, gramáticos históricos e linguistas, pois conceitos e usos estão diretamente ligados a padrões linguísticos recortados sob certa concepção de mundo, influenciada por determinados espaços sociais e temporais. Justifico a menção de poucos gramáticos e apenas Cereja e Magalhães (1999)²³, autores de livros didáticos, por fazer breves considerações a respeito da concepção de linguagem que segue uma linha mais tradicional de usos e também porque análises aprofundadas a esse respeito não são foco dessa seção e tese. Entretanto, como se verá, gramáticos e os autores de livros didáticos citados avançam por considerarem a variação

²² Por “transmissão irregular” está sendo entendido como aquilo que se ouve e se transmite sem grandes preocupações com normas prescritivas gramaticais. Transmissões irregulares são, na verdade, usos linguageiros cotidianos, aprendidos “de ouvido” (aprendizagens de ouvido).

²³ Segundo informações não oficiais, Cereja e Magalhães são os autores de Livros Didáticos mais utilizados em todas as escolas de Ensino Médio no Brasil, principalmente em escolas de redes públicas.

existente entre os pronomes **tu** e **você**, embora as formas relacionadas ao pronome **você** ainda não estejam descritas no quadro pronominal de compêndios gramaticais.

Nessa perspectiva de avanços conceituais, Bechara (2009, p.198), baseado em Benveniste, advoga que pronomes “designam as duas pessoas do discurso e a dita *não pessoa* (não eu, não tu), a 3ª pessoa”. Desse ponto de vista discursivo, os pronomes caracterizam-se pela indicação da dêixis – “o apontar para” (função exofórica ou dêitica) – e funções anafórica e catafórica especialmente casos ligados à terceira pessoa (p. 162). Já, sob o ponto de vista sintático, o autor separa os pronomes pessoais em retos (sujeito) e os oblíquos pela acentuação *átona* e *tônica* (sem e com preposição) que funcionam como complementos (direto e indireto; oblíquos preposicionados). Relacionadas às três pessoas gramaticais, o gramático descreve outras subcategorias pronominais como os possessivos, formas atreladas ao eixo discursivo (**eu-tu**) e a *não pessoa* (**ele/a**).

Cunha (2007, p.161) postula que: “Os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais”. Segundo o autor, esses itens pronominais servem para representar um substantivo e acompanhá-lo, determinando-lhes a extensão do significado (pronomes substantivos e adjetivos respectivamente). Além disso, os pronomes pessoais caracterizam-se por três aspectos: **a)** por denotarem as três pessoas gramaticais (1ª quem fala; 2ª com quem se fala e 3ª de quem ou de que se fala); **b)** por eles poderem representar através de retomada anafórica, quando na 3ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa e **c)** por variarem de forma segundo a função que desempenham na oração e quanto à acentuação que recebem na sentença a depender da posição que ocupam.

Cereja e Magalhães (1999, p.95), autores de livro didático voltado para o Ensino Médio, defendem que: “Pronomes são palavras que substituem ou acompanham outras palavras, principalmente os substantivos. Podem também remeter a palavras, orações e frases expressas anteriormente”. Em contrapartida, na gramática de Said Ali (1971) está a definição que pronome como substituto do nome não satisfaz complemente os seus usos, ou seja:

não satisfaz, contudo, à ciência da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo. Nada autoriza a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de criar substitutos para êsses nomes. (SAID ALI, 1971, p.92).

Como estratégia didática, Cereja e Magalhães (1999) separam as formas *retas* das *oblíquas* pelas funções sintáticas que exercem na oração conforme o quadro tradicional apresentado por

gramáticas normativas. Todas essas formas pronominais – subjetivas e objetivas – estão sempre ligadas intimamente às três pessoas gramaticais correspondentes. Atuações fora dessa concepção linear entre formas não representa o padrão da língua culta, segundo os autores. Essa mesma noção retilínea – correspondência entre formas e pessoas gramaticais – está presente também no subsistema pronominal possessivo.

Em relação aos possessivos, Bechara (2009, p.99) assevera que “os pronomes possessivos são os que indicam a posse às três pessoas do discurso” (meu/minha; teu/a; seu/a; nossos/as; vossos/as; seus/as). Além disso, o gramático em questão, além de elencar outros usos, formas e matizes atribuídos aos possessivos (aproximação, valores afetivos etc.)²⁴, faz menção ao uso de **dele/a** para evitar confusão com a terceira e segunda pessoas (p. 162). Embora, o uso das formas **dele/a** seja considerado em notas explicativas em compêndios gramaticais, a descrição, em geral, feita por gramáticos dos pronomes pessoais e possessivos não reconhece usos consagrados nas falas de brasileiros como legítimos, mesmo que esses usos sejam produções da variedade culta, como, por exemplo, o emprego do **ele acusativo** (MATTOSO CÂMARA, 1985, 1998)²⁵.

Quanto à posição dos possessivos, em geral eles vêm antepostos aos nomes a que se referem (CUNHA, 2007), posição muito antiga no português de acordo com Said Ali (1964), mas originário de noções adjetivas do latim clássico como em “frequentia vestrum”; “frequentia vestra” e “domus mea” – “a afluência de vós”; “a vossa afluência”; “a minha casa” (MATTOSO CÂMARA, 1985, p.91). No livro didático de Cereja e Magalhães (1999), as formas possessivas também se apresentam de modo canônico, ou seja, correspondentes às três pessoas gramaticais. Por fim, os autores recomendam não “misturar o tratamento”, isto é, é proibido “misturar pronomes” porque, embora a fala espontânea esteja repleta de construções mistas, misturar formas pronominais não deveria fazer parte do padrão culto da língua. Nesse sentido, “essa proibição” valeria para sociedades cuja forma primeira para tratar o outro é o pronome **VOCÊ**?

²⁴ Além de Bechara (2009), Said Ali (1964; 1971) e Mattoso Câmara (1985) acrescentam outras formas e matizes possessivos do português, mas para este presente trabalho eu me restringi a considerar somente as formas tradicionais **teu/a** e **seu/a** determinantes que ainda têm comportamento variável no paradigma pronominal de segunda pessoa no PB.

²⁵ Além disso, em nota, Mattos Câmara (1985, p.99) esclarece que **ele/a** acusativos já aconteciam em língua literária do português arcaico como recurso de ênfase. Entretanto, no Brasil, **ele/a** ocorre devido à remodelação do sistema relacionado às terceiras pessoas segundo o autor. Outro ponto salientado pelo pesquisador em questão é que língua escrita e língua falada no Brasil mantêm-se no plano formal mais voltado ao sistema tradicional português. Mas entre escolarizados os acusativos **o/a(s)** são empregados com naturalidade na escrita, embora praticamente banidos “da sua linguagem coloquial.” (p. 99).

1.6.1 A NOÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA – herança latino-lusitana arraigada em compêndios gramaticais brasileiros

Conforme já exposto, durante o século XIX no Brasil, segundo Barros (2010), a produção de gramáticas normativas se efetivou com o intuito de implantar o padrão gramatical lusitano para demarcar propriedade e identidade ao novo território (DUARTE E PAGOTTO, 2005). Dentro dessa perspectiva, compêndios gramaticais, em geral, conceituam e descrevem a classe pronominal de acordo com afiliações teóricas e práticas que condizem ao momento temporal de reflexão linguística de cada autor. Assim, em relação ao emprego pronominal na língua culta e legitimada, está em sua subjacência conceptual a noção de correspondência entre as três pessoas gramaticais que, por sua vez, é incompatível ao uso pronominal com “padrões mesclativos” tão frequentes na boca do povo. Nesse sentido, esta subseção tem o objetivo de discutir essa noção de correspondência entre formas e pessoa gramatical tão arraigada em compêndios gramaticais recentes e antigos. Por isso, a concepção de linguistas também se fará presente no decorrer dessas discussões, pois, de modo geral, esses pesquisadores levam em conta o uso para refletirem sobre os rumos do PB.

A princípio compêndios gramaticais, de modo geral, descrevem o funcionamento de *pronomes subjetivos* correspondentes *aos objetivos* e, assim, mantêm relação direta entre as três pessoas gramaticais: **1as eu/nós; 2as tu/vós; 3as ele/ela(s)** como já mencionado. O mesmo ocorre com os possessivos **teu/tua(s)** e **seu/sua(s)**, levando em consideração as formas **dele/a(s)** (CUNHA, 2007; BECHARA, 2009) gramaticalizadas para evitar ambiguidades entre as formas **seu/a(s)** que, por sua vez, podem ser empregadas para atribuir posse à segunda e à terceira pessoas na fala culta (CASTILHO, 2010; RIBEIRO E TORRES DE MORAIS, 2014). Em contrapartida, Mattoso Câmara (1985, p.96) defende que o sistema de pronomes pessoais no português não conservou de maneira idêntica a categoria de casos latinos. A mesma opinião possui Monteiro (1994) que, por sua vez, postula a deterioração do sistema de casos no PB em razão das introduções dos pronomes **você(s)** e **a gente**. Essas novas entradas pronominais alteram, sobretudo, o paradigma verbal. Assim, conforme Tarallo (1991), houve a diminuição da ordem verbo-sujeito e a consequente tendência ao enrijecimento do sujeito-verbo-objeto, a redução da morfologia verbal, que, por sua vez, leva ao uso, cada vez maior, de sujeitos lexicais e ao preenchimento do sujeito. Sob esse prisma, principalmente, em razão da perda do morfema final **-s** e **ste** (segunda pessoa do singular) **tu** e **você** são acompanhados por verbos sem marca morfológica final [Ø]. O pronome **vocês** (2ª pessoa do plural), por sua vez, desbancou o

pronome **vós** e suas formas correspondentes, neutralizando, assim, o sistema verbal do PB, que, atualmente, apresenta-se quase sem marcas morfológicas no uso singular. Essa neutralização verbal exige cada vez mais que pronomes sejam retidos na posição do sujeito, fixando a ordem de palavras em **SVO (sujeito – verbo – objeto)** conforme defende Duarte (1995).

Sob essa perspectiva de mudanças, Mattoso Câmara (1985, p.96) advoga que os sistemas latinos e portugueses são “sistemas de formas inteiramente diversas”. Para esse estudioso, há em português uma distribuição de formas correspondentes: **a)** forma isolada (sujeito – forma tônica e livre); **b)** forma dependente adverbial (clíticos: proclíticos ou enclíticos) e **c)** forma com preposição regente (formas tônicas – dependentes porque estão associadas a uma preposição). De visão semelhante, Williams ([1937] 1961, p.148) postula que “esses casos não são restritos à sua função original, já que algumas formas de acusativo são usadas como dativo e algumas de nominativo e dativo são usadas como objeto de preposições” e, dessa maneira, vestígios do latim permaneceram na língua portuguesa atual em decorrência das inevitáveis evoluções linguísticas que línguas românicas, em geral, sofreram.

Desse modo, para exemplificar formas e usos, abaixo apresento o quadro tradicional de pronomes pessoais ao qual acrescentei as formas possessivas correspondentes às três pessoas gramaticais:

Quadro 2: Quadro pronominal tradicional.

<i>PESSOA</i> <i>Acento →</i>	PSUJ Retos	POBJD Átonos	POBJI Átonos	POBJPrep Tônicos	PPOSS Adjetivos
1ª SING	Eu	me	me	mim, comigo	meu, minha
2ª SING	Tu	te	te	ti, contigo	teu, tua
3ª SING	Ele, ela	o,a	lhe	ele, ela	seu, sua
1ª PLUR	Nós	nos	nos	nós, conosco	nosso, nossa
2ª PLUR	Vós	vos	vos	vós, convosco	vosso, vossa
3ª PLUR	Eles, elas	lhes	lhes	eles, elas	seus, suas

Fonte: Adaptado de Cunha e Cintra (1985); Bechara (2009); Cunha (2007).²⁶

²⁶Não inseri os pronomes reflexivos no quadro pronominal por não fazerem parte do meu objeto de estudo. Na língua popular, eles quase não existem. Usos como: “eu Ødiverti”; “eu Øconfundi”; “eu Øassustei” são rotineiros”. Mas construções como “eu **se** ferro”; “eu **se** explodo”; “eu **se** viro” são regulares já que **–se** está generalizado (GUY, 2001, CASTILHO, 2010) e, por sua vez, mudam de significado se o item **se** não for expresso como, por exemplo em construções como: “eu **se** viro”, “eu viro **o** jogo”, “eu viro **bruxa**” (usos reflexivo, transitivo direto e predicativo do sujeito com verbo de ligação).

O quadro acima reflete a noção de correspondência entre os três eixos indicadores de pessoa gramatical: **eu/nós; tu/vós; ele(s)/ela(s)** – pronomes retos (caso nominativo); pronomes oblíquos (átonos e tônicos, casos acusativos e dativos). Além disso, há os tônicos preposicionados (oblíquos) que, por sua vez, eram os ablativos no sistema latino **migo, tigo e sigo**²⁷. Há também os pronomes possessivos intimamente ligados à 1ª, 2ª e 3ª pessoas gramaticais, originários de **měum, tūum, sūum** (WILLIAMS, ([1937] 1961). Nessa perspectiva, com o intuito de mostrar usos e evolução linguísticas, o quadro pronominal descrito a seguir correspondente ao sistema latino:

Quadro 3: Quadro pronominal da língua latina – primeira e segunda pessoas do singular.

CATEGORIA DE CASOS E CORRESPONDÊNCIA ENTRE FORMAS PRONOMINAIS PESSOA GRAMATICAL	→ NOMINATIVO ↓	VOCATIVO	ACUSATIVO	GENITIVO	DATI-VO	ABLATI-VO
1ª PESSOA DO SINGULAR	Ego (eu)	–	mē (me)	mēi (de mim)	– mihī (a mim, para mim)	mē (comigo, por mim)
2ª PESSOA DO SINGULAR	Tu (tu)	Tū	tē (te)	tūi (de ti)	tibī (a ti, para ti, te)	tē (de ti, por ti)

Fonte: adaptado de Mattoso Câmara (1985); Williams ([1938] 1961).

Essas formas pronominais descritas acima são praticamente as mesmas empregadas pelas gramáticas normativas na atualidade brasileira. Entretanto, no sistema latino, conforme a categoria de casos, as formas pronominais variavam morfologicamente em *nominativo*, *acusativo*, *dativo*, *genitivo* e *ablativo*. As formas **ego** e **tu** representavam o caso nominativo e alternavam com suas formas correspondentes de acordo com os casos. Assim, **mēi** e **tūi** (caso

²⁷ As formas **migo, tigo, sigo** aglutinaram-se ao radical **com** (esse radical já era a aglutinação de **cum**, enclítico como em **mecu(m)**, **tecu(m)** e **secu(m)**) conforme Williams ([1937] 1961); COUTINHO (1976) e Mattoso Câmara (1985, p.97-98). Para esse último autor, “É uma das notáveis diferenças entre o português arcaico e o português moderno a circunstância de que, naquela antiga fase da língua, migo, tigo, sigo eram usados isolados, com o valor pleno da preposição contido na sílaba final –go: “... quando se foi, posera migo” (combinara comigo) [...]”.

genitivo), **mihi** e **tibi** (dativo), **mē** e **tē** (caso acusativo-ablativo).²⁸ Segundo Mattoso Câmara (1985, p.90):

No sistema morfológico geral de língua latina, eram essas outras formas as de uso constante e freqüente, porque a indicação do falante ou do ouvinte como sujeito, que cabia a *ego* ou *tu*, conforme o caso, vinha dada em desinência na própria forma verbal. Nessas condições, *ego* e *tu* só se empregavam por uma redundância enfática ou como ‘vocativos’, numa comunicação isolada, ou numa frase de verbo inexpressão (*Ego bonus* ‘Eu sou bom’).

Percebe-se que, do mesmo modo latino, nos compêndios gramaticais atuais, a regra é omitir o sujeito pronominal, pois a desinência verbal já indicaria a pessoa gramatical (**falei**, **mostramos** etc.). A exibição da forma pronominal expressa em sentenças é aceita quando o falante deseja enfatizar “de maneira redundante” a pessoa gramatical conforme prescreve a tradição latino-lusitana (**EU** vou à feira, não **tu**). Entretanto, essa regra não traduz a realidade de uso dos pronomes, já que o sistema verbal no PB apresenta-se reduzido com a extinção da série **vós** (vós, vossa) e respectivos morfemas verbais, exigindo, assim, cada vez mais, a presença dos pronomes-sujeito (**eu/nós**; **tu/você(s)**; **a gente**; **ele/a(s)**) para indicar a pessoa gramatical cujo sistema verbal é portador do morfema zero [Ø], exceto o pronome **eu**, marcado com desinência verbal própria.²⁹

Williams ([1937] 1961, p.154) também advoga que os pronomes retos do eixo discursivo têm origem nos nominativos latinos (**eu/tu**; **nós/vós**), já as formas pronominais átonas do português: **me**, **te**, **nos**, **se** têm origem nos acusativos latinos. “Essas formas eram do acusativo em latim clássico, mas vieram a ser usadas como dativo e acusativo em português”. Das formas dativas latinas, formas acentuadas objeto de preposição: **mihi**, **tibi**, **sibi** deram origem às formas tônicas oblíquas preposicionadas (**mim**, **ti**, **si**) em português. **Mi** tem origem arcaica, já **tī** e **sī** têm origem no latim vulgar (WILLIAMS, *op cit*, p. 149). Já segundo Coutinho (1976, p.254), **ti** – dativo originou-se de **tibi** > **ti** em analogia a forma **mi** (*ego*). Ainda de acordo com o pesquisador, na língua popular de Portugal, há a forma **tim**, uso influenciado por **mim**. Da forma arcaica **ti** originou-se **te**, que, por sua vez, explica o emprego variável dessa forma (**te**) no português (acusativo e dativo).

²⁸ No português há o uso do pronome **nós de modéstia** (BECHARA, 2009), emitido em ocasiões que demandam cortesia, modéstia etc, mas a forma poderá representar uma só pessoa ou mais outras pessoas a ele associadas. Da mesma maneira, o emissor da mensagem, no sistema latino, paralelamente às formas acima supracitadas, poderia se expressar *em seu nome* ou *em nome de outras pessoas* a ele ligada através da forma **nōs** (o falante e/ou ele e mais alguém) e **uōs** (para mais de um ouvinte). Nessa perspectiva do plural pronominal, a distribuição das formas casuais eram duas: **genitivo** (*nostrum, vestrum*) e **um dativo-ablativo** (*nobis, uobis*), enquanto o acusativo era igual ao nominativo (MATTOSO CÂMARA, 1985, p.90).

²⁹ Prova que o PB está se tornando cada vez mais uma língua de sujeito preenchido são as construções de DS – duplo sujeito – como em: “A Clarinha, ela cozinha bem”, segundo Duarte (1995).

Para linguistas, “essa semelhança formal pode ter ‘neutralizado’ a distinção funcional de caso que existia no latim, o que teria “especializado” a forma **te** em uma marca número-pessoal do objeto” como uso constante e frequente segundo LOPES *et al* (2013, p.379). Esses pesquisadores adotam, além de outros estudiosos, a visão de Mattoso Câmara (1985) no que concerne à marcação do nominativo (**ego/tu**) e complementos (acusativo e dativo). Assim, o autor citado por esses estudiosos advoga que as formas **ego/tu** (nominativo) eram marcadas por desinências verbais para evidenciar o sujeito gramatical pronominal, já as formas completivas e oblíquas eram marcadas pelo sistema morfológico de casos. Ainda, segundo Lopes *et al* (*op cit*, p. 379), “a alta frequência de uso dos clíticos de primeira e segunda pessoas para indicar as funções de complemento pode ser um dos fatores que favoreceu, tempos mais tarde, a “manutenção e permanência” da forma *te* no PB, mesmo após a inserção da forma gramaticalizada *você [...]*”. Conforme Oliveira e Souza (2013), **te** era comumente usado com **você/sujeito**; **tu~você/sujeito** e **tu/sujeito**, sendo “a mescla tratamental” mais comum em cartas escritas por pessoas de origem menos ilustres durante o século XIX no PB.

Quanto à terceira pessoa, em português como nas demais línguas românicas, o sistema de pronomes pessoais se expandiu em razão da emergência da terceira pessoa (**ille**). A língua latina não possuía um item pronominal específico para indicar o mundo externo ao falante e ao ouvinte (a não pessoa), assim os pronomes demonstrativos faziam essas vezes juntamente com substantivos para suprir essa ausência de formas relacionadas à terceira pessoa gramatical. Esse sistema de pronomes demonstrativos possuía “formas específicas para cada um dos três gêneros (masculino, feminino e neutro) com desinências para cinco casos latinos” (MATTOSO CÂMARA, 1985, p.90) que, por sua vez, ao longo de transformações deu origem ao modelo **ele, ela (s)** e duas formas clíticas: *acusativo/objeto direto (o(s)/a(s))* e *dativo/objeto indireto (lhe(s))*.³⁰

Said Ali (1964, 1971), por sua vez, descreve que no português literário há duas séries de formas oblíquas que se correspondem respectivamente e estão associadas à noção das três pessoas

³⁰ As partículas **o/a(s)** advêm diretamente do acusativo latino (**illum, illam, illos, illas**). No português arcaico, havia um dativo **li** originário de **illi** e outras formas derivadas como **lilo > lio > /lio/ > lho** eram usadas e a partir delas **lhe** foi criado, **lhes** é criação mais recente. Ainda segundo Mattoso Câmara (1985, p.98): “Foi o nominativo, masculino *ille*, feminino *illa*, que originou no português *ele, ela [...]*”. Para Williams ([1938] 1961, p.148), as pessoas discursivas eram **ego** e **tu**; **nōs** e **uōs**, e do demonstrativo **ille** originaram-se as formas portuguesas **ê/e/a**. A forma masculina tornou-se **el** com o uso da próclise. Além disso, segundo esse mesmo pesquisador, o uso do plural “eles, eis, elas” não tem origem direta do latim, mas esses itens foram formados analogamente pela adição da terminação do plural a **ê/e, el** e **ela**, formas do nominativo singular. Desse modo, tanto as primeiras pessoas gramaticais quanto às terceiras pessoas não constituíram uma classe unitária, pois havia diferenças entre elas conforme a noção categorial de pessoa (MATTOSO CÂMARA, 1985, p.98).

gramaticais. Uma das séries não pode ser regida por preposição e figuram como *oblíquos* os seguintes átonos: **me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se**; as outras são sempre tônicas e dependentes de preposição: **mim (outrora mi), ti, nós, vós, êle, ela, êles, elas** e o reflexivo **si**. Além disso, o autor enfatiza o uso da posição enclítica das formas como em “peço-te”; “escrevo-te” no português. Outras formas citadas pelo ator são os clíticos **lhe(s)** e **o/a(s)**, respectivamente dativos e acusativos destinados à terceira pessoa do singular e plural. Para Williams ([1937] 1961, p.158), **li** e **lis** – formas primitivas do português – são originários do dativo singular **ille**. Paralelamente a essas formas, outras formas do acusativo **illi-illum** > ***li-ello** > ***lhe-llo** e com qualquer palavra iniciada por vogal **aliqu’ūnum** > **lh’algun** coexistiam no sistema latino. Assim, **lhe** começou a ser usada como forma dativa regular em substituição de **li**. O item **lhi** era variante de **lhe**, brotou assim por analogia de **li** e de **mi** e de **ti**.

‘Cedo, entretanto, *lis* se tornou *lhis* por imitação de *lhi*, e *lhes* por imitação de *lhe*’ [...] Os acusativos *lo, la*, etc., continuaram sobrevivendo a par de *o, a*, etc., e *lhes* combinou-se em justaposições novas com essas formas, assim: **lhes-lo* > *lhello* [...] *lhe-lo* [...]. A forma *lhes* sobreviveu em português moderno; e em alguns dialetos é encontrada combinada em justaposições novas com *o, a* etc. [...] (WILLIAMS, *op cit*, p. 158).³¹

Nessa perspectiva, Menon (1995) defende que **lhe(s)** passou a exercer duas funções (acusativa e dativa) em razão do uso do **você** como sujeito gramatical e, assim, fatos acusativos como “eu **lhe** vi no cinema ontem” são frequentes no PB atual. Essa constatação está de acordo com as reflexões de Mattoso Câmara (1985, p.99):

Na língua coloquial do Brasil, mesmo nas classes escolarizadas, esse subsistema de 3ª pessoa foi profundamente remodelado. *Lhe* (com o plural *lhes*) passou a forma adverbial para o ouvinte tratado em 3ª pessoa [...], em identidade da função com *te* (e em linguagem mais desleixada até substituído por *te*, em virtude da equivalência entre *você* e *tu*), enquanto *o, a, os, as* está obsoleta. Assim a 3ª pessoa se reduz à forma *ele, ela, eles, elas* em qualquer função sintática.

Desse modo, com os usos acusativos de **ele/a(s)**, o PB inaugura, junto das novas formas **você** e **a gente**, um paradigma pronominal complexo, pois elas são formas tônicas que atuam em qualquer função sintática. Assim, em relação à segunda pessoa do singular, o paradigma apresenta-se atualmente misto porque ora exhibe construções como: “eu **te** vi no shopping” [**te+V**] ora exhibe construções como: “eu vi **você** no shopping” [**V+ pronome tônico**]. Esse fato corrobora ao que aconteceu com a terceira pessoa. Com as quedas dos clíticos **o/a(s)**, usos como *objeto nulo* e *acusativos preenchidos* com **ele/a** ocorrem com frequência (DUARTE, 1989; CYRINO, 1997; CASTILHO, 2010) no PB. Na verdade, eles são importantes “mecanismos de

³¹ De acordo com Coutinho (1976, p.255), “*ille* (nom.) > *ele*; *illa* (nom.) > *ela*. [...] *illi* (dat.) > **eli* > *li* (arc.) > *lhi, lhe*. Na linguagem popular de Portugal, ainda se ouve pronunciar *li*” (COUTINHO, 1976, p.255). Em nota esse mesmo autor esclarece que no Brasil, em certas regiões, pronuncia-se *le*.

reparo”, estratégias de uso para reparar perdas sofridas pelo sistema como acontece com a série **tu (te, pra ti, contigo)** que, por sua vez, perdem terreno em algumas CsFal. e consequentemente “impulsionam” o PB para usos cada vez mais voltados para usos tônicos no que diz respeito à sintaxe de objeto como em: levo **você**; leva **eu** (CAVALCANTE E FIGUEIREDO, 2009; MENDES, 2014). Em razão dessas transformações, Perini (2010) propõe um quadro de usos no qual há a convivência de estruturas velhas com novas. Assim:

Quadro 4: Quadro de pronomes voltados para uma sintaxe de objeto mista.

O professor ____ viu ____ no shopping	
me	eu
te	você/tu (?)
nos	nós
-	a gente
-	ele/a(s)
-	vocês no shopping
viu a mulher dele no shopping	
viu a sua mulher no shopping	

Fonte: distribuição de objeto pronominal eônico – adaptado de Perini (2010).

Observa-se que na posição pronominal no plano vertical, há *três pronomes clíticos* que, por sua vez, correspondem às *três pessoas gramaticais* **eu; tu/você** e **nós** (me, te nos, respectivamente). No entanto, há três pronomes que não possuem *clíticos* para representar relação objetiva das pessoas gramaticais na frase (a gente, ele/as, você(s)). No plano horizontal, todas as pessoas gramaticais têm representação objetiva em formas tônicas e, desse modo, alguns desses pronomes tônicos podem ocorrer na função de objeto sem estranhamento. Assim, alguns desses tônicos na função objetiva são produzidos tanto por populares quanto por pessoas escolarizadas como os acusativos **ele/a(s)**, já que houve perdas relacionadas aos clíticos **o/a(s)** e uma redistribuição dos clíticos **lhe(s)** que, por sua vez, podem ocorrer tanto na terceira quanto na segunda pessoas. As formas **você(s)** e **a gente** são formas amplamente faladas em qualquer função como apontou Monteiro (1994) entre outros pesquisadores.

Para mim, o uso de *pronomes tônicos* em posição completiva está ligado à *neutralização da morfologia número-pessoal* [Ø] dos verbos, pois se pronomes-sujeito de base nominal ocorrem há séculos no PB conforme advogam Cook (1997); Faraco (1996); Lopes e Cavalcante (2011),

eles foram se generalizando a ponto de todos os falantes poderem utilizá-los em várias funções sintáticas sem com isso acontecer estranhamento. Isto quer dizer que esses itens têm liberdade sintagmática porque podem ocupar qualquer posição sintática conforme qualquer outro sintagma nominal (SN). Assim, com a generalização de usos das formas **você(s)** e **a gente**, formas associadas a verbos portadores do morfema zero [Ø], o PB apresenta estruturas velhas [te+V] e estruturas novas [V+pronome tônico] principalmente no paradigma pronominal de segunda pessoa do singular, já que no uso plural a forma **vocês** exerce qualquer função sintática: *sujeito, completivo, oblíquo* e também como *possessivo (de você)*.

Nesse sentido, para Cavalcante e Figueiredo (2009), como o PB perdeu a marcação morfológica de caso, é necessário que exista outro sistema para atribuir caso ao DP³². Baseadas na teoria gerativa, as autoras propõem que no PB ocorre uma marcação abstrata de caso, isto é, sem marcação de elementos flexionais, o que permite que a ordem dos termos identifique o caso de um termo na sentença. É essa característica que permite, principalmente no PB vernacular, a ocorrência do pronome tônico na posição de objeto direto. Assim ocorrências como “leva **eu**” – acusativo tônico – são cada vez mais frequentes em falas populares conforme ocorrem em Salvador-BA (MENDES, 2014) e aparecem em letras de música popular brasileira (MPB) como nos versos de Dorival Caymmi “ai, saudade, leva eu” (CAVALCANTE E FIGUEIREDO, 2009, p.95). Entretanto, na fala culta, conforme defendem Galves e Abaurre (1996, p.299-300), o clítico **me** tem alta produtividade. Para as autoras, “pronomes que não são marcados por um caso morfológico comportam-se como sintagmas nominais não pronominais, podendo aparecer em qualquer posição [...]”. E mais adiante as autoras assumem que “uma vez que **eu**³³ não pode, nesse dialeto (fala culta), ocupar posição de objeto” porque seu uso é estigmatizado, o item **me** ainda se faz muito presente no PB. Monteiro (1994, p.152), em análises a dados de fala do Projeto NURC – Norma Urbana Culta, constatou que “somente a primeira pessoa do singular não teria sido abalada” na fala culta. Para esse autor, o pronome **eu** figura como forma praticamente inabalada, o mesmo ocorre com suas respectivas formas completivas. Assim, clíticos, oblíquos e formas adverbiais mantêm-se produtivos, ao menos na língua culta, como em: **Eu** fui à praia (SUJEITO); João **me** viu (ACUSATIVO); João **me**³⁴ entregou as encomendas (DATIVO) e João saiu **comigo** (ADVERBIO).

³² *Determiner Phrase* (DP).

³³ Grifo meu.

³⁴ Segundo Pereira (2007), **me** reflexivo no PBPOP falado capital paulista é produtivo. A realização dos pronomes reflexivos se manteve praticamente a mesma nos dois períodos de tempo investigados pela autora: 1986-7 40% e 1997-2001 42%, isto é, não houve mudança (tempo real). Além disso, a autora conclui que a

Já em relação aos possessivos, a migração de **seu/sua(s)** para a segunda pessoa verbal (singular e plural) provocou ambiguidade ou opacidade referencial nas terceiras pessoas e, por esse motivo, houve a gramaticalização dos pronomes **dele/a(s)** correspondentes às terceiras pessoas (MENON, 1995; KATO, 1995; CUNHA, 1995). Assim, **seu/a** tanto pode ocorrer na terceira quanto na segunda pessoa, principalmente na língua culta (CASTILHO, 2010; RIBEIRO E TORRES MORAIS, 2014). Nesse sentido, na primeira construção frasal que segue o uso de **suas** resulta em ambiguidade, pois a construção não está contextualizada em atos de fala, assim há dubiedade interpretação em relação ao referente:

Fala culta

(12) Eles viram **SUAS** esposas no shopping (ambíguo, mas seu uso é possível dentro do contexto interlocutivo no qual não teria ambiguidade, se dúvidas ocorrerem elas são sanadas durante a interlocução)³⁵.

Por isso, o uso de “**deles**” para a terceira pessoa do plural e “**de vocês**” para a segunda desambiguizaria essa construção conforme os exemplos abaixo:

(13) Eles viram as esposas **DELES** no shopping (3ª pessoa plural)

(14) Eles viram as esposas **DE VOCÊS** no shopping (2ª pessoa plural)

Assim, ao que tudo indica, o sistema pronominal do PB é do jeito que é porque o rearranjo pronominal motivado pelas mudanças sofridas no paradigma verbal propiciaria manifestações “mesclativas” pronominais associadas a processos de gramaticalização e experiências cumulativas humanas, discussões feitas no capítulo 3. Além disso, sob o ponto de vista *morfológico*, *semântico* e *discursivo*, concordo com a posição de Menon (1995) que defende que a forma verbal que acompanha o pronome **VOCÊ** é de segunda pessoa, pois se a forma pronominal é de segunda pessoa por que o verbo seria de terceira? Segundo a autora, dizer que **você** é forma de segunda, mas leva o verbo para a terceira pessoa é concepção errônea, ferindo uma das regras de concordância do português “o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa” (MENON, 1995, p. 97). A hipótese da autora é que falantes interiorizam verbos com morfema [Ø] como marca de segunda pessoa, mas a variação recai no uso do pronome a depender das escolhas do falante e de sua origem diatópica: **tu**; **tu** e **você**; só **você**. Desse modo, a autora conclui que no paradigma verbal já houve mudança quanto à forma verbal

variação entre a omissão dos reflexivos e a emissão dos reflexivos no PBPOP falado, capital paulista, tem motivações *semânticas*, *sintáticas* e *discursivas* para ocorrer.

³⁵ Para mim, um dado linguístico analisado fora do uso leva a ambiguidades. Na interlocução, dúvidas, se elas ocorrerem, são sanadas no momento da situação dialogal.

com morfema [Ø] e, além disso, acrescenta a pesquisadora que o falante que usa **tu** majoritariamente emprega **vocês** para referências plurais. “Como *vocês* é o plural de *tu*, basta subtrair da forma verbal o morfema plural *-m* e se disporá da forma singular, à qual se adiciona o pronome *tu*”. Assim, no meu entendimento, o falante utiliza a construção **TU + FORMA VERBAL MORFEMA [Ø]**, não necessitando mais marcar o final verbal porque o pronome **tu** ou **você** indica o referente/receptor (2ª pessoa do singular), corroborando a tendência de o pronome-sujeito aparecer cada vez mais expresso no PB. Por conseguinte, essas modificações afetam as subclasses pronominais de segunda pessoa do singular que aparecem com combinações diversas (LOPES, 2007). Nesse sentido, penso que *a forma verbal morfema zero* atue na *função de 2ª pessoa* já que o verbo acompanha o pronome **você** (receptor). O mesmo ocorre com “**vocês** fala [Ø]”, “**nós** fala [Ø]”. Já que a forma verbal no PBPOP é neutra, morfema zero, os pronomes indicam se a pessoa gramatical é de 3ª pessoa do plural, 1ª pessoa do plural etc. Comportamento diferente tem *a sintaxe dos imperativos*. Em casos como “Øvai até o ponto que o cobrador Øinforma” (te informa/informa você), por exemplo, o falante só poderá estar apontando para *o receptor*, já que formas imperativas são expressas para um interlocutor (**P2**), não necessitando que o pronome indique a pessoa gramatical. No jogo dialogal *a pragmática, o discurso e a situação* mostra a intenção do falante que é referir ou apontar para alguém (receptor) que poderá ir ao ponto de ônibus ou não.

Nesse sentido, usos cotidianos manifestam-se de modo diferente da prescrição gramatical e, por isso, discussões sobre o estatuto dos pronomes relacionados à segunda pessoa do singular serão evidenciadas na próxima seção, já que **você** em muitas Comunidades de Fala (CsFal.) brasileiras é empregado como sujeito pronominal, forma primeira que o sistema linguístico possui para tratar o interlocutor, não apresentando, portanto, variação com o **tu/sujeito** (HERÊNIO, 1996; GONÇALVES, 2008). Entretanto, **TU** e **VOCÊ** apresentam variação em relação à sintaxe de objeto: **te** vs **você/acusativo**; **pra você/dativo** conforme ocorrem nas cidades de Vitória – ES (CALMON, 2010) e Curitiba – PR (MENON, 1995; 1996). Além disso, Menon (1996) também menciona a variação entre possessivos **teu/a** e **seu/a** no dialeto falado em Curitiba-PR, evidenciando, mais uma vez, que a correspondência linear entre formas conforme prescrevem compêndios gramaticais não representa a realidade linguística existente no Brasil, pois usos pronominais no PB são diversificados a depender de diferenças diastráticas e diatópicas entre outras influências como *fatores discursivo-pragmáticos*, por exemplo.

1.6.2 FORMAS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR – que estatuto elas têm segundo gramáticos, autores de livro didático e linguistas?

Se por um lado a forma **você** é muito empregada e divulgada no PB (SCHERRE *et al* [no prelo]); NEVES, 2001), por outro lado, gramáticas normativas não a incluem no quadro pronominal brasileiro, embora algumas delas reconheçam o seu valor como “*legítimo pronome em funcionamento*” (CUNHA E CINTRA, 1985). Entretanto, essa exclusão definitivamente não traduz padrões pronominais que estão na boca do povo há séculos (CINTRA, 1986; MENON, 1995; LOPES, 2007) como já explicitado em seções anteriores. Nesse sentido, ao levar em consideração usos em realidades sociais de algumas CsFal., qual seria o estatuto das formas ligadas à segunda pessoa do singular sob a ótica de autores de livros didáticos, gramáticos e linguistas, já que **VOCÊ** é a forma primeira para *designar, apontar, mostrar, tratar o interlocutor*? Para responder a essa questão e alcançar o objetivo de refletir sobre o estatuto do **você** no PB, abordarei reflexões de gramáticos, linguistas e autores de livros didáticos no decorrer desta seção.

Sob essa perspectiva, Said Ali (1964) já refletia sobre o estatuto das formas **você** e **tu** no português, pois esse autor levava em consideração aspectos do comportamento social português como *cortesia, polidez e intimidade*. Assim, **tu** tinha aplicação restrita, limitada ao trato familiar, admissível apenas em ambientes de muita liberdade conforme também noticiou Cintra (1986). Já a fórmula **Vossa Mercê** sofreu transformações pelo “uso e abuso do povo” (SAID ALI, 1964, p.93), nascendo a nova forma **você** em Portugal, ainda com ares pós-medievais (FARACO, 1996), que chega ao Brasil nos tempos coloniais (MENON, 1995). O mesmo descreve o gramático Bechara (2009) em relação à história do **você**. O autor esclarece que **você** e **vocês**, usados no trato familiar e íntimo, são formas originadas pela contração de **vosmecê**, que, por sua vez, deriva de **Vossa Mercê**. Além disso, o autor considera a extinção do pronome **vós** e o uso mais generalizado do pronome **você** em grandes metrópoles brasileiras conforme também descreveram Mattoso Câmara (1998), em relação ao português do Rio de Janeiro, e Monteiro (1994) referente ao português culto falado nas principais capitais brasileiras³⁶.

Said Ali (1964) descreve que **tu** era forma insuficiente para expressar *respeito, humildade, cortesia* levando em consideração a distância pessoal e social entre o falante e o receptor da mensagem; por isso recorreu-se à forma **vós** para representar o outro de modo formal tanto no singular quanto no plural. Com a criação de **Vossa Mercê**, essa fórmula passou a concorrer com

³⁶ Dados coletados do Projeto Nurc – Norma Urbana Culta.

vós, e, assim, a forma “fingiu” magnificar e lisonjear a pessoa única. Assim, o tratamento indireto ao rei **Vossa Mercê**, **Vossa Senhoria**, **Vossa Alteza** e, finalmente, **Vossa Majestade** foram consideradas formas dignas para tratar figuras ilustres como o rei, seus familiares e assessores. Essas expressões, como já mencionado, denotavam *um fingir* dirigir-se a um atributo da pessoa interlocutora cuja categoria era superior ao falante, portanto, especial: “assim usou-se o tratamento ducal de **Vossa Excelência** e adotaram-se na hierarquia eclesiástica **Vossa Reverência**, **Vossa Paternidade**, **Vossa Eminência**, **Vossa Santidade**” (SAID ALI, 1971, p.93). Semelhante interpretação tem Mattoso Câmara (1985, p.94) no que se refere ao tratamento dado ao imperador. O falante concebia o ouvinte como *sua majestade* e, por essa razão tomava essa qualidade como *status*. “O Imperador Romano não era dirigido como **Uos** mas como **Uestra Maiestas** (“Vossa Majestade”) e o verbo de que a expressão fosse sujeito ficava na 3ª pessoa do singular.” Nesse sentido, se por um lado essas fórmulas nominais levavam o verbo para a terceira pessoa, por outro, elas sempre designaram *o interlocutor* (MENON, 1995) de modo indireto através da lisonja como já mencionei. Esse comportamento “respeitoso” ou de “cortesia” ainda prevalece na sociedade brasileira sob outra roupagem: **vocês**. Segundo Menon (1995, p.96), “*vocês* se integrou complementemente no paradigma, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa [...] o antigo uso respeitoso do plural continua [...] em algumas situações”. A autora cita situações como quando alguém telefona para uma empresa, embora o falante se dirija a uma pessoa apenas, e pergunta: “você fazem isso?”; “você fornecem o produto x?”; “você dão desconto?”

Apesar de não incluir novos usos no quadro de pronomes pessoais, o gramático Cunha (2007) sugere que as formas **tu**, **você**, **o senhor**, ao serem empregadas, sejam reconhecidas como *pronomes de tratamento de segunda pessoa*. O autor não lista **você** e **o senhor** junto das demais formas tratamentais e respectivas abreviaturas correspondentes a cargos, profissões etc. como descrevem alguns gramáticos. Para Cunha (2007), os pronomes de tratamento valem por *verdadeiros pronomes pessoais* como: **você**, **o senhor** e **Vossa Excelência** por justamente apontarem o ouvinte (2ª pessoa do singular), embora levem o verbo para a terceira pessoa do singular. Já para a pessoa da qual se fala, em ambientes extremamente formais nas quais se fala de uma autoridade política, por exemplo, usa-se a forma **Sua Excelência**.

Em relação à língua em uso, na sincronia atual, Cunha (2007) admite o emprego de **tu** no Sul e no Norte do país. Além disso, postula que **você** é falado por quase todos os brasileiros e, por conseguinte, admite duas formas de tratamento verdadeiramente vivas no país: **você** – forma de intimidade – e **o/a senhora/a** como forma de respeito e cortesia, evidenciando distância social e

geracional. Essa mesma concepção polarizada entre as formas **você** e **o/a senhor/a** têm Biderman (1972-73) e Mattoso Câmara (1998) como já exposto. De forma semelhante, gramáticos como Cunha e Cintra (1985) incluem **você** à lista das formas de tratamento do português e comentam o seguinte:

No português do Brasil, o uso do tu restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por você como forma de intimidade. Você também se emprega fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para superior. (CUNHA E CINTRA, 1985, p.284).

Além disso, o pronome **você** é apresentado pelos autores como pronome de tratamento, mas funciona como *legítimo pronome pessoal*. Assim seguem as palavras dos gramáticos em questão:

Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: você, o senhor, Vossa Excelência. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa. (CUNHA E CINTRA, 1985, p.282).

Já para Cereja e Magalhães (1999, p.99), autores de livros didáticos, **tu** e **você** são formas vigentes no PB e, além disso, reconhecem “mistura tratamental” na linguagem coloquial conforme definem os autores em questão:

Tu ou **você**? Ambas são formas válidas, embora, no Brasil, a maioria das pessoas empregue o pronome de tratamento **você** para se dirigir ao interlocutor, em algumas cidades do Sul, Norte e Nordeste predomina o uso do **tu**. O importante, no padrão culto da língua, é não misturar as formas: ou se usa apenas a 2ª pessoa (**tu**) ou somente a 3ª (**você**). Na linguagem coloquial, é comum haver mistura de tratamento.

Assim, se em um primeiro momento compêndios gramaticais se intimidam por não incluir a forma **você** no quadro dos pronomes pessoais, segunda pessoa (singular e plural), por outro lado, o reconhecimento da existência da variação entre essas formas pronominais seria um avanço em relação à postura tradicional de gramáticas normativas.

Nessa perspectiva de usos, linguistas como Lopes (2007) postulam que pronomes são tipos linguísticos diferentes dos nomes. Enquanto nomes designam seres e atributos (substantivos e adjetivos), os pronomes designam, apontam pessoas do discurso (**eu/tu-você**) e a não pessoa (**ele/ela**). Além disso, pronomes abarcam referência *específica* e *genérica*, extrapolando, assim, o significado no aqui-agora (NEVES, 2011). Além disso, a natureza dos nomes permite que eles aceitem artigos, quantificadores, já alguns pronomes pessoais não os aceitam (LOPES, 2007; PERINI, 2010). Em razão dessa natureza, Perini (2010, p.115) defende que os itens **o/a senhora**, **a gente**, **Vossa Excelência** comportam-se como nominais comuns.

“Seriam ‘pronomes pessoais’ no sentido de que se referem ao interlocutor; mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs” justamente por atuarem nos mesmos ambientes ocupados por nominais. Nesse sentido, os usos das formas **você** e **o/a senhor/a**, no cotidiano, estendem-se não só às funções de sujeito e sujeito da passiva, mas também funcionam como objeto (direto e indireto) substituindo com frequência às correspondentes átonas: **o/a** e **lhe**, itens descritos em gramáticas normativas, mas pouco fazem parte do uso oral dos brasileiros (CASTILHO, 2010). Assim, o PB exhibe, desse modo, *uma sintaxe de objeto mista* que ora funciona com *clíticos* posicionados antes do verbo [**lhe+V**] – característica do antigo paradigma português – ora exhibe expressões voltadas para *nominais* ou “*pronomes tônicos*” posicionados depois do verbo [**V+pronomes tônicos**].

De modo semelhante, Lopes e Rumeu (2007) propõem um sistema de traços relacionados aos pronomes de primeira, segunda e terceiras pessoas para explicar usos e mudanças que novas formas pronominais causam ao sistema pronominal do PB. A partir dos pronomes de terceira pessoa (**ille/a**), as autoras discutem a natureza dos pronomes pessoais através dos traços primitivos de *número*, *gênero* e *pessoa* tomando como base a proposta de traços de Rooryck (1994, *apud* LOPES E RUMEU, 2007). Essa investigação levou as pesquisadoras a identificar propriedades formais e semântico-discursivas perdidas e adquiridas pelas formas **a gente** (LOPES, 2003) e **você** (RUMEU, 2008), itens derivados de nominais e, por isso, esses *fatos de evolução* não se transformaram de modo instantâneo de nome para pronomes. Através de usos é que essas formas **a gente** e **Vossa Mercê** – locuções nominais – assumem outras propriedades e passam a fazer parte de outra classe, ou seja, passam por um processo de gramaticalização através de decategorização e tornam-se mais gramaticais, especializando-se em determinados contextos sintáticos, semântico-discursivos e pragmáticos (LOPES, 1999; LOPES E CAVALCANTE, 2011).

Rooryck (1994), de acordo com Lopes e Rumeu (2007), estabelece traços intrínsecos para cada atributo ou valor positivo [**+X**], negativo [**-X**], ausente (*não especificado* $\emptyset$) ou ter atribuição específica como é o caso [**pessoa: 1^a**]. Essas subespecificações de *traços variáveis* e *traço* [$\emptyset$] (*não especificado*) são critérios que, por sua vez, assumem as notações [**αtraço**] e [**Øtraço**]. A notação ‘**α atributo**’ representa possibilidade de um item assumir valor (+) ou (-), sendo sintaticamente subespecificado. Assim, a raiz da palavra “alun-” por exemplo, segundo as autoras, seria marcada formalmente com [**αfem**]³⁷ porque pode variar de gênero como em

³⁷ Lopes e Rumeu (2007, p.427) desmembraram os traços em dois atributos: **um formal** e **um semântico**. As notações de interpretação semântica em maiúsculas [**FEM**], [**EU**], [**PL**], com possíveis valores (+),

aluno/a, já uma raiz como “janel” seria marcada como [+fem] porque naturalmente sua natureza lexical é feminina (a janela, não o janelo). Quanto ao traço número, ambas as palavras podem ser codificadas como [apl] porque podem variar o número (singular/plural). Os pronomes de terceira pessoa (ele/a(s)) são especificados tanto para gênero quanto para número [afem, apl].

Os traços subespecificados (Øtraço) são neutros, pois não possuem valor positivo nem negativo, apenas marcam a ausência de um valor específico. Dessa maneira, valores *default* são representados com [Øtraço] como no caso da terceira pessoa (não pessoa), por sua vez, sujeitos não referenciais [Øeu] conforme Lopes (1999) e Lopes e Rumeu (2007). Assim, as autoras supracitadas propõem o traço feminino como forma marcada e o masculino como forma não marcada por excelência no português [-fem]. O léxico, por sua vez, tem representação formal [+fem] ou [-fem]. Em relação a traços de número, as autoras sugerem [+pl] ou [-pl], ou seja, plural ou singular respectivamente. Quanto ao traço de interpretação semântica, ele foi simbolizado por letras maiúsculas [FEM]; [EU] e [PL] e os valores (+/-); (a); ou (Ø) são possibilidades. Os traços formais de gênero, número e pessoa têm as seguintes representações: gênero [+/- fem]; número [+/-plural] e pessoa [+/-eu] e quando o traço for não específico a notação representada é [Ø], segundo Lopes e Rumeu (2007).

Para o traço pessoa, a proposta é a utilização do [eu] que seria (+) ou (-) marcado [+eu] e [-eu]. Desse modo, [+eu] para a primeira pessoa, [-eu] para a segunda pessoa – pronomes dêiticos por natureza enunciativa e [Øeu] para a “não pessoa” conforme Benveniste (1988) citado pelas autoras. Além disso, as pesquisadoras lembram que dada a natureza do léxico *o gênero formal* pode estar presente na estrutura sintática, embora *o gênero semântico* possa estar ausente. Assim “a mesa limpa” ou “o prato sujo”, apesar de apresentarem traços *formais de gênero*, não há distinção de sexo. A mesma interpretação tem, segundo as autoras, “cobra fêmea” ou “pessoas atrasadas” que somente no contexto de uso é que se detecta a informação sobre distinção entre sexo (macho/fêmea; homem/mulher). Além disso, há substantivos que admitem dois gêneros com traço [+animado] como em aluno/a, pato/a, já que o gênero semântico faz parte do significado lexical, embora somente nos pares aluno/a há o traço [+humano], caracterizando, assim, a natureza complexa da não pessoa (3as pessoas). Dessa maneira, as

(-), (a) ou (Ø).

autoras desmembram os traços em dois atributos: *um formal*, representado em letras minúsculas e *outro semântico*, letras maiúsculas.

Os pronomes pessoais não sofrem flexão de gênero como já mencionado, mas obtêm morfologia verbal final específica da pessoa gramatical a depender do registro, diferenças diatópicas, diastráticas e âmbitos de (in)formalidade. A terceira pessoa do singular combina verbos portadores de morfema zero [Ø]. Assim, as primeiras pessoas do discurso são mais voltadas para a pragmática (situação aqui-agora, momento exato dos acontecimentos) e as terceiras pessoas assumem contextos anafóricos e, por isso, nomes e pronomes (3ª pessoa) compartilham traço [Ø]. Os nomes no plano semântico *representam* ou *simbolizam* as coisas do mundo; já os pronomes *indicam*, *apontam* ou *situam* os seres ou as coisas do mundo biossocial conforme também defende Mattoso Câmara (1985).

Para Lopes e Rumeu (2007), **Vossa Mercê** > **você**, **mercê** apresentavam os mesmos traços semânticos do substantivo **gente** sem um valor específico formal para representar a pessoa discursiva, traço não especificado. **Vossa Mercê** conservava o traço formal [Ø eu] típica do nome, mas havia alteração da pessoa semântica, pois com a adição do possessivo **vossa**, passou a significar a segunda pessoa do singular, embora o verbo se mantivesse na terceira pessoa. Assim, de acordo com as autoras, com o passar dos tempos, **você** manteve a especificidade formal e semântica [-eu], mas mantém a especificação original de terceira pessoa [Øeu] na concordância verbal (3ª pessoa), apesar da alteração ocorrida em termos semântico-discursivos [-EU] representar a segunda pessoa (receptor), visão diferente da de Menon (1995) no que se refere à questão de concordância entre as formas verbal e pronominal conforme mencionei anteriormente (p. 52).

Em relação à mistura pronominal, a combinação **você** com outras formas pronominais relacionadas à segunda pessoa era comum no século XIX, período no qual intercambiavam a fórmula **Vossa Mercê** e **você**. Assim, cito exemplos nos quais há correferência entre **você**/sujeito com (**te/teu/a~seu/a**) conforme os excertos 7 e 8³⁸, extraídos do texto das autoras:

(15) **VOCÊ**³⁹ e Juvelina receberão lembranças de todos e um apertado abraço d'esta **TUA** irmã que muito **TE** estima" (Carta entre primas. Curitiba, 26.08.1888 – PR);

(16) MeoQuerido Neto Mizael. Recebi **A SUA** cartinha, que me-deo muito prazer, ver que **você** se-tem adiantado muito. [...] estou com muitas saudades de vocês todos. Vóvó **TE**-manda muitas lembranças. [...] Com muitas saudades **TE** abraça Sua Dindinha e Amiga (Carta de avó para neto, 28, RJ, 1883).

³⁸ Grifos meus.

³⁹ Grifos meus nos exemplos extraídos da literatura citada.

Com a integração do **você/sujeito** ao quadro de pronomes pessoais, as possibilidades combinatórias eram várias. Desse modo, possessivos (**teu~seu**) e pronomes oblíquos (dativos e acusativos – **você-te~lhe~o/a**) eram frequentes em textos que circulavam na sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX cujo reflexo pode ser notado no PB atual conforme os exemplos já expostos.

Em relação à **mercê(s)**, assim como **gente**, o atributo de número [α pl] era comum às expressões. O pronome **Vossa(s) Mercê(s)** assumiu valor subespecificado e transferido às formas **você(s)**. Quando analisado de modo independente **mercê** tem valor atributivo neutro [$\emptyset$ PL] porque a pluralização da forma não aciona um valor especificado à sua interpretação. **Mercê(s)** possuem uma interpretação genérica, assim como **gente**, não estabelecendo oposição entre uma ou mais de uma graça (LOPES E RUMEU, 2007, p.434). Vale lembrar que ambas as formas têm traço formal [+FEM] dada a natureza lexical desses vocábulos (substantivo feminino como *pessoa*, por exemplo). Além disso, a forma **Vossa Mercê** também apresentava-se com subespecificação de atributo de número [α PL], pois assumia ou não interpretação plural conforme o exemplo 11 extraído do trabalho das autoras supracitadas:

(17) “(...) eque adita entrega deveria ser por huma escriptura em que eu o isentasse de todas as circuntancias comerciaes e juros que **VOSSAS MERCÊS LHE** quisessem acumular (...)”. (Carta não oficial. José Luíz Alves, RJ, 06.07.1811).

A forma **você**, como pode ser notado, conservou essa subespecificação [α PL] em substituição ao **vós** (expressão arcaica). A forma **você**, por sua vez, apresenta [α pl, α PL] – traços formal e semânticos respectivamente – exatamente como **ele(s)/a(s)** e, por conseguinte, **você** perdeu algumas características nominais, aparentemente atribuída ao substantivo **mercê** no plural [$\emptyset$ PL]. Assim, **você/sujeito** de [+fem, α FEM] passou para [$\emptyset$ fem, α FEM] como em: “**você** está cansado/a” e tanto **te** como **seu/a~teu/a** são correferentes de **você/sujeito** em dialetos que, por sua vez, só tem o pronome **você** como forma exclusiva para apontar o outro (MENON, 1995; 1996). Em outros dialetos que mesclam formas tratamentais **tu** e **você** essas combinações citadas também têm vitalidade no uso léxicogramatical (HERÊNIO, 2006; MODESTO, 2006). E, assim, essas formas apontam somente para a segunda pessoa, pois assumem propriedades de [-eu] e [-EU] cuja referência evocada é *o ouvinte*, embora **você**, assim como *a gente*, *a pessoa*, *o camarada*, *o indivíduo*, possa envolver, além do referente determinado, outras nuances referenciais conforme estudos realizados por Milanez (1982), Corradello (1997), Silva (2004) e Viana Sousa (2008). Essa extrapolação referencial evidencia dois aspectos importantes da

competência comunicativa e discursiva dos falantes: **a)** o caráter multiuso das formas **você** e **a gente** que tanto atuam em territórios referenciais (in)determinados e **b)** por conseguinte, essas formas são recursos linguísticos adotados por partícipes dialogais que necessitam dessas estratégias camaleônicas e maleáveis por equilibrarem discussões entre interlocutores no aqui-agora (capítulo 3). Dessa maneira, esses estudos fundamentam minha expectativa que *nuances referenciais* são estratégias sociocognitivas muito utilizadas por falantes populares como *máscaras sociais* diante de seus pares “iguais linguísticos e sociais” e de uma documentadora estranha, uma pessoa “não igual linguístico e social” (capítulos 2, 3 e 4).

Pelo fato de regularidades linguísticas alimentarem a gramática do PB, o Brasil atual publica compêndios gramaticais voltados para usos que, por conseguinte, representam padrões ou modelos cotidianos utilizados por falantes brasileiros. Na lista de publicações de gramáticas descritivas estão Neves (2000); Castilho (2010) e Perini (2010)⁴⁰. Neves (2000, p.49-50) assevera que *a natureza fórica* dos pronomes pessoais os capacita para fazer referência pessoal – funções anafóricas e catafóricas (pronomes de 3ª pessoa), já *a função exofórica* ou *dêitica* é exclusiva das duas primeiras pessoas (**eu/tu~você**). Além disso, para a autora o traço definidor dos pronomes pessoais (**eu, tu, ele/a, nós, vós, eles/as**) é a capacidade de identificar de forma pura a pessoa gramatical, diferente de outros pronomes como os possessivos e os demonstrativos que, por sua vez, fazem outras relações.

Nesse sentido, apoio-me em Castilho (2010, p.472-475), entre outros pesquisadores abaixo abordados, para mostrar que **você** é pronome de segunda pessoa (**P2**), já que é forma única para apontar o outro em muitas CsFal. como em cidades do estado de São Paulo, Minas Gerais entre outras (SCHERRE *et al* [no prelo]).⁴¹ Castilho, autor supracitado, discute o estatuto categorial dos pronomes em geral. Para isso, o pesquisador em questão retoma aparatos teóricos clássicos e recentes. Desse modo, examina propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, além disso, discute *gramaticalização*, um dos pontos da teoria multissistêmica proposta pelo autor. Conforme Castilho (2010), sob a ótica semântico-discursiva, os pronomes (**i**) representam as pessoas discursivas pelo viés da dêixis e (**ii**) permitem retomada e antecipação de participantes pelo viés da foricidade (anáfora e catáfora). Sob a perspectiva gramatical, apoiando-se em

⁴⁰ No mercado há a Gramática Pedagógica de Marcos Bagno. Ed. Parábola, 2011. Entretanto, essa obra não foi mencionada neste trabalho.

⁴¹ Nascimento (2011) descreve que **você**/sujeito impera na capital São Paulo, Calmon (2010) advoga que **você** é o pronome eleito na capital Vitória (ES) para tratar o interlocutor e o trabalho de Gonçalves (2008) traz descrições sobre o pronome **você** na cidade de Arcos (MG) como única forma de tratar o interlocutor, variando entre **você**, **ocê** e **cê**. Ver também mapa linguístico neste capítulo, páginas adiante, legenda primeiro quadrado na cor preta.

noções gramaticais greco-latinas, essa classe de palavras exhibe propriedades morfológicas como: **(i)** caso; **(ii)** pessoa e número e **(iii)** gênero.

Outro pesquisador importante é Perini (2010). De modo bem didático, o autor não descreve propriedades relacionadas aos pronomes pessoais, prefere elencar as formas pronominais **eu, tu, você, ele/a, nós, vocês, eles/a**, além do pronome **se**, como pronomes pessoais. O autor exclui dessa lista as formas **a gente** e **o/a(s) senhor(es/as)** por terem como antecedentes artigos, propriedade não admitida entre pronomes pessoais conforme já mencionado. Além disso, o autor esclarece ainda que algumas dessas formas possuem formas clíticas que as acompanham (**eu/me; tu~você/te; nós/nos e se**). Nos casos dos pronomes **eu** e **me**, por exemplo, Perini (2010) as considera variantes do mesmo pronome, mas diferem quanto à função que exercem na sentença. E, desse modo, há a divisão entre *formas retas* e *oblíquas* divulgadas em compêndios gramaticais. As formas retas e o reflexivo **se** atuam como núcleo do SN quando constituintes imediatos, e não admitem outros termos junto de si, isto é, “um pronome só contém esse pronome e mais nada” (PERINI, 2010, p.115).

Assim, linguistas como Neves (2000) e Castilho (2010) entre outros, além de descreverem formas em uso, refletem sobre funções pronominais e ampliam noções conceituais em relação aos pronomes, principalmente os pessoais e possessivos, objetos de estudo desta presente pesquisa sobre formas de segunda pessoa do singular. Nesse sentido, os autores em questão advertem que pronomes não são utilizados nem podem ser conceituados como apenas substitutos do nome (SAID ALI, 1964). Além disso, Ilari *et al* (1996) e Neves (2000; 2011) postulam que os pronomes pessoais possuem basicamente duas funções: *uma interacional* e *outra sintática*. Desse modo, eles **a)** servem para referir pessoas do discurso (**eu/tu-você**); apontam a não pessoa (**ele/a**); e **b)** servem para representar as funções gramaticais de *sujeito, objetos completivos, oblíquos precedidos de preposição*. Além dos pronomes pessoais, há os possessivos, entre outras subcategorias pronominais, vinculados intimamente aos pronomes-sujeito (MENON, 1995), mas essas formas nem sempre se manifestam na fala do brasileiro conforme as normas prescritas em compêndios gramaticais, pois realidades sociais são distintas das idealizações difundidas por alguns compêndios gramaticais e livros didáticos em geral.

Diante dessas considerações, se de um lado gramáticas como as de Bechara (2009) mantêm roupagens tradicionais em relação aos usos pronominais, por outro incorpora noções discursivas à sua obra a partir de Benveniste. O autor inova ao inserir noções das pessoas do discurso e da não pessoa, mas ainda associadas à noção das três pessoas gramaticais: **eu/nós** (emissor); **tu/vós**

(receptor); **ele(s)/ela(s)**. Isto quer dizer que essas formas devem manter comportamento correspondente e linear, já que a não linearidade (mistura pronominal) denotaria usos fora do padrão normativo e exemplar da língua.

Como os possessivos determinantes também fazem parte do estudo proposto nesta tese, abordarei estudos que serão apoios importantes para mostrar em seções subsequentes desta discussão que os possessivos no PBPOP de SJC-SP estão sofrendo transformações. Assim, de acordo com Neves (2000), as formas possessivas fazem um tipo de referência pessoal. Desse modo, “meu livro” relaciona duas pessoas: a pessoa que fala (1ª pessoa) e o livro (3ª pessoa). Há uma terceira pessoa representada por um nome (livro) posta em relação com outra pessoa, que, por sua vez, pode ser 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A autora lista cinco formas possessivas **meu/minha, teu/a, seu/a, nosso/a e vosso/a**. Essas formas flexionam-se em *gênero* e *número* e, além disso, **seu/a** são formas que podem se referir tanto à segunda quanto à terceira pessoas, se o pronome eleito for **você** ou formas de tratamento como **Vossa Excelência** etc. Neves (2000) faz outras menções possessivas no que tange a formas e matizes como “a fraqueza de Silvio”, “cabeça dele”, “pobre de você”, “o gado DO SENHOR” entre outras expressões. A autora salienta, como já abordado na primeira seção deste capítulo, quanto às posições dos possessivos, que, em geral, podem ser duas: **a)** como determinante do nome, antecedido ou não de artigo **o/a(s)** e **b)** deslocado para depois do substantivo (“Estás falando sozinho, filho meu?” e empregos como predicativo do nome ou de pronomes pessoais como em “a casa é de Silvio”, “a culpa é sua”; “a Amazônia é nossa”. Percebe-se, assim como observou Castilho (2010) que a posição dos possessivos pode ser variável no PB⁴², conforme já relatado.

Nesse sentido, para Mattoso Câmara (1998, p.121), os “pronomes possessivos são funcionalmente substantivos. Os adjetivos correspondentes vêm a ser os chamados adjetivos possessivos [...]”. O autor salienta que “a série P3⁴³ e P6 – **seu/a(s)** – é o adjetivo correspondente ao ouvinte como determinante.” Assim “sua decisão” (a decisão de Vossa Excelência); seu livro (o livro **do senhor** ou **de você**). Além disso, o estudioso em questão descreve ainda sobre “uma ambigüidade

⁴² Além dessas propriedades, Neves (2000) faz menção a relações semânticas expressas pelos possessivos como o fato de remeterem ao possuidor, mas substantivos remetem à coisa possuída (a sua propriedade), por exemplo. Os possessivos também podem indicar pertença (teu olho), remeter ao todo incluído (na minha rua), remeter ao todo incluído coletivo (seus fiéis; nossa polícia), fazer relações espaciais (à minha esquerda) etc. (p. 471-489), mas relações semânticas não serão abordadas neste trabalho porque meu intuito foi investigar o uso de formas velhas e novas relacionado à frequência para verificar sobretudo a composição ou os padrões em uso do paradigma pronominal de segunda pessoa do singular na fala popular do PB.

⁴³ Mattoso Câmara convencionou usar P1, P2, P3, P4, P5 e P6 para se reportar às pessoas gramaticais, assim P1=eu; P2=tu/você; o/a senhor/a; P3=ele/a; P4=nós/a gente; P5=vós/vocês e P6=eles/as.

incômoda” com a série **seu** para **P3**⁴⁴ e **P6** (sua opinião = opinião dele(s)). Segundo Mattoso Câmara (*op. cit.*), na língua coloquial, eliminou-se a série P3 e P6 (**seu/a(s)**), substituído por **dele/a(s)**. Em relação à noção conceitual, os pronomes possessivos, para o autor em questão, são adjetivos e podem se comportar como determinantes ou predicar um nome ou pronome substantivo, e, por isso, o autor defende que “possessivos não são mais do que as formas adjetivas dos pronomes pessoais” (MATTOSO CÂMARA, 1998, p. 122).

O mesmo autor, em 1979, descreve que no latim clássico preferia-se a forma adjetiva do pronome pessoal como em “*frequentia vestra*” – “a vossa afluência”. A partir dessa noção adjetiva dada ao pronome, a gramática latina designava o possuidor de uma coisa como em “*domus mea*” – “a minha casa”. Os possessivos possuíam quatro séries correspondentes a quatro pronomes pessoais: **meus, mea** (ego, gen.⁴⁵ mei); **tuus, tua** (tu, gen. tui); **noster, nostra** (nos, gen. nostrum); **uester, uestra** (uos, gen. uestrum). Além disso, o pesquisador em questão, descreve que os possessivos **suus, sua** se perderam no latim vulgar, pois eram usados de modo restrito com valor reflexivo, e acabaram por se tornar o possessivo correspondente da terceira pessoa **ille** em analogia a **meus, mea (ego)**. Com esse valor possessivo **seu, sua** passou a atuar também para o ouvinte chamado de **você** ou expressões equivalentes (Vossa Mercê entre outras variações fonético-fonológicas). De ponto de vista semelhante, Castilho (2010, p.502) defende que “com o enfraquecimento de teu e vosso, deixou-se “uma casa vazia” na segunda pessoa do quadro pronominal, que foi ocupado por seu, seus, depois de um processo de reanálise [...], migrando essas formas P3 para P2”, sendo esses fatos resultados de construções de redobro oriundos do português arcaico (ver seção Gramaticalização).

Para um maior entendimento do funcionamento dos pronomes em geral, Castilho (2010), assim como fez com os pronomes pessoais, cita propriedades gramaticais, semânticas e discursivas relacionadas às formas possessivas. Desse modo, dentre as propriedades sintáticas mencionadas pelo autor os possessivos atuam como especificadores do SN, pois eles têm posição variável no PB (pré-núcleo não marcado) vs (pós-núcleo marcado, enfático), ocorrendo, com as formas **P1** e **P2**; já com **P3** é uso categórico a posição posposta com o emprego das formas **dele/a** como em “filho **dele**; casa **dela**”. Quanto às propriedades semânticas dos possessivos, em breves palavras o pesquisador defende que “o possessivo é um operador dêitico que seleciona dois escopos”: um referencial e outro contextual (pessoas do discurso), evidenciando, assim, propriedades discursivas envolvidas no uso dos possessivos.

⁴⁴ Pessoa(s) P1, P2, P3, P4, P5, P6 – Mattoso Câmara (1998).

⁴⁵ Genitivo. Abreviação: Gen.

Dadas essas considerações, desfaz-se a ideia de que compêndios gramaticais, de modo geral, são sempre estanques e sem novidades. Na verdade, elas são produtos resultantes de anos de reflexão sobre usos linguísticos, conceituações, empregos etc. Segundo Leite (2014, p.122), “a gramática é sempre inventiva [...]. Como inovação entende-se, principalmente, o desvendamento de propriedades e categorias gramaticais, o que caracteriza, propriamente, a construção de novos conhecimentos nos campos da ciência da linguagem”. Nessa perspectiva, está em Aroux (1999) que gramáticas são dinâmicas e, sobretudo, elas são instrumentos ou objetos tecnológicos como são os dicionários que, por sua vez estão à disposição de falantes e escritores para que os consultem. As pessoas, de um modo geral, a depender de seus interesses, ampliam sua competência linguística já que passam a reconhecer e a explorar mais sua língua segundo as reflexões desse mesmo autor. Além disso, o pesquisador em questão esclarece que uma gramática é modificada ao longo da história como *um objeto técnico, cultural e científico*, embora, muitos compêndios gramaticais mantenham uma estrutura tradicionalmente reconhecida por classificações e subcategorizações (partes do discurso, classes de palavras, regras e exemplos).

Em razão de evoluções científicas a partir dos séculos XIX e XX, gramáticas ampliaram seus horizontes incluindo noções discursivo-pragmáticas, semântica, sintáticas e usos conforme visto. Desse modo, cada gramática tem seu tempo, espaço e motivações para ter sido elaborada da forma pela qual se apresenta. Além disso, Aroux (1999) faz menção ao “horizonte de retrospectação”, que tem relação direta com o conhecimento e o tempo humanos. Sob esse ponto de vista do autor, não há conhecimento imediato. Isso significa dizer que há necessidade de tempo para desenvolver o saber (AROUX, 1999, p.12-14). Nesse sentido, Leite (2014, p.117) postula que compêndios gramaticais constituem-se “um gênero relativamente estável”, pois há os mais conservadores que outros do ponto de vista conceitual e formal. Assim, nas palavras de Aroux (1999, p.14): “[...] todo saber [...] resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto”, isto é, obras estão inseridas no tempo, espaço, noções teórico-metodológicas, horizontes de ampliação conceitual etc.

Sob esse prisma evolutivo da língua, está em Castilho (2010) a sua proposta de incluir no quadro pronominal usos de âmbitos formal e informal, sugerindo adequação aos registros, respeitando, por sua vez, a criatividade do falante e da língua sempre em constante construção através de negociações travadas por interactantes em situações face a face, conversas telefônicas, entre outras formas de interação existentes na sociedade brasileira atual.

Quadro 5: Quadro dos pronomes pessoais no PB.

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	SUJEITO	COMPLEMENTO	SUJEITO	COMPLEMENTO
1ª pessoa singular	Eu	me, mim, comigo	eu, a gente	eu, me, mim, Prep+eu, mim
2ª pessoa singular	Tu, você, o senhor/a	te, ti, contigo, prep+o senhor, com a senhora	você, cê/ocê/tu	você/ocê/cê, te, ti, Prep+você/ocê (=docê, cocê)
3ª pessoa singular	Ele/a	o/a, lhe, se, si, consigo	ele/ei, ela	ele/a, lhe, Prep+ele/a
1ª pessoa do plural	Nós	nos, conosco	a gente	a gente, Prep+a gente
2ª pessoa do plural	Vós, os senhores/as	vos, convosco, Prep+os senhores, as senhoras	vocês/ocês/cês	vocês/ocês/cês, Prep+vocês/ocês
3ª pessoa do plural	Eles/as	os/as, lhes, se, si, consigo	eles/eis, elas	eles/eis, elas, Prep+eles/eis, elas

Fonte: adaptado de Castilho (2010, p.477).

Castilho (2010) salienta que **cê** e **ei** não ocorrem como complemento direto, só como objeto preposicionado e sujeito, fatos descritos por Ramos e Vitral (1999), segundo o autor. Desse modo, o PB exhibe três processos identificáveis quanto ao rearranjo do quadro pronominal: **(i)** criação, substituição e alteração das formas pronominais; **(ii)** perdas e ganhos no quadro dos reflexivos e **(iii)** transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoas. Nesse sentido, Lopes (2007) e Lopes e Cavalcante (2011) advogam que, desde as inserções dos pronomes **você** e **a gente** no PB, diversos paradigmas pronominais e verbais estão vigentes no Brasil. Haja vista que há no sistema tratamental um paradigma pronominal de segunda pessoa do singular voltado só para o uso do **você**, um segundo que alterna **tu** e **você** e um terceiro voltado para o uso do **tu**, considerando a concordância verbal em relação à segunda pessoa do singular, diferenças diatópicas e diastráticas, incluindo também rearranjos pronominais relacionados aos subsistemas completivos e possessivos. Já outro grupo de linguistas Scherre *et al* [no prelo] defendem a existência de seis subsistemas pronominais voltados para a segunda pessoa do singular.

Assim, em relação a usos em CsFal. distintas espalhadas por todo território nacional, esse grupo de pesquisadores compilou inúmeros resultados divulgados em trabalhos sociolinguísticos realizados no Brasil. Desse modo, há um paradigma voltado para **(i)** o uso exclusivo do **você** (variantes **você**, **ocê** e **cê**) que compreende boa parte dos territórios centrais brasileiros; **(ii)** dois subsistemas voltados para o uso majoritário do **tu** (60%) com baixa concordância (10%) e alta

concordância verbal relacionada à segunda pessoa do singular (40 a 60%); **(iii)** outros dois subsistemas voltados para o uso mediano de **tu** (menos de 60%) em concorrência com o **você**. Concordância verbal de segunda pessoa do singular baixa (de 10% a 39%) e **(iv)** o sexto subsistema pronominal proposto pelos autores está voltado para o uso majoritário de **você** em detrimento do uso do **tu** sem concordância, subsistema que, por sua vez, não tem representação no Sul do país ao menos por ora pela interpretação dos autores. Esse subsistema pronominal está vigente nas regiões: Norte (Roraima, Acre e Tocantins); Nordeste: (Maranhão e Bahia) e Centro-Oeste (Distrito Federal, Rio de Janeiro e Minas Gerais). O trabalho de Scherre *et al* [no prelo] ilustra, através do mapa do Brasil, a variação entre **tu** e **você** conforme mostra a figura a seguir:

Figura 1: Mapa do Brasil sociolinguístico.

Fonte: mapa extraído do trabalho de Scherre *et al* [no prelo].

Com base em discussões como as apresentadas acima é que se percebe como CsFal. podem apresentar diferenças umas das outras, embora possam haver semelhanças comportamentais e linguísticas. Nesse sentido, pronomes relacionados à segunda pessoa do singular manifestam-se de modo diversificado (LOPES E CAVALCANTE, 2011), já que no Brasil, com o crescente processo de industrialização a partir da década de quarenta (RODRIGUES, 1987; LUCCHESI,

2004; ARAÚJO, 2014), diversas variedades do PB se cruzam o tempo todo, pois não há no país separação rígida entre camadas sociais como há em outras CsFal., situadas em outros países (LABOV, [1972] 2008; CALVET, 2002).

Sob esse prisma, usos, ao longo dos tempos, moldam ou constroem a sociogramática⁴⁶ de determinada Comunidade de Fala (CF) e, dessa maneira, as cidades são anteriores aos indivíduos que nelas habitam, já que elas desenvolveram suas próprias tradições socioculturais e históricas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Nessa perspectiva, como já discutido, Mattos e Silva (2004a, b, c) posiciona-se em defesa de ‘um mosaico’ de falares cultos e populares, resultado de diversos contatos linguísticos desde a sua formação – Brasil-Colônia (ver seção 2, capítulo 1). Esse aspecto “multilíngue” persistiu formando a diversidade linguística brasileira apresentada tanto em modalidades faladas quanto em gênero escritos, não sendo possível, portanto, retratar a língua heterogênea como é apenas sob o ponto de vista de gramáticas normativas – esse retrato é apenas uma parte de um todo linguístico do PB conforme defende o gramático Bechara (2009).

Todavia, heterogeneidade analisada no seio de CsFal. tende a trilhar caminhos mais uniformes ao acomodar novas variáveis linguísticas em detrimento de construções do antigo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular, por exemplo. Essa adaptação linguística primeiramente passa por processos de variação em certos contextos sintáticos e, se for o caso, a mudança passa a ser implementada de modo paulatino até a efetivação completa da mudança (WEIREICH, LABOV E HERZOG [1967] 2006). Assim, comportamentos sociais de usuários em determinada cidade e em determinadas faixas geracionais (jovens, idade intermediária e pessoas mais velhas) podem apontar *estabilidade* e/ou *mudança linguística* conforme estudos de Labov ([1972] 2008). Isso quer dizer que pessoas inseridas em certas Comunidades de Prática (CsPrát.) existentes em setores sociais de determinadas cidades seguirão *modelos* e/ou *padrões* explicáveis pela inserção social da língua a determinados contextos sociais de uso e/ou “domínios da experiência humana” como discutiu Romaine (1994). Assim, sob esse ponto de vista, a alternância entre variantes cultas e populares na língua popular, empregada por serviços braçais, por exemplo, dependerá muito da esfera social na qual eles estejam vinculados profissionalmente.

⁴⁶ O termo sociogramática está sendo empregado neste trabalho no sentido de uma gramática ser construída pela sociedade, já que a língua é *um fato social*, ou melhor, ela é um construto natural e coletivo.

O vernáculo produzido por esses populares é composto obviamente por variantes populares, mas isso não quer dizer que, ao longo de suas vidas, esses mesmos falantes não se adaptem a novas situações e aprendizados, principalmente se elas exigirem dessa população a produção de variedades cultas, gerando, por conseguinte, “mistura” entre variedades conforme apontou o trabalho de Araújo (2014) na fala popular da cidade de Salvador (BA). Como em muitas esferas sociais brasileiras, não há obrigatoriedade de uso de variedades cultas do PB, trabalhadores braçais privilegiam o emprego de códigos linguísticos “menos prestigiados” pela sociedade letrada (GONÇALVES, 2008). Todavia, eu, por outro lado, entendo que prestígio está muito mais ligado ao *padrão em uso* por certos grupos sociais. Assim, padrões regulares e frequentes como: “leva **eu**”; “espero **você** lá”; “**nóis vai**”, “**é nós**”, “**a gente vamu**” são práticas linguísticas prestigiadas por agrupamentos sociais inseridos em determinadas CsFal. justamente por serem regulares e aceitos pela população identificada com esses padrões linguísticos. Nesse sentido, defendo que o estatuto da forma **VOCÊ** é de pronome pessoal, podendo atuar nas funções de *sujeito*, *objeto* e *possessivo* (**P2**), principalmente em CsFal. cuja forma primeira é exclusivamente **VOCÊ**, já que **tu/sujeito** é forma praticamente extinta. Entretanto, isso não quer dizer que as formas relacionadas às séries **TU** e **VOCÊ** não variem em certas funções, já que a forma **você** ainda não é elemento categórico em determinados contextos como será explorado mais adiante. Em razão dessa atuação “mista” entre formas, o capítulo 3 abordará teorias que levam em consideração usos sociais e padrões voltados à experiência cumulativa de falantes que, por conseguinte, alimentam a gramática do PB considerando *processos de gramaticalização e mudanças linguísticas* vistas sob o ponto de vista da gradualidade de transformações no decorrer dos tempos.

Na próxima seção, discutirei padrões pronominais “mistos” desde os tempos antigos até os dias atuais com o objetivo de evidenciar a naturalidade dessa “mistura pronominal”. Além disso, defendo que “essa mistura” entre formas faz parte da evolução das línguas em geral como afirma Givón (2012). Nesse sentido, no caso do PBPOP principalmente, misturar formas significa mudança paulatina, sofrida no decorrer dos séculos, rumo ao uso de um novo paradigma pronominal: **você**, emprego exclusivo nas funções de *sujeito*, *complemento* e *possessivo*.

1.6.3 TEMPOS ANTIGOS – de Vossa Mercê a você, poder e dinamicidade: reflexos passados contidos na atual sincronia do PB

Para fundamentar explicações sobre a “mistura pronominal” existente em CsFal. no PB atual, considerações sobre fatos linguísticos e sócio-históricos serão abordadas nessa seção para relacioná-las a experiências humanas cumulativas. Assim, através dos tempos, semelhanças comportamentais, convenções sociais e a incorporação de novidades convivem no fluir de adaptações que acabam alimentando estruturas sociais e linguísticas de determinada sociedade. Na Europa, a partir do século XII, atividades comerciais e artesanais foram desenvolvidas em razão do declínio feudal. Os senhores de grandes quantidades de terra migram maciçamente para espaços urbanos e trazem como consequência a emergência de uma nova classe social: a *burguesia* que, por sua vez, tornou-se a nova aristocracia. Esses novos ricos disputavam o poderio econômico e político com a nobreza, representada pela Corte Portuguesa e, em parte, pelo clero. Assim os antigos senhores feudais deixam de ser a classe do senhorio para serem tratados como reis. Tais mudanças sociais exigiram formas de tratamento distintas para o tratamento de nobres e, desse modo, por volta de 1254, essa nova classe social penetrou paulatinamente em espaços da realeza, conseguindo cargos, títulos e moradias pagas pelo governo. Em 1415, esses novos ricos desfrutavam cada vez mais dos requintes e luxos proporcionados pela corte portuguesa, que, por sua vez, começa a entrar em declínio.⁴⁷

As formas de tratamento em uso na época representavam o poderio das hierarquias sociais, revelando distinção entre classes extremamente estratificadas. Nessa perspectiva, os pronomes de tratamento estão ligados historicamente a contextos de dominação e dominados. Ao rei, figura absoluta de poder, cabiam demandas da corte e ao atribuir cargos e funções a pessoas próximas, essa mesma corte necessitou criar formas específicas de tratamento para cada camada social com a finalidade de distinguir a figura do rei dos demais cortesãos (MENON, 1995; LOPES, 2004). Esses tratamentos para interlocutores especiais estavam presentes em relações interpessoais assimétricas e, obviamente, cabia ao povo praticar “o devido respeito”, pois estavam diante de autoridades reais. Assim, os membros de cada diáde obedeciam ao esquema dos dominadores (assimetria de poder) claramente observada pelo uso de formas tratamentais (BIDERMANN, 1972-73; FARACO, 1996) e à partir de “leis de cortesias”, várias fórmulas

⁴⁷ Está em Faraco (1996) que dois mil vassallos estavam ligados diretamente ao rei, implicando mudanças de funções sociais, hábitos indumentários, alimentares e linguagem.

tratamentais⁴⁸ foram criadas (Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Majestade, formas em competição com o formalizado *vós*)⁴⁹.

Sob esse prisma, na interpretação de Cintra (1986), **Vossa Mercê** tinha um campo de utilização geral assim como o pronome **vós**, possível também para o tratamento de cortesãos. Já **tu**, forma bem especializada e específica, era o tratamento utilizado de superior para inferior e entre iguais sociais de estratos sociais baixos. Com a rotinização de **Vossa Mercê**, durante algum tempo, essa fórmula foi apropriada para tratar o monarca, mas ela foi perdendo expressividade honorífica, pois a classe baixa também a utilizava para tratar outras camadas sociais por imitar situações ocorridas na corte (MENON, 1995). Assim, no final do século XV e início de século XVI, conviviam três formas de tratamento: **Vossa Senhoria** destinada à aristocracia; **Vossa Mercê** e, por fim, **vós**, usado como tratamento generalizante por todos e para todos. Esses usos revelam mudanças entre os pares **tu/vós** para **tu/Vossa** +N (nome atributivo). Desse modo, em Portugal, ainda vivenciando resquícios comportamentais medievais, o fingir tratar algum atributo do interlocutor como em **Vossa Senhoria** era comum e esse comportamento também se instalou no PB, isto é, fingia-se tratar o interlocutor, mas o tratamento era destinado ao atributo social (**Mercê**) que, por sua vez, significava *à mercê do rei*, *à graça* etc., expressão também muito empregada em documentos oficiais (CINTRA, 1986; LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Com base em outras pesquisas (RUMEU, 2008; MACHADO, 2006; 2011; BARCIA, 2006), Lopes *et al* (2013) apresentam estratégias tratamentais utilizadas no plano da cortesia/maneiras polidas (herança latina) para tratar o outro e, finalmente, no plano da informalidade quando **você** estava se instalando no Brasil:

⁴⁸ Na interpretação de Biderman (*op. cit.*), outra díade de poder existente era notada na relação no interior de famílias que, por sua vez, possuíam concepção familiar patriarcal. A vassalagem, por exemplo, devia obediência à nobreza, entretanto, em suas relações íntimas, o homem representava o princípio da supremacia e, desse modo, a mulher e os filhos eram subservientes à figura paterna. Esse esquema de poder era funcional tanto nas altas classes quanto nas baixas que, por conseguinte, imitavam o comportamento das classes abastadas (BIDERMAN, 1972-73; MENON, 1995).

⁴⁹ Por conta das generalizações das formas tratamentais em uso entre classes sociais, **Vossa Alteza**, **Vossa Majestade**, **Vossa Senhoria**, **Vossa Mercê** e **vós** fluíam como formas variáveis e tentativas para reverenciar a figura do rei. Em função dessas opcionalidades do sistema tratamental foram elaboradas “as leis de cortesias” para que cada camada social portuguesa tivesse o seu modo particular de tratamento.

Quadro 6: Estratégias tratamentais.

NÍVEL DE TRATAMENTO	XIII-XV	XV – XVIII – XIX	XIX – XXI
MENOS FORMAL	Tu	Tu	tu/você
MAIS FORMAL	Vós	vós/vossa mercê (> você)	o senhor/a senhora

Fonte: extraído de Lopes *et al* (2013, p. 380).⁵⁰

Nessa perspectiva, a evolução do sistema de tratamento iniciou pela forma plural **vós** no português (FARACO, 1996; MENON, 1995; COOK, 1997) e, através dos tempos, **vós** foi empregado tanto para tratar *um ouvinte* quanto para tratar *referentes plurais* (igual ao **vocês** da atualidade no PB), inclusive **vós** era a forma empregada para tratar a figura do rei como já mencionado. Entretanto, com a generalização de usos desse pronome para uso respeitoso e formal em outras camadas sociais, **vós** foi substituído por **Vossa Mercê** – fórmula considerada digna para tratamento real durante algum tempo. A fórmula **Vossa Mercê** também foi se generalizando e evoluiu para a forma **você** (uso formal) já durante o final do século XIX e início do século XX no Brasil (LOPES E CAVALCANTE, 2011). O mesmo ocorreu com o **você** que, por sua vez, também se generaliza disputando espaço com **tu** no âmbito informal/íntimo nos séculos XIX e XX; já no plano formal, os usos sociais de **o/a senhor/a** tornam-se frequentes. Entretanto, Biderman (1972-73) já afirmava que estas últimas formas estariam em desuso entre os brasileiros, confirmando as pesquisas de Scherre *et al* [no prelo] e Sampaio e Julião (2014) no que se refere ao uso cada vez menos frequente dessas formas na atualidade brasileira.⁵¹

Já na interpretação de Faraco (1996, p.32), o uso de **Vossa Mercê** aconteceu em duas direções: *uma direção conservadora* e outra na qual a redução da fórmula de cortesia foi altamente *generalizada* para *usos informais* por todos. Assim, **Vossa Mercê** empregada para tratar a burguesia urbana arcaizou-se (ou cristalizou-se) entre os séculos XVII e XVIII em uso paralelo e geral de **você**, principalmente entre as massas, apontando, por sua vez, a segunda pessoa discursiva. **Vós** tornou-se rústico e arcaico em Portugal, era empregado entre amigos e “os mal ensinados” também o empregavam segundo Cintra (1986, p.14). Além disso, segundo o autor,

⁵⁰ Os autores se basearam em Cintra (1972); Faraco (1996); Rumeu (2004) e Machado (2006) para elaborarem o quadro em questão.

⁵¹ Os usos sociais de **o/a senhor/a** nem sempre são adequados mesmo em relações entre pais e filhos conforme atestam Sampaio e Julião (2014). Jovens no Maranhão, segundo esses autores, preferem empregar **tu** para tratar seus pais, amigos etc. (situação restrita). Há, nesse sentido, mudanças sociais e comportamentais em certas CsFal. no que se refere à hierarquia familiar, faixa etária etc. Isso me autoriza a dizer que a “mistura pronominal” faz parte de experiências cumulativas humanas que, por sua vez, introduz o novo, mas o falante utiliza também padrões antigos até que novas formas e atitudes se estabeleçam na língua de dada CF.

você já era forma utilizada em textos do século XVIII como tratamento simétrico entre amigos, mesmo na alta classe burguesa.

Biderman (1972-73, p.363) tem interpretação semelhante à de Faraco (1996). Para a autora, **Vossa Mercê** é fórmula emprestada da corte espanhola, pois no final do século XVI e primeira metade do século XVII, Portugal estava sob o domínio espanhol e suas relações foram sempre muito intensas. Além disso, segundo a hipótese da pesquisadora, **você** como tratamento intermediário, entre **tu** e **Vossa Mercê** surgiu, possivelmente, no século XVIII e, por isso, Biderman não considera que **você** tenha evoluído de **Vossa Mercê** conforme discussões sobre desgastes fonético-fonológicos. A autora baseia-se em José Plà Cárceres (1923) que, por sua vez, investigou documentos entre os séculos XVI a XVIII. Assim, variantes espanholas como *voaçed*, *vueçed*, *vassuncê*, *vuaçed*, *voazé*, *vuazé*, *vuezé* ... *vuçed*, *uçed* entre outras como *vuesançed*~*vuesansted*; *vuasted*, *vusted*, *usted* foram registradas. Outros usos também faziam parte do repertório espanhol como *Vosmecê* e *ocê* encontrados nos meios rurais portugueses e frequentemente percebidos na fala urbana brasileira segundo Biderman (*op. cit.*). No modo de ver da autora, **você** talvez seja uma derivação das variantes espanholas e, assim, em etapas sucessivas *usted* ficou como forma de respeito, substituindo **vós** na Península Ibérica. **Você** substituiu a forma familiar **tu** no Brasil, ou ficou como intermediário entre a intimidade **tu** e o formalismo de **o senhor** (p. 363 e 368). Inclusive, a autora cita Machado de Assis dizendo que as cartas do autor direcionadas para amigos traziam usos do **tu**, mas durante o século XIX havia o uso do **você** combinado com o clítico **te** e possessivos **teu/tua**.

Para Lopes (2004), **Vuestra Mercê** e **Vossa Mercê** possuem a mesma origem: espanhola, corroborando as reflexões de Biderman (1972-73). Assim, **usted** no espanhol têm conotações de cortesia e **você** no Brasil denota intimidade na atualidade. Além disso, **ustedes** perde valor de cortesia e formalidade por generalizar-se como uso plural conforme acontece com **vocês** no PB atualmente. Para Lopes (2004), desgastes fonéticos aconteceram de modo acelerado no espanhol (séculos XVII-XVIII) já em Português aconteceram mais tarde (séculos XVIII-XIX) e a gramaticalização dos itens **você(s)** acontece primeiramente no plano plural (XVIII-XIX), possivelmente, motivada pela fossilização de usos do pronome **vós** como tratamento cortês direcionado a um só interlocutor já no século XVIII (CINTRA, 1986; MENON, 1995; LOPES, 2004). A forma **você**, por sua vez, acaba por se gramaticalizar paulatinamente e se fixa, primeiramente, como sujeito pré-verbal, já **Vossa Mercê**, ainda empregado, apresenta maior variabilidade sintagmática, pois a fórmula comporta-se como um nominal (substantivo) – categoria lexical (LOPES, 2004).

Por conseguinte, foram conservadas nuances de cortesia e respeito em relações sociais assimétricas portuguesas (de inferior para superior) conforme Brown e Gilman ([1960] 2003). As variantes vulgares eram utilizadas por populares obviamente. Ainda, de acordo com Lopes (2004), esse movimento tratamental não ocorre de modo isolado na língua, causando mudanças encaixadas tanto na estrutura social quanto na linguística. A gradação de usos de fórmulas nominais foi substituindo, paulatinamente, **vós** a partir do século XV em português com o crescimento da nobreza e depois da burguesia, exigindo, por sua vez, tratamento diferenciado para cada classe social como já dito. A propagação desses costumes começa *de cima para baixo*, dissemina-se, generaliza-se e *as locuções nominais especializadas* perdem a concepção semântica original, gramaticalizando *usted* com mais rapidez em comunidades de fala espanhola que na portuguesa. Mesmo assim, o uso da forma **você** por portugueses invadiu terras brasileiras e, desse modo, o atual pronome **você** se instalou em contextos sintáticos, acarretando rearranjos no sistema pronominal brasileiro (FARACO, 1996). A especificação original de 3ª pessoa verbal persistiu, embora a interpretação semântico-discursiva fosse de segunda pessoa do singular nos termos de Lopes e Cavalcante (2011), e, dessa maneira, **você** também afetou, paulatinamente, a cadeia de subclasses de pronomes completivos (átonos e tônicos) e possessivos determinantes relacionados às 3as e 2as pessoas (MENON, 1995; LOPES, 2007).

Para entender as díades tratamentais, Brown e Gilman ([1960] 2003) correlacionaram dados históricos e dados de fala contemporâneos de línguas pertencentes ao tronco indo-europeu. Dentre as línguas analisadas estão os idiomas *alemão, inglês, espanhol, italiano e francês*. Assim, esses pesquisadores descobriram que as esferas **T** (solidariedade) e **V** (poder) são formas prototípicas de relações interpessoais e, por sua vez, representam semanticamente as esferas de *solidariedade* (**T**) e *poder* (**V**). Ambos os campos – poder e solidariedade – **V** e **T** – representam “tratamento familiar” (**T**) e “polido/cortês” (**V**), categorias originárias das formas latinas **tu** e **vous** e enraizadas em nossas gramáticas normativas sob as formas **tu** e **vós**.⁵² Desse modo, para exemplificar os pares intimidade-solidariedade/formalidade, os pesquisadores Brown e Gilman ([1960] 2003) citam as formas **Du** e **Sie** (alemão); **thou, ye** e **you** (inglês); **tu** e **usted** (espanhol); **tu** e **vous** (francês); **tu** e **voi** ou **lei** (italiano). Os autores centram sua análise em dados diacrônicos que retratam relações de poder e também de solidariedade que, por sua vez, foram modificadas, através dos tempos, para relações cada vez mais solidárias. Entretanto,

⁵²Nesse sentido, os padrões (as)simétricos de tratamento serviam aos interesses portugueses, assim *colonizadores* vs *dominados* era a configuração social também instalada no Brasil-Colônia, podendo ser o seu reflexo ainda percebido em relações entre *patrão* e *empregado*; *pais* e *filhos* e *nas relações interpessoais* entre pessoas desconhecidas nos dias atuais como certas empresas, determinadas feiras locais nas quais há rigidez tratamental em função de hierarquias sociais (poder, distância social e/ou geracional) conforme Biderman (1972-73).

alguns desses itens não estão mais vigentes em determinadas línguas como são os casos de *thou* e *ye*, pertencentes ao sistema inglês médio, mas ausentes do inglês atual (BIDERMAN, 1972-73; LABOV, 2010).

Nesse sentido, Cook (1997) defende que “a neutralidade de usos” gera *generalidades*, ou seja, certos usos acabam tão comuns em sociedades democratizadas como as portuguesas que generalizam práticas linguísticas. Para a autora, com as introduções de **Vossa Mercê(s)** e **você(s)** a riqueza morfológica verbal enfraquece no português e somente o plural da segunda pessoa é marcado com o morfema do final verbal – **m**. Assim:

Quadro 7: Neutralidade verbal.

3ª PESSOA DO SINGULAR	3ª PESSOA DO PLURAL
VOSSA MERCÊ fala[Ø]	VOSSAS MERCÊS falaM
VOCÊ fala[Ø]	VOCÊS falam

Fonte: adaptado de Cook (1997).

Além disso, os morfemas –s e –ste relacionados ao paradigma singular da segunda pessoa desaparecem, **tu** e **você** entram em concorrência em ambientes menos formais, tornando-os formas solidárias, desaparecendo, por conseguinte, as díades de poder (V/T) propostas por Brown e Gilman ([1960] 2003). Da mesma maneira, ocorre com as fórmulas **Vossa Mercê(s)**, a reciprocidade de tratamento ocorre entre “pares iguais sociais”. Na análise da autora, as díades de poder e solidariedade, elaboradas por Brown e Gilman ([1960] 2003), correspondem a épocas nas quais sociedades europeias eram extremamente estratificadas, característica que não faz mais parte da realidade democrática atual de países como Portugal e Brasil. Para a pesquisadora, as díades atuais se caracterizam pela *neutralidade de forças*, ou seja, “os pares iguais sociais” tratam-se de igual para igual. Assim as formas **o/a senhor/a**, por exemplo, tanto podem ser empregadas em ambientes formais ou informais, pois interlocutores “iguais sociais” mantêm o mesmo tratamento entre si em razão da liberdade de negociação mútua. Essa liberdade de poder se expressar de igual para igual foi adquirida, segundo a autora, pelo uso rotineiro e frequente no decorrer dos tempos. Assim, para Cook (1997), três aspectos são importantes para que se entenda *neutralização* e *generalização de ações* em relação ao paradigma verbal português: (i) a introdução das formas nominais ou SNs (sintagmas nominais – Vossa Mercê(s)); (ii) morfologia verbal de terceira pessoa como ZERO [Ø] em construções como: “como vai?”; “como estão?”, consideradas estratégias de esquiva, isto é, o falante omite a forma pronominal, esquivando-se do tratamento (**tu**, **você(s)**, **o/a(s) senhor/a(s)**) e (iii) a

entrada de **você** como sujeito provocou uma nova situação na língua portuguesa em razão de mudanças na estrutura social (BIDERMAN, 1972-73; FARACO, 1996).

Assim, as notações **V (poder) T (solidariedade)** e **N (neutralidade)** são classificadas por Cook (1997) como *estratégias de opção, composição (ou combinação)* e *usos* a depender de condições de práticas linguísticas, pois negociações entre falantes indicam se os empregos de tais formas estarão inclinados à *intimidade* e *menor formalidade* ou se inclinados a *menos intimidade* e *maior formalidade*. A autora defende que em ambas as situações pode haver ou não colaboração e solidariedade. Nessa perspectiva, está em Dias (2007) que, o uso do vocativo no PB, por exemplo, pode indicar *solidariedade, informalidade, respeito* e *intimidade* como esse exemplo: “**A mãe**, vai na feira?” O mesmo acontece com o uso de **o/a senhora**, já que são formas de tratamento usadas em situações familiares (ambientes de intimidade e de não formalidade) cujos falantes podem apresentar distância geracional (avó e neto). Em situações de formalidade como em setores sociais empresariais, tanto pode haver o uso de neutralidade (**N**) como o uso das esferas **V-T** ou **T-V**, caracterizadas por tons de solidariedade/colaboração ou não.

No PB, conforme Cunha (2007), Biderman (1972-73), Mattoso Câmara (1985), há somente dois modos para tratar o interlocutor na atual sincronia: **o/a senhor/a** (cortesia, distanciamento social e geracional – neto e avós, por exemplo) e **você** (familiar), o **tu**, por conseguinte, está quase extinto do PB conforme atestaram Duarte (1995) e Perini (1985). Essa mesma visão tem Neves (2000) que, por sua vez, defende que **você** é muito mais difundido do que o emprego de **tu**. Além disso, admite Neves (2000, p.458): “que se mistura forma de referência pessoal de segunda e de terceira” como neste exemplo fornecido pela autora em questão: “A única coisa que **te** peço é que não vá magoá-la: **você** é o seu primeiro flerte! (S)”. Entretanto, outros trabalhos sincrônicos advogam o uso frequente de **tu** em CsFal. situadas nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina (LOREGIAN-PENKAL, 2004; AMARAL, 2003), São Paulo, litoral santista (MODESTO, 2006), Amazonas (MARTINS, 2010), Rio de Janeiro – capital (SANTOS, 2012) etc. Nesse sentido, há nas sociedades formas tratamentais que são distribuídas de modos diferentes, assim, segundo Biderman (1972-73), as díades pronominais nas sociedades ibero-americanas têm distribuição ligadas a usos (in)formais: Espanha: **tu, usted**; Peru: **tu, usted**; Chile: **tu, usted**; Argentina: **vos, usted**; Brasil: **você, o senhor**; Portugal: **tu, você, o senhor**. Ainda de acordo com a autora, “[...] *vós*⁵³ desapareceu de todas essas

⁵³Segundo a visão de um amigo uruguaio, **vos** – 2ª pessoa do singular – é o pronome **você** brasileiro. No Uruguai, **vos** representa a forma **você**. Uso generalizado de **vos** em uma sociedade tipicamente estratificada gerou desgastes no valor social de uso da forma. Esse comportamento explica a expansão de usos de **vos** disseminado na América

sociedades, conservando-se, enquanto forma, apenas na Argentina, com o valor, porém, de **T** e não **V**” (BIDERMAN, 1972-73, p.373).

Lucca (2005) advoga que **tu** e **você** não podem ser considerados usos polarizados sob a perspectiva de **tu** ser destinado para situações informais e **você** para formalidades no Brasil, corroborando o trabalho de Andrade (2010) que, por sua vez, considera gradações de formalidade e distanciamento social “que se comportam como um *continuum* e estão submetidos a uma complexa teia de fatores sociais e intencionais [...]” (ANDRADE, 2010, p.45) a serem observados pelo pesquisador que enfrentará desafios como os de conhecer determinadas CsFal. e suas respectivas realidades sociais, grupos sociais nelas existentes e suas atitudes (CALVET, 2002; MORENO FERNÁNDEZ, 2012) evitando, desse modo, generalizações, conforme defende Görski (2012). A autora discute atitude e identidade dos usos sociais do pretérito perfeito (visse, fosse etc.), envolvendo cidades como a Ilha de Florianópolis-SC que possui CsFal. específicas como o tradicional distrito de Ribeirão da Ilha, colonizado por açorianos (LOREGIAN-PENKAL, 2004). Do mesmo modo, as relações interpessoais na atualidade do PB se movimentam em direção à colaboração e negociações dentro das esferas **V** e **T**, ou seja, o tratamento mútuo é negociado entre as partes dialogais, confirmando a neutralização de tratamento pelo uso da forma **você**, eliminando, por sua vez, a distância extremamente marcada entre *dominadores vs dominados V-T* e *dominados vs dominadores T-V*, características de sociedades rigidamente hierarquizadas como foi a portuguesa entre outras. Sociedades abertas e democratizadas, assim definidas por Brown e Gilman ([1960] 2003), tendem a rumar para o comportamento mais solidário, tendência evidenciada em pesquisas sociolinguísticas brasileiras conforme descreveu GONÇALVES (2008) sobre o comportamento variável entre as formas **você**, **ocê** e **cê** na cidade de Arcos (MG).

Entretanto, durante o período colonial no Brasil, a relação entre estruturas sociais e linguísticas (formas de tratamento) foram um tanto quanto agressivas a considerar *a quase completa dizimação dos índios e suas línguas de troncos linguísticos distintos; a escravização de negros trazidos da África* e depois, ao longo dos tempos devido a interesses políticos, ideológicos e econômicos, *a importação de mão de obra europeia e oriental* vinda, principalmente, da Alemanha, Itália e Japão. Essas etnias acabam, por conseguinte, por transformar o território

Latina, fenômeno chamado de “voseo”, segundo BIDERMAN (1972-73, p. 356). Para a autora, a América Latina foi colonizada pela classe baixa que trouxe o sistema tripartido: *tu – vos – vuestra merced* e *usted*. No Peru, por exemplo, o sistema vigente é *tu, usted*, porém há na América espanhola um sistema misto: *tu-vos, usted*, como é o caso da Argentina e também em alguns pontos no Chile, segundo a autora, baseada em Frida Weber (1941). Além disso, outros tratamentos são audíveis no Brasil em estabelecimentos comerciais diversos, como, por exemplo: “a moça já foi atendida?” etc.

nacional em cenários multiculturais múltiplos em razão da intensa distribuição populacional como já comentado (TEYSSIER, 2001; MATTOS E SILVA, 2004c). Em razão desse intenso fluxo de contatos diversos, vale lembrar que **você** foi a forma mais corrente desde o início da colonização brasileira (MENON, 1995), por isso, dois aspectos são relevantes nesse processo de implementação da língua portuguesa no Brasil segundo Lopes (2004): **a)** **vós** em desuso em Portugal para tratar um só interlocutor e **b)** a transformação de **Vossa Mercê** para **você** em terras portuguesas e, conseqüentemente, trazida ao Brasil-Colônia por colonos portugueses, resultando, através dos tempos, em mudanças de *implementação*, *disseminação* e *encaixamento* sociais e linguísticos nos termos de Weireich, Labov e Herzog ([1967] 2006), princípios aplicados por Rumeu (2008) cuja pesquisa retrata o comportamento não uniforme das formas tratamentais produzidas em cartas pessoais, escritas, especialmente, por letrados no século XIX no Brasil.

Outros trabalhos também descreveram usos pronominais voltados para a segunda pessoa do singular em sincronias passadas (MACHADO, 2004; LOPES E CAVALCANTE, 2011 entre outros) mostrando que a penetração do pronome **você** no PB avançou de maneira paulatina na língua, isto é, mudanças não ocorrem do dia para a noite, elas são, geralmente, vagarosas e afetam aos poucos vários contextos linguísticos, sociais e pragmáticos, fazendo, por conseguinte, com que formas *velhas* e *novas* convivam por determinados períodos de tempo (GIVÓN, 2012) até que uma das formas vença a disputa territorial.

Dessa maneira, os autores aqui citados deixam em evidência certos “conflitos” existentes entre sistemas sociais e linguísticos antigos que, através dos tempos, vão sendo paulatinamente substituídos por novos comportamentos. Em se tratando de sistemas linguísticos, itens, em geral, que se fixavam antes do verbo como os objetos pronominais (**OV**)⁵⁴, vagarosamente, objetos nominalizados ou tônicos vão ocupando espaços após o verbo (**VO**), assim os tônicos **você(s)**, **a gente**, **ele/a(s)**), por exemplo, passam a ocorrer com mais frequência no PB do século XIX (MATTOSO CÂMARA, 1998; MONTEIRO, 1994, MENON, 1995 entre outros). Esse fenômeno também foi constatado em outras línguas como no inglês: o pronome **you** no inglês médio, item usado como *acusativo*, passa a ser empregado no nominativo. Assim **you** é pronome geral e utilizado em várias funções sintáticas como em “*all you*”; “*with you*” etc. (LABOV, 2010; GIVÓN, 2012). Dentro dessa perspectiva, fatos de evolução como o pronome **você** tornaram-se mais frequentes, audíveis e escritos no século XIX no Brasil e passam a ser

⁵⁴ Esses símbolos **OV** e **VO** representam a ordem do objeto em relação ao verbo.

utilizados com muita frequência na atual sincronia do PB em algumas CsFal. (SCHERRE *et al* [no prelo]).

1.6.4 “MISTURA TRATAMENTAL” – instabilidades gramaticais refletidas no uso pronominal

De acordo com Faraco (1996), as fórmulas **Vossa +N** conviveram com o sistema **vós**. Assim, essas novas formas nominalizadas combinadas à terceira pessoa verbal conviviam ao lado das formas pronominais e seus correspondentes verbais (**tu** e **vós**). Essa convivência de formas novas (nominais de tratamento) com antigas (pronominais – tratamento íntimo/cerimonioso) instalaram um período de instabilidade e incertezas quanto ao estatuto gramatical dessas novas formas em uso em ambientes discursivo-pragmáticos bem particulares. Desse modo, do ambiente restrito – tratamento voltado para o monarca – **Vossa Mercê** (tratamento cortês), para ambientes gerais (outras camadas sociais) a forma **você** foi se instalando. Primeiramente de *superior/inferior*, *inferior/superior* e depois *entre iguais sociais aristocratas* (BIDERMAN, 1972-73).

Dessa maneira, no desenvolver de situações discursivo-pragmáticas, os falantes produziam instabilidades gramaticais no que tange ao uso de segunda e terceira pessoas. Assim, baseado em Santos Luz, Faraco (1996) elenca usos que mostram a manifestação de “mistura da terceira e segunda pessoas”. Isto quer dizer que em estágios passados da Língua Portuguesa, “misturas” eram tão frequentes como na atual sincronia do PB, evidenciando que “a uniformidade tratamental” conforme está descrita em compêndios gramaticais é artificial, principalmente, quando na língua há produção e convivência entre formas *velhas* e *novas*. Essa convivência e rotinização entre formas provocam “instabilidades gramaticais” até que o sistema aceite completamente “as novas formas de dizer” como ocorreu com pronome **vocês** em detrimento de uso das séries do pronome **vós**, por exemplo. Abaixo listo exemplos de usos pronominais “mesclativos”, extraídos de Faraco (1996, p.72). Esse autor utilizou excertos de textos encontrados por Santos Luz:

Como sujeito – acompanhamento verbal

- a) Vossa + SN associada à 2ª pessoa do plural:
 1442 – Pedem Senhor **a Vossa Senhoria** poerdes em vossa terra;
 1472 -3 – Pedem vos os povos por merce que os tirees todos, e mandees **Vossa Alteza** que ...
- b) Vossa + N (3ª pessoa)

- 1446 – Assi como **Vossa Senhoria** o simplesmente soltou ora ha seis annos
- c) Vossa + N e ambas as formas
- 1455 – **Vossa Senhoria** se lembrara como **mandastes vossa** carta.

Nominais – acompanhamento completo

- a) Vossa + N associada a vos e 2ª pessoa plural
- 1472-3 - Pedem **vos** os povos por merce que os **tirees** todos, e **mandees Vossa Alteza** que ...
- b) Vossa + N e lhe
- 1455 – Pedimos a **Vossa Excelência** que **lhe** praza ...

Nominais – acompanhamento de possessivos

- a) Vossa + N e vosso/a(s)
- 1455 – **Vossa Alteza** ordenou em **vossos** reparos
- b) Vossa + N e seu/a(s)
- 1481-2: ... e **Vossa Alteza** nom seeria pago de **suas** reemdas ...

Esses exemplos mostram que havia “instabilidade gramatical” em relação ao uso de formas de terceira e segunda pessoas. De acordo com Faraco (1996, p.72), Said Ali advoga que esse dualismo (mistura) desapareceu completamente no século XVIII, assim, rotiniza-se **Vossa+N** em detrimento do sistema **vós** – advindo de tradições latinas, mas arcaizado desde o século XVIII, segundo Cintra (1986). Nesse sentido, a aparente linearidade e correspondência de formas – uniformidade tratamental – arraigada em gramáticas normativas (BECHARA, 2009) são “usos” artificiais e idealizados pela promoção da ideia de língua certa e legitimada vs errada e ilegítima, usos criados pelo povo em geral (BARROS, 2010). A noção linear e correspondente das formas ligadas às pessoas gramaticais como: **Tu/te/teu/a; vós/vos/vosso/a e ele/a(s), o/a(s); lhe(s), seu/a(s)** não era realidade correspondente e estanque em relação às pessoas gramaticais, pois, conforme mostrei acima, usos pronominais em documentos palacianos e peças teatrais, como as escritas por Gil Vicente, denunciavam “usos sociais mesclativos” dessa formas, provocando o que Faraco (1996) chamou de “instabilidade” e “incerteza gramatical” quanto aos usos das 3ª e 2ª pessoas. Mesmo assim, essas assimetrias promoviam *equilíbrio* entre *os pares conversacionais* que, por sua vez, respeitavam díades treatmentais construídas na sociedade portuguesa ao longo dos tempos. Isto quer dizer que “a mistura tratamental e pronominal” (formas de 3ª e 2ª pessoas) já era prática que “corrompia” a língua portuguesa desde épocas antigas. Por essas razões, defendo que são “as instabilidades gramaticais” que alimentam a língua e, nesse sentido, a língua pode parecer caótica, mas ela não é desorganizada. Ela é *instável*, mas desequilibrada nunca (NEVES, 2010).

Tempos depois, do século XIX ao XX no Brasil, está em Lopes (2006), Lopes e Cavalcante (2011)⁵⁵ e Rumeu (2008) que **você** se instalou primeiramente como *sujeito gramatical* como já abordado, mas varia com o pronome **tu/sujeito** com e sem marca desinencial verbal de segunda pessoa do singular e, paulatinamente, essa forma se instala em outros contextos sintáticos como oblíquos (**com você**) e imperativos. Seguem excertos extraídos dos trabalhos das autoras Lopes e Cavalcante (2011):

- a) **Como sujeito:** “**Você** já devia ter me escripto” (Carta de Elisa – família Cuperino. P. 44);
- b) **Como oblíquo:** “eu tenho sonhado todas as noites **com você**” (Carta de Maria a Jaime⁵⁶ – casal de namorados. P. 44);
- c) **Com mistura tratamental:** “Eu não mezango **com você** nem Øpresizavas pedir pela carta o meu amor e sego. E eu sei perfeitamente que Øteis sofrido muito por minha causa mais tinha fé em Deus e na N. Senhora. **Você** não precisa arranjar mais o lugar para eu mandar asminhas cartas” (21/01/1937, Maria para Jaime. P. 49);
- d) **Com sujeito tu sem marca desinencial correspondente:** “Minha querida, **tu** não podeØ avaliar quanto me faz bem esse nosso encontro” (25/01/1937, Jaime para Maria. P. 49)
- e) **Como imperativo:** “Assim, pois, **você** me espere quando digo que me espere não quero dizer que quando [...] (12/03/1886. Antonio-Elisa Cuperino).

Dessa maneira, no PB do século XIX ao século XX, ocorria um sistema tratamental tripartido: **tu; tu/você** e **você**, conforme o sistema anterior lusitano: **tu/vós/Vossa Merce > você**. Nos exemplos extraídos do trabalho LOPES *et al.* (2013)⁵⁷ há usos que evidenciam traços de oralidade e intimidade já que fazem parte de cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro. Além disso, os excertos mostram tanto o uso só de **tu** e de sua respectiva série de pronomes correlacionados como usos “mesclativos” entre formas tratamentais (**tu-você**) e usos só com a forma **você**:

- a) “porque **em ti** reside a criatura que me dá toda a alegria” [Carta 09-JM-01-10-1936];
- b) “**De ti** é que espero toda a minha alegria de viver” [Carta 13-JM-29-01-1937];
- c) “eu não **te** escreve mais este semana por que não adianta **tu** so deves a receber esta na quinta feira ou na sexta feira” [18-MJ-16-02-1937];
- d) “Minha flor sonhar **com você** é para mim um grande prazer” [Carta 21-JM-22-03-1937]
- e) ‘recordo que estava sonhando **contigo**’ [Carta 21-JM-22-03-1937];
- f) “Meu querido espero que **tú** acredites no meu amor tanto quanto eu desejo, pois mais ninguém neste mundo interessa-se a não ser **voce: Voce** é quem mostrou-me o verdadeiro amor! **Voce** e quem ensinou-me a amar amando-me” [10-JM-2901-1937];

⁵⁵ Nesse estudo foram analisadas 124 cartas de diferentes famílias brasileiras produzidas no período de 1870 a 1937, segundo as autoras (p. 42).

⁵⁶ Casal de menor prestígio social. Casal Cupertino – família ilustre da sociedade brasileiro – século XIX.

⁵⁷ Grifos meus nos dados relativos à segunda pessoa do singular.

- g) “O meu tio Eduardo perguntou au Migeu se **você** tinha brincado comigo no carnaval” [18-MJ-16-02-1937];
- h) “eu sonhei com **você** anoite de Domingo para segunda feira foi um sonho muito bonito” [Carta 16-MJ-22-02-1937].
- i) “a única cousa que **te** pesso e para não se esqueceres de mim, por que eu nunca mais **te** esquecerei so a morte”. [18-MJ-08-03-1937];
- j) “eu não me esqueço **de voce** um segundo” [13-MJ-26-01-1937].

Oliveira e Souza (2013) associam a tripartição pronominal de segunda pessoa (sincretismo tratamental) a fatores sociais. Advogam os autores que havia mais “mistura tratamental” nos escritos de pessoas oriundas de classes menos favorecidas. Como se observa, esses “usos mesclativos” entre formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular sempre ocorreram através dos tempos, inaugurando um novo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular em uso e bem distinto do velho paradigma descrito em gramáticas normativas (desusos idealizados na correspondência entre formas, bases calcadas na tradição latina de casos e correspondência entre formas pronominais e verbais).

Nesse sentido, para Faraco (1996), os clíticos **o/a(s)**, **lhe(s)/seu/a(s)** – formas de terceira pessoa – combinam com as formas **você(s)** e **o/a senhor/as** que, por sua vez, referem-se ao interlocutor levando em considerações nuances de formalidade e intimidade. A condenação da “mistura de tratamento” disseminada por gramáticas normativas não legitima usos como “**VOCÊ** trouxe o **TEU** talão de cheque?” ou “**VOCÊ** estava lá, mas eu não **TE** vi” (FARACO, 1996, p.70). Além disso, o autor supracitado, baseado em Nascentes (1960), defende que os clíticos **lhe(s)** e **o/a(s)**, por exemplo, são usos raros em decorrência dos amplos usos das formas **você(s)**, **o/a(s)**, **senhor(es)** como acusativos (levo **o senhor**; levo **você(s)**) e dativos (eu dou **pro/a senhor/você(s)** o boné), mesmo em construções possessivas como “esse caso é do senhor/de você(s)” [de+ senhor(res/as)/de você(s)]. Outro ponto salientado pelo autor é a inserção dos possessivos **seu/a** na segunda pessoa do singular, gerando ambiguidade, abrindo espaço para as construções **dele/a(s)** – 3ª pessoas (MENON, 1995; PERINI, 1995; KATO, 1995), além da transformação dos imperativos no PB (LOPES, 2007; SCHERRE, 2007). Assim, construções como “**Ø**vai até o ponto que o cobrador **te** informa”⁵⁸ são usos comuns no PB atual.

Givón (2012) observa que é natural da movimentação das línguas “misturar” estruturas antigas com novas. No português europeu, conforme visto, formas como **vosso**, **vós/vos**, competiam com **Vossa Mercê** em ambientes formais, restritos, levando a extinção a série **vós**, tornando-as formas obsoletas. Considerando a noção de “mistura tratamental” e “referencial”

⁵⁸ Dado coletado nas ruas de São José dos Campos – SP.

entre formas de 3ª e 2ª pessoas em Portugal, o uso de **consigo** na atualidade portuguesa – valor reflexivo de terceira pessoa no sistema antigo – adquiriu novo valor na atual sincronia do português europeu, o de segunda pessoa, marcando, assim, formalidade na oralidade.⁵⁹ Sob esse prisma de convivência entre formas antigas e novas, defendo que o uso de formas “mesclativas” são manifestações naturais do sistema linguístico em uso e, na medida em que novas formas vão surgindo, elas competem com paradigmas antigos, geram ambientes opacos e difusos como são os casos de redobro pronominal (CASTILHO, 2010) até que formas antigas deixem de existir.

Sob esse prisma, o sistema pronominal português, segundo Cook (1997), passou a conviver com novas situações sociais. Assim, tanto **Vossa Mercê** e **você** como **Vossas Mercês** e **vocês** eram formas que levavam o verbo para as terceiras pessoas (singular e plural) conforme substantivos e nominais em geral. Na visão de Cook (1997), conforme já abordei, a introdução dessas formas deixa o sistema verbal “mais enxuto”, principalmente no que tange a empregos nominalizados – **SNs** – como nos casos de **você(s)** que, por sua vez, na atualidade brasileira, são empregos *neutralizados* e têm *generalidade tratamental*. Isto quer dizer que, independentemente da classe social, essas formas foram eleitas para tratar o interlocutor desbancando usos mais formais como **o/a senhor/a(s)** (SCHERRE *et al* [no prelo]) e os clíticos **o/a(s)** e **lhe(s)** conforme também apontou Monteiro (1994) em variedades cultas do PB, principalmente em capitais brasileiras. Situações que exibem no cotidiano oral do PB a convivência harmônica entre formas *novas* e *velhas*.

O próximo capítulo apresentará e discutirá conceitos de Comunidade de Fala (CF), Comunidade de Prática (CP) e a metodologia empregada para a realização dessa investigação sobre modelos pronominais em uso relacionados à segunda pessoa do singular na fala popular em CsPrát., situadas na cidade de SJC-SP.

⁵⁹ https://www.youtube.com/watch?v=DqJ0kF1_oL0, entrevista disponível no endereço em dois blocos.

2 METODOLOGIA

... tendemos a falar como aquelas pessoas com quem mais falamos

(GUY, 2001, p.4).

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo traz explicações de como o cenário metodológico foi construído para estudar e descrever as formas pronominais das séries **TU** e **VOCÊ** na fala popular em SJC-SP. Assim, noções relacionadas à língua, sociedades e padrões sociais e comportamentais farão parte das discussões sobre os conceitos de Comunidades de Fala (CsFal.) e Comunidades de Prática (CsPrát.) que, por sua vez, têm o objetivo de caracterizar a cidade de SJC-SP como uma CF que acolhe variados grupos sociais sob uma visão mais ampliada desses conceitos originados a partir de trabalhos labovianos. Além desses conceitos, trarei informações sobre o município de São José dos Campos – SP e, com base em Moreno Fernández (2012), descreverei a proposta metodológica adotada nesta pesquisa para realizar Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs). Essa metodologia a ser apresentada no decorrer deste capítulo teve o propósito de capturar fatos linguísticos relacionados às formas pronominais de segunda pessoa do singular já que dados dessa natureza interlocutiva são menos utilizados em narrativas pessoais. Desse modo, coletei na cidade de SJC-SP dados de fala popular em três CsPrát. distintas por graus de formalidade. Além disso, o capítulo abordará a descrição de aspectos metodológicos sobre as entrevistas coletadas e entrevistados, trará o levantamento e a codificação dos dados de fala coletados nas CsPrát. consideradas, e posteriormente tratamento dos dados com índices estatísticos fornecidos pelo Pacote Estatístico Goldvarb X (capítulo 4).

2.1 COMUNIDADE DE FALA – reflexões sobre diferentes realidades sociais

Nesta seção procurei refletir sobre o conceito de Comunidade de Fala (CF) a partir de discussões feitas por vários pensadores. Assim, buscarei alcançar o objetivo de definir esse conceito CF, de modo mais amplo, para aplicá-lo em realidades sociais diversas e atuais, já que cidades, de modo geral, alteram sua configuração populacional e comportamental no decorrer dos tempos (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013).

Alguns autores promoveram discussões com o intuito de conceituar *Comunidades de Fala*, *Comunidade Linguística*, *Comunidade Social* e *Comunidade Comunicativa*. Através de noções como os de competência linguística e domínios de experiência humana (ROMAINE, 1994; SOARES, 2002), esses pesquisadores, além de outros, serão abordados com o propósito de caracterizar a cidade de SJC-SP como anterior aos falantes que nela vivem e convivem. A partir dessa noção temporal da constituição de cidades, baseada em discussões de Moreno Fernández (2012), posso dizer que a cidade de São José dos Campos-SP é uma grande CF por acolher vários segmentos sociais, grupos distintos e criar CsPrát. em razão de suas necessidades como município. Nesse sentido, como tudo relacionado a práticas humanas não pode ser concebido de maneira estanque e sem movimento, Weinreich, Labov e Herzog ([1967] 2006) rompem com a tradição estruturalista que concebia a língua como abstrata, homogênea e existente “por si mesma e em si mesma”, excluindo, dessa maneira, a sociedade de discussões sobre o sistema linguístico (SAUSSURE, 1995). Desse modo, esse trio de pesquisadores concebeu *a língua* como inerentemente heterogênea e variável na medida em que atributos sociais identificam *o indivíduo* como membro de determinada CF (LABOV, [1972] 2008) fazendo-o escolher e usar formas linguísticas disponíveis no sistema linguístico de sua cidade, grupo ou comunidade social de sua convivência.

Para lidar com variação linguística, Labov ([1972] 2008) recorta a sociedade em CF, método adotado para identificar o falante como membro pertencente ou não a determinado grupo social. Nesse sentido, dada a minha dificuldade em classificar falantes populares por mim observados sob o prisma de um conceito pouco flexível, abordarei definições extraídas do dicionário Houaiss (2001) para refletir sobre essa noção laboviana. Em termos gerais, o dicionário traz a ideia de *noções comuns relacionadas a diversos indivíduos que formam grupos; comunhão; traços de união que levam dado grupo a manifestar comportamento comum*. Na medida em que o olhar dos dicionaristas restringe conceitos, eles afunilam também as acepções associadas a grupos sociais. Assim, Comunidade Linguística (CL) tem significações diversas:

1. ling⁶⁰ conjunto de indivíduos que utilizam um mesmo idioma. 2. agrupamento de pessoas que usam num período específico do tempo, usam a mesma língua ou o mesmo dialeto; essa comunidade pode coincidir com uma nação, se esta for monolíngue, ou pode ser o conjunto de povos que têm uma língua em comum (p. ex.: os lusófonos constituem uma comunidade linguística), ou grupos regionais, profissionais etc. 3. C. Sociocultural soc⁶¹ conjunto de indivíduos que, em razão de fatores de natureza social (geográficos, históricos, culturais, raciais etc.), têm em comum certas características que os distinguem de outros grupos no mesmo meio e na mesma ocasião. (HOUAISS, A. 2001, p.782).

⁶⁰ Ling – abreviação de linguística usada pelo dicionário.

⁶¹ Soc – abreviação de sociologia empregada pelo dicionário.

Tomando por base esses conceitos, CL seria um grupo de pessoas que possui uma língua ou um idioma comum como, por exemplo: Brasil e Portugal. Esses países têm o idioma português como instrumento de comunicação comum. Além disso, esse conceito abrange também o aspecto sociocultural que distingue certo grupo de outros do mesmo meio ou ocasião. Essa situação pode ser exemplificada pela comunidade chinesa instalada em SJC–SP, por exemplo. Esses chineses compartilham línguas como *mandarim* e/ou *cantonês*. Mesmo que esses falantes estejam instalados em terras brasileiras cuja língua é o português, essa situação bilíngue distingue os dois grupos em: *orientais* (chineses falantes do mandarim ou do cantonês) e *brasileiros*. Entretanto, os dois grupos se comunicam na língua comum e corrente no país: *o português*.

Romaine (1994), por sua vez, distingue CF de CL como pode ser observado no excerto de texto transcrito a seguir:

A comunidade de fala é um grupo de pessoas que não necessariamente compartilha a mesma língua, mas compartilha um conjunto de normas para o uso da língua. As fronteiras entre comunidade de fala são essencialmente sociais mais que linguísticas (ROMAINE, 1994, p.22).⁶²

Nesse sentido, essa perspectiva da autora chama a atenção para padrões sociais que interagem com limites linguísticos e comportamentais. Assim, CF⁶³ e CL não compartilham da mesma noção, já que Brasil e Portugal participam da mesma CL por falarem *Português*, mas são CsFal. distintas porque não compartilham as mesmas atitudes sociais em relação às variantes linguísticas, entre outras diferenças como regras de uso, aspectos discursivo-pragmáticos etc.⁶⁴ Isto quer dizer que CL pressupõe a divisão de fronteiras territoriais cuja população pode compartilhar o uso de *um mesmo idioma* ao passo que CF possui noção abrangente e amplificada. Essa situação possibilita discutir a noção de Comunidades de Fala encaixadas, isto é, uma comunidade de falantes dentro da outra nos termos de Guy (2001). Para esse autor:

Primeiro, a comunidade é definida pelo fato de existir uma língua em comum nela usada; mas, ao mesmo tempo, a variedade da língua usada na comunidade é distinta, pelo menos em alguns traços, das variedades usadas em outras comunidades. Esta parte da definição nos ajuda a distinguir as fronteiras externas da comunidade. Por exemplo, os limites externos da comunidade de fala carioca serão definidos, em

⁶² A speech community is a group of people who do not necessarily share the same language, but share a set of norms for the use of language. The boundaries between speech communities are essentially social rather than linguistic (ROMAINE 1994, p. 22). A tradução do inglês para o português foi minha, livre.

⁶³ Por Labov ([1972] 2008): *speech community*.

⁶⁴ A mesma observação vale para o espanhol (ou para os espanhóis) falado na Espanha e na Argentina, por exemplo. Ambos os territórios fazem parte da mesma CL, isto é, esses países compartilham o mesmo idioma *o espanhol*, mas divergem quanto ao compartilhamento de *mesmas normas* e *atitudes linguístico-sociais* porque pertencem a Comunidades de Fala distintas.

parte, pela extensão do uso de traços como a pronúncia chiente do – s final e outros traços do falar carioca.

Segundo, a comunidade é caracterizada por uma densidade de comunicação interna relativamente mais alta do que a densidade externa. Ou seja, falantes em uma comunidade tendem a falar com outros falantes da mesma comunidade mais do que com pessoas de fora. Por exemplo, quem mora em Fortaleza normalmente vai ter mais chance diária de se comunicar com outros moradores de Fortaleza do que de falar com habitantes de Florianópolis ou Manaus ou Lisboa. Além disso, normalmente vão se comunicar mais com pessoas do mesmo bairro do que com pessoas de outros bairros. (GUY, 2001, p.4).

Sob esse prisma, o que mantém a coerência linguística entre os falantes é *a comunicação intensiva* como defende o autor; já “a falta de contato linguístico entre uma comunidade e outra é o que permite o desenvolvimento de diferenças linguísticas. Para simplificar tendemos a falar **como** aquelas pessoas **com quem** falamos mais” (GUY, 2001, p. 4). Essas noções de *comunicação intensiva* e *diferenças linguísticas* discutidas por Guy (2001) podem ser reconhecidas em Labov ([1972] 2008, p.188) no que se refere ao comportamento linguístico de certo grupo social:

uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua. Neste sentido, falantes mais velhos e mais jovens da cidade de Nova York pertencem a comunidades de fala ligeiramente diferentes, com uma descontinuidade bem distinta para aqueles nascidos em meados dos anos 1920. (LABOV [1972] 2008, p.188).

Labov, nessa passagem, refere-se ao seu estudo das pronúncias do /r/ na cidade de Nova York (1966) na qual grupos de pessoas mais velhas pronunciavam o /r/ pós-vocálico (*floor*) de maneira aspirada (mais fraca) marcando negativamente esse comportamento; já entre os mais jovens a tendência era contrária, isto é, pessoas dentre a faixa etária mais jovem pronunciavam o /r/ de modo mais forte (retroflexo)⁶⁵, marcando positivamente esse comportamento sonoro rumo à uma diversidade linguística maior entre os respectivos subgrupos. Na escala social (faixa etária e identificação com a norma-padrão da cidade) os grupos *jovens* x *mais velhos* marcavam comportamentos distintos denotando que um grupo compartilhava um conjunto comum de normas linguísticas distintas do outro, trazendo como consequência a noção de pertencimento a CsFal. de fala distintas ou CsFal. encaixadas dentro de outra conforme defende Guy (2001) em termos **a)** fronteiriços (território, distância entre bairros), **b)** intensivos (frequência de contato) e **c)** de extensão (noção radial de usos) de dada variedade linguística. Assim, quais critérios dariam conta de conceituar uma determinada CF?

Labov ([1972] 2008), ao estudar grupos étnicos na ilha de Martha's Vineyard (1963), inaugura procedimentos metodológicos para sistematizar a heterogeneidade na língua a partir da

⁶⁵ O mesmo /r/ do caipira brasileiro: do **R**; po**R**ta, por exemplo.

estratificação social de grupos. Assim, para delimitar o conceito de CF, esse mesmo indivíduo somado a vários outros do mesmo grupo social compartilharia *as mesmas normas e atitudes sociais*, que, por conseguinte, são caracterizadas por níveis *socioeconômicos, faixa educacional e etária, ocupação, diferenças étnicas, juízos de valor e avaliação do falante* diante de *variantes empregadas* em certa localidade. Essa perspectiva de dividir a sociedade em agrupamentos sociais pode ser compreendida pelo esforço do empreendimento laboviano em romper com a concepção estruturalista em relação à língua em uso (produto) e sociedade (força produtora). O modelo da sociolinguística relaciona *língua heterogênea* à *sociedade* através de sua função: *a língua serve como meio de comunicação* e, por isso, ela é *produto social* e, ao mesmo tempo, expressa a cultura de determinado local que está diretamente associada *a fatores sociais*. Esses fatores sociais impulsionariam mudanças linguísticas para o equilíbrio ou estabilidade de usos (LABOV, 2010) e, desse modo, Labov ([1972] 2008) concebe a língua como *um conjunto estruturado por normas sociais*, compartilhadas por membros de determinados grupos, e que, de certa forma, possuem *as mesmas atitudes e as mesmas normas* diante da língua que usam a depender de circunstâncias e modos de vida.

A exemplo desse contexto variante de formas faladas, a pronúncia centralizada dos ditongos /ay/⁶⁶ em palavras como: *right, white, wine, wife* etc e ditongo /aw/ em palavras como *house, out, doubt* etc. permitiu ao pesquisador observar a fala cotidiana de Martha's Vineyard. Assim, parte dos falantes assumia uma atitude favorável à ilha, já as pronúncias não centralizadas foram consideradas pelo autor atitude desfavorável. Para Calvet (2002) e Camacho (2013), há problemas em relação a essa visão metodológica bipartida da sociedade utilizada por Labov ([1972] 2008) pelo fato de generalizar variação e parâmetros sociais previamente estabelecidos (escolaridade, sexo, idade, ocupação, diferenças étnicas). Não à toa que trabalhos sociolinguísticos sempre medem a influência de fatores sociais sobre determinado fenômeno investigado. Essa solução metodológica laboviana considerou que determinada escolha (uma das variantes e não outra variante) definiria a localização do falante em dada dimensão social, ou seja, esse falante se identificaria ou com o grupo dos *favoráveis à ilha* ou com grupo dos *não favoráveis ao local*.

Contudo, Calvet (2002) problematiza essa situação se questionando se realmente todos os falantes que centralizavam os ditongos eram realmente favoráveis ao local e se todos os falantes que não centralizavam os ditongos eram não favoráveis à ilha. Esse *problema da biunivocidade*

⁶⁶ Pronúncia próxima de /e/.

leva à uniformização do desempenho interpretada pelas frequências de uso (método objetivo que mede a realização e não realização de determinadas variantes linguísticas em uso). Nesse sentido, “a língua diria algo sobre a sociedade ou a sociedade diria algo sobre a língua?” (CALVET, 2002, p.114). Para esse autor não está clara a definição de CL ou CF elaborada por Labov (*op cit*) por ela priorizar somente *a língua*, não *a comunidade* que a produz. Na tentativa de buscar definições, Calvet (2002, p.115-116) traz vários conceitos elaborados por pensadores ao longo de décadas como mostra o quadro a seguir:

Quadro 8: Reflexões e conceitos sobre comunidade de fala.

PENSADORES	CONCEITO
BLOOMFIELD 1970	“Uma comunidade linguística é um grupo de pessoas que age por meio do discurso” (p. 70 <i>apud</i> CALVET, 2002, p.115), concebendo, por conseguinte, que falantes de dada CL poderiam falar de modo semelhante ou poderiam se distanciar a tal ponto de não se compreenderem.
MARTINET 1964	“A língua existe desde que a comunicação se estabelece (...) e que cabe a uma só e mesma língua enquanto a comunicação é efetivamente assegurada” (p.148 <i>apud</i> CALVET, 2002, 116).
FERGUSON 1959	“Em muitas comunidades linguísticas, duas ou mais variedades da mesma língua são utilizadas por determinados falantes em condições diferentes” (<i>apud</i> CALVET, 2002, p.116).
LABOV 1976⁶⁷	CL não como “um conjunto de falantes empregando as mesmas formas”, mas como “um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua” (<i>apud</i> CALVET, 2002, p.116).

Fonte: adaptado de Calvet (2002, p. 115-116).

As definições mencionadas por Calvet (2002) tentaram conceituar língua para, então, definir o grupo que fala determinada língua. Por isso, o autor pergunta: “*uma comunidade linguística é constituída de pessoas que têm a mesma primeira língua?*” (CALVET, 2002, p.117). No Brasil, por exemplo, há brasileiros e chineses que convivem e compartilham o mesmo território nacional (uma cidade), mas, por vezes, não compartilham *o mesmo idioma*, perfazendo, duas comunidades linguísticas distintas, apesar de compartilharem usos comuns do *português falado*. Vale dizer que esses dois grupos – brasileiros e chineses – são distintos, mas são membros de uma mesma CF, situada em uma mesma cidade e, por sua vez, desenvolvem cotidianamente suas *competências linguística e discursiva* aplicadas ao PB, já que esses dois grupos de falantes lidam com graus de dificuldade para o entendimento do português falado. Nessa perspectiva, CF abrigaria comunidades linguísticas diferentes, isto é, uma língua diferente da outra como, por exemplo, português e cantonês falados em terras brasileiras.

⁶⁷ Texto citado por Calvet (2002: 116). Sociolinguistique, Paris, Éd. De Minuit, 1976.

Nesse sentido, o que afinal distinguiria uma CF da outra? Para Severo (2007; 2008), o conceito CF se apoia em três âmbitos distintos do conhecimento: *sociais* (DELL HYMES, 1972⁶⁸; GUMPERZ, 1996); *psicológicos/identificatórios* (LA PAGE, 1968; WARDHAUGH, 2002) e *linguísticos* (GUY, 2001). Elenco abaixo as diferentes acepções sobre esse tema discutidas por Severo (2007; 2008):

Quadro 9: Diferentes percepções sobre o conceito de comunidade de fala

AUTORES	ÂMBITO	TENTATIVAS CONCEITUAIS
DEL HYMES 1972	Social	“uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de pelo menos uma variedade linguística”. Além disso, o autor admite a participação do indivíduo em várias Comunidades de fala, tornando sua participação na sociedade mais fluida.
GUMPERZ 1996	Social	CF é conceituada em razão da diversidade linguística constituída a partir de uma variedade de redes de socialização. A essas redes estão associados padrões e usos linguísticos. “Se os significados residem em práticas interpretativas sociais nas quais o indivíduo está socializado, então as unidades ‘cultura’ e ‘língua’ - não são as nações, os grupos étnicos ou algo parecido ... ao invés, são redes de indivíduos em interação” (1996: 11 <i>apud</i> Severo 1997, 145; 1998, p.3).
LA PAGE 1968	Psicológico/identificatório	Cada indivíduo cria o sistema para o seu comportamento verbal de forma que a língua falada possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o(s) qual (quais), de tempos em tempos, esse indivíduo queira se identificar, na medida em que: “(a) ele possa identificar os grupos; (b) ele tenha tanto oportunidade como habilidade em observar e analisar seus sistemas comportamentais; (c) sua motivação é suficientemente forte para impeli-lo à escolha e para adaptar seu comportamento de acordo; (d) ele seja capaz de adaptar seu comportamento” (Hudson 1996 <i>apud</i> Severo 2007, p.146 ; 2008, p.3).

⁶⁸ Hymes (1972) é citado por Figueroa (1994) citada por Severo (2007; 2008).

AUTORES	ÂMBITO	TENTATIVAS CONCEITUAIS
WARDHAUGH 2002	Psicológico/identificatório	O indivíduo pode pertencer a diversas comunidades de fala. Para o autor há uma relação entre o processo identificatório e psicológico à CF, sendo esta considerada fluida e dinâmica. O autor delimitou CF pelos aspectos individuais considerando que a heterogeneidade está localizada na comunidade já que o falante circula por diversas comunidades de fala e pode pertencer a diversas delas, identificando-se com uma e outra, conforme as circunstâncias.
GUY 2001	Linguísticos: critérios	(i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; (ii) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; e (iii) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Para o autor, “uma comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se mais entre si do que outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem”, portanto, há comunidades de fala entre outras (GUY, 2001).

Fonte: adaptado de Severo (2007; 2008).

Percebe-se que os conceitos associados a âmbitos *sociais, psicológicos e identificatórios* estão mais voltados para o conceito de *Redes Sociais (RS)*; já os linguísticos estão voltados para os *efeitos de mudança* provocados por *fatores sociais* refletidos em CsPrát. (LABOV, 2010). Todos esses autores, de algum modo, tentam se aproximar do conceito de CF elaborado por Labov ([1972] 2008), mas sem conseguir definir o termo devido à abrangência e complexidade de seus significados.

Severo (2007, 2008), por sua vez, problematiza o *lôcus da heterogeneidade linguística*. Onde a *heterogeneidade linguística* se localiza? Na língua? Na CF? A autora defende que o *lôcus da heterogeneidade* está na CF já que sujeitos tendem a circular por vários setores sociais existentes na sociedade. Assim, a pesquisadora conclui que analistas preferem recortar a noção de CF para noções menos abrangentes como as de Rede Social (RS) ou Comunidade de Prática (CP) por delimitarem com mais precisão os *grupos sociais* sob análise. Isto quer dizer que *análises microssociais* recobririam melhor a multiplicidade de interações existentes entre atores sociais diversos em dada CF do que a noção generalizada de CF defendida pela concepção laboviana. Para ilustrar melhor essa noção de CF, segue o conceito elaborado por Labov ([1972] 2008, p.150):

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativos,

e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso.

O autor supracitado associa a ideia de mesmas normas compartilhadas às avaliações linguísticas dos indivíduos, à uniformidade de juízos e ao comportamento dos indivíduos que estão situados em dada CF, excluindo, por sua vez, os níveis particulares de uso que seriam as práticas linguísticas individualizadas. Na verdade, essa exclusão da fala individual dos estudos sociolinguísticos parece ser um pouco estranha já que Entrevistas Sociolinguísticas (ES) tradicionais são realizadas a partir de um entrevistado. Como mencionado, para romper com a tradição do pensamento estruturalista calcado na centralidade homogênea da língua (*langue*) – um sistema linguístico existente virtualmente na mente do falante – o estudo da língua poderia ser realizado apenas com um único indivíduo (falante ideal). Labov, então, conceituou CF sob bases atitudinais comuns e avaliações linguísticas que levam a certa homogeneidade comportamental, dado o seu recorte metodológico para estudar variação linguística dentro da sociedade que a produz.

A metodologia laboviana identificou características das manifestações linguísticas de um certo grupo social, tornando o indivíduo particular em “um certo tipo social”. Assim, *a heterogeneidade* é natural das línguas, mas não é da CF, segundo a interpretação de Severo (2007; 2008). Para essa autora, Labov inverte o princípio metodológico dos estudos linguísticos até então seguidos pelo prisma estruturalista. Desse modo, enquanto Saussure pressupõe *homogeneidade da língua* e *heterogeneidade social* (*parole* – o caos linguístico), Labov concebe *homogeneidade* na CF porque sua definição está calcada “nas mesmas atitudes e avaliações linguísticas dos indivíduos que praticam a mesma língua”, realçando, por conseguinte, a ideia de padrões e/ou modelos sociolinguísticos reproduzidos por grupos sociais mais homogêneos. Sob esse ponto de vista, *a heterogeneidade* é característica de todas as línguas como estrutura linguística abstrata que contém elementos variáveis e, por isso, é possível para o falante escolher certos itens em detrimento de outros (escolhas paradigmáticas exibidas no plano sintagmático). Nesse sentido, se todos os falantes populares entrevistados por mim em SJC-SP variarem as formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU** da mesma maneira, esse modelo pronominal se caracterizará como relativamente mais homogêneo pelo fato de todos os falantes praticarem essa mesma regularidade linguística. Isto que dizer que nessas CsPrát. pode haver variação entre as formas relacionadas às séries pronominais **VOCÊ~TE**, por exemplo, embora o padrão de alternâncias seja mais homogêneo e regular, utilizado por todos os falantes do mesmo modo. Nesse sentido, dois aspectos são relevantes para a compreensão da

variação na língua em CsFal. de acordo com a concepção laboviana: **a)** a fala individual e do conjunto de falantes são reflexos de padrões linguísticos adotados por seus respectivos grupos sociais e **b)** a heterogeneidade é característica da língua, não propriamente da CF que a usa.

Assim, a Sociolinguística não se interessa apenas pela fala de *um indivíduo* (falante idealizado cuja língua abstrata e homogênea estaria em sua mente virtual), mas pela fala de vários indivíduos mesmo que coletas de dados sejam realizadas de modo individualizado conforme orienta a metodologia laboviana no que se refere a entrevistas sociolinguísticas. Entretanto, essa estratégia metodológica individualizada para colher dados linguísticos acabou extraindo do falante sua importante função: a de *ator social* e *agente de suas atitudes* em relação a outros interactantes, sejam eles pertencentes a um ou a outros grupos sociais (CALVET, 2002). Esse deslocamento do falante como *agente social* e *senhor de si* está mais vinculado às mobilidades que certo indivíduo faz em razão de seus interesses e contatos que estabelece através de RS e CsPrát., pois, conforme defende Severo (2007; 2008), o falante em sociedade não vive isolado; ele interage com outros pares “iguais ou não” a ele na medida em que seus interesses se identificam ou não com grupos humanos. Esses grupos humanos são situados em “domínios linguísticos distintos” ou “domínios distintos da experiência humana”, como, por exemplo, áreas relativas à economia, administração, cultura, política, religião, reuniões escolares etc. (ROMAINE, 1994).⁶⁹

Essa percepção de “domínios da experiência” como abordou Romaine (1994) poderá ser particularizada a depender de certo grupo social pertencente a determinado estrato social. Assim, reuniões entre familiares, grupos de amigos, festas comunitárias, aniversário, casamento etc. denotam também “domínios da experiência humana” que, por sua vez, são praticados em CsPrát. Isto quer dizer que, independente de níveis de escolaridade, falantes cultos ou não desenvolvem competência linguística, reflexiva, adaptativa e opinativa sobre fatos sociais relativos às suas vivências e expectativas em relação a trabalho, renda, educação, aquisições materiais etc. Além disso, os indivíduos na medida em que se reúnem para realizar *propósitos comuns* também praticam e moldam a língua que lhes serve diariamente, construindo, assim, CsPrát., condicionadas, muitas vezes, por jogos de poder e hierarquias sociais (faixa etária,

⁶⁹ Nesse sentido adaptativo de comportamentos e experiências humanas, o modelo de investigação da Sociolinguística Laboviana passou e passa por vários processos de mudança. Por isso, a importância de se adotar novos olhares para ampliar discussões no que se refere a comportamentos linguísticos e sociais atuais, sobretudo, quanto à noção de *competência linguística* que se refere ao entendimento de regras linguísticas como fonética e fonologia, léxico-gramaticais, aspectos semânticos e pragmáticos associadas ao uso cotidiano da língua a situações apropriadas. Assim, grupos sociais constroem “domínios da experiência humana” como defende Romaine (1994, p.24-29).

divisões entre funções, cargos de chefia, patrões e empregados, hierarquia entre subordinados etc.), conforme será abordado mais adiante.

Vale dizer que essas situações acabam provocando contatos diversos e, por isso, “assimetrias linguísticas” ocorrem, pois falantes *populares* e *cultos* (LUCCHESI, 2004; ARAÚJO, 2014) conversam em muitas situações (feiras, bares, restaurantes, ruas, universidades, filas em bancos, em conversas com patrões e empregados etc.). Desse modo, em uma agência bancária brasileira, por exemplo, pressupõe-se que trabalham, além de bancários (funcionários: atendentes e gerentes etc.), agentes de limpeza e manutenção predial. Isto quer dizer que todos esses usuários do PB pertencem a camadas sociais distintas, alguns deles, inclusive, podem ser oriundos de outras regiões do país, mas, nem por isso, conversas corriqueiras entre falantes *populares* e *cultos*, sejam eles conhecidos entre si ou não, deixam de ocorrer em distintas esferas sociais existentes no país. Nesse sentido, para Figueroa (1994 *apud* SEVERO, 2007; 2008) não há como sustentar que a língua heterogênea está na CF se a metodologia não é adequada. A língua, por si só, seria extraída de apenas um indivíduo em particular e seu comportamento linguístico estaria determinado pela situação ou registro (Entrevista Sociolinguística, por exemplo) e pelo grupo social ao qual pertence (família ou grupo de trabalho) esse mesmo indivíduo. Essa postura corrobora a posição de Romaine (1994) que defende *a heterogeneidade da língua na CF como um fato social compartilhado* conforme mencionei anteriormente. Para essa autora, mudanças linguísticas não afetam de igual modo toda a CF, antes são manifestações locais e individuais nas quais certos grupos as moldam a partir de suas necessidades, propósitos comunicativos e interesses de cada falante. Conforme Romaine (1994), os falantes interagem e podem se relacionar com diferentes grupos sociais e, por isso, assumem características linguísticas diferenciadas por estar em jogo valores sociais diversos e interesses. Esses valores sociais são atribuídos às variantes de modo diverso, trazendo como consequência variabilidade quanto à identidade individual e grupal, pois identidades sociais não são fixas, elas são adaptáveis às circunstâncias e a momentos vividos (SEVERO, 2008). Além disso, segundo as reflexões de Severo (2008), que, por sua vez, concorda com as discussões de Romaine, diferentes CsFal. e fatores sociais discrepam em diferentes graus, isto é, a relação interdependente entre condicionadores externos e internos à língua de dada CF pode não ser igual de uma comunidade para outra em razão de fronteiras sociais peculiares que cada local pode ter.

Nesse sentido, apresentei as discussões acima para enfatizar a importância de se observar grupos sociais diversos a partir de uma noção ampliada de CF assim como fez Moreno Fernández (2012). O autor aplicou interfaces teórico-metodológicas sociais, funcionais e

sociocognitivas e as relacionou à *realidade social* e à *percepção de falantes*. Assim, o pesquisador defende que *entornos naturais* e *socioculturais* são cenários de uso de certa língua e podem ser percebidos pelos falantes de modo diversificado (ou não), incluindo *subjetividade humana*. O estudioso postula ainda que Labov entre outros pesquisadores, durante a segunda metade do século XX, tiveram *a noção consensual* como um dos fundamentos para associar *língua, sociedade e realidade sociocultural*. Nas palavras do autor:

As teorias sobre consenso consideram que as normas e valores comuns são fundamentais para a sociedade e que a ordem social embasada em acordo tácito provoca trocas sociais lentas e ordenadas. Este consenso alcança também a língua porque a conduta linguística responde ao seguimento de normas que afetam a todos os falantes por pertencerem a uma comunidade ou a um grupo. (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p.44).⁷⁰

Para Moreno Fernández (2012), Patrick (2004) tenta amenizar o embate de ideias no que se refere às propostas de consenso de Labov ([1972] 2008) e de contraste debatidas por Romaine (1994). Essas categorizações conceituais, segundo Moreno Fernández (2012), não podem ser rígidas porque dependerão da visão do analista que se aventurar a se debruçar sobre questões relativas à certa CF e grupos específicos nela existentes. Assim, esse mesmo autor traz à baila “las teorías del conflicto” – de fundamento marxista, segundo o autor – que concebem o predomínio de alguns grupos sociais sobre outros e explicam a ordem como consequência da manipulação e controle por parte dos grupos dominantes sobre dominados. Essas interpretações sobre realidades sociais e linguísticas devem estar como ideais complementares quando se objetiva estudar certa CF, principalmente, nos dias atuais, já que as cidades brasileiras, através dos tempos, atraem cada vez mais pessoas de ambientes rurais para contextos urbanos supostamente “mais desenvolvidos” ou em desenvolvimento, embora, muitas vezes, grupos humanos obedeçam ao ritmo desenfreado de desenvolvimento na ânsia de conquistar melhores condições de vida longe de seu lugar de origem. Essa atitude, porém, nem sempre resulta em melhores condições de vida de determinado segmento social conforme defendeu Rodrigues (1987).

Nesse aspecto, interpretação interessante têm Cezário e Votre (2010, p.147-148) sobre CF baseados na concepção laboviana:

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças, entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades

⁷⁰ Las teorías del consenso consideran que las normas y valores comunes son fundamentales para la sociedad u que el orden social se basa en un acuerdo tácito que provoca que los câmbios sociales sean lentos y ordenados. Este consenso alcanza también a la lengua, dado que la conducta lingüística responde al seguimento de normas que afectan a todos los hablantes por su pertinencia a uma comunidad a um grupo (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p.44) – tradução livre minha.

organizam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo. Dependendo do número de traços que as pessoas compartilham, e da intensidade da convivência, podem constituir-se subcomunidades linguísticas, a exemplo dos jornalistas, professores, profissionais da informática, pregadores e estudantes.

Sob esse ponto de vista conciliatório, *normas, comportamentos sociais coletivos e individuais* determinam traços comuns a depender da composição dos grupos sociais. Assim, motivadores como *sexo, idade, escolaridade, lazer, equipes de trabalho* etc podem influenciar na prática linguística de falantes. Nesse sentido, a comunidade é, obviamente, comunicativa, pois *os entornos intercomunicativos e socioculturais* categorizam o todo de determinada cidade. Dessa maneira, para Moreno Fernández (2012, p.46), *a cidade* é o conceito que mais se aproxima de CF, pois nela há diversos grupos sociais que compartilham de uma maneira ou de outra conduta semelhante perante a mesma língua. Assim, o autor, com base em Labov (1972), conceitua CF do seguinte modo:

Comunidade de fala se refere a um agrupamento de falantes que compartilha uma variedade linguística (ao menos), algumas regras de uso, assim como algumas atitudes e alguns valores de formas linguísticas. Desse ponto de vista metodológico a cidade é a entidade social que melhor corresponde ao conceito comunidade de fala [...].⁷¹

Fundamentada nas discussões sociais e cognitivas de Moreno Fernández (2012), penso que o conceito que melhor define CF é *a cidade* justamente ela acolher grupos sociais distintos e diversos que, por sua vez, compartilham de uma mesma língua comum o Português, independente se esses munícipes falam outras línguas ou não, se são oriundos da cidade ou não, se pertencem à mesma classe social ou não, ou se falam variedades distintas do PB (culto e popular, variedade sulista ou nordestina). A cidade é vista como um grupo de falantes que interage e usa a língua. Isto me permite dizer que falantes na cidade de São José dos Campos-SP, por exemplo, de um modo ou de outro, compartilham a mesma língua: o PB e suas variedades. Além disso, grande parte das cidades brasileiras foi constituída em épocas anteriores aos falantes que nela vivem, habitam e transitam⁷², permitindo, assim, que usuários da língua usem comportamentos já convencionalizados na cidade e, conseqüentemente, em setores sociais distintos e diversos nos quais pessoas falam variedades do PB como *um continuum da língua em uso*, sejam essas variedades mais formais ou não, sejam elas populares ou não (LUCCHESI, 2004).

⁷¹ Tradução livre do espanhol minha.

⁷² Nesse sentido, penso que a língua é construída por falantes que trazem experiências anteriores mesmo que esses falantes inaugurem uma nova cidade, um novo município, sempre há traços e comportamentos anteriores ao seu ponto de partida para que continuem o sistema podendo introduzir novidades.

Sob esse ponto de vista, grupos sociais se formam na medida em que possuem propósitos diários comuns e, assim, esses grupos podem ser concebidos como CsPrát. nas quais falantes populares empregam padrões pronominais relacionados à segunda pessoa do singular para tratarem uns aos outros, “iguais linguísticos e sociais” ou não. Nesse sentido, esses falantes fazem suas escolhas tratamentais diante de seus “iguais linguísticos e sociais” e diante de “não iguais linguísticos e sociais”. Um indivíduo, por exemplo, pode estar ligado a vários grupos sociais e, desse modo, esse falante constrói sua Rede Social particularizada, isto é, na medida em que esse falante mantém contato com diversos grupos distintos, ele estaria em rede por representar um ponto ligado a diversos outros pontos (grupos distintos e diversos). Esses diversos outros pontos podem também ter pontos em comum configurando, assim, Redes Sociais (MILROY, 2004).

2.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA E REDES SOCIAIS – o lugar de práticas interacionais

Como um dos objetivos desta pesquisa sociolinguística foi investigar “a mistura pronominal” relacionada à segunda pessoa do singular em uso na fala popular de São José dos Campos – SP, verifiquei que havia a possibilidade de recortar grupos sociais humanos de modo diferente do conceito laboviano sobre CF conforme conceito já exposto. Assim, baseada em Eckert (2012) e Meyerhoff (2004), os partícipes dialogais da situação ESSDs⁷³ pertencem a grupos sociais de trabalho que se reúnem com o objetivo de realizar tarefas cotidianas. Esses falantes têm por hábito frequentar ambientes conversacionais com *dois*, *três* ou *mais interactantes* “iguais sociais e linguísticos” e/ou “não iguais linguísticos e sociais”. No desenvolver dessas ESSDs, além da presença da documentadora e de outros espectadores “iguais linguísticos e sociais” (não partícipes dialogais), havia os populares entrevistados, colaboradores livres desse estudo sociolinguístico relacionado a padrões pronominais de segunda pessoa do singular (**P2**) em uso em CsPrát.

Minha pesquisa em CsPrát. surgiu em razão de dificuldades que obtive em coletar dados de fala espontânea em casas, bairros, etc.⁷⁴ Em geral, moradores do Vale do Paraíba são pessoas

⁷³ Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs).

⁷⁴ Tentei várias abordagens de em bairros, casas, vizinhanças, mas não houve abertura que eu, documentadora, entrevistasse pessoas em suas casas. Outra tentativa foi eu me aproximar de membros de igreja, localizada em comunidades na periferia de SJC-SP, mas dessa aproximação também houve resultados positivos porque as pessoas estranhavam minha presença nos locais já que eu não era moradora da comunidade e frequentava esse lugar uma ou duas vezes por semana. Em geral, as entrevistas, nessas comunidades, caracterizavam-se por respostas curtas sem o envolvimento que conversas comuns teriam. Por isso, desisti de colher dados de fala em

desconfiadas, retraídas e quietas, características de entornos mineiros. Dessa maneira, procurei ajuda de amigos e conhecidos para coletar entrevistas em diversos setores sociais espalhados pela cidade de SJC-SP. Assim, esses falantes populares por estarem concentrados em ambientes restritos de trabalho (universidade, escola, prédios públicos, áreas verdes) pertencem a grupos operacionais distintos, pois, na maioria desses estabelecimentos, *mulheres* são direcionadas para a limpeza de prédios; *homens* são deslocados para jardinagem e serviços de manutenção predial. Já na empresa – urbanizadora municipal - responsável pela limpeza da cidade, *homens* e *mulheres* trabalham na mesma função: varrição de ruas e praças, embora a atividade de limpeza seja individual, isto é, para cada ‘agente ecológico’ – garis – há um certo trecho de área urbana que deverá ser limpo em determinado tempo. Esse tempo é estipulado previamente pelo gerente operacional da empresa urbanizadora em questão.

Esclarecidas essas características desses grupos de trabalho compostos por populares, o conceito que mais se aproximou para caracterizar os falantes populares, partícipes livres desta pesquisa, foi o de CsPrát., pois esses grupos constituídos de *trabalhadores braçais*, representantes de grande parte da população brasileira cuja renda é baixa, reúnem-se cinco dias da semana ou seis, durante oito horas diárias, para realizarem tarefas comuns do seu universo de trabalho: *serviços de manutenção e limpeza prediais, jardinagem etc.*

Nesse sentido, práticas dialogais necessariamente envolvem mais de um falante e, por isso, para obter dados de natureza dêitica relacionados à segunda pessoa do singular, tópicos (assuntos) sobre o cotidiano desses populares foram eleitos para que conversas fluíssem com mais colaboração, empatia e identificação com fatos vivenciados por esses populares entrevistados por uma documentadora desconhecida e não oriunda da cidade de São José dos Campos-SP. Assim, certos assuntos foram, muitas vezes, específicos do campo de atuação profissional desses populares, embora houvesse outros momentos da interação que envolvessem temas de ordem pessoal. Desse modo, aspectos emocionais também se manifestaram. Exatamente por haver todos esses assuntos de naturezas distintas (profissional e pessoal) que o modelo da Sociolinguística Laboviana se enquadra neste trabalho, pois o interesse maior dessa linha de pesquisa está em coletar *o vernáculo*, isto é, a variedade linguística emitida quando o falante *presta o mínimo de atenção* ao modo *como* fala, revelando, dessa maneira, *a sua fala casual*

comunidades periféricas. Os falantes quase sempre se comportavam de modo desconfiado, retraído, não oportunizando que eu coletasse dados de segunda pessoa do singular. As entrevistas que obtive nessas situações foram descartadas. Não as reaproveitei por não considerá-las de qualidade e, por isso, não considerei a possibilidade de publicar um projeto piloto que abordasse os desafios que uma coleta de dados possui.

(casual speech) ou fala espontânea (LABOV, [1972] 2008),⁷⁵ produzindo, por conseguinte, *variáveis estilísticas* ou *escolhas linguísticas* pelo fato de o falante estar sob monitoração e envolvido por fortes emoções relacionadas às suas narrativas pessoais, podendo, dessa forma, serem incluídos aspectos psicológicos e cognitivos à pesquisa sociolinguística.

Como havia concentração de populares em espaços de trabalho diferenciados, o conceito de Comunidade de Prática (CP), discutido por Eckert (2012) e Meyerhoff (2004), será abordado para que se estabeleçam critérios em relação aos grupos de falantes populares que fizeram parte desta pesquisa. Assim, para as autoras, CP é definida pelo *engajamento social* (*social engagement*). Esse envolvimento coletivo implica empreender ações diárias e rotineiras comuns em determinado espaço, seja ele de trabalho, lazer, diversão, bate-papo com amigos etc. Para Eckert (2012), entre outros pesquisadores, há a necessidade de se explorar com mais propriedade e detalhamento *práticas sociais* e *lugar*, assim “retira da noção de comunidade sua caracterização em termos de localização ou população e define uma comunidade pelo seu engajamento social – afinal de contas, linguagem serve a esse engajamento –, e não ao lugar ou às pessoas como uma coleção de indivíduos” (ECKERT E McCONNEL-GINET [1992] 2010, p.102) que apenas falam certa língua.

Sob essa ótica de falantes poderem fazer escolhas linguísticas a depender de situações vividas, cito critérios estabelecidos pela literatura sociolinguística para caracterizar CsPrát. Meyerhoff (2004) estabelece três critérios importantes para definir uma CP. Assim, CP é definida pelo propósito comum de certo grupo social, ou seja, o objetivo comum deve ser coletivo na medida em que os membros de certa comunidade se identificam e praticam certas rotinas que convirjam para ações positivas e construtivas. O compartilhamento de várias necessidades, inclusive emocionais, como prática constante e comum promove identificação entre os membros de dado grupo, tornando-os falantes mais senhores e protagonistas conscientes de suas ações, inclusive das linguísticas conforme a autora. Os três critérios elaborados pela estudiosa são: **a) o engajamento social e mútuo** (*mutual engagement of the members*) deve ser de união entre todos os membros partícipes de certo grupo, convergendo, dessa maneira, rotinas e práticas comuns que levem para identificação do grupo de trabalho; **b) os empreendimentos são negociados e ajustados entre os membros** (*jointly negotiated enterprise*), estabelecendo, por conseguinte, identificação entre os indivíduos, que, por sua vez, sentem-se integrados e pertencentes a este grupo pela manutenção de esforços comuns, promovendo, inclusive adaptações no que se refere ao comportamento

⁷⁵ Fala casual, espontânea e natural são termos usados aqui como sinônimos. A fala muito formal, por exemplo, seria menos espontânea e menos natural.

linguístico quando há necessidade para que isso aconteça e **c) o repertório é compartilhado** (*shared repertoire*), visto como recurso linguístico entre outros conhecimentos que são cumulativos pelas experiências humanas e por negociações internas.

Nesse sentido, *o engajamento social* caracteriza-se, na verdade, por empreendimentos diários realizados por pessoas que se identificam com determinadas funções e aplicam esforços que, por sua vez, resultem no cumprimento de certas tarefas. Todavia *engajamento social* não se resume apenas ao cumprimento de afazeres. De acordo com as autoras, esse conceito abrange práticas de um conjunto de pessoas reunidas em virtude do *engajamento mútuo* para empreender de *maneira conjunta e comum* modos de fazer as coisas, modos de falar, discutir crenças e valores, relações de poder etc. Nessas práticas linguísticas e no desenvolver de atividades gerais feitas por certo grupo social é que emergem e são construídos os usos linguísticos e comportamentais, as normas, as atitudes desses “agentes estilísticos e atores sociais” por natureza. Afinal, a língua é construída por falantes que a utilizam em determinadas situações sociais e, por isso, ela varia, muda e se atualiza ao longo dos tempos junto de transformações sociais. Essas estruturas por sua vez estão inter-relacionadas.

Nesse sentido, as variáveis linguísticas, por conseguinte, emergem do uso, de atividades languageiras e negociáveis. Em situações como em entrevistas sociolinguísticas, por exemplo, o falante poderá fazer suas escolhas linguísticas para se adequar a esse ambiente interlocutivo pouco comum em sua rotina de trabalho. Além disso, em universidades e escolas cujas instalações contêm diversos setores e outras subdivisões técnico-administrativas, funcionais etc. (*reitoria, secretarias e subsecretarias, salas de aula e de professores, biblioteca, visitantes diversos, portarias, refeitórios, cantinas, lanchonetes, casas para estudantes, outras repartições como as de almoxarife, limpeza e manutenção*), falantes populares (faxineiras, jardineiros etc.) praticam sua variedade linguística em razão de suas tarefas. Saliento também que em relação à limpeza e manutenção de todas esses espaços, o trabalho braçal é realizado, em geral, por falantes de baixa renda; alguns possuem escolaridade média, mas a maioria dos entrevistados possui somente alguns poucos anos de experiência escolar. Esses indivíduos, por sua vez, não se deixam influenciar por padrões linguísticos e comportamentais de outros grupos não identificados com os mesmos padrões empreendidos por esses populares porque trabalhadores braçais praticam atividades bem restritas, rotineiras, passageiras e bem distintas de atividades burocráticas entre outros serviços intelectuais como os de pesquisa, por exemplo.

Sob esse foco, minha proposta é que este estudo ligado à quantificação de dados linguísticos sejam complementares à noção de CP, conforme sugere Eckert (2012), já que os falantes populares, entrevistados por mim, inseridos em CsPrát., realizam ações rotineiras em grupo, utilizando, entre outras atitudes, a língua, moldada no cotidiano da cidade de SJC-SP. Por conseguinte, este estudo está intimamente ligado à quantificação de dados de fala e à discussão qualitativa desses dados e recorte metodológico de CF e CP. Além disso, o estudo do significado social associado à variação linguística estaria motivado por *imposições sociais e relações de poder* que moldariam estruturas sociais e linguísticas bem peculiares associadas às características locais, regionais etc. Isto quer dizer que nenhum grupo ou comunidade linguística é igual. É perigosa a ideia de generalizar grupos sociais ou comunidades de fala no sentido que todos os brasileiros falariam igual ou que o comportamento do pronome **você** em determinada CF seria igual em outra. Assim, tanto em Florianópolis (SC) quanto em Santos (SP) fala-se **tu** e **você** (LOREGIAN-PENKAL, 2004; MODESTO, 2006), mas não se pode afirmar que o comportamento dessas variantes sejam iguais nas duas cidades. Somente um estudo envolvendo o mesmo método de coleta de dados e análises poderia dizer se as duas cidades teriam comportamento igual, semelhante ou diferente.

Nessa perspectiva, o ser humano, em geral, sempre pode expandir e transformar maneiras e usos relacionados a gênero e às suas participações nos grupos de pertencimento e em outros grupos de interesse, formando, dessa maneira, Redes Sociais (RS). Para exemplificar esse recorte metodológico, com base em estudos antropológicos, Milroy (2004) mostrou que as diferentes atividades sociais realizadas por *um mesmo indivíduo* fazem parte de sua *Rede Social* (RS), que, por sua vez, também poderá influenciar sua produção linguística. Sob esse prisma de análise microsocial, setores sociais como *universidades, escolas, escolas de idioma, escolas de condutores de veículos, comércio local, bancos, boates, bares diversos, bancos, igrejas ...* podem compor Redes Sociais existentes em determinada cidade e, por conseguinte, também seriam uma das maneiras de estudar determinada(s) comunidade(s) e a sua produção de variáveis linguísticas e estilísticas justamente porque esses lugares recebem influências de membros oriundos de grupos sociais distintos e diversos. Desse modo, segundo as discussões de Milroy (2004), *laços fortes* geram vínculos sociais como os produzidos entre *familiares, parentes, vizinhos* que, por sua vez, convivem com frequência, produzem rotinas nas quais falantes contam intimidades etc. Já *laços fracos* são produzidos por atividades variadas cujos vínculos sociais produzem menos ligações. Nesse sentido, a soma de laços envolve *densidade* (density) e *multiplexidade* (multiplexity) de laços. Assim *a densidade* está ligada ao número de ligações entre os indivíduos de um grupo

enquanto *a multiplicidade* está na capacidade dessas ligações serem altas ou baixas. Isto quer dizer que uma rede de densidade alta possui pontos interligados, já uma rede de baixa densidade apresenta pontos sem ligações (MILROY, 2004, p.551).

Sob esse prisma, quanto mais restrita permanecer uma RS ou um grupo que, por sua vez, pode constituir uma CP *engajada em propósitos diários comuns*, menos formas em aprendizagem e aplicação de novos conceitos essa mesma comunidade vivenciará, pois certas formas poderão se tornar cada vez mais *comuns, repetitivas e arraigadas*, não havendo necessidade de *moldar* ou *construir* novas maneiras *de dizer e/ou de fazer as coisas cotidianas*, tornando o grupo, de certo modo, *mais homogêneo* pela constância de mesmos usos, hábitos padronizados e mesmas atitudes. Esses mesmos padrões rotinizados estão calcados nos mesmos *modelos em uso* e, por isso, permanecem restritos à *mesma concepção de mundo de certo grupo social* e, obviamente, ao *seu repertório linguístico*. Todavia, em geral, alguma *força motriz* (motivações) alavanca pressões para que ocorra variação, assim como consequência mudanças comportamentais e linguísticas começam a ocorrer em determinadas sociedades como aconteceram nos EUA há décadas passadas (LABOV [1972] 2008) e continuam a ocorrer como *efeitos de mudanças* em relação à composição de grupos sociais concebidos metodologicamente como RS e CsPrát. envolvendo, como já disse anteriormente, uma análise microsocial em relação à concentração de grupos humanos (LABOV, 2010). Nessa perspectiva de análise mais restrita (microsocial), o indivíduo cria comunidades pessoais personalizadas por estabelecer laços fortes entre membros de certo grupo social ou de certos grupos sociais. Essa constituição de relacionamentos é que promove uma significativa estrutura *moldada* para resolver interesses comunicativos diversos no e do cotidiano desse indivíduo (ou desses indivíduos). A intercomunicação a partir de laços fortes e, por conseguinte, mais estreita, é que motiva essas ligações interpessoais a produzirem variação entre formas associadas à variação estilística (escolhas linguísticas do falante). Quanto mais afastado o indivíduo se manter de seus laços, *mais fraca* será a sua intercomunicação entre membros de determinado grupo. “Essas comunidades pessoais são constituídas por laços interpessoais de diferentes tipos e pontos fortes, e as relações estruturais entre ligações podem variar” (MILROY, 2004, p.550).⁷⁶

Assim, a análise de RS não está focada no *engajamento social* entendido como esforços conjuntos para *empreender propósitos comuns*. Além disso, esta perspectiva também não se interessa por avaliações compartilhadas de certa língua, mas interessa-se em analisar *ligações*

⁷⁶ “These personal communities are constituted by interpersonal ties of different types and strengths, and structural relationships between links can vary” (MILROY, L., 2004, p.550). Tradução livre minha.

sociais nas quais indivíduos estão engajados como, por exemplo, *relações familiares, de amizade, de vizinhança*, ou seja, indivíduos pertencentes a certos núcleos ou domínios nos quais aspectos linguísticos e sociais são essenciais. A importância de se estudar RS está em mensurar *conexões reais existentes* em dada CF em que seus componentes humanos são pessoas conhecidas e, por isso, pesquisas sob esse foco de análise conseguem medir inclusive até que ponto seus pares linguísticos estão inseridos naquela comunidade ou grupo (MILROY, 2004, p.552). Além disso, nesses estudos, a heterogeneidade é vista na CF por vínculos interpessoais bem estabelecidos que mede os indivíduos em relação ao seu grau de envolvimento em determinado grupo (familiar, por exemplo). Dessa maneira:

estrutura de rede pessoal é independente de quadros sociais mais amplos, como quadros econômicos ou políticos que restringem o comportamento individual, a análise de redes sociais de variação linguística não compete com uma análise em termos de um conceito macro-nível de uma classe social. (MILROY, 2004, p.550).⁷⁷

Como sociedade e língua são estruturas vivas e interligadas, na medida em que o falante usa sua língua em interações sociais diversas, ele acaba ampliando leques de horizonte, propiciando, assim, o aparecimento de novos modos *de dizer o outro* e *de agir* com o outro. Já se o falante vive de modo mais restrito, a variação entre formas terá em seu leque de escolhas linguísticas um estoque de possibilidades *de dizer a mesma coisa* relativo ao seu mundo biossocial, embora haja sempre a possibilidade de construção constante e mútua de *modos de dizer*, sejam eles populares ou cultos, o que torna a língua viva, dinâmica e atualizada. Nessa perspectiva, o ponto de vista em relação às atividades linguísticas deve ser relativo às práticas sociais do falante, às suas experiências, ao lugar e à sua realidade social, pois o ser humano, principalmente, em sociedades constituídas em grandes metrópoles, pode se locomover para diversos ambientes, podendo se deixar influenciar por diversos ambientes e como consequência suas práticas diárias poderão incorporar (ou não) novas formas *de dizer* e *de fazer* suas atividades, principalmente se esse indivíduo sentir-se engajado ou pertencente a determinados grupos sociais que poderão representá-lo.

Entretanto, essa mobilidade (frequentar vários setores sociais) dependerá muito das condições sociais de cada pessoa ou de cada grupo social. No que tange aos trabalhadores braçais com os quais conversei, a rotina da maioria deles é sair de casa para o trabalho e voltar para as suas residências após a jornada de trabalho. Mas, alguns desses indivíduos, principalmente mulheres, vão à igreja depois do expediente; homens, às vezes, jogam futebol ou vão a bares; outros

⁷⁷ “Personal network structure is independent of broader social, economic, or political frameworks constraining individual behavior, a social network analysis of language variation does not compete with an analysis in terms of a macro-level concept such a social class.” (MILROY, L., 2004, p.550). Tradução livre minha.

falantes preferem permanecer em suas casas para cumprir afazeres domésticos, dar atenção aos filhos e descansar para no outro dia recomençar nova jornada de trabalho. Essa rotina restrita torna esses falantes, embora trabalhem em CsPrát. distintas por níveis de formalidade⁷⁸, muito semelhantes uns aos outros de modo que seus padrões sociocomportamentais e linguísticos apresentam-se menos variados. Nesse sentido, *o locus de práticas linguísticas* está intimamente ligado a grupos sociais ligados e/ou engajados em práticas sociais comuns, diárias e rotineiras como abordei anteriormente, mas qual seria o locus de mudanças linguísticas? Segundo Milroy (s.d.), mudanças linguísticas, principalmente as sonoras, são implementadas na fala através de trocas interlocutivas e, assim, a transmissão de formas *velhas* e *novas* é feita de pessoa para pessoa. A construção dessas formas acontece a partir da interação entre pares linguísticos, envolvendo, por sua vez, *subjetividade, negociações* etc.

A questão fundamental para o autor é: como o falante introduz *formas novas de dizer no sistema linguístico* de dada comunidade? Para o autor, há uma diferença essencial entre formas novas e mudança (*change/troca*). Inovação, segundo o pesquisador, *é um ato de fala do indivíduo*; mudança, por sua vez, *é manifestada* no sistema linguístico através de aprendizagens de repertórios falados comuns e coletivos. Não à toa que Moreno Fernández (2012) advoga que a aprendizagem de uma língua acontece através de repertórios falados. Assim, como o ser humano aprende a falar? Falando. A partir de esquemas de percepção, segundo o autor, pratica-se a língua. Baseado em Bourdieu (1985), esse mesmo autor afirma que a produção massiva da língua torna essa mesma língua um capital linguístico de consumo, isto é:

o hábito se encontra vinculado ao mercado tanto por suas condições de aquisição como por suas condições de uso: não aprendemos a falar escutando, mas falando, isto é dizer que se oferta uma fala no mercado, em situações de comunicação, no seio de uma família que ocupa uma posição concreta no espaço físico social [...] (BOURDIEU, 1985, p.69, *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p.64).

Desse modo, nas atividades interpessoais há o envolvimento entre *dois* ou *mais participantes* inseridos em dado contexto *social e situacional*, corroborando desse modo a hipótese de Milroy (s.d.): *o locus* de mudanças linguísticas estaria em atividades faladas justamente por haver interação entre indivíduos colaborativos. Para esse autor, a natureza social de mudanças linguísticas é de ordem negociada por falantes no *desenvolver de trocas interlocutivas* e, assim, paulatinamente, essas mudanças são aceitas na sociedade. Nas palavras do autor: “Como

⁷⁸ Detalhes na seção *Constituição das Comunidades de Prática* neste capítulo.

atividades linguísticas ocorrem em contextos sociais, as mudanças linguísticas são transmitidas de falante para falante nesses contextos.”⁷⁹ (MILROY, s.d., p.217).

Nessa perspectiva *conversacional, interpessoal e intersubjetiva* foi possível também observar, através de leituras, que, em sincronias passadas a forma **você**, por exemplo, foi um item *inovador*, pois essa forma invadiu contextos ocupados pela série de pronomes **TU** (tu, te, ti, contigo e possessivos correspondentes teu/a). Em cartas pessoais, pesquisadores detectaram a convivência entre formas tratamentais *novas* e *velhas*. Assim, no Brasil dos séculos XIX e XX, três sistemas de tratamento eram empregados: um sistema no qual o **tu** era privilegiado, outro sistema no qual **tu** e **você** eram empregados e um terceiro no qual o **você** era forma exclusiva. Essas formas na função de sujeito eram combinadas com o complemento **te** (acusativo e dativo) e possessivos determinantes **teu/tua** que, por sua vez, variavam com possessivos **seu/sua**, considerados formas correspondentes e lineares à terceira pessoa (LOPES E CAVALCANTE, 2011). Desse modo, já naqueles tempos, eram comuns combinações como **tu/você** – sujeito – com **te** e **teu/a**, por exemplo. Logo, “essa mistura pronominal”, a depender da CF, não são padrões necessariamente novos, são reflexos sociocomportamentais cumulativos ainda utilizados no PB atual. Essa constatação de ocorrências sobre fatos linguísticos passados embasa um dos meus objetivos específicos com este trabalho: mostrar que “mistura pronominal” relacionada à segunda pessoa do singular é natural da evolução de certos itens linguísticos (capítulo 3).

Considerando, por sua vez, que falantes são *agentes e atores sociais* pertencentes a diversas CsPrát., os mesmos indivíduos podem participar de muitas outras RS interligando informações, modos de falar e de agir, influenciando, assim, comportamentos linguísticos de novas e velhas gerações, principalmente em cidades metropolitanas cujas tendências são muito mais dinâmicas, rápidas e necessidades comunicativas tornam-se cada vez mais *adaptativas* e *colaborativas*. Por isso, certas formas tratamentais como **o/a senhor/a** podem estar “sumindo” da sociedade, pois a forma **você** é modo generalizado e muito difundido em todo o país se comparada ao uso do pronome **tu**, por exemplo. Entretanto, deve-se levar em consideração o tratamento entre crianças e gerações mais velhas que ainda preservam esse uso social e respeitoso **o/a senhor(a)**, considerando faixa etária e hierarquia familiar ou corporativa (relação entre patrão e empregados) que poderão condicionar esses usos (SCHERRE *et al* [no prelo]). Nos recentes estudos de Sampaio e Julião (2014), as formas **o /a senhor/a** estão perdendo terreno para o uso

⁷⁹ “As language activity takes place in social contexts, linguistic changes must be passed from speaker to speaker in these contexts” (MILROY, s. d., p. 217). Tradução livre minha.

do pronome **tu** em relacionamentos familiares na sociedade atual no Pará (PA). Os falantes observados por esses pesquisadores preferem tratamentos mais ligados à solidariedade e à colaboração entre seus pares conforme discussões de Brown e Gilman ([1960] 2003), segundo os autores. Assim,

... o que se constata é que a forma pronominal ‘o senhor’, característica das relações de poder, tem perdido espaço na díade pais-filhos. De fato, ‘o senhor’ está, lenta e gradativamente, indo para o ‘céu’. (SAMPAIO E JULIÃO, 2014, p.18).

Mas, em sociedades situadas no Sul brasileiro nas quais a série pronominal ligada ao **TU** é prática linguística comum (AMARAL, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ARDUIN, 2005), o uso de **o senhor/a senhora** ainda é frequentemente utilizado. Conforme minhas percepções, principalmente, entre familiares e relações de amizade diversas (parentes, amigos, vizinhos, conhecidos), o sistema bipartido **tu** e **senhor/a** é produtivo no Sul do seguinte modo: **tu** estaria atrelado aos níveis (+) íntimo, (-) formal, não ligado à cortesia/cerimônia; e formas como **você** e **o/a senhor/a** têm traços (-) íntimo, (+) formal e (+) cortês/cerimônia/educação/distância, pois são níveis associados a domínios sociais como: *atividades comerciais, atendimento ao público, tratamento interpessoal em locais cujo tratamento interpessoal é mais formal e menos familiar*. Assim, relações entre patrões e empregados, entre outros, exigem outras formas de tratamento e de agir com o interlocutor, podendo haver colaboração ou não, respeito ou não (COOK, 1997).

Nesse sentido, não há comportamento estanque no Brasil quando se trata de relações interpessoais porque tudo dependerá de graus de *empatia, ambiente, talvez hierarquia social e/ou profissional* estabelecida em locais e entre interactantes⁸⁰, sugerindo, desse modo, o que Romaine (1994) defende sobre heterogeneidade da língua. O caráter heterogêneo da língua se configura conforme está a organização de determinado sistema linguístico em certa CF. Defendo, desse modo, que a diversidade de formas linguísticas não está centrada no indivíduo somente. O falante é influenciado por situações como, por exemplo, ser entrevistado, o que pode levar esse mesmo falante a fazer escolhas linguísticas mais adequadas à situação, independente do grau de escolaridade que ele possua. Isto quer dizer que no caso dos pronomes de segunda pessoa do singular, por exemplo, o falante se molda à situação e ao grupo social do

⁸⁰ Entretanto, no comércio local de Blumenau-SC, por exemplo, o uso de **você** como forma de tratamento está a cada dia mais audível. A cidade foi constituída por imigrantes alemães na qual a forma primeira para tratamento do interlocutor costumava ser **TU**. Essa cidade por atrair turistas de muitos cantos do país e do mundo, mostra adaptabilidade nos modos de *dizer o outro*, na medida em que, práticas languageiras se estabelecem no desenvolver do cotidiano comercial e turístico local. Logo, as Comunidades de Prática voltadas para empreendimentos comerciais e cotidianos estabeleceram o uso do **VOCÊ** para tratamento de turistas, oriundos de diversas partes do país, principalmente pessoas oriundas de São Paulo-SP e Minas Gerais-MG. Conforme Loregian-Penkal (2004), ao pesquisar Entrevistas Sociolinguísticas do Banco de Dados do Varsul (UFSC), o pronome **VOCÊ** é a forma mais utilizada em Blumenau-SC em detrimento do **TU**.

qual ele quer fazer parte ou já faz parte. Essa adequação social do falante mantém, de certa maneira, a heterogeneidade da língua porque a variedade de formas linguísticas está presente na CF justamente porque o sistema abstrato da língua permite variação de elementos. Desse modo, em grupos sociais, em CsPrát. etc. é que falantes praticam a língua. Sob esse ponto de vista, defendo que a língua é heterogênea porque a variação no sistema linguístico é permitida e motivada por *relativa heterogeneidade social existente em CsFal.* Nesse sentido, conforme se verá nas próximas subseções deste trabalho, em algumas CsFal. as formas ligadas à série **TU** estão em desuso acarretando, assim, transformações e combinações no paradigma pronominal falado de segunda pessoa do singular. Essas transformações em princípio podem aparentar *relativa homogeneidade* em relação a padrões pronominais em uso pelo fato de alguns grupos sociais serem mais restritos e fechados que outros.

2.3 ENTORNOS E DIVISÕES URBANAS – setores sociais associados à ideia radial

Considerando a cidade de SJC-SP como legítima CF, observo que *a noção de entorno* que determinada cidade possui pode ser complexa e inclui, acima de tudo, *fatores socioculturais e sociais* distintos de outras CsFal. como já mencionei. Assim, entre os fatores sociais, segundo Moreno Fernández (2012), deve-se incluir *a comunidade e os grupos que nela vivem*. Além disso, a cidade é *conceptual* e é *anterior* ao indivíduo e, por isso, não se pode conceber um e outro sem antes conhecer a comunidade de pertencimento desse mesmo falante segundo o autor. Nesse sentido, há dois aspectos importantes a serem levados em conta no que se refere a falantes: **a)** a característica primeira que define falantes populares e **b)** a frequência de contatos diários entre esses mesmos falantes. O que define falantes populares, de um modo geral, é o pertencimento *à condição social baixa renda* e, por conseguinte, *à falta de oportunidades* que os levaria a conhecer e a praticar novos comportamentos linguísticos e sociais. Já em relação à constância de encontros diários durante várias horas do dia, esses populares naturalmente compartilham traços, normas e comportamentos comuns associados a grupos humanos categorizados como “baixa renda”. Assim, esses populares adotam, entre outros modelos de conduta, padrões linguísticos semelhantes, não importando o local no qual possam trabalhar, se mais elitizados (universidades, bancos financeiros), se mais populares (empresa de reciclagem de lixo, repartições públicas etc.), pois o trabalho braçal é o mesmo: *manutenção e limpeza geral*, e *o padrão linguístico não muda de modo consistente para que repertórios voltados a variedades cultas se alternem com variedades populares* porque esses setores sociais não exigem desses falantes *padrões e/ou variedades cultas*.

Em razão desse contexto social, padrões escolarizados nesses ambientes sociais não são exigidos. Já em relação ao fator *sexo*, esses trabalhadores exercem suas atividades praticamente juntos e, por isso, minha hipótese é que tanto homens quanto mulheres produziram “mistura pronominal” porque esse é o padrão instalado na cidade de SJC-SP. Essas hipóteses aqui mencionadas serão testadas e analisadas no quarto capítulo. Nesse sentido, falantes de baixa renda, oriundos ou não de SJC-SP, por exemplo, aprendem e adotam o modelo pronominal de segunda pessoa do singular, embasado em tradições orais cumulativas já que a cidade é anterior ao indivíduo como já exposto. Nessa perspectiva, insiro aqui as ideias de Maturana e Varela (1997) sobre linguagem. Segundo esses autores, todos os seres vivos nascem *na linguagem* e, em particular, o ser humano se comunica através dela pela fala, escrita, gestos etc. Assim, para o indivíduo se comunicar, ele, naturalmente, vive *na* e *pela* linguagem aprendendo, por conseguinte, a interagir com o meio social no qual vive. Associo essa perspectiva às discussões de Moreno Fernández (2012) que, por sua vez, advoga que a aprendizagem de línguas é adquirida através de padrões ou modelos falados, e, por conseguinte, dois aspectos humanos como os de *aprender* e *pensar* têm suportes em modalidades orais. Além disso, a fala, a depender do comportamento e características sociais dos grupos humanos (TOMASELLO, 2003), leva as crianças a praticar variedades *populares* e/ou *cultas*, ou as duas. E, desse modo, “a transmissão” de fatos de língua no PB seria “irregular”, “plural” e, em certas situações, polarizada em razão de sua formação e configuração da sociedade brasileira desde os seus primórdios (MATTOS E SILVA, 2004 a, b, c; ARAÚJO, 2014).

Falantes são *atores* e *agentes sociais* por natureza (HALLIDAY E MATHIESSEN, 1999) porque transitam por vários setores sociais possibilitando mudanças de identidade conforme necessidades surgirem (SEVERO, 2008). Nessa mesma perspectiva, Eckert e McConnell-Ginnet ([1992] 2010) advogam mudanças comportamentais no indivíduo na medida em que papéis sociais distintos são adotados. A partir do componente ideacional proposto por Halliday (1994) e rediscutidos por Halliday e Mathiessen (1999), posso dizer que os seres humanos inseridos em certa CF, através de costumes e práticas sociais, possuem potenciais linguísticos e, assim, falantes manifestam seus modelos de comportamento linguístico a depender das situações sociais as quais esses usuários da língua forem expostos, modificando, por conseguinte, a estrutura linguística em razão de pressões diárias. Vale esclarecer que pressões diárias de uso tanto podem ser motivadas por fontes externas à língua quanto por fatores internos a ela, moldando, desse modo, a língua de uma determinada cidade na medida em que é usada em grupos sociais distintos e diversos.

Esses grupos humanos, por sua vez, determinam como a língua, comum entre todos desses mesmos grupos, será empregada a partir de *modelos em uso*, que, por sua vez, são estabelecidos e aceitos pela sociedade no decorrer dos tempos, já que a cidade é *anterior* aos indivíduos que nela habitam, perfazendo, por conseguinte, a configuração real de uma Comunidade Social delimitada por aspectos linguísticos, socioculturais e sociais (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013). Para Calvet (2002, p.143), um estudo linguístico não se destina apenas à língua, mas “*a comunidade social sob o seu aspecto linguístico*”. Além disso, a raiz dos fatos linguísticos para o autor é de origem *social*. Nesse aspecto social sobre fatos linguísticos, há que se parar para refletir sobre fatores sociais e socioculturais, pois eles não se confundem. De acordo com Moreno Fernández (2012), baseado em Labov (2010), entre *fatores sociais* e *socioculturais* há grandes diferenças em função da comunicação face a face. Enquanto *fatores sociais* aparecem durante a interação face a face entre membros de grupos sociais específicos; *fatores socioculturais* mediam a associação de fatos linguísticos com padrões sociais parciais, que, por sua vez, não dependem de interação face a face. Assim, traços dialetais gerais, entre outros aspectos, são componentes socioculturais que compõem o todo social e cultural de determinada cidade. Já entre os fatores sociais estão *valores normativos* cuja aceitação ou rejeição contribuem para a identidade linguística de grupos sociais e comunidades específicas.

Para ilustrar, há exemplos de Comunidade de Fala que marcam *identidade* através de usos linguísticos como os estudos de **a)** Labov ([1972] 2008) desenvolveu trabalhos em Martha's Vineyard (1963) e em Nova York (1966), identificando grupos favoráveis à ilha e grupos não favoráveis à ilha, já em Nova York grupos conservadores mantinham a pronúncia aspirada do /R/, outros grupos, porém, consideram a pronúncia do /R/ retroflexo como variante prestigiada; **b)** Lucca (2005) identificou jovens do gênero masculino no Distrito Federal (DF) que falam **tu**, pronome tratamental trazido por influência nordestina e marcando, por conseguinte, *identidade social* e *grupal*; **c)** No Sul brasileiro, o final verbal **–sse** (falasse, visse) em Florianópolis também é considerado marca *identitária* conforme os estudos de Loregian-Penkal (2004); rediscutidos por Görski (2012) no que concerne à noção generalizada do comportamento linguístico em detrimento de particularidades e peculiaridades de cada CF. Assim, no Sul há áreas mais dominadas pelo **tu**, mas há outras que mesclam formas tratamentais como **tu** e **você**, considerando frequências de uso e/ou regularidades, que, por sua vez, marcam padrões sociolinguísticos distintos de uma CF para outra (SCHERRE *et al* [no prelo]).

Nesse sentido, falantes por serem *atores sociais* e *agentes estilísticos* por natureza mudam atitudes perante *situações, domínios linguísticos, usos da língua em setores sociais diversos* e

distintos. A depender de “domínios particulares de uso” conforme Romaine (1994) há escolhas linguísticas e valores constituídos de maneira distinta, pois pertencem a sistemas estruturados de modo também distinto. Assim, *domínios linguísticos* podem ser concebidos como centros de atividades linguísticas e comportamentais face à diversidade de ambientes, noção espaço-temporal e papéis sociais atribuídos aos membros de determinadas Comunidades Sociais. Sob esse ponto de vista, a cidade se constitui por haver *entornos sociais* bem *percebidos* pelos falantes e essa mesma cidade oferece subsídios para a produção de diversos padrões (trocas interpessoais, interacionais, consumo de variados bens como *cultura* e *traços linguísticos* etc.). Nas grandes cidades, por exemplo, segundo Moreno Fernández (2012), devido às distâncias sociais, é impossível que a comunicação se dê face a face com todos os seus membros (ou componentes) e, por isso, relações interpessoais estão sujeitas aos limites de situações bem específicas como as manifestações linguísticas de grupos familiares particularizados (Redes Sociais) e/ou grupos e subgrupos existentes dentro de empresas por exemplo, constituindo, assim, CsPrát.

Dessa maneira, de acordo com Moreno Fernández (2012), os falantes recebem influência de quatro planos distintos do seu entorno sociocultural: *a cultura, o comunitário, o grupal e o situacional* de modo que esses planos são percebidos como entornos pelos falantes que produzem e reproduzem as variedades linguísticas que melhor lhes convier para suprir suas necessidades comunicativas, sejam elas praticadas dentro de CsPrát. ou RS. Esses quatro planos, de modo sucinto, serão apresentados logo a seguir:

Figura 2: Entornos da cidade de SJC-SP.

A FALA POPULAR ESTÁ PRESENTE EM VÁRIOS SETORES DA SOCIEDADE

A figura 2 apresenta entornos da cidade de São José dos Campos – SP que espelham sua história sociocultural e divisões urbanas como propôs Moreno Fernández (2012). Desse modo, esse esquema tenta mostrar a convivência entre *variedades culta e popular*, muitas vezes, como *um continuum*. Sob essa ótica, as cidades em geral, na visão de Moreno Fernández (2012), conforme já mencionado, podem subdividir-se em **cidade**, **grupos** e **situações**. Assim, a cidade

como centro atrativo devido a fatores histórico-culturais e econômicos, cultural-comunitário abarca e recebe falantes oriundos e não oriundos da região, falantes cultos e populares. Os grupos sociais, por sua vez, caracterizam-se por dividir tarefas relacionadas a trabalho, atividades culturais, lazer, serviços domésticos, grupos de estudo etc. Já o situacional tenta descrever pessoas diversas que frequentam *bares, ruas, reuniões diversificadas em áreas verdes, eventos culturais etc.* Nesse sentido, a fala popular está infiltrada em diversos setores sociais, situação que molda o PB falado na cidade de SJC-SP.

Para contextualizar os entornos da cidade em questão, na próxima subseção há informações sobre a fundação e desenvolvimento desse município cuja história foi dividida em quatro fases como sugerem alguns historiadores consultados.

2.4 O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) em quatro tempos

São José dos Campos – SP (SJC-SP) é um município situado no Vale do Paraíba. Fica a 90km de distância da capital São Paulo e a 80km do litoral norte paulista. Em razão dessa localização, muitas pessoas consideram a cidade privilegiada, pois ela está próxima à capital paulista – centro cultural e educacional de grande importância – de cidades portuárias e de certos interiores dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Além disso, SJC-SP caracteriza-se pela exuberância da Serra da Mantiqueira e áreas verdes que lembram grandes campos e antigos fazendões. A cidade também é conhecida pelas indústrias nela instaladas, pelo comércio variado e pelo centro de desenvolvimento aeroespacial. Outro aspecto de importância geográfica e sociocultural é que a cidade tem localização muito próxima ao sul mineiro cuja influência é perceptível em razão da vestimenta simples que a população em geral usa habitualmente, culinária típica, tempo e espaço ora voltados a “dedins de prosa” ora voltados para a pressa, atitudes e comportamentos também encontrados em grandes metrópoles.

Antes do desenvolvimento industrial e aeroespacial, porém, a cidade não passava de um fazendão administrado por jesuítas, segundo alguns historiadores. A cronologia temporal de acontecimentos da cidade foi dividida em: **(i) tempos coloniais** - uma aldeia; **(ii) tempos da lavoura de café**; **(iii) preocupação com a saúde devido à construção de espaço sanatorial**; **(iv) a partir de 1950, o “boommm”** transformou a urbe em um dos grandes centros da indústria, comércio automobilístico, produção de materiais farmacêuticos e hospitalares, e pesquisa aeroespacial. Em razão dessa última peculiaridade, a cidade é conhecida como a capital do avião no Brasil.

Nos tempos coloniais

Sem “atestado de nascimento”,⁸¹ São José dos Campos – SP, por causa da escassez de documentos comprobatórios, desconhece sua origem. Alguns estudiosos da cidade e de São Paulo garimpam informações e trouxeram à tona hipóteses sobre a origem do território joseense, chamado no início de “Aldeia de São José da Parayba”. Nessas terras há registros de conflitos entre indígenas e colonos que transformaram um antigo fazendão em *aldeia*, de aldeia à *vila* até se tornar *cidade* no final do século XIX.

Segundo alguns historiadores, SJC-SP foi colonizada por índios foragidos das muitas rebeliões existentes em Piratininga, atual capital paulista. A principal figura ligada a essas fugas para terras do Vale do Paraíba foi o Pe. José Anchieta. Alguns mistérios figuram no imaginário coletivo dos cidadãos joseenses, pois crianças aprendem nas escolas de SJC – SP que a cidade teria esse nome em função de uma homenagem feita ao ilustre padre jesuíta português. Entretanto, outros historiadores alegam não haver documentação comprobatória sobre sua passagem por essas terras paulistas (PAPALI, 2010). O passado remoto inculcado no imaginário coletivo local foi, na verdade, um grande esforço feito por alguns políticos da cidade na década de 1940 para criar uma imagem de pujança e prosperidade à cidade, associando a sua fundação ao mito do famoso padre jesuíta e ao desenvolvimento sociocultural de São Paulo - capital. Tanto a bandeira quanto o brasão⁸² da cidade possuem símbolos e imagens que representam a natural pujança e prosperidade à terra em questão conforme mostram as imagens seguir:

O escudo e a coroa são portugueses, os guardas fardados representam os soldados da época; há no quadrante amarelo o brasão do Pe. José de Anchieta e dos índios guaianases que simbolizam a fundação de São José dos Campos-SP; no quadrante verde há um lírio e um bastão florido que simbolizam as armas do município de São José dos Campos-SP; na parte inferior, a faixa branca simboliza o Rio Paraíba do Sul; no campo vermelho, há ferramentas,

⁸¹ Cassiano Ricardo, poeta e escritor, dedicou-se nas décadas de 70 a 90 a buscar documentação para o resgate de memórias que esclarecessem as origens da cidade.

⁸² http://www.saojosedoscamos.com.br/historia/pg_brasao.php

estandartes e espadas que recordam a entrada dos desbravadores nas terras de São José durante o século XVII; ao fundo, os ramos de café simbolizam a lavoura e na faixa prata consta a frase “Aura Terraque Generosa” que significa “Generosos são minha terra e meus ares”.

A bandeira do município foi criada em 1960. Foi escolhida através de concurso promovido pelo município. A autoria foi de João Vitor Guzzo Strauss, na época estudante da Escola Estadual João Cursino. A bandeira, um dos símbolos da cidade, foi instituída pela lei municipal nº 655 de 02 de fevereiro de 1960. Caracterizada por listras azuis e prata, no centro aparece a imagem de uma roda dentada em ouro, que simboliza riqueza ascendente do município. Os treze dentes representam o entrosamento entre estado e município. O círculo interno faz referência à Bandeira do Brasil sendo que a faixa sinuosa em prata representa o Rio Paraíba do Sul, nele estão três estrelas em prata que representam a cidade e os dois distritos do município: Eugênio de Melo e São Francisco Xavier.

A pergunta central dos historiadores é: teria mesmo Anchieta fundado a então Aldeia que dá origem à cidade de SJC-SP? Uma das hipóteses é que, provavelmente em 1564, segunda metade do século XVI, alguns índios foram mantidos em aldeias, eram fugitivos de Piratininga (atual São Paulo capital) e estavam sob o comando do ilustre Padre José de Anchieta, sendo que esta mesma aldeia foi abandonada por esses mesmos missionários em função de brigas entre brancos e índios.⁸³ Depois de brigas, de terra em terra, jesuítas foram obtendo várias porções territoriais e estabeleceram outros aldeamentos em fazendões mais retirados de Piratininga, uma dessas porções de terra teria sido SJC - SP. Sob essa perspectiva, historiadores partem de dois marcos importantes para descortinar a possível fundação da Aldeia São José: (i) a transferência de índios Guaianases de Piratininga para o Vale do Paraíba e (ii) a concessão de sesmarias⁸⁴ para as comunidades indígenas aldeadas em 1611. Conforme historiadores da vertente jesuítica e memorialista, eles supõem que os primeiros homens a chegarem a SJC-SP ocorreu por volta de 1643 em terras situadas em um lugar conhecido como Rio Comprido, limítrofe com o município de Jacareí-SP, cujo nome significa “rio dos jacarés” na língua tupi. Outra suposição é que essas terras foram inicialmente uma fazenda pecuária pertencente ao Collegio de São

⁸³ O motivo de diversas discussões figura em torno da mão de obra escrava indígena: os jesuítas tinham o objetivo de catequizar os índios, mas os colonos/bandeirantes precisavam dessa força motriz de trabalho escravo para explorar minas pertencentes à corte portuguesa.

⁸⁴ Elas tratavam da distribuição de terras aos colonos e também serviam como ponto de apoio político e comercial da colonização, sendo então centros da empresa lusitana no que se refere ao povoamento das terras colonizadas, na agricultura e exportações das riquezas para a Europa (SILVA *et al*, 2010).

Paulo⁸⁵, criada oficialmente a partir da concessão de sesmarias por volta de 1590 por solicitação dos jesuítas. O fazendão localizado às margens do Rio Comprido (divisa com Jacareí-SP), próxima de terreno pantanoso, distante 10km do atual centro da cidade, foi então uma fazenda de gado, chamada assim como estratégia para ocultar dos bandeirantes sua verdadeira intenção: a catequização dos índios e a auto-sustentação para Missões Sagradas.

De acordo com Ribeiro (2003, p.103), “*As missões eram aldeamentos permanentes de índios apresados em guerras ou atraídos pelos missionários para*” as aldeias para serem cristianizados porque os indígenas eram considerados hereges, merecendo salvação. O índio, ainda segundo o autor, não era escravo, não era servo, era homem livre, mas destinado a ser cuidado por um tutor. Ribeiro (2003) relata que em documentação colonial há descrição de aptidões indígenas para o artesanato e outros trabalhos como *carpintaria, marcenaria, serralheria, olaria*, além dos ensinamentos jesuítas para *a tipografia, artes plásticas e música*, e também para *a escrita*. Entretanto, como descreve Ribeiro (2003), os afazeres dos índios consistiam na produção de subsistência como consta no excerto de texto a seguir:

A função básica da indiada cativa foi, porém, a mão-de-obra na produção de subsistência. Para isso eram caçados nos matos e engajados, na condição de escravos, índios legalmente livres, mas apropriados por seus senhores através de toda sorte de vivências, licenças e subterfúgios. (RIBEIRO, 2003, p.99).⁸⁶

Em 1692, essa aldeia⁸⁷ no Vale do Paraíba passou a se chamar “Residência do Paraíba do Sul”, dependente do “Collegio São Paulo”, e em 1696 como “Residência de São José”.⁸⁸ Com o início do ciclo da mineração, extração de ouro às margens de rios, o aldeamento passa por sérias dificuldades devido à saída da mão de obra escrava-índia para o trabalho nas minas da Coroa Portuguesa, deixando os fazendões com ares de abandono.

⁸⁵Fato comprovado pela ereção da Aldeia à Vila em 1767 e pela relação de aldeias de 1765 encontradas no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (SILVA *et al*, 2010, p.51).

⁸⁶Milhares de índios, conforme Ribeiro (2003, p. 100), foram desgastados até morrerem porque serviam de bestas de carga para os seus proprietários; ao longo dos séculos a cada vez que terras eram expandidas em confronto com tribos arredias, essas eram imediatamente transformadas em mão de obra cativa, homens para o trabalho de carga, mulheres para o trabalho agrícola, gestação de crianças e para o cativo domiciliar. Com o passar dos tempos, colonos e religiosos se desistenderam resultando uma série de conflitos até a expulsão dos jesuítas em 1640 e a consequente extinção da missão de catequese indígena pela própria dispersão dos aldeados pelas florestas da região.

⁸⁷Outro jesuíta importante na época foi o Padre Manoel de Leão. Natural do Porto, ingressou na Companhia de Jesus, no Rio de Janeiro, em 1658. Trabalhou como sapateiro, enfermeiro (1559) e administrador de fazendas (1663). Ele, um dos maiores jesuítas da Companhia de Jesus, foi responsável pela organização urbana do local, sendo ele administrador da Fazenda São José (LEITE, 1953, p. 362, *apud* SILVA, 2010). A Lei de 10 de setembro de 1611⁸⁷ regulamentou a instalação de aldeamentos de índios dispersos, administrados por religiosos da Coroa Portuguesa, transformou oficialmente a fazenda em missão catequética.

⁸⁸Outros nomes ao local também lhe foram atribuídos como Nossa Senhora do Desterro substituído por São José (padroeiro da cidade). “Collegio São Paulo (1554) fora palco de muitos conflitos entre colonos paulistas e jesuítas em torno da posse dos índios, sobretudo da necessidade da mão-de-obra indígena em torno da expansão agrícola e do sinônimo de riqueza e poder aos olhos dos colonos sobre os jesuítas (SILVA, 2010).

Após a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, todos os bens dessa ordem religiosa como fazendas, colégios e aldeias passam para a custódia da Coroa Portuguesa. Esta ordenou ao governador D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, que tornasse essas novas propriedades produtivas. Assim, esse líder do governo obteve do Vice-Rei autorização para criar Freguesias e Vilas. A antiga fazenda foi promovida à condição de vila, primeiramente chamada de Vila da Aldeia e depois, em 27 de julho de 1767 (data de comemoração do aniversário da cidade na atualidade) a localidade foi nomeada como “Vila de São José do Parayba”. Essa característica de vila foi fator determinante para o progresso lento como cidade. Assim, por muitos anos, manteve características de vila (predominância do setor rural, manufaturas, artesanatos, carros de boi, cavalos etc). Um outro fator que dificultou o desenvolvimento local foi pelo fato de a Estrada Real passar fora dos domínios das terras joseenses, isolando a cidade do contato cultural que existia no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo-SP a partir do século XIX.

Economia cafeeira

O Brasil já não possuía a economia cafeeira como atividade principal, entretanto foi nessa época que São José dos Campos obteve maior retorno financeiro com a venda de sacas de café. O café produzido na cidade era cultivado em fazendas consideradas como “pequenos fazendões” porque empregavam em média de 3 a 10 negros. Saliento que fazendas como as dos grandes barões do café que existiam em Minas Gerais, Rio de Janeiro, por exemplo, não fizeram parte da história joseense. Outros sinais de crescimento também fazem parte dos registros da história da cidade como o desenvolvimento da agricultura. O algodão atingiu apogeu em 1864. Nesse mesmo ano, a 22 de abril, a vila é elevada à categoria de cidade. E em 1871 recebe o nome de São José dos Campos.

Instância Sanatorial

Passada a época negreira e cafeeira, a cidade recebe outro cenário: o de unidade sanatorial, principalmente para o tratamento da tuberculose devido ao clima ameno que favorecia o tratamento para esse tipo de doença. Nesse sentido, São José dos Campos-SP então foi muito procurada como instância para tratamento de saúde. Somente em 1935 o município tornou-se Estância Hidromineral, recebendo recursos oficiais a serem aplicados na área sanatorial. Uma das características de muitas ruas da cidade é a largura de avenidas e ruas. Moradores antigos relatam que as ruas da cidade são largas não em função do planejamento urbano, mas para

manter grande distância entre doentes e pessoas saudáveis. Com o advento da indústria farmacêutica, com a fabricação de antibióticos para tratamento da tuberculose, a cidade começa a receber outros investimentos, construções hospitalares passam a figurar no local, assim, SJC-SP deixa de ser instância sanatorial e passa a receber doentes em hospitais modernos. A instância sanatorial localizava-se no atual Parque Municipal Vicentina Aranha, que hoje passa por reformas e restauros. É usado como cenário para concertos, festivais, eventos em geral, exposição de artes e artesanato. Além da tradição sanatorial, SJC –SP atraía tropeiros e cancioneiros de um modo geral, homens, em sua maioria, cantavam, compunham e tocavam moda de viola. Hoje há um grupo de viola caipira na cidade cuja sede está no bairro dos mineiros, Santana, que se reúne para tocar moda de viola e travar “dedins de prosa”⁸⁹.

A explosão industrial

É a partir de 1950 que a industrialização tomou impulso na cidade com a instalação do Centro Técnico de Aeronáutica – CTA e com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra possibilitando, assim, uma ligação mais rápida entre o Rio de Janeiro e São Paulo, cortando a parte urbana do município. Essa confluência de fatores transformou o município em potencial científico-tecnológico e grande polo industrial, devido à instalação de grandes empresas nacionais, multinacionais, refinaria de petróleo (Petrobras) e a Embraer (1960), que alavancam uma progressão de sucessos fatos que estudiosos chamam de “vocação da cidade” (COSTA E MELLO, 2010).

Para resumir pontos sobre a história da cidade, elenco os seguintes fatos históricos:

- a partir de 1611, houve autorização da Corte Portuguesa para instalação de aldeias pelo território bandeirante;
- por volta do século XIX, a Vila de São José do Parayba demonstrou sinais de crescimento econômico com a produção de algodão, transformando a Vila em cidade por volta de 1864, sendo que a localidade recebeu seu nome oficial em 1871. Houve o desenvolvimento agrícola, principalmente com a plantação cafeeira que teve destaque até 1930. Logo depois, houve a criação da estância climática;
- Houve a explosão da indústria e da instalação tecnológica aeroespacial a partir de 1940/50. Ao final dos anos 40, começaram a chegar indústrias na cidade, reduzindo a procura de tratamento sanatorial, já que a doença era tratada com vacinas. Inicia-se a

⁸⁹ www.fccr.org.br, site da Fundação Cultural Cassiano Ricardo na qual constam as programações das Modas de Viola pela cidade de São José dos Campos – SP.

fase científico-tecnológica na cidade com a instalação do Centro Técnico de Aeronáutica, o CTA, em 1950, e a inauguração da Rodovia Presidente Dutra que corta a cidade em sua região central, o que colaborou muito para o grande desenvolvimento da região, atraindo mão de obra de todos os lugares deste país e do mundo.

Segundo alguns relatos de meus entrevistados, estão em suas lembranças a imagem da antiga cidade de SJC-SP na qual as estradas eram de terra, veículos eram carroças e bicicletas, poucos eram os veículos automotores que trafegavam pela urbe nas décadas de 80, 90. A partir de 2000, alguns entrevistados disseram que a cidade se transformou rapidamente obedecendo a um ritmo acelerado de “crescimento”: muitas indústrias, muitos prédios, muitos veículos, trânsito e a chegada de muitas pessoas oriundas de outras regiões, localidades e outros países. Entretanto, SJC-SP provavelmente tornar-se-á São José das Pedras, de acordo com a visão de alguns entrevistados, porque o crescimento vertical desordenado, com a construção de grandes prédios e altos edifícios provoca na cidade a imagem de grande desenvolvimento socioeconômico, aumentando, por conseguinte, o crescimento populacional de maneira desordenada porque a cidade atrai pessoas que vêm em busca de emprego, cresce também o público escolar voltado a cursos técnicos e superiores.

Com o crescimento desordenado de áreas urbanas, surgem cada vez mais grupos humanos que estão à margem da sociedade, ou seja, eles são removidos de áreas centrais para locais periféricos, adaptando-se às distâncias com o auxílio de transporte coletivo precário, crianças são retiradas de escolas para serem matriculadas em outras mais próximas de suas novas residências, novos cadastros em postos de saúde aumentam consideravelmente na cidade, segundo percepções de alguns entrevistados populares. Alguns dos espaços urbanos são caracterizados por linhas ferroviárias, como é o caso da comunidade Santa Cruz (antiga favela), área urbana central. Antigos moradores se instalaram nessas áreas centrais da cidade por serem contratados para construir estradas de ferro, razão pela qual assentavam suas casas praticamente à beira de estradas férreas. Algumas dessas residências ainda resistem às pressões do tempo e, em algumas áreas, a política local tenta remanejar esse estrato populacional para áreas mais distantes do centro.

Assim faz todo sentido, como já exposto, conceber a cidade como anterior aos indivíduos que nela habitam e, por isso, ela traz memória social, comportamental, histórica e influências culturais originadas desde o seu início até os tempos atuais. Com o desenvolvimento industrial,

além de prédios públicos municipais, correios, bancos financeiros, escola, universidades, outras esferas sociais foram surgindo na cidade de SJC-SP como indústrias, comércio diversificado, construção de condomínios residenciais de pequeno, médio e grande portes. Como minha pesquisa está voltada para a variedade popular, não farei comparações dessa variedade com grupos que falam variedades cultas. Se bem que, se eu comparasse essas duas variedades na cidade, a hipótese que eu aventaria seria que *o modelo pronominal empregado por esses dois segmentos sociais (letrados e pouco escolarizados) seria o mesmo*, considerando que SJC-SP é terra dominada pelo uso do **VOCÊ/SUJEITO** e, assim, tanto pessoas letradas quanto falantes pouco escolarizados “misturariam o pronome **você/sujeito** com **te** e **seu/a~teu/a**”, não havendo, assim, distinção social, preconceitos e/ou juízos de valor.

2.5 ASPECTOS METODOLÓGICOS SOBRE ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS – trabalho de campo

Antes de abordar o assunto Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) e variáveis linguísticas, descreverei inicialmente o processo metodológico desenvolvido na pesquisa de campo, cidade de São José dos Campos – SP, para coletar dados de fala popular em CsPrát.

Para investigar determinada CF, os sociolinguistas adotam procedimentos metodológicos relacionados à seleção do seu objeto de estudo, desenvolvidos, por conseguinte, na pesquisa de campo, selecionam referências bibliográficas até à elaboração de sua tese e sua conclusão. Alguns desses procedimentos envolvem primeiramente *ações operacionais* como: **a)** buscar contatos que levem o pesquisador a certas CsFal. ou grupos de indivíduos de seu interesse e **b)** agendar dias e horários para coletar dados de fala. Assim, na medida em que coletei as entrevistas, transcrevi as falas para verificar se as variáveis das formas ligadas às séries **VOCÊ** (**você/sujeito**, complemento acusativo e dativo – **você/pra você** – e possessivos **seu/a**) e **TU** (**tu/sujeito**, complemento acusativo e dativo – **te** – e possessivos **teu/a**) se mostrariam regulares em conversas de populares, moradores de São José dos Campos-SP (SJC-SP), oriundos ou não da cidade. Outro ponto a esclarecer é que SJC-SP foi escolhida porque é local no qual resido (documentadora). Além disso, a cidade atrai pessoas de toda a sorte, oriundos de muitas partes do país e do mundo. Como parte da infra-estrutura da cidade, trabalhadores braçais realizam atividades para o bem-estar da população em geral e para concretizar seus propósitos diários falam variedades do Português Brasileiro Popular (PBPOP), comportamento linguístico que faz parte da sócio-história do Brasil. Diante dessa situação, justifico meu interesse pelo PBPOP

falado por essa variedade estar presente em todas as fases de construção do Brasil e por ele, o PBPOP, ser reflexo linguístico e comportamental passado vivido no presente. Sob esse prisma, o PBPOP falado em SJC-SP foi observado sistematicamente com o propósito de investigar o uso de padrões pronominais voltados à segunda pessoa do singular que, possivelmente, está deixando de ser variável.

Além disso, esclareço que por *variedades populares* entendo que sejam falas naturais, *aprendidas de ouvido* e por convívio, isto é, são falas despreocupadas com regras normativas e estruturas voltadas para formalidades e suportes escritos (capítulo 1). Pelo fato de esses populares lidarem pouco ou quase nada com suportes escritos e discursos formais, esses populares, pertencentes à baixa renda, têm o hábito de ler pequenos conteúdos como informações contidas em rótulos de produtos de limpeza, manual de equipamentos para jardinagem, recados, quadro de anotações etc. Desse modo, considereei esses falantes como pertencentes a grupos que falam o PBPOP em SJC-SP, mesmo que alguns desses entrevistados tenham completado o Ensino Médio como são os casos de alguns vigilantes entre outros trabalhadores populares. O fato de alguns falantes ter completado o Ensino Médio não quer dizer que suas práticas linguísticas sejam diferentes das práticas realizadas por pessoas com baixa escolaridade. Em geral, esses falantes frequentaram a escola em tempo irregular, pois os populares que terminaram essa fase de suas vidas a terminaram em estágio adulto e, por sua vez, já atuavam no campo de trabalho.

Outro aspecto a salientar é que mesmo aqueles que possuem o certificado do Ensino Médio passam seu cotidiano ao lado de populares (baixa escolaridade) e, por isso, suas falas são semelhantes no sentido de não se preocuparem com regras contidas em gramáticas normativas (norma escolar) como, muitas vezes, é verificado na fala de pessoas escolarizadas (ou falantes cultos).⁹⁰ Esse fato corrobora o que Guy (2001, p.4) defende: “tendemos a falar como aquelas pessoas com quem mais falamos”. Em virtude disso, a hipótese é que o fator escolaridade, medido como possível condicionador das formas variantes em questão, poderá não influenciar o uso de uma e outra forma, pois esses pronomes relacionados à segunda pessoa do singular

⁹⁰ Penso que situações muito formais não permitem que pessoas se expressem com naturalidade/espontaneidade. Há nessas situações um preocupar-se com normas, regras, etc. Diferente de quando falantes se expressam em situações informais, independente se são falantes cultos ou populares. O que determinaria a artificialidade? As situações que impediriam os falantes de se expressarem de modo menos preocupado, menos policiado. Saliento também a necessidade de se observar qual *a forma primeira do falante*. Isto é, *a forma primeira (o vernáculo)* do falante seria constituído de elementos voltados para o uso culto ou popular? Se o uso for culto, seria *casual/espontâneo* marcar sua fala com elementos de variedades cultas, se o uso for popular, seria *casual/espontâneo* marcar sua fala com itens de variedades populares. A minha forma primeira, por exemplo, é usar elementos de variedades populares.

formam *padrões em uso regulares* que, por sua vez, não causam distinções, preconceitos, prejuízos pessoais aos interlocutores. Já pronomes de primeira pessoa do singular e plural como em: **me** leva x leva **eu**; leve-**nos** x leva **nóis** podem denunciar pouca escolaridade e grupos humanos pertencentes a faixas econômicas menos favorecidas a depender de ambientes e interlocutores que privilegiem o uso de formas associadas ao “padrão culto” do PB.

Esclarecidas essas condições relativas à fala popular, após a coleta das entrevistas e transcrições dos dados de fala, o passo seguinte foi codificar, digitar e quantificar esses dados para analisá-los e obter resultados estatísticos fornecidos pelo Programa Goldvarb X (seção 2.5.4). Esses resultados relacionados às variáveis linguísticas e extralinguísticas foram analisados de modo quantitativo e de certa maneira qualitativo com o intuito de associar esses padrões pronominais a textos diversos, a usos passados (capítulo 1), a conceitos como os de CsFal. e de CsPrát. (seções anteriores) e à necessidade de fundamentar o todo desta pesquisa em bases teórico-metodológicas diversas que levem em consideração *modelos baseados no uso e o dinamismo das línguas*. Nesse sentido, o labutar científico gera naturalmente hipóteses, assim, elas foram elaboradas para serem testadas na medida em que dados foram codificados e submetidos a tratamento estatístico, incluindo também discussões mais específicas sobre ocorrências, frequências de uso e pesos relativos a serem abordados no capítulo 4.

Antes de relatar os procedimentos metodológicos que utilizei para realizar as Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) em CsPrát., enfatizo que esses populares fazem parte da sociohistória do PB e da cidade de SJC-SP, já que os entornos sociais desse centro urbano são fortemente influenciados por características do sul mineiro, isto é, costumes voltados para vida simples e sem grandes ambições. Esclareço que os trabalhadores entrevistados exercem atividades como faxina, jardinagem, manutenção predial, varrição, reciclagem de lixo e cozinha. Desse modo, setores sociais que compõem os entornos sociais da cidade foram transformados em três grupos de falantes, subdivididos por níveis de formalidade como comentei anteriormente: **a) Universidade e escola**, considerada [+formal] por lidar com questões educacionais, formação do indivíduo, execução de pesquisas e expansão do conhecimento humano etc. Os entrevistados nessa CPrát. exercem funções como faxineiros, jardineiros e merendeiros (serviços gerais); **b) Empresa**, considerada [+/-formal] por receber pessoas pertencentes a níveis socioeconômicos distintos. Os cidadãos em geral procuram essa empresa para reciclar lixo. Pelo fato de pessoas com níveis culturais e socioeconômicos distintos circularem por espaços dessa empresa e terem contato com alguns recicladores e garis, o nível para essa CPrát. foi considerado intermediário; e **c) Locais Alternativos** foram

considerados [-formal] porque entrevistei populares, trabalhadores vinculados a instituições públicas como bibliotecas municipais, centro históricos entre outros departamentos públicos. Os entrevistados exercem funções como faxineiros, jardineiros, auxiliares de manutenção predial (serviços gerais). Saliento que esses espaços recebem toda a sorte de pessoas da cidade SJC-SP e fora dela. Outros órgãos públicos visitados por mim foram: prédios de secretarias da Educação, da Cultura, situadas em grandes parques verdes da urbe, praças, áreas hospitalares e vilas próximas de empresas. Esses locais alternativos são áreas frequentadas por diversas pessoas, os funcionários são menos monitorados e há menos formalidades se esses ambientes forem comparados às hierarquias de cargo e chefias existentes em indústrias e comércio; considere esse grupo de falantes populares como representantes de áreas com traço [-formal].

Desse modo, esses grupos de populares por estarem situados em locais diferentes e caracterizados por esses níveis de formalidade foram descritos como Comunidades de Prática justamente porque esses trabalhadores passam oito horas diárias em setores diversos de esferas sociais distintas, produzindo, além de suas tarefas cotidianas, fatos linguísticos regulares. Desse modo, com base em estudos sociolinguísticos, entrevistei **73** indivíduos, oriundos ou não da cidade de SJC-SP. O critério de ser morador por mais de cinco anos foi levado em consideração⁹¹. Além disso, os falantes populares considerados foram divididos por *sexo* (feminino, masculino) e *dois níveis escolares* (Fundamental e Médio) para verificar se havia diferenças de comportamento linguístico entre esses respectivos subfatores. *A origem dos falantes* também foi considerada, o que me levou a distribuí-la em dois grupos: **a) grupo 1:** São Paulo, Minas Gerais e Paraná, por serem terras majoritariamente dominadas pelo uso do **você/sujeito**; e **b) grupo 2:** Piauí, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará e Rio de Janeiro por alternarem os pronomes **tu** e **você** conforme discussões feitas por SCHERRE *et al* [no prelo] entre outros pesquisadores citados nesta pesquisa. Outro fator considerado foi a faixa etária. Assim, esses populares foram divididos em três faixas etárias: **a)** dos 20 aos 36 anos (jovem); **b)** dos 37 aos 49 anos (intermediário) e **c)** + de 49 anos (mais velhos). Cabe salientar que não foi possível construir células sociais com números exatos de participantes. Todos esses fatores sociais entre outros estarão melhor explicitados no capítulo 4.

⁹¹ Esse critério foi adotado porque novos moradores talvez ainda não estivessem adaptados à cidade, rotinas etc. Pessoas moradoras há mais tempo no local a ser investigado já tiveram tempo para se ambientarem e observarem costumes locais. Mas isso não quer dizer que os entrevistados que participaram dessa pesquisa não convivam ou não tenham contato com seus familiares (nordestinos, nortistas etc). Eu, documentadora, por exemplo, vivo na cidade de SJC-SP há sete anos, preservo o pronome **tu/sujeito** nas minhas falas. Em meu repertório linguístico não há **você**, aliás tenho dificuldades para expressar esse pronome, sempre que eu preciso emitir essa forma de tratar o outro eu paro e penso antes de falar esse item. Mas isso não quer dizer que eu não tenha me adaptado à cidade, eu apenas preservo algo que faz parte da minha identidade catarinense (Blumenau/SC): o uso do pronome **tu** e seus elementos correspondentes (**te, ti, contigo, teu/a**).

Para coletar dados em setores sociais espalhados por entornos urbanos da cidade de SJC-SP, previamente contatei pessoas conhecidas em ambientes nos quais eu iria transitar. Assim, a coordenadora da Biblioteca Municipal (centro) forneceu a mim vários outros contatos, que posteriormente me auxiliaram a reunir falantes populares para compor as entrevistas que coletei em CsPrát. Os falantes pertencentes ao grupo Universidade e Escolas, por exemplo, consegui entrevistá-los pelo fato de conhecer a secretária de uma das universidades públicas locais e uma professora de Libras, atualmente, psicopedagoga em escolas estaduais situadas nesse município. Esses dois contatos me apresentaram para outros profissionais, que, por sua vez, eram líderes de grupos de limpeza e manutenção. Desse modo, reuni *um, dois, três* ou *quatro interlocutores*, formação obtida de modo aleatório, em seus horários de folga e intervalos de trabalho. Esses falantes foram categorizados como “iguais linguísticos e sociais” conforme termos empregados por Rodrigues (1987). Isto quer dizer que por “iguais linguísticos” entendo que todos os entrevistados são representantes do PBPOP falado em SJC-SP, mesmo que alguns dos entrevistados tenham Ensino Médio completo conforme esclareci anteriormente. Por “iguais sociais” entendo que os entrevistados em questão tenham proximidade social, ou seja, seus modos de vida, interesses e maneiras de se relacionar em grupos de familiares e amigos são praticados de modo semelhante.

Quanto ao número de entrevistas, as falas desses populares constituíram **37** Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) que coletei em CsPrát., descritas mais adiante. Quanto ao número de entrevistados, **73** pessoas foram ouvidas. Esclareço que para esses populares eu me apresentei como estudante universitária dos Cursos de Psicologia e Assistência Social que, por sua vez, necessitava coletar entrevistas de pessoas que conhecessem bem a cidade na qual residem em razão de um trabalho acadêmico que eu teria que apresentar. Assim, consegui que esses falantes conversassem sobre alguns problemas que os afligiam e/ou assuntos que os deixassem mais à vontade. Desse modo, tópicos como: transporte coletivo e aumento de taxas, baixos salários, sistemas de saúde e educação, lazer, tempo para cuidar de si, lazer, diversão, opinião sobre a cidade na qual residem etc. também foram abordados nessas sessões conversacionais, fato que caracterizou esses momentos com pontos semelhantes e distintos transformando cada uma dessas entrevistas como únicas.

Sob o prisma da sociolinguística laboviana (LABOV [1972] 2008), utilizei o artifício sugerido por Labov de deixar os falantes à vontade para produzirem atos de fala mais espontâneos e, por conseguinte, conseguir coletar pronomes relacionados à segunda pessoa do singular. Esses dados linguísticos são difíceis de serem coletados pelo fato de entrevistas privilegiarem

narrativas pessoais, não motivando o aparecimento das variáveis de meu interesse de pesquisa. Para minimizar “o paradoxo do observador” (LABOV [1972] 2008), isto é, *minimizar a sensação de estar sendo observado*, o artifício de envolver esses falantes em uma pesquisa sociológica ou de psicologia social surtiu efeitos *positivos, empáticos e não constrangedores*, já que eu me apresentei como estudante universitária mais velha que, por sua vez, só teve oportunidade de prosseguir seus estudos tempos depois dos períodos convencionalizados por cronogramas escolares e universitários. Além disso, só a minha presença já seria motivo para aumentar “o grau de vigilância” ou “nível de monitoramento” por boa parte dos entrevistados em questão porque sou falante do **tu**, minha aparência física é bem característica do Sul brasileiro e expressões do tipo: “no **seu** país faz tanto calor assim?”; “**você** é estrangeira, né?”; “**você** não é daqui, é de outro lugar, né?” ... entre outras expressões ouvi com certa frequência. Entretanto, depois de quase nove meses de “dedins de prosa” com esses trabalhadores braçais, os grupos estavam mais familiarizados com a minha presença.⁹²

Diante desses populares, no início, no meio ou no final das sessões interlocutivas, eu preenchia as respectivas fichas sociais correspondentes a cada entrevistado. Logo após entrevistá-los eu solicitava aos falantes que assinassem suas respectivas fichas sociais.⁹³ Ao final das interlocuções eu pedia autorização das gravações que foram feitas de “modo secreto” (SCHERRE *et al* [no prelo]). Em muitas das gravações há essa autorização gravada, mas nem todas foram armazenadas no gravador em razão do meu esquecimento. Desse modo, reconheço essa falha ocorrida durante o meu trabalho de campo. Saliento que *esse método alternativo de gravar falas* de “modo secreto” foi adotado por mim para minimizar “o paradoxo do observador”, já que eu, documentadora, era estranha aos grupos⁹⁴ e muitos desses falantes têm

⁹² A coleta de dados demorou mais ou menos nove meses. Horários incompatíveis, dias muito chuvosos, eventos nos locais de coleta me impediram de colher essas entrevistas em menos tempo. Além disso, outros contratemplos como gripes, resfriados, indisposições diversas também atrapalharam o desenvolvimento das entrevistas.

⁹³ Em geral, coletei apenas o nome dos bairros nos quais esses populares residem e anotei observações de ordem social e comportamental nas fichas sociais dos entrevistados em questão como, por exemplo: o hábito de frequentar igrejas, bares, jogos de futebol, casa de amigos e parentes etc.

⁹⁴ Conforme Scherre *et al* [no prelo], dados voltados à segunda pessoa do singular são difíceis de serem coletados em Entrevistas Sociolinguísticas justamente por não privilegiarem conversas entre díades ou mais partícipes. Além disso, a depender da Comunidade de Fala (CF) há outras dificuldades que impedem os documentadores de gravarem material falado como, por exemplo, *timidez, vergonha de falar*, etc. Como a cidade de SJC-SP é vizinha do Sul mineiro, minhas primeiras entrevistas foram frustradas porque eu me apresentava como estudante de Letras e dizia que a entrevista seria gravada. Assim, as minhas primeiras abordagens não foram bem-sucedidas porque, de modo geral, as pessoas são muito fechadas, tímidas e jogo dialogal permanecia no *ping-pong*, repostas como “sim” e “não” eram frequentes. Por essa razão adotei o *método secreto* para gravar entrevistas. Além disso, algumas pessoas sabiam que o Curso de Letras forma “Professores de Português” e um dos falantes me perguntou se eu ia corrigir a fala dos entrevistados, já que “pobre fala tudo errado mesmo”. Em função dessa situação, preferi dizer que eu frequentava cursos como os de *Psicologia* ou *Assistência Social* para enfim conseguir material falado da variedade popular. Não encontrei dificuldades para coletar as assinaturas em fichas sociais mesmo depois de

forte influência de costumes mineiros. Essa população é conhecida por ser extremamente desconfiada e por falarem pouco com estranhos, características que confirmei ao abordar falantes de baixa renda nas CsPrát. consideradas. Nas fichas sociais de cada participante desta pesquisa anotei aspectos e comportamento dos falantes e a característica que mais notei foi *timidez (falar pouco)*. Nesse sentido, os entrevistados aparentavam ser *reservados e muito observadores*.⁹⁵ Sob essa perspectiva, justifico o *método alternativo* de investigação linguística que utilizei para coletar dados de fala popular na cidade em questão e, assim, poder dar sequência ao meu trabalho de pesquisa. Como já mencionei, cada CF é única e, por isso, penso que testes e experiências diversas em relação a entrevistas e gravação de conversas são procedimentos necessários em qualquer trabalho de campo e de pesquisa que envolva falantes, interlocução, situações dialogais diversas, se o intuito da pesquisa for tornar a coleta de dados eficiente (audível e de boa qualidade). Esclareço também que todos os falantes foram identificados por códigos em suas respectivas fichas sociais; seus nomes entre outros dados pessoais não foram, por mim, solicitados para não expor e nem identificar nada de pessoal dos entrevistados considerados (identidade, nome completo, telefones etc.).

Cada entrevista tem em média uma hora de gravação. Se apenas um informante era entrevistado, o tempo de entrevista foi menor, de 20 a 35 minutos. Friso também que o tempo exato não foi por mim computado. Difícil também foi controlar a fala de *dois* ou *mais entrevistados reunidos* em uma sessão interlocutiva apenas, pois de modo ideal cada falante deveria falar em média entre dez a quinze minutos, expressando ideias e utilizando, preferencialmente, pronomes relacionados à segunda pessoa do singular, mas nem sempre isso foi possível controlar. No mais, estratégias foram por mim adotadas para que pronomes ligados à segunda pessoa emergissem. Assim, solicitava a eles *receitas de bolo, descrições de encontros* (festas, reuniões de escolas de samba, aniversários ...), *ensinamentos, explicações de compra e venda, construção de casas, instruções para chegar a certos locais utilizando transporte coletivo ou táxi*. Solicitei a eles *opiniões referente à saúde pública, atendimento em postos de saúde e hospitais, creches, aumento de taxas e tarifas relacionadas à IPTU e transporte coletivo* etc.; formalizando, desse modo, o roteiro das ESSDs que coletei. Saliento, entretanto, que todas as entrevistas são singulares porque elas não são iguais, pois cada conversa se moldou de maneira distinta no que concerne a assuntos, temas, quantidade de interlocutores e espectadores.

mentonar que gravei o material falado. Em uma das entrevistas uma das entrevistadas disse: “nossa se eu soubesse que **você** ia gravar eu tinha travado, **você** jogou certo”. A maioria das gravações contém meu pedido de gravação no final das entrevistas para autorizar o uso das falas para fins acadêmicos.

⁹⁵ Generalizações são perigosas, mas é característica dos mineiros a *reserva, timidez, o falar pouco*. Entre os cariocas há a característica da *espontaneidade*. Cearenses, por exemplo, são conhecidos pelo humor, riso etc.

Essas estratégias alternativas de coletar dados afastaram-me dos moldes de colher Entrevistas Sociolinguísticas Tradicionais, já que elas privilegiavam apenas um entrevistado por sessão interlocutiva, apesar de Labov ([1978] 2008) considerar presença de pessoas, vizinhos, parentes durante as interlocuções travadas entre documentador + um entrevistado por objetivar observar *o vernáculo* e *variações estilísticas*. Desse modo, a presença de outras pessoas, telefonemas etc. indicam, em geral, pistas de como *o vernáculo* é falado em situações de menor monitoramento quando os falantes estão menos vigilantes. Além disso, as entrevistas tradicionais privilegiavam longas narrativas de experiências pessoais para que o falante se envolvesse emocionalmente com *o que se fala*, não se preocupando com *como se fala*, emergindo, dessa maneira, *o vernáculo* em falas casuais (*casual speech*). Entretanto, nas falas populares que coletei, a espontaneidade é notada na medida em que dificuldades cotidianas foram expostas na presença de “iguais linguísticos e sociais”, inclusive, algumas interlocuções foram assistidas por colegas de trabalho, aumentando a atmosfera colaborativa entre esses partícipes dialogais (seção entrevistas). Curiosamente, quando havia um entrevistado somente mais a minha presença (documentadora), senti que a conversa também fluiu de modo espontâneo, surgindo, assim, sem constrangimentos, pronomes relacionados à segunda pessoa do singular.

Além disso, esclareço que todos os encontros foram previamente agendados com líderes de grupo (manutenção e limpeza); algumas vezes, as entrevistas não ocorreram porque os funcionários selecionados faltaram ao trabalho, dificultando o término das entrevistas. Somente seis entrevistas foram realizadas fora do ambiente de trabalho: *vila localizada próxima a empresas ...* Elas completaram as **37** abordagens interativas, totalizando **73** partícipes dialogais, mas desse total **66** falantes foram considerados. Enfatizo que todos os partícipes são trabalhadores braçais, quase todos terceirizados, três apenas são funcionários públicos federalizados, duas pessoas são aposentadas, outra entrevistada foi uma dona-de-casa e outro entrevistado foi um distribuidor de gás de cozinha (chamado de gaseiro pela comunidade local)⁹⁶. Muitas das entrevistas, “os dedins de prosa”, foram coletadas em locais bem aprazíveis como em *parques, praças universitárias, calçadas, áreas verdes e floridas ...* deixando os falantes à vontade. Outras interlocuções foram coletadas em salas de aula, salas de espera, refeitórios, corredores, bibliotecas e escritórios. Alguns desses ambientes estão inseridos em áreas públicas, consideradas menos monitoradas que ambientes empresariais conforme já explicitiei. A empresa que beneficia lixo, por exemplo, tem pontos de apoio (PAs) espalhados

⁹⁶ Em suas horas de folga esse homem toca gaita, músicas nordestinas entre outras.

pela cidade em questão. Assim, visitei três PAs e entrevistei trabalhadores (garis ou agentes ambientais) em escritórios, salas de espera e refeitórios.

Na sequência apresento a concepção das ESSDs e os modelos que representam as cenas interlocutivas como molduras discursivas distintas.

2.5.1 ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS SEMIDIRIGIDAS (ESSDs) – entornos e percepções

Com base nas Entrevistas Sociolinguísticas Labovianas, modelo utilizado em muitos trabalhos (LOREGIAN-PENKAL, 2004; VIANA SOUSA, 2008; ARDUIN, 2005 entre outros pesquisadores citados) e na proposta social e cognitiva de Moreno Fernández (2012), descreverei as entrevistas que realizei em pesquisa de campo na cidade de SJ-SP. O objetivo primeiro dessa coleta de dados linguísticos foi o de propiciar condições aos interactantes para que produzissem pronomes de segunda pessoa do singular e, desse modo, descrever o modelo pronominal existente nas CsPrát. consideradas. O segundo objetivo foi propiciar diálogos mais espontâneos e, para isso, Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) foram elaboradas a partir da metodologia de Moreno Fernández (2012). Essa metodologia elaborada por esse autor possui fundamentos em perspectivas sociocognitivas que, por sua vez, permitem aplicar interfaces teórico-metodológicas em pesquisas sociolinguísticas para o entendimento de complexidades linguísticas e sociais existentes em sociedades atuais.

Especificamente em relação à metodologia laboviana, ela considerava a fala de apenas um entrevistado por sessão interlocutiva. Logo após era somada a várias outras entrevistas coletadas em grupos sociais distintos por fatores sociais diversos e, assim, contabilizavam quantidade de dados necessários para desenvolver uma pesquisa sociolinguística quantitativa em dada CF. Desse modo, o entrevistado era considerado uma fonte de dados variáveis e sistematizáveis, já o documentador, apesar de ser um partícipe da interação, posicionava-se de modo um tanto quanto passivo para não perturbar a fala do entrevistado que estava sob o efeito do *paradoxo do observador* como já mencionei. Além disso, sob essa perspectiva, saliento que o documentador deveria exercer papel de aprendiz, interessado pelos problemas, situações cotidianas, dificuldades individuais e coletivas da respectiva CF, foco de sua pesquisa de campo. Esses procedimentos metodológicos, retirados da literatura laboviana, foram por mim adotados nas entrevistas que realizei para que pronomes relacionados à segunda pessoas emergissem durante “os dedins de prosa”. Todavia, a Sociolinguística Cognitiva lançou a possibilidade de

conceptualizar cenas interlocutivas como vivências entre protagonistas sociais de eventos de fala, construídos no aqui-agora das interações analisadas. Nesse sentido, o entrevistado não seria apenas uma fonte de dados para a observação de *variação estilística* e, dessa maneira, tanto a documentadora quanto os entrevistados são protagonistas de suas falas, pois são responsáveis pela colaboração da construção dos diálogos desenvolvidos nas ESSDs consideradas. Assim, falantes são atores sociais, agentes estilísticos em potencial e, acima de tudo, parceiros que, por sua vez, negociam referentes e, além disso, intencionam *designar, apontar o outro* por haver entre as partes dialogais interesses e propósitos a serem alcançados durante o desenvolver de “dedins de prosa”. Diante dessas explicações, aventei a seguinte hipótese: ESSDs com mais de um entrevistado popular – “iguais linguísticos e sociais” – propiciariam o uso de formas das séries **TU** e **VOCÊ**.

Sob essa perspectiva colaborativa, descrevo a seguir o ambiente interlocutivo das **37** ESSDs que coletei em CsPrát. de SJC-SP. Conforme já mencionei, utilizei discussões de Moreno Fernández (2012) para fundamentar como funcionam esquemas de percepção em distintas situações de uso. Dessa maneira, os quadros a seguir descreverão esquemas de percepção sobre *conceptualização subjetiva e objetiva da conversação face a face* entre documentora e entrevistado(s):

Quadro 10: Conceptualização subjetiva da situação: conversa coloquial ou casual.⁹⁷

Fonte: extraído de Moreno Fernández (2012, p. 192)

Nessa conceptualização da cena interlocutiva, os falantes estão dispostos face a face. O quadro acima representa uma conversa produzida em situação *casual*, ou seja, a troca interlocutiva acontece naturalmente sendo esse um ambiente informal no qual a língua falada e cotidiana ocorre espontaneamente. O círculo em azul representa a área de observação de ambos os falantes, sendo que a legenda *F1/Ob* representa *o falante 1* e sua área de observação, o mesmo acontece com *o falante 2*. As setas representam a observação mútua realizada entre ambos os participantes dialogais.

⁹⁷ Legendas F1/Ob e F2/Ob são abreviaturas de Falante/ouvinte1 e Falante/ouvinte2.

A seguir o quadro 11 representa a conversa travada entre a documentadora e mais três entrevistados. Esclareço que, além desses interactantes, há no ambiente outros colegas de trabalho desses entrevistados. Esses espectadores também “iguais linguísticos e sociais” assistiam às cenas interlocutivas, propiciando, assim, ao ambiente uma atmosfera colaborativa.

Quadro 11: Conceptualização subjetiva das ESSDs. Percepção entre documentor e mais de um entrevistado, além de “iguais linguísticos e sociais” – espectadores.

Fonte: adaptado de Moreno Fernández (2012, p. 195).

No quadro acima há entrevistados múltiplos. Assim, tanto a documentadora quanto os entrevistados se observam simultaneamente. Essa observação entre as partes está representada pelas setas que, por sua vez, representam os olhares lançados entre os interactantes da sessão. A documentadora observa cada ouvinte ao mesmo tempo, entretanto, para que a interlocução se desenvolva de maneira colaborativa e espontânea, somente um falante deverá se manifestar, restringindo, assim, a área de observação da documentadora para um só *emissor/falante*. Na medida em que a interação acontece, a área de observação muda a depender de trocas dialogais entre falante-ouvinte. Desse modo, cada vez que o emissor da mensagem muda de posição para a posição de ouvinte, o antigo ouvinte passa para a posição de falante atualizando, assim, o eixo dialogal (BENVENISTE, [1946] 1988). Os três pequenos círculos representam “os iguais linguísticos e sociais”, espectadores da cena interlocutiva (auditório).

Além das cenas subjetivas, há *a cena objetiva* protagonizada pelo *transcritor das entrevistas* (neste caso transcritora e documentadora). O transcritor é aquele responsável por transcrever as ESSDs. Ele também percebe a cena como um todo, mas do lado externo à situação interlocutiva como se fosse um espectador que assiste à cena através do televisor. Assim, *a transcritora* percebeu conjuntos de interações, ou seja, todos os falantes da cena interlocutiva, todas as manifestações discursivas emitidas pelos partícipes das cenas e também outros ruídos que aconteceram durante as entrevistas como, por exemplo: silêncio, constrangimentos, tosses, espirros etc. Gestos e olhares em conversas gravadas somente em áudio não são possíveis de serem analisados como aconteceria se o documentador obtivesse autorização para filmar as cenas de interação conforme ocorrem em programas televisivos nos quais apresentador/entrevistador e entrevistado(s) constroem cenas face a face (FÁVERO E ANDRADE, 1998). O quadro 12 a seguir mostra *o esquema de percepção objetiva* da transcritora em questão conforme modelo sugerido por Moreno Fernández (2012):

Quadro 12: Conceptualização da cena objetiva pela perspectiva do transcritor das ESSDs.

Fonte: adaptado de Moreno Fernández (2012, p. 197).

A transcritora é representada pelo círculo azul, externo à cena interlocutiva.

Ela observa a tudo inclusive o momento da autorização da gravação das ESSDs⁹⁸, solicitada ao final de cada sessão interlocutiva juntamente com o recolhimento das assinaturas em fichas sociais como explicitarei na seção anterior. A gravação foi feita de modo secreto, opção que fiz

⁹⁸ Nas gravações das primeiras cenas interlocutivas não tenho o momento da autorização do material gravado. Assim, quando acabava a entrevista eu desligava o aparelho gravador e só então solicitava a autorização, se positiva eu mantinha a entrevista no aparelho, se negativa eu a descartaria, se fosse o caso. Não aconteceram negativas quanto à autorização das gravações para fins acadêmicos. Houve descartes de entrevistas, mas elas aconteceram porque, eu, documentadora, não soube lidar com certos constrangimentos pelos quais passei. Como não havia autorização preferi descartar as primeiras entrevistas que coletei. As demais entrevistas em áudio foram autorizadas ainda com o aparelho ligado.

baseada em outros trabalhos que realizaram gravações *secretas* e *não secretas* (SCHERRE *et al* [no prelo]). As duas setas ao lado da transcritora indicam que ela observa os dois falantes (ou mais interlocutores, se houver) na cena interlocutiva. As setas no interior da cena dialogal indicam que os participantes dialogais se observam mutuamente e as setas tracejadas indicam que os falantes observam também o material de apoio trazido pela documentadora. Isto quer dizer que tudo na cena interlocutiva pôde ser observado pelos interactantes que participaram das cenas interlocutivas consideradas.

Sob essa perspectiva, compreendo que práticas interlocutivas como essas representadas nos quadros acima são cenários construídos com a colaboração de entrevistados, espectadores e documentadora. Além disso, esse método de coleta de dados com mais de um entrevistado propiciou captar dados linguísticos voltados para a segunda pessoa do singular, fatos linguísticos mais difíceis de serem capturados, pois para eles emergirem os interactantes devem intencionalmente designar *o outro/ouvinte*. Assim, com a presença de mais de um “igual linguístico e social” na cena interlocutiva, os pronomes de segunda pessoa do singular empregados nessas conversas, embora monitoradas por uma documentadora estranha, foram considerados como pistas do *vernáculo*, isto é, a língua produzida entre familiares, amigos, vizinhos etc. em situações espontâneas e cotidianas. Nessas situações é que emergem *a fala casual* (*casual speech*) como propôs Labov ([1972] 2008).

2.5.2 CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES DE PRÁTICA – grupos de fala popular

Busquei gravar conversas face a face representativas do discurso real da vida cotidiana dessas pessoas que, a sua maneira, colaboram para o desenvolvimento da cidade de SJC-SP e do país. Com o objetivo de medir níveis de formalidade relacionados a esferas sociais e ao emprego de formas associadas às séries pronominais **TU** e **VOCÊ**, o primeiro grupo de entrevistados foi abordado em locais nos quais há a concentração de grandes áreas a serem limpas e mantidas por trabalhadores braçais. Uma dessas áreas é um dos *campi* universitários federais, situado na cidade, local no qual foram colhidas falas de populares concentrados na **Comunidade de Prática Universidade e Escolas**. Como essas áreas são voltadas para o desenvolvimento do conhecimento humano e formação de pessoas, o nível [+formal] caracterizou esse grupo de falantes populares. Os locais específicos de captura dos dados de fala foram *calçadas, áreas verdes, refeitórios, vestiários e áreas de convivência* desses trabalhadores. Como documentadora, agendei dia e horário com supervisores responsáveis pelos grupos de

manutenção e limpeza dessas áreas de ensino. As ESSDs ocorreram em horários de intervalo do trabalho como hora do almoço, antes da entrada ao trabalho e/ou saída de funcionários e servidores. Situação que configurou as entrevistas com número de partícipes diversos, às vezes, *um, dois, três* ou *quatro interlocutores*, característica que procurei manter nos dois outros grupos de fala popular. Para obter mais número de dados, entrevistei também em outras instituições educacionais merendeiras, faxineiras e jardineiros que, por sua vez, convivem em ambientes voltados para a construção do saber, do conhecimento etc.

A segunda coleta de dados ocorreu em áreas diversas cujo predomínio de funções é *limpeza e manutenção*, mas a extensão dos locais a serem limpos é menor, “mais leve”. Assim *prédios da administração pública, bibliotecas, fundações voltadas à cultura e recreação, praças, envolvendo trabalhadores, muitos deles autônomos, como faxineiras, entregadores de gás etc.* fizeram parte desse grupo, denominado de **Locais Alternativos**, correspondente ao nível [-formal]. A coleta de dados também ocorreu com agendamento de visitas conseguidas, primeiramente, pela coordenadora da Biblioteca Pública central de SJ-SP. Após das devidas apresentações, eu agendei dias e horários com contatos dos grupos responsáveis por limpeza e manutenção. Assim, as ESSDs foram desenvolvidas em *áreas verdes, refeitórios, auditórios, salas destinadas para arquivo de documentos e calçadas*. Respeitei horários de folga desses trabalhadores conforme explicitiei anteriormente. Para coletar mais dados com essa característica [-formal], entrevistei pessoas moradoras de uma pequena vila, localizada nas proximidades centrais da cidade e à beira do Rio Paraíba, vila constituída por habitantes de baixa renda e oriundos de toda a parte do país.

A terceira coleta de dados ocorreu dentro da esfera empresarial. A empresa escolhida foi uma das instituições responsáveis pela limpeza urbana da cidade. Essa empresa chamada URBAM tem pontos de apoio (PAs) espalhados por todas as zonas urbanas para facilitar o trabalho dos agentes de limpeza. O grupo de populares entrevistados foi denominado de **Empresa**. O contato foi feito previamente pela coordenadora central da Biblioteca Cassiano Ricardo e depois eu, documentadora, agendava visitas com uma das diretoras responsável pelos PAs. A coleta de dados ocorreu em três PAs que contêm *refeitórios, escritório, vestiário, áreas externas* para que *garis* e *coletores de lixo* tenham espaços de convivência e higiene pessoal. Pelo fato de essa empresa contratar agentes ecológicos (*garis*) para a limpeza de ruas e praças, caracterizei esse grupo de falantes como [+/-formal] porque *garis* têm contato diário com vários tipos de pessoas em locais públicos. Assim, previamente agendei dias e horários com a coordenadora da área operacional dessa empresa que, por sua vez, selecionou funcionários dispostos a conversar

sobre assuntos gerais: *trabalho e renda, educação, saúde, transporte coletivo* etc. Desse modo, realizei as entrevistas com homens e mulheres em horários de intervalo de seus afazeres, antes e/ou depois da entrada e saída de funcionários.

Entrevistei **73** pessoas, consideradas de baixa renda. Elas foram distribuídas em **37** entrevistas realizadas em Comunidades de Prática. Na CPrát. Universidade e escola [+formal], dos **27** populares entrevistados, apenas **22** falantes foram considerados. Na CPrát. Locais Alternativos [-formal] **24** indivíduos foram entrevistados. Desses falantes, apenas **22** fizeram parte dessa amostra de fala popular. Na CPrát. Empresa [+/-formal] foram observados **22** falantes. Dos **73** entrevistados, **07** falantes foram excluídos das análises porque falaram pouco ou porque não produziram os pronomes de segunda pessoa do singular, totalizando **66** falantes observados. As células correspondentes a cada um dos fatores foram elaboradas de modo assimétrico, não correspondendo, portanto, a células simétricas, isto é, células que contêm número igual de falantes em subfatores como sugerem alguns dos trabalhos labovianos (LOREGIAN-PENKAL, 2004). A ideia de dividir os entrevistados por grupos distintos surgiu a partir da leitura de Santos (2012) que descreveu o uso de **tu** e **você** na fala carioca, separando os partícipes de sua pesquisa por áreas distintas de concentração como as amostras *Ambulante, Advogado* etc. Assim, subdividi a quantidade de entrevistados por grupos de falantes que se espalham pela cidade por terem vínculos empregatícios e, por isso, esses populares se deslocam diariamente de suas residências para chegarem aos seus locais de trabalho. A seguir descrevo os três grupos de fala popular:

1) Comunidade de Prática Universidade e Escolas

Ao perceber que em toda a cidade havia grupos responsáveis pela limpeza de parques, áreas verdes, espaço universitários, cresceu meu interesse por entrevistar pessoas que cuidassem desta parte importante do convívio social urbano. Essas pessoas se espalham pela cidade e convivem com os seus grupos diariamente oito horas diárias em seus locais de trabalho, proporcionando um desenho real de práticas linguísticas. Afinal, saber como as pessoas se tratam em seu cotidiano revela, entre outros aspectos, a habilidade social adquirida através de experiências e convivência com diversas pessoas justamente porque mobilidade e deslocamento humano exigem contato entre as pessoas que (con)vivem na cidade em questão.

Meus primeiros pontos de coleta de dados foram espaços universitários e escolas. Os cargos exercidos por mulheres são de *auxiliar de serviço geral* ou *limpeza*; homens, *auxiliar de serviços gerais, manutenção e jardinagem*. Dentro dessa respectiva área, os entrevistados foram

divididos da seguinte maneira: *um, dois ou mais entrevistados*, considerados “iguais linguísticos e sociais” como já relatei. Além disso, como as ESSDs foram coletadas em horários alternativos ao trabalho diário desses populares, alguns “iguais linguísticos e sociais” assistiam às cenas interlocutivas como espectadores, tornando o ambiente mais colaborativo e espontâneo como naturalmente deve acontecer todos os dias nesses locais. Assim seguem as características dos interactantes envolvidos nesta pesquisa:

- a) **Prédio universitário:** duas mulheres, idade: 60 e 48 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Fundamental incompleto, nascidas em São Paulo e São José dos Campos-SP.
- b) **Prédio educacional:** dois homens e uma mulher, idade: 33, 57 e 36 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental completo (homem mais jovem) e incompleto (homem mais velho e mulher). Local de nascimento: Caçapava-SP (homem mais jovem), Ivaiporã-PR (homem mais velho) e Fortaleza-CE (mulher).
- c) **Prédio universitário:** três mulheres, idade: 35, 40 e 47 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto. Nascimento: Salvador- BA, São Luis do Maranhão-MA e Salvador-BA respectivamente.
- d) **Prédio universitário:** três mulheres, idade: 37, 40 e 46 anos. Escolaridade: duas mulheres com Ensino Fundamental incompleto e uma delas com Ensino Médio completo respectivamente. Local de nascimento: Mogi das Cruzes-SP, São José dos Campos-SP e Itajubá-MG.
- e) **Prédio universitário:** duas mulheres, idade: 25 e 54 anos. Escolaridade: Ensino Médio incompleto. Nascimento: Pouso Alegre-MG e São José dos Campos-SP respectivamente.
- f) **Área externa aos prédios universitários (calçadas, áreas verdes):** duas mulheres, idade: 30 e 29 anos. Escolaridade: Fundamental incompleto. Nascimento: São José dos Campos – SP, ambas as entrevistadas.
- g) **Área externa aos prédios universitários (área de convivência):** quatro entrevistados, três homens e uma mulher, idade: 52, 58, 38 anos e 50 respectivamente. Escolaridade: Fundamental incompleto. Local de nascimento: Piquete-SP, São José dos Campos-SP, os três homens respectivamente.
- h) **Prédio Universitário (vestiário):** duas mulheres, idade: 37 e 51 anos. Escolaridade: Fundamental incompleto e completo. Nascimento: Brasópolis-MG e Feira de Santana (BA) respectivamente.
- i) **Prédio da Escola Estadual:** duas mulheres, idade: 55 e 49 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Fundamental incompleto (7ª série) respectivamente. Local de

nascimento: ambas nascidas em São José dos Campos-SP. Profissão: agente escolar ou agente de corredor (profissionais que exercem várias funções na escola: limpeza, organização geral, ordem no intervalo das aulas etc).

- j) **Prédio da Escola Estadual:** duas mulheres, idade: 31 e 51. Escolaridade: ambas possuem Ensino Médio completo. Nascimento: Belém do Pará – PA e Cachoeira Paulista-SP respectivamente. Profissão: Merendeiras.
- k) **Área externa aos prédios universitários (área de convivência):** dois homens, idade: 54 e 50 anos. Escolaridade: Fundamental completo. Local de nascimento: Andrelândia-MG e São José dos Campos-SP.

Quadro 13: Quadro com dados sociais dos entrevistados.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/NÚMERO DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE
DE 20 A 36 ANOS	FEMININO 3 entrevistadas 2 entrevistadas MASCULINO 1 entrevistado 0 -----	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
DE 37 A 49 ANOS	FEMININO 8 entrevistadas 1 entrevistada MASCULINO 0 ----- 0 -----	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
+ DE 49 ANOS	FEMININO 3 entrevistadas 5 entrevistadas MASCULINO 4 entrevistados 0 -----	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
ENTREVISTADOS = 27	Dos 27 entrevistados, apenas 22 falantes foram considerados	

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Comunidade de Prática Universidade e Escolas [+formal].

O confronto entre os entrevistados deste grupo foi efetivado, em sua maioria, por mulheres além da presença da documentadora. Dessa lista de entrevistados, somente em uma das entrevistas houve a reunião de quatro pessoas, entre elas uma mulher e três homens, e, em outra oportunidade, consegui reunir dois homens. Como a área universitária é muito extensa, os homens ficam espalhados por campos verdes, dificilmente voltam ao setor central durante o dia, mas eles retornam a esse local no horário de saída da empresa, quando, então, preenchem o cartão-ponto, situação que dificultou entrevistar homens. Já o grupo de mulheres se concentra diariamente em prédios e salas de aulas, pois sua função é manter limpas as áreas de ensino, corredores, banheiros, o que facilitou minha abordagem como documentadora. Em escolas,

como são áreas menores, entrevistei quatro mulheres, divididas em duas parceiras populares por sessão interlocutiva, já em outra escola profissionalizante reuni dois homens e uma mulher e com audiência de “iguais linguísticos e sociais” (auditório).

O contato com uma amiga professora me levou a entrevistar quatro merendeiras que trabalham em uma escola localizada em um dos bairros nobres da cidade, apesar de essa unidade de ensino estadual atender a uma parcela de pessoas carentes da cidade. Atende preferencialmente a população de baixa renda que vive de maneira irregular em uma localidade chamada “Banhado”, área central e cartão-postal da cidade.

2) Comunidade de Prática Locais Alternativos

O segundo grupo de falantes populares consegui através do contato com a coordenadora geral da Biblioteca Pública Central que me indicou funcionários de limpeza geral das três bibliotecas situadas em áreas distintas da cidade: área central e dois bairros afastados do centro urbano. Na biblioteca central, reuni duas mulheres e um vigilante (porteiro). Nas bibliotecas situadas em bairros mais afastados do centro da cidade reuni em uma das sessões interlocutivas duas mulheres e um vigilante; na outra sessão uma mulher e um vigilante.

Além desses informantes, entrevistei também funcionários de alguns departamentos públicos espalhados pela cidade de SJC–SP. No Parque da Cidade⁹⁹, por exemplo, tive a oportunidade de entrevistar dois homens que trabalham no arquivo histórico da cidade e outros dois homens responsáveis pela manutenção e limpeza desse parque. Já no prédio da Secretaria de Educação Municipal, localizado no mesmo parque, entrevistei quatro auxiliares de limpeza e manutenção, mas eles foram separados por dois interactantes por sessão interlocutiva. Assim em uma das entrevistas participaram duas mulheres e em outra, uma mulher e um homem.

Outras entrevistas foram realizadas dentro de outra área pública: Parque Santos Dumont no qual também circulam funcionários do SESC, instituição que realiza muitos eventos culturais. Por conseguinte, entrevistei outras duas auxiliares de limpeza do SESC, funcionárias terceirizadas. Esclareço que esse grupo **Locais Alternativos** foi denominado dessa maneira justamente porque esses profissionais ficam livres da vigilância de chefes e encarregados. Funcionários públicos em geral são menos observados e cobrados por superiores e coordenadores se comparados a outros segmentos sociais como *empresas, bancos financeiros, lojas e comércio*,

⁹⁹ Antiga fazenda de produção de leite, foi propriedade de Severo Gomes – político. Hoje a fazenda é patrimônio público da cidade de SJC-SP. Local de lazer, prática de atividade física etc.

por exemplo. Outras duas entrevistas colhi em áreas externas de prédios públicos como a praça localizada em frente de um dos hospitais da cidade. Devido a essa característica menos “rígida” desses espaços, os falantes foram classificados com o traço [-formal].

Abaixo estão relacionadas as ESSDs que realizei com *um, dois, três e quatro* entrevistados:

- a) **Prédio da Secretaria da Educação Municipal:** uma mulher e um homem, idade: 35 e 60 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental e Ensino Médio incompleto entre outros cursos profissionalizantes. Local de Nascimento: São José dos Campos-SP e Rezende – RJ. Profissão: serviço geral.
- b) **Prédio da Secretaria da Educação Municipal:** duas mulheres, idade: 47 e 50 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª série). Nascimento: Altônia-PR e São José dos Campos-SP. Profissão: serviço geral.
- c) **Parque da Cidade (limpeza predial):** dois homens, idade: 65 e 34 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série) e Ensino Médio completo. Local de nascimento: Sapucaí Mirim-MG e São Paulo-SP. Profissão: serviço geral, motorista.
- d) **Parque da Cidade (arquivo histórico):** dois homens, idade: 32 e 29 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (está cursando a 8ª série) e Ensino Médio incompleto. Nascimento: Santa Izabel – SP e São José dos Campos-SP. Profissão: serviços gerais, arquivistas.
- e) **Biblioteca Municipal Eugênio de Melo (zona leste bem retirada da cidade):** um homem e uma mulher. Idade: 60 e 33. Escolaridade: Superior Incompleto (parou no segundo ano) e Ensino Fundamental completo (8ª série). Nascimento: Bom Jardim de Minas – MG e Caçapava-SP. Profissão do homem: vigilante, da mulher: limpeza geral ou auxiliar de limpeza.
- f) **Biblioteca Municipal Central:** duas mulheres e um homem, idade: 42, 46 e 42 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental (5ª e 8ª séries) e Ensino Médio completo. Local de nascimento: Barbacena-MG, São José dos Campos e São José dos Campos-SP respectivamente. Profissão do homem: porteiro ou vigilante, das duas mulheres: auxiliar de limpeza.
- g) **Biblioteca Jardim das Indústrias:** um homem e duas mulheres, idade: 41, 41 e 63 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (3ª série), Ensino Médio completo tanto o homem (41) quanto a mulher (63). Nascimento: São José dos Campos-SP, Caçapava-SP e Buenópolis-MG respectivamente.

- h) **Área externa a prédios públicos (praça do hospital municipal):** duas mulheres, idade: 41 e 47 anos. Escolaridade: Fundamental completo. Nascimento: São José dos Campos – SP e Natal-RN.

Abaixo descrevo os dados sociais dos entrevistados distribuídos por três faixas etárias e nível escolar conforme sugere a Sociolinguística Variacionista:

Quadro 14: Quadro com dados sociais dos entrevistados.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/NÚMERO DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE
DE 20 A 36 ANOS	FEMININO 2 entrevistadas 0 MASCULINO 1 entrevistado 1 entrevistado	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
DE 37 A 49 ANOS	FEMININO 6 entrevistadas 0 MASCULINO 1 entrevistado 2 entrevistados	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
DE + 49 ANOS	FEMININO 1 entrevistada 1 entrevistada MASCULINO 1 entrevistado 2 entrevistados	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
ENTREVISTADOS = 18	Dos 18 entrevistados, 17 falantes foram considerados.	

Obs: dados sociais dos entrevistados. Comunidade de Prática Locais Alternativos [-formal].

O total de entrevistados nessas áreas consideradas menos formal foi **18** interactantes, mas **17** falantes foram considerados e um falante, apenas, foi descartado das análises de dados linguísticos por não produzir pronomes relacionados à segunda pessoa do singular. Como os outros dois quadros contêm mais de vinte falantes, para completar o número de entrevistados deste terceiro quadro, consegui novos contatos através da empresa URBAM.¹⁰⁰ Uma das funcionárias me indicou o professor de teatro que trabalha para a Fundação Cassiano Ricardo, localizada no Parque da Cidade. Esse professor me colocou em contato com uma catarinense, oriunda da cidade de Joinville-SC, que se prontificou a me ajudar a escolher pessoas que quisessem participar de “um dedim de prosa” comigo. Consegui entrevistar seis pessoas moradoras da “Comunidade Rodhia”, localizada no bairro Santana, conhecido como bairro dos mineiros. Dos **06** entrevistados, uma falante apenas foi descartada por não produzir dados relativos à segunda pessoa do singular e por falar pouco (muito tímida). Assim, aos **17** falantes descritos no quadro **14** foram acrescentados mais **05** falantes, descritos no quadro **15** a seguir, totalizando **22** falantes observados.

¹⁰⁰ Minha intenção foi deixar a quantidade de falantes de cada quadro mais ou menos iguais, sem muita discrepância quanto ao número de participantes entrevistados (equidade entre os grupos).

A seguir está a lista de entrevistados moradores da Comunidade Rodhia (SJC-SP):

- a) No corredor que dá acesso a várias casinhas: um homem, idade: 55 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (2ª série). Nascimento: São José dos Campos – SP. Profissão: gaseiro ou entregador de gás de cozinha.
- b) Na calçada em frente a sua casa: uma mulher, idade: 42 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: São José dos Campos- SP. Profissão: dona de casa, faxineira.
- c) Dentro da casa do casal: um homem e uma mulher, casados, idade: 64 e 61 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Local de Nascimento: São José dos Campos – SP e Barueri-SP. Profissão: Motorista aposentado e dona de casa.
- d) No quintal da casa: duas mulheres, mãe e filha, idade: 47 e 29. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (3ª série) e Ensino Médio completo. Nascimento: Bento do Una-PE e São José dos Campos – SP. Profissão: diarista e dona de casa, ambas.

Quadro 15: Quadro com número de entrevistados e dados sociais.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/NÚMERO DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS
DE 20 a 36 ANOS	FEMININO 1 entrevistada 0 MASCULINO 0 0	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
DE 37 a 49 ANOS	FEMININO 2 entrevistadas 0 MASCULINO 0 0	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
+ DE 49 ANOS	FEMININO 1 entrevistada 0 MASCULINO 2 entrevistados 0	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
ENTREVISTADOS: 06	Dos 06 entrevistados, 05 falantes foram considerados	

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Comunidade de Prática. Locais Alternativos [-formal].

3) Comunidade de Prática Empresa

Esse contato, como todos os outros, consegui através da coordenadora da Biblioteca Municipal Central. Esse grupo de falantes foi constituído por entrevistas realizadas antes de esses trabalhadores braçais iniciarem seus afazeres na empresa de limpeza urbana. Após agendar dia e horário, entrevistei pares “iguais linguísticos e sociais” distribuídos em: **a)** duas mulheres; **b)** dois homens; **c)** uma mulher e um homem; **d)** uma mulher e **e)** um homem. O agendamento de dias e horários funcionou da seguinte maneira: eu avisava o coordenador da equipe e ele elegia previamente funcionários dispostos a participar da pesquisa. As ESSDs ocorreram em PAs – locais nos quais os trabalhadores braçais pegam instrumentos de trabalho, utilizam sanitários,

chuveiros e cozinha como já explicitiei. Da secretaria geral, a coordenadora geral das equipes desses PAs, selecionava os pontos de apoio para eu visitá-los em horários e dias estratégicos, previamente marcados com os funcionários – todos partícipes livres para a realização dessas interlocuções. Visitei três PAs, dois deles centrais, um localizado em área nobre, bairro Vila Ema, e outro em área popular, bairro Vila Maria, área central da cidade. O outro PA visitado por mim está localizado na zona sul, bairro Bosque dos Eucaliptos, área residencial e comercial.¹⁰¹ Abaixo listo as entrevistas que realizei dentro da empresa de limpeza URBAM, com *um* ou *dois* entrevistados apenas. Todos os entrevistados são agentes ambientais (garis).¹⁰²

- a) **Prédio dentro do complexo de tratamento do lixo:** um homem, idade: 22 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental completo. Nascimento: São José dos Campos-SP.
- b) **Prédio localizado no Bosque dos Eucaliptos (zona sul):** um homem e uma mulher, idade: 40 e 46 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (5ª e 7ª série). Nascimento: São José dos Campos –SP e Vitória da Conquista-BA
- c) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 59 e 67 anos. Ensino Fundamental (4ª série). Nascimento: Carvalho-MG e São José dos Campos-SP
- d) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 30 e 35 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo. Nascimento: ambos em São José dos Campos-SP.
- e) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 42 e 45 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo. Nascimento: São José dos Campos-SP.
- f) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** duas mulheres, idade: 37 e 52 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª e 5ª séries). Nascimento: São José dos Campos – SP e Paraibuna –SP.
- g) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher, idade: 39 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental (4ª série). Local de nascimento: São José dos Campos-SP (Banhado)
- h) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem, idade: 64 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Local de nascimento: Gonçalves – MG

¹⁰¹ Há quem diga que São José dos Campos – SP está dividida em bairros nobres, periféricos, e bairros dos comerciantes e mineiros. Atualmente, há bairros cuja concentração é nordestina, nortista ... SJC-SP atrai pessoas oriundas de vários cantos do país e do mundo, pois a cidade é industrial, voltada para áreas aeroespacial e automobilística.

¹⁰² Outros nomes como margarida, homem do lixo, lixeiro também são termos ainda ouvidos pela cidade, mas entre esses profissionais, o termo comum é *agente ambiental*.

- i) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem e uma mulher, idade: 26 e 32 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: Cajazeiros-PB e São José dos Campos-SP
- j) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem e uma mulher, idade: 36 e 29 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: ambos em São José dos Campos – SP.
- k) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher e um homem, idade: 20 e 23 anos. Escolaridade: Ensino Médio incompleto e Ensino Fundamental;
- l) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher e um homem, idade: 46 e 45 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Ensino Fundamental (6ª série). Nascimento: ambos em São José dos Campos-SP
- m) **Prédio próximo à escola estadual:** um homem, idade: 45 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto (4ª série). Profissão: manutenção predial ou serviços gerais.
- n) **Prédio próximo à escola estadual:** duas mulheres, idade: 40 e 38 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª e 5ª séries). Nascimento: Barra Mansa-RJ e Apucarana-PR, mas vida adolescência passada em Conceição do Coité-BA. Profissão: limpeza geral.

A seguir, relaciono o número de entrevistados e dados sociais dos falantes partícipes dialogais do grupo CPrát. Empresa [+/- formal]:

Quadro 16: Quadro com número de entrevistados e dados sociais.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/NÚMERO DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS
DE 20 a 36 ANOS	FEMININO 2 entrevistadas 1 entrevistada MASCULINO 3 entrevistadas 0	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
DE 37 a 49 ANOS	FEMININO 4 entrevistadas 1 entrevistada MASCULINO 6 entrevistados 2 entrevistados	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
+ DE 49 ANOS	FEMININO 0 --- 3 entrevistados ---	ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO
	22 falantes considerados	

ENTREVISTADOS= 22		
-------------------	--	--

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Comunidade de Prática Empresa [+/-formal].

Conforme a descrição dos quadros acima, foram entrevistados **73** falantes, divididos em **37** entrevistas, mas desses **73** populares, apenas **66** falantes foram considerados, os outros **07** indivíduos foram eliminados das análises estatísticas por não terem produzido dados relativos à segunda pessoa do singular e por falarem pouco como explicitiei anteriormente. Assim, como mostraram os quadros supracitados, cada comunidade de prática obteve coincidentemente **22** falantes tratados sistematicamente, totalizando **66** populares investigados. Depois que rodadas estatísticas foram efetuadas, falantes que produziram dados categóricos foram eliminados (capítulo 4).

Cabe aqui esclarecer a configuração das entrevistas que coletei nas CsPrát. observadas. A seguir relaciono a quantidade de interactantes por sessões interlocutivas (ESSDs) realizadas:

- a) Documentadora + um entrevistado
- b) Documentadora + uma entrevistada
- c) Documentadora + dois entrevistados (dois homens)
- d) Documentadora + dois entrevistados (uma mulher e um homem)
- e) Documentadora + duas entrevistadas (duas mulheres)
- f) Documentadora + três entrevistados (um homem e duas mulheres)
- g) Documentadora+ três entrevistadas (três mulheres)
- h) Documentadora + quatro entrevistados (três homens e uma mulher)
- i) Documentadora + quatro entrevistadas (quatro mulheres)

Os entrevistados nem sempre eram do mesmo *sexo* que eu, documentadora (*mulher*), logo, muitas vezes, havia duas entrevistadas ou havia um entrevistado e uma entrevistada, variando, portanto, *o sexo entre os partícipes dialogais*, exceto o meu, já que fui a única documentadora a coletar de dados de fala. Em razão dessa configuração das entrevistas, foi possível medir o uso dos pronomes em estudo observando a concentração ou não do mesmo sexo entre entrevistados nas CsPrát. observadas. Talvez o fato de os sujeitos não serem do mesmo sexo possa ter relevância quanto ao uso dos pronomes relacionados à segunda pessoa do singular conforme mostrou o trabalho de Christian e Ferro (1996), autores citados nesta pesquisa (capítulo 4, fator *entre sexos*). Além disso, esclareço que nos ambientes de coleta de dados, algumas vezes havia a presença de outros “iguais linguísticos e sociais” não participantes das cenas interlocutivas; eles marcavam presença como espectadores das cenas e tornavam o ambiente mais colaborativo

e confortável para o desenrolar das ESSDs como já mencionei. Dessa maneira, as ESSDs, como descreve Moreno Fernández (2012), foram concebidas como cenários discursivos formados por esquemas de percepção nos quais falantes e ouvintes interagem e se percebem simultaneamente mantendo focos de atenção. Esses focos de atenção variam em função de três aspectos importantes: **a)** a distribuição dos participantes nos momentos interativos e empatia entre os partícipes da interação; **b)** envolvimento pelos temas conversacionais e **c)** assimetria social entre documentador e entrevistado(s).

Para a descrição das falas utilizei abreviações como **DOC** – corresponde à fala da documentadora e outras abreviações como **FAL1, FAL2, FAL3, FAL4** correspondentes à fala dos entrevistados (falante 1, falante 2, falante 3, falante 4) conforme visto nos excertos de fala expostos no corpo deste trabalho. Outros aspectos discursivos como pausa, alongamento de sílabas não foram considerados pelo fato de essa pesquisa não ter o objetivo de observar essas propriedades conversacionais muito trabalhadas pela área de pesquisa Análise da Conversação.

Além dos grupos de falantes já citados, há uma série de outros exemplos de fala coletados pela cidade, formando, desse modo, uma amostra suplementar de dados que serviram para perceber se os dados coletados nas entrevistas que realizei são compatíveis ou similares aos fatos que ouço por ruas, bares, padarias e parques de São José dos Campos –SP. Conforme Labov ([1972] 2008, p.246), esses dados da “Amostra de Controle” fazem parte do que o autor chamou de “observações assistemáticas” que podem ser dados anotados pelo pesquisador de modo aleatório. Isto quer dizer que dados ouvidos em ruas, restaurantes, ônibus etc. podem formar conjuntos de observações sobre a língua em uso de determinada localidade como, por exemplo, SJC-SP. Além de fatos relacionados à segunda pessoa do singular, descrevo outros exemplos pronominais que, por sua vez, exibem o convívio entre estruturas do antigo paradigma pronominal com o novo, como em: “**me leva** vs **leva eu**”; “**te chamei**” vs **chamei você**”. Assim, fatos como esses me levam a dizer que o PB possui padrões bem brasileiros no que se refere ao uso de pronomes se comparado ao Português Europeu, que, em geral, privilegia o uso de clíticos (FREIRE, 2005).

2.5.3 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS COLETADOS – breves considerações

Após transcrever os dados de fala contidos nas **37** entrevistas consideradas, o contexto no qual ocorria as formas das séries **VOCÊ** e **TU** era marcado para posterior codificação dos itens

pronominais analisados. Para tanto, depois de marcadas as **1.444** ocorrências desses fatos na fala dos **66** falantes analisados, elas foram codificadas a partir de fatores, possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos (capítulo 4). Os contextos sintáticos nos quais não havia a exibição plena da expressão do pronome-sujeito, forma completiva (acusativo e dativo) foram excluídos da análise bem como as ocorrências de **o/a senhor/a** e **zeros no início de frase** (**Ø** vai até a rodoviária). Essas ocorrências são estratégias que apontam para a segunda pessoa do singular (MARTINS, 2010; SANTOS, 2012), mas optei por analisar somente as variantes **TU** e **VOCÊ** (formas plenas) nas funções de *sujeito*, *complemento (acusativo e dativo)* e *possessivos determinantes*. Assim, um dos objetivos desta pesquisa sociolinguística é medir o uso de formas ligadas à segunda pessoa do singular na fala popular para ter a possibilidade de recontar parte da história dessa população que, por sua vez, traz aspectos sociocomportamentais não muito diferentes de convenções sociais de épocas passadas, já que boa parte da população que originou o Brasil tem raízes e tradição sociais de possuir pouca escolaridade ou nenhuma, baixa renda e poucas oportunidades (capítulo 1).

2.5.4 O TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS DE FALA – regularidades linguísticas

A *língua em uso* em determinada Comunidade de Fala (CF) foi objeto de estudo de Labov ([1972] 2008) que, por sua vez, deslocou a língua para o meio social, isto é, o autor observou a língua em fontes diretas de sua produção, pois não a concebia separada do contexto social. Para transformar estudos linguísticos em realidade quantitativa, Labov introduz a noção de sistematização de variantes linguísticas para serem quantificadas e, por conseguinte, análises quantitativas e qualitativas são possíveis de serem realizadas sob a perspectiva da metodologia laboviana. Assim, essa metodologia variacionista permite analisar os efeitos de condicionadores (extra)linguísticos que podem ou não influenciar o uso de variantes a tal ponto de o analista poder dizer, no final de rodadas estatísticas, se determinadas variantes são um fenômeno de variação, mudança linguística ou se o objeto em estudo está em distribuição complementar. É importante explicar que quando variantes estão em distribuição complementar, elas atuam em territórios diferentes, não sendo possível dizer que há variação de fato ou que são variantes de uma mesma variável. Caso essa constatação ocorra, os itens linguísticos sob verificação veiculam *diferentes estados de coisas*, logo, as variantes não são variáveis, pois elas representam coisas distintas do mundo biossocial do falante.

Trabalhos sociolinguísticos, em geral, quantificam dados de fala sistematizáveis a partir de itens controlados pelo analista. Esses dados são escolhidos e colhidos previamente em suportes falados como Entrevistas Sociolinguísticas ou coleta de lista de palavras e/ou leituras, por exemplo (LABOV [1972] 2008). Dessa maneira, a quantificação de fatos variantes envolve a elaboração e a combinação de fatores (extra)linguísticos cujo objetivo é verificar em valores estatísticos se há *variação*, *mudança* ou *estabilidade linguística* em certa CF ou CP. Esses valores, por sua vez, são regidos por padrões linguísticos regulares, sistematizáveis e ordenados (GUY E ZILLES, 2007).

Sob essa perspectiva quantitativa e estatística, será necessário abordar um pouco do funcionamento do programa estatístico Goldvarb X. Assim, após a coleta e transcrição dos dados de fala, realizei a codificação desses dados de acordo com grupos de fatores previamente elaborados para mensurar condições de uso dos pronomes em questão. Desse modo, o pesquisador elabora grupos de fatores (condições de uso) para que sejam testados como possíveis influências no comportamento da variável dependente como, por exemplo, *nível escolar dos falantes*. Após a elaboração dos grupos de fatores, os dados de fala receberam códigos diversos para que o programa Goldvarb X os identificasse como *variável dependente* e *independente*. Dessa maneira, esse programa operacionalizou níveis de análise a partir de cálculos estatísticos e probabilísticos que, por sua vez, atribuem a esses níveis de significância *percentuais de frequência de uso e pesos relativos (P.R.)*. O peso de um fator é um valor calculado pelo programa estatístico Goldvarb X e baseado no conjunto de dados utilizado pelo pesquisador. Assim, o peso relativo indica o efeito de determinado fator sobre o uso da variante investigada nesse conjunto de dados. Os P.R. variam entre **0** e **1**. Por esta razão esses pesos costumam ser interpretados como favoráveis à aplicação da regra se forem superiores a **0,5** e como inibidores à aplicação da regra, se forem inferiores a **0,5**. Se esses indicadores forem neutros, os resultados aparecerão igual a **0,5**, isto é, é um valor que não desfavorece e nem favorece o uso da variante investigada segundo Guy e Zilles (2007). O valor apresentado no peso relativo representa a probabilidade ou a chance de uma variante acontecer na língua. Além disso, a cada nova rodada estatística os fatores com significância estatística apresentam um outro valor chamado *INPUT*. Esse valor integra necessariamente o modelo matemático junto de pesos relativos que, por sua vez, correspondem aos efeitos dos fatores considerados. Há também o logaritmo de verossimilhança, *LOG-LIKELIHOOD*, número calculado pelo pacote estatístico citado que mede a qualidade da aproximação entre os fatores elaborados pelo pesquisador, pesos associados com os fatores, o *input* e os dados observados. Esse valor verossímil varia em

razão de quantidade de dados (quanto maior o número de dados, tanto mais alto o valor absoluto), e a aproximação entre células e dados observados. Logo, esse valor algorítmico só pode ser comparado se várias rodadas estatísticas forem feitas e se for mantido o mesmo número de dados nas análises (GUY E ZILLES, 2007).

Para o estudo das variantes relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU** (sujeito, objeto e possessivos) o Pacote Estatístico Goldvarb X foi utilizado como já mencionei. Para verificar a penetração do pronome **VOCÊ** nos contextos de *sujeito*, *complemento* e *possessivos seu~a*, a aplicação da regra (1) corresponde ao uso do pronome **VOCÊ** nas funções mencionadas; (0), por sua vez, corresponde a não aplicação dos usos de formas associadas à série **TU**. As *variáveis independentes* (ou os fatores linguísticos e extralinguísticos), selecionadas por ordem de significância por esta ferramenta estatística, serão apresentadas logo mais adiante. Além disso, em relação aos fatos relacionados à segunda pessoa do singular nas funções já citadas, eliminei das análises e quantificações a ocorrência de sujeito e objetos nulos (casas vazias) por não fazerem parte do estudo em questão como já justificado. Os dados de fala foram extraídos de ESSDs conforme já relatei, com duração média de 50 minutos, mais ou menos 15 minutos para cada locutor. No caso de cenas interlocutivas com menos interlocutores, as entrevistas duraram em média 50 minutos também, mas, ao ouvir a entrevista novamente depois de transcrita, considerei apenas partes dialogais que compreendessem o tempo médio para cada emissor de dez a quinze minutos. Quanto à transcrição dos dados, privilegiei as partes dos diálogos nas quais ocorriam os pronomes associados às séries **TU** e **VOCÊ** (ANEXO, transcrição de uma das entrevistas).

Quanto aos números de rodadas estatísticas, eliminação de grupo de fatores, inserção de mais número de dados, esses assuntos serão delineados mais especificamente no quarto capítulo destinado à análise de resultados, pois resultados prévios farão parte de explicações qualitativas e quantitativas desta pesquisa. Além disso, no quarto capítulo serão discutidos também os resultados estatísticos dos grupos de fatores selecionados como significativos pelo Pacote Estatístico Goldvarb X sob a perspectiva do aparato teórico-metodológico abordado neste trabalho; já os fatores não significativos serão apenas listados com breves comentários a respeito de sua eliminação de rodadas consideradas importantes para a discussão do modelo pronominal em uso das três CsPrát. consideradas.

O capítulo três abordará interfaces teórico-metodológicas sobre *a língua em uso*, itens linguísticos de evolução e em evolução voltados para a teoria da Gramaticalização. Além disso,

o próximo capítulo abordará, a ordem das palavras e teorias sociocognitivas que levam em conta *modelos baseados no uso*, produzidos por falantes que trazem saberes e experiências cumulativas. Isto quer dizer que falantes introduzem paulatinamente em seu cotidiano, além de atitudes, novas formas linguísticas de dizer a mesma coisa.

3 TEORIAS – GRAMATICALIZAÇÃO E MODELOS BASEADOS NO USO

a sintaxe (ou a gramática), na melhor das hipóteses, é um instrumento de comunicação imperfeito

(GIVÓN, 2012, p.305).

3.1 INTRODUÇÃO

Estudos sociolinguísticos e funcionalistas, há tempos, discutem mudanças linguísticas a partir de motivações internas e externas à língua (LABOV, [1972] 2008), pressões de uso cotidianas (HALLIDAY E MATHIESSEN, 1999) como as forças discursivo-pragmáticas (GIVÓN, 2012). Essas interferências moldam a estrutura linguística que se encaixam na estrutura social de certa CF justamente porque os falantes usam a língua para suprir necessidades comunicativas (HALLIDAY, 1994; LABOV, [1972] 2008; GIVÓN, 2012). Nessa perspectiva, algumas dessas motivações de mudança nas línguas seriam os processos de gramaticalização, que, por sua vez, através dos tempos, envolvem itens em vias de se gramaticalizar ou transformam itens que já se gramaticalizaram forçando-os a mudar de estatuto gramatical.

Hopper e Traugott (1993) postularam duas perspectivas para o estudo da gramaticalização: **a)** a perspectiva diacrônica (gramaticalização) e **b)** a perspectiva sincrônica (gramaticização). A primeira abordagem destina-se aos estudos das origens de determinada forma gramatical e as mudanças que a afetam ao longo de sua trajetória histórica e social (percurso diacrônico). Já a segunda abordagem está direcionada para padrões fluidos do uso linguístico levando em consideração os padrões em uso de determinado recorte de tempo (percurso sincrônico). Assim, conforme Givón (2012), para que se tenha o entendimento da estrutura linguística de hoje há que se compreender processos linguísticos passados e isto quer dizer que *formas velhas* e *novas* convivem por certos períodos de tempo, entram em variação, e, desse modo, refletem a gradualidade de mudanças que envolvem estágios de variação até que mudanças linguísticas se implementem definitivamente.

Assim, *uma nova estrutura linguística* somente substitui completamente a outra, ligada a um antigo paradigma linguístico, quando *fatos novos de evolução linguística* gramaticalizam-se para exercer funções cada vez mais restritas e obrigatórias na língua cotidiana, especificando e restringindo cada vez mais a função de determinado item. Desse modo, este trabalho se

insere na perspectiva da *gramaticalização* ou *gramaticização*¹⁰³ de itens de evolução e em evolução na atual sincronia do PBPOP falado, envolvendo, assim, âmbitos da *pragmática*, *discurso*, *semântica*, *morfologia e sintaxe* das formas pronominais associadas à segunda pessoa do singular. Isto quer dizer que *gramaticalização* neste trabalho caracteriza processos fluidos atuantes no PBPOP falado na cidade de SJC-SP porque fronteiras entre uma categoria e outra nem sempre são nítidas (ou fáceis de serem detectadas), quando categorias passam por processos de mudança (NEVES, 2010b). Sob esse ponto de vista, padrões fluidos pronominais foram observados durante momentos de comunicação humana tendo como suporte Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) – colhidas em CsPrát. conforme explicitarei no capítulo 2.

Segundo estudiosos, duas pressões importantes atuaram para que o pronome **você** inaugurasse um novo paradigma pronominal no Português Brasileiro (PB), principalmente a partir do século XIX (LOPES E CAVALCANTE, 2011). Para Faraco (1996), conforme já visto, forças sociais provocaram a *dessemantização* de *Vossa Mercê* – fórmula específica para tratar o rei durante certo tempo. Assim, essa forma cerimoniosa transforma-se em uma forma *gramaticizada*, *especializada* e *generalizada* para tratar o interlocutor. Desse modo, em sociedades pós-medievais que passaram por processos de democratização, **VOCÊ** foi item utilizado como sinônimo de atitudes mais solidárias (COOK, 1997). De semelhante percepção, mas associando processos de gramaticalização, Lopes e Cavalcante (2011) apontam que internamente à língua, processos como os de *persistência* e *especialização* motivaram “a mistura” entre formas tratamentais de terceira e segunda pessoas do singular no PB entre o final do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, formas híbridas – mistura tratamental – ganham novos espaços de atuação, perdem traços e neutralizam marcas morfológicas como os finais verbais (3ª pessoa). Essa força neutralizadora faz com que certo item assuma características de subcategorias como *adjetivo*, *particípio*, *preposição*, *advérbio* etc. (NEVES, 1997). A forma **você**, por exemplo, não pode receber determinantes como artigos: *o você, *a você conforme os substantivos recebem (**o/a** aluno/a), já o nome **mercê** (categoria lexical) recebeu o determinante possessivo **Vossa**, transformando a fórmula **Vossa Mercê** em especialista que, por sua vez, concorria com **vós** – pronome respeitoso e universal, utilizado para *tratar um interlocutor* ou *mais de um*,

¹⁰³ O termo *gramaticização* também é empregado para historiar objetivos e funções de gramáticas normativas, consideradas *artifício científico* como desenvolvimento científico. Esse ponto de vista foi desenvolvido principalmente no decorrer do século XIX, período no qual houve efervescência científica de várias áreas do conhecimento (AUROUX, 1999). Neste trabalho, empregarei o termo *gramaticalização* para tratar itens que ocorrem nesta sincronia na língua popular de SJC-SP e que possivelmente estejam passando por processos de mudança.

arcaizando-se durante o século XVIII (CINTRA, 1986; BIDERMAN, 1972-73) conforme relatei anteriormente (capítulo 1). Essa situação permitiu que a forma **você** fosse usada de modo generalizado por todos, já o uso do pronome **tu** desde épocas passadas foi restrito às situações de intimidade (CINTRA, 1986; FARACO, 1996). Entretanto, o uso das formas ligadas às séries **tu** (te, ti, contigo, possessivos **teu/a** e final verbal correspondente) e **você** (3ª pessoa – lhe, possessivos **seu/a** e final verbal portador de morfema zero) provocavam “instabilidades gramaticais” (FARACO, 1996) ou “misturas pronominais e verbais” tão comuns no decorrer da história do português. Essas características, através dos tempos, tornaram o paradigma pronominal de segunda pessoa do singular no PB complexo por aceitar várias combinações pronominais, observadas na boca do povo nesta atual sincronia conforme os exemplos citados neste trabalho.¹⁰⁴

Como a forma **você** se fixa como sujeito gramatical, ela mantém características antigas associadas a novas propriedades em uso. Assim, de acordo com Hopper (1991), *persistência* é um processo pelo qual passa um certo item lexical. Nesse processo, alguns traços da forma fonte (original) se incorporam à nova forma gramatical e aspectos de usos de sua história lexical tendem a se manter tanto na sua distribuição sintática quanto em sua interpretação semântico-discursiva (**você=receptor**). Já *a especialização* é um processo pelo qual passa um item lexical associado à limitação das variedades léxico-gramaticais. Ou seja, há um estreitamento do leque variável de escolhas linguísticas pelo desuso de uma das formas, fazendo com que uma delas se transforme, em alguns contextos, em obrigatória. Logo, a forma emergente e generalizada **você** passou gradualmente a acontecer em contextos linguísticos e sociopragmáticos mais gerais, mas bem distintos dos ambientes que propiciavam o uso da fórmula nominal **Vossa Mercê** – fonte/original que, por sua vez, firmou-se, com o passar dos tempos, com o verbo na terceira pessoa do singular (LOPES, 2004; LOPES E CAVALCANTE, 2011).

Assim, como reflexo do passado português e brasileiro (capítulo 1), **você** é atuante como forma exclusiva para tratar o interlocutor na atual sincronia do PB em algumas CsFal., embora atue também em outras funções sintáticas como *oblíquo* (**vou com você**)¹⁰⁵, objeto indireto (**gosto de você**), objeto de estrutura bitransitiva (**trouxe isso pra você**); ocorre também como objeto

¹⁰⁴ Em relação ao ensino de Língua Materna/Língua Portuguesa em escolas, penso que essa complexidade pronominal, por exemplo, não deverá ser superada no sentido de eliminar da boca do povo a “mistura pronominal”. Essa *complexidade pronominal* deveria ser aceita como é e confrontada com regras contidas em compêndios gramaticais no intuito de instrumentalizar alunos e professores para usar a língua em quaisquer situações de uso. Penso que instrumentalizar a população brasileira para o uso adequado da língua levando em consideração registros (formal e informal) seria dar sentido pleno aos dizeres de Evanildo Bechara: “poliglota de sua própria língua”. Nessa perspectiva, não há certo e nem errado, há apenas diferenças linguísticas.

¹⁰⁵ O oblíquo **com você** não foi analisado porque ocorre de maneira categórica nas falas da cidade em questão.

direto (**levo você**) e estruturas adverbiais como em “esse lixo está **em você**”, já que as antigas formas “**ti**” e “**contigo**” não fazem mais parte do repertório linguístico de certas CsFal. brasileiras como SJC-SP, por exemplo. Sob esse prisma, defendo, inicialmente, neste trabalho, que o clítico **te**, nas funções *acusativas* e *dativas*, atue possivelmente como item *especializado* na atualidade do PB. Esse item ocorria como elemento móvel na escrita de letrados no PB do final do século XIX e início do século XX, ou seja, atuava, por vezes, como enclítico [**cl-te**] (empresto-**te** o livro) e como proclítico [**te-cl**] (**te** empresto o livro), embora a posição proclítica fosse a mais utilizada (LOPES E CAVALCANTE, 2011), corroborando as descrições feitas por Pagotto (1992; [1998] 2013) que, por sua vez, defende, a partir de observações em documentos históricos, a tendência proclítica do PB falado desde a época da colonização portuguesa: de 1530 a 1850. Além disso, esse autor revelou que a próclise utilizada no Brasil tem origem portuguesa (séculos XV e XVI). Logo após, por imposição normativa, de 1851 a 1992, o PB apresenta forte tendência à ênclise, principalmente em documentos escritos.¹⁰⁶ Vale mencionar aqui os resultados que Pagotto (1992) obteve ao analisar os períodos supracitados. A próclise obteve **46%** de frequência de uso e o uso da ênclise obteve **54%** (PAGOTTO, 1992, p.69) revelando, desse modo, a adoção de regras gramaticais lusitanizadas pela sociedade letrada nesse período de transformações sociais no Brasil.

Sob esse ponto de vista, em relação ao clítico **te**, como esse item tem comportamento proclítico desde a colonização portuguesa no Brasil, posso dizer que ele atua como uma espécie “reliquia” ou “sobrevivente” da estrutura antiga e continua a fazer parte da realidade sociogramatical brasileira como pode ser ouvido por ruas, consultórios médicos, em telejornais, telenovelas, filmes, locuções de rádio e também visto em textos escritos, principalmente em suportes publicitários, letras de música entre outros (capítulo 1). Desse modo, o presente reflete o passado no Português Popular Falado, pois apresenta *convenções, historicidade, dinamismo das línguas, comportamento social* associados às *experiências humanas cumulativas*. Isso quer dizer que o comportamento linguístico das novas gerações traz em seu bojo estruturas já empregadas por antepassados, mas incorpora modificações que, paulatinamente, mudam a estrutura linguística através dos tempos (TOMASELLO, 2003; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 1999).

Nesse sentido, os partícipes dialogais aqui sob análise (seções resultados e metodologia) moldam seus falares a partir de cenários interlocutivos que, por sua vez, fazem parte de seus

¹⁰⁶ O autor supracitado relata que a imposição normativa foi implantada “a ferro e fogo”. A adoção de leis gramaticais lusitanas não foi feita de modo gradual, segundo meu entendimento sobre as leituras que realizei.

conhecimentos intersubjetivos, pois trazem em suas memórias episódicas (autobiográficas) informações suficientes para participar de algo que nunca vivenciaram, ou seja, embora esses falantes nunca tivessem sido entrevistados, eles sabem o que é *uma entrevista*, já que assistem a programas televisivos que as contêm, ouvem rádio etc. Nessa perspectiva, “contextos são modelos mentais e subjetivos” que levam a interpretar (inter)subjetivamente as situações comunicativas como defende Dijk (2012). Isto quer dizer que modelos ou padrões sociocomportamentais e linguísticos, muitas vezes, são anteriores às situações vividas por falantes e, em hora oportuna, praticam esses mesmos padrões de modo intersubjetivo. Apesar de as discussões de Dijk (2012) estarem voltadas para estruturas do texto, noções básicas trabalhadas pelo autor são orientadas por perspectivas de *cognição social* e *pragmática*, orientações caras para correntes funcionalistas e cognitivistas, e, conseqüentemente, também são orientações importantes para esta pesquisa, já que, em linhas gerais, a hipótese de teorias sociocognitivas é que *a construção da língua por falantes no desenvolver do cotidiano* acontece a partir de modelos baseados no uso, fundamentados, assim, por experiências humanas cumulativas (HALLIDAY E MATHIESSEN 1999; TOMASELLO, 2003; MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Nesse sentido, a partir de pressupostos gerais de teorias funcionalistas, cognitivistas e da sociolinguística, nas próximas seções explorarei mais precisamente teorias sobre gramaticalização, construção social da língua, estruturas do significado e máscaras sociais por acreditar que interfaces teórico-metodológicas compatíveis expliquem o uso da “mistura pronominal” relacionada à segunda pessoa do singular na fala popular de São José dos Campos-SP e suas implicações no que se refere a mudanças linguísticas, principalmente associadas a itens variáveis em terras dominadas pelo uso do **você** para o tratamento do interlocutor.

3.2 GRAMATICALIZAÇÃO – usos moldam a estrutura linguística

Transformações na língua podem ocorrer através de processos de Gramaticalização, isto é, um pequeno grupo de itens linguísticos é candidato a se gramaticalizar. Esses itens passam por processos contínuos de transformação ao longo dos tempos e, assim, devido a mudanças evolutivas alimentam a gramática da língua. Nesse sentido, Hopper e Traugott (1993), baseados em outros pesquisadores¹⁰⁷, defendem que *uma forma lexical* representa algo ou algumas coisas de determinada sociedade e acaba se gramaticalizando por motivações comunicativas. Assim,

¹⁰⁷ Meillet e Humbolt – precursores dos estudos sobre *gramaticalização*, citados por Castilho (1997b) entre outros pesquisadores.

um item, em vias de se gramaticalizar, oriundo da categoria lexical **[-gramatical]**, torna-se mais gramatical ainda **[+gramatical]** ou mais integrado a outros itens gramaticais, e, por conseguinte, é mais dependente de outros elementos da gramática. Esses processos mudam itens de sua categoria gramatical de origem, tornando-os mais *especializados*, *mais obrigatórios* até esse mesmo item zerar a sua significação. Isto quer dizer que *um item*, embora *gramaticalizado* como clítico, poderá se gramaticalizar ainda mais porque pela frequência de repetições acaba se tornando *um afixo verbal*; ou um substantivo como *mente* passa a atuar como advérbio (*felizmente*, *categoricamente*, *frequentemente* etc.). Sob esse mesmo prisma, Bybee (2003a, p. 602) advoga que gramaticalização é um processo que ocorre em um contexto particular de construção. Assim, alguns verbos plenos também passaram por processos evolutivos de gramaticalização e acabaram se transformando em auxiliares como: “**vou** [verbo pleno] para São Paulo”; “**vou** [verbo auxiliar] ficar em São Paulo” (NEVES, 1997; CASTILHO, 2010).

Aspectos gerais da linguagem, como *generalização do sentido* e de *funções gramaticais* norteiam processos de gramaticalização, retratando a trajetória diacrônica de certo item linguístico conforme ocorreu com as formas **vossa mercê** > **você**. Além disso, esses processos podem estar situados em certo recorte temporal sincrônico, mas somente uma leitura diacrônica poderá fornecer as etapas evolutivas, sociais, históricas, transformações linguísticas, pelas quais passou certo item. É importante frisar que, enquanto *gramaticalização* destina-se a controlar transformações que certo item linguístico passou através dos tempos, o termo *gramaticização*¹⁰⁸ está voltado para a *fluidez* e *dinamicidade* que certo elemento linguístico possa apresentar em certo recorte sincrônico da língua. Aqui, neste trabalho, as noções de *fluidez semântica* e *dinamicidade* são concebidas como *efeitos de mudanças*. Muitas mudanças linguísticas e sociais já ocorreram no PB principalmente em meados do século XIX conforme advogam Pagotto ([1998] 2013), Duarte e Pagotto (2005) entre outros estudiosos como Lopes (2004), Lopes e Cavalcante (2011). Assim, algumas das variações pronominais que acontecem no PB são *efeitos de mudanças* que, por sua vez, produzem “mistura” entre formas relacionadas à segunda pessoa do singular. Isto quer dizer que modelos/padrões linguísticos antigos e novos convivem como reflexos sociocomportamentais cumulativos (TOMASELLO, 2003). Sob essa perspectiva, por que falantes do PB “misturam” pronomes de segunda pessoa do singular em terras nas quais o pronome **você** na função de sujeito predomina há séculos? (FARACO, 1996; LOPES, 2004; LOREGIAN-PENKAL, 2004; COELHO E GÖRSKI, 2011). Por diversas razões, o pronome

¹⁰⁸ Há diferenças entre os termos *gramaticalização* e *gramaticização* conforme expliquei anteriormente.

você combina atualmente com formas da série **tu** conforme mostrarei no desenvolver desse capítulo.

Nesse sentido, mudanças de padrões linguísticos ocorrem de modo paulatino (WEINREICH, LABOV, HERZOG [1967] 2006) e gradual (BYBEE, 2003a), por isso formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular retratam e refletem, nos dias de hoje, *efeitos de mudança em uso* por serem construtos sociais desenvolvidos no decorrer da história do Português. Por essas razões, defendo que o pronome **você**, por ser *um fato de evolução*, atue, na atual realidade linguística brasileira, como *um especialista na função de sujeito* em certas CsFal. por ser forma primeira e única para tratar interlocutores. Desse modo, a forma generalizou-se como tratamento universal, já que não ofende a ninguém, não distingue classes sociais e faixa etária.¹⁰⁹ Além disso, **você** na função de sujeito envolve tanto referentes determinados (**P2**) quanto outras nuances de significado (VIANA SOUSA, 2008), pois como objeto do discurso a forma **você** possui estrutura semântica dinâmica e, por isso, está sempre em construção no desenvolver discursivo (MONDADA E DEBOIS, 2003). Assim, fatos como: “**você** tem tudo em BH”; “**você** recebe o salário e mal dá para pagar as contas” (RAMOS E VITRAL, 1999) são comuns no PB em razão da generalização da forma e significado.

Nessa perspectiva, conforme defendem Ramos e Vitral (1999); Viana Sousa (2008), Lopes e Cavalcante (2011) entre outros, **você**, originário de nomes, ao longo dos tempos, passou por diversas fases dos processos de gramaticalização como, por exemplo: *decatégorização, estratificação, divergência, persistência e especialização* (HOPPER E TRAUGOTT, 1993) que transformaram a forma **você** em pronome.¹¹⁰ A forma se instalou primeiramente como sujeito gramatical, avançou para outros territórios sintáticos como contextos precedidos por preposição “vou com você”, por exemplo, e modificando a sintaxe dos imperativos (LOPES E CAVALCANTE, 2011). Assim, “escreve **tu**, escreva **você**, escrevamos **nós**, escrevei **vós**, escrevam **eles**” não são construções usuais na fala cotidiana brasileira. Do mesmo modo, o imperativo negativo apresentava-se como “não escrevas **tu**, não escreva **você**, não escrevamos **nós**, não escrevais **vós**, não escrevam **eles**”. Entretanto, Scherre (2007, p. 193) informa que o imperativo no PB é variável, assim, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, segundo estudos citados pela autora,

¹⁰⁹ No Sul do Brasil em CsFal. nas quais o pronome **tu/sujeito** é utilizado, o pronome **você**, em cidades como Blumenau/SC, atua como *um coringa, especializado* na função de sujeito, já que há no leque linguístico em uso desses usuários outras formas para tratar o interlocutor: **tu** (informal) e **o/a senhor/a** (formal). **Você** seria a forma para tratamento universal, já que todos podem ser tratados desse modo sem ofensas. Já em CsFal. nas quais só há **você** como tratamento do interlocutor, **você** não é coringa e, sim, forma única para tratar a todos sem distinção não causando prejuízos à comunicação.

¹¹⁰ Cada um desses conceitos serão esclarecidos mais adiante.

há predominantemente o uso do imperativo ligado ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*). Já em capitais nordestinas como Fortaleza (CE), João Pessoa (PB) e Salvador (BA) há a predominância de formas associadas ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), já em Recife, Pernambuco, existe o equilíbrio no uso dessas formas como em: **deixa** vs **deixe**; **abre** vs **abra**; **dá** vs **dê** etc. Nesse sentido, nas palavras da autora:

Com a inserção do pronome *você* no sistema, incorporando o traço de mais proximidade (ou menos distanciamento) nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e em, pelo menos, uma das capitais de um dos estados da região Nordeste, a saber, Salvador, o sistema se reorganiza e formas imperativas como *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* passam a ocorrer também no contexto do pronome *você*. É importante registrar que essas formas imperativas eram utilizadas em latim em contexto de mais proximidade (ou menos distanciamento), da mesma forma que as formas verbais de segunda pessoa singular com morfologia expressa, nos moldes do que ocorre ainda hoje em Portugal e na Espanha. Para estabelecer relação de formalidade em relação a um só falante e também para a interação com mais de um falante independentemente da situação de formalidade, registram os trabalhos de natureza histórica que era usada a forma imperativa plural. Com o desaparecimento da antiga forma de plural *vós* no português brasileiro falado, o sistema imperativo plural também se reorganiza: a forma imperativa plural associada a *vocês* entra em cena, mas sem apresentar variação, valendo-se unicamente da forma associada ao modo subjuntivo (*deixem/recebam/abram/dêem/digam/vão*).

Segundo os registros históricos, repetimos, só havia formas imperativas afirmativas próprias para as segundas pessoas do discurso (*tu* e *vós*) em estruturas afirmativas. As demais pessoas do discurso, bem como o imperativo negativo, lançavam mão de formas do subjuntivo ou do infinitivo, denominadas supletivas ou auxiliares. No caso do português brasileiro, é novamente interessante observar a semelhança entre as formas imperativas auxiliares ou supletivas e as formas do subjuntivo latino, sem, novamente o *-t* final, tanto para o singular quanto para o plural. Com o desaparecimento de *vós* do português brasileiro falado e a inserção de *você* no sistema pronominal, repetimos, são então adotadas para o imperativo plural as formas associadas ao subjuntivo (*deixem; recebam; abram; dêem; digam; vão*), e as formas singulares associadas ao subjuntivo ficam em variação com as formas imperativas latinas, hoje associadas ao indicativo pela tradição gramatical em função das confluências morfofonológicas. (SCHERRE, 2007, p.199).

Sob essa visão variacionista, *formas velhas* e *novas* convivem no PB até a forma conservadora **tu**, em algumas CsFal., se desgastar até seu completo desuso. Nesse sentido, itens como “contigo”, “pra ti”, “em ti” não são audíveis em certas CsFal.¹¹¹ como ocorre em São José dos Campos-SP e cidades mineiras como Uberlândia e Arcos (HERÊNIO, 2006; GONÇALVES,

¹¹¹Há pouco tempo, dezembro de 2014, eu estava em grupo com amigos, conhecidos e não conhecidos, quando uma desconhecida me perguntou: “você é do Sul, né?” Respondi a ela que sim e perguntei a ela como ela havia notado. Essa pessoa me respondeu que eu falo “ti, pra ti, em ti etc; além do **tu** ao invés do **você**”. Entre nossas conversas descobri que ela é gaúcha da cidade de Rio Grande (RS) e que mora em São José dos Campos (SP) há mais vinte anos. Além disso, ela morou mais de três anos na França e, segundo suas experiências com amigos brasileiros lá no exterior, o uso do **você** é muito difundido, assim dificilmente pessoas falantes do **tu** nessas condições não adotam o **você** como forma de tratamento.

2008).¹¹² Processo semelhante ocorreu com **Vossa Mercê, vós e Vossa Senhoria**, essas últimas formas tratamentais utilizadas em contextos muito restritos e formais podem expressar *sarcasmo, jocosidade, reverência solene* etc., além de sobreviverem em ambientes políticos e religiosos (BIDERMAN, 1972-73; CINTRA, 1986; MENON, 1995).

Como mencionei, processos de gramaticalização são *contínuos* e pressionam certo item em uso a perder massa fonético-fonológica até esse mesmo item sofrer mais transformações como *afixar-se* para enfim *zerar* sua trajetória e, assim, reiniciar novo ciclo, se for o caso. Isto quer dizer que esse item se manifesta e obedece *uma escala unidirecional de transformações*. Segundo a hipótese da unidirecionalidade, defendida por Hopper e Traugott (1993), o item parte do mundo biossocial (**mercê**) e avança para dentro da gramática (**Vossa Mercê > você**) até perder de vez significado e forma (CASTILHO, 1997a). Desse modo, a trajetória de um determinado item linguístico segue os seguintes passos segundo Hopper e Traugott (1993, p.7):

significado pleno > palavra gramaticalizada > clítico > afixo flexional

Esses processos implicam direção irreversível segundo Heine, Claudi e Hünemann (1991 v. 1). Isto significa que uma vez começado o processo de se gramaticalizar em determinada língua, a forma não retorna ao seu estado de origem, isto é, há uma característica semelhante ao mecanismo de *uma catraca* (TOMASELLO, 2003), ou seja, o item linguístico uma vez envolvido em processos evolutivos de gramaticalização não retorna ao seu estágio inicial (BYBEE, 2003 a e b; 2006). Sob essa perspectiva, Ramos e Vitral (1999) aplicaram essa visão no uso do **cê** mineiro. De acordo com os autores, **cê** seria *um clítico* ou *estaria em um estágio avançado de gramaticalização*. Mas, conforme Vitral (1996), as formas **você, ocê e cê** distribuem-se de maneira distinta no discurso e isto quer dizer que em contextos sintáticos nos quais ocorrem **ocê** e **você** não ocorre **cê**. A redução de **cê** ocorre especificamente como sujeito, já as outras formas **você** e **ocê** atuam como complemento direto e de preposição, mas todas essas formas podem ocorrer como sujeito. Assim, os desgastes e mudanças categoriais teriam iniciado com **VOSSA MERCÊ – item lexical > você como item gramatical > clítico cê – afixo flexional**. Como evidência em uso, o autor supracitado fornece o seguinte exemplo: **ê** (|e|)

¹¹² Herênio (2006) colheu amostras de fala em Uberlândia (MG) e em Imperatriz (MA). Enquanto em Uberlândia (MG) os pronomes de segunda pessoa se voltam para o **você**, em Imperatriz, no Maranhão, as formas ligadas ao **tu** estão mais presentes nessa CF.

besta sô! (você é besta), logo, **ê** seria *um afixo flexional*, pois estaria adjungido ao vocábulo *besta* formando uma só palavra.¹¹³

Nesse sentido, processo semelhante estaria ocorrendo com o clítico **te**. Em exemplos como este: “**eu te falei pra você**” Lopes *et al* (2013), com base em discussões de Bybee (2003 a e b), defendem que **te** seria *um afixo flexional*, formando uma palavra só em processamento como em “**eu tefalei pra você**”. Na verdade, o falante enxerga ou interpreta uma só palavra ou uma só construção “**eu tefalei**” e por ocorrer opacidade referencial na fala popular, há a necessidade de o falante emitir as duas formas pronominais (**te** e **pra você**) até que um desses itens vença a disputa territorial pela posição de objeto. Bybee (2003a, p.617-618), ao discutir mecanismos de mudança linguística, postula que a alta frequência de uso de uma palavra ou construção de frases promove *autonomia* e uma das consequências da alta frequência de uso de certa construção seria *a opacidade semântica* e *o surgimento de efeitos de repetição* que, na verdade, seriam retenções de velhas estruturas gramaticais (diacronia) refletidas na atual sincronia. Esses itens obsoletos, por sua vez, concorrem com novas construções. Isto quer dizer que, para essa autora, a repetição gera efeitos semânticos e fonológicos e, por conseguinte, promovem mudança, modificando construções e repetindo efeitos morfossintáticos, como, por exemplo, repetições de estruturas conservadoras, que, por sua vez, encorajam o aparecimento de novidades linguísticas. Nesse sentido, o clítico **te** pela alta taxa de repetição no PB é um elemento pertencente ao velho paradigma pronominal de segunda pessoa **TU**. Já **você** (objeto direto, sem uso de preposição) e **pra você** (objeto antecedido de preposição) seriam, nas palavras de Labov (2010), “mecanismos de reparo” ou “inovações linguísticas”. Logo, repetições de construções obsoletas alimentam a gramática do PB, pois são elas, construções antigas, que motivam o surgimento de novidades linguísticas à gramática (BYBEE, 2003a).

Minha interpretação sobre essas construções pronominais de redobro é que a duplicidade pronominal é produzida por ocorrer “uma espécie de transição” entre uma categoria e outra (fluidez, fronteiras pouco nítidas). Isto quer dizer que o processo de acomodação de redobros como “eu nem **te** vi **você** atrás de mim, moça”, nesse estágio de evolução do pronome **você** como complemento, é, na verdade, um construto ainda opaco “ou duvidoso” em funcionamento porque o falante não tem consciência de qual item utilizar na função objetiva. Esse uso do

¹¹³Petersen (2008), sob perspectiva minimalista, defende que a tripartição pronominal dá *status* diferenciados (formas fortes, fracas e clíticas) às formas **cê**, **ocê** e **você**. Assim, **cê** é pronome fraco e não pode estar *cliticizado* porque não funciona como os demais clíticos **me**, **te**, **se**, **lhe** etc., pronomes átonos. Já **ocê** e **você** variam como pronomes fracos e fortes. Como objeto **ocê** e **você** podem atuar sem restrições como em: eu falei **procê**; eu falei **pra você**, mas “*eu falei **pra cê**” é agramatical, segundo a autora. Em SJC-SP ouço com frequência “eu falei **psê**”, corroborando o trabalho de Loregian-Penkal e Menon (2012).

pronome proclítico **te** como afixo – prefixo verbal – seria uma reanálise do processo de gramaticalização já que **te** passaria de *clítico* para *afixo flexional* identificador da segunda pessoa (ROCHA, 2011). Esse afixo flexional da construção [**teV**] possivelmente desapareça de algumas construções com a passagem dos tempos. Dessa maneira, gradualmente, “formas de reparo” como **você** seriam utilizadas como únicas formas completivas disponíveis no sistema linguístico de certa CF. Assim, do leque antigo de opções pronominais da série **TU**, itens se extinguiriam, pois sucessivas gerações de falantes adotariam novas formas de dizer.¹¹⁴

Entretanto, conforme alguns trabalhos voltados para sincronias passadas, **te** é um elemento que permanece retido em certas funções completivas (LOPES E CAVALCANTE, 2011), campo ainda a ser conquistado pelo pronome **você** nessa atual sincronia. Nesse sentido, como conclui Bybee (2003a, p.622), a repetição de itens, mecanismo universal de processos de gramaticalização, e suas consequências no que tange a representações cognitivas são grandes fatores para a criação da gramática das línguas em geral, segundo a autora. Assim, Bybee (2003b) se questiona: qual é a natureza da gramática e como a língua adquire gramática? Em resumo, a gramática via processos cognitivos e de gramaticalização é afetada pelo uso e desses usos é que categorias cognitivas e gramaticais emergem, atingindo outras formas, classes gramaticais etc. Sob essa perspectiva, a repetição é um poderoso mecanismo de mudança que cria padrões utilizados em estados atuais da língua (BYBEE, 2003b).

Para Bybee (2003a), os mecanismos de mudança linguística estão intimamente ligados à frequência de uso de velhas estruturas repetidas como já mencionei. Assim, em termos gerais, a autora esclarece o seguinte:

- Itens em processos de gramaticalização ocorrem dentro de contextos particulares de construção;
- Os processos de gramaticalização são como se fossem aspectos de ritualização: hábitos resultantes de repetição e consequente esvaziamento do conteúdo linguístico pela força da prática;
- A repetição gera automação de uma sequência de unidades ou construção;
- A redução de formas e a emancipação de formas são mecanismos comuns que, por sua vez, alimentam a gramática de dada língua.

Desse modo, segundo minhas interpretações, as aplicações desses aspectos de ritualização no PB seriam:

- (i) A frequência de uso faz com que itens percam força semântica através de repetições (hábito);

¹¹⁴ Mesmo no Sul, pais falantes do **TU** relatam em redes sociais que seus filhos de três a cinco anos, aos poucos, adotam o **você** para tratar o interlocutor. Ao que parece professores nas escolas de séries iniciais privilegiam o uso do **VOCÊ** como ocorre em Blumenau-SC, região central da cidade.

Exemplos: a) **você (P2)** deixa de representar somente o interlocutor íntimo e passa a ser empregado de modo generalizado substituindo, muitas vezes, as formas de tratamento (P2) **o/a senhor/a**, sem com isso rotular, discriminar o interlocutor socialmente; b) **te** (objeto) deixou de acompanhar somente o **tu/sujeito** (esse item deixou de ser + específico). Esse item atualmente pode acompanhar sem problemas **você/sujeito**; **o/a senhor/a** (sujeito) e **construções imperativas**. O item **te** se tornou generalizado e, por isso, ele acompanha outras formas tratamentais; c) os possessivos **seu/a(s)** deixaram de acompanhar apenas a 3ª pessoa para acompanhar a segunda do discurso. Desse modo, eles são correferentes das formas **tu, você, o/a senhor/a (P2)** e 3ª pessoa na fala culta (CASTILHO, 2010; TORRES MORAIS E RIBEIRO, 2014). Logo, houve *generalização de usos* a partir da gramaticalização do **você**, mas **seu/a** especializa-se cada vez mais em variedades do PBPOP falado (capítulo 4).

- (ii) Mudanças fonético-fonológicas em razão de repetições em contextos discursivo-pragmáticos geram a morfossintaxe de dada língua sob processos de gramaticalização. Desse modo, construções como as que seguem foram e são muito repetidas, por isso se implementaram na língua como modelos em uso.

Exemplo: Vossa Mercê > Você > cê
Você com te e seu/a~teu/a

- (iii) O aumento da frequência de uso de certas construções antigas na fala cotidiana gera autonomia de construções, isto é, uma única construção em funcionamento se estabelece como forma altamente repetitiva. Assim, de componentes individuais, repetições geram construções como as que seguem:

- a) Mercê > Vossa Mercê > **você** > **cê**
 b) Eu **te** falei > **tifalei pra você** > eu **Øfalei pra você**

Assim a construção [**te** + verbo]: “**te** falei”, por exemplo, não é mais percebida como dois componentes individuais¹¹⁵ no PB, mas como uma construção apenas em processamento [**teV**]. Assim, houve uma junção entre as formas como em *gonna* (contração de *going to*, tempo verbal que indica futuro no inglês) ou **Vossa Mercê** que evoluiu para a forma reduzida **você**.

- (iv) Maior desbotamento semântico em novos ambientes pragmáticos de uso – mudança semântica/significado. Isto é, os itens de significação mais concretos passam a exercer significados mais abstratos e gerais.
- a) Você (P2) para íntimos;
 b) Você (P2) para íntimos e não íntimos;
 c) Você genérico/indeterminado;
 d) Você envolvendo outras nuances referenciais.
- (v) A autonomia de certos itens em processos de gramaticalização está ligada à morfossintaxe obsoleta ou antiga da língua como já explicitiei. Assim, misturas entre velhos e novos paradigmas pronominais são comuns no PB como mostram os exemplos a seguir:
- a) **Você/sujeito com te**: “**Você** lembra daquele rapaz que **te** falei?”;
 b) **Você** perdeu **teu** namorado por culpa **sua**.

Desse modo, combinações com velhas e novas estruturas do PB serão frequentes até que o novo paradigma se estabeleça por completo no futuro.¹¹⁶ A identificação do tipo frequente de uso se

¹¹⁵ O falante não enxerga mais o clítico **te** como um componente individual.

¹¹⁶ Há um novo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular em construção, ao menos em CsFal. que usam **você** de modo exclusivo para tratar o interlocutor. Isso quer dizer que vivemos em momentos de fluidez,

refere ao direcionamento dessa frequência para um padrão particular de emprego que, por sua vez, restringe certo item conservador a atuar como *afixo flexional*. Dessa maneira, aplicando os critérios de Bybee (2003a, p.603-611) na construção **[te+V]**, defendo que essas formas estejam passando pelos seguintes processos:

te > te empresto > timpresto pra você > Øimpresto pra você/procê

Construção individual, correferente de **tu/sujeito** (especialista);
Construção adjungida a verbos **[te+V]** e generalizada por atuar com outras formas ligadas à P2: **o/a senhor/a**

construção opaca duvidosa, donde o acréscimo de **você** e o uso de uma única forma em processamento **[teV]**.

perda de informações, novas formas gramaticalizadas

(vi) Identificação do tipo de ocorrência leva a rotas possíveis de gramaticalização:

Exemplos:

- a) **Você** envolve referentes determinados e outros referenciais que extrapolam sentidos (discussão feita mais adiante);
- b) **Você** atua em várias funções sintáticas;
- b) **Te** ocorre como objeto direto (sem preposição) e objeto indireto (precedido de preposição) acompanhando **você, o/a senhor/a** e formas imperativas (**Ø**vai até o ponto que o cobrador **te** informa);
- c) **Seu/a** concorre com **teu/a**, já **seus/as** (plural) ocorre de modo categórico em lugar da construção **de vocês** em certas CsFal. populares do PB como acontece em São José dos Campos-SP, por exemplo (a máquina **suas** tá zicada).

pois *as fronteiras* entre uma categoria e outra (pronomes, afixos) não são nítidas e nem fáceis para serem explicadas. Assim, essa *fluides* e/ou *deslizamentos* entre categorias motivam o uso da “mistura pronominal” de 2ª pessoa, provocando o aparecimento de novas formas de reparo, no caso o pronome **você** em função completiva, por exemplo. Uma mudança completa no paradigma de segunda pessoa talvez possa não ocorrer, mas os indícios para que essa mudança ocorra existem, já que **você** pode atuar em qualquer posição sintática (sujeito, complemento e inclusive possessivo [de você]) sem problemas, restando, desse modo, apenas poucos contextos de retenção representados pelas formas **te** e **teu/a**. Além disso, vale dizer que **tu** aparece no cenário brasileiro sendo utilizado em regiões periféricas do Brasil, regiões centrais mostram-se mais voltadas para o uso do **você** (ver mapa linguístico, capítulo 1). Mas isso não quer dizer que em regiões centrais **tu** não seja utilizado, ele atua certamente como forma marginal (**tu** no Rio de Janeiro, por exemplo, conforme aparece em novelas e filmes, item falado por *empregados, moradores de comunidades* etc. **Tu** no litoral paulista é característico da fala de caixas e/ou como elemento característico de determinados estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Maranhão, Amazonas etc. Outro ponto que preciso esclarecer é que não vejo problemas em relação ao pronome **você** eleito como pronome exclusivo de mídias falada e escrita (telejornais, ensaios e opiniões). **Tu** poderia continuar sendo item característico de algumas CsFal. (fala), assim como já ocorre, embora em muitos gêneros do discurso como manuais de instrução de aparelhos eletrônicos, por exemplo, apresentem o pronome **você** como forma padronizada para tratar o interlocutor.

- (vii) Os efeitos de velhas repetições afetam a semântica e o fonológico, promovendo mudanças. Assim, *a retenção de itens obsoletos* é vista como propriedade velha. Ela é repetida para encorajar inovações linguísticas. Desse modo, **te/conservador** é item tão repetido que cede lugar a mecanismos de reparo como **você/complemento** (sem e com preposição), já que formas associadas ao pronome **TU** perderam terreno para o pronome **você** em contextos como em: “vou **com você**”; “lembro **de você**” como já explicitiei anteriormente.

É preciso levar em consideração que processos de gramaticalização se estendem para o discurso. Assim, *de padrões discursivos* para *padrões gramaticais* ou ainda *do discurso* para *a manifestação zero*. Desse modo, a escala **DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO**, proposta por Givón (1979) foi reeditada em Givón (2012). O autor insere *o discurso* na escala de gramaticalização porque para esse pesquisador *a gramática* se alimenta do discurso ou de situações discursivo-pragmáticas que, através de processos, lança itens em vias de gramaticalização para dentro da gramática de certa língua até “esgotar” o sentido da forma como ocorreram com os itens **Vossa Mercê** e **vós** já que na atualidade são formas em desuso no português falado (BIDERMAN, 1972-73; MENON, 1995; FARACO, 1996). Desse modo, *derivações* são estabelecidas na língua a partir de categorias como *léxico*, *semântica*, *discurso* e *gramática*, constituindo, assim, as línguas naturais em conjuntos que têm percurso de modificação unidirecional conforme defendem Hopper e Traugott (1993, p.100) e Bybee (2003 a e b).

Essa escala unidirecional de transformações também é concebida para processos cognitivos de maneira que de *esferas concretas* os itens acabam incorporando *noções abstratas* através de analogias, processos metafóricos e metonímios (MARTELOTA, 2010). Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991 v.1) as modificações gramaticais podem obedecer a seguinte escala conceptual: **PESSOA > LOCAL > ESPAÇO > OBJETO > QUALIDADE**. Na verdade, essa escala é constituída de processos pelos quais passa *um item de referência determinada* para o *campo abstrato* como em **pé > pé de mesa > pé de valsa** que representam estágios conceptuais da palavra **pé** que, por sua vez, parte da noção *física, corpórea* para *a amplificação de significados* generalizados no uso cotidiano do PB. Isto quer dizer que, *processos cognitivos* amplificam a visão de mundo dos falantes a partir de *itens lexicais* que nomeiam o mundo corpóreo, pois a criança parte do determinado físico para mais tarde ampliar seu universo vocabular expandindo, por conseguinte, sua lista de vocábulos e extrapolação de significados (BYBEE, 2006; LIMA-HERNANDES, 2009a; 2010). Nesse sentido, para Tomasello (2003), essas generalizações ocorrem justamente porque no repertório linguístico dos falantes não há

vocábulos que traduzem o mundo do falante. O falante, por sua vez, cria inovações para nomear e designar coisas e através de sucessivas gerações essas construções inovadoras tornam-se coletivas.

Para Lima-Hernandes (2009a e 2010), há dentro dessa escala outras categorias cognitivas pelas quais o falante amplia sua visão de mundo. Dessa maneira, a autora amplifica essa escala acrescentando mais duas categorias cognitivas e, assim, a noção de continuidade seria a seguinte: [CORPO] > PESSOA > OBJETO > [ATIVIDADE] > ESPAÇO > PROCESSO > TEMPO > QUALIDADE. Para a autora, o ser humano inicia sua fase perceptual e de consciência de suas partes do corpo pela convivência e reconhecimento delas como *mãos, pés, braços, boca* etc. Esses processos são analógicos e auxiliam a codificar e a mudar a língua a partir da *noção corpórea*, pois *corpo* e *língua* fazem parte do primitivo humano em relação ao todo. Assim, a criança parte do *concreto* para o *abstrato*, pois *o corpo* é anterior à *noção de pessoa* (LIMA-HERNANDES, 2010, p. 90). Além disso, a autora salienta que a categoria PROCESSO é anterior à categoria TEMPO porque pressupõe uma ação em dado ESPAÇO e em determinado momento (tempo). Dessa maneira, expressões como “eu vou à padaria” fornece a noção de deslocamento (espaço), logo, em “vou sair”, o auxiliar codifica a intenção futura de se deslocar (LIMA-HERNANDES, 2010).

Nessa perspectiva unidirecional, estão em Hopper e Traugott (1993) critérios que estabelecem conceitos e processos que determinados itens linguísticos podem sofrer no decorrer dos tempos. Assim, um item ao iniciar seu processo de gramaticalização passa por dois aspectos: *a generalização de sentidos e funções gramaticais* como já mencionado. No caso do pronome **você**, esse item partiu do substantivo feminino **mercê** (origem lexical [-gramatical]) e entrou na gramática por necessidades discursivo-pragmáticas como pronome e, assim, **você** acaba nas graças do gosto popular (CINTRA, 1986; FARACO, 1996) e, por conseguinte, *generaliza-se* para tratar a todos ainda no Brasil-Colônia (BIDERMAN, 1972-73; MENON, 1995). Entretanto, em documentos oficiais e, depois da vinda da família real (1808) ao Brasil, o termo **Vossa Mercê**, entre outras fórmulas de tratamento, passa a ser utilizado pela sociedade abastada por ocorrer uma transformação social com a inserção de nobres em terras luso-brasileiras que, até então, viviam de costumes locais (MATTOS E SILVA, 2004).

Para situar a forma **você** e suas transformações nos planos linguístico e social, elenco a seguir princípios de sua gramaticalização através dos tempos. Sob a hipótese da unidirecionalidade, Hopper (1991) conceitua princípios que norteiam *processos de gramaticalização* pelos quais

certos itens linguísticos passam como *um continuum* de mudanças. Na atual sincronia, observando usos produzidos na língua popular falada em São José dos Campos-SP, por exemplo, alguns desses princípios marcaram a história do **você** em épocas passadas, mas ainda poderão ser notados, e, por isso, alguns desses conceitos serão aplicados junto de exemplos representativos de *antigas* e *novas* estruturas usadas no PB atual. Assim:

Divergência – acontece quando um item significava determinado conteúdo semântico e passa a significar outro. Por exemplo, a palavra **mercê** significava *à graça do rei, reconhecimento, em favor, merecimento* (LOREGIAN-PENKAL, 2004; LOPES, 2004). Assim, **mercê**, pertencente à categoria lexical do mundo biossocial do português antigo, item [-gramatical] passa à categoria de pronome de tratamento [+gramatical], especializada para registros formais do português pós-medieval. Logo, a fórmula **Vossa Mercê** passou a significar a segunda pessoa discursiva em ambientes de muita formalidade, *especializando-se*, pois **Vossa Mercê** – locução nominal – referia-se a um nobre interlocutor: *o rei*, uma reverência atributiva à figura real (CINTRA, 1986; FARACO, 1996). Do mundo nominal (**mercê**) [-gramatical] passa para o plano discursivo-pragmático formal e cerimonioso. Assim, a forma **Vossa Mercê**, item [+gramatical], passa por processos de ressignificação vocabular para tornar-se palavra mais *gramaticalizada* [+fixa; +obrigatória], embora mantenha variabilidade sintagmática como qualquer outro substantivo que representasse o biossocial dos falantes daquela época (LOPES, 2004). Desse modo, de *substantivo pleno, livre e autônomo, livre de restrições*, **você** especializa-se como item mais gramaticalizado [+gramatical], perdendo a liberdade dos nomes em geral, pois *pronominaliza-se* (MENON, 1995), podendo, por sua vez, exercer várias funções gramaticais como, por exemplo: *sujeito, complemento, oblíquo, possessivos* no decorrer dos tempos (MENON, 1995; FARACO, 1996; RUMEU, 2008). Assim, do mundo dos nomes **Mercê** > **Vossa Mercê**, **você** passa para o mundo dos pronomes.

Nessa perspectiva, com a rotinização, a expressão **VOSSA MERCÊ** perde valor honorífico como já mencionado, *generaliza-se* e sofre perdas *fonético-fonológicas*, transformando-se em **você**, pronome de segunda pessoa discursiva. **Você** foi envolvido por processos de Gramaticalização generalizando-se para ser usado por todos e com todos, transformando-se em *pronome universal de tratamento direcionado para qualquer interlocutor*, independente de sua condição social e faixa etária. Sua especialização ocorre principalmente com o desuso do pronome **vós**, primeiramente como forma plural, depois como forma singular, que, por conseguinte, acaba se arcaizando, perdendo vitalidade discursivo-pragmática, pois dessemantiza-se não representando mais o interlocutor como em épocas passadas (LOPES,

2004). Assim, as formas **você(s)** acabam encontrando contexto propício para invadir a função de sujeito pronominal, antes exercida pelas formas de tradição latina: **tu** e **vós** (informal/formal), pronomes ainda descritos por compêndios gramaticais, mas que, em muitos casos, não fazem mais parte da realidade do repertório linguístico dos brasileiros em razão da extinção do **vós** e do não emprego do **tu** em algumas CsFal. (SCHERRE *et al* [no prelo]).

Decategorização – quando há perda de certos traços lexicais ou categorias plenas, itens passam a exercer funções de subclasses como, por exemplo, de nome ou verbo a adjetivo (NEVES, 1997). Há assim uma perda de liberdade sofrida por certo item lexical pleno que se torna elemento *preso/fixo* ou dependente de outra forma para poder aparecer em certas construções e funções. **Mercê > Vossa Mercê** passa de SN [determinante possessivo **Vossa** + **Nome** mercê=**Vossa Mercê**] para a categoria pronominal [**VO** + **CÊ**]= **você**. Esse item pode exercer várias funções sintáticas como qualquer outro substantivo no PB em razão de sua mobilidade sintagmática. O mesmo ocorre com a expressão **a gente**. Já **cê**, por exemplo, redução de **você**, só pode ocorrer como sujeito gramatical, há restrições sintáticas que o impedem de exercer outras funções sintáticas (VITRAL, 1996; CALMON, 2010; LOREGIAN-PENKAL E MENON, 2012). Assim, **você** ocupa esses lugares dentro da distribuição sintagmática do PB (CALMON, 2010), considerando registros de uso conforme descrevem Gonçalves (2008) sobre os usos sociais de **você**, **ocê** e **cê** na cidade de Arcos (MG) e Loregian-Penkall e Menon (2012)¹¹⁷ na capital do Paraná, Curitiba. Nessa cidade, segundo as autoras, **você** é estratégia preferencial (67%) e **cê** obteve somente 32% de frequência de uso. Além disso, usos em outras funções sintáticas como completivas *com* e *sem preposição* foram investigadas pelas referidas pesquisadoras também. Desse modo, **Você** e **cê** ocorrem como sujeitos gramaticais em Curitiba (PR) e **você** ocorre como complemento *com* e *sem preposição*. Já complementos com preposição acontecem nas formas **você** e **psê**. As autoras em questão advertem para o cuidado que se deve ter sobre *afirmações generalizantes*, divulgadas em alguns trabalhos, no que se refere à *especialização das formas* voltadas para **VOCÊ** (referência definida) e **CÊ** (referência indefinida). Como o fator determinação do referente não foi selecionado pelo programa estatístico Goldvarb X no trabalho das autoras, *essa especialização* das formas em questão noticiada por algumas pesquisas não existe no PB falado de Curitiba-PR, logo, ela não é referência nacional no sentido de ocorrer de igual maneira em todas as CsFal. existentes no Brasil. Se essa especialização entre as formas **você**

¹¹⁷ <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11341/11172> acesso em 7 de setembro de 2014, às 18h.

e **cê** existisse em Curitiba-PR o programa Goldvarb X detectaria, tornando essa condição de uso relevante.

Ainda em relação ao *processo de decategorização*, Cyrino e Brito (2003) defendem a afixação do **te** junto ao verbo, já que construções como “eu **te** falei **pra você**” são produtivas, principalmente, no PB popular falado. As autoras usam dados de produções infantis em função da perspectiva inata da linguagem, e de letras de música¹¹⁸. Nessas construções de redobro pronominal, **te** se afixa ao verbo e **você** assume a posição acusativa do verbo (objeto direto). Para Lopes *et al* (2013), essa construção de redobro evidencia *opacidade* em razão da alta frequência de uso conforme Bybee (2003 a e b). Esses autores defendem a autonomia da estrutura [**te+V**] já que **te**, átono, adjunge-se ao verbo que, por sua vez, exige complemento direto (**você**) e, assim, a estrutura [**teV**] seria uma única unidade em processamento, o que torna o **te** *um afixo flexional* e não mais *um clítico* – conforme o processo de decategorização. Dessa maneira, a forma **te** *proclítico* passa a atuar como *afixo* verbal, corroborando a *hipótese da unidirecionalidade* (HOPPER E TRAUGOTT, 1993), ou seja, um item que já era gramaticalizado como clítico torna-se mais gramatical por se adjungir a verbos conforme o padrão natural de clíticos em posição pré-verbal no PB (GALVES E ABAURRE, 1996). Segundo Bybee (2003a, p.604), padrões particulares de uso são padrões de restrição (itens obsoletos), como os afixos “Eu **singanei**” ou “Maria **sicasou-se**” (CASTILHO, 2010).

Nessa perspectiva, está em Castilho (2010, p.482) que pronomes transformam-se em *morfemas verbais número-pessoais* no PB informal como em: eu vou > **evô**; nós vamos > **noivamo** (prefixos em função de sujeito no PB não padrão); me encontrou > **mincontrô**; **te** encontrou > **tincontrô**; se encontrou > **sincontrô** (prefixos em função de complemento no PB não padrão¹¹⁹). Isto quer dizer que esses afixos ou morfemas verbais têm a função de identificar a pessoa gramatical, no caso, 2ª pessoa do singular. Assim, segundo o autor, as categorias *número* e *pessoa* são marcadas por *afixos* como em “falo” {-o}, “falamos” {-mos}; “falas” {-s}, “falais” {-ys}; “fala” {-Ø}, “falam”/falim{-ãw/-ĩ}, mas houve um rearranjo no sistema verbal em razão da extinção do **vós** e da ausência de marca final verbal **-s**, **ste** em relação ao **tu** (LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCHESCHINNI, 2011; MARTINS, 2010). Nesse sentido, Castilho (2010, p.483) salienta que em outras línguas românicas como no francês falado, o processo de afixação de pronomes-sujeito, por exemplo, foi comum, assim: **je** parle > **ʒ** parl; **tu** parles > **tü**

¹¹⁸ “Eu te amo você” – Kiko Zambianki.

¹¹⁹ No programa de televisão Arquivo N, exibido pela *Globo News*, dia 24/03/15, o ator Lima Duarte comentou que seu pai falava “**timbora**, eu num sô mais obrigadu sustentá homi dessi tamanhu”. Sua família era de origem interiorana, estado de Minas Gerais.

parl; il parle > i'parl e reflexivos também estão se afixando como em: **je s'appelle, tu s'appelles** etc. O autor também lembra que as alterações linguísticas sempre iniciam pela variedade popular, já que línguas românicas são frutos do Latim Vulgar. Seguindo esse raciocínio, o PBPOP falado em SJC-SP apresenta características de uma sociogramática bem brasileira já que é alta a produção de *tônicos em função acusativa* (ARAÚJO, 2014; MENDES, 2014)¹²⁰ diferente das descrições da língua difundidas em compêndios gramaticais brasileiros.

Estratificação – é quando um item dentro de um domínio funcional registra novos estratos. Nesse sentido, há uma continuidade de mudanças que, por sua vez, afeta a estrutura linguística porque esse novo estrato emerge por pressões de uso e pela rotinização da forma. Dessa maneira, antigos estratos não são completamente extintos de uma só vez, pois mudanças visíveis na sociedade acontecem de modo gradual (LABOV, [1972] 2008). Nessa perspectiva, formas *antigas* e *novas* coexistem e convivem em uma mesma sincronia até que uma delas desapareça ou se torne obsoleta. Está em Lopes (2006) exemplos desse processo de transformação do PB. A autora extraiu de textos escritos entre familiares dados que revelam, além da estratificação social, a convivência entre *camadas velhas* e *novas*. Essas “misturas pronominais” em convivência moldaram a língua em dado espaço de tempo e lugar e, assim, usos sociais como **Vossa Mercê** com **você** eram “misturas” comuns conforme registram alguns autores. Em Cintra (1986), há registros dos usos de **Vossa Mercê** com **vós**; em Faraco (1996), há registros de **Vossa Mercê** combinada com morfologia verbal de segunda pessoa e terceira pessoas (capítulo 1).

Isto quer dizer que uma das consequências da gramaticalização de certos itens é a convivência entre “estratégias de reparo” e antigas construções. Desse modo, **você** desbanca o pronome **tu/sujeito** em regiões centrais brasileiras (SCHERRE *et al* [no prelo]) e em razão disso esse pronome é uso majoritário em boa parte do país. Assim, **você** é a forma menos marcada por

¹²⁰ Nessa perspectiva, posso dizer, a partir de Givón (2012), que, construções como “eu **se** viro” ou “eu **se** ferro sozinho” são estruturas congeladas por causa da generalização do **se** em função da perda do seu traço de reflexividade (CASTILHO, 2010) e, assim, o item **se** é usado em todas as pessoas gramaticais, pois ele aceita todos os pronomes na variedade popular (GUY, 2001). Entretanto, em contextos como em “eu Ørevoltei”; “eu Øassustei”, você Øassustou”; “nóis Øenganô”, eles Øconfundiui”, o uso de **se**, **me** e **nos** não tem necessidade presencial, já que não há ambiguidade referencial e nem há perda de significado mesmo com a ausência desses clíticos. Para Castilho (2010, p.480-481), o quadro dos pronomes reflexivos teve perdas e ganhos, assim **me**, **te** e **se** podem atuar como reflexivos como nessas construções: “que **me** importa **me-lá**”; “abre **tisésamo**” (abre-te Sésamo); “eu **se** alembro (**sialembro**); você **se** alembra (**sialembra**); ele se alembra (**sialembra**); “eu se conformei” (eu **siconformei**). Exemplos como “eu **se** alembro; você **se** alembra; ele **se** alembra”; “**s’embora**, pessoal”; “a gente **sivê** por aí!”; “eu **sisqueci**”; “eu **selembrei**” e “eu **se** conformei”; “ele **se** conformou-se”. O item **se** é utilizado em todas as pessoas gramaticais como pôde ser observado. Essa perda categorial reflexiva, segundo o autor supracitado, explica porque certas construções como “eu Øacomodo” são possíveis e frequentes no PB sem causar prejuízos para o entendimento do enunciado. Diferente de construções como “eu **se viro**”, nessa construção há necessidade da presença do reflexivo **se**, já que sem ele não há essa mesma interpretação referencial de significado.

causa de sua alta frequência de uso (BYBEE, 2003 a), e **tu**, se utilizado, é forma mais marcada justamente por ocorrer com menos frequência. Em algumas CsFal., **tu** é forma não marcada e generalizada na boca de todos os falantes de **tu**, mas, muitas vezes, é uso restrito entre familiares, amigos, conhecidos. Já **você** como *uso completivo* é praticamente categórico em algumas CsFal. Assim, “vou **com você**”; “falei **com você**”; “falei **de você**”; “fiz isso **por você**” são construções frequentes porque algumas formas da série **TU** (contigo, de ti, em ti, pra ti) não são audíveis em terras nas quais **VOCÊ**/sujeito predomina.

Em sincronias passadas era possível observar usos de um sistema tratamental tripartido: **tu**; **você/tu** e **você** nos termos de LOPES E CAVALCANTE (2011), evidenciando o convívio entre estratos *velhos* e *novos* em certa sincronia, produzidos por falantes letrados nos fins do século XIX e primeira metade do século XX no Brasil em escritas (RUMEU, 2008). Abaixo os excertos de escritos em missivas coletadas pela autora supracitada (p.74-75; 129 e 133)¹²¹ evidenciam “a mistura entre pronomes” muito comum no PB escrito:

(63) “Agradeço muito **A TUA** cartinha e também a vovó **TUA** madrinha ficou contente. [...] e, diz que cada vez gosta mais **DE TI** [...]. Desejo que esta **te** ache já melhor [...]. Foi bom, **VOCÊ** voltar para Santa Fé [...] (Carta de avô para neta. RJ, 15.04.1886).

(64) “Nossa Senhora permita que estejas fazendo a melhor viagem, ou antes ella **TE** encha de benção e graças para onde a obediência **TE** manda. [...] Estou seguindo a marcha do **TEU** vapor [...]. Oh! com que saudades fiquei **TUAS**, filho mil vezes querido [...]. A’ bordo recebi uma linda carta de Jane **PARA VOCÊ**, mas como abri o envelope deixei de **TE** dar” (Carta de mãe para filho. RJ, 23.01.1912).

(65) Como **teNS VOCÊ**, **A TUA** Mãe e Pae eirmãos passado? (Carta de pai para filha. RJ, 07.02.1877).

Conforme a autora, as formas (**P2**) e (**P3**) no que se tange à funcionalidade de **você** combinado ao clítico **te** e possessivos (**teu/a~seu/a**) eram frequentes na língua. A autora também salienta que as formas vinculadas às formas P3 (**Você**) não eram as preferenciais na época, mas não deixaram de ser usadas. Nesse sentido, houve o favorecimento do **você** nos seguintes contextos sintáticos: *como sujeito pronominal* (**Você** vá pedindo a mamãe [...]); *pronomes complemento preposicionado* (“[...] agradecendo tudo que fez **por você**”; “**De você** ela fala com tanto carinho!”) e *forma verbal imperativa* ([...] quando **você** me escrever **diga-se** si **você** o conhece, sim? (RUMEU, 2008, p.133). Os dados e resultados da autora confirmam as hipóteses de Lopes e Machado (2006) que, por sua vez, pesquisaram dados em contextos domésticos, e defendem que a implementação do **você** no quadro pronominal do PB não ocorre na mesma velocidade em todos os contextos sintáticos (funções sintáticas), há ambientes mais resistentes à entrada do **você**. Portanto, segundo Rumeu (2008, p.139-140), contextos completivos (**te**) e possessivos

¹²¹ Grifos meus.

teu/a foram ambientes de resistência à penetração do pronome **você** nos finais do século XIX e primeira metade do século XX no Brasil e continuam sendo na atual sincronia do PB.

Especialização – acontece quando o leque de informações torna-se diminuto, isto é, diminuem-se opções em uso, restringindo, assim, o leque de opções de outras formas de dizer a mesma coisa. Assim, **tu** já foi produtivo em épocas passadas em regiões centrais brasileiras, mas concorria com **você** para referir à segunda pessoa discursiva principalmente em situações de contato comercial (COELHO E GÖRSKI, 2011) em terras paulistas, mineiras e sulistas (rota de tropeiros/comerciantes). Como já mencionei, segundo Labov (2010), quando há perdas de informações linguísticas como ocorre com a série **TU** (tu, te, ti, contigo) em algumas CsFal. brasileiras, “estratégias de reparo” emergem tentando ocupar lugares de antigas formas. Desse modo, **você** está associado a um sistema verbal neutralizado [Ø], isto é, é *forma neutra* por ter adquirido na sua trajetória histórico-social características universais para tratamento do interlocutor. Sob essa ótica, **você** possui um caráter menos invasivo e adquiriu nuances (in)determinadoras, podendo ser acompanhado pelo clítico **te** e possessivos determinantes **teu/a**, por exemplo. Além disso, **você** apresenta variabilidade sintagmática por *permanecer* nessa forma características nominais, e, por conseguinte, esse item movimenta-se dentro de sentenças, atuando, dessa maneira, em várias funções gramaticais (sujeito, complemento, oblíquo, completivo e possessivo) conforme explanei.

Nessa perspectiva, **Vossa Mercê**, por exemplo, foi uso *especializado* por apontar exclusivamente a figura do monarca por certo período de tempo, já que **vós** perdeu a capacidade de referir um interlocutor do *status* do rei. Desse modo, com a passagem temporal e mudanças sociais, houve concorrência com outras fórmulas tratamentais como **Vossa Alteza**, **Vossa Majestade**, revelando *generalização* da forma **Vossa Mercê** que, por sua vez, sofreu desgaste fonético-fonológico e, assim, usos, em Portugal, da forma **você** já eram percebidos em textos portugueses pós-medievais (CINTRA, 1986). Isso quer dizer que **você** *decategoria-se* a partir de uma locução nominal (**VOSSA MERCÊ**) para exercer a função de pronome (**VOCÊ**), *especializa-se* na função de sujeito e, em razão dessa especialidade, sua produtividade, já alta no PB em meados do século XIX, se mantém na atual sincronia em CsFal., tanto na fala culta quanto na popular, como única estratégia para tratar o outro, desbancando usos formais como **o/a senhor/a** nem sempre adequados a certas situações, familiares ou não (SCHERRE *et al* [no prelo]; SAMPAIO E JULIÃO, 2014).

Persistência – ocorre quando certos traços da antiga fonte original se mantêm na forma destino. Assim, **Vossa Mercê, Vossa Alteza, Vossa Senhoria** levavam o verbo para a 3ª pessoa verbal por serem locuções nominais conforme requer um substantivo (classe dos nomes). Com a **descategorização** da fórmula tratamental **Vossa Mercê**, essa forma antiga passa, através de desgastes fonético-fonológicos, para a categoria pronominal, transformando-se em **você** e, assim, a marca morfêmica não marcada verbalmente se manteve (3ª pessoa do singular [Ø]) como padrão neutro de uso e regular. Entretanto, isso não quer dizer que não ocorreram “instabilidades gramaticais” com os usos de segunda e terceira pessoas verbais conforme exemplificou Faraco (1996), capítulo 1.

Nesse sentido, **você** combinado ao **te** envolve relações entre velhas e novas construções sintáticas, isto é, a função de sujeito exercida exclusivamente pela forma **você** em algumas CsFal. está associada à variação entre **te~você** e **te~pra você** em funções completivas (capítulo 4). O mesmo pode se dizer das formas ainda em competição **seu/a~teu/a**, ambas correferentes do **você**/sujeito – segunda pessoa do singular. Assim, sob o ponto de vista de teorias sociocognitivas, **você, te, pra você, seu/a~teu/a** são expressões dêiticas por excelência porque apontam para o *outro/destinatário* em situações discursivo-pragmáticas na atual sincronia do PB falado. Sob esse prisma, defendo que o PB falado caminha para a adoção de padrões cada vez mais voltados para a forma **você**, mas para isso acontecer a repetição de certas relíquias pronominais, atuantes na fala, deverão perder terreno e de modo paulatino, gradativo e constante. Assim, o PB possivelmente apresentará usos cada vez mais voltados para a ordem VERBO + OBJETO [VO], assunto abordado na próxima seção.

3.3 GIVÓN (2012) – a ordenação de palavras

Com o intuito de tentar explicar *o uso de mistura pronominal* relacionada à segunda pessoa do singular em terras dominadas pelo pronome **você** e evidenciar a importância de se estudar a variedade popular como terreno fértil para indicar novos padrões pronominais, mostrar que formas pronominais *velhas* e *novas* convivem no PBPOP atual é evidenciar que mistura entre pronomes faz parte da evolução para *um novo padrão pronominal: você*. Como embasamento, discutirei nesta seção Givón (2012) no que se refere à ordem de palavras, principalmente voltada para *a sintaxe de objeto*. Para isso, questiono o seguinte: por que o modelo pronominal relacionado à segunda pessoa do singular no PBPOP falado em SJC-SP é do jeito que é? Em outras palavras, por que o sistema pronominal no PBPOP comporta-se de modo variável?

O PBPOP abarca um universo da língua falada de modo corriqueiro. Para Lima-Hernandes (2009b), como na língua falada há pouca preocupação com correção, prevalece, sim, a espontaneidade típica das situações cotidianas que fazem com que o falante desempenhe papéis e ações em determinadas situações. Esse desempenho do falante faz com que a língua seja construída rumo a certas mudanças. Em outras palavras, como refletiu Lima-Hernandes (2009b), o falante é uma das engrenagens responsável pelas mudanças que ocorrem na língua escrita, ou seja, o falante introduz inovações na fala em razão de suas necessidades e, assim, a língua do povo é “porta de entrada para a maioria das grandes mudanças na língua escrita” (LIMA-HERNANDES, 2009b, p.01). Vale dizer que mudanças linguísticas ocorrem primeiramente na fala do povo, depois na escrita (CASTILHO, 2010). Sob esse prisma de mudanças na língua, Givón (2012) constatou que muitas línguas que possuíam o padrão objeto-verbo (**OV**) passam a exibir, ao longo dos tempos, uma ordem mais fixa direcionada para outra ordem: **verbo-objeto (VO)**. A motivação para essa mudança na ordenação de palavras é de natureza *pragmática* e *discursiva*, segundo o autor. Isso significa que falantes, por necessidades comunicativas, introduzem novas formas linguísticas para representar o seu mundo biossocial e, assim, a estrutura social e gramatical é modificada, construída ou moldada a partir de introduções que representem novidades para *dizer o mundo*. Essas novas introduções linguísticas traduzem a realidade linguístico-social de determinados falantes do jeito como ela é. Dessa mesma maneira, sob o olhar gerativista, Kato (1999) relata que o português antigo foi uma língua de sujeito nulo (V2 – objeto-verbo), assim como foi também o francês antigo, entre outras línguas latinas. De acordo com a autora, o português começou a perder esse padrão entre os séculos XVII e XVIII. A partir do século XIX, o PB se exhibe como uma língua voltada para o preenchimento do sujeito (DUARTE, 1995), já objetos nulos anafóricos foram, ao longo dos tempos, tornando-se mais comuns (CYRINO, 1997), e, por conseguinte, o padrão de ordenação das palavras torna-se mais fixo e direto (**SVO**), trazendo como consequência uma invasão de pronomes tônicos como objeto verbal. A exemplo disso cito construções mistas do tipo: “eu vi **ele**”; “eu vi Ø vs “eu **o** vi”; “**me** pega lá” vs “pega **eu** lá”, “chamo **você**” vs **te** chamo”; (CASTILHO, 2010; DINIZ, 2007; ROCHA, 2011; MENDES, 2014 entre outros).

Assim, vale retomar fatos que levaram o PB a instalar esse novo padrão de sequência de palavras **SVO** (sujeito-verbo-objeto) no evoluir dos tempos:

- O PB perdeu a desinência verbal que marcava as segundas pessoas gramaticais (**tu/vós**), formas latinas. Desse modo, o padrão neutro verbal (sem marca morfêmica no final

verbal) traz como consequência o preenchimento do sujeito gramatical em decorrência de novas introduções pronominais como **você(s)** e **a gente** (DUARTE, 1995).

- Perdas como as dos clíticos anafóricos de 3ª pessoa **o/a(s)** e **lhe(s)** trouxeram como consequência ganhos como os usos de **ele/a(s)** e **você** acusativos (DUARTE, 1989; GALVES E ABAURRE, 1996; FREIRE, 2005; CASTILHO, 2010).
- Houve também a generalização de **se** conforme defende Guy (2001) em relação ao PBPOP falado e modificações na sintaxe dos imperativos e possessivos também são fatos observados na realidade do PB (CASTILHO, 2010).
- O verbo, principalmente na variedade popular falada, nem sempre traz a desinência número-pessoal para marcar o plural, já que o pronome expresso tem essa função. Assim, “**nóis** vai”; “**eles** fala”; “**os muleque**” come ... são fatos comuns no PBPOP.
- A concordância verbal e nominal é variável no PB como defendem Guy (2001), Rodrigues (1987), Castilho (2010) e Araújo (2014).

Diante desse conjunto de modificações no PB, posso dizer que a sintaxe de objeto no PB “mistura” formas do velho paradigma (**OV – clítico pronominal**) e do novo (**VO – SN/tônicos**) como mostram os exemplos já citados. Línguas que exibem sintaxe “mista” para objeto manifestam o que Givón (2012, p.436) chamou de “estado sincrônico resultante em uma entidade mista”. Isto quer dizer que a ordem padrão **VO** em algumas línguas apresenta *uma sintaxe de objeto* voltada para “*o nominal*” como acontece no inglês no que se refere ao pronome **you**. Fatos assim me levam a defender que, atualmente no PB, algumas CsFal. que usam exclusivamente **você** como **sujeito** (SCHERRE *et al* [no prelo]) apresentam “sintaxe mista de objeto” [**te+V**]-[**V+você**] por ainda haver produção relacionada ao antigo paradigma pronominal da segunda pessoa do singular. Entretanto, outros territórios como os relacionados a verbos transitivos indiretos “gosto **de você**” e oblíquos como “vou **com você**” já estão resolvidos não ocorrendo mais variação no PB atual em algumas CsFal. como mencionei anteriormente. Nesse sentido, o mesmo ocorre com a série de pronomes **nós** na fala popular. Com a perda do completivo **nos**, fatos como “leva **nóis**”; “fala **pra nóis**”, “vem **cum nóis**”¹²² têm como complemento frequente *o uso do tônico nós*. Do mesmo modo, a variação entre os possessivos **seu/a** e **teu/a** apresentam-se “mistos” porque “correferem” o sujeito **você (P2)** em CsFal. principalmente naquelas cuja forma primeira para tratar o outro é exclusivamente **você**. Enquanto no PB culto **seu/a** e **teu/a** tanto podem ser empregados para a terceira e segunda

¹²² “**Vem cum nóis**” – construção falada entre amigos por uma advogada, servidora pública federal, cargo exercido no fórum da cidade de São José dos Campos-SP (Abril/2015).

pessoas gramaticais (CASTILHO, 2010; RIBEIRO E TORRES MORAIS, 2014), o PBPOP falado em algumas cidade como em SJC-SP exibe um uso muito maior de **seu/a** na segunda pessoa do singular (**P2**), **dele/a(s)** para as terceiras pessoas e o uso de **seus/as** (plural), posposto ao substantivo, como em: “as máquina **suas** tá zicada”; “os funcionário **seus** faltô hoje” (capítulo 4). Na cidade de SJC-SP não é usual a construção “os funcionário **de vocês** faltô”.

Fatos como esses descritos acima, levam-me a ressaltar sobre a importância de se observar e estudar de forma sistematizada a fala popular para mostrar que “mistura pronominal” é, na verdade, fato de evolução linguística, caracterizada pela variação entre novos e velhos itens até que uma mudança completa se efetive. Assim, restam poucos contextos de resistência que ainda sobrevivem no PB atual. O elemento **te**, ao que tudo indica, está cada vez mais preso a verbos e os possessivos **teu/a** estão sendo substituídos por **seu/a** (**P2**) no PBPOP como comentei anteriormente. Desse modo, de acordo com a teoria de gramaticalização proposta por Hopper e Traugott (2003), o leque de opções pronominais relacionadas ao tratamento do interlocutor (**P2**) diminuiu e, assim, formas relacionadas ao **você** tornam-se cada vez mais *especialistas*, levando o pronome **VOCÊ** a exercer *funções completivas*. Essa constatação de fatos me leva a defender que as **FORMAS DA SÉRIE VOCÊ** e as **FORMAS DA SÉRIE TU** estão deixando de ser variáveis. Sob essa perspectiva, segundo Givón (2012), construções “mistas” são processos que não podem ser entendidos sem observar estágios anteriores da língua, razão pela qual, neste trabalho, estudos diacrônicos respaldam meu argumento em favor do movimento do PB em direção ao pronome **você** em todas as respectivas funções já mencionadas (respeitando obviamente variações regionais).

Devido a essas observações da língua em uso trago considerações de Givón (2012, p.110) que reflete sobre seus trabalhos datados de 1977¹²³. No sentido de mostrar misturas entre *formas antigas* e *novas*, o autor observou que dois traços são comuns na sintaxe de imperativos: “a ausência de sujeito explícito e a morfologia reduzida do verbo”, características encontradas no PB como em construções do tipo: “**Ø**vai na padaria”, “**Ø**vai até o ponto que o cobrador **te** informa”, “**Ø**sai daqui” etc. Segundo esse autor, na língua *kru* (língua do congo-africana), a sintaxe **SOV** sobreviveu em imperativos, mas o padrão neutro **SVO** é o mais inovador em outras construções. Ainda de acordo com esse pesquisador, no hebraico bíblico, a ordenação **SV** tende a ser mais frequente em sentenças negativas, enquanto a ordenação mais conservadora **VS**

¹²³ Givón (2012, p.110) cita seus próprios trabalhos publicados em 1977 (The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: The pragmatics of tense-aspect. In: LI, C. (Ed.). Mechanisms of syntatic changen. Austin: University of Texas Press, 1977a).

é mais frequente em afirmativas correspondentes. Além disso, Givón (2012) traz informações sobre outras línguas. Assim, em *algumas línguas românicas, banto e iroquês*, uma antiga ordenação **SOV** se reflete em pronomes presos (**OV**), enquanto a ordenação mais inovadora (**VO**) é encontrada voltada para objetos nominais. Desse modo, *no aramaico e no acádico* a ordenação mais antiga ficou congelada no paradigma pronominal que é presa ao verbo, enquanto *a sintaxe nominal* mudou para **SVO** (3ª pessoa). No inglês, segundo o autor, em palavras compostas cujo referente é generalizado ou indeterminado sobreviveu *a sintaxe de objeto antiga OV* ou *estrutura congelada ao verbo* (objeto nominalizado) como em “*street cleaner*”; “*lion-tamer*”, “*fly-fishing*”. Entretanto, quando o referencial é determinado, a estrutura é **VO** (objeto livre) como em¹²⁴ “*he tames lions*”; “*they clean the streets*”; “*they fish with a fly*”. As línguas *nupe* e *kwa* (congo-nigeriano) atualmente têm esse mesmo comportamento **OV/VO** como em “caçar veado”; “dirigir carro” cujos referentes são não referenciais (indeterminados) e referenciais determinados seguem a ordenação de palavras **SVO** (direção de carro) segundo o autor.

Givón (2012) advoga, nesse sentido, que “essa situação de mistura” é motivada até certo ponto pelos seguintes fatos:

1. Todos os compostos lexicais OBJETO-VERBO envolvem objetos *não referenciais*;¹²⁵
2. Em geral, objetos não referenciais tendem mais a se incorporar ao verbo, ao passo que objetos referenciais, não. Além disso, acusativos, instrumentais e advérbios de modo são normalmente os últimos a se moverem para objetos referenciais [de **OV** para **VO**].
3. A sintaxe da língua transformada de **OV** para **VO** foi estabelecida depois de incorporar o padrão congelado do objeto (GIVÓN, 2012, p.329).

Entretanto, de acordo com o autor, caso oposto ao citado acima pode ser observado na língua *akkadian*. Essa língua mudou o padrão **VO** para uma sintaxe **OV** supostamente via contato com o substrato sumeriano, embora nominalizações **SV** lexicais retenham o padrão **VO** (sintaxe antiga e congelada). Ainda de acordo com Givón (2012, p.112), “a discrepância entre sintaxe neutra e a sintaxe pronominal” é um desvio. Assim, o “desvio sintático de ordenação vocabular pronominal e nominal deveria ser, em princípio, muito comum nas línguas”. Nesse sentido, além de o preenchimento do sujeito no PB ser reflexo de perdas de flexão verbal (traços de identificação de pessoa gramatical e número), argumento que a “mistura pronominal” faz parte das mudanças que o PB vem sofrendo até que **VOCÊ** se instale em todas as funções, restando,

¹²⁴ Limpador de rua, domador de leão, pescador de mosca. Ele doma leões, eles limpam ruas e eles pescam com uma mosca.

¹²⁵ Nota 41, GIVÓN (2012, p.329): “Portanto, um “limpador de rua” pode não significar quem, em um dia particular, limpou nossa rua *particular*, mas alguém que habitualmente limpa ruas”.

talvez, estruturas linguísticas congeladas representando traços obsoletos de língua antiga. Todavia, enquanto gramáticas normativas ainda descrevem um sistema pronominal de base lusitana, o cotidiano dos brasileiros, em geral, revela perdas e ganhos pronominais conforme segue a descrição no quadro 17:

Quadro 17: Quadro de pronomes objetos – tradição e usos.

PESSOAS GRAMATICAIIS	PRONOMES ÁTONOS – Gramática Normativa	PRONOMES ÁTONOS EM USO NO PB
P1	Me	me
P2	Te	te
P3	o/a, se, lhe	- (ele)
P4	Nos	- (nós/a gente)
P5	Vos	- (vocês)
P6	os/as, se, lhes	- (eles)

Fonte: descrição dos pronomes objetos com base em Perini (2010).

Esses pronomes-objeto, descritos por gramáticas normativas, correspondem a cada pessoa gramatical em específico e de modo artificial, pois na língua em uso, principalmente em variedades populares, o PB exhibe apenas duas formas átonas ainda preservadas na língua corrente, **me** e **te**, evidenciando, assim, resquícios ou construções obsoletas repetidas no decorrer dos tempos em formas prefixais que, por sua vez, têm a função de marcar a primeira e segunda pessoas do singular. Nesse sentido, a ordenação de objetos no PBPOP ainda apresenta-se de modo misto (MENDES, 2014), pois as estruturas [**me+V**]~[**V+pronome tônico eu**], por exemplo, são *variantes da mesma variável por significarem o mesmo valor de verdade* (LABOV [1972] 2008), principalmente em variedades populares do PB nas quais essa variação não tem distinção social se falada entre “iguais linguísticos e sociais”.

Sob essa perspectiva evolutiva da língua, estruturas velhas e novas acabam disputando espaço e, assim, no PBPOP construções do tipo: “eu **te** falei vs “eu falei **pra você**”; “eu **te** dou **pra você**, filho”¹²⁶; “eu **te** levo” vs “eu levo **você**” podem estar na boca de um mesmo indivíduo, evidenciando a convivência natural entre paradigmas pronominais. Esses fatos de *sintaxe mista de objeto* causam o que Faraco (1996) denominou de “instabilidades gramaticais”. Sob esse prisma, o clítico **te** em posição proclítica ao verbo comporta-se como se fosse uma estrutura congelada ou como “uma construção única em processamento” junto de verbos em razão de sua alta frequência de uso e probabilidade de ocorrência (capítulo 4). Como **te** é átono, necessita do verbo próximo a ele e esse item acaba se amalgamando a uma outra categoria diferente da dele

¹²⁶ Mãe servindo o filho de dez anos à mesa (Mulher, +/-40 anos, tem formação em técnico-bibliotecário).

(GALVES E ABAURRE, 1996). Assim, esse item sobrevive apegado a verbos que ainda exigem sua presença (verbos transitivos diretos e indiretos, por exemplo) e há, dessa maneira, a rotinização de estruturas como as que exibo a seguir:

[te+V];

[teVvocê];

[ØV pra você]

discurso → sintaxe → morfologia → morfofonêmica → zero

Essa rotinização de estruturas ou “ondas cíclicas”¹²⁷ mostra que a língua manifesta estágios de gramaticalização dos pronomes **você** e **te** (complementos). Como já mencionado, segundo alguns autores citados, **você** entrou na língua via contextos discursivo-pragmáticos e se instalou, ao longo dos tempos, na boca do povo, primeiramente como sujeito sintático e depois avançou como complemento verbal entre outros (LOPES E CAVALCANTE, 2011). Já o item **te** perdeu mobilidade sintagmática (LOPES *et al* 2013), instalou-se como padrão proclítico ainda no Brasil antigo (PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992) e, por isso, tende a se amalgamar a verbos até, possivelmente, zerar sua produção no PB, substituído pela nova forma **você** nesse contexto objetivo. Sob esse ponto de vista, o PBPOP vive transformações de natureza morfológica acarretando mudanças na sintaxe, principalmente na sintaxe de objeto. Não à toa que a *unidirecionalidade*, característica dos processos de gramaticalização, alimenta a gramática por modificar pequenos grupos de palavras ou construções ao longo dos tempos, tornando mudanças linguísticas graduais, envolvendo direcionamento e progressão irreversíveis. Desse modo, surgem na língua construções opacas ou ambíguas como “eu **te** falei **pra você**” até o esgotamento de itens obsoletos que perdem forma e conteúdo semântico.

Visão semelhante têm os autores Diniz (2007) e Rocha (2011) ao observarem fatos de dialetos mineiros. Sob a visão do minimalismo, ambos defendem a *reanálise de estruturas de redobro pronominal* (“eu **te** falei **pra você**”; “começo a **me** xingá **eu** lá dentro”) como prefixo de concordância, envolvendo, por sua vez, traços [+falante] e [+destinatário]. Rocha (2011) esclarece que há tipos de falantes: os falantes da gramática (1) e os falantes da gramática (2). Falantes da gramática (1) não possuem estruturas de redobro no seu universo vocabular e, por isso, emitem estruturas [**clítico-V**] ou [**V-tônico**]. Já falantes da gramática (2) possuem estruturas de redobro no seu léxico e, por isso, podem ou não emitir estruturas de reduplicação pronominal, observados em um mesmo indivíduo. Ambos os autores advogam que gramáticas estão em competição no PB em algumas regiões do país, principalmente as situadas no Sudeste. Nessa perspectiva, como aponteí acima, os pronomes associados a camadas velhas do PB eram

¹²⁷ Conforme Givón (2012, p.273).

clíticos cujos únicos sobreviventes são **me** e **te** no PBPOP falado.¹²⁸ Esses fatos opacos na minha interpretação sobre *língua em movimento* são estruturas evolutivas *em transição* até que uma única forma vença essa disputa territorial, mas isso não quer dizer que algumas construções não se tornem cristalizadas na língua como talvez possa ocorrer com “eu **te** amo” e “**te** pego”.¹²⁹

Nesse sentido, cabe mencionar questões feitas por Givón (2012, p.317). O autor traz à baila as seguintes perguntas: **a)** Por que a sintaxe é do jeito que é? e **b)** Ou o que motivaria esse movimento ao reajuste gramatical? Esse movimento é independente da distinção tipológica **OV-VO**, segundo o autor. “A inconsistência tipológica da sintaxe do objeto *pronominal* e *nominal* de fato constitui um exemplo de sintaxe sincronicamente louca que surge via mudança diacrônica natural” (GIVÓN, 2012, p. 317). Não à toa que o autor cita outras línguas como o *congo-nigeriano* e diz que em ramificações *mendeis* e *voltaic* a sintaxe **SOV** é exibida como **OV** (nominais), mas **SVO** para todos os outros objetos (GIVÓN, 1975 *apud* GIVÓN, 2012). Já na língua inglesa falada por japoneses no Havaí, a ordem é **SOV**, mas caminha para a ordenação **SVO** conforme o padrão inglês. De modo contrário, as línguas *persa* e *armênio moderno*, por exemplo, apresentam situação inversa. O *armênio clássico* era **VO**, mas na aquisição de novos traços **OV** – motivada internamente ou por contato *persa*, **O** moveu-se para essa posição pré-verbal, evidenciando *um contínuum* de **VO** para **OV** (GIVÓN, 2012, p.328).

Como mencionei, no PB, **você**, em algumas CsFal., reina absoluto como sujeito mesmo que ocorram outras formas para tratar o interlocutor como **o/a senhora** e **zero no início de frase** como, por exemplo: “**Ø**vai até o ponto que o cobrador **te** informa”¹³⁰. Nesse sentido, segundo Givón (2012, p.273), a estrutura sintática antiga se desgasta com o tempo via processos de morfologização e lexicalização em virtude de contextos situacionais ou discursivo-pragmáticos mudarem e interferirem para que novas construções sejam incorporadas à gramática. Desse modo, línguas em transformação exibem, no decorrer dos tempos, “instabilidades gramaticais” a serem resolvidas com o passar dos séculos através de gerações de falantes. Sob essa perspectiva, argumento, com base em trabalhos diacrônicos citados, que a mudança do paradigma pronominal relacionado à segunda pessoa do singular está voltada para o padrão

¹²⁸ A título de exemplificação, entre os oblíquos há a duplicação dos itens **me** e **mim**. Fatos como “**me** empresta **pra mim**, Cynthia” ou “**me** passa o cardápio **pra mim**, moça” são audíveis em CsFal. como São José dos Campos-SP. O primeiro dado de fala ouvi de uma advogada que falava com outra advogada. Na ocasião a primeira falante pedia um secador de cabelos emprestado. O segundo dado de fala ouvi em uma pastelaria popular, localizada em SJC-SP.

¹²⁹ Não tenho como prever quando uma mudança total no paradigma de segunda pessoa ocorra, talvez não ocorra, talvez ocorra só na escrita, na fala talvez persistam formas alternantes (mistura pronominal). Só os usos e a continuidade desses usos transformam a língua o tempo todo.

¹³⁰ Dado ouvido nas ruas de SJC-SP.

associado à série **você** em todas as funções (sujeito, complemento e possessivo). Essa mudança de paradigma pronominal é *evolutiva e natural* porque a língua está em uso e, por isso, em constante movimento incorporando novidades. Nesse sentido, o presente falado reflete usos passados, mas o passado falado projeta o futuro.

Devido à essa constatação sobre *mecanismos de reparo* precisei abordar um pouco sobre o processo sócio-histórico pós-medieval e colonial como características que de uma forma ou de outra constituíram o Brasil e suas variedades linguísticas. Dessa maneira, de sociedade colonial, menos colaborativa e estratificada socialmente, o Brasil passa por processos sob domínio imperial para o período republicano (PAGOTTO, [1998] 2013) e, logo, após, inicia um processo rumo à democracia, tornando relações sociais mais solidárias e, com isso, formas muito formais como foi **VOCÊ** nos tempos antigos passam a ser generalizadas. Além disso, outros elementos formais como **o/a senhor/a** (SCHERRE *et al* [no prelo]), conforme já mencionei, tendem a ser menos utilizados atualmente por jovens. Assim, defendo que “a mistura pronominal” relacionada à segunda pessoa do singular é reflexo de mudanças linguísticas e sociais que desencadearam esse movimento rumo à implantação do novo paradigma **você (P2)** no PB.

Nesse sentido, essas “instabilidades gramaticais” ou esses “desvios gramaticais” ocorridos através dos tempos alimentam a gramática de hoje rumo a “reajustes gramaticais” (GIVÓN, 2012) conforme ocorre no PB. Sob esse prisma, Givón (2012, p.305) postula que “a sintaxe (ou a gramática), na melhor das hipóteses, é um instrumento de comunicação imperfeito” e, por isso, para esse autor, o ponto de partida inicial para a compreensão de mudanças evolutivas em línguas é *o modo pragmático* que dá origem ao *modo sintático* e, dessa maneira, “as características sincrônicas das estruturas sintáticas não podem ser compreendidas sem referência aos processos diacrônicos que as geram”.¹³¹ Sob esse prisma, justifico utilizar gêneros

¹³¹ Os últimos estágios da rotinização de estruturas são, segundo Givón (2012, p.273), motivados por atrito fonológico (*morfologia, morfofonêmica e zero*), já os dois primeiros (*discurso e sintaxe*) ocorrem simultaneamente e são motivados por várias necessidades comunicativas como, por exemplo: **a)** de tópico a sujeito gramatical; **b)** de topicalização para passivização; **c)** de sentenças tópico para orações relativas; **d)** de conjunção para subordinação no sintagma verbal; **e)** surgimento de algumas construções genitivas complexas; **f)** emergência de construções clivadas e de perguntas com QU-; **g)** complementos sentenciais como do hebraico bíblico que usa complemento verbal recente, mas o subordinador de oração relativa **she-/asher** surgiu via reanálise de uma construção “mesclada” mais paratática (GIVÓN, 2012, p.285). Nesse sentido, para o autor, verbos como **ver, pensar** ou **saber**, em geral, tomam tanto complementos *nominais como objeto direto* quanto *complementos sentenciais*; **h)** emergência de morfologia gramatical (“flexional”) como no **Nupe** (uma das línguas africanas): o verbo serial marca o caso acusativo como em “u **lá** dùku **là**” ele tomar pote quebrar (ele quebrou o pote) entre outros; **i)** de verbos auxiliares a marcadores de tempo-aspecto-modalidade como **querer > querer fazer (futuro); go/ir – irrealis/futuro: vou na feira > ela vai fazer feira; ter – perfectivo passado: “eu tinha gastos enormes na época”; “tinha andado triste”; “tinha tanta coisa aqui, agora não tem”; verbo one/feito – perfectivo/passado: “eu fiz o**

discursivos diversos como exemplos, língua falada e escrita, citar trabalhos diacrônicos e sincrônicos, e por fim, costurar “a mistura pronominal”, fenômeno em estudo neste trabalho, com interfaces teórico-metodológicas para explicar o uso de construções ainda “mistas” como naturais e evolutivas no PBPOP falado em SJC-SP.

Além disso, Givón (2012, p. 299), baseado em Elinor Keenan, advoga que o adulto nunca esqueceu seu *modo pragmático* ou “sua habilidade comunicativa primeiramente adquirida”, [...] “Ele simplesmente a expandiu, via o surgimento gradual do modo *sintático*”. Assim, o que o autor chama de habilidade primeiramente adquirida, Labov ([1972] 2008) chamou de “vernáculo”. O discurso não planejado (a fala pragmática) apresenta tensão comunicativa, pois acontece sob condições extremas de emergência; pressão do tempo (muito tempo, pouco tempo, emergência); grau de planejamento – há planejamento na medida em que o discurso prossegue, diferente do discurso planejado como a escrita escolar rígida; monitoramento *face a face* apresenta precisão porque os interactantes se monitoram constantemente para não perderem o tópico discursivo e terem graus compreensão sobre os assuntos tratados. Em outras palavras, como já mencionado na seção anterior, Bybee (2003 a e b) defende que a noção de regras gramaticais inatas é incompatível com a noção gradual de mudança nas línguas porque regras inatas não seriam capazes de gerar mudanças o tempo todo. Assim, defendendo, com base nos autores supracitados, que a mudança de padrões linguísticos envolve forças *sociais, linguísticas, cognitivas e comunicativas*, pois eles resultam de usos, tendências, hábitos que são colocados em prática como experiências humanas desenvolvidas no decorrer dos tempos junto de seus pares linguísticos e sociais, e grupos de pertencimento.

Independente da corrente teórica adotada, o fato é que o paradigma pronominal de segunda pessoa sofreu perdas, mas ganhou novos itens. Essas perdas e ganhos são consequências do dinamismo do sistema linguístico em uso conforme postula Givón (2012). Nessa linha de raciocínio, como já mencionei, outro fato referente a processos de gramaticalização é a *repetição de itens gramaticais obsoletos*, pois essas repetições antigas gramaticalizadas levam ao hábito, o hábito, por sua vez, leva a *automatização dessas relíquias* que motivam o aparecimento de novas construções para suprir necessidades comunicativas. Esses dois processos *repetição* e *automatização de estruturas obsoletas*, segundo Bybee (2003 a e b), explicam a gramática da língua em uso como ela é, pois morfemas são reduções fonético-

trabalho”; “eu tinha feito o trabalho se houvesse tinta”; “eu fiz fazendo” entre outras necessidades discursivas desenvolvidas diacronicamente em *pidgins* e línguas *crioulas*; linguagem infantil vs adulta; discurso informal vs formal entre outras.

fonológicas dependentes via *afixação* e *cliticização* de material lexical e, por conseguinte, o significado gramatical é altamente generalizado e abstratizado por inferências pragmáticas, alimentando, assim, a gramática da língua nessa atual sincronia do PB. Nesse sentido, no capítulo 4, testarei, entre outras hipóteses que aventei sobre o PBPOP falado em CsPrát, a hipótese geral já mencionada: o uso das formas das séries **TU** e **VOCÊ** está deixando de ser variável.

Nas próximas seções abordarei discussões sobre estruturas do significado, o saber cumulativo de experiências humanas e o uso de máscaras sociais. Justifico trazer essas discussões porque algumas dessas abordagens foram aplicadas em pronomes do PB.

3.4 ABORDAGEM COGNITIVISTA – a construção do significado a partir de modelos baseados no uso

Por reconhecer a capacidade humana de criar referentes a partir de uma única forma como acontece com o pronome **VOCÊ**, abordarei discussões feitas por autores, principalmente brasileiros, que analisaram formas pronominais em uso no PB explorando teorias cognitivas. Saliento que não utilizei de modo direto essas abordagens cognitivistas para categorizar os dados de fala popular sob investigação porque preferi categorizá-los sob o enfoque de *máscaras sociais* com o intuito de trabalhar mais essa faceta humana. Esclareço que o falante ao empregar máscaras sociais constrói também estruturas referenciais a partir da conceptualização de suas experiências e, por isso, utilizei noções de certas *operações cognitivas*, *mesclas conceptuais* e, principalmente, *radialidade* para mostrar o potencial criativo do falante, independente de sua condição social.

Autoras como Fontes e Ferrari (2010); Fontes (2012), fundamentadas em Lakoff (1987); Langacker (1987; 1991; 2006) e Fauconnier e Turner (2002), defendem, em linhas gerais, que a estrutura do significado é uma construção mental/individual. Desse modo, com base na proposta das autoras, descrições e análises sobre as formas **você** e **a gente** na função de sujeito serão abordadas com o propósito de mostrar que o homem constrói estruturas referenciais e opera aspectos cognitivos interligados ao ambiente externo da língua. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva (LC), antes de objetivar desvendar a mente humana, é uma ciência integrativa e não defende a autonomia da linguagem porque dá primazia a operações como: *percepções*, *interpretações*, *tempo* e *espaço*, *visão*, *degustação*, *olfato*, *sensações* etc. (LANGACKER, 2006, *apud* FERRARI E FONTES, 2010).

Desse modo, a partir de estágios conceptuais físicos¹³² (cabeça, pés, pernas, boca ...) falantes expandem sua visão e, por essa razão, incorporam no seu repertório gramatical noções corpóreas para ampliar significados adaptados à sua realidade social como mencionei anteriormente. Assim, a gramática de dada língua é resultado de conceptualizações, isto é, a maneira como a mente humana recorta o mundo (nomeações aos seres), criando categorias (generalizações, semelhanças, analogias, metáforas, comparações) que alimentam a gramática de determinada língua. Nesse sentido, seres humanos são adaptáveis ao seu tempo e espaço, e, por isso, somos capazes de organizar um grande número de informações que são compartilhadas em grupos sociais, responsáveis por difundir comportamentos, inclusive linguísticos. Sob esse ponto de vista, defendo que tudo que é externo ao homem retorna a ele para que esse mesmo falante se expresse e manifeste na fala estruturas linguísticas aprendidas em seu meio social. Assim, convenções e inovações linguísticas são praticadas em grupos humanos menores até grupos maiores as adotarem como uso regular (TOMASELLO, 2003).

Essas pesquisas baseadas no uso defendem que a significação do mundo só é possível a partir de experiências humanas motivadas por fatores socioculturais, ambientais etc. Desse modo, certos itens linguísticos e construções abarcam, além de significados prototípicos, outros que alargam a referência, envolvendo, assim, expansão do significado. Isso quer dizer que as mentes humanas não estão descontextualizadas da estrutura linguística e nem de fatores interacionais, sociais e culturais. A Linguística Cognitiva (LC) dá primazia aos estudos do significado levando em conta a integração de sistemas cognitivos ao meio social, pois noções como as de *perspectiva*, *base experiencial do uso linguístico*, *dinamicidade da gramática* e *modelos cognitivos idealizados* são nessa vertente de pesquisas, premissas de base não autônoma da linguagem como já mencionei. Assim,

As mentes individuais não são entidades autônomas, mas corporizadas-encarnadas e altamente interactivas com o seu meio; e é através desta interação e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam. Não existe, pois, propriamente linguagem humana independente do contexto sócio-cultural. Mas não é menos verdade que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia ocorrer. (SOARES DA SILVA, 2004, p. 7).

Distante desse prisma, pesquisas sociolinguísticas (LOREGIAN-PENKAL, 2004; GONÇALVES, 2008; CALMON, 2010), por exemplo, descrevem os pronomes **tu** e **você** por um viés bipartido da referência, isto é, referências *específica* e *genérica*. Entretanto, estudos

¹³² Essa noção corporificada ou encarnada da linguagem foi discutida e aplicada na obra *Metaphors we live by* (LAKOFF & JOHNSON, 1980) que defende a ideia de que a gramática da língua é alimentada por operações cognitivas que, por sua vez, criam metáforas através de noções corpóreas, espaciais, temporais etc.

sobre significado têm revelado que pronomes como **você** e **a gente** envolvem outras nuances referenciais frequentemente emitidas pelo povo brasileiro (SILVA, 2004; VIANA SOUSA, 2008) conforme mostrarei mais adiante. Desse modo, falantes e escritores, em geral, constroem significação com intenções de dizer ao outro ou de apontar para o outro, mas para isso há que se levar em conta a estrutura semântica, construída na mente individual dos falantes a partir de experiências sociais. Assim, com noções de protótipos, mesclas conceituais e radialidade, referentes, a partir de mentes individuais de falantes, nomeiam o mundo de humanos e suas experiências no desenvolver de práticas enunciativas (conversas corriqueiras, entrevistas etc.).

Sob essas noções, Fontes (2012) explica os usos da expressão **a gente** em discursos políticos. Além dessa autora, Abreu (2014) propôs para o estudo dos pronomes *you* e *we*, extraídos de reportagens e notícias de jornais, esquemas e espaços mentais que explicariam as estruturas de significação abarcadas por essas formas. Para isso, as autoras descrevem tipos referenciais: referentes determinados classificados como *prototípicos* e referentes que extrapolam sentidos, muitas vezes, incluindo ou excluindo o falante do referente. Assim, a corrente teórica cognitivista da linguagem considera a categorização como um processo de construção do significado que organiza o mundo através de mentes individuais, levando em consideração *modelos baseados no uso*, inseridos em realidades sociais nas quais fatores *históricos, culturais e experiências cotidianas* são forças que, por conseguinte, moldam o comportamento social e linguístico humano. Esse recorte social faz, por exemplo, novas categorias emergirem para satisfazer necessidades comunicativas imediatas dos falantes. Nesse sentido, a exemplo de nuances categoriais, Lakoff (1987) categorizou significações da palavra *there*¹³³ e, desse modo, o autor percebeu a organização radial dessa construção dêitica. Assim, as coisas mundanas são categorizadas como mais específicas dependendo de graus mais próximos do centro prototípico até seu afastamento para áreas periféricas. Isto quer dizer que a construção dêitica prototípica central da construção *there* é categorizada por Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e, assim, a partir do *MCI central* outras construções/categorizações são derivadas na língua. A esse movimento o autor chamou de *estrutura de categorias radiais*. Além disso, Lakoff (1987) postula que operações cognitivas de categorização, feitas através de MCI, são, na verdade, convenções sociais criadas pela mente humana. Sob esse prisma, Labov (1978), segundo

¹³³ Segundo Lakoff (1987, p.482-483), *there* tem, além da significação dêitica prototípica central, outras dez derivações de significação. Assim, há a estrutura *central* e derivações (ou subconstruções/ subconstructions como diz o autor): *perceptual, discursiva, existencial, atividade, entrega (delivery), foco narrativo (narrative focus)* etc. Essas construções, na verdade, resultam em estruturas cognitivas que ocorrem no sistema conceitual dos falantes. Assim, o autor observou diferenças desde a *estrutura central/apontar* até a última nuance de significação, *estrutura apresentativa* (LAKOFF, 1987, p.482).

Mondada e Dubois (2003) e Ferrari (2011), elaborou testes perceptivos nos quais falantes categorizaram o nome dos objetos pelo tamanho. Assim, a partir de *xícara*, *copo* e *tigela*, os participantes nomeavam o objeto conforme a exigência da situação.

Entretanto, a ideia de generalizar e particularizar as coisas do mundo não pode ser entendida como um espelho direto da realidade, ela é processual, pois a realidade conceptualizada por humanos é de ordem não linear, isto é, há nuances ou gradações de sentidos que conceptualizam de diferentes maneiras o mundo de experiências de determinada Comunidade de Fala (CF). Assim, o falante usa significados porque eles possuem *estrutura conceptual* que dá suporte a determinado referente. Esses referentes são espalhados de maneira radial porque se afastam de seu núcleo prototípico de propriedades (FERRARI, 2009).¹³⁴ Nesse sentido, pesquisas de Rosch (1975), citadas por Lakoff (1987), defendem a categorização semântica não como formas estanques, mas radiais, flexíveis, que permitem ao homem organizar itens mais ou menos semelhantes. Assim, dentro da categoria *ave* há *gaivota* que voa e que possui penas, mas há *pinguins* lisos, que não voam, nadam (FERRARI, 2011). Isto quer dizer que as categorias mais gerais se subcategorizam em particularidades gerando graus de distanciamento do núcleo central. Em geral, Gramáticas Normativas organizam seus capítulos de modo a categorizar componentes da língua em grupos e/ou classes gramaticais como *nomes*, *verbos*, *artigos*, *pronomes* ... pois desde a antiguidade o homem sempre classificou as coisas relacionadas ao seu mundo como um modo de organizar seu meio, pensamentos, sentimentos etc. (CASTILHO, 2010). Diante dessa visão organizacional do pensamento humano, o todo linguístico em funcionamento pode ser distribuído em partes menores para que se entenda o funcionamento do todo do sistema linguístico como explica Halliday (1994) a partir de metafunções.¹³⁵ Assim,

¹³⁴ A entidade prototípica é aquela que reúne propriedades centrais, comuns, de modo que para os brasileiros, por exemplo, pássaros (passarinhos) lembram muito mais a categoria *ave* do que *galinha*. Pássaros têm penas e voam, galinhas têm penas, mas não voam. Já *pinguins* são lisos e não voam (FERRARI, 2011).

¹³⁵ A Gramática Sistemico-Funcional, doravante (GSF), de Halliday (1994), mais precisamente da obra de H e M (1999), é compreendida como *um sistema semântico estratificado* nos seguintes subsistemas: *sistema de significados* no qual está compreendido a semântica que alimenta o conteúdo das formas linguísticas que fazem parte do repertório *Léxicogramatical*. O sistema está destinado às expressões em uso ou o sistema de fraseados, sendo que esses dois estratos sistêmicos se relacionam naturalmente, pois há interpretação e construção não arbitrária entre eles. Já nos subsistemas *Léxicogramatical* e *Fonológico* há arbitrariedade no que se refere a convenções sociais a depender do recorte cultural de cada lugar. Assim a *Semântica* motiva a *Lexicogramática* concretizada através do *Sistema de Som* ou *Gestual* (Fonologia). Além disso, esses sistemas inter-relacionados, H e M (1999) relacionam a GSF às metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual* como ferramenta metodológica para descrições e análises linguísticas. Assim, a *metafunção ideacional* está para as experiências dos seres humanos, convivência, história etc, associada também ao *sistema de transitividade* e *ao campo* nos quais ocorrem as produções de sentido instanciadas por verbos. Essas ações sobre a realidade são interpretadas pelo falante, ele age para criar, significar e produzir o seu mundo no seu mundo, suprimindo assim necessidades comunicativas. A *metafunção interpessoal* está obviamente relacionada ao papéis interlocutivos, sendo as formas linguísticas realizadas através do sistema de *modo/modalidade* que especifica funções de *sujeito*, *predicador*, *complemento*. O sistema de modo, no nível sintático, organiza os fraseados em dois constituintes (*i*) *Modo oracional* – constituído de

quando novas formas linguísticas que entram em funcionamento no sistema linguístico em uso de certa CF, gramáticas normativas demoram a incorporá-las como novas maneiras de representar o mundo dos falantes. No caso do PB, a imensa maioria dos brasileiros fala **você**, embora gramáticas normativas ainda descrevam somente o **tu** como único pronome que aponta a segunda pessoa do singular e traz somente o pronome **nós** para designar a primeira pessoa do plural. Entretanto, as formas **a gente** e **você**, através dos tempos, têm significações construídas pela sociedade a partir de motivações comunicativas e sociais, caracterizadas a cada período de tempo em função de modificações sociais (CINTRA, 1986; FARACO, 1996), moldando também estruturas discursivo-pragmáticas (LOPES E CAVALCANTE, 2011) que alimentaram e realimentam o PB constantemente.

Assim, operações cognitivas constroem o significado mental em movimento contínuo de categorização e recategorização das coisas que acontecem no mundo. Os processos que envolvem categorização fazem o falante agrupar coisas, pessoas, objetos ... em um conjunto de entidades semelhantes e, assim, a categoria gramatical *pronome*, por exemplo, é uma classe gramatical com subdivisões e especificidades que quando colocada em uso constitui a sociogramática de determinada CF. Isto quer dizer que nada é estanque quando usos sociais estão em jogo, se houver diferenças de *categorização* e *recategorização* entre uma CF e outra, pesquisas linguísticas associadas a interfaces interdisciplinares poderão descrever esses fenômenos. Sob esse prisma, a depender de diferenças regionais e discursivo-pragmáticas, falantes podem adotar **tu**, **tu~você** ou só **você** para tratar o interlocutor porque, além de outras estratégias, operam com *seleção*, *abstração*, *entrincheiramento* e *perspectivação*, responsáveis pela construção da gramática de determinada língua conforme defende Langacker (2006, *apud* FERRARI E FONTES, 2010). Esse teórico embasa um dos estudos da expressão **a gente** no

sujeito, responsável pela proposição e o *Finito*, responsável pelas relações temporais e modais da proposição; e o (ii) Resíduo, constituído por três componentes: o *predicador* (*grupo verbal*), *complemento* (*objetos átonos e tônicos*) e *adjuntos* (*auxílios que complementam os sentidos da proposição*). A terceira metafunção se destina ao *Textual*, responsável pela informação, especificada em relações entre o enunciado e a situação (tema/remata), dependente do contexto pragmático para que o analista interprete o fluxo das informações em *velhas* e *novas* (tema/remata ou tópico/foco). Exemplos: (i) eu não bebo **cerveja**. Nesse enunciado, *cerveja* é a informação nova, mencionada no final da oração, já “eu não bebo” é a parte velha da informação, a parte conhecida do enunciado. No seguinte exemplo (ii) **Dessa cerveja** eu não bebo, a parte *nova* da informação foi mencionada no início da oração, isto é, o falante enfatizou que daquele tipo de cerveja ele não ingere. Isto quer dizer que a depender da progressão temática a ser encaixada em certa sequência textual informações *dadas* e *novas* poderão ocorrer tanto no início quanto no final de enunciados. Assim em “**Há uma árvore grande** na frente do prédio. **Ela** será removida de lugar porque **essa árvore** acaba atrapalhando o trânsito”. Nessa sequência de informações “Há uma árvore grande” é informação *nova*, já o pronome *ela* e o SN “**essa árvore**” são informações conhecidas (*dadas/velhas*), ou seja, já introduzidas no discurso e são responsáveis pela progressão do texto estabelecendo, assim, organização daquilo que o falante quis informar. Do mesmo modo, enunciados como “acabei comprando **uma máscara qualquer** para pular o carnaval” tem como *informação nova* ou *focalizada* no SN indefinido “**uma máscara qualquer**”, já em “**A máscara** veio com defeito” tem na introdução da oração a *informação velha*, *parte temática*, *conhecida* do ouvinte por já ter sido mencionada anteriormente no discurso.

Português Falado do Brasil como mostraram Ferrari e Fontes (2010) e Fontes (2012). As operações cognitivas são:

- a) **Seleção** – operação cognitiva que leva em consideração os participantes de determinada cena, ou seja, é ela que determina as facetas cenográficas da comunicação na qual participam atores verbais, como, por exemplo: 1) **A gente** foi assistir **um filme**; 2) **Eu** comi **peixe** e **tu**?¹³⁶
- b) **Abstração** – são entidades marcadas por esquemas, como, por exemplo, o uso de verbos transitivos e intransitivos ou a própria noção esquemática que falantes possuem ao estarem face a face. Cada um dos interactantes possui um frame da cena pela qual a conceptualizam (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Aqui estão inseridos também pontos centrais e periféricos à cena – perspectivação da sentença pela posição do Sujeito e Objeto na sentença, por exemplo.¹³⁷ Assim, a abstração seria a marca discursiva na utilização das entidades participativas que estariam mais ou menos marcadas por aspectos esquemáticos e abstratos da estrutura verbal: *_V; _V_; V; _V _ _*. Isto quer dizer que o verbo pode ter *um lugar, dois lugares, três lugares e nenhum lugar* disponível. O lugar disponível dependerá das entidades participativas exigidas ou não pelo verbo (verbo transitivo direto; verbo intransitivo, por exemplo).
- c) **Entrincheiramento** – estão voltadas para expressões convencionalizadas como heranças comportamentais e compartilhadas pela comunidade linguística a que pertencem os participantes da interação. Essas operações cognitivas permitem visualizar alguns caminhos determinantes na construção dos significados no momento interativo conforme graus para cada convenção de uso, como, por exemplo, usos sociais como **tu ... você ... cê ... ocê ... o/a senhor/a ...**, e usos sem a presença da forma pronominal no início de sentenças como em: “**Ø**Sabe onde fica o banco tal? ...”;
- d) **Perspectivação** – leva em consideração *a direção do foco de atenção*, isto é, localiza pontos periféricos e centrais da cena como *figura/fundo*. Desse modo, o que marcaria a noção de perspectivação do falante? O ponto de vista dado pelo emissor da mensagem (LANGACKER, 2006, *apud* FERRARI E FONTES, 2010).¹³⁸

Esses processos cognitivos, segundo esses autores, são fundamentais para a organização mental de informações linguísticas. Desse modo, eles ocorrem de modo semelhante à maneira de como o falante enxerga ou interpreta o próprio mundo e o universo alheio. Assim, **a gente** e **você**, por exemplo, são formas que envolvem significados *específicos* e *expansivos* a depender de critérios elaborados pelo analista da linguagem ao observar dados linguísticos extraídos, por exemplo, de excertos de fala ou textos escritos. Isto quer dizer que, a depender de necessidades *discursivo-pragmáticas*, uma escala de significações poderá emergir do uso e no uso. No caso de pesquisas sociolinguísticas, a quantificação, a frequência de uso e a relativização dos índices matemáticos são estratégias adotadas como ferramentas teórico-metodológicas para fundamentar discussões envolvendo noções como *cognição social* (SOARES DA SILVA, 2010), *modelos baseados no uso, aquisição de linguagem e mudança linguística* (TOMASELLO, 2003; MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

¹³⁶ Todos os exemplos foram elaborados por mim com o intuito de aplicar esses conceitos aos usos pronominais falados no PB.

¹³⁷ Operações cognitivas não são concebidas separadamente dos planos *lexical, morfológico, sintático*. Para LC todas as camadas linguísticas cooperam como em continuidade para que o significado seja construído em determinada sociedade a partir de mentes humanas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

¹³⁸ Segundo Dik (1989), se o falante emitiu uma perspectivação, ele já definiu um ponto de vista.

Além dessas perspectivas, o significado pode ser analisado através da noção de *mesclas conceptuais*. Autores como Fauconnier e Tunner (2002) consideram a categorização do significado também como construção mental desenvolvida por espaços mentais ou domínios. Construções concebidas pelo homem através de suas experiências no mundo e com o mundo são realizadas através de *mesclagem conceptual*, isto é, são processos cognitivos que envolvem experiências humanas. Assim, entendo que processos cognitivos têm ligação social porque o ambiente e vivências humanas criam *forma/significado* na mente do falante. Segundo Lakoff (1987), os MCIs são responsáveis pela categorização do conhecimento adquirido por falantes. Esses MCIs são apoiados por *espaços mentais* que emergem em razão de acessos a informações importantes para a construção de determinada categorização. Assim, espaços mentais ou domínios são estruturas que transitam e são projetadas a partir de informações inseridas em domínios estabilizados. Os MCIs, então, funcionam como arquivos temporários de organização do pensamento conforme Ferrari (2011). Há um cruzamento de elos (*links*) que serve para construir sentidos e, desse modo, dos *links* (ligações) entre domínios cognitivos e espaços mentais emerge um novo significado, formado a partir de operações como as de mesclagem conceptual/*blending* (FAUCONNIER E TURNER, 2002; FONTES, 2012).

Conforme o estudo de Fontes (2012), as nuances de significado da expressão **a gente**, por exemplo, só são possíveis porque há estruturas de significado que permitem conceptualizar referentes diversos utilizando para isso a mesma forma pronominalizada. A partir da conceptualização de referentes diversos, há afastamentos referenciais que se expandem e se distanciam do núcleo central e prototípico de propriedades. Desse modo, domínios ou espaços são ligados por informações comuns. Essas informações são extraídas desses *domínios/espaços* que, por sua vez, são ligados por pontos comuns, os chamados *mappings*, segundo Fauconnier e Turner (2002):

Figura 3: *Mappings*.

Obs.: contém as contrapartes identificadas em cada domínio (esfera 1, esfera 2, esfera 3)

A figura 3 exhibe três espaços interligados pelas contrapartes de seus respectivos domínios. Assim, a esfera 2 contém os elementos **a**, **b** e **c**, mas somente **a** e **b** são itens também contidos na primeira esfera. Já a terceira esfera contém os elementos **b**, **c** e **d**, mas somente **b** e **c** são

itens contidos na segunda esfera. Assim, os três domínios estão interligados através de informações comuns que funcionam como elos (*links*).

Esses *mappings* (domínios/espacos) são operações de correspondência existentes nas contrapartes como mencionei. Nessas contrapartes, as ligações ocorrem entre domínios *semânticos*, *pragmáticos*, *raciocínio* etc. e, assim, esses espaços mentais estão ancorados em discursos imediatos que se desenvolvem no cotidiano humano (falante, ouvinte(s), lugar, tempo, espaço ...). Esses domínios conceptuais contêm representações parciais de elementos e relações de uma cena percebida, imaginada ou lembrada pelo falante e, dessa maneira, tendo como base outros espaços, emergem referências atípicas no aqui-agora (momento vivido em situações), pois o homem fala de planos, do passado, lança hipóteses, dúvidas, conversa sobre temas diversos como mundo escolar, família, trabalho, geração de renda ... (FERRARI, 2011). Assim, espaços mentais servem para categorizar espaços geográficos, tempo, condições etc. que, por sua vez, fundamentam a experiência humana. Esses exemplos representariam o que os autores considerados chamam de construtores de espaços mentais (*space builders*) ou domínios alternativos em relação ao domínio base¹³⁹, gerando, por conseguinte, a expansão de referentes para além do significado prototípico (FONTES, 2012).

De acordo com Ferrari (2011), baseada em Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), a mescla conceptual surge da interação entre domínios conceptuais distintos que servem de ponto de partida (*inputs*) para a criação do espaço-mescla, constituído pelas partes herdadas de ambos os domínios. Essa mescla conceptual (ou *blending*) é uma operação mental que representa o dom dos homens para inventar novos significados (sentidos) ao mundo. Nessa operação também há projeções parciais entre dois domínios iniciais o *input 1* e o *input 2* que irão permitir correspondência ou identificação das contrapartes. Essa correspondência é licenciada pelo domínio genérico que possui elementos comuns, e, por conseguinte, há um espaço de mescla (ou *blend*) que é construído por elementos projetados dos *inputs*, estabelecendo outra estrutura, *uma emergente particular*, não existente nos espaços anteriores. Assim, para o estabelecimento de mesclas conceptuais, esse processo passa por: **a)** projeção parcial entre elementos correspondentes dos domínios chamada *input 1* e *2*; **b)** esquema genérico que organiza abstratamente elementos comuns entre *os inputs* (1 e 2), isto é, há um compartilhamento de informações comuns; **c)** a mescla se constitui por entidades projetadas através dos outros dois

¹³⁹ Conforme Ferrari (2011), nas sentenças “está fazendo calor” e “na Europa, está fazendo calor” há diferença; na primeira sentença há somente a base do contexto imediato, não há relação entre domínios, já na segunda sentença há esse elo entre domínios, pois os termos “na Europa” são considerados molduras referenciais diferentes da base “está fazendo calor”.

domínios (1 e 2) e **d**) a estrutura emergente inexistente nos *inputs* (1 e 2) ou domínios anteriores. Na verdade, é uma estrutura nova criada para dar conta do aqui-agora. É o que mostra a figura a seguir:

Figura 4: Estrutura emergente debate.

Obs.: extraída do trabalho de Fontes e Ferrari (2010), proposta por Fauconnier e Turner (2002, p. 62).

Fauconnier e Turner (2002, p. 62) exemplificam o processo de *mescla* conceptual apresentando uma aula ministrada por um professor. Esse professor de filosofia, ao confrontar o seu ponto de vista às ideias de Kant (filósofo alemão), promove um debate e o apresenta aos seus alunos. Nesse sentido, há um diálogo virtual entre o professor de filosofia (1995) e *Kant/pensador* (1784). Assim, quando o professor fala em Kant introduz esse referente na mente dos ouvintes (alunos). Os referentes do mundo atual e passado só são possíveis em razão da existência de espaços mentais *com mescla*. Nos dois espaços (*input 1 e 2*), há propriedades que foram

extraídas do espaço genérico, isto é, informações gerais como *pensador, ideias, modo de expressão, língua e tempo*. Assim, há *o professor/filósofo e o pensador*; há *a defesa de ideias* geradas em *um espaço e tempo* (1995 e 1784) para que *o debate* seja promovido através de *modos de expressão* (falado e escrito). Já a estrutura emergente ou *espaço da mescla* extrai informações importantes dos dois *inputs* (1 e 2) e, por isso, projeta *o confronto de ideias* entre o professor e o pensador alemão em determinado espaço e tempo atual. Assim, *o frame*¹⁴⁰ debate promove um relacionar de ideais atuais e passadas que ocorrem ao mesmo tempo e de maneira virtual, já que Kant viveu em outra época (FERRARI E FONTES, 2010).

A partir dessas estruturas interligadas, Fontes (2012) propõe estruturas semânticas para explicar o uso da expressão pronominalizada **a gente**. Nessa mesma perspectiva, Abreu (2014) apresenta um estudo dos pronomes *we* e *you* propondo esquemas e espaços mentais para explicar o funcionamento de dêiticos *determinados* e *expansivos* que ocorrem em textos jornalísticos. Assim, fundamentada nessas noções de projeção semântica, *mappings* e *frames*, proponho domínios que representam usos voltados para pronomes de tratamento, utilizados em épocas passadas e atuais¹⁴¹ como convenções sociais. Esses usos convencionalizados mostram modelos coletivos relacionados ao comportamento social e acúmulo de conhecimento manifestados em estruturas semânticas conforme mostra a figura a seguir:

¹⁴⁰ Morato e Bentes (2013) discutem *frames* e *construção referencial* realizados por afásicos e não afásicos. As autoras baseiam-se em vários pesquisadores dentre eles Fillmore (1985), van Dijk (1992), Gumperz (1982), Goffman (1974) entre outros. De modo geral, *frames* são enquadres entendidos como modelos semânticos que representam e dão sentido ao mundo recortado por falantes, inseridos em dada estrutura sociocultural. Ou seja, “os *frames* podem ser entendidos de forma relacional, isto é, como enquadres cognitivos que se forjam a partir não apenas dos esquemas de conhecimento ativados e elaborados conjuntamente pelos interactantes, como também a partir do enquadramento social dos participantes da conversação e do contexto interacional local em que estão imersos” (MORATO E BENTES, 2013, p.128). Em Dijk (2012), a noção de *frame* é aplicada a modelos discursivos escritos ou falados como discursos, reportagens etc. Desse modo, ninguém precisaria explicar o *frame* bar/restaurante, avião ou *Natal* porque há associações de palavras e imagens relacionadas ao seu significado. Em geral, *frames* são construtos mentais e/ou são dispositivos imaginativos da nossa mente (KÖVECSES, 2006, p 69, *apud* ABREU, 2010, p. 37).

¹⁴¹ Mesmo que a noção de espaço mental esteja voltada para *o recorte sincrônico*, isso não quer dizer que épocas passadas não possam ser recortadas em espaços de tempo para se compreender usos. Assim, usos sociais dos tempos do Império Português no Brasil não estão no espaço mental dos falantes brasileiros atuais, mas usos daqueles tempos podem ser introduzidos na mente dos alunos que assistem à explicação de um professor, por exemplo (figura 5).

Figura 5: *Frame* genérico.

Obs.: baseado em Fontes (2012) e Fauconnier e Turner (2002), representa a extrapolção referencial que envolve qualquer pessoa

Em práticas interlocutivas, hábitos corteses e maneiras de tratar o outro permaneceram no comportamento social de portugueses e brasileiros. Assim, se um professor em sala de aula explicar sistemas tratamentais antigos para seus alunos, ele acaba introduzindo esses velhos usos e referentes na mente da plateia que o assiste. Desse modo, mesmo que **Vossa Mercê** e **Vossa Majestade** não sejam usos expressos por falantes atuais do PB, algumas formas tratamentais e hábitos permaneceram no repertório dos brasileiros transformadas no decorrer dos tempos através de interferências socioculturais, ações políticas, mudanças de hábitos etc. Isto quer dizer que nem todos os elementos contidos no *input 1* estão no *input 2* e vice-versa. Como já mencionei, o pronome **VOCÊ** herdou aspectos morfossintáticos do nome (**Vossa Mercê**) e atualmente **você** pode se relacionar tanto com itens pertencentes ao antigo paradigma pronominal (**te**, **teu/a**) quanto com formas da nova série **você**, ocorrendo variação (ou mistura

entre formas). Quanto ao espaço genérico, ele representa indivíduos (falantes e ouvinte/s em geral) que estão em dado espaço e tempo comuns às esferas do passado (*input* 2) e atual (*input* 1). Já no espaço da mescla (esfera 4), há a extrapolação do significado contendo falantes+ouvinte(s)+formas tratamentais que se afastam do núcleo prototípico (P2). A referência prototípica (**P2**) – representada pelas esferas 2 e 3 – não contém mescla porque é *um dêitico*, não há interferência de outros domínios referenciais.

Assim, há efeitos de uso a partir de estruturas do significado (*frame*) que, por sua vez, são criações conceptuais humanas. Esses efeitos, na verdade, espalham referentes determinados, genéricos (qualquer pessoa), referência reportada (referência virtual/mundo paralelo) e referência *eu/self* (um **você** metafórico que cobre o referente *eu*)¹⁴². Na referência *eu/self* o falante está vivendo a situação mencionada por ele e se refere a ele mesmo empregando o pronome **VOCÊ** no discurso. Desse modo, o falante se responsabiliza menos pelo conteúdo que expressa. Com base no que explanei, exemplificarei o comportamento das referências *eu/self* e *reportada*. O excerto de fala foi extraído de uma das Entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) que coletei na cidade de São José dos Campos – SP:

Referentes *eu/self* e *reportado*:

(65) **FAL1** – eu fui lá na assistente social, ela vê, se **VOCÊ** não tem condições, elas **TE** dão passe, Øsabe? Elas fazem certidão ... então quer dizer elas **TE** acompanham nas coisa ... até mesmo na questão de justiça ... se VOCÊ precisar pra essas questões... ela me acompanhou, foi no fórum ... resolveu o que tinha que resolver pra mim. ...“Ahhh, **VOCÊ** não pode porque **VOCÊ** tem esse BO”. Automaticamente ela mudou todo o processo ... (Homem jovem. Locais Alternativos ([+/- formal]).

Nesse caso, o falante não se refere ao ouvinte (**P2**) *prototípico/determinado*, mas, sim, à situação que ele mesmo viveu, projetando uma mescla de referentes. Utilizou o pronome **eu** e

¹⁴² Segundo a categorização elaborada por Fontes (2012) para a expressão pronominalizada **a gente**, a *projeção genérica da referência* abarcaria a todos (todas as pessoas, qualquer um), pois esses referentes fariam parte de grupos sociais que compartilham características e atitudes semelhantes ou iguais. No caso seria um uso coletivo que contém *mescla conceptual* (*input* 1 e 2; espaço comum geral dos indivíduos 1 e 2). Já a *estrutura semântico-pragmática virtual* projeta o passado ou o futuro em um tempo e espaço, isto é, seria um espaço destinado a um mundo paralelo aos fatos do *aqui-agora* (momento presente da interação). As referências virtuais se constituem de um falante externo à cena interlocutiva imediata associada à parte da audiência (documentador/e outros possíveis ouvintes). Essa *estrutura virtual* seria o espaço destinado à projeção de situações constituídas de tempo passado, futuro, envolvendo, desse modo, o falante e outros personagens que podem ou não estarem presentes na cena interlocutiva do aqui-agora. Sob esse prisma, o *discurso reportado* é um exemplo de *estrutura virtual*. Outro acionamento de *frames* alternativos seria a estrutura semântico-pragmática que constrói significados *hipotéticos*. Aqui o espaço mental se destinaria às possibilidades. Assim, a referência pode incluir referentes ou excluí-los, já que nem todos na cena interlocutiva do aqui-agora estariam identificados com o conteúdo semântico da forma emitida pelo falante. No caso, Fontes (2012) utilizou-se da categorização do **nós inclusivo** e do **nós não exclusivo** (**we**), baseada na pesquisa sobre dêiticos *we* e *you* realizada por Marmaridou (2000). Já a classificação *você=eu/self* foi inspirado no trabalho de Abreu (2014). A autora propõe que **you** (do inglês) em certas situações envolve o referente **eu**, isto é, a forma **you** acoberta o referente **eu/falante** que vive determinada situação, mas esse falante prefere empregar o pronome **you**, afastando-se do núcleo prototípico dêitico (**P2**)/receptor.

logo após usou o pronome **você**, isto é, o falante provocou um afastamento do *eu/self* usando para isso a forma **VOCÊ** na sequência do enunciado. Em seguida, o falante utilizou a mesma estratégia, isto é, hipotetizou uma situação de necessidade e logo após empregou me e pra mim, apontando o *eu/self* (“se **você** precisar ... me ... pra mim”). Já a terceira menção do **você** envolve *referente reportado*, isto é, **P2 determinado** porque designa *o interlocutor*, embora o evento de fala seja paralelo ao *aqui-agora* (momento da entrevista). A figura abaixo tenta mostrar a representação do espaço relacionado ao *eu/self*:

Figura 6: *Frame* do pronome **você**: *eu/self*.

Fonte: adaptada, embasada na discussão de Abreu (2014).

Desse modo, falantes constroem significação a partir de modelos baseados no uso, ou seja, modelos convencionalizados em certa sociedade. Por exemplo, no eixo dialogal entre **eu** e **você**, o cenário interlocutivo define quem é o falante **eu (P1)** e quem é o ouvinte **(P2)** obedecendo uma negociação de troca de papéis, ou seja, enquanto um fala o outro ouve e vice-versa (BENVENISTE, [1946] 1988). Através de MCIs da dêixis e outros espaços, a interpretação da referência se afasta do núcleo central prototípico de propriedades **(P2)**, extrapolando a situação comunicativa imediata dêitica do aqui-agora (momento presente da entrevista). Dessa maneira, ao extrair informações do primeiro e segundo *inputs*, o pronome **você** se amplia referencialmente. Há, assim, uma distribuição espacial da forma e seus respectivos significados, isto é, *uma mesma forma pode ser multirreferencial* como mostra a figura a seguir:

Figura 7: Centro X Periferia – entidades padrão x entidades atípicas.

Afastamento do centro de referência que envolve conteúdo expansivo

Obs.: do centro à periferia referencial.

No caso dos pronomes **tu** e **você** no PB falado, essas formas abarcam tanto referentes determinados (**P2**) quanto outros referentes com significação ampla. Assim, uma escala referencial representa o afastamento do núcleo de propriedades central prototípicas, isto é, o movimento ocorre do núcleo central ao menos central ao menos central ainda, por exemplo¹⁴³:

Do núcleo central -----(-) central -----(-) (-) central ----- (-)(-)(-)central-----(-)(-)(-)central

Nesse sentido, de acordo com a abordagem cognitiva, estruturas são construídas, herdadas e projetadas. Assim, **tu** e **você** têm domínios específicos por serem de natureza dêitica, mas esses itens podem ter natureza *polissêmica* em razão de processos de mesclagem como já mencionei. Os MCIs prototípicos da dêixis e os diferentes tipos de MCIs ativados no discurso por fatores *sociais, discursivos, pragmáticos, situacionais* ... provocam *distância referencial* ou *distância radial* levando consigo as outras formas pronominais correferentes dos pronomes **tu/você** que exercem outras funções gramaticais como **te** e **teu/a**, por exemplo, responsáveis pela construção de enunciados no PB. Assim, a construção da significação produz *efeitos de significado* em uso como tenta exhibir a figura a seguir:

¹⁴³ Segundo o estudo de Silva (2004), os pronomes **nós** e **a gente** abarcam múltiplos referentes. As formas são consideradas pela autora como *camaleões referenciais*, pois no desenvolver do discurso referentes emergem a partir de uma escala de referencialidade, baseada em discussões sobre *objetos de discurso* (MONDADA E DEBOIS, 2003). Sob o mesmo prisma de discussões, o pronome **você** possui polissemia referencial conforme mostrou a pesquisa de Viana Sousa (2008) na fala paraibana, Entrevistas Sociolinguísticas – Projeto VALPB.

Figura 8: A construção da significação e ampliação referencial

Obs.: do centro dêitico e prototípico à periferia referencial.

A figura mostra que a partir de MCIs prototípicos há projeções para outros espaços emergirem levando em conta aspectos *pragmáticos, situacionais, socioculturais* e, por isso, estruturas referenciais variam de discurso para discurso e de CF para CF. Saliento, por fim, que forças interativas e motivações discursivo-pragmáticas podem ter diferentes olhares teórico-metodológicos. Pressupostos da teoria cognitiva trazem luz à capacidade humana de categorizar referentes, por isso, às vezes, a categorização do mundo pelo falante ocorre quando ele usa apenas uma única forma (**você**) para organizar o seu mundo interlocutivo diante do outro em determinada CF. Assim, posso dizer que falantes constroem significados a partir de experiências, optando, por vezes, utilizar *máscaras sociais*. Empreguei o termo máscara social porque *forma* e *significado* são construtos sociais usados pelo falante para mascarar outros referentes com a mesma forma: **VOCÊ**. Desse modo, noções discutidas por Goffman ([1967; 1974] 2012) terão aplicação nos dados de fala popular considerados nesta tese. Além disso, ao perceber a *competência linguística e discursiva* de falantes populares, levei em consideração a *preservação* e a *defesa* de faces para aplicar essas noções em máscaras sociais nas análises dos pronomes de segunda pessoa do singular por serem entendidas como *dinâmicas* e *radiais*, princípios da LG aplicados em pronomes empregados no PB conforme mencionei anteriormente.

3.5 ABORDAGENS SOCIOCOGNITIVAS – o saber cumulativo de experiências humanas

Em se tratando de padrões pronominais relacionados à segunda pessoa do singular falados em CsPrát., os falantes do português, por convenção ao longo dos séculos, utilizam certas formas de tratamento em determinadas situações sociais a depender de quem está a sua frente. Assim, o uso do **tu**, ainda hoje, tem emprego restrito e de uso mais geral em algumas CsFal. do Brasil (SCHERRE *et al* [no prelo]), já o **você**/sujeito, forma gramaticalizada, tornou-se forma generalizada e muito divulgada em todo território brasileiro (NEVES, 2000), o que torna esse pronome uma espécie de “coringa tratamental”, pois, se utilizado, o pronome **você** não ofende a ninguém e nem constrange pessoas em relação à idade ou a condição social, profissional etc.

Sob essa perspectiva sociocomportamental sobre sistemas de tratamento em sociedades democratizadas, neste momento discutirei fundamentos teóricos que almejam explicar como o homem constrói conhecimento no decorrer dos tempos. Assim, sob esse prisma, a questão a ser respondida é: por que falantes do **VOCÊ**, como forma primeira, “misturam formas pronominais” para referir a segunda pessoa do singular? O fato é que essa “mistura” é tão regular e frequente que a sua utilização é natural e praticamente não notada pelos próprios falantes do PB em geral. Prova disso é a frequência dessa “mistura pronominal” ouvida em grande parte em programas televisivos e rádio, independente da escolaridade de quem as expresse. Saliento que explorei nas seções anteriores teorias voltadas para as transformações internas da língua sob a perspectiva da Gramaticalização de itens, a importância da ordem de certos itens linguísticos e pressupostos de teorias cognitivas que, por sua vez, também consideram *modelos baseados no uso*. Desse modo, *produtos de evolução linguística* e *em evolução* estão sujeitos a passar por processos contínuos de transformação. Isto quer dizer que tanto a natureza interna à língua quanto a externa podem se transformar. Por isso, nesse momento, explorarei *efeitos de uso* dos pronomes relacionados à segunda pessoa sob os seguintes aspectos: **a)** o caráter cumulativo das experiências humanas e **b)** necessidades que falantes têm de lançar atributos a outros durante interlocuções face a face. Por esses motivos, adotei interfaces teórico-metodológicas por objetivar estudar e descrever *variação* e *padrões linguísticos* ligados a *modelos pronominais em uso* associados especificamente à segunda pessoa do singular no PBPOP falado em SJC-SP.

Sob a perspectiva evolutiva do comportamento humano, a hipótese de *transmissão cultural*, característica exclusiva da espécie humana é defendida por Tomasello (2003) e aplicada em noções gerais neste trabalho. Dessa maneira, segundo o autor, há mecanismos comportamentais

e cognitivos precisos, variados e diversos que permitem “a inclusão de tudo”, isto é, “desde os pais provocarem padrões fixos de ação em seus rebentos até a transmissão de habilidades por aprendizagem por imitação e educação [...]” (TOMASELLO, 2003, p.5). Isto quer dizer que o ser humano explora o conhecimento e habilidades já existentes entre seus semelhantes (ou iguais sociais), construindo, assim, modificações acumuladas ao longo dos tempos de modo que isso não ocorre em outras espécies animais. De acordo com o autor, esses processos cotidianos da experiência humana são mecanismos comportamentais de *evolução cultural cumulativa*.

Nesse sentido, padrões de comportamento social e linguístico são heranças que atravessam gerações, mas não se mantêm iguais. Isto quer dizer que há traços semelhantes aos praticados em épocas passadas, mas eles não são idênticos no presente. Assim, defendo que o presente falado reflete o passado com padrões que outrora projetaram o futuro falado no PB. Isto é tão verdade que “instabilidades gramaticais” ocorreram no português do passado e ainda ocorrem no PB atual como, por exemplo, “misturar pronomes de segunda pessoa do singular”. Para Tomasello (2003), modificações acontecem se algum membro do grupo social inventa um aperfeiçoamento qualquer de algo como *forma primitiva* e depois outros usuários adotam esse aperfeiçoamento por muitas gerações adiante até que outro indivíduo (ou indivíduos) faça outra alteração significativa também aprendida por outros semelhantes e, assim, consecutivamente. Desse modo, *modelos baseados no uso* identificam, além de habilidades cognitivas bem específicas, outros domínios cognitivos gerais como: **a)** a identificação de padrões e **b)** a leitura de intenções.

Segundo o autor supracitado, esse *processo de evolução cultural cumulativo* funciona como “um efeito catraca” ou *um processo irreversível*, isto é, uma vez ativado não retorna mais ao seu estado de origem; não há como resvalar para trás. Assim, a questão é: o que estabilizaria esse “efeito catraca” que direciona a evolução cultural? Para o autor, o componente criativo não é o principal fator de estabilidade da novidade, pois o ato criar é um dos processos para lançar essa novidade em determinado lugar e tempo. Desse modo, o componente estabilizador seria *a produção de regularidades* e, por conseguinte, *a aceitação* delas entre certos grupos sociais que as utilizariam frequentemente através dos tempos. Em outras palavras, *a produção de regularidades* promove usos coletivos de determinados itens linguísticos e, assim, mecanismos de mudança linguística como repetições de estruturas antigas junto de novas construções alimentam a gramática da língua (BYBEE, 2003 a e b) conforme já mencionei. Sob esse ponto de vista, a variação pronominal relacionada às séries das formas **TU** e **VOCÊ**, por exemplo,

podem ser encontradas em um mesmo indivíduo porque é reflexo do comportamento do seu grupo social e/ou Comunidade de Prática (capítulo 2).

Assim, aplicando esse conceito de “efeito catraca” no uso de pronomes relacionado à segunda pessoa do singular, em determinadas CsFal. o uso do **VOCÊ** é irreversível. É fato que muitos brasileiros ainda falam **tu** (AMARAL, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; MARTINS, 2010). Entre eles há aqueles usuários que preferem utilizar o pronome **você** como “coringa” para tratar pessoas *não íntimas, desconhecidas, menos familiares*, principalmente quando não se sentem à vontade para empregar **o/a senhor/a**, por exemplo. Do mesmo modo, em situações discursivo-pragmáticas distintas, às vezes somente cabe o uso de construções imperativas, caracterizadas pela ausência do pronome sujeito em início de frases como em: “**Ø**vai na padaria e **Ø**compra pão” ou “é só **Ø**ir no ponto que o cobrador **te** informa”. Por outro lado, há falantes que emitem só o pronome **você**, pois é sua forma primeira para tratar o interlocutor, e, dessa maneira, dificilmente emitiriam **tu**, exceto por brincadeiras, deboches, imitação e/ou para marcar identidade social de certo grupo como os jovens do sexo masculino no Distrito Federal – Brasília – estudados por Lucca (2005). Isto quer dizer que uma vez instalada uma mudança linguística significativa no comportamento linguístico de certo grupo social “o efeito catraca”, movimento irreversível, se faz presente em certas CsFal. e/ou grupos sociais, e essa nova forma passa a ser explorada e empregada como *forma de prestígio* por se estabelecer como *identidade e convenção social*.

Para exemplificar mais essa questão da irreversibilidade, além do sujeito pronominal, como já citei, outros contextos sintáticos foram invadidos pela forma **você** em séculos anteriores como os contextos verbais *preposicionados* e *oblíquos* (LOPES E CAVALCANTE, 2011). Desse modo, “o efeito catraca” também se instalou nesses contextos nos quais **você** tornou-se forma única em uso, assim, itens como **contigo, pra ti, de ti**, por exemplo, são formas em desuso em certas CsFal., substituídos por “**com você**”, “**pra você**”, “**de você**”. Essas substituições ou novas incorporações pronominais são consideradas nesta tese como *mecanismos de reparo* conforme sugere Labov (2010). Esse movimento das formas associadas ao pronome **você** se caracteriza como *irreversível* porque **você** invadiu e invade contextos dominados por formas ligadas ao pronome **tu**, mas na atualidade **tu/sujeito**, por exemplo, não é mais audível em terras dominadas pelo **você**. Falantes só do **VOCÊ**, de modo geral, emitem poucas formas pronominais associadas à série **TU**. Sob esse prisma, vale frisar o que Labov (2010) defende. É comum nas línguas que *formas de reparo* invadam contextos nos quais formas antigas eram utilizadas, mas no decorrer dos séculos, *nova forma de dizer as mesmas coisas* foi se

incorporando à gramática ditando novos padrões linguísticos. Prova disso ocorreu no inglês com o pronome **you**. Esse item no inglês médio era comum como uso *acusativo*, mas no decorrer dos séculos **you** tomou conta de todos os contextos voltados para a segunda pessoa (singular e plural) desbancando a antiga forma *thou (tu)*. Assim, “*only you*”, “*all you*”, “*for you*”, “*you are*”, “*I love you*” etc. são construções moldadas pelo uso sistemático e regular do **you**, tanto na América quanto em outros continentes que falam inglês. Penso que futuramente em certas CsFal. usuárias do **você** como forma primeira para tratar o interlocutor, **você** se comportará como o pronome **vocês**, que desbancou todas as formas de **vós**, inclusive em CsFal. usuárias do **tu**. Entretanto, nesta sincronia, contextos de retenção ainda estão presentes (**te e teu/a**) em terras dominadas pelo **você**/sujeito como ocorre em SJC-SP.¹⁴⁴

Dessa maneira alternante é que certas “*instabilidades gramaticais*” (FARACO, 1996) ou “misturas pronominais” ocorriam e ocorrem no PB. A novidade linguística, nesse sentido, não mina imediatamente todos os campos sintáticos como afirmaram Lopes e Cavalcante (2011) porque mudanças ocorrem de modo gradual nas línguas (WEIREICH, LABOV E HERZOG [1967] 2006; BYBEE, 2003 a; b; GIVÓN, 2012 entre outros) e, por isso, construções associadas a paradigmas pronominais *velho* e *novo* permanecem na boca de falantes através de gerações até que mudanças completas sejam definitivamente implementadas. Nesse sentido, embora as discussões de Tomasello (2003) estejam voltadas para questões de aquisição da linguagem infantil, pressupostos teórico-metodológicos por ele abordados fundamentam práticas e construções coletivas associadas à cognição social humana em relação a padrões de comportamento e modelos linguísticos seguidos por grupos sociais durante longos períodos de tempo. Por isso, suas discussões aplicam-se neste trabalho por trazerem luz *a modelos pronominais em uso* como os padrões de “mistura pronominal”, voltados ao paradigma pronominal de segunda pessoa do singular, manifestados no PBPOP falado em SJC-SP, por exemplo.

Sob essa perspectiva, para Tomasello, Kruger e Ratner (1993 *apud* TOMASELLO, 2003, p.7), a aprendizagem social infantil acontece por três tipos básicos de ações: **a**) a aprendizagem por imitação; **b**) a aprendizagem por instrumento e **c**) a aprendizagem por colaboração. Para os

¹⁴⁴ Eu não posso afirmar que esse *efeito catraca/irreversível* ocorreria no Brasil inteiro simultaneamente no sentido de o pronome **você** tomar-se forma única para tratar o interlocutor na fala. Enquanto houver falantes do pronome **tu**, **tu** se manterá na língua oral de certas CsFal. Se a extinção do **tu** ocorrer, não há data marcada. Apenas chamo a atenção neste trabalho que há poucas formas sobreviventes do paradigma antigo **tu** em terras dominadas pelo **você** e, como consequência, paulatinamente *formas de reparo (você)* penetram em territórios dominados por velhos itens **te** e **teu/a**, situação que me levou a enxergar um movimento irreversível de penetração lenta e gradual das formas **você**, principalmente, em terras nas quais **você** é forma primeira para tratar o interlocutor como ocorre em SJC-SP.

autores, os co-específicos (pares linguísticos) têm uma maneira muito especial de cognição social que é a capacidade de compreender seus iguais com vidas mentais e intencionais iguais aos deles. A partir dessa compreensão, os indivíduos se imaginam “na pele mental” de outro semelhante, e, assim, não aprendem só “do outro” mas através “do outro”. Dessa maneira, como já relatado em seções anteriores, cortesãos, por exemplo, que imitavam rituais palacianos, tomaram a forma **você** como instrumento para tratar o outro e tornaram as relações interpessoais entre, primeiramente, “iguais sociais” e depois, paulatinamente, entre os “não iguais sociais”, mais colaborativa conforme as discussões de Brown e Gilman [1960] (2003) a respeito de relações de poder e solidariedade praticadas em sociedades pós-medievais até as atuais (COOK, 1997; ARDUIN, 2005 etc.). Assim, **você** se tornou regular e convencional para tratamento do outro aqui no Brasil desde épocas coloniais (MENON, 1995). Isto quer dizer que o pronome **você** é *um construto social* vindo de terras portuguesas para terras latino-americanas como *um artefato social* que não poderia ter sido construído por um falante apenas, mas foi construído em colaboração com outros “iguais” ou “semelhantes” e, por conseguinte, **você** tornou-se *uso em potencial posto em prática*. Desse modo, ao longo da história, esse item gramaticalizado tornou-se *forma/sentido* generalizado para tratar o interlocutor.

Além disso, está em Tomasello (2003) que após o entendimento do “para que serve” certo instrumento, ferramenta ou símbolo e o que os usuários fazem com eles e como os aplicam em sociedade, esses mesmos usuários entenderam o significado intencional desses itens. Assim, para o autor:

Processos de aprendizagem cultural são formas especialmente poderosas de aprendizagem social porque constituem (a) formas especialmente confiáveis de transmissão cultural (criando uma catraca cultural particularmente poderosa); (b) formas especialmente poderosas de criatividade e inventividade sociocolaborativa, ou seja, processos de sociogênese nos quais vários indivíduos criam algo juntos, algo que nenhum indivíduo poderia ter criado sozinho. (TOMASELLO, 2003, p.07-08).

Ainda segundo o autor, esses processos de aprendizagem são muito especiais e poderosos porque o ser humano ao aprender com o outro e através do outro se identifica com seus estados intencionais e mentais e, por isso, apenas os seres humanos desenvolvem *aprendizagem cultural* através de adaptações no decorrer dos tempos para suprir suas necessidades cotidianas. Para Tomasello (2003), a adaptação dos seres humanos não gerou processos culturais e criações novas de habilidades cognitivas do nada, eles desenvolveram habilidades cognitivas individuais existentes – como aquelas que existem na maioria dos primatas (lidar com espaço, ferramentas, quantidades, relações sociais) – e transformaram com uma dimensão sociocoletiva essas novas habilidades cognitivas culturais. Para esse pesquisador, essas transformações evolutivas não

ocorreram no tempo evolucionário, mas no tempo histórico que, por sua vez, ocorreu em milhões de anos. Assim, *essa perspectiva cumulativa de experiências humanas* “é portanto a explicação para muitas das mais impressionantes realizações cognitivas dos seres humanos” (TOMASELLO, 2003, p.9). Além disso, o autor explica que para avaliar o papel dos processos histórico-culturais que constituiu a formação da cognição humana moderna, a ontogênese humana ocorreu “em meio de artefatos e práticas sociais sempre novos que, em qualquer tempo, representam algo que reúne toda a sabedoria coletiva de todo o grupo social ao longo de toda a sua história cultural” (TOMASELLO, 2003, p.09).

Dessa forma, através de adaptações sociocognitivas, os humanos se reconhecem como “agentes intencionais iguais a eles mesmos” (TOMASELLO, 2003, p.10). Assim, crescer em um mundo cultural é apossar-se e também criar formas únicas de representação cognitiva da realidade social e, dessa maneira, os seres humanos adquirem símbolos linguísticos como artefatos simbólicos pelos quais seus pares humanos anteriores consideraram importante categorizar e interpretar os arredores do seu mundo para fins comunicativos, interacionais e interpessoais. Por exemplo, um mesmo objeto em diferentes situações comunicativas pode ter pontos de vista distintos porque falantes dominam certos símbolos linguísticos de sua cultura e, por conseguinte, simultaneamente muitos pontos de vista sobre uma mesma situação perceptual ou forma/item poderão ser adotados. Para o autor, os falantes escolhem interpretar a partir de uma quantidade de maneiras incorporadas em outros símbolos disponíveis, mas eles não os escolheram.

Nesse sentido, recursos cognitivos como *dividir, formar categorias abstratas, interpretar eventos e fazer tipos comparativos como metáforas e analogias* aperfeiçoam habilidades cognitivas e interpessoais em sentido evolutivo e comportamental. Em suma, o autor trabalha com a hipótese que a cognição humana tem qualidades únicas da espécie porque **a) filogeneticamente** os humanos modernos desenvolveram a capacidade de se identificar com os seus co-específicos (reconhecer padrões); **b) historicamente** essa compreensão no reconhecimento de seres mentais e intencionais iguais favoreceu o surgimento de novas formas de aprendizagem cultural e sociogênese que, por sua vez, desencadeou tradições culturais a partir de artefatos e processos comportamentais que acumularam modificações através dos tempos (leitura de intenções); **c) ontogeneticamente** humanos crescem em meio a artefatos e comportamentos sociais já existentes, que, por sua vez, são habilidades acumuladas de seus grupos sociais e **d) os humanos, principalmente crianças, internalizam** também certos tipos de interações discursivas. Para o autor, esses processos evolucionários, históricos e ontogênicos

provavelmente transformaram essas habilidades humanas por causa de adaptações biológicas, transformam o homem em uma das espécies mais importantes e especiais já existentes.

A partir dessas considerações, Tomasello (2003, p.187-224) reúne argumentos para defender a *aprendizagem cumulativa cultural*, pois os seres humanos são como um organismo vivo que só desenvolve pela interação e por processos de construção do seu meio. Nesse mundo orgânico, falantes não aprendem somente palavras isoladas, mas aprendem papéis participantes que acompanham, por exemplo, atos de dar: *o doador, a coisa doada e o alguém a quem se doou*, assim, não há como conceber um ato de doar sem a presença desses papéis semânticos como esclarece o autor. Nesse sentido, os falantes quando bem pequenos adquirem construções amplas e simbólicas construindo a partir do concreto para o abstrato e, desse modo, esquemas léxicos gerais são formados como construções bitransitivas, transitivas diretas e indiretas que são, na verdade, construções particulares criadas dentro de determinada cultura ao longo dos tempos e que, por sua vez, constituem repertórios linguísticos. Esse pesquisador postula que nas primeiras construções de crianças anglofalantes, por exemplo, há construções imperativas, transitivas e intransitivas simples, locativas, resultativas, dativas, passivas, atributivas, identificativas etc. Isto quer dizer que a partir de práticas *concretas* é que o ser humano constrói *o abstrato* da língua. Na medida em que essas construções linguísticas são usadas, certas estruturas linguísticas tornam-se convenções e, por isso, disseminadas em função do aceite desses usos por determinada sociedade ou grupo. Assim, itens como **você**, forma concreta materializada pelo oral para *apontar o outro*, constitui-se como categoria abstrata (*função de sujeito*) que, por sua vez, fará parte do universo dos falantes. Dessa maneira, o falante fará escolhas a partir do universo gramatical e vocabular existente no sistema linguístico de sua CF.

Nessa mesma perspectiva, está em Dijk (2012) que experiências humanas anteriores, lembranças acumuladas etc. garantem a produção linguística *adequada e adaptativa* aos entornos socioculturais e cognitivos percebidos pelos usuários de qualquer língua. Assim, “contextos” são construtos ou modelos sociais. Para Dijk (2012), *modelos mentais* e *contextos* são dinâmicos, pois são construções realizadas em situação comunicativa, atualizada e adaptada a partir de vivências humanas armazenadas na memória individual e, por isso, *contextos* são *subjetivos* de acordo com o autor. Levando em conta que nas relações interpessoais é que formas pronominais de segunda pessoa são realizadas, esse modelo de interação pressupõe o uso de expressões dêiticas que, por sua vez, apontam algo, lugar/espaco ou o outro/o ouvinte. Assim, formas pronominais como **tu** e **você**, por exemplo, corporificam materialmente o

interlocutor sendo que na abstração essas formas têm função de *sujeito*, *objeto* e *possessivo determinante*, quando for o caso.

Soares da Silva (2008), ao integrar a variação social (variação lexical entre Brasil e Portugal) e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição, adota a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC) baseada em *modelos de uso*. Assim “a Linguística Cognitiva é um modelo recontextualizador, experienciador, orientado para o significado e baseado no uso” (SOARES DA SILVA, 2008, p.52). Desse modo, a LC como *modelo recontextualizador* incorpora facetas contextuais diversas, não só de base cognitiva, experiencial e individual, mas também níveis interacionais de usos linguísticos, contextos situacional, sociocultural e aspectos sociais de dada língua. Como *modelo experienciador*, a LC observará dimensões da experiência humana (individual, corpórea, neurofisiológica), como também experiências coletivas e socioculturais naturalmente diferentes, em certos aspectos, a depender da CF ou de grupos socialmente distintos inseridos na mesma CF. Como *modelo orientado para o significado*, a LC levará em conta a variação sociolinguística voltada para as particularidades variáveis de dada língua considerando âmbitos emotivos (tons pejorativos, por exemplo); significados estilísticos; níveis de formalidade; diferenças regionais e sociais entre outros usos sociais como **o/a senhora; tu** e **você** entre outras formas tratamentais. Conforme *modelos baseados no uso* (HALLIDAY E MATHIESSEN, 1999; DIJK, 2012; MORENO FERNÁNDEZ, 2012) entre outros, a LC leva em conta a variação linguística por ela emergir do uso cotidiano e esses usos levam a regularidades importantes modificando a estrutura linguística através dos tempos.

Desse modo, associo os pressupostos da LC à hipótese de Dijk (2012): *contextos* são *construtos (inter)subjetivos atualizados, adaptivos e dinâmicos* justamente porque na experiência humana há categorias básicas como *ambiente, espaço, tempo, participantes, variadas identidades*. Essas categorias abstratas inseridas em *modelos de contexto* são *compartilhadas por esquemas mentais* que constituem em *convenções dotadas de uma base cultural*. Nesse sentido, faz parte da experiência humana que encontros naturalmente promovam *conversas, discussões, perguntas*.¹⁴⁵ Ainda, segundo o autor, *contextos* controlam a produção de discursos. Essa é a base cognitiva que influencia a sociedade na visão do autor. É esse processo que garante *o moldar* ou *o construir* situações comunicativas em andamento no cotidiano humano.

¹⁴⁵ Como no *frame* “restaurante”, a partir do momento que é ativado, os interactantes sabem da estrutura funcional de um restaurante. Não há necessidade de explicar o que é um restaurante, para que serve e como ele funciona.

Sob esse prisma, os falantes populares aqui entrevistados produziram a partir dessa noção de *modelos de contexto* e *modelos baseados no uso* uma espécie de seleção específica de palavras e seleção (inter)subjetiva de suas experiências humanas. Esses experimentos pessoais têm bases na cognição social, isto é, pessoas compartilham conhecimento, atitudes, ideologias, gramática, regras, normas, valores de *uma Comunidade Discursiva* (DIJK, 2012), vivenciados de diversos modos. Uma dessas maneiras de experienciar práticas são *diálogos*, travados de modo informal, formal e/ou semiformais como as ESSDs que coletei nas CsPrát. consideradas. Não à toa que essas ESSDs propiciaram usos relacionados à segunda pessoa do singular justamente porque houve colaboração, empatia e entendimento por parte dos partícipes observados.

3.6 ABORDAGENS DISCURSIVAS E SOCIOINTERACIONISTAS – a construção de objetos do discurso em breves considerações

A vertente de pesquisa sobre Objetos do Discurso defende a construção da significação a partir do texto e do contexto comunicativo. Para Mondada e Dubois (2003), a língua se refere ao mundo porque o falante constrói objetos no desenvolver do discursivo que, por sua vez, envolve subjetividade em negociações discursivas, por vezes, ratificadas pela concepção individual dos participantes dialogais. Os referentes, chamados de Objetos de Discurso, são construções culturais e constantemente alimentadas por práticas comunicativas cotidianas dos falantes. Em razão disso, esse processo é denominado pelas autoras de *referenciação*, e não de referência, para evidenciar o processo ou ações envolvidas *no ato de referenciar o mundo dos falantes*.

Essa proposta é diferente da proposta mentalista que concebe a língua como espelho do mundo. Sob a concepção mentalista, a língua espelha uma representação perfeita e adequada desse mundo real, objetivamente pronto e acabado. Isto quer dizer que a construção de Objetos do Discurso ou a representação da realidade se dá pela construção da entidade no e pelo discurso e, desse modo, os Objetos de Discurso e categorias têm instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas em práticas discursivas negociadas como ocorrem em conversas e entrevistas, por exemplo. Nessa perspectiva, apesar de levar em conta aspectos socioculturais, a noção preexistente do mundo não satisfaz a agenda de discussões travadas pelas autoras em questão. Mais que uma ontologia dada, *a referenciação* é categorização advinda de práticas simbólicas, isto é, não se trata de um estado de coisas ou da representação das coisas emitidas por um sujeito simplesmente encarnado, mas os Objetos de Discurso vêm de sujeitos sociocognitivos e essas relações entre língua e sociedade se dão de modo indireto

entre discurso e mundo. Essa abordagem vê *os processos de referenciação* como dinâmicos porque o sujeito constrói o mundo ao desenvolver suas atividades sociais e o torna estável devido às categorias – categorias criadas no discurso. Para as autoras, o semântico não está em criar somente categorias abstratas fora do mundo, elas situam os falantes como atores plurais e sociais que discretizam a língua e o mundo. Em razão disso, falantes dão sentido às entidades de maneira individual e coletiva. Além disso, conforme as autoras, a objetividade do mundo é ilusão, pois o mundo pronto e acabado, percebido por indivíduos idealizados e racionais, não satisfaz a visão de quem vê a língua como resultante de processos simbólicos complexos ou de segmentações possíveis do *continuum das experiências humanas*. Há, nesse sentido, uma multiplicidade de pontos de vista, criando, por conseguinte, categorias maleáveis sobre determinado mundo de experiências.¹⁴⁶ Assim, as formas **a gente** e **você**, por exemplo, abarcam referentes ora determinados ora indeterminados/genéricos, que, por sua vez, são discretizados para representar o mundo em categorias dinâmicas gerando uma escala referencial no desenvolver do discurso (SILVA, 2004; VIANA SOUSA, 2008).¹⁴⁷

Para resumir, Mondada e Dubois (2003) defendem que a discretização do mundo em categorias não é dada, pronta e acabada pela materialidade concreta do mundo, mas é variada conforme variam as atividades sociais vivenciadas por falantes de certa língua. Assim, falantes operam mediante um fluxo contínuo de estímulos situados e contextualizados e, desse modo, as categorias são potencialmente memorizadas e lexicalizadas em práticas comunicativas, mostrando, assim, a competência dos falantes, situados em certo recorte sociocultural, espaço e época etc. As autoras em questão defendem que a referenciação não está antes e nem fora das atividades discursivas, ela se dá no desenvolver dessas atividades humanas. Entretanto, para que o falante tenha essa competência de fazer escolhas e nomear o mundo através da discretização de objetos maleáveis, defendo que categorias têm estrutura conceptual construída na mente individual de falantes, mas para que existam estruturas conceptualizadas individualmente, forças externas ao homem agem para que construções conceptuais envolvam referentes, sejam eles determinados (**P2**) ou ampliados. Sob esse prisma, as categorias envolvem história comportamental humana e, por isso, *forma* e *significado*, nesse sentido, léxico e gramática,

¹⁴⁶ Assim, com base em exemplos fornecidos pelas autoras, um piano pode ser considerado um instrumento musical em determinado contexto; um móvel pesado e incômodo em outro ou ainda visto como uma peça qualquer do mobiliário de uma casa.

¹⁴⁷ Como Labov (1978 *apud* Mondada e Dubois, 2003) demonstrou em seu experimento fronteiras lexicais entre *xícara*, *copo* e *tigela*. Essas fronteiras de significado existiram em sua pesquisa na medida em que novas situações exigiam novos objetos e, assim, este fato está ligado à competência do falante em nomear esse objeto de diferentes maneiras para suprir necessidades comunicativas imediatas. Isto é, a mesma fotografia pode ter diferentes nomes e, assim, segundo Mondada e Dubois (2003), uma cenoura, por exemplo, seria: raiz, legume ou fruta?

constituem *um continuum* e o conhecimento gramatical é representado na mente dos falantes (SOARES DA SILVA, 2004). Isto quer dizer que um único falante não daria conta de elaborar e criar uma infinidade de categorias sem a colaboração de seus pares (TOMASELLO, 2003). O ser humano a partir de necessidades cotidianas criou e cria certas inovações, e se membros do grupo aceitarem esses novos elementos, a criação se propaga na coletividade como *forma* e *sentido* a ser discretizada por falantes em atos comunicativos imediatos. Dessa maneira, mentes humanas e práticas não existem uma sem a outra, atividades cognitivas se desenvolvem nas práticas humanas de modo a evoluir, tornando o homem um agente ou um ator social competente na interação com o outro ou com outros. Essa desenvoltura humana comunicativa junto de operações sociocognitivas, contextos socioculturais e situacionais são responsáveis pela construção de máscaras sociais que, por sua vez, são empregadas pelo homem em discussões, conversas entre outras atividades comunicativas, assuntos a serem discutidos logo mais adiante.

Até este momento defendi que a quebra linear e correspondente das formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular ocorre em razão de padrões linguísticos historicamente convencionalizados e modificados através dos séculos por processos de gramaticalização, construção de estruturas conceptivas em função da experiência cumulativa de falantes do PB. Nessa perspectiva, mudanças graduais no que se refere ao paradigma de segunda pessoa do singular ocorrem sob uma linha contínua de mudanças, trazendo como consequência o possível desaparecimento da variação entre as formas das séries **TU** e **VOCÊ** no PBPOP falado em SJC-SP (capítulo 4). Isto quer dizer que, a violação da linearidade e da simetria dessas formas pronominais não prejudica a comunicação, pois *os efeitos de uso* são justamente empregados por falantes na intenção de atingirem com eficácia comunicativa o outro. Na verdade, defendo que a “mistura pronominal” é um retrato da evolução linguística e comportamental de falantes refletidos no PB atual e, por isso mesmo, essa “mistura entre formas *velhas* e *novas*” não pode ser tratada como viciosa e/ou errada, pois ela é na sua essência reflexo de constantes processos de transformação sofridos pela estrutura linguística do PB durante o passar dos tempos. Desse modo, defendo que essa evolução do paradigma pronominal de segunda pessoa rumo a formas da série **VOCÊ** foi motivada por razões de ordem interna e externa à língua. Na verdade, em síntese, defendo que tudo que é externo ao homem o molda de alguma maneira para evoluir e, assim, transforma o seu interno que, por sua vez, volta-se ao externo de modo a exibir tanto *velhas* quanto *novas estruturas* até que sucessivas gerações de

falantes introduzam, de modo gradual, novidades a serem implementadas como mudança na estrutura linguística e comportamental de certa sociedade.

Sob esse prisma, a competência linguística dos usuários de determinada língua está em praticar usos linguísticos e adequá-los à sua realidade social conforme exigências, padrões estabelecidos etc. Isto quer dizer que a matéria inorgânica (o exterior ao homem) alimenta a matéria orgânica do ser humano, isto é, o homem tem capacidade de aprender, refletir, imitar, copiar, expandir por si e para o outro, adaptar-se, decidir, acreditar ou não nas ideias da sociedade na qual vive etc. Sob esse prisma, essas ações/atividades desenvolvem cognição social (GARDNER, 2003, p. 60). Nesse sentido, mostro que o falante toma certas distâncias referenciais ora se comprometendo com o seu discurso ora se responsabilizando menos por ele, empregando, para isso, jogos referenciais que equilibram conversas entre seus “iguais” ou “não iguais linguísticos e sociais”. Em relação aos referenciais genéricos, preferi não subdividi-los em grupos específicos que, por sua vez, excluem ou incluem referentes conforme fez Fontes (2012). Os falantes populares aqui analisados preferiram usar a forma **você** de modo abrangente de maneira a envolver *o coletivo*. Assim, exemplos como: “**você**, como gari, tem que varrer certo trecho das ruas da cidade” foi interpretado por mim como genérico. Nesse caso, **você** envolve qualquer pessoa que trabalhe como agente ambiental (gari) e, dessa maneira, posso dizer que **VOCÊ** está tão generalizado no repertório do PBPOP falado em SJC-SP que envolve referentes além do uso prototípico **P2/interlocutor** denotando, assim, competência linguística e discursiva dos populares considerados mesmo que eles não possuam alta escolaridade e intensa vida cultural.

3.7 A CONSTRUÇÃO DE MÁSCARAS SOCIAIS – sob o olhar sociointeracionista de Erving Goffman

Os estudos sociológicos de Goffman ([1967a]; [1974b] 2012) abordam mecanismos humanos empregados em interações sociais face a face (conversas, entrevistas, debates ...) que podem em um primeiro momento estar sob um certo enquadre ou *frame*, mas em um segundo momento esse mesmo *frame* ou quadro poderá sofrer transformações. Assim, falantes, principalmente, quando envolvidos em atos comunicativos, influenciados pelo meio social, circunstâncias etc., são concebidos como *atores sociais* que, por sua vez, se propõem *a valorizar e a proteger* sua autoimagem pública, aceitável ou não pelo grupo social (ou grupos sociais) no qual estão inseridos. Desse modo, através de seus enunciados, falantes veiculam pensamentos, opiniões,

concepções de realidades através de suas falas repletas de códigos linguísticos a mascarar significados.

Para Goffman (2012 a e b), falantes usam estratégias cognitivas de preservação “às diversas faces” dos envolvidos em cenas interlocutivas. Isso quer dizer que usos pronominais relacionados à segunda pessoa do singular representam efeitos notados por nuances de significados que, por sua vez, indicam estratégias empregadas por falantes que objetivam assumir *o que dizem* ou *se distanciar do que falam* para não se comprometerem com responsabilidades, por exemplo. Esses interlocutores obviamente possuem propósitos e tendem a mascarar faces evidenciando, dessa maneira, sua competência linguística e discursiva. Isto quer dizer que *a preservação de faces* tanto do falante quanto a do ouvinte propiciam uma atmosfera mais colaborativa e de equilíbrio entre os partícipes das ESSDs colhidas em CsPrát. Nesse sentido, para Goffman ([1967] 2012), em atividades discursivas, há a preocupação dos interactantes com sua imagem, sujeita a todo tempo a ser ameaçada por estar diante do outro **(P2)**. Sob esse raciocínio, o autor defende que *a imagem social/pública do falante* é, na verdade, aquilo que esse mesmo falante desejaria para si e gostaria que fosse respeitada e valorizada pelo outro (ou outros) que o escuta. Essa face/imagem, segundo o pesquisador, quando bem aceita pelo outro (ou outros) participante do diálogo, não é agredida, não é ofendida, isto é, não faz com que o falante perca a face (*to lose face*) no desenvolver do seu discurso. Entretanto, em situações conversacionais, as faces se alternam em um ir e vir de *proteção* e *defesa* do próprio *self* (*eu*) e do terreno alheio, atividades e/ou trabalho de faces (*face-work*) que nada mais são que mecanismos que promovem equilíbrio às conversas quando há interesse de ambas as partes para que atitudes corteses e colaborativas ocorram.

Ambientes discursivos como os debates políticos, por exemplo, são territórios nos quais há mais probabilidade de interactantes “perderem faces” justamente porque essa é a intenção do debatedor. Nesse sentido, Brown e Levinson (1987) defendem noções de cortesia nas quais os lados *positivo* e *negativo*, características de faces quando expostas em público, entram em jogo. Assim, interactantes estão sempre envolvidos nessas duas faces que, por sua vez, estão sujeitas a serem ameaçadas ou colocadas à prova durante interações verbais desse tipo de atividade discursiva que causam algum desconforto às pessoas que se expõem publicamente. Isto quer dizer que a autoimagem, travestida em máscaras sociais, está sujeita a ser perdida em razão de atitudes que ameaçam faces. Brown e Levinson (1987), baseados em estudos de Goffman, denominaram essas atitudes ameaçadoras de *face threatening acts* (FTAs) por serem, muitas vezes, agressivas e descorteses. Falantes enquanto atores sociais criam esses mecanismos de

defesa e proteção às faces empregando, além de outras estratégias, formas reparadoras de face como os atos de *agradecer, elogiar, sorrir ...* recursos chamados de *face flattering acts* (FFAs), por serem atos que valorizam ou dão à conversa cortesia necessária para o desenvolvimento da interação realizada face a face (BROWN E LEVINSON, 1987). Essas estratégias ajudam a persuadir o outro ou as partes envolvidas no discurso. No caso das ESSDs analisadas, preferi utilizar e aplicar os conceitos de Goffman ([1967] 2012) nas formas pronominais sob análise nesta tese por entender que no desenvolver dessas conversas houve também a adoção de *máscaras sociais* no sentido de, às vezes, o falante querer se responsabilizar pelo próprio discurso, mas, em outros momentos, esse mesmo falante preferiu não se comprometer pelo discurso emitido, distanciando-se do referente (**P2**), preferindo utilizar *referentes genéricos* e/ou referenciar o próprio *eu/self* sob a vestimenta do **você**, referências menos invasivas e comprometedoras.

Nesse sentido, Goffman ([1967] 2012) defende que falantes, em situação *face a face*, utilizam-se de estratégias para produzirem seus enunciados. Assim, *a fachada pessoal e a fachada do outro* são construtos da mesma ordem. As fachadas são *construções sociais atributivas*; assim, a imagem do *eu, do outro e do coletivo* são *imagens de atributivas* conforme foi **Vossa Mercê**, em épocas passadas, em sociedades lusitanas ou lusitanizadas, como ocorreu, por exemplo, em Portugal e no Brasil-Colônia. A questão aqui relacionada à segunda pessoa do singular é: quais seriam os valores de significado que o falante usaria para apontar o outro, a si mesmo e aos outros levando em consideração atributos sociais? Enquanto certo comportamento faz parte da identidade pessoal do falante que, por sua vez, valoriza atributos do próprio *self* (*eu*), também faz parte da realidade de certos grupos sociais o compartilhamento de *uma mesma orientação protetora* desse mesmo indivíduo/falante, ou seja, *um self compartilhado* que protege o próprio *eu* sob outras vestes ou formas pronominais, por exemplo.

Sob esse viés de raciocínio, graus de referência podem abarcar significados além do referente dêitico por excelência: *o receptor/interlocutor (P2)*, por exemplo. Já outros comportamentos podem não fazer parte da identidade do *self* (**eu**), assim, **eu** atribui qualidades direcionadas a outros, objetivando uma orientação em defesa do próprio *self*. O falante, ao apontar o outro sob a forma **você** (sujeito gramatical), direciona a sua perspectiva, a sua atenção para o interlocutor e, desse modo, defende-se optando por *intenções diretivas*. Para isso, o emissor utiliza a forma **você**/sujeito, referência determinada, pois quer *apontar* o interlocutor (**P2**). Assim, o clítico **te**, os possessivos **seu/sua** e os eventuais **teu/tua** podem fazer parte dessa mesma orientação defensiva. Esses pontos de vista, assim denominados por Goffman ([1967] 2012), garantem

certos usos ora *mais responsivos* (uso de referentes específicos/determinados) ora *mais generalizados* (extrapolação de referentes), não necessariamente nessa mesma ordem porque, em práticas discursivas, máscaras sociais são construídas de modo maleável, fluido e dinâmico, pois suprem necessidades comunicativas dos interactantes no aqui-agora.

Dessa maneira, há usos gradativos no que se refere ao emprego de fachadas face a face, que, por vezes, são mantidas, outras vezes são desviadas. Isto quer dizer que a face antecedente dos interactantes em questão poderá não ser mantida a depender dos objetivos da interação e dos rumos que diálogos podem tomar. Em geral, essa quebra referencial ou esse jogo de máscaras sociais servem para equilibrar a conversação (GOFFMAN ([1967] 2012). Mas, muitas vezes, a ruptura dessa organização referencial na atividade discursiva acontece “quando o indivíduo enquadra erroneamente os acontecimentos, a ação subsequente romperá o quadro, embora possa manter-se bastante tranquila e autocontrolada” (GOFFMAN ([1974] 2012, p.427) a desgosto e perplexidade de certos participantes que seguem protocolos ou *scripts* em um restaurante refinado, por exemplo, e, de repente, deparam-se com outra pessoa trajada com roupas desbotadas, sujas, inadequadas para aquele ambiente ou quando alguém escorrega em um tapete diante de várias pessoas, plateia, auditório etc.

Na verdade, se houver algum desconforto por parte dos interactantes durante a conversação, atitudes *responsivas* ou *generalizadas* são estratégias negociadas entre as partes dialogais. Sob essa ótica, a *manutenção de fachadas* é uma condição da interação *face a face*, e não o seu objetivo. Esses dois aspectos da linguagem humana não se confundem, pois o objetivo principal de toda a interação humana é comunicar (GOFFMAN, [1967] 2012; LABOV, [1972] 2008). Assim, para *dizer, referir, apontar, designar* o outro ou naturalmente *significar o outro*, o falante utiliza-se de “fachadas”, produzindo efeitos comunicativos, aprovados pelos partícipes dialogais. Para Goffman ([1967] 2012), o falante terá sempre dois pontos de vista a serem operacionalizados durante interações face a face: **a)** a orientação defensiva – a fachada que invade o outro. Isso quer dizer que essa atitude é praticamente *um bisturi* que, por sua vez, pode provocar reações no outro/ouvinte, pois ele não quer ser invadido pelas intenções do emissor (**eu**). Assim, *esse outro/ouvinte* poderá ou não aceitar ser invadido pelo falante e se defende com atitude reativa. O falante, por sua vez, ao invadir o território alheio, usa determinada forma pronominal cuja referência é *determinada*. Essa referência (**P2**) é reconhecida inclusive quando o falante emprega a fala reportada (discurso reportado) e, desse modo, **P2** é determinado pela sua natureza de designar *o ouvinte/receptor*, embora realizado em um evento de fala paralelo ao aqui-agora. Dessa maneira, a referência seria uma espécie de referente virtual como já

menção e **b)** a orientação protetora, isto é, *o falante se protege e protege o outro/ouvinte* quando essa necessidade surgir durante o diálogo. Aqui entram as fachadas sociais que *generalizam referentes* e outros processos metafóricos cotidianos como emitir o pronome **você**, mas que significa *eu/o próprio self*. Os excertos de fala popular a seguir exemplificam essas duas orientações supracitadas:

(a) orientação defensiva (referente P2) é uma referência determinada sem mescla conceptual porque não há projeções emergentes em razão de sua referência dêitica, pura por excelência, conforme mostra o excerto de fala a seguir, fragmento extraído de ESSDs (Homem jovem. Locais Alternativos [+/-formal], baixa escolaridade):

(66) FAL 1 – com certeza o trabalho que **VOCÊ** vai tá fazendo ... **CÊ** vai tá servindo pra muita gente ... **VOCÊ** vai embora daqui, **Ø**vai pra outro lugar e pessoas aqui vai procurar **O SEU** projeto, né? (você=2ª pessoa/receptor/documentadora).

Nesse excerto de fala, a estrutura do referente no aqui-agora envolve a entidade *ouvinte/receptor* sob a vestimenta do pronome **você**. O falante popular em questão, com essa atitude, comenta o trabalho de campo da documentadora e para isso usa da *estratégia defensiva*, isto é, usa a fachada que lhe dá condições de invadir o território alheio. Dessa maneira, emerge o referente determinado (**P2**) com a intenção de apontar o outro a fim de obter informações ou de apenas comentar algo sobre a importância dessa pesquisa de campo.

(b) orientação defensiva (referente reportado determinado) ou *referência virtual*. Essa orientação possui *mescla conceptiva* por pinçar informações dêiticas determinadas e projetar um outro **P2** existente em um mundo ou momento paralelo, conforme exhibe o excerto de fala a seguir, fragmento extraído de ESSDs¹⁴⁸:

(67) FAL1 –[...] Tem dia qui cê encontra CADA pessoa [genérico qualquer pessoa, a pessoa].

Doc – estranho, né?

FAL1 – [...] “Arruma um real pra tomá café?” Essa hora da manhã vai tomá café aonde? “Arruma um dinheiro pra mim, **CÊ** tem dinheiro”. “Eu não tenho dinheiro só tenho cartão”. Quando era passe a gente dava um passe, mas hoje tem cartão de passe.

FAL2 – não é andarilho, é outro cara. Andarilho **CÊ** conhece.

FAL1 – “Arruma um cigarro aí pra mim”. “Não tenho”. “**CÊ** tem sim, **CÊ** não qué dá”. “Eu tô falanu qui eu não tenho rapaz”. “Tem sim, **CÊ** não qué dá”. “Falei qui eu não tenho rapaiz, pôhhhh”. “Então dá **O SEU**”. “Não, eu vou pô na minha boca, e aí põe **NA SUA** não”. Ahhh, aí eu saí. Elis apela demais ... (Homens, faixa etária intermediária, baixa escolaridade. Empresa [+/-formal]).

¹⁴⁸ Em negrito estão as ocorrências de contextos reportados.

A referência virtual abarca referência determinada (**P2**) em mundos paralelos como já mencionado. Isto quer dizer que as situações de fala interlocutiva não vividas no aqui-agora, mas emitidas no desenvolver de ESSDs. Esse referente virtual foi considerado *orientação defensiva*, pois o falante não fala de si mesmo, não designa o ouvinte (documentadora) presente na entrevista, mas designa *um ouvinte/interlocutor* existente paralelamente ao seu discurso presente. Assim, o falante se preserva na medida em que invade o território alheio utilizando para isso o pronome **você** e os possessivos correferentes **seu/a** conforme ocorreu no fragmento de fala transcrito acima.

(c) *orientação protetora (referente genérico)* é uma estrutura semântica com mescla conceitual que, por sua vez, pinça informações dêiticas do campo determinado e projeta informações genéricas, abarcando, assim, referente generalizado ou ampliado (indeterminado)¹⁴⁹. A referência genérica abarca qualquer pessoa, podendo ser substituído por **a gente, nós, a pessoa** ou pode ser substituído por **se** como em “**É só a pessoa ir lá**”; “**toma-se café**”; “**doa-se janta ou almoço**”, etc. O referente genérico ou ampliado afasta-se muito do núcleo prototípico de propriedade (**P2**) como já mencionado. É o que poderá ser observado no fragmento de fala a seguir:

(68) **FAL1** – Lá no Bom Prato ... as pessoa passam fome se quisé!!

FAL 2 – **você** toma café por cinquenta centavos.

FAL 1 – fora isso, se ela quisé gastá o dinheiro dela em droga ... [...] tem lá a casa de Assis ... a casa de Assis dá almoço e janta **pra você**. É só **você** ir lá (Homens, falantes jovens, baixa escolaridade. Locais Alternativos [+/- formal]).

A forma **você** abarca uma entidade genérica, isto é, *qualquer pessoa* que queira tomar café, jantar etc., poderá fazer refeições a custos baixos ou gratuitos. Essa orientação protetora da referência envolve tanto *o emissor* quanto *o ouvinte* porque alarga a referência de modo a designar *qualquer pessoa* que necessite desses serviços, doações etc., não comprometendo, dessa maneira, nada de pessoal de ambos os eixos – *falante e ouvinte* em questão.

(d) *orientação protetora (referente eu, próprio self)*. Essa estrutura do significado tem informações dêiticas **P2** por extrai-las do espaço *input 1 (P2 receptor)*, mas esse mesmo espaço projeta outras informações também dêiticas do espaço *input 2 (eu falante)*. Esse espaço de mescla é o que mais se afasta do núcleo central prototípico **P2** por ampliar o referente que

¹⁴⁹ O foco neste trabalho não é discutir as diferenças entre as noções *genérico* e *indeterminado*, por isso, os termos *genérico* e *indeterminado* tomei como classificação equivalente.

envolve metaforicamente *o eu/self* e, assim, esse referente *eu/self* não é o uso prototípico forma/significado **P2/você** (receptor). No sentido de Goffman ([1967] 2012), essa estrutura referencial protege o próprio eu porque o falante emite o pronome **você** como *uma metáfora*, isto é, **você** veste *o eu/self* de modo *camaleônico* com a finalidade de proteger o sagrado eu. Portanto, as informações são referentes a eu que, por sua vez, viveu certas situações, experiências, mas o falante, ao emitir o pronome **você**, dá um caráter menos comprometedor à primeira pessoa discursiva como mostram os excertos de fala, extraídos de ESSDs:

(69)FAL 2 – o ser humano é fácil acomodá. **VOCÊ** acomoda. Eu fiquei muito na pinga, eu bebi muito, eu acomodei muito. Eu acomodo na casa da minha irmã se dexá ... já fui morador de rua ...

[...]

FAL 1 – eu tenho filho ... eu fui lá na assistente social, ela vê, se **VOCÊ** não tem condições, elas **TE** dão passe, **Ø**sabe? Elas fazem certidão ... então quer dizer elas **TE** acompanha nas coisa ... até mesmo na questão de justiça ... se **VOCÊ** precisar pra essas questões ela me acompanhou, foi no fórum ... resolveu o que tinha que resolver pra mim. (Homens, faixa etária mais jovem. Locais Alternativos [-formal]. Escolaridade Ensino Médio incompleto).

A sequência de pronomes **EU** no excerto de fala em foco revela a experiência de dois falantes populares. Assim, **você** abarca o referente eu e isto quer dizer que **você** está tão generalizado que invadiu territórios referenciais voltados para a primeira pessoa do singular (**eu**). Além disso, o clítico **te** possui a mesma referência por acompanhar naturalmente o **você**/sujeito. Isso quer dizer que componentes sintáticos e semânticos da língua não atuam separadamente de modo autônomo. Esses componentes atuam interligados às mentes individuais de falantes que, por sua vez, enxergam ou interpretam sob essas nuances referenciais o mundo no qual vivenciam experiências cotidianas. Assim, essas nuances são tanto criações individuais quanto coletivas, pois o homem necessita do outro para ser compreendido. Além disso, somente construtos coletivos é que se alastram de modo a alimentar e a atualizar a gramática da língua de determinada CF.

Esses exemplos mostram os mecanismos de *defesa* e de *proteção* do falante que, por sua vez, também *protege o outro* quando houver necessidade. Segundo Goffman ([1967] 2012), há algo de sagrado ao se preservar *o self* (ou o próprio eu) seja de modo *defensivo* seja de modo *protetor* como já mencionado. Em generalizações e em usos metafóricos, os referenciais abarcam significados coletivos que, por sua vez, diminuem o grau responsivo de quem emite a mensagem. Desse modo, o **eu** estaria protegido de possíveis *agressões*, *ameaças à própria face* ou comprometimento por responsabilizar não só a si mesmo, mas outros que teriam um comportamento semelhante conforme as atitudes desse mesmo *eu/falante*. A hipótese testada

sob essa perspectiva de análise foi que o falante generalize referenciais com o intuito de *responsabilizar o coletivo*, diminuindo a carga de responsabilidade sobre si mesmo.

Além disso, Goffman ([1974] 2012) traz observações de suas análises do cotidiano como quadros ou enquadres que, na verdade, são estratégias humanas empregadas em interações sociais. Falantes, por sua vez, enquadram suas realidades e outras a partir de ampliações e, assim, do macroscópio criam *um microscópio de situações*. Isto quer dizer que *o frame* foi aqui considerado como uma pintura, um quadro ou uma imagem criada pelos falantes de modo (inter)subjetivo. Para o autor, *subjetividade* e *significados* são aspectos importantes que qualquer usuário de língua emprega para compreender o mundo no qual vive. Assim, a consciência é, então, dirigida para eventos, fatos e interpretações que estão integradas à experiência ou vivências dos falantes de determinada língua. Na verdade, quadros, *frames* ou enquadres partem de uma noção primária podendo expandir-se para outras significações da realidade manifestadas nos sistemas sociais. Dessa maneira, o indivíduo, ao mesmo tempo, poderá enquadrar uma mesma cena sob dois prismas diferentes como, por exemplo, ao ver uma partida de futebol de várzea, o espectador poderá interpretar como um jogo de bola qualquer ou poderá enxergar a cena como um treino importante. Tudo dependerá dos entornos de informações que esse espectador tem da cena para poder enquadrá-la.

Nesse sentido, o enquadre ou *frame* é *um esquema* ou *um modelo interpretativo* que o falante faz de determinado evento ou prática seguindo certas convenções sociais etc. Como eventos, atividades em geral são práticas sociais convencionais, vários indivíduos podem interpretar do mesmo modo uma mesma cena como *entrevistas, debates, jogos de futebol* etc. Na verdade, Goffman ([1974] 2012) chama a atenção para *esquemas primários* e *tons/tonalização (keying)*, além de outros aspectos envolvidos na interação face a face, não explorados neste trabalho. Assim, uma briga ou uma brincadeira são esquemas primários por não terem envolvimento de nenhuma *tonalização/transformação* da cena. As tonalizações são transformações que esquemas primários podem sofrer, e, desse modo, uma aparente briga entre lontras se transforma em brincadeira. Todos aqueles que assistem à cena talvez dentro de um parque ou zoológico sabem que a interação entre esses animais é *brincadeira*, apesar do aparente cenário de luta. Há nesse sentido uma contraparte do cenário menos transformada e outra mais transformada. Para o autor, há na sociedade tons básicos sempre empregados por indivíduos em situações cotidianas como: faz-de-conta (tons de jocosidade), competições (lutas de boxe, corridas de cavalo – tipos de luta), cerimoniais (rituais sociais como casamentos, jantares, funerais ...), reconstituições técnicas (aquilo que poderia ter sido executado como uma

atividade, mas é executado diferente do original como simulações, ensaios, treinos, pré-testes etc.) e reposicionamento (obras de caridade – “quando damas da sociedade de classe média alta atuam como vendedoras num bazar beneficente”) (GOFFMAN, [1974] 2012, p.107).

Com base nessas contribuições situacionais e discursivo-pragmáticas sobre quadros (*frames*), as ESSDs, colhidas na cidade de SJ-SP, foram consideradas em um primeiro momento como *entrevistas* conforme já explanei sobre *esquemas primários*. Entretanto, essas mesmas entrevistas poderão sofrer alterações de leitura se reconstituídas como diálogos ou conversas, pois houve *uma simulação de entrevistas* que, na verdade, foi uma estratégia para que a documentadora em questão desenvolvesse “dedins de prosa” sob ares mais colaborativos e descontraídos para que pronomes relativos à segunda pessoa do singular emergissem. Assim, uma atividade real, não transformada por *tonalizações* é uma atividade primária. Já a noção de quadro, de *frame* ou de enquadre poderá incorporar *tonalizações*, isto é, para cada transformação acrescenta-se *uma camada* ou *laminação* à atividade conforme explica o autor. Nessas *camadas*, há *uma laminação* interna, ou seja, aquilo que se transformou (entrevistas em *dedins de prosa*, por exemplo) e uma camada externa que, na verdade, é a borda do quadro. Essa borda externa permite dizer *o status* da atividade no mundo real como *as entrevistas* que coletei na cidade em questão. Sob esse prisma, “é preciso não esquecer que muitas vezes o que está sendo descrito não é *o quadro como um todo*, mas *a tonalização* que ele sustenta” (GOFFMAN, [1974] 2012, p.117).

Quadros da experiência pessoal, segundo o autor, são uma metáfora daquilo que muitas vezes é chamado de *pano de fundo*, *cenário*, *contexto* ... entretanto, além desses aspectos, há regras, convenções governadas por algo ou algumas coisas não declaradas, isto é, aquilo que está ocorrendo está implícito dada a natureza da atividade. Sob esse prisma, *molduras discursivas* são, neste trabalho, entrevistas que se transformaram em “dedins de prosa” (conversas) reunindo *um, dois* ou *mais entrevistados* ESSDs como já explicitado (capítulo 2). Assim, como houve mudança de molduras discursivas, isto é, nem todas as ESSDs reuniram sempre o mesmo número de participantes dialogais, as formas das séries **VOCÊ** e **TU** se adaptaram às cenas de interlocução porque falantes as utilizaram para equilibrar o jogo de estratégias face a face. Sob esse olhar, as ESSDs em um primeiro olhar seriam apenas uma cena com *um entrevistador* e *um entrevistado*, mas outras significações tomam vulto se a cena for enquadrada ou *tonalizada* como uma conversa cotidiana, pois é o que as cenas interlocutivas e (inter)subjetivas simulam e sustentam: “um dedim de prosa”, produto construído por falantes populares que, por sua vez, também atraem espectadores “iguais linguísticos e sociais” não participantes desses diálogos.

Esses espectadores são colaboradores das cenas construídas em salas de aula, refeitórios, salas de espera etc. retratando dessa maneira a realidade comportamental desses falantes no desenvolver do seu cotidiano. Assim, cada cena interlocutiva foi categorizada como *um novo frame (inter)subjetivo*, já que a cada nova entrevista, novo cenário foi composto em salas, calçadas, praças ..., às vezes, com *um, dois, três* ou *quatro* entrevistados, além dos espectadores que nem sempre estavam presentes, diminuindo, por sua vez, a audiência/o auditório das cenas, afetando o monitoramento por parte dos participantes (LABOV [1972] 2008).

Em resumo, para Goffman ([1974] 2012), *esquemas primários* são percepções do significado primeiro, ou seja, aquele significado que não precisa de outras significações para ser enquadrado em certa faixa de atividade como, por exemplo, um jogo de futebol. Mas, se esse jogo for um treinamento para jovens atletas que participarão de seletivas, *o frame* é outro, isto é, o enquadramento da situação tem outra significação e importância, sem com isso, desfazer o conceito central da atividade: *jogo de futebol*. Há, com esse novo olhar, outras camadas de significação para uma mesma cena. Esse processo de *tonalização* é a capacidade que o ser humano tem de atribuir um novo olhar a um mesmo objeto.¹⁵⁰

Dessa maneira, não só o enquadramento das cenas interlocutivas mudou de prisma, mas também *efeitos comunicativos* como *máscaras sociais* que emergiram desse suporte comunicativo: *ESSDs*. Essas máscaras sociais envolvem pronomes de segunda pessoa do singular, itens dêiticos que apontam o outro, mas nem por isso deixam de extrapolar referenciais quando a intenção do falante é *se preservar* do outro ou *se defender* do outro. Entretanto, é necessário enfatizar que as entrevistas simularam muito mais “um dedim de prosa” (conversa) e, desse modo, o ato de apontar o outro de modo invasivo (**P2**) possivelmente será um referente muito utilizado nessas conversas, já que elas fluíram de modo *empático* e *descontraído*, emergindo, assim, referentes **P2/ouvinte**. Nesse sentido, minha hipótese é que esse comportamento afetará a frequência de uso dos pronomes relacionados à segunda pessoa com *referentes determinados (P2)* e *genéricos* para índices mais altos de emprego ao passo que os outros referenciais como *o determinado reportado* e *o você envolvendo o referente eu/self* seriam referências menos utilizadas. Cabe salientar que utilizar *a orientação defensiva* elaborada por Goffman ([1967] 2012) não implica literalmente *agredir, ofender, brigar* com alguém. Esse comportamento humano implica querer, simplesmente, saber do outro e para isso

¹⁵⁰ Além desse mecanismo de perceber a realidade sob outros ângulos, há ainda outra estratégia, *a maquinação*. Esse mecanismo é utilizado quando uma pessoa quer produzir um engano, uma trapaça para que o outro (ou outros) não perceba a realidade e, desse modo, quando a cena ou a situação é desvendada, aquilo que era o esquema primário ou até mesmo uma atividade tonalizada se transforma em *efeito de manipulação*.

o referente determinado torna-se *um poderoso bisturi* que, por sua vez, invade o outro, isto é, penetra de modo invasivo no *self* do *alheio/do outro/do interlocutor*, protegendo, conseqüentemente, o sagrado, *eu (falante,)* por desviar a atenção daquele que emite a mensagem.

Baseada em Lakoff (1987) e Fontes (2012), abordados em seções anteriores, elaborei a figura a seguir que representa a *categoria radial* das entidades emitidas nas ESSDs através dos pronomes **tu** e **você**. A categoria parte do núcleo prototípico e projeta elementos importantes do modelo convencionalizado da dêixis – apontar para o outro (**P2**) – para referenciais expansivos. Assim, essa extrapolação referencial se mostra em usos escalares como se fossem *camaleões referenciais* conforme Silva (2004). Sob esse prisma, defendo que falantes usam de sua competência linguística e discursiva para nomear o seu mundo a depender de suas intenções comunicativas e para isso o jogo maleável de ir e vir orientados por *mecanismos de defesa e proteção* entram em ação de modo radial conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 9: *Tu/você* radiais.

Fonte: noção baseada em Lakoff (1987) e Fontes (2012).

A figura 9 exibe que o núcleo da categoria guarda o sentido básico da dêixis, ou seja, a *categoria prototípica* que aponta o ouvinte/interlocutor (**P2**) em espaço e tempo determinados sob *orientação defensiva*. O mesmo acontece ao *referente do discurso reportado P2*, vivenciado em mundo paralelo do *aqui-agora* (momento da entrevista) como explicitiei anteriormente. As demais estruturas de uso manteriam nuances similares de traços herdados do centro convencional da categoria, gerando ampliação do conteúdo semântico para a *referência genérica* e *eu/self*. Essa última categoria é a que mais se afasta do centro prototípico por não incluir nenhum traço de pessoa **P2** [-**tu/você**, +**eu**]. Na verdade, essa estratégia de usar o pronome **você** no lugar do pronome **eu** é *uma grande metáfora* para que o falante possa falar de si mesmo sem se comprometer com o seu próprio discurso. Isto quer dizer que o que está em

jogo seria a interpretação de usos dêiticos específicos e extrapolação do conteúdo semântico imediato, emergidos no aqui-agora. Assim, *forma/significado* são representados por uma escala referencial que parte do centro para a periferia referencial. Esses mecanismos de *proteção* e *prática defensiva* têm a função de distribuir *o uso de máscaras sociais* adotadas por falantes no desenvolver de suas atividades discursivas. Este jogo, por sua vez, promove o equilíbrio da conversação, tornando atividades face a face mais colaborativas e menos constrangedoras.

Vale lembrar que as formas voltadas para as séries **VOCÊ** e **TU** nas funções de *sujeito*, *objeto* e *possessivos determinantes* têm relações para a formação de sentenças/orações e, assim, **você** combinado com **te**, por exemplo, são formas que significam a mesma coisa, mas **você**, além de poder exercer *a função de sujeito*, também pode atuar *na função completiva*, já **te** só poderá atuar *na função de complemento verbal*. O mesmo acontece com *os possessivos determinantes* em variação **seu/a~teu/a**, eles só podem atuar com valor possessivo. Assim, como foi explicado, os referentes têm estrutura para *dizer*, *apontar*, *referir*, isto é, função inerente dos pronomes de segunda pessoa (NEVES, 2000) e, devido a necessidades comunicativas, extrapolam referenciais em razão da construção mental individual e coletiva desses mecanismos moldados através de experiências cumulativas humanas (TOMASELLO, 2003).

Esses falantes empregam durante “dedins de prosa”, diante de uma documentadora desconhecida, tanto *estratégias de defesa* quanto de *proteção* do *eu/self*. Defendo, desse modo, que há *estruturas de significado* nas mentes individuais de falantes a partir do externo a eles, isto é, tudo que é externo ao falante constrói de um modo ou de outro o interno humano no sentido de evoluir. Isto quer dizer que para ocorrer evolução (comportamental, linguística, social ...) o homem necessita do outro para primeiramente testar experiências e novidades, depois promove, divulga e difunde novidades em parceria com outros iguais conforme postula Tomasello (2003). Na verdade, as novidades fazem parte do poder criativo humano, já *a divulgação*, *promoção* e *difusão* faz parte do uso e desenvolvimento da língua. A criação em si não difundiria nada, não se propagaria por si só e, por conseguinte, não motivaria mudanças. Em razão desse comportamento humano é que *máscaras sociais atributivas* puderam emergir no desenvolver de atividades discursivas como em ESSDs coletadas em SJC–SP em CsPrát. (capítulo 2). Nesse sentido, o aproveitamento dessa proposta de análise será explicitado no capítulo 4 junto de análises estatísticas e resultados.

De modo geral, modelos são dinâmicos porque nada se constrói do zero; aprendizagem, experiências de fatos anteriores, lembranças acumuladas, memória etc. garantem aos usuários

da língua adaptações e adequações às produções de fala justamente porque estão inseridos em entornos socioculturais percebidos e vivenciados por aqueles que praticam a língua diariamente (DIJK, 2012). Na verdade, os entornos de uma cidade são observados no dia a dia por seus falantes que, por sua vez, reproduzem e projetam modelos comportamentais e linguísticos em suas diversas relações sociais. Nesse sentido, para Givón (2012) como já mencionei, *o modo pragmático* é uma das primeiras aquisições dos seres humanos e só depois *o modo sintático* passa a se manifestar nos usos infantis, revelando, por conseguinte, reflexos linguísticos do seu meio social na sua aprendizagem e no seu comportamento linguístico (TOMASELLO, 2003).

A partir da ideia de *modelos baseados no uso*, o funcionamento da linguagem humana é motivado por pressões de uso que moldam formas e significados sociais em determinada CF. A cidade, como já mencionado, é anterior aos indivíduos que nela vivem, acolhem diversos grupos sociais, não se limitando apenas a cidadãos oriundos dessa mesma cidade ou região, pois regiões metropolitanas costumam acolher pessoas originárias de diversos lugares e, assim, padrões socioculturais também diversos tendem a se manifestar como já mencionei. Sob essa ótica, de acordo com Tomasello (2003) e Dijk (2012), pessoas necessitam de modelos para criar e recriar a sua língua seguindo certos padrões anteriores já postos em prática entre seus semelhantes e pares linguísticos, mas também podem adotar, aos poucos, novos elementos transformando a estrutura linguística rumo ao uso do **VOCÊ** sem variação, por exemplo.

No próximo capítulo serão abordados assuntos como a descrição da variável linguística e seu conceito. Além disso, dados de fala e resultados estatísticos serão analisados tendo como base índices fornecidos pelo Programa Estatístico Goldvarb X.

4 A VARIÁVEL LINGUÍSTICA, ANÁLISES E RESULTADOS

... el análisis al que aspiramos no es formalista ni funcionalista, sino relacional, desde el momento en que la lengua, cada uno de sus componentes y su dinámica se explican en relación con su entorno natural, cultural, social y situacional

(MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 9).

4.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo contém a análise dos dados. Descrevo os fatores *dependentes* e *independentes* considerados, e controle do indivíduo. Outros assuntos como o tratamento estatístico dos dados de fala e sua relação com o contexto social, critérios e exclusão de dados linguísticos com exemplos de excertos de fala, extraídos das ESSDs, serão abordados ao longo deste capítulo também. Além disso, há discussões e análises de resultados estatísticos. Esclareço que, para fins metodológicos, optei por apresentar resultados fornecidos pelo programa estatístico Goldvarb X em três momentos estatísticos que incluem impressões sobre as primeiras observações sobre ocorrências, frequência de uso e peso relativo, comentários sobre número de rodadas, exclusão de grupos de fatores etc. Essas intervenções foram necessárias para melhor compreender os resultados obtidos no que tange a tendências pronominais que poderão ser concretizadas com a passagem dos tempos no PBPOP falado na cidade de SJ-SP.

4.2 A VARIÁVEL LINGUÍSTICA – o recorte de elementos que variam

A partir de estudos sociolinguísticos sobre as formas em variação da segunda pessoa do singular, percebi que CsFal. não praticam de igual modo os pronomes na função de sujeito. Nesse sentido, por forças culturais e sociais de cada lugar associadas a aparatos teórico-metodológicos diferentes adotados pelos pesquisadores, as variantes **tu** e **você** não se comportam de igual maneira em CsFal. já analisadas. Há cidades, por exemplo, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo que variam o sujeito **tu~você**, alternam complementos **te~você** e possessivos **teu/a~seu/a** na fala conforme apontaram os estudos de Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005), Santos (2012), Modesto (2006) entre outros. Entretanto, em outros locais, há falantes que pouco utilizam a alternância do pronome sujeito como ocorre em Pelotas-RS: **tu** nessa cidade é praticamente exclusivo segundo Amaral (2003), independentemente dos níveis escolar e social dos informantes analisados. No Norte do Brasil,

em Tefé (AM), por exemplo, a situação é semelhante no que tange ao uso de **tu**, mas o pronome **você** nessa cidade é empregado como forma de contato (MARTINS, 2010). Já cidades como Curitiba (PR), Arcos (MG), Uberlândia (MG), São Paulo (SP) e Vitória (ES) exibem com exclusividade o uso do sujeito pronominal **você** (MENON, 1995, 1996; LOREGIAN-PENKAL E MENON, 2012; GONÇALVES, 2008; HERÊNIO, 2006; NASCIMENTO, 2011; CALMON, 2010).

Nessa perspectiva de investigar padrões pronominais, o trabalho de Herênio (2006), por exemplo, mostrou que em Uberlândia (MG), apesar de **você** ser de uso exclusivo na função de sujeito, usos completivos e possessivos correferentes ao sujeito são variáveis, isto é, as formas das séries **tu** e **você** disputam espaço nessas respectivas funções. A interpretação da autora sobre seus resultados foi que o uso das formas da série **TU**, na verdade, seriam *resquícios em uso*. Minha interpretação sobre esses fatos, ao observar dados de fala em SJC-SP, é que **te** e **teu/a** não seriam necessariamente *resquícios no sentido de resíduo, resto, sobra* como se fossem *respingos em uso*. Na verdade, restam apenas poucos contextos para o pronome **você** invadir e desbancar elementos resistentes à sua atuação. Mas isso não quer dizer que **te** e **teu/a** não sejam elementos muito vivos na língua. Eles têm vitalidade no uso em certas CsFal. como relatei anteriormente.

Do mesmo modo, trabalhos como os de Modesto (2006) descreveram a variação entre **tu** e **você** – sujeito – na cidade de Santos-SP, correlacionada ao emprego de **te** – objeto. Já na cidade de Vitória do Espírito Santo, apesar de o emprego pronominal sujeito ser **você** exclusivo, o uso preferencial completivo direto e indireto é **te** (CALMON, 2010). Com base nesses trabalhos, posso dizer que cidades brasileiras, de maneira geral, não possuem padrões pronominais em uso idênticos, há entornos urbanos e rurais que caracterizam empregos linguísticos e comportamentos humanos como especiais. Sob esse ponto de vista, a cidade de SJC-SP, por exemplo, possui comportamento semelhante aos padrões pronominais utilizados por mineiros, moradores no Sul de Minas Gerais. Assim, falantes utilizam o modelo **você**/sujeito como tratamento exclusivo ao interlocutor (**P2**), apesar de retenções associadas à série **tu** (**te**, **teu/a**) existirem no sistema local. Essas retenções, com o passar dos tempos, acabam se generalizando a ponto de se misturarem com várias formas de tratamento como, por exemplo: “**a senhora** tem **seu** cartão? Eu **te** ajudo” ou ainda “**Ø** vai até o ponto que o cobrador **te** informa”.¹⁵¹

¹⁵¹ Dados ouvidos em ruas e em uma agência bancária de São José dos Campos-SP.

Pelo fato de conceber que cada CF de fala é única, embora possa haver semelhanças, os estudos sociolinguísticos já mencionados me serviram de base para discutir padrões pronominais principalmente no que se refere à noção de “mistura” entre as formas das séries **TU** e **VOCÊ** na cidade de SJC-SP e elaborar possíveis grupos de fatores (condições de uso) que possam condicionar o uso dessas formas. Nesse sentido, para obter dados relacionados à segunda pessoa do singular na fala popular, entrevistei pessoas pertencentes a grupos sociais de *baixa renda* com o intuito de estudar a variedade popular e ter a possibilidade de recontar um pouco da história do PB através de outros olhares teórico-metodológicos que, por sua vez, levam em conta *modelos baseados no uso*, fundamentados no acúmulo de experiências humanas, já que a cidade de SJC-SP, apesar de muitas transformações, é anterior aos indivíduos que nela vivem, permanecendo, assim, certos comportamentos como tratar o outro por **você**, forma primeira da cidade em questão.

Em geral, esses falantes populares têm baixa escolaridade, às vezes, média conforme descrevi no capítulo 2. Ressalto que esses níveis de escolaridade são obtidos de modo irregular no que tange aos anos sequenciais escolares normais que crianças, normalmente, seguem, respeitando leis educacionais brasileiras. Mas, a realidade de vida dessa porção populacional é trabalhar desde muito cedo em atividades braçais pouco valorizadas em termos monetários e, muitas vezes, as condições de trabalho são precárias. Além disso, essa parte da população de *baixa renda*, não diversifica seu universo sociocultural (teatro, cinema, música clássica, apresentações diversas: pintura, exposições, leituras etc.), pois raramente saem de sua rotina. Devido a essas características sociais que marcam a imensa massa de brasileiros desde os tempos coloniais, considere as falas desses entrevistados como *variedade popular*, pois não há entre eles a preocupação em alternar códigos para variedades linguísticas cultas, já que seus contratos de trabalho não as exigem. Assim, defendo que esse comportamento social e linguístico é reflexo da sócio-história brasileira e de políticas educacionais e socioculturais precárias conforme abordei no capítulo 1.

Em relação às abordagens interlocutivas, já mencionei o fato de não conseguir entrevistar pessoas em suas casas, bairros etc., assim, essas entrevistas coletadas para a realização desta pesquisa ocorreram em locais de trabalho, caracterizando os populares considerados como pertencentes a CsPrát. Vale ressaltar que as ESSDs são *um suporte linguístico especial* e não rotineiro nas vidas desses populares, pois elas configuram um gênero discursivo singular. Grosso modo, entrevistas são caracterizadas pela formalidade e por privilegiar falas de personalidades do mundo político, artístico, religioso etc. (FÁVERO E ANDRADE, 1998).

Entretanto, embora essas ESSDs tenham um caráter mais *espontâneo, dinâmico e empático* como ocorre em conversas entre vizinhos, parentes, amigos e colegas, ainda há traços que as identificam como entrevistas prototípicas, já que há, além do fluxo conversacional entre os partícipes dialogais “iguais linguísticos e sociais”, a presença do jogo de perguntas e repostas realizadas por mim (documentadora/mediadora). Essa mediação realizada por mim teve a finalidade de direcionar a produção discursiva para que pronomes relacionados à segunda pessoa do singular emergissem. Sob a perspectiva voltada para ESSDs e *frames* (molduras discursivas), testei vários moldes enunciativos constituídos naturalmente nas CsPrát. consideradas. Assim, por pressupor que o uso pronominal de segunda pessoa do singular seria praticado com mais facilidade em conversas com *um, dois, três e quatro* entrevistados, apliquei essas molduras conversacionais com números diversos de participantes com o objetivo de capturar padrões pronominais em uso conforme descrevi no capítulo 2.

Sob o prisma, pressões cotidianas como agrupamento de pessoas em filas de banco, lotéricas, pontos de ônibus e reuniões em locais de trabalho fazem emergir pronomes relacionados ao tratamento do interlocutor, considere como variantes linguísticas os pronomes voltados às séries **VOCÊ** e **TU**, embora as formas pronominais não derivem do mesmo item lexical e, em muitas situações cotidianas, esses elementos podem não ser equivalentes quanto ao significado porque pode existir distinção *semântico-pragmática e social* relacionadas a essas variantes.¹⁵² Sob esse enfoque, **tu** é pronome primitivo de segunda pessoa do singular enquanto **você** deriva da construção **Vossa Mercê**, considerado pronome de tratamento. Desse modo, **você** contém traços da forma de origem e é usado atualmente para tratar o interlocutor sem constranger nenhuma das partes dialogais, principalmente em CsFal. cuja forma primeira para tratar o interlocutor é **você**. Nesse sentido, considero variantes da mesma variável as formas das séries **você** e **tu** por terem o mesmo significado referencial **(P2)/interlocutor/ouvinte** e por serem pronomes pertencentes à segunda pessoa do singular, a depender da região e CsFal. (LOREGIAN-PENKAL, 2004, LUCCA, 2005; MARTINS, 2010, CALMON, 2010, SANTOS,

¹⁵² No caso de telenovelas brasileiras, é comum padrões usarem **você** para tratar empregados, mas empregados tratam seus patrões de **senhor/a**. Entre “iguais linguísticos e sociais” **você** é empregado entre a classe mais abastada, já entre moradores de comunidades e colegas de trabalho que exercem funções braçais como as de *motorista, jardineiro, empregada doméstica* etc. o uso de **tu** é frequente quando realidades sociais distintas são retratadas em narrativas de ficção. Essas situações e recortes socioculturais comprovam que não há usos entantes no que se refere ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular. Em alguns casos, as polaridades **(+) formal/você** e **(-) formal/tu** são mais evidentes. O pronome **tu** nesse sentido seria mais periférico, restrito e, em alguns casos estigmatizado por ser falado por criminosos etc. Mas isso não quer dizer que um advogado carioca, por exemplo, não fale **tu**, tudo depende da situação, lugar e registro. Além disso, penso que somente pesquisas que levem em consideração o uso tratamental da *forma primeira* de uma cidade associado a diversas situações (registro) poderão descrever e revelar comportamentos pronominais de 2ª pessoa do singular em todo território nacional.

2012). Obviamente que situações cotidianas exigem dos falantes escolhas linguísticas quando isso for possível. No caso dos pronomes investigados nessa pesquisa, os populares em questão utilizaram formas eleitas por eles como adequadas à situação vivida, isto é, esses populares foram entrevistados por uma documentadora estranha em ambientes de trabalho nos quais esses mesmos populares de baixa renda praticam sua variedade linguística e fizeram suas escolhas justamente por elas fazerem parte de seu repertório linguístico e vivências sociais. Assim, as formas relacionadas à série **você** (você/sujeito; você; pra você/objeto, seu/sua/possessivo) e formas ligadas à série **tu** (tu/sujeito; te, teu/tua/possessivo) foram consideradas variantes da mesma variável por significarem a mesma coisa ou terem o mesmo valor de verdade. A hipótese geral é que esses pronomes em questão estejam deixando de ter uso variável no PBPOP falado em SJC-SP e, dessa maneira, ocorrências de “mistura pronominal” como **você/sujeito** com **te~você** (complemento direto ou indireto) e possessivos: **seu/sua~teu/tua** foram investigadas em textos conversacionais que colhi em CsPrát. classificadas em níveis de formalidade conforme descreverei mais adiante.

Para construir a variável linguística, os pronomes ligados às séries **VOCÊ** e **TU** formam dois “conjuntos variáveis”. O primeiro conjunto contém os itens: **você/sujeito, você e pra você/complementos** (direto e indireto) e possessivos/**seu/sua**. O segundo conjunto contém os itens: **tu/sujeito, te/complemento** (direto e indireto) e possessivos/**teu/tua**. Para fins metodológicos, com o intuito de mensurar sistematicamente “a mistura pronominal” de segunda pessoa do singular e de poder captar as invasões feitas pelo pronome **você** em contextos sintáticos e possessivos, esses dois conjuntos pronominais foram considerados como *variável dependente*: **a)** formas da série **VOCÊ (1)** vs **b)** formas da série **TU (0)** como estabelece o princípio variável das línguas (LABOV ([1972] 2008). Além disso, esclareço que por *atos em variação* entendo que **tu~você** como sujeito podem disputar espaço, assim como são variantes os completivos **te~você; te~pra você** e possessivos **seu/a~teu/a** determinantes. Já, por *atos mesclativos*, medidos através do fator Antecedentes, entendo que formas se “misturam”, isto é, **você/sujeito** com **te** e **seu**, por exemplo, são formas de séries pronominais distintas que se “mesclam” por variarem entre *formas do antigo paradigma pronominal (tu) e do novo (você)*.¹⁵³ Finalmente, por *atos correlacionais* entendo que formas de uma mesma série ocorram juntas (formas correspondentes) como em: “**tu** esqueceu **teu** casaco aqui”; “**o senhor** está sem **seu** cartão bancário, assim não posso **lhe** ajudar”.

¹⁵³ Isso não quer dizer que em enunciados formas das séries **TU** e **VOCÊ** não apareçam de modo isolado ou também podem aparecer como variantes no discurso do falante como ocorreu na fala do ator Walmor Chagas (capítulo 1). Meu objetivo maior é mostrar que formas *velhas* e *novas* convivem no PBPOP falado de SJC-SP.

Desse modo, pelo fato de o pronome **você** na atual sincronia do PB estar competindo por territórios ainda dominados por formas da série **TU**, na medida em que **você** avança, essa mesma forma acaba se generalizando, provocando, além de mudanças morfológicas e sintáticas, nuances de significado nas quais estratégias referenciais se expandem conforme mostraram as pesquisas de Corradello (1997); Viana Sousa (2008) e Fontes (2012) sob perspectivas teórico-metodológicas distintas, embora todos esses estudos levem em consideração *padrões linguísticos em uso*. Além disso, Neves (2000) defende que **você** é um item muito difundido no Brasil, pois mídias televisivas, radiofônicas, panfletos, manuais de equipamentos elétricos e eletrônicos privilegiam o uso do **você**, embora gramáticas normativas ainda não o insiram no quadro pronominal do PB, privilegiando exclusivamente o pronome **tu** como única forma a designar a segunda pessoa do singular (CUNHA, 1997; BECHARA, 2009). Entretanto, essa descrição não reflete a realidade sociolinguística brasileira da atualidade como mostrei no capítulo 1.

Sob esse prisma, para sistematizar variáveis sociolinguísticas, Labov ([1972] 2008) estabelece critérios que definem uma variável a ser investigada em certa CF. Dessa maneira, a variável deverá ser *frequente, integrada ao sistema linguístico da comunidade e estratificada em sua distribuição social*: faixa etária, sexo, escolaridade, ocupação etc. Pelo fato de essas variantes, formadas pelas séries das formas **VOCÊ** e **TU**, serem frequentemente ouvidas pelas ruas de SJC-SP, intui que elas poderiam ser observadas sistematicamente em CsPrát., locais de trabalho nos quais há concentração de pessoas que cumprem propósitos comuns diariamente. Para isso, essas pessoas utilizam a língua popular falada em vários setores sociais espalhados pela cidade em questão. Os populares entrevistados exercem funções como faxineiros, jardineiros, trabalham na manutenção predial e de maquinários, merendeiros. Em geral, seu registro profissional é de *auxiliar geral*. Além disso, os falantes populares entrevistados foram estratificados de acordo com *sexo, três faixas etárias, origem, nível escolar* (Fundamental e Médio) e *níveis de formalidade*, a depender do local em que as amostras de fala popular foram coletadas como em: **a)** Universidade e escola [+formal]; **b)** Empresa [+/- formal] e **c)** em Lugares Alternativos: *parques, áreas verdes, áreas e setores públicos*, área consideradas menos monitoradas, por isso, caracterizadas como [-]formal, compondo, dessa maneira, fatores sociais que representam pressões de uso cotidianas. Além disso, elaborei outros fatores de ordem *linguística, discursivo-pragmática e situacional-discursiva* para melhor sistematizar esses pronomes falados em CsPrát. na cidade de SJC-SP, razão pela qual adotei prismas teórico-metodológicos diversificados. Assim, usos pronominais são considerados *modelos baseados no*

uso levando em conta a sociedade que os emprega, sua história, cultura, entornos sociais etc. Sob esse prisma, a língua de modo multifacetado e dinâmico segue a natureza de organismos vivos e adaptativos em relação a tempo, espaço, usuários entre outras forças.

Com base em vários trabalhos linguísticos que investigaram CsFal. espalhadas pelo Brasil, para sistematizar padrões pronominais em uso relacionados à segunda pessoa do singular, elaborei grupos de fatores que, possivelmente, condicionariam o emprego das variáveis em estudo como mencionei anteriormente. Por isso, a seguir apresentarei o conjunto de variáveis e os grupos de fatores elaborados para investigar o uso dos pronomes relacionados à segunda pessoa do singular no PBPOP falado em SJC-SP. Relacionados aos conjuntos de variáveis e aos grupos de fatores, exemplifico as ocorrências pronominais com excertos de fala extraídos das 37 ESSDs consideradas. Essas entrevistas contêm 66 falantes, distribuídos em três CsPrát., classificadas em três níveis de formalidade conforme já relatei. Na sequência descreverei a variável dependente e as variáveis independentes consideradas.

4.2.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Como mencionei anteriormente as formas das séries **VOCÊ** e **TU** formaram dois conjuntos variáveis que, por sua vez, são dois conjuntos compostos por: a) **você/sujeito, você e pra você/complementos** (acusativo e dativo) e possessivos determinantes/**seu/sua** e b) **tu/sujeito, te/complemento** (direto e indireto respectivamente) e possessivos/**teu/tua**. Assim, o quadro a seguir apresenta a descrição da variável dependente:

Quadro 18: Formas das séries **VOCÊ** e **TU**.

VARIÁVEL DEPENDENTE	ITENS PRONOMINAIS
VARIANTES FORMAS DA SÉRIE VOCÊ	você/sujeito; você; pra você (objeto) e seu/sua (possessivo)
VARIANTES FORMAS DA SÉRIE TU	tu/sujeito; te (objeto) e teu/tua (possessivo)

EXCERTOS DE FALA

Os **pronomes** de segunda pessoa ocorrem com frequência na fala popular de SJC– SP conforme podem ser observados nos excertos que seguem.

(70) **FAL 1** – eu tenho filho ... eu fui lá na assistente social, ela vê, se **VOCÊ** não tem condições, elas **TE** dão passe, sabe? Elas fazem certidão ... então quer dizer elas **TE** acompanham nas coisa ... até mesmo na questão de justiça ... se **VOCÊ** precisar pra essas questões ela me acompanhou, foi no fórum ... resolveu o que tinha que

resolver pra mim. “ahhh, **VOCÊ** não pode porque **VOCÊ** tem esse BO”. Automaticamente ela mudou todo o processo ... [...]

[...]

FAL 2 – **VOCÊ** vai achar (entrevistados), **VOCÊ** tá procurando no lugar certo. Aqui o lugar é bão é a rua ... tem lugar na cidade que **VOCÊ** vai procurar **CÊ** não ganha, aqui **VOCÊ** ganha. Elis dão roupa, tem lugar **PRA VOCÊ** tomá banho. Então a gente pensa que não dão, mas dão.

[...]

FAL 1 - Então **VOCÊ** era vendido como moeda, como coisa, que se **VOCÊ** fugisse, **VOCÊ** ... os cangaceiro ia atrás de você, **VOCÊ** tinha que voltar, não existia liberdade **PRA VOCÊ**. Só se **VOCÊ** tivesse um dono e ele assim: “ohhh, vou **TE** dar **A SUA** liberdade hoje, hoje **VOCÊ** pode viver da forma que **VOCÊ** quiser”. E muita das vezes não ser assim ainda, muitas das vezes era sequestrado pra trabalhar em lavoura né ... (Dois homens. Faixa etária mais jovem. Locais Alternativos [-formal]. Ensino Médio incompleto).

(71) **FAL 2**– anu passado nós fomu num churrascu lá nooo Eugênio de Melo lá ... eu vou atrás qui eu num sei ondi é não. I na minha frenti foi a nossa chefe. I nenhuma saída ela deu seta ... quando eu cheguei lá eu falei: “Célia, **SEU** carro num tem seta, não?” “por que?” “De lá aqui **CÊ** entrô em cruzamento i **VOCÊ** num deu seta, **VOCÊ** num usa seta?” “ahhh nem lembro qui existe” (risos). (Homem. Faixa etária mais velha. Locais Alternativos [-formal]. Ensino Fundamental completo).

(72) **DOC** – Tudo bem? Vocês sentem que a cidade oferece boas condições de transporte público, por exemplo?

FAL 1- o que **TU** acha? (falante olha para a amiga) (Mulher. Faixa etária intermediária. Locais Alternativos [-formal]. Ensino Fundamental incompleto).

Alguns desses excertos de fala exibem a produção de “mistura pronominal” associadas às séries **VOCÊ** e **TU**. Logo, combinações como **você/sujeito** com **teu/a**, por exemplo, parecem ser naturais na fala desses entrevistados. Em contrapartida, em outros excertos de fala, há somente o uso de formas correlacionadas à série **VOCÊ** cuja combinação foi **você** com **seu**. O uso dessas variantes e de formas categóricas reflete a capacidade de o falante poder fazer escolhas linguísticas conforme situações e exigências vivenciadas por ele cotidianamente. Assim, ora há falantes que variam formas pronominais ora há falantes que utilizam de modo categórico uma das variantes. Escolhas entre itens linguísticos estão associaas à adequação e adaptação, já o uso de um só item (categórico) está relacionado à falta de opções linguísticas, pois o sistema linguístico já não as disponibiliza como parte do sistema linguístico de determinada CF.

4.2.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Na lista de variáveis independentes há grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados possíveis condicionadores das formas em uso **VOCÊ** vs **TU** na fala popular de SJC-SP. Esclareço que para cada grupo de fatores ou condições de uso há uma expectativa ou uma hipótese a ser testada. Assim, objetivo verificar a força desses possíveis condicionamentos sobre as variantes em questão. A seguir apresento os fatores linguísticos e extralinguísticos elaborados com base em diversas pesquisas sociolinguísticas sobre o tema e no suporte teórico apresentado e discutido no capítulo 3. Os grupos de fatores extralinguísticos foram subdivididos

em fatores *discursivo-pragmáticos, situacionais, sociais e controle do falante*. Todos esses grupos de fatores serão abordados novamente na medida em que eles se mostrarem relevantes para as análises de dados, resultados estatísticos fornecidos pelo programa Goldvarb X e comentários de outras pesquisas.

FATORES LINGUÍSTICOS

1) FUNÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS

A *função* de cada uma das formas pronominais relacionada à segunda pessoa do singular foi investigada com o objetivo de medir quais são as formas pronominais utilizadas nas funções de *sujeito, objeto e possessivo determinante*. Assim, as funções de **sujeito (tu~você)**, **acusativo e dativo (te~você; te~pra você)** e **possessivos (seu/sua~teu/tua)** foram observadas e mensuradas na fala popular de SJC-SP. As hipóteses específicas são as seguintes: o pronome **VOCÊ** será favorecido na função de *sujeito*; o pronome **TE** será favorecido nas funções *acusativas e dativas*. Já as formas **SEU/A** serão favorecidas em detrimento dos possessivos **TEU/A**. Nesse sentido, parti da noção de que a língua é construída por ações colaborativas e espontâneas entre participantes dialogais, por isso, minha proposta foi investigar pronomes de segunda pessoa do singular a partir de *um* e, às vezes, *dois, três* ou *mais entrevistados* “iguais linguísticos e sociais” pelo fato de reuniões interlocutivas evocarem formas tratamentais. Além disso, por entender que a língua é multifacetada e dinâmica, relacionei o estudo desses pronomes a teorias e metodologias diversas justamente por reconhecer a diversidade e complexidade de pressões que a língua cotidiana sofre. Em razão disso, a língua não se manifesta de modo estanque, esperado e acabado, ela se manifesta de maneira diversa conforme mostraram os estudos sociolinguísticos já comentados.

Na sequência, há o quadro de descrição das condições de uso das funções exercidas por essas formas pronominais em estudo:

Quadro 19: função das formas ligadas às séries **VOCÊ** e **TU**.

FUNÇÃO	FORMAS
SUJEITO	VOCÊ
	TU
ACUSATIVO	TE
	VOCÊ
DATIVO	TE
	PARA VOCÊ
POSSESSIVOS	SEU/SUA
	TEU/TUA

Excertos de fala popular

(73) **FAL 2** – [...] eu sou viajado, eu fui pra São Paulo, fui pro estado de Minas, nossa!!! Eu fui ... **elis** me foru dando e eu fui pras cidadi, **elis** me empurrava pra outra ...

DOC – eu não acredito ...

FAL 1 – é

FAL 2 – **elis TE** dão ... (a prefeitura fornece passagens de transporte)

FAL 1 – cada lugar que **VOCÊ** vai parando “óhhh tá aqui **A TUA** passagem”.

FAL 2 – primeiro **elis TE** levam pra delegacia pra ver se **VOCÊ** não tá corrido ... vagabundo ... (Locais Alternativos [-formal]. Dois homens. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto).

Nesse fragmento de fala, há ocorrências de **te** dativo (**elis te** dão bilhetes), **você** na função de sujeito (**você** vai parando), o possessivo **tua** (ohhh tá aqui **a tua** passagem), **te** na função completiva direta (**elis te** levam pra delegacia) e **você** sujeito (pra ver se **você** não tá corrido). Desse modo, foram produzidas formas das séries **VOCÊ** e **TU** durante a conversa entre dois populares junto da documentadora. Entretanto, em outros excertos de fala, formas da série **VOCÊ** foram privilegiadas conforme mostro no fragmento de fala a seguir:

(74) **DOC** – mas si eu compro um lote como é qui eu divido a casa?

FAL 1 – **VOCÊ** compra um lote, esse terreno é **SEU**, né?

DOC – ahammmm

FAL 1 – aí o **SEU** i u deli é dividido. I pra fechá faiz o muro (Locais Alternativos [-formal]. Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).

Nesse fragmento de fala, o falante utilizou formas simétricas, ou seja, somente formas pronominais correlacionadas à série **VOCÊ**. O pronome **você**/sujeito (**você** compra um lote), o possessivo **seu** com referência ao interlocutor foi utilizado duas vezes (esse terreno é **seu** e aí o **seu** i u deli é dividido), denotando simetria de usos pronominais do conjunto variável pertencente ao **VOCÊ**. Já o mesmo não ocorreu no próximo fragmento falado por outro falante, trabalhador em outra Comunidade de Prática (Empresa de reciclagem de lixo):

(75) [...] É num tinha muito andarilhu pela rua, não tinha muito essas pessoas andanu pedinu dinheiro pela rua, não tinha muito assalto, não tinha muito travesti, prostituta ... si **VOCÊ** mexê com uma pessoa dessa pode até **TE** riscá de navalha ou até di gileti (Empresa [+/-formal]. Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).

Esse excerto de fala apresentou formas pronominais de séries distintas: a forma **VOCÊ** na função de sujeito (se **você** mexê com uma pessoa dessa) e **TE** como acusativo (pode até **te** riscá). Percebe-se que os pronomes pessoais relacionados à segunda pessoa do singular se apresentam na fala desses populares de maneira, por vezes, assimétrica, ou seja, há a convivência entre formas do antigo paradigma (**te**) e do novo (**você**).

(76) **FAL 1** – [...] **VOCÊ** vai ligar e Øvai pedir pra eli o ramal do seu Rubens ou o número direto, **VOCÊ** sabe o número da sala dele i aí **VOCÊ** agenda i Øfala pra eli e aí eli vai **TE** mostrar o lugar, o ambiente, i aí **VOCÊ** vai conversar com ele, Øvai dizer qui tá fazendo doutorado qui **VOCÊ** tá precisando entrevistar pessoas ...(Mulher. Faixa etária mais jovem. Locais Alternativos [-formal]. Ensino Médio completo).

Enunciados como esses me fizeram aventar as hipóteses que mencionei anteriormente. Por isso, os excertos de fala acima exibiram a tendência que esses populares do PB têm de empregar **VOCÊ** como sujeito, **TE** como complemento e **SEU/A** como possessivo, tornando esse uso de formas alternadas uma prática natural, espontânea, em razão de perdas de elementos como: **contigo, em ti, por ti** etc. que algumas CsFal. do PB vem sofrendo.

2) FATOR ANTECEDENTES

A seguir descrevo o fator *Antecedentes* que objetiva medir a repetição de uma mesma forma após sua primeira menção no discurso (paralelismo).

Quadro 20: Antecedentes das formas em estudo (paralelismo).

OCORRÊNCIAS DAS FORMAS
primeira ocorrência ou forma isolada
antecedente forma da série VOCÊ
antecedente forma da série TU

O grupo de fator *Antecedentes* foi elaborado com o intuito de medir ocorrências entre formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU**. “A mistura tratamental” é condenada por gramáticas normativas em geral, que, por sua vez, prescrevem uniformidade no uso dos pronomes pessoais, ou seja, deve haver correspondência entre as formas **tu, te, teu**, por exemplo, mas, se combinações como **você (sujeito)** com **te/sua (completivo/possessivo)** ocorrerem seriam consideradas uma espécie desvio do “uso exemplar da língua” (BECHARA, 2009). Como “misturas” desse tipo ocorrem com frequência na fala e em peças publicitárias, por exemplo

(capítulo 1), essas “misturas” entre formas do antigo paradigma pronominal e do novo revelam que repetições de formas têm na sua subjacência naturezas *cognitiva* e *discursiva-pragmática* porque refletem práticas da experiência e do conhecimento cumulativo humano e, por isso, fazem relação com o mundo biossocial desses falantes. Isto quer dizer que a repetição de formas pronominais e o convívio entre *formas novas* e *velhas* fazem parte do repertório linguístico da cidade de SJC-SP, corroborando o fato de práticas linguísticas serem cumulativas e atravessarem gerações de falantes com padrões pronominais semelhantes, entretanto não iguais aos tempos antigos. Nesse sentido, o presente falado reflete o passado e o passado falado projeta o futuro: “o uso de padrões pronominais mistos”.

Sob esse prisma, Scherre (1998) explica que o paralelismo linguístico ou repetições de variantes da mesma variável são fenômenos que subjazem diferentes aspectos comportamentais humanos. Embora tenha um efeito uniforme e geral, a interpretação para paralelismo tem sido diversificada porque ele pode ocorrer em diferentes níveis de análise, ou seja, o paralelismo poderá ocorrer em planos *discursivo*, *oracional*, *sintagmático* e *lexical*. Entretanto, alguns pesquisadores voltaram-se para a repetição de formas paralelas sob *o enfoque mecânico*, isto é, a simples repetição da estrutura antecedente seria uma maneira mecânica de operar estruturas repetitivas (WEINER; LABOV ([1977] 1983)).¹⁵⁴ Mas, Scherre (1998) argumenta em favor de forças funcionais para que a repetição aconteça, pois o externo tende a motivar a variação nas línguas em uso. Ainda, segundo a autora, cognitivamente as repetições têm funções porque ativam memória associativa entre termos ou formas variáveis e significado, ou seja, para a autora há uma contraparte cognitiva que subjaz à repetição de formas paralelas capacitando o ser humano para construir agrupamentos, formar blocos pelas semelhanças formais. Isto quer dizer que repetições subjazem outros aspectos do comportamento humano, sendo um deles o linguístico, que leva em consideração diferentes planos, do discursivo ao léxico (SCHERRE, 1998, p.22). Com base nessa discussão e no trabalho de Rumeu (2008), o fator *Antecedentes* tem o objetivo de medir “a força mesclativa” entre as formas relacionadas às séries voltadas

¹⁵⁴ Todavia para Lavandera (1977), Labov e Weiner ([1977] 1983) não distinguem entre *variável sociolinguística* de *variável linguística*. A autora conclui que a noção de *mesmo significado* seja ampliada para *comparabilidade funcional* e, principalmente, estruturas sintáticas a serem descritas, analisadas e explicadas como variantes da mesma variável transmitam *informação não referencial* e que possuam *significado social* e *estilístico* para serem consideradas variáveis sociolinguísticas por excelência. Além disso, a autora lança estruturas possíveis para que a comparabilidade funcional seja utilizada no programa de estudos de variáveis sintáticas. Seguem exemplos baseados nos conceitos de Lavandera: “Que calor!”, “Abafado, não?”, “Liga o ar-condicionado, por favor!”, “Abram a janela”, “Tira o casaco.” Essas diferentes estruturas sintáticas preservariam a mesma *informação não referencial*: altas temperaturas ou dias muito quentes, enquadrando essas estruturas sintáticas no que ela chamou de *comparabilidade funcional*. Por conseguinte, a autora lança várias questões em seu texto e uma delas foi a seguinte: a intenção comunicativa do falante estaria em variação também?

para os pronomes **VOCÊ** e **TU** na fala dos populares aqui analisados e a hipótese aventada foi a seguinte: se um primeiro item das séries em questão for empregado a tendência é que a forma relacionada a essa mesma série se repita, mas nem sempre essa sequência simétrica entre formas ocorreu conforme mostram os excertos de fala a seguir:

(77) **FAL1** – é dependi do funcionário ... a partir do momento qui **VOCÊ** chega no **SEU** trabalho se **VOCÊ** é pra pegá lixo da pessoa i **VOCÊ** não pega aquela pessoa ali já::: Øentendeu? Então ali varri pra um varre pra outro ... eu acho qui ali ... A genti qui trabalha na rua quase o tempo inteiro si **VOCÊ** não ficá famoso ali nessi lugar aí **TE** trata mal (Empresa [+/-formal]. Homem. Faixa etária intermediária. Ensino Médio completo).

(78) **FAL1** – [...] mesmo qui tem lugar pra jogar jogá a bita lá no chão. Aí eu tô limpando aqui e aí na maioria das vezes, mesmo qui tem onde jogá, o povo faz questão di jogá bita de cigarro no chão ou papel ou qui for, aí **VOCÊ** acaba de limpá i daqui a pouco vê qui **VOCÊ** já limpou ali vem psiiiiii jogô ali e fala ainda “ohhh depois **CÊ** tira aqui”. Não é a questão depois **CÊ** tira, mas é qui a gente não pode ficá à disposição da pessoa o dia inteiro ali, né? (Empresa [+/- formal]. Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).

Esses excertos de fala exibem uma sequência de pronomes utilizados por dois falantes em entrevistas realizadas em momentos diferentes. O primeiro falante emprega **você/sujeito** e o possessivo **seu** e logo após emprega o sujeito **você** várias vezes. Depois, o falante quebra essa sequência de formas simétricas voltadas para o pronome **VOCÊ** e utiliza **te** como acusativo do verbo tratar. Assim, a primeira forma utilizada pelo falante foi **você** e os outros pronomes foram considerados subsequentes a esta forma antecedente. O mesmo ocorreu com **te**, a forma que antecedeu esse item foi **você** em contexto condicional “se **você** não ficá famoso ali nessi lugar aí **te** trata mal”. Esses usos mostram que “misturar pronomes” de segunda pessoa do singular” é natural em terras dominadas pelo **VOCÊ** (forma primeira da cidade de SJC-SP).

O segundo excerto de fala exhibe a sequência pronominal voltada para o **você/sujeito**. Assim, a primeira forma é **você** que é item antecedente das outras três ocorrências **você**, **cê** e **cê** – ocorrências na função de sujeito. Como é natural usar **você** na função de sujeito, não importa qual seja a forma antecedente porque ela não influi no uso do pronome em questão. Os próximos fragmentos de fala exibem ocorrências isoladas da série **TU** (sujeito e objeto):

(79) **FAL 1** – **TU** tem quantos?

FAL 2 – eu tenho quatro, mais a neta. [...] ah eu brigo muito com a minha filha, nós duas, nós duas é ... a gente é muito ... eu tenho amor por ela ... tem ciúme dos irmão [...] (Locais Alternativos [- formal]. Duas mulheres, Falante 1, faixa etária intermediária. Falante 2, faixa etária mais jovem. Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio incompleto respectivamente).

(80) **FAL 1** – eu vou **TE** falar a verdade. O meu lazer é trabalhar o jeito qui eu trabalho, fazê us meu biquinho diário i nas horas vagas qui eu não tenho o qui fazer, tocá a minha sanfona (Locais Alternativos, [- formal]. Homem, faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).

Nos dois excertos de fala acima, há as formas **tu**/sujeito e **te** empregados em fragmentos falados e produzidos em momentos distintos das entrevistas colhidas na cidade. Tanto **tu** quanto **te** foram considerados itens isolados pelo fato de não ocorrer produção de formas pronominais subsequentes. O fator antecedentes também controlará este tipo de ocorrência isolada dos pronomes das séries **VOCÊ** e **TU**.

3) FATOR ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS

Este fator foi elaborado para investigar estratégias de significado que o ser humano tende a construir no decorrer de suas atividades discursivas. Segundo Neves (2011), moldar significados implica na construção de referentes que se distribuem em redes referenciais ou atos de referenciação. Para essa autora, sob a ótica teórica voltada para *Objetos de discurso*, os referentes são objetos construídos em molduras discursivas elaboradas no cotidiano humano. Já por outro viés teórico-metodológico, discussões como as desenvolvidas por Ferrari (2011); Abreu (2014) e Fontes (2012) contribuem para o entendimento de *estruturas de significado* que, por sua vez, são *moldadas* para que referentes diversos aconteçam da maneira como acontecem na mente individual e coletiva de falantes. Desse modo, essas *estruturas de significado* tendem a mesclar generalizações e especificidades a depender das intenções do emissor da mensagem (capítulo 3). No caso do PBPOP falado em SJ-SP, a forma **VOCÊ** tende a abarcar outros referentes além da referência prototípica **P2** (VIANA SOUSA, 2008; CORRADELLO, 1997) e, por isso, será verificado se os populares considerados usarão nuances de significado com o intuito de preservar faces conforme discuti no capítulo anterior.

Além disso, a intenção foi verificar se referentes determinados ou não motivariam a alternância entre as formas ligadas às séries **VOCÊ** e **TU** no fluir das ESSDs aqui analisadas. Nesse sentido, as hipóteses aventadas foram as seguintes: *o referente interlocutor (P2/determinado)* favoreceria usos das formas **VOCÊ**/sujeito, **TE**/objeto e **SEU/A**/possessivos. A mesma expectativa tenho em relação ao *referente reportado*. Estratégias referenciais *genérica* e *eu/self* favoreceriam o uso das formas relativas à série **VOCÊ**.

Viana Sousa (2008) e Corradello (1997), por exemplo, explicam que critérios são levantados pelo analista a partir da fala de indivíduos para determinar quais os significados que cada forma pronominal poderá envolver. Assim, a partir de orientações obtidas pela leitura de outros trabalhos, no quadro explicativo a seguir seguem nuances referenciais utilizadas pelos falantes

populares considerados e os critérios que elaborei com base nas definições de Goffman ([1967] 2012):

Quadro 21: Mecanismos referenciais ligados às formas **VOCÊ** e **TU**.

ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS	REFERENTES
DETERMINADO	Referência ao interlocutor/ ouvinte (P2)
REPORTADO DETERMINADO	O referente é o outro ouvinte em momento extra-situacional – longe do aqui-agora da ESSDs
GENÉRICO	As pessoas de modo geral
EU/SELF	Você envolve o eu/self

a) Significado prototípico – **você** e **tu** com significado de **P2** (dêitico prototípico/determinado). Assim, a referência prototípica **P2** tem a segunda pessoa **você~tu (ouvinte)** como referente, excluindo dessa referência a 1ª e a 3ª pessoas (2ª, -1ª e -3ª)¹⁵⁵ como mostram os excertos de fala a seguir:

(81) DOC – então ... como eu faço pra ir daqui até no centro de ônibus?

FAL 1 – pra ir pro centro de ônibus é só Øpegar o ônibus ali na frente do INSS ali ouuuuu sem (incompreensível)

[...]

DOC – eu me perco porque tem vários pontos de referência

FAL 1 – aqui pra nós ... **VOCÊ** vai pegar no ponto do cemitério, mas quando **VOCÊ** vem do centro a genti dá o ponto de referência o PIO XII. [...] (CP Alternativa [-formal]. Homem, faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto).

(82) DOC – [...] Vocês sentem que a cidade oferece boas condições de transporte público por exemplo?

FAL 1 - o que **TU** acha? (olhando para a amiga).

FAL 2 - eu ... qui sim ...

FAL 1 - Ahhh, assim, eu acho que oferece ...assim ... apesar di eu não usá muito (Locais Alternativos [-formal]. Duas mulheres, faixa etária intermediária e mais jovem respectivamente. Ensinos Fundamental e Médio incompletos).

(83) FAL 1 – [...] Nossa ... **VOCÊ** tem ... **VOCÊ** é de um lugar da onde as pessoas são idênticas a você, cara ...os olhos, o cabelo, o jeito ... lá só tem mulher de olho azul e olho verde. Onde que é? Ai, não vou lembrar. Talvez perto de Londrina, não sei. De onde **VOCÊ** é?

DOC – é ... Santa Catarina.

FAL 1 – isso. É de lá mesmo ...

DOC – Blumenau. A terra do chopp.

FAL 1 – hummmm eu não gosto muito de chopp mais ... Blumenau só tem mulher bonita. E **você** mora lá com quem?

DOC – Lá? Eu sou de lá, minha família é de lá ...

FAL 1 – [...] **CÊ** veio pra cá pra São Paulo só pra ter o objetivo disso?

(Locais Alternativos [-formal]. Homem mais jovem. Ensino médio incompleto)

b) Você reportado determinado – é comum que falantes utilizem essa estratégia reportada para exemplificar certo acontecimento, reviver certa situação, contar um fato etc. Assim, a fala reportada se caracteriza por descrever a fala de alguém contada pelo entrevistado, isto é, a fala

¹⁵⁵ Os hifens representam o sinal de subtração (-), isto é, -1ª e -3ª equivalem dizer menos a primeira e a terceira pessoas.

reportada é uma outra fala recontada pelo falante no aqui-agora. Sob esse aspecto, considere o discurso reportado como uma importante estratégia para verificar como o falante fala em outras situações fora do contexto de entrevista, por exemplo. Desse modo, a referência abarca a 2ª pessoa reportada, ou seja, é um referente virtual extraído de um mundo paralelo, mas exclui a primeira e a terceira pessoas do discurso (2ª, -1ª e -3ª), como exibem os excertos de fala a seguir. Os dados reportados foram transcritos entre aspas:

(84) **FAL 1** – Só se **VOCÊ** tivesse um dono e ele assim: “ohhh, vou **TE** dar **A SUA** liberdade hoje, hoje **VOCÊ** pode viver da forma que **VOCÊ** quiser”. E muita das vezes não ser assim ainda, muitas das vezes era sequestrado pra trabalhar em lavoura né ... todo um sofrimento ... [...] (Locais Alternativos [-formal]. Homem mais jovem 30 anos. Ensino Médio Incompleto).

(85) **DOC** – ahhh senhora é separada?

FAL 1 – haaa muito tempo, então eli falou assim: “ahh dia 22 eu vou **TE** dá uma bicreta”. Eli veio na outra semana. Ela ficou doente porque não era dia da bicreta. I não era dia das criança ainda. Aí eu falei “não prometi mais porque ela não sabi”.

[...]

FAL 1 – semana da Páscoa, ela já ficava doente então não podia prometê.

FAL 2 – então, os meus eu só falo quando eu tenho certeza qui eu vou dá. “Ohhh a mãe vai compra i tal dia a mãe vai **TE** dá”. Mas aí eu tenho certeza qui eu vou dá. Se alguém fala pra mim “eu vou **TE** dá uma coisa” i não me dá. Eu fico ... (Locais Alternativos [-formal]. Mulheres. Faixa etária mais velha e mais jovem respectivamente. Ensino Médio completo).

(86) **FAL 4** – e aí ela “e por que **VOCÊ** acha que os play boys tão lá fazendo protesto?”. “ØSabe o que ia acontecê, Aline, olha só **PRA VOCÊ** vê ... quando ele for indenizar a empregada doméstica da passagem do ônibus, ele vai pagar mais barato, deve ser por isso. Mas **você** acha o que, que tinha lá filho de empregada doméstica, não tinha, Aline”. (Universidade e escola [+formal]. Homem, faixa etária intermediária. Ensino Fundamental completo).

(87) **FAL 2** – entendeu? Bom cê vê qui tem loja assim i pergunta “**CÊ** é Nordestino?”, “**CÊ** é isso?” A pessoa conhece quando é genti di fora i u pessoa vem pra trabalhá mesmo i diz qui racha di ganhá dinheiro ... vai trabalhá lá na Petrobras, é serviço pesado. [...] (Locais Alternativos [-formal]. Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).

Esses excertos de fala exibem o discurso reportado, ou seja, uma situação vivenciada de modo paralelo ao aqui-agora da ESSD como já explicitiei. Em todos os três fragmentos de fala, esses populares sentiram necessidade de exemplificar fatos por eles vivenciados usando para isso essa estratégia reportada, mas que foram trazidos para o aqui-agora das ESSDs revelando, assim, como eles, entrevistados, falam em outras situações e momentos fora do ambiente de trabalho. Além disso, esses mundos paralelos exibidos em discursos reportados dão ao analista/sociolinguista condições de perceber *o vernáculo* utilizado pelos usuários de certa língua, um dos principais objetivos a serem alcançados por pesquisas sociolinguísticas.

c) Você com significado genérico – a referência genérica é aquela que amplifica o referente, isto é, envolve características gerais, ampliadas, de certos grupos sociais. Assim, **você** é usado para

codificar uma extrapolação referencial que abrange mais de uma pessoa em determinado aspecto, situação, ação comportamental etc. O referente é a soma de vários indivíduos (“todo mundo”), pois a referência inclui quaisquer pessoas que vivem (ou viveram) determinada situação conforme exemplificam os excertos de fala abaixo:

(88) **FAL 1** – Então **VOCÊ** era vendido como moeda, como coisa, que se **VOCÊ** fugisse, **VOCÊ** ... os cangaceiro ia atrás de você, **VOCÊ** tinha que voltar, não existia liberdade pra você [...] (Locais Alternativos [-formal]. Homem. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto).

O excerto de fala acima aponta para a situação de escravidão no Brasil, isto é, pessoas que foram obrigadas a trabalhar em lavouras e casarões sob o regime escravo. Nesse sentido, o pronome **você** abarca o referente genérico, isto é, qualquer pessoa ou todos os humanos que tiveram que se submeter aos mandos e desmandos do regime escravocrata.

(89) **FAL 1** – pra progredir? Emprego tem muito. **CÊ** pode ir no paço municipal ali, **VOCÊ** faz a inscrição e **VOCÊ** pede bolsa auxílio, **cê** entendeu? Elis deram bolsa auxílio pras pessoas de baixa renda ou pras pessoas que não tem renda nenhuma, moradoras de rua pra **você** podê trabalhá.

DOC – ou desempregados, né, qualquer pessoa que esteja nessa situação, por exemplo, precisando ...

FAL 1 – fora isso também o que Elis colaboram, **Ø**sabe? Antigamente era um caos **VOCÊ** i no hospital, **VOCÊ** morria lá dentro.

DOC – e hoje?

FAL 1 – hoje eu vou ser sincero pra você, não tá cem por cento. Mas, **cê** pode chegá lá que morrê **você** não vai. **VOCÊ** vai sê atendido, **CÊ** entendeu? Hoje **VOCÊ** ... (Locais Alternativos [-formal]. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto).

Nesse fragmento de fala (89), o mesmo falante do excerto falado anteriormente refere-se às condições que a cidade de SJC-SP oferece para pessoas que necessitam de ajuda em casos de doença – situações consideradas universais. Além de trabalho e renda, condições de trabalho, moradores em geral, que se cadastram em programas assistenciais, recebem auxílios diversos com o intuito de melhorar suas condições de vida. Isto quer dizer que qualquer munícipe que necessite de ajuda poderá solicitá-la na prefeitura local. Já no desenvolver da mesma ESSD o falante se refere ao atendimento em hospitais. A sequência das formas **você** e **cê** codifica nessa passagem as pessoas em geral que recebem, bem ou mal, atendimento no hospital situado na cidade em questão. Já “**CÊ** entendeu” utilizado como *marcador discursivo* foi considerado forma que envolve *o referente interlocutor (P2) determinado*.

Em razão dessa criatividade cognitiva humana, as estruturas semânticas envolvem, como explicitado, não só *o referente interlocutor (P2)*, 2ª pessoa do singular, mas codificam outros referentes como **eu/self** e **você reportado determinado** conforme exibiram os excertos de fala, evidenciando, assim, que a forma **você**/sujeito avança para usos além das etiquetas *específicas* e

genéricas (indeterminadas) abordadas em alguns trabalhos (LOREGIAN-PENKAL (2004); GONÇALVES (2008), por exemplo.

d) Significado *eu/self* – *você* com valor referencial de *eu*, isto é, embora o falante utilize *você*, o referente da forma é *eu/ego*. Nesse sentido, o falante utiliza a forma *você*, mas o referente envolvido é *eu* disfarçado e/ou revestido por essa forma *você*. Nesse aspecto, *você* alarga o terreno do significado prototípico (**P2**) para apontar um *você* que não é *o interlocutor*, é o próprio locutor que se refere a si mesmo, mas usa máscaras sociais para fazer isso. Além disso, com o intuito de afetar o outro e de se fazer entender pelo ouvinte, o falante protege *o eu/self* usando dessa estratégia como mostra o fragmento de fala a seguir:

(90) **DOC** – mas então tu tem vontade de estudá ... vocês trabalham em um lugar de ensino, vocês lidam com muita gente ...

FAL 1 – ... *EU* fiz curso de jardinagem ... *EU* peguei um professor muito bom e depois que a gente aprende, *VOCÊ* não esquece mais.

DOC – é igual andar de bicicleta.

FAL 1 – isso ... é, *VOCÊ* aprendeu a lição ... a gente vai querendo aprender mais porque *EU* acho que a gente nunca aprende tudo na vida ...

DOC – não ... tem que morrer aprendendo ...

FAL 1 – então a gente se ... aprendeu muitas coisas ... *EU* acho assim quanto mais *VOCÊ* tem experiência melhor. *EU* acho que pra tudo tem experiência é melhor (Homem. Faixa etária mais velha. Universidade e escola [+formal]. Ensino Fundamental completo).

Nesse excerto de fala, o falante utiliza *você* que envolve o referente *eu/self*. Essa referência *eu* ocorreu pelo fato de esse locutor ter vivenciado certas aprendizagens e, assim, o pronome *você* abarcou o referente já citado. Embora *você* possa ser substituído por outras estratégias indeterminadoras como em “*a gente* não esquece mais”; “*o cara* não esquece mais”, conforme as discussões de Milanez (1982) e Corradello (1997), minha interpretação para essas ocorrências do *você* foi que o referente fosse *eu/self*. Isto é, o referente é o próprio falante, mas ele quis se comprometer menos com o seu discurso e utiliza para isso o pronome *você*. Tive a mesma interpretação em relação ao segundo enunciado “*você* aprendeu a lição”. Em virtude de o número de pronomes *eu* ocorreu muitas vezes nesses trechos de fala, esses fatos me levaram a interpretar o referente da forma *você* com valor de *eu/self* conforme sugere o estudo de Viana Sousa (2008)¹⁵⁶ em razão da discretização de objetos maleáveis no discurso.

¹⁵⁶ Interpretação idêntica tem a forma *a gente* que, por sua vez, codifica referente *eu* (SILVA, 2004). Isto quer dizer que *você* e *a gente* são formas *camaleônicas*, pois codificam, em situações interlocutivas face a face, referentes dos campos determinado e indeterminado conforme apontaram os estudos de Menon (1995); Corradello (1997), Silva (2004) e Viana Sousa (2008) generalizando, por conseguinte, a atuação dessas formas para além do uso prototípico **P2** *você* (2ª pessoa) e *a gente* (1ª pessoa do plural). Além disso, o uso do *eu/self* ocorreu diversas vezes nos enunciados supracitados, apontando, desse modo, as vivências dos falantes em questão.

O excerto de fala a seguir também revela experiências de um falante mais jovem cuja referência envolvida pelo pronome **você** foi interpretada como *eu/self*:

(91) **FAL 1** – fica preso memo, sabe? A mesma coisa que hoje em dia existem pessoas presa em liberdade, presa em seu próprio mundo, **CÊ** entendeu? Vícios, jogatinas, então quer dizer a escravidão parece que não acabou ainda.

FAL 2 – o ser humano é fácil acomodar. **VOCÊ** acomoda. Eu fiquei muito na pinga, eu bebi muito, eu acomodei muito. Eu acomodo na casa da minha irmã se deixá ... já fui morador de rua ...

DOC – É...

FAL 2 – Já, já fui

DOC – Tem muita história também, hein?

FAL 2 – Tenho. Eu já morei, já acomodei, eu era acomodado ... pedia dinheiro, comida ... e ganhava (Homem. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto. Locais Alternativos [-formal]).

Nesse segmento falado pelo entrevistado em questão, a forma **você** codificou o referente *eu/self* conforme explicações anteriores. O falante vivenciou morar em ruas como mendigo e afirmou permanecer acomodado por motivações presentes em sua realidade social. Assim, o falante relatou experiências de sua vida, mas primeiramente se encoraja a relatar fatos utilizando formas genéricas/indeterminadoras como **o ser humano**, depois utilizou **você** e seguiu utilizando **eu**. Além disso, no trecho “**você** acomoda” o pronome pode ser substituído por “**a pessoa** se acomoda”, “**a gente** se acomoda”, “**o cara** se acomoda” etc. Interpretação semelhante teve Abreu (2014) ao analisar usos do pronome *you* utilizados na Revista *Time*. Fundamentada em teorias cognitivas, a autora defende várias estruturas de significado desempenhadas pelo pronome **you** como: *significado prototípico (P2)*, *significado genérico*, *significado semigenérico* e *significado pseudoexclusivo*.

Assim, a autora defende que essa *estrutura pseudoexclusiva* é a que mais se afasta do significado prototípico *P2/ouvinte*, pois o falante não se refere ao ouvinte e sim a si mesmo (+1ª pessoa, -2ª pessoa), evidenciado *o modo radial* pelo qual os significados do **VOCÊ** podem se manifestar tanto em textos escritos quanto na boca do povo. Sob o enfoque diferente de nuances referenciais caracterizados por teorias cognitivistas, optei por analisar essas formas pronominais em uso sob o olhar de Goffman ([1967 a e 1974b] 2012) como consta no capítulo 3. Assim, escolhi alguns excertos de fala, extraídos de ESSDs, que exibem o pronome **você** usado de modo não descrito em compêndios gramaticais. O falante para se comprometer menos com o seu discurso usa estratégia que exclui a segunda e a terceira pessoas (-2ª pessoa; -3ª pessoa), mascarando/envolvendo o **eu** através do uso do pronome **você** como em “um verdadeiro processo de metamorfose” conforme defendeu Viana Sousa (2008). Além disso, quando o falante prefere se envolver em seu próprio discurso e assumir o que fala, ele usa a forma **você** com referente determinado (**P2**) como se fosse “um poderoso bisturi” que, por sua vez, invade o

território alheio com a intenção de obter informações do outro, entretanto, o outro pode ou não aceitar essa invasão de modo que o ouvinte pode também manter distância referencial ou não a depender de seus interesses, emoções, objetivos etc.

4) FATOR MODALIZAÇÃO

A seguir descrevo o fator modalização. Este fator foi elaborado para verificar se tipos de frase como *declarativas, perguntas e contextos negativos* condicionariam a variação dos pronomes relacionados à segunda pessoas do singular nas funções de *sujeito, objeto e possessivos*. Assim, *perguntas e construções declarativas* favoreceriam o uso das formas relacionadas à série **VOCÊ**, já *construções negativas* favoreceriam principalmente o uso dos itens **TE** e **TEU**. Por intuição e observação, o uso do **NÃO** atrairia formas associadas à série **TU** como em: “não **TE** falei”, “não **TE** disse”, “nunca **TE** ajudei a fazer coisa errada”, “isso é coisa do **TEU** pai”, “só podia ser **TEU** irmão mesmo”.

O quadro descritivo a seguir traz as frações discursivas observadas:

Quadro 22: Modalização.

DECLARATIVO
PERGUNTA
CONTEXTO NEGATIVO

Os fragmentos de fala a seguir exemplificam as estruturas discursivas consideradas:

Por *estrutura declarativa* considere enunciados explicativos e partes de texto falado voltados para certas afirmações, opiniões, conselhos ou chamadas de atenção como ocorre com o sujeito preposicionado “pra você vê uma coisa”.

Estrutura declarativa

(91) **FAL1** [...] **CÊ** pode ir no paço municipal ali, **VOCÊ** faz a inscrição e **VOCÊ** pede bolsa auxílio [...] (Locais Alternativos [-formal]. Homem da faixa etária jovem. Ensino Médio completo).

(92) **FAL 2** – então era **VOCÊ** qui tava lá ... eu amo essi lugar (Mulher. Faixa etária jovem. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(93) **FAL 4** – [...] A gente criticá uma pessoa é muito fácil, agora eu quero vê elogiá ela, **VOCÊ** buscá as coisa, as qualidades dela. Então é muito difícil, aí **VOCÊ** para e analisa (Homem. Faixa etária mais jovem. Ensino Fundamental completo. Universidade/escola [+formal]).

(94) **FAL 2**– é qui nem **VOCÊ** falou “tá difícil?, tá ruim”? ... tem genti pior (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(95) **FAL 1** – Si **VOCÊ** conhece, **VOCÊ** sabi disso. É difícil entrá num bairro no Rio de Janeiro e encontrá um bairro acabadinho, bonitinho. [...] (Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(96) **FAL 2** – porque **CÊ** vê mais u pessoal de fora, tem genti qui a gente conhece, tem genti qui ... assim ... tem muita mistura mesmo (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(97) **FAL 3** [...] é horrível, é horrível, **VOCÊ** sai do serviço cansado e não tem transporte digno pra população... óhhh **PRA VOCÊ** tê uma ideia ... (Homem. Faixa etária mais jovem. Universidade e escola [+formal]).

(98) **FAL 2** – Ahhh agora tudo mudô, hoje tudo moderno. **Óhh PRA VOCÊ** tê uma ideia, antigamenti assim se um homem beijasse um homem morria!! Hoje, não! [...]

[...]

FAL 2 – [...] nesse sentido também é bom, no sentido di sê amiga, cê entendeu? São José dos Campos recebi muito gente, Ø entendeu? (Mulher. Faixa etária intermediária. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(99) **DOC** – aqui é meio presídio, não é? Tenho essa impressão que aqui não é casa, é presídio. É tudo trancado. Muito medo de assalto. Porque a cidade tá mudando...

FAL 2 – mas ohhh **PRA VOCÊ** vê ... eu nasci aqui na cidade ... [...] (Mulher. Faixa etária mais jovem. Locais Alternativos [-formal]). Ensino Fundamental completo).

(100) **FAL 1** – [...] noys se esforçamu, saímu do viciu ... **PRA VOCÊ** vê ... houve um crescimento na nossa vida. Noys conseguiu ... [...] (Homem. Faixa etária jovem. Ensino Médio incompleto. Locais Alternativos [-formal]).

Perguntas

Esse tipo de construção é responsável por convidar um ouvinte ou um leitor a dar uma explicação, informação. Assim, perguntas geralmente exigem respostas de alguém ou pessoa questionada. No caso de marcadores discursivos como “**cê** entendeu?”, eu os considerei como questões. Não tive objetivos em estudar marcadores discursivos, classificá-los etc., por isso, construções como “**Você** entende?”, “**cê** sabe né ...?” ... foram consideradas como perguntas.

(50) **FAL 4** – [...] A gente criticá uma pessoa é muito fácil, agora eu quero vê elogiá ela, você buscá as coisa, as qualidades dela. Então é muito difícil, aí você para e analisa.

DOC – mas por que que é tão difícil?

FAL 4 – pras pessoas é... **VOCÊ** concorda? (Homem. Faixa etária jovem. Ensino Fundamental completo. Universidade e escola [+formal]).

(101) **FAL 1** – [...] **VOCÊ** conhece o Rio de Janeiro? (Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(102) **FAL 1** – **CÊ** não qué um golinhu de café não?¹⁵⁷

DOC – tá gostoso ... (cheiro do café)

FAL 1 – qué água, café ...

DOC – eu queroooo, eu sou cafezeira

FAL 1 – **VOCÊ** gosta puro ou com leite? (fala da cozinha para o quintal na frente da casa)

DOC – com leite!!!! [...]

[...]

¹⁵⁷ Considerei esse enunciado como pergunta, não a considerei como estrutura negativa.

FAL 2 – é qui agora a mãe colocou SKY na casa dela, aí ...

DOC – ahhhh

FAL 2 – **CÊ** entendeu? Agora ...

DOC – é chique, amiga!!!

[...]

DOC – eu sou do sul né!

FAL 2 – **VOCÊ** nunca mais foi pra lá?

[...]

FAL 1 – eu faço edredon qui você fica de queixo cainu.

DOC – olha qui lindo!!!

FAL 1 – **CÊ** sabe por quanto elis tão vendenu o edredon?

DOC – não

FAL 1 – 250 reais. (Mãe e filha, faixa etária intermediária e jovem respectivamente. Locais Alternativos [-formal]. Ensino Fundamental completo (mãe), Ensino Fundamental incompleto. Filha. Ensino Médio completo).

(103) **FAL 2** – era **VOCÊ** qui tava sentada lá?

DOC – era.

FAL 2 – Todas às vezes qui eu vou limpá aquela área ali eu abro todas as portas. **VOCÊ** viu umas escadas? (Mulher. Faixa etária mais jovem. Ensino Fundamental completo. Locais Alternativos [-formal]).

(104) **FAL 3** – **CÊ** sabe o que é minha injúriação? (Homem. Faixa etária mais jovem. Universidade e escola [+formal]).

(105) **FAL 1** – pra progredir? Emprego tem muito. **Cê** pode ir no paço municipal ali, você faz a inscrição e você pede bolsa auxílio, **CÊ** entendeu? [...]

[...]

DOC – e hoje?

FAL 1 – hoje eu vou ser sincero pra você, não tá cem por cento. Mas **cê** pode chegá lá que morrê você não vai. Você vai ser atendido, **CÊ** entendeu? [...] (Locais Alternativos [-formal]. Homem. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio completo).

Estruturas negativas

(106) **FAL 2** – [...] há anos atrás tinha casinhas por 3 mil, 4 mil ... hoje **CÊ NÃO** acha mais. É de cem pra cima. Quando **cê** acha barato assim é leilão da caixa pra baixo **CÊ NÃO** acha mais. [...]

[...]

FAL 2 – [...] e povo não respeita mais ninguém. As criança não **TE** respeita mais. Vou criá igual fez meu pai (Mulher. Faixa etária jovem. Ensino Médio incompleto. Empresa [+/-formal]).

(107) **FAL 1** – na época qui mi casei, tinha vinte anos ... então sabe? Parece qui **CÊ::: NÃO SABI** muito bem escolhê, **Ø**não sabi muito bem o qui qué ... qual quer coisa você já tá apaixonada. Hoje não ... então...

[...]

(108) **DOC** – é importante ter um tempo pra ficá sozinha?

FAL 1 – é ... claro qui é

[...]

FAL 1 – mas **VOCÊ NÃO** tem tempo pra ficá sozinha.

FAL 2 – tenho sim, Ana. Eu fico sozinha. ... us filho tão em casa, as nora ... tá tudo lá, sabe? Mas eu tenho tempo di ficá sozinha, sim (Duas mulheres. Faixa intermediária. Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio completo. Universidade e escola [+formal]).

(109) **DOC** – [...] eu sou a visita i eu passei mal, eu consigo ser atendida no posto?

FAL 1 – não, porque você vai tê que i no pronto-socorro. Elis **NÃO VÃO TE** atendê. Elis, elis vão te ... elis pode até te socorrê lá pra você chegá lá, mas qui elis vão chamá uma ambulância pra te levá pro pronto-socorro ... ahhh elis vão.

DOC – ahhhh então ...

FAL 2 – elis **NÃO VÃO TE** atendê ali, elis vão ligá pra você pra ambulância e aí a ambulância vem te buscá. Aí **VOCÊ** fica lá ... (Duas mulheres. Faixa etária jovem. Ensino Fundamental incompleto. Universidade e escola [+formal]).

Como os excertos de fala exemplificaram, há frações discursivas com estrutura negativa nas falas dos populares considerados. Assim, ocorrências como “**você** nunca vai consegui isso” também considereirei como construção negativa. Construções negativas também ocorreram em falas reportadas, como mostram os exemplos a seguir:

(110) **FAL 1** – eu falei pra eli “eu vou me separá, mas eu não quero um tostão seu. Porque o dia qui você vê eu agarrada com um homi **PRA VOCÊ NÃO** dizê qui tá sustentando homi com o seu dinheiro (risos), qui eu tô usando calcinha com o seu dinheiro” (risos) (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto. Universidade e escola [+formal]).

(111) **FAL 2** – eu dô dinheiro, Natal essas coisas “mas **VOCÊ NÃO TÁ bem** na escola”. [...] “ØSabe, sogra, depois qui você começou a dá dinheirinho pro Cauã, si **você não gostá** (incompreensível) agora a vó não dá mais dinheirinho ...”[...] Quando tá perto do aniversário deli, eli diz “cê acha qui eu devo ligá pra vó ou eu qui tenho qui ligá” “**NÃO PRECISA VOCÊ** ligá pra sua vó não”.

DOC – [...] mas a senhora acha qui a escola ela é boa?

FAL 2 – cê qué qui eu fale a verdade, eu acho qui ela é boa, mas quem não é boa é us aluno. “**VOCÊ NÃO TÁ PRESTANDO** atenção”. **VOCÊ SI NÃO PRESTÁ** atenção, **VOCÊ NÃO VAI SABÊ FAZÊ**. Agora, entra dentro de uma sala de aula, cê fica desesperada ... (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Médio completo. Universidade e escola [+formal]).

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS – fatores discursivo-pragmáticos, situacionais e sociais

Conforme a literatura sociolinguística, fatores sociais podem condicionar a variação linguística. Assim, fatores extralinguísticos foram aqui considerados como pressões diárias de uso, pois homens e mulheres, no desenvolver de suas atividades cotidianas, constroem ao seu modo a cidade na qual (con)vivem. Os fenômenos em variação pela ótica da Sociolinguística são melhor avaliados se relacionados a forças sociais, pois elas fazem parte do contexto sociocultural dos usuários de determinada língua. Desse modo, considereirei três variáveis sociais como *sexo*, *faixa etária* e *procedência do falante*. Além desses fatores, o nível escolar também foi mensurado nesta pesquisa. Esclareço que, a depender de circunstâncias, o brasileiro estuda ou não, principalmente no Brasil que ainda possui em sua história social grandes mazelas para serem superadas (SOARES, 2002; MATTOS E SILVA, 2004 a,b, c; LUCCHESI, 2004). Além desses fatores sociais, outros possíveis condicionadores foram elaborados como, por exemplo: os *discursivo-pragmáticos*: de quem para quem?, presença e ausência de “iguais linguísticos e sociais” – auditório, níveis de formalidade [+/-formal] e interação interlocutiva entre *sexos*.

1) FATOR DISCURSIVO-PRAGMÁTICO “DE QUEM PARA QUEM”

Christian e Ferro (1996) mediram a relação entre “quem pergunta para quem” entre entrevistados e entrevistadores na cidade de Curitiba-PR. Baseado nesses autores, elaborei o fator “de quem para quem” para verificar se ESSDs ofereceriam condições para que “iguais linguísticos e sociais” dialogassem mesmo sendo monitorados por uma documentadora “não igual linguístico e social”. Além disso, meu objetivo também foi verificar se os entrevistados – falantes populares – se reportariam só a mim, documentadora, estranha ao grupo, ou se efetivos diálogos entre “os iguais linguísticos e sociais” ocorreriam e, por conseguinte, motivariam usos das formas ligadas às séries **VOCÊ** e **TU**. A hipótese elaborada foi a seguinte: “iguais linguísticos e sociais” empregariam mais formas ligadas a série **VOCÊ** já que esses populares estão inseridos em terras dominadas pelo uso do **VOCÊ** há tempos.

O excerto de fala abaixo mostra a sequência dialogal travada entre dois jovens homens mais a documentadora:

(112) **DOC** – [...] e os moradores de rua, eles tem a inteligência da cidade, né?

FAL 2 – hummmmm fica tudo observando a cidade, se não tá bom vai embora. Aqui ninguém dá cumida então vamu pulá pra outro lugar.

FAL 1 – e aí São José o pessoal tá migrando pra cá.

FAL 2 – us cara de fora apronta ... aí vai embora porque tá faltanu as coisa aí não dá ...

FAL 1 – nossa, aqui tem lugar ... vou falá a verdade **PRA VOCÊ** ... aqui as pessoa só passa fome si elas quisé. Porque se ela arrumá um real ela comi no bom prato. Lá no bom prato **VOCÊ** almoça por um real ...

FAL 2 – **VOCÊ** toma café por cinquenta centavos.

FAL 1 – fora isso, se ela quisé gastá o dinheiro dela em droga ... tem lá a casa de Assis ... a casa de Assis dá almoço e janta **PRA VOCÊ**. É só **VOCÊ** í lá (Dois homens. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto. Locais Alternativos [-formal]).

Esse excerto de fala mostra que as ESSDs, realizadas em CsPrát. com mais de um entrevistado, propiciaram efetivos diálogos travados entre “iguais linguísticos e sociais”, evidenciando o caráter menos formal e mais espontâneo das conversas entre os interactantes em questão conforme acontecem em conversas entre vizinhos, amigos, familiares etc. Desse modo, esses diálogos são um pouco diferentes do formato *ping-pong* de algumas entrevistas e também de narrativas pessoais como as sugeridas por Labov ([1972] 2008) que, por sua vez, privilegiava a fala de um entrevistado apenas, apesar de esse autor observar os aspectos envolvidos nas cenas interlocutivas como, por exemplo: telefonemas, interrupções de parentes, filhos, amigos etc. Dessa maneira, o autor observava se alternâncias entre uma variável e outra ocorriam e, assim, constata a emergência do vernáculo e da variação estilística em um mesmo falante.

Abaixo descrevo o fator extralinguístico *DE QUEM PARA QUEM* baseada no trabalho de Christian e Ferro (1996) como mencionei anteriormente. Esses autores observaram se a troca

entre pares “não iguais” como “entrevistado e documentadora” ou “documentador e entrevistado” influenciaria o uso de formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular na cidade de Curitiba (PR). O quadro abaixo descreve os subfatores controlados:

Quadro 23: De quem para quem?

DE ENTREVISTADO PARA DOCUMENTADORA
DE ENTREVISTADO PARA ENTREVISTADO

2) FATOR PRESENÇA E AUSÊNCIA DE “IGUAIS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS”

Os dois fatores seguintes também fazem parte do campo *discursivo-pragmático*. Assim, a reunião dos populares observados, espectadores “iguais linguísticos e sociais” e a interação entre sexos como possíveis condicionadores das variáveis consideradas. Desse modo, segue a descrição do fator “Presença e ausência de “iguais linguísticos e sociais”” (audiência):

Quadro 24: Presença e ausência de “iguais linguísticos e sociais”

QUANTIDADE DE ENTREVISTADOS. PRESENÇA E AUSÊNCIA DE “IGUAIS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS”
1 ENTREVISTADO apenas + a Documentadora
2 ENTREVISTADOS com a presença de iguais linguísticos + a Documentadora (com plateia)
2 ENTREVISTADOS sem a presença de iguais linguísticos + a Documentadora (sem plateia)
3 ENTREVISTADOS com a presença de iguais linguísticos + a Documentadora (com plateia)
3 ENTREVISTADOS sem a presença de iguais linguísticos + a Documentadora (sem plateia)
4 ENTREVISTADOS com a presença de iguais linguísticos + a Documentadora (com plateia)
4 ENTREVISTADOS sem a presença de iguais linguísticos + a documentadora (sem plateia)

Este fator foi elaborado por notar que, espontaneamente, as pessoas se reúnem para conversar, principalmente, se há tempo livre entre uma atividade laboral e outra. Assim, a composição das entrevistas com mais de um entrevistado aconteceu sem planejamento prévio. Dessa maneira, esse fator verificou se a *presença* e *ausência* de “iguais linguísticos e sociais” motivariam a produção de “formas pronominais” relacionadas à segunda pessoa do singular. Assim, **VOCÊ** seria mais empregado na *presença de plateia* e formas relacionadas ao **TU** seria mais utilizado *sem plateia* (sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”). Como já salientei, com base em Moreno Fernández (2012), as ESSDs foram travadas entre a documentadora (participante fixa) e *um*, às vezes, *dois*, *três* ou *mais entrevistados* (trabalhadores braçais). Além disso, em algumas molduras enunciativas havia a presença de “iguais linguísticos e sociais” que, por sua vez, só assistiram às cenas interlocutivas, deixando, assim, o ambiente mais colaborativo e espontâneo.

Imagino que essa disposição de populares represente o cotidiano desses trabalhadores nas CsPrát. consideradas.

Segundo Labov ([1966] 2003, p.234), o auditório (audiência) tem força ou influenciaria para que variantes linguística surjam, pois o falante tende a se adaptar às circunstâncias vividas por ele a depender do ambiente, interlocutores à sua frente etc. Assim, o autor defende que “não há falantes de estilo único” porque em algum momento o locutor empregará algum tipo de variação (fonológica, sintática etc.). Por conseguinte, essas variações estilísticas (ou escolhas linguísticas) seriam determinadas por (i) relações entre falante e ouvinte, audiência (auditório) e, principalmente, relações de poder e solidariedade, (ii) contextos sociais ou domínios da experiência humana como *escola, trabalho, casa, igreja, amigos, vizinhos* e (iii) tópico/assunto abordado nas relações interlocutivas (LABOV [1966] 2003, p.234). Logo, além do grau de atenção prestada à fala pelo entrevistado, fatores como audiência, por exemplo, podem condicionar escolhas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular.

3) FATOR “ENTRE SEXOS” – pares distintos

Apesar de o fator *sexo* fazer parte de condicionadores sociais conforme orientação laboviana, este fator *interacional e pragmático “entre sexos”* – pares distintos – foi considerado, pois entendo que reuniões entre homens e mulheres fazem parte do cotidiano atual em sociedades democratizadas. Assim, esse fator foi elaborado primeiramente com base na pesquisa de Christian e Ferro (1996) e em segundo lugar falantes (sexo distinto) espontaneamente se agruparam para serem entrevistados por mim nas CsPrát. consideradas, com exceção da Comunidade de Prática *Empresa*. Esse ambiente favoreceu a composição de duplas (homem e mulher) porque chefes de seção dos Pontos de Apoio (PA) visitados escolhiam as duplas de interlocutores para serem entrevistados.

Christian e Ferro (1996) analisaram os complementos relacionados à 2ª pessoa do singular em 24 entrevistas de falantes curitibanos separados por *sexo, idade e escolaridade*, seguindo critérios do Banco de Dados Varsul/PR, baseados no modelo laboviano de pesquisa Sociolinguística Variacionista. Os complementos encontrados na amostra foram: **te, lhe, você, o(s), senhor(s)/a(s), senhor/as, ti, zero** e são usados concomitantemente com os pronomes-sujeito **você(s), o/a(s) senhor/a(s)** segundo os autores. Essa pesquisa indicou que *sexos iguais* tendem a utilizar mais a forma **te** revelando identificação, intimidade, já o pronome **VOCÊ** revelou ser um código generalizado a ser utilizado por todos e para todos por não constranger nenhum dos partícipes dialogais. Entretanto, como já mencionei, Castilho (2010) defende que

em terras nas quais **TU** não é usual, **você** aproximaria os interlocutores, já em terras nas quais ainda há o uso do **TU**, **você** manteria os interlocutores mais distantes.

Abaixo descrevo o fator interacional e pragmático entre pares distintos (sexo):

Quadro 25: Pares distintos (sexo).

SEXO – pares distintos e não distintos
Entrevistados um homem e uma mulher + a Documentadora
Entrevistados dois homens + a Documentadora
Entrevistado apenas um homem ou apenas uma mulher + a Documentadora (<u>um entrevistado apenas</u>).
Entrevistadas duas mulheres + a Documentadora
Composição diversa: entrevistados 2 homens e 1 mulher + a Documentadora; entrevistados 3 homens e 1 mulher + a Documentadora; entrevistados 1 homem e 2 mulheres + a Documentadora

Este fator foi elaborado para verificar se pares distintos em relação ao sexo condicionariam as variantes em questão e de que maneira condicionariam usos “mesclativos pronominais”. Além disso, conforme observações, homens e mulheres, em locais de trabalho, costumam trabalhar e/ou compartilhar alguns ambientes como: *cozinha, refeitórios, locais de descanso* etc., locais nos quais ocorrem conversas espontâneas cujo conteúdo não se limita ao campo de trabalho. Assim, como esses populares estão inseridos em terras dominadas pelo **VOCÊ**, formas atreladas a essa série aproximariam os interlocutores, já formas relativas à série **TU** distanciariam os interactantes (CASTILHO, 2010). A hipótese testada foi a seguinte: sexos opostos favoreceriam o uso das formas da série **TU** pelo fato de esses itens manterem certa distância entre um interlocutor e outro, já a série **VOCÊ** seria favorecida quando os pares teriam o mesmo sexo, provocando mais aproximação e intimidade.

4) FATOR NÍVEIS DE FORMALIDADE

As CsPrát. analisadas estão associadas a níveis de formalidade, pois a depender de setores sociais distintos como *Universidade e escola; Empresa e Áreas Alternativas* como *áreas públicas e parques verdes* existentes na cidades graus de formalidade costumam atuar. Como já salientei, cada uma dessas esferas sociais foi considerada uma Comunidade de Prática (CP), pois nessas esferas sociais existem subgrupos humanos que, por sua vez, realizam trabalhos braçais comuns e, para concretizarem suas tarefas, usam a língua diariamente, moldando, com fluxos contínuos e ininterruptos de ações a estrutura linguística. A partir dessa noção de graus de formalidade, classifiquei as CsPrát. já citadas de acordo com a descrição do quadro (26):

Quadro 26: Níveis de formalidade.

COMUNIDADES DE PRÁTICA	NÍVEIS DE FORMALIDADE
UNIVERSIDADE/ESCOLA	[+] FORMAL
EMPRESA	[+/-] FORMAL
LOCAIS ALTERNATIVOS	[-] FORMAL

Este fator foi elaborado para verificar se níveis de formalidade condicionariam as variantes aqui investigadas na fala popular de SJC-SP. Moreno Fernández (2012) advoga que a cidade ou a CF é organizada por instituições, grupos de interesses diversos. Assim, esse fator foi composto pela Comunidade de Prática *Universidade e Escola* que, por sua vez, foi associada ao nível [+] formal por lidar com avanços e problemas educacionais, por instruir e formar pessoas. Já a CPrát. *Empresa* foi constituída a partir de visitas a unidades que, por sua vez, são responsáveis pela limpeza e ordem urbana, correspondendo, assim, ao nível [+/-formal]. Esclareço também a empresa terceirizada contratada pela prefeitura local recebe pessoas distintas diariamente, mas que, em geral, possuem objetivos comuns como o de beneficiar o lixo produzido por elas, moradoras da cidade de SJC-SP. O terceiro grupo de falantes pertence à CPrát. *Locais Alternativos*. Essa comunidade foi constituída por profissionais que atuam em praças, parques, áreas verdes e órgãos públicos considerados menos monitorados porque o funcionalismo público, de modo geral, é menos “vigiado” por patrões e chefes se comparado a instituições privadas, por isso, esse grupo foi considerado [-formal].

Segundo Labov ([1972] 2008), *níveis de formalidade* podem ser notados nas interlocuções durante Entrevistas Sociolinguísticas a depender de assuntos ou temas abordados durante seções dialogais. Além disso, outro aspecto a considerar são os ambientes nos quais as pessoas trabalham e permanecem longas horas do seu dia. Eles podem influenciar no repertório linguístico a ser empregado por falantes do PB a depender das exigências locais, hierarquias, papéis sociais distintos e desempenhados, convivência entre pessoas e grupos etc. Devido a essas observações é que os respectivos *níveis de formalidade* foram elaborados, e, assim, puderam ser sistematicamente medidos nas CsPrát. aqui investigadas. As hipóteses testadas foram as seguintes: quanto menos formalidade houver, mais formas relacionadas à série **VOCÊ** seriam favorecidas. Já quando nível formal for maior, usos relacionados à série **TU** seriam favorecidos porque provocaria certa distância entre os interlocutores.

FATORES SOCIAIS

O fator social sexo mediu o comportamento linguístico de homens e mulheres, falantes do PBPOP na cidade de SJC-SP.

1) SEXO DO FALANTE

Quadro 27: Sexo do falante.

FEMININO
MASCULINO

Segundo a literatura sociolinguística, mulheres e homens não falam do mesmo modo como apontaram alguns autores (RODRIGUES, 1987; CHRISTIAN E FERRO, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004). Mulheres tendem a dar preferência ao uso de formas “padrão-culto”, já que em algumas sociedades elas são responsáveis pela educação dos filhos (LABOV [1972] 2008; PAIVA, 2007). Em contrapartida, outros estudos labovianos apontaram que mulheres preferem propagar formas *não padrão*, pois são modelos linguísticos prestigiados em sua respectiva CF. Nesse sentido, está em Rodrigues (1987) que, principalmente, mulheres de origem nordestina, tendem a prestigiar o uso da *não concordância verbal* em suas atividades linguísticas cotidianas em favelas da capital paulista. Em contrapartida, homens tendem a trazer novas formas linguísticas para o seu convívio social, adquiridas pelo uso diário no trabalho fora dos limites de seus lares e bairros, evidenciando, assim, adaptação às novas circunstâncias e situações vividas em grandes metrópoles, diferenciando-as de antigos costumes oriundos de suas comunidades de procedência. Sob essa perspectiva, homens procuraram adaptar seu repertório léxicogramatical para conquistarem e manterem-se no mercado de trabalho. Mulheres, moradoras dessas comunidades (antigas favelas), a maioria donas-de-casa ou praticantes de trabalhos temporários (bicos) nas imediações das comunidades nas quais residiam, tendiam a não praticar concordância verbal com *o sujeito* mesmo assistindo a programas televisivos diários que, por sua vez, privilegiam usos da norma padrão. De acordo com Paiva (1997), falantes do sexo feminino, acima de 50 anos, tendem a falar variantes prestigiadas (norma padrão) e, nesse sentido, segundo a autora, homens são mais reservados em relação à linguagem divulgada em mídias televisivas. Entretanto, conforme relatado, mulheres em favelas paulistanas, apesar de estarem expostas a longos períodos de tempo à televisão, praticavam com mais frequência e regularidade a não concordância verbal conforme apontaram os resultados de Rodrigues (1987).

Nos dias atuais, há que se considerar que estudos voltados para práticas comportamentais incluem, além de usos linguísticos, vestimentas, gestos, modos comportamentais etc. Isto quer dizer que, em sociedades em transformação, muitas pesquisas sociais discutem de maneira mais ampla o comportamento de homens e mulheres, verificando diferenças entre *gêneros*. Essa ideia parte do pressuposto de que *gênero* não corresponde só a *sexo*, se homem ou se mulher prestigia mais uma variedade linguística que outra, mas esse estudo se refere a comportamentos humanos que tendem a ser distintos por motivações diversas. Assim, essas pesquisas estudam diferenças comportamentais e atitudinais adotados por homens e mulheres em certas CsFal., situadas em grandes metrópoles americanas entre outras espalhadas pelo mundo, consideram aspectos de certos processos de socialização entre homens e mulheres na dinâmica social e linguística, motivados pela mobilidade social. Desse modo, mobilidade social se caracteriza de maneiras diferenciadas em cada CF sob investigação (ECKERT, 2012; LABOV, 2010). Nesse sentido, as hipóteses testadas foram as seguintes: homens usariam mais formas voltadas ao **TU** para provocar certo distanciamento entre documentadora e interlocutor. Mulheres usariam mais as formas relativas ao **VOCÊ** aproximando as interlocutoras das cenas interlocutivas.

2) FATOR FAIXA ETÁRIA

O fator social *faixa etária* foi elaborado baseado em trabalhos sociolinguísticos. Labov ([1972] 2008) revelou que em Nova York, por exemplo, jovens tinham um comportamento diferente e novo em relação às pessoas mais velhas conforme já citado. Nesse sentido, os trabalhos voltados a estudos de *tempo aparente* e *tempo real*, por exemplo, são importantes ferramentas metodológicas para se descobrir *mudanças* e/ou *estabilidade* no indivíduo (estudo de painel) e na Comunidade de Fala (estudo de tendência). Assim, percebe-se como *efeitos do tempo*, de modo geral, são refletidos na sociedade e nos indivíduos que praticam certa variedade de língua. Esses efeitos do tempo podem ser medidos através de estudos como os supracitados e testados em várias CsFal. conforme descreveram Labov ([1972] 2008); Paiva e Duarte (2007).

Desse modo, estudos voltados para *o tempo aparente*, por exemplo, sistematizam usos linguísticos de diferentes gerações de pessoas em dada CF em certo período de tempo, e assim, o pesquisador correlaciona essa variável em estudo com a variável linguística observada em falas, quase sempre obtidas através de Entrevistas Sociolinguísticas individuais. Depois de sistematizados esses dados, os resultados poderão indicar **a)** variação estável entre gerações ou **b)** uma possível mudança linguístico-comportamental sob dois aspectos importantes **(i)** mudança real em progresso e **(ii)** uma mudança em relação à faixa etária que ocorre a cada nova

geração de falantes. Assim, dados de crianças, jovens, adultos em diferentes faixas etárias são importantes para se mensurar mudanças e/ou estabilidades linguísticas. Em síntese, *estudos de painel* estudam *o indivíduo e sua história de vida* em diferentes recortes temporais, em média vinte anos entre o primeiro contato e o segundo. Já *estudos de tendência* objetivam investigar a CF através de amostras aleatórias de fala de indivíduos distribuídos em faixas etárias que, por sua vez, podem contemplar crianças, jovens, adultos e idosos, levando em consideração intervalos de tempo (curta e longa duração).

Entretanto, esta presente pesquisa não se insere em nenhum desses estudos voltados para observações temporais mais longas, pois os falantes aqui sob análise foram abordados pela primeira vez. Como também não tive acesso a entrevistas de crianças em diferentes faixas etárias e nem de idosos, um estudo de mudança geracional não foi possível realizar.

A seguir descrevo as três faixas etárias levadas em conta para verificar sua influência no uso dos pronomes relacionados à segunda pessoa do singular:

Quadro 28: Idade do falante.

FAIXA ETÁRIA
de 20 a 36 anos
de 37 a 49 anos
+de 49 anos

Esse fator foi elaborado para averiguar se diferentes faixas etárias apresentariam comportamento linguístico distinto. Desse modo, se a variação for estável *a faixa etária* apresentará uma distribuição das variáveis sem gradação *curvilinear*, isto é, a variação, se assim for apresentada, estaria estabilizada porque essa CF apresentaria padrões linguísticos como um todo sistemático e não modificaria padrões linguísticos, não apresentando, desse modo, mudanças na língua em curso. Já os fenômenos variáveis que apresentam mudanças *em tempo aparente*, conforme propôs Labov ([1972] 2008), ao comparar a língua em diferentes faixas etárias (jovens, idade intermediária e velhos), e se durante essa comparação entre faixas etárias mudanças significativas se apresentarem em relação às variáveis testadas, é sinal de mudança em curso. Sob essa perspectiva, o resultado poderá apresentar mudança linguística *em tempo aparente*, indicando, por sua vez, mudanças em pleno processo de implementação no sistema linguístico de certa CF, geradas, principalmente, por diferenças geracionais, entre elas a faixa etária mais jovem, que, por forças sociais e identitárias, implementa novos hábitos na comunidade e/ou nos grupos dos quais faz parte ou tenta fazer parte, como revelou a pesquisa

de Lucca (2005) no Distrito Federal (DF). Jovens para demarcar território falavam mais **tu** por influência nordestina, já mulheres preferiram utilizar mais **você**.

Como jovens e trabalhadores mais velhos trabalham juntos nas CsPrát. consideradas, a hipótese elaborada foi que independente da faixa etária, todos os populares favoreceriam o uso das formas relacionadas à série **VOCÊ** justamente porque todos os falantes estão no mercado de trabalho e usariam essas formas por não trazerem nenhum tipo de constrangimento e juízo de valor a nenhuma das partes dialogais.

3) PROCEDÊNCIA DOS FALANTES – origem

O fator a ser descrito a seguir é a origem dos falantes. Segundo Labov (2010), citando principalmente trabalhos de Eckert entre outros pesquisadores, falantes se adaptam às circunstâncias e aos grupos de interesse. Sob esse prisma, o fator “Procedência do falante” levou em conta a origem dos populares partícipes desta pesquisa sociolinguística.

Quadro 29: Naturalidade do falante.

PROCEDÊNCIA REGIONAL – origem
São Paulo; Minas Gerais e Paraná
Piauí, Maranhão, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro

Este fator foi pensado para verificar se a origem dos falantes aqui analisados influenciaria o uso dos pronomes considerados. Nem todos os falantes são oriundos de SJC-SP e região, por esse motivo, só fizeram parte das entrevistas falantes que moram há mais de cinco anos na cidade. Assim, falantes oriundos dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná foram agrupados por serem territórios dominados pelo uso do **você**/sujeito conforme mostraram os trabalhos de Nascimento (2011); Gonçalves (2008); Herênio (2006); Menon (1995; 1996); Ramos e Vitral (1999); Loregian-Penkal e Menon (2012). Já em regiões consideradas periféricas (áreas não centrais no mapa geográfico brasileiro) como os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia há o uso variável entre **tu** e **você**/sujeito (SCHERRE *et al* [no prelo]). Essas regiões periféricas foram agrupadas formando um único subfator. No Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, a depender de situações, condições sociais entre outros aspectos, os usos pronominais se alternam entre **tu** e **você** (SOUZA, 2012). Para fins metodológicos, considere as cidades como Rezende e Barra Mansa, ambas situadas no interior do estado do Rio de Janeiro, como locais que alternam usos pronominais de segunda pessoa do singular, por isso incluí essas cidades no

subfator que, por hipótese, praticariam variação das formas pronominais consideradas. A expectativa gerada foi que falantes oriundos de regiões periféricas (Nordeste) usassem mais formas relativas a **TU**. Já a expectativa para os falantes do Sudeste foi que esses falantes usassem mais formas associadas à forma **VOCÊ**, exceção: Estado do Rio de Janeiro.

4) FATOR ESCOLARIDADE

A seguir descrevo o fator escolaridade. Em certos grupos sociais esse fator molda, sobretudo, os padrões de fala a depender de registro, situações discursivo-pragmáticas etc. Nesse sentido, a escola é agência responsável por tentar implantar regras normativas às práticas linguísticas de escolares, principalmente, em escolares de baixa renda, porque eles trazem em seu repertório linguístico modelos em uso de seu convívio social, não praticados por outros segmentos sociais como pessoas mais letradas, cuja experiência com modelos escritos é maior. Assim, o fator escolaridade é composto pelos níveis fundamental e médio como poderá ser observado a seguir:

Quadro 30: Escolaridade.

NÍVEL ESCOLAR
ENSINO FUNDAMENTAL
ENSINO MÉDIO

Este fator social foi elaborado pelo fato de, a depender de circunstâncias de vida, populares estudarem só até certo nível escolar, pois interromperam seus estudos por motivos diversos. Muitas vezes, populares nem chegam a entrar em escolas, cursos profissionalizantes e universidades pela falta de acesso e condições. Por considerar a cidade de SJC-SP atrativa no que se refere a empregos em várias áreas do conhecimento, o natural seria que falantes com nível fundamental “misturassem” mais as formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular e pessoas com nível médio de escolaridade “misturassem” menos as formas em questão, porque a escola, de modo geral, propaga e defende a simetria de empregos pronominais relacionados às três pessoas gramaticais (capítulo 1). Saliento que analfabetos não encontrei em nenhum lugar que visitei pelo fato de empresas e instituições públicas em geral exigirem algum grau de escolaridade mínima.

Desse modo, o objetivo desse fator foi medir se o nível escolar motivaria ou não o uso das formas pronominais em questão. Os populares não têm em modelos escritos suporte para embasar a sua fala. Seu suporte comunicativo é a modalidade oral, livre de preocupações normativas. Isto quer dizer que populares, baixa renda, não “se sentem” pressionados pelo

mercado de trabalho a se expressarem de modos diferentes de usos habituais, pois seus postos de trabalho não exigem desse segmento social modelos sofisticados ou padrões linguísticos mais refinados, conforme regularidades de variedades cultas do PB. Por fim, populares se adequariam às normas linguísticas prestigiadas por grupos sociais ou por CsPrát. com o intuito de serem aceitos. Saliento que todos os entrevistados são “de baixa renda” e frequentaram bancos escolares por anos irregulares.¹⁵⁸ Nas entrevistas e nas fichas sociais dados sobre escolaridade, profissão, bairro onde mora, origem etc. foram registrados. Esclareço também que não só a falta de escolaridade determinaria se o falante é popular ou não, mas melhores condições sociais, vivências socioculturais diversas, oportunidades diferentes do que só trabalhar para sobreviver auxiliariam falantes a se expressarem não só utilizando variedades populares (não-padrão). Como grande parte dos entrevistados descreveu seu cotidiano em rotinas de trabalho, afazeres domésticos e quase não tem oportunidades de frequentar atividades socioculturais diversas, eu considere os entrevistados como representantes do PBPOP falado de SJC-SP. A hipótese aventada para esse fator foi que o nível escolar não exerceria influência no uso de uma forma ou outra.

CONTROLE DO INDIVÍDUO

Por fim, controlei o número dos indivíduos partícipes das ESSDs consideradas. Medir as variantes utilizadas na boca de cada falante me fez compreender que cada usuário do PB traz em si sua história pessoal, familiar e coletiva. Assim, o controle da variável indivíduo¹⁵⁹ se fez necessária para verificar o quanto o falante reflete o comportamento linguístico do grupo do qual é membro e se sente pertencente. Cada falante recebeu um código estatisticamente processado pelo Pacote Estatístico Goldvarb X e, desse modo, pude controlar os entrevistados que variaram as formas pronominais de segunda pessoa do singular e os que não variaram as formas em análise. Foram eliminados os dados categóricos, isto é, os falantes que exibiram um padrão pronominal foram descartados da análise quantitativa. Mas, esses dados categóricos farão parte das análises estatísticas em momento oportuno. Vale dizer que os dados categóricos são do novo modelo do novo paradigma pronominal **você** (sujeito, complemento e possessivos determinantes) não apresentando variação. Por outro lado, falantes com usos só da série **TU** não foram encontrados nas CsPrát. analisadas, embora na cidade de SJC-SP ouço poucas pessoas

¹⁵⁸ Não tive oportunidade de averiguar se no cadastro das empresas esses falantes teriam registros do nível escolar. Os dados sociais que obtive foram registrados nas entrevistas e fichas sociais.

¹⁵⁹ Os indivíduos foram codificados com os seguintes símbolos: n, a, h, x, j, f, 4, 5, 6, l, o, p, w, v, 8, 9, #, *, !, @, \$, +, §, &, Ç, e, i, y, ~, u, t, R, ç, A, O, 3, 2, b, 1, D, N, Â, K, Z, ç, C, Q, q, ´, °, ª, |, G, T, P, J, >, B, E, d, M, V, L, U, X.

falarem **tu** (ruas, transporte público, padarias, calçadas ...). Por hipótese, quase todos os falantes usariam formas associadas ao pronome **VOCÊ** já que estão inseridos em terras dominadas por essa forma mostrando adaptação e adequação à situação interlocutiva.

Como já mencionei em seções anteriores, entrevistei um total de **73** falantes em três CsPrát. Desses **73** falantes, **66** populares foram considerados por terem produzido formas relacionadas às séries **TU** e **VOCÊ** conforme mencionei anteriormente. Os falantes que apresentaram dados categóricos foram eliminados das análises estatísticas contidas no capítulo 4. Saliento também que a lista dos falantes que variam os pronomes analisados serão apresentados em tabela associados a análises de resultados contidos neste capítulo.

4.3 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS DE FALA – sistematizar dados observando o contexto social

A *língua em uso* em determinada CF foi objeto de estudo Labov ([1972] 2008) como já mencionei em capítulos anteriores. No caso do PBPOP falado em SJC-SP, observei e sistematizei a variação entre as formas das séries **VOCÊ** e **TU**, isto é, o conjunto das formas associadas à série **VOCÊ** (sujeito, acusativo e dativo, possessivos determinantes) vs o conjunto de formas ligadas à série **TU** (sujeito, acusativo e dativo, possessivos determinantes) que significam *a mesma coisa no mesmo contexto com o mesmo valor de verdade*, embora esses pronomes exerçam funções gramaticais diferentes como as de *sujeito, objeto e possessivo*. Com a incorporação de variáveis ao sistema da língua, Labov ([1972] 2008) indicou em seus estudos contextos estruturais que favoreciam ou não o uso de dados linguísticos não categóricos. Nesse sentido, se há variação entre dois ou mais itens no sistema da língua, *essas variantes da mesma variável* disputam espaço por significarem *a mesma coisa dentro de um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade*. Além disso, o autor supracitado discutiu a importância de se observar a variação social ou identificar estratos sociais que podem condicionar o uso de uma forma em detrimento de outra como ocorre com a variação entre **tu** e **você** em algumas CsFal. (SCHERRE *et al* [no prelo]). Itens variáveis, nesse sentido, possuem um papel fundamental para a evolução da estrutura linguística porque, com o passar dos tempos, a disputa entre formas tem a tendência de desaparecer para que uma mudança completa se instale na língua de determinada CF. Mas, não afirmo que construções da série **TU** desapareçam definitivamente de todo o território brasileiro porque segundo postularam Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) nem toda variação envolve mudanças linguísticas, mas toda mudança ocorrida na língua implica

variação/heterogeneidade. Assim, defendo que há mudanças ocorrendo no paradigma pronominal de segunda pessoa do singular, principalmente em CsFal. dominadas pelo uso do **VOCÊ**/sujeito. Esse pronome já invadiu construções como “gosto de **VOCÊ**”, “falei de **VOCÊ**” e, por conseguinte, construções da série **TU** como “**de ti**” não são audíveis em CsFal. como São José dos Campos-SP. Em razão dessas regularidades voltadas ao **VOCÊ** na fala de populares, imagino que esse pronome invada de modo paulatino e gradual territórios ainda dominados pela série **TU**, já que construções como “eu **TE** falei” e “eu **TE** levei” variam com estruturas voltadas para o pronome **VOCÊ** como em : “eu falei pra **VOCÊ**” e eu levei **VOCÊ**”.

Sob esse prisma de variação linguística e social, justifico o estudo do PBPOP falado no seu contexto social, a partir de determinada CF. Assim, São José dos Campos-SP acolhe grupos sociais distintos e específicos. O grupo social, observado pelo viés *Comunidades de Prática*, foi falantes populares, oriundos ou não da cidade em questão. Defendo, com base em Moreno Fernández (2012), que qualquer cidade é uma CF que poderá ser observada por vários ângulos metodológicos, um deles é *a noção de CsPrát.* (capítulo 2) que, por sua vez, envolve a observação de esferas sociais. Nesses esferas grupos humanos distintos reúnem-se em torno de um propósito comum: jornadas de trabalho executadas em 6 a 8 horas diárias nas quais falantes praticam sua língua diariamente. Nessa pesquisa, somente trabalhadores braçais, baixa renda, foram considerados. Esses trabalhadores representam uma parcela do PBPOP falado (capítulo 2). Eles exercem atividades como *limpeza de ambientes, jardinagem* etc., serviços pouco remunerados. Além disso, esses populares caracterizam-se pela pouca escolaridade, seu horizonte social e cultural é pouco diversificado, concentrando suas vidas em jornadas de trabalho e convívio familiar, trazendo como consequência o uso de regularidades linguísticas distintas de empregos voltados à fala e escrita cultas.

Esclareço também que devido à necessidade humana de viver em ambientes limpos e organizados, esses falantes estão, obrigatoriamente, infiltrados em várias esferas sociais existentes em cidades brasileiras como *bancos financeiros, prefeituras, universidades* entre outras, mas, nem por isso, esses populares se envolvem por completo com pessoas de segmentos sociais distintos e/ou escolaridade e níveis culturais diversificados. Profissionais que exercem atividades laboriais diferentes das atividades braçais feitas por populações de baixa renda, acabam praticando sua língua de acordo com exigências de *cargos, ofícios* de trabalho e papéis sociais. Já populares mesmo que atuem, por certos momentos em repartições mais formais em seus ambientes de trabalho, distribuídos em esferas sociais distintas, limitam-se a praticar sua variedade linguística popular porque seu ofício diário permanece limitado a um

universo de limpeza de ambientes e manutenção de prédios nos quais há convivência entre esses dois segmentos sociais no mundo corporativo, executivo, financeiro, universitário etc. Essa situação de maior restrição não os obriga a empregar outras variedades linguísticas do PB porque seus ofícios não exigem deles essas competências e habilidades. É preciso salientar que que esses populares realizam seus trabalhos até findá-los, isto é, ao terminarem suas tarefas, esses trabalhadores são direcionados a outros setores e como consequência não são obrigados a falar, escrever e exercitar a língua padrão/culta como mencionei anteriormente.

Em razão do que expus até este momento, justifico meu propósito em estudar a língua popular no seu contexto de uso para recontar a história do PB, mesmo que seja um recorte pequeno desse universo linguístico. Saliento também que esse universo linguístico é que recheia escolas, principalmente as públicas, e, atualmente, esse mesmo público invade cursos técnicos diversos e frequente, ainda com baixo número de estudantes, universidades brasileiras (federais, estaduais e privadas) levando essas instituições a trabalhar com variedades linguísticas existentes no PB.

Para realizar um trabalho quantitativo de análise de fatos linguísticos, após a coleta e transcrição dos dados de fala, realizei a codificação de dados linguísticos seguindo a lista de grupos de fatores previamente elaborados conforme consta na seção anterior. A seguir esclareço critérios de seleção das variantes consideradas.

EXCLUSÃO DE DADOS DAS ANÁLISES

As variantes analisadas nesta pesquisa foram as formas ligadas às séries **TU** e **VOCÊ** como explicitiei anteriormente. Esclareço também que outros usos sociais como **o/a senhor/a**, **zero/nulo no início de frase** e **sujeito nulo** também foram expressões empregadas pelos populares analisados e que apontam para o interlocutor. Todavia, esses dados foram excluídos das análises por ocorrerem pouco como os casos de **senhor/a** ou por serem ocorrências linguísticas não contempladas como objeto de estudo nesta pesquisa. Além disso, exclui objetos nulos e marcadores disucusivos como exemplificarei na sequência desse texto.

Nos excertos de fala a seguir há a exibição das formas que não fizeram parte das análises de dados:

(113) **FAL 1:** Ø **Sabe**, hoje em dia você consegue perceber isso nos dias de hoje, Ø **sabe?**

(114) **DOC.:** Como eu faço para i pro teu bairro?

FAL 1.: Ø vai até lá perto da igreja, aí Ø pega o Campos de São José, aí Ø pega ele pra andá. [...] e agora esse que Ø pega ali na Rodoviária, ele dá a volta pela Sagrada Família [...] (Mulher, faixa etária intermediária. Ensino Fundamental. Empresa [+/-formal]).

Como os excertos de fala acima mostraram, marcadores discursivos como “Ø sabe”, “Ø entende”, “Ø viu” ... ocorreram com frequência nas falas como *nulos no início de frase*: “Ø vai”, “Ø pega”, “Ø vira” ..., mas foram excluídos das análises porque o analista não sabe de fato qual pronome poderia estar diante desses verbos. A intenção do falante é afetar de algum modo o interlocutor para que a informação seja entendida, mas não há como mensurar quais das formas estaria por trás do uso de *nulos* [zeros], por exemplo. Desse modo fizeram parte das análises as formas pronominais efetivamente realizadas (plenas), pois o estudo aqui proposto foi investigar usos voltados à “mistura” entre formas do antigo e novo paradigma pronominal. Justifico que discussões sobre sujeito preenchido e nulo não foram aqui privilegiadas para fins de estudo e análises estatísticas, mas, quando houve necessidade de explicitar certas propriedades do PB como o fato de mudanças terem ocorrido nos sistemas pronominal e verbal. Essas mudanças trouxeram como consequência a tendência de o PB manifestar uma ordem mais direta de palavras: **SVO** (DUARTE, 1995) que está associada também à queda de clíticos e ganhos de formas pronominais como, por exemplo, a presença de pronomes tônicos em posição objetiva (“eu vi **ele**”).

FORMAS EMITIDAS COM HESITAÇÃO E CONSTRUÇÕES NÃO USUAIS EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS -SP

Formas emitidas com hesitação, mas que não finalizaram pensamentos nem indicam indícios de escolhas entre uma forma e outra conforme seguem os segmentos de fala extraídos das ESSDs:

(a) pra você ..., (b) você ... é ..., (c) você ..., (d) ehh, você ..., (e) cê ... cê ...

Esses tipos de dados foram excluídos das análises.

As construções **pra ti**, **de ti**, **em ti**, **contigo** não são audíveis em SJC-SP porque nesses ambientes o pronome **você** já conquistou seu espaço de modo exclusivo. Assim, construções como “eu gosto de **VOCÊ**” e “falei de **VOCÊ** ontem”, por exemplo, são estruturas muito frequentes na cidade e em razão dessas regularidades construções que apresentaram “**pra você**”, “**com você**”, “**de você**” etc. não fizeram parte das análises estatísticas justamente por não

existir variação. Na cidade, essas construções não são usuais, salvo exceções situacionais nas quais pessoas de outros estados, por exemplo, emitem construções do antigo paradigma como **tu/sujeito, contigo/oblíquo** etc. A seguir transcrevi excertos de fala, extraídos das ESSDs, que exibem dados excluídos das análises estatísticas e respectivas análises.

(115) **FAL 1** – [...] eu tive uma infância gostosa ... hoje em dia não dá pra você saí na rua senão o carro **Ø** pega **Ø**¹⁶⁰ ... bate **EM VOCÊ** ... não dá ... (Mulher. Faixa etária jovem. Ensino Médio completo. Locais Alternativos [-formal]).

(116) **FAL 1** – Então você era vendido como moeda, como coisa, que se você fugisse, **VOCÊ** ... os cangaceiro ia atrás **de você**, você tinha que voltá, não existia liberdade **PRA VOCÊ**.

[...]

(117) **FAL 1** – mas elis cuidam ... lá tem assistente social ... tudo. Agora nos marronzinho ...o negócio é o seguinte: se dé um treco **EM VOCÊ**, tu morre lá dentro até acionar ou até chamá ... elis chamam ... mas elis não te dão medicamento [...] Elis dexa **Ø** entrá ... **Ø** vai caí ... cê entendeu? (Homem. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto. Locais Alternativos [-formal]).

Os excertos de fala descritos mostram que a forma **você/sujeito** invadiu espaços dominados pela série **TU**. Em SJC-SP, por exemplo, não ocorrem dados como “se dé um treco **em ti**”, “os cangaceiro correm atrás **de ti**”, “não existia liberdade **pra ti**”. Do mesmo modo, não ocorre “**vou contigo**” nas falas examinadas. Essas construções relacionadas ao **você** fornecem pistas bem evidentes de que essa forma penetrou nesses territórios sintáticos de tal maneira que atualmente **VOCÊ** é uso exclusivo. Logo, sua regularidade nesses contextos provocou o desuso de várias formas da série **TU** como citei anteriormente. Essa situação corrobora a visão calcada no *saber cumulativo do homem*, isto é, o falante introduz novidades linguísticas, seu grupo de semelhantes as aceita e as espalha (TOMASELLO, 2003). Além disso, essas novidades são motivadas e direcionadas para dentro da gramática em razão de regularidades de *itens obsoletos* associados a *altos percentuais de uso* conforme defende, em outras palavras, Bybee (2003 a, b).

De acordo com os excertos de fala já exibidos ao longo desse trabalho, tanto **tu/sujeito** quanto **te/complemento** e **teu/a/possessivos** ocorrem no PB de modo variável, isto é, ainda disputam espaços com as novas formas relacionadas à série **VOCÊ**, mostrando que há a convivência entre formas antigas e novas. Todavia, há CsFal. que já não variam mais pronomes de segunda pessoa em alguns contextos sintáticos conforme mencionei. Essa constatação de fatos corrobora minha hipótese de que *o uso variável* entre formas relativas a **você** e **tu** estejam desaparecendo em CsFal. nas quais a forma primeira para tratar o interlocutor é **VOCÊ** a exemplo da cidade de SJC-SP. Apesar de muitos de seus habitantes serem de regiões falantes do pronome **tu/sujeito** como *Sul, Norte e Nordeste*, esses fatos ligados à série **TU** quando ocorrem, acontecem de

¹⁶⁰ Dado também não analisado, pois o analista não sabe qual a forma pronominal que poderia ser complemento do verbo em questão.

modo restrito conforme traços herdados de comportamentos sociais antigos (capítulo 1) razão pela qual defendo que *o saber e as experiências humanas* são práticas cumulativas, motivando, assim, a convivência entre *velhas* e *novas* estruturas, e, por conseguinte, alimentam a sócio-gramática do PB atual (capítulo 3).

4.4 DISCUSSÕES, ANÁLISES DE DADOS E RESULTADOS – grupos de fatores controlados, etapas estatísticas *prévias* e *finais*

Com o propósito de averiguar o comportamento das variantes em questão na fala de populares, instalados em SJC-SP, elaborei duas amostras estatísticas prévias do total de dados encontrados nas ESSDs que, por sua vez, serviram de base para discutir, analisar dados e fatores relacionados às variantes em estudo. Desse modo, além da variável dependente (formas da série **VOCÊ** vs formas da série **TU**), há *variáveis independentes* controladas como possíveis condicionadores linguísticos em todos os três momentos estatísticos, subdivididos em *fatores linguísticos* e *extralinguísticos*. Nos fatores extralinguísticos, pressões sociais como *sexo, faixa etária, escolaridade e procedência dos falantes* foram incluídas conforme sugere a literatura sociolinguística. Além disso, *pressões discursivo-pragmáticas* e *situacionais*, consideradas como fatores extralinguísticos, também compõem o conjunto de forças que poderão ou não condicionar as variantes investigadas.

Desse modo, com base em diversas pesquisas citadas ao longo desse trabalho, os grupos de fatores controlados neste trabalho foram: **a)** Fatores Linguísticos e **b)** Fatores Extralinguísticos subdivididos em *fatores sociais, discursivo-pragmáticos* e *controle do indivíduo*. Assim, os fatores linguísticos considerados foram os seguintes:

- a)** Função das formas pronominais (sujeito, complemento e possessivos),
- b)** Antecedentes (paralelismo entre formas),
- c)** Estratégias referenciais e
- d)** Modalização.

Dentre os fatores sociais foram controlados:

- a)** Sexo do falante (homem e mulher),
- b)** Faixa etária (jovem, intermediária e mais velhos),
- c)** Procedência do falante **(i)** São Paulo, Minas Gerais e Paraná e **(ii)** Piauí, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro,

d) Nível escolar (Fundamental e Médio).

Fizeram parte dos fatores discursivo-pragmáticos e situacionais quatro grupos:

- a)** De quem para quem? (de popular para documentadora e de popular para popular),
- b)** Presença e ausência de “iguais linguísticos e sociais” (auditório),
- c)** Fator interacional entre sexos – pares distintos e
- d)** Níveis de formalidade ([+formal], [+/-formal] e [-formal]). Por fim, controlei a produção linguística de cada indivíduo.

Nas seções seguintes, há os resultados dos três momentos estatísticos mencionados anteriormente. Esclareço que esses resultados fazem parte de rodadas estatísticas separadas, isto é, primeiramente rodei no programa *Goldvarb X* apenas **530** dados, por conseguinte, elaborei gráfico e tabelas. Depois, rodei estatisticamente **851** dados, elaborei gráfico e tabelas. Na última etapa estatística com **1.444** procedi da mesma maneira.

4.4.1 PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES ESTATÍSTICAS – análises e resultados

Dessa primeira etapa, apenas **22** falantes foram escolhidos aleatoriamente. Em seguida, os dados de fala produzidos por esses populares foram analisados e tratados pelo programa *Goldvarb X*. Esses falantes produziram **530** dados linguísticos e os fatores selecionados como importantes foram:

- a)** Função dos pronomes relacionados à segunda pessoa do singular
- b)** Estratégias referenciais
- c)** *Frames* – molduras discursivas, além de *o controle de cada falante*, explicitado somente na terceira etapa estatística por permanecer importante em todas as fases estatísticas consideradas, além do fator *função dos pronomes*.

Os resultados gerais desta prévia leitura de dados apontam que as formas associadas à série **VOCÊ** são as mais empregadas pelos populares em questão: **92%** em detrimento das formas ligadas ao **TU** (**8%**). Entretanto, especificamente percentuais revelam que **você** predomina na cidade de SJC-SP na função de sujeito, já formas antigas associadas ao pronome **TU** atuam no PBPOP falado como predominante na função de objeto (acusativo e dativo). Para obter resultados de frequência de uso e pesos relativos eliminei os contextos de realização categórica

(*nocautes*)¹⁶¹. Desse modo, o grupo de fatores *modalização* foi excluído da segunda rodada estatística porque um dos três subfatores considerados desse fator apresentou dados categóricos, (perguntas) não havendo, assim, necessidade de contabilizar as variantes dos outros subfatores por não apresentarem força significativa ou condicionante às formas em estudo.

A seguir apresentarei tabelas e gráfico dos primeiros resultados relacionados aos dados considerados sobre o fenômeno *segunda pessoa do singular no PBPOP de São José dos Campos – SP (SJC-SP)*:

Obs.: total geral.

Para medir as formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular (**VOCÊ E TU**) na fala popular de SJC-SP measurei as funções de *sujeito*, *complemento acusativo* e *dativo*, e *possessivos determinantes* através do tratamento Estatístico Goldvarb X. Vale lembrar que o pronome **você**, além de dominar a *função de sujeito*, já tomou conta do contexto *objeto indireto* como em: “gosto de **você**”; “falaram de **você**”, por exemplo, uso categórico principalmente no PB falado do Sudeste brasileiro, pois nessas terras usos da série **tu** como **ti** e **contigo** quase não ocorrem, exceto exceções, como já relatei anteriormente ao citar, entre outros trabalhos, Mota (2008), Gonçalves (2008) e Herênio (2006).

Dos **530** dados produzidos por esses **22** populares escolhidos de modo aleatório, grande parte desses itens está relacionada ao **VOCÊ**, principalmente na função de sujeito como já mencionei. Para exemplificar, os excertos de fala a seguir exibem as funções dos pronomes considerados nessa análise linguística e comportamental da cidade SJC-SP:

¹⁶¹ *Nocautes* são usos categóricos, isto é, quando não há variação entre um item e outro, o sistema Goldvarb X indica *nocautes* ou 100% de usos. *Nocautes* significam realização categórica de um item.

Função de sujeito

(118) **FAL 2** - A gente tem nosso encontro. Tem pessoas que falam pra você “**VOCÊ** não quer trabalhar?”. Ai **VOCÊ** fica ali de uma forma i **VOCÊ** sozinha e a outra i fala assim “é o seu serviço” ... eu acho assim **VOCÊ** tem qui ... (Local Alternativo [-formal]. Mulher. Faixa etária jovem. Ensino Fundamental completo. Oriunda do Paraná-PR).

(119) **FAL 1** – tudu dependi da pessoa ... **VOCÊ** ... o dia qui **VOCÊ** num tá controlado **VOCÊ** tem qui mantê [...] eu sou tranquilo, eu sou sussegadu. (Homem. Local Alternativo [-formal]. Faixa etária intermediária. Ensino Fundamental completo. Oriundo de SJC-SP).

(120) **FAL 1** – **CÊ** num foi, si **VOCÊ** não tentá **CÊ** nunca vai sabê. (Mulher. Faixa etária intermediária. Ensino Fundamental incompleto. Universidade e escola [+formal]). Oriunda de SJC-SP).

Função acusativa

(121) **FAL 1** – você vai compará **VOCÊ** comigo? Você foi crescendo de acordo com o que foi acontecendo. (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto. Local Alternativo [-formal]. Oriunda da cidade de Recife-PE).

(122) **FAL 1** – Exatamente. Diferente de uma outra pessoa qui vai lá pra julgá a necessidade dela. Então eli tava estudando aqui porque eli vai ter uma vida melhor ou ela tem uma vida melhor ... não porque ela qué fazê aquilo. Mesma coisa a professora, si você pegá uma professora boa, ela vai passar matéria, ela te explica mil vezes, ela **TE** ajuda. (Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto. Universidade e escola [+formal]. Oriundo do Paraná-PR).

Função dativa (bitransitivo)

(123) **FAL 1** – isso, eu **TE** vendo ele (botijão de gás) i mais o certo é ter um para trabalhá.

[...]

FAL 1 – eu vou **TE** falar a verdade. O meu lazer é trabalhá o jeito qui eu trabalho, fazê us meu biquinho diário i nas horas vagas qui eu não tenho o qui fazer, tocá a minha sanfona. (Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto. Local Alternativa [-formal]. Oriundo de SJC-SP).

(124) [...] **FAL 1** – então o que qui eu tô **TE** falandu ... o que qui a genti tá falanu aí? Por que qui ... o que qui eu falei **PRA VOCÊ** qui o estudo é bom. De agora pra frenti. Que as pessoa si conscientizu disso aí ... contribui fazenu certo. Agora ... quem ficou pra trás eu acho qui tem qui tê uma oportunidade sim. [...] (Mulher. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental incompleto. Local Alternativo [-formal]. Oriunda da cidade de Recife-PE).

Função possessiva determinante

(125) **FAL 2** – é. “Hoje você vai na casa da **SUA** mãe”. (Mulher. Faixa etária intermediária. Ensino Médio completo. Universidade e escola [+formal]. Oriunda de SJC-SP).

(126) **FAL 2** – isso é do problema financeiro ... vamu supor aqui nesse papel **SEU** aqui é

DOC – é o terreno

FAL 2 – é o terreno di meio lote só ... você tem aqui ... você construiu a **SUA** casa aqui, e sobrou aqui no fundu éhhhhh seis metros ... então vai casá o filho éhhhhh daqui até o fim sobrou cem metro aí o filho resolve casá i tá

apertado i faiz dois comodozinho no fundo qui si chama edícola (Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo. Local Alternativo [-formal]. Oriundo de SJC-SP).

Como toda investigação Sociolinguística gera expectativas, aventei as seguintes hipóteses específicas: **(i) VOCÊ** na função de sujeito seria forma favorecida; **(ii)** nas funções de objeto (acusativo e dativo) **TE** seria favorecido e **(iii)** as formas possessivas **SEU/SUA** seriam favorecidas. Essas hipóteses se confirmaram conforme os resultados apresentados a seguir.

FUNÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS

A tabela 1 exibe taxas de uso do fenômeno sob análise nas funções de *sujeito*, *complemento* e *possessivos determinantes*:

Tabela 1: Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular.

FUNÇÃO DAS FORMAS/ VARIÁVEIS	FORMAS RELATIVAS À SÉRIE VOCÊ (você, você, pra você, seu/sua)			FORMAS RELATIVAS À SÉRIE TU (tu, te, te, teu/tua)		
		%	P.R.		%	P.R.
SUJEITO	434/435	99	0,770	1/435	01	0,230
ACUSATIVO	15/32	46	0,001	17/32	53	0,999
DATIVO	6/28	21	0,000	22/28	78	1,000
POSSESSIVOS DETERMINANTES	34/35	97	0,103	1/35	02	0,897
PARCIAL/TOTAL	489/530	92		41/530	08	

Obs.: funções dos pronomes VOCÊ E TU. *Log-Likelihood*= -37,057 *Significance*=0,018. *Input*: 0,999.

Essas taxas mostram que formas pronominais do antigo paradigma pronominal e do novo convivem na fala popular de SJC-SP atualmente. Assim, essas ocorrências refletem as condições de uso desses elementos na fala popular, ou seja, reflete como esses falantes usam em suas CsPrát. as formas relacionadas ao *sujeito*, *complementos* e *possessivos determinantes*, considerados variantes da mesma variável por dizerem a mesma coisa, apesar de exercerem funções gramaticais distintas em enunciados do PB.

Apesar de SJC-SP ser uma terra na qual predomina o uso do **você**/sujeito como forma primeira para tratar o interlocutor, formas do antigo paradigma pronominal ainda sobrevivem em espaços nos quais o pronome **você** penetra de maneira paulatina. Os resultados apontaram o uso do **você** como praticamente exclusivo na função de sujeito: **434** ocorrências, 99% de frequência de uso e 0,770 de peso relativo (P.R.) em detrimento do uso de **tu**/sujeito. Contudo, nas funções completivas, as formas correferentes ao *sujeito* **VOCÊ**, correspondentes lineares do antigo paradigma **TU**, foram itens privilegiados. Assim, as **22** ocorrências da função dativa

(bitransitivo) obtiveram 78% de frequência de uso e P. R. de 1,000. Em função acusativa, a frequência de uso do átono **te** atingiu 53% com **17** ocorrências e obteve P.R. de 0,999. Esses altos valores obtidos por pesos relativos dizem respeito à alta probabilidade de uso dessas relíquias pronominais que antecedem formas verbais, isto é, há *um estresse* envolvendo usos nas funções *acusativa* e *dativa*, motivando o surgimento de novos usos: *formas de reparo VOCÊ*.

Esses resultados apontam que há uma diminuição do leque de opções pronominais. Isto quer dizer que enquanto **VOCÊ**/sujeito é praticamente exclusivo por quase não ocorrer o pronome **tu** nessa função, nas funções objetivas *acusativa* e *dativa* o obsoleto **TE** é favorecido. Ressalto que é uso categórico, na cidade, o pronome **VOCÊ** ligado a verbos transitivos indiretos como, por exemplo, em: “gosto **DE VOCÊ**”. O uso do pronome **VOCÊ** nesse contexto sintático é a única opção para o falante emitir o objeto porque a forma **ti** não é usual na cidade, afetando outros usos como “esse cheiro tá **EM VOCÊ**”, “vou **COM VOCÊ**” conforme já relatei. Assim, defendo, com base nesses resultados que **você** como complemento está penetrando no PBPOP falado do interior paulista de modo gradual, isto é, a entrada e penetração desse novo pronome nos contextos considerados afetam aos poucos esses ambientes nos quais ocorrem formas ligadas à série **TU**. Não à toa que as frequências de uso e pesos relativos apontaram índices baixos no que se refere à entrada do pronome **você** em função objetiva (46% e PR 0,001 para o acusativo e 21% e PR 0,000 para o dativo). Esses percentuais de usos mostram que *o presente falado reflete o passado*, já que o PB há séculos apresenta “mistura tratamental” (LOPES E CAVALCANTE, 2011) e consequente “instabilidade gramatical” (FARACO, 1996), corroborando a noção que o saber e as práticas vividas por falantes são experiências cumulativas (TOMASELLO, 2003).

Em relação aos possessivos **SEU/A**, em termos de frequência de uso, 97% são formas privilegiadas, entretanto, mesmo com uma ocorrência apenas, o P.R. 0,897 de **teu/a**¹⁶² indica alta probabilidade de uso dessas formas antigas. Isso quer dizer que seu emprego é quase exclusivo levando em consideração frequência de uso e o número de dados. Assim, **34** ocorrências são de **seu/a** e apenas uma ocorrência de **teu/a**. Desse modo, os pronomes **você**/sujeito, **te**/acusativo e dativo, e **seu/sua**¹⁶³, itens generalizados, estão *especializados* em

¹⁶² Nessa primeira etapa estatística, houve somente um dado relacionado ao possessivo **TEU/A**. Um dado apenas pode aparecer pouco relevante, mas mesmo assim o PR indicou alta probabilidade de uso da forma.

¹⁶³ **Seu/sua** são possessivos relacionados à segunda pessoa do singular (**você**), formas também *especializadas* que indicam a posse do interlocutor. As formas **dele(s)/dela(s)**, por sua vez, são as formas possessivas correspondentes das 3^{as} pessoas, fato que provocou a *especialização* dos possessivos **seu/sua** para a 2^a pessoa do singular. Na língua culta, porém, os possessivos **SEU/A** continuam sendo usados tanto para a segunda quanto para a terceira pessoas (CASTILHO, 2010; RIBEIRO E TORRES MORAIS, 2014).

suas respectivas funções, diminuindo, por conseguinte, *o leque de outras possibilidades de uso* da série **TU** como comentei anteriormente. Vale mencionar que, de acordo com Castilho (2010), no PB os possessivos nas variedades faladas atuam de modo variável quanto à posição, isto é, ora eles são exibidos após o substantivo ora exibidos antepostos ao nome. Essa mobilidade também ocorria com o clítico **te** em sincronias passadas. Embora nesse *cópus* de fala popular houve, no total de dados, somente duas ocorrências de posposição do item possessivo ao substantivo, pelas ruas da cidade, bares, postos de gasolina etc. é frequente ouvir dados como esses: “a máquina **sua** tá zicada¹⁶⁴”, “o terreno **seu** vale pouco”, por exemplo. Nesse sentido, os possessivos **TEU/A** são contextos de resistência, itens obsoletos ainda sobreviventes no PBPOP falado de SJC-SP, fatos que corroboram as descrições realizadas por Mota (2008) e Herênio (2006) em relação ao uso dessas *reliíquias* ligadas à série **TU** na fala mineira.

ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS

Outro fator selecionado pelo pacote estatístico foi o grupo *estratégias referenciais*. Essas formas ligadas à 2ª pessoa do singular revelaram estratégias relacionadas a *máscaras sociais* utilizadas pelo falante popular para manter o equilíbrio conversacional no *aqui-agora* (momento da entrevista), diante de uma documentadora desconhecida. Além disso, cabe esclarecer aqui que para analisar e discutir resultados prévios, preferi utilizar *divisões referenciais* com base em Goffman ([1967] 2012) por entender que a utilização de formas relacionadas à segunda pessoa do singular tem funções sociais e, assim, os fatos linguísticos dos falantes considerados trouxeram à baila *máscaras sociais*, isto é, o uso de pronomes associados à segunda pessoa do singular, mas que envolvem referentes diversos no desenvolver de conversas (dedins de prosa).

As hipóteses específicas testadas foram as seguintes: (i) o uso do **VOCÊ** com referência genérica será privilegiado em detrimento de formas voltadas para a série **TU**; (ii) os usos das séries **VOCÊ** e **TU** serão favorecidos quando os referentes forem **P2 determinado/receptor** e *determinado reportado/receptor*; (iii) já a referência *eu/self* será favorecida envolvendo formas da série **VOCÊ** quando a intenção do falante for falar sobre si mesmo.

A tabela 2 abaixo exhibe os índices em uso em relação aos pronomes e significados envolvidos em *estruturas de significação*:

¹⁶⁴ Zicada (com defeito, quebrada).

Tabela 2: Estratégias referencias.

FACES/VARIÁVEIS	FORMAS RELATIVAS À SÉRIE VOCÊ			FORMAS RELATIVAS À SÉRIE TU		
		%	P.R.		%	P.R.
GENÉRICO	163/173	94	0,330	10/173	05	0,670
DETERMINADO	180/194	92	0,869	14/194	07	0,131
REPORTADO DETERMINADO	93/104	89	0,346	11/104	10	0,654
EU/SELF	53/59	89	0,047	6/59	10	0,953
PARCIAL/TOTAL	489/530	92		41/530	08	

Obs.: uso determinado e expansão da referência através de máscaras sociais. *Log-Likelihood*= - 37, 057 *Significance*=0,018. *Input*: 0,999.

Como estratégia metodológica, o objetivo matemático em relação a análises estatísticas foi medir *máscaras sociais* (construção social) associadas a estratégias referenciais usadas por esses falantes em atividades face a face conforme discuti no capítulo 3. Na verdade, esses pronomes empregados no jogo dialogal evocam *nuanças referenciais* a depender de *intenções dos falantes, objetivos das conversas etc.* Além disso, essas estratégias revelam que esses falantes são *atores sociais* e *agentes estilísticos* por natureza, afetados de um modo ou de outro por forças externas à língua. Essas motivações extralinguísticas, por conseguinte, impulsionam o homem a evoluir, moldando também a estrutura linguística de sua CF.

As hipóteses descritas acima se confirmaram de modo parcial conforme mostraram os resultados descritos na tabela 2. A *referência genérica* foi eleita como a face preferencial desses populares que, por sua vez, tem o intuito de defender *o próprio self* e *a face do outro* ao empregar essa estratégia mais ampla de significação. Esse uso genérico obteve **163** ocorrências, 94% de frequência de uso, embora o P.R. de 0,330 indique probabilidade de uso relativamente menor. Por outro lado, houve somente **10** ocorrências das formas relacionadas à série **TU**, obtendo 5% de frequência de uso apenas, mas o P. R. de 0,670 indica alta probabilidade de uso. Já o emprego *dêitico/determinado* seria uma das maneiras que o falante tem para proteger o sagrado *self*. Nesse sentido, **VOCÊ** com referente (**P2**) seria uma espécie de bisturi, pois ao mencionar o pronome **você**, o falante invade *o território do ouvinte* exigindo que essa parte do diálogo se pronuncie já que foi designado a responder ou a se manifestar. Esse modo de invadir o terreno do interlocutor (**P2**) obteve 92% de frequência de uso e P. R. de 0, 869 com **180** ocorrências das formas relacionadas à série **VOCÊ** em detrimento das formas voltadas à série **TU** que, por sua vez, obtiveram frequência de uso e P. R. baixos (07% e 0,131) com apenas **11** ocorrências. Isso quer dizer que, apesar de as ESSDs serem semiformais e semidirigidas, elas

propiciaram o uso de formas relacionadas à segunda pessoa do singular com *significado determinado* pelo fato de os interactantes se sentirem à vontade para apontar o ouvinte (**P2**) na atividade discursiva proposta. Assim, o método de confrontar mais de um entrevistado por seção atingiu o objetivo de fazer emergir dados de natureza dêitica voltados para o interlocutor, dados difíceis de serem capturados.

Já o uso do *referente reportado* seria outra maneira dêitica de referir o *outro/receptor* (**P2**) em situação extra do *aqui-agora* (momento da entrevista). Essa extrapolação do referente no aqui-agora atingiu o P.R. de 0,346 e 89% de frequência de uso junto de outra *metáfora estratégica* o uso do **VOCÊ** com valor referencial de *eu/self*. Isto quer dizer, na verdade, que o falante se expõe sob a metáfora da forma **você**, defendendo o *próprio self*, escondido sob à vestimenta desse pronome que, por sua vez, generaliza-se em funções tanto sintáticas quanto semânticas. Nesse sentido, a referência reportada obteve 89% de frequência de uso e peso relativo de 0,346 com **93** ocorrências em detrimento do uso das formas associadas à série **TU** que obtiveram 10% de frequência de uso, embora o P.R. tenha atingido valor alto 0,654, indicando que seu emprego tem probabilidade alta para ocorrer. Já o referente *eu/self* atingiu 89% de frequência de uso com **53** ocorrências relacionadas às formas da série **VOCÊ** e P.R. 0,047 em detrimento das formas relacionadas ao **TU** que tiveram apenas **6** ocorrências e 10% de frequência de uso, embora o P.R. de 0,953 indique alta probabilidade de emprego. Esses altos índices em uso revelam que o falante mantém, de maneira multifacetada, o equilíbrio em conversas *face a face* conforme defende Goffman ([1967] 2012) no que concerne a situações interlocutivas públicas e privadas, exigindo, por conseguinte, a quebra de faces (ou mudança referencial) entre interlocutores na medida em que assuntos forem tratados, debatidos etc.

CRUZAMENTO ESTATÍSTICO ENTRE FATORES

Para melhor confrontar os resultados apresentados nas tabelas acima, a tabela a seguir exhibe *cruzamentos* entre dados e resultados obtidos nesta primeira amostra estatística. Assim, a tabela 3 apresenta o cruzamento entre *a função de cada uma das formas pronominais* investigadas junto dos dados e índices relacionados às *estratégias referenciais* consideradas:

Tabela 3: Cruzamento dos fatores estratégias referenciais e funções dos pronomes de 2ª p. do singular.

ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS/ FUNÇÃO DOS PRONOMES	SUJEITO	ACUSATIVO	DATIVO	POSSESSIVO	TOTAL
DETERMINADO	VOCÊ 154 100% TU -	VOCÊ 09 82% TU 02 18%	VOCÊ 04 25% TU 12 75%	SEU/SUA 13 100% TEU/TUA	180 93% 14 07% 194 100%
EU/SELF	VOCÊ 50 98% TU 01 02%	VOCÊ 0 TU 03 100 %	VOCÊ 0 TU 02 100%	SEU/SUA 03 100% TEU/TUA -	53 90% 06 10% 59 100%
GENÉRICO	VOCÊ 153 100% TU	VOCÊ 04 36% TU 07 64%	VOCÊ 0 TU 03 100%	VOCÊ 06 100% TU -	163 94% 10 06% 173 100%
REFERENTE DETERMINADO REPORTADO	VOCE 77 100% TU -	VOCÊ 02 29% TU 05 71%	VOCÊ 02 29% TU 05 71%	VOCÊ 12 92% TU 01 08%	93 89% 11 10% 104 100%
PARCIAL/ TOTAL	Você=434 Tu=01 TOTAL=435 Você 99% Tu 1%	Você=15 Tu=17 TOTAL=32 Você 47% Tu 53%	Você=06 Tu=22 TOTAL=28 Você 21% Tu 79%	Você=34 Tu=01 TOTAL=35 Você 97% Tu 03%	489/41 530 92/08 %

O cruzamento entre os fatores *estratégias referenciais* e *função dos pronomes de segunda pessoa* mostrou que as hipóteses aventadas foram parcialmente alcançadas. Assim, o uso do **VOCÊ** na função de sujeito com referência *eu/self* com 98% de frequência de uso é forma favorecida. **VOCÊ** também é forma favorecida nas funções de *sujeito* e *acusativo* quando o referente é *determinado* (100% e 82% respectivamente). A função *acusativa genérica* e *referente determinado reportado* favorece o uso da forma **TE** (64% e 71% respectivamente). A função *dativa referente reportado* favorece o uso do **TE** (71%) e o *dativo referente determinado* privilegia o emprego do **TE** (75%). Os pronomes possessivos **SEU/A** foram formas privilegiadas por todos os referentes considerados em detrimento das formas **TEU/A**.

FRAMES – molduras discursivas

Outro grupo de fatores importante para a análise desses **530** dados, escolhidos de modo aleatório, foi o fator *frames* – molduras discursivas. As hipóteses testadas foram as seguintes: **(i)** *frames* com mais de um entrevistado possivelmente favoreçam formas voltadas para a série **VOCÊ**, principalmente com a presença de “iguais linguísticos e sociais”; **(ii)** *frame* com um só entrevistado, formas associadas à série **TU** seriam favorecidas e **(iii)** molduras discursivas com

mais de um entrevistado e sem plateia de “iguais linguísticos e sociais” formas da série **TU** seriam mais empregadas. Conforme Castilho (2010), em terras nas quais o pronome **você** é forma privilegiada, formas voltadas ao **TU** causariam *maior distanciamento* entre os interlocutores. Já em terras nas quais o pronome **tu** predomina, **VOCÊ** causaria *mais distanciamento* entre os partícipes dialogais. Em termos gerais, minhas expectativas são que as formas da série **VOCÊ** sejam favorecidas quando há mais interlocutores envolvidos nas interlocuções assistidas pela audiência de “iguais linguísticos e sociais”. Mas quando há mais restrição no ambiente (cenários interlocutivos sem plateia, por exemplo), formas relacionadas ao **TU** possivelmente seriam mais utilizadas. Os resultados apresentados na tabela a seguir apontam que *com e sem audiência* de “iguais linguísticos e sociais” as formas relacionadas ao **VOCÊ** predominaram, embora as formas relativas ao pronome **tu** tenham encontrado espaço para ocorrer conforme exibem os números na sequência:

Tabela 4: *Frames* - molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”.

FRAMES/VARIÁVEIS	FORMAS RELATIVAS À SÉRIE VOCÊ			FORMAS RELATIVAS À SÉRIE TU		
	%	P.R.		%	P.R.	
3 ENTREVISTADOS + DOC COM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	84/88	95	0,045	04/88	04	0,955
2 ENTREVISTADOS + DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	291/311	93	0,618	20/311	06	0,382
2 ENTREVISTADOS + DOC COM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	83/93	89	0,568	10/93	10	0,432
1 ENTREVISTADO + DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	31/38	81	0,350	07/38	18	0,650
PARCIAL/TOTAL	489/530	92		41/530	08	

Obs.: *Frames* ou molduras discursivas (inter)subjetivas. *Log-Likelihood*= - 37,057. *Significance*=0,018. *Input*: 0,999.

Assim, das **489** ocorrências voltadas para o **VOCÊ**, **84** formas pronominais pertencem à moldura discursiva com três entrevistados, mais documentadora e plateia, **291** ocorrências pertencem ao *frame* dois entrevistados, mais documentadora e ausência de auditório (sem plateia), **83** ocorrências são da moldura discursiva dois entrevistados, mais documentadora e presença de “iguais linguísticos e sociais” (com plateia), somente **31** ocorrências da série **você** são do *frame* um entrevistado junto da documentadora sem a presença de audiência (sem plateia). Os percentuais dizem respeito à frequência de uso, as formas relativas ao **VOCÊ** foram favorecidas em todas as molduras discursivas (95%, 93%, 89% e 81%), entretanto em dois *frames* os pesos relativos (P.R.) apresentaram-se baixos, apontando para o uso das formas associadas a **TU** em molduras discursivas com mais de um entrevistado junto de plateia

(P.R.0,045) e um *frame* com um entrevistado apenas sem audiência (P.R.0,350). As hipóteses foram alçadas de modo parcial, já que auditório parece não interferir no uso das formas consideradas. Os *frames* com dois entrevistados *com* e *sem audiência* obtiveram frequência de uso de pesos relativos aproximados (93% e PR 0,618; 89% e PR 0,568 respectivamente). Além disso, os interlocutores considerados se mantiveram *distantes* ou *próximos* de seus pares conforme mostraram os resultados. Tanto o *frame* com três entrevistados com plateia e quanto o *frame* com um entrevistado sem plateia favoreceu o uso das formas relativas a **TU**. Isso quer dizer que essas formas do antigo paradigma são favorecidas quando os interlocutores pretendem causar certo *distanciamento* entre as partes dialogais, já que estão em terras dominadas pelo **VOCÊ**. Formas relativas à série **VOCÊ** são favorecidas quando falantes querem manter proximidade entre as partes dialogais.

Vale salientar que outros grupos de fatores considerados como *paralelismo*, *frações discursivas*, *níveis de formalidade* e *fatores sociais* não foram selecionados como relevantes pelo pacote estatístico *Goldvarb X*. Na verdade, esses fatores não selecionados pelo pacote estatístico, ao que tudo indica, apontam para a *generalização forma/sentido* da “mistura pronominal” praticada por esses populares em CsPrát. Prova disso é que nem a distinção dessas comunidades por níveis de formalidade não apontou diferenças entre uma CPrát. e outra.

CRUZAMENTO ESTATÍSTICO ENTRE FATORES

As tabelas a seguir cruzam informações de percentuais em uso e reforçam a ideia que as formas analisadas estão *generalizadas* no PBPOP falado em SJC-SP:

Tabela 5: Cruzamento entre os fatores *frames* – molduras discursivas – e a função dos pronomes – formas das séries **VOCÊ** e **TU**.

AUDIÊNCIA/FRAME	SUJEITO	ACUSATIV O	DATIVO	POSSESSIVO	TOTAL
1 ENTREVISTADO SEM AUDIÊNCIA	VOCÊ 25 100% TU -	VOCÊ 0 TU 02 100%	VOCÊ 0 TU 05 100%	VOCÊ 06 100% TU 0	VOCÊ 31 82% TU 07 18%
2 ENTREVISTADOS SEM AUDIÊNCIA	VOCÊ 252 100% TU -	VOCÊ 11 50% TU 11 50%	VOCÊ 04 36% TU 07 64%	VOCÊ 24 96% TU 01 04%	VOCÊ 291 94% TU 20 06%
3 ENTREVISTADOS COM AUDIÊNCIA	VOCÊ 78 100% TU -	VOCÊ 02 40% TU 03 50%	VOCÊ 0 TU 01 100%	VOCÊ 04 100% TU 0	VOCÊ 84 95% TU 04 05%

2 ENTREVISTADOS COM AUDIÊNCIA	VOCÊ 79 100% TU -	VOCÊ 02 07% TU 01 33%	VOCÊ 02 18% TU 09 82%	-----	VOCÊ 83 89% TU 10 11%
PARCIAL/TOTAL	Você=434 Tu=1 TOTAL= 435 Você 99% Tu 1%	Você=15 Tu=17 TOTAL=32 Você 47% Tu 53%	Você=6 Tu=22 TOTAL=28 Você 21 % Tu 79%	Você=34 Tu=1 TOTAL= 35 Você 97% Tu 03%	489/41 530 92/08 %

Como mostra a tabela 5, **VOCÊ** na função de sujeito é uso exclusivo, **100%** de realização, independente se há um ou mais entrevistados *com* ou *sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”*. Situação similar ocorreu com os possessivos **SEU/A**, isto é, os usos voltados para as formas relacionadas ao **você** são maiores. Já o pronome **TE** nas funções de *acusativo* e *dativo* ainda é utilizado independente do número de entrevistados e audiência. Particularmente o dativo **TE** foi a forma mais utilizada em conversas com dois entrevistados sem a presença de “iguais linguísticos e sociais” e “com essa audiência”, apontando, talvez, que **te**, nesse contexto, seja mais resistente que **te** na função *acusativa*. O mesmo ocorre com a entrevista com um só indivíduo, na função *dativa* ocorre mais **TE** do que na função *acusativa*, apesar de ocorrer poucos dados nessa função. Além disso, talvez **te** talvez tenha um caráter mais formal na entrevista com um só entrevistado justamente por provocar distantenciamento entre as partes dialogais em terras dominadas pelo **VOCÊ**/sujeito.

Praticamente a mesma leitura ocorre com o cruzamento entre os fatores *níveis de formalidade das CsPrát.* e *funções dos pronomes* relacionados à segunda pessoa do singular, pois os índices obtidos também traduzem *situação de generalidade* das formas voltadas à série **VOCÊ** principalmente nas funções de *sujeito* e *possessivos (seu/a)* conforme apontam os resultados da tabela 6 a seguir:

Tabela 6: Cruzamento *níveis de formalidade e função dos pronomes de 2ª p. do singular.*

NÍVEIS DE FORMALIDADE	SUJEITO	ACUSATIVO	DATIVO	POSSESSIVO	TOTAL
A EMPRESA [+/- formal]	VOCÊ 194 99% TU 01 01%	VOCÊ 08 53% TU 07 47%	VOCÊ 04 16% TU 21 84%	VOCÊ 09 90% TU 01 10%	VOCÊ 215 88% TU 30 12%
UNIVERSIDADE E ESCOLA	VOCÊ 132	VOCÊ 04	VOCÊ 01	VOCÊ 08	VOCÊ 145

[+formal]	100% TU 0	50% TU 04 50%	50% TU 01 50%	100% TU 0	97% TU 05 03%
LOCAIS ALTERNATIVOS [-formal]	VOCÊ 108 100% TU -	VOCÊ 03 33% TU 06 67%	VOCÊ 01 100% TU -	VOCÊ 17 100% TU -	VOCÊ 129 96% TU 06 04%
PARCIAL/TOTAL	Você=434 Tu=1 TOTAL=435 Você 99% Tu 1%	Você=15 Tu=17 TOTAL=32 Você 47% Tu 53%	Você=06 Tu=22 TOTAL=28 Você 21% Tu 79%	Você=34 Tu=1 TOTAL= 35 Você 97% Tu 03%	489/41 530 92/8 %

Independente do nível de formalidade, **VOCÊ**/sujeito é uso majoritário assim como o uso dos possessivos **SEU/A**. Na função *acusativa* prevaleceu o uso das formas relacionadas à série **TU** 84% na CFal. Empresa, nível [+/-formal], apontando, talvez, que **TE** seja um uso mais formal, provocando certo distanciamento entre os interlocutores. Na CFal. Universidade/escola [+formal], **TE** nas funções *acusativa* e *dativa* obtiveram 50% de frequência de uso, apontando estabilidade no emprego de uma ou outra forma (**TE/VOCÊ**). Em locais alterantivos [-formal], na função *acusativa* **TE** obteve **67%** de frequência de uso, apontando talvez certo distanciamento no uso dessa forma em detrimento do emprego do **VOCÊ** nessa posição, já que a documentadora era uma estranha em terras dominadas pelo **VOCÊ**/sujeito. Em todos os níveis considerados, **VOCÊ** na função de *sujeito* e *possessivos* **SEU/A** prevaleceram em detrimento dos usos da série **TU**, já nas funções objetivas **TE** prevaleceu mostrando a especialidade das formas em questão, evidenciando o uso da “mistura pronominal” como natural na fala popular de SJC-SP.

FATORES SOCIAIS

Nenhum dos fatores sociais elaborados para investigar as variantes em questão foi selecionado como relevante estatisticamente como mencionei anteriormente. Mesmo assim a título de discussão sobre *a generalização do fenômeno em estudo*, a tabela a seguir fornece frequências de uso das formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU** no PBPOP falado em SJC-SP:

Tabela 7: Fatores sociais não relevantes estatisticamente.

FATORES/FORMAS DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	FORMAS DA SÉRIE VOCÊ E TU			
FATORES SOCIAIS	VOCÊ N°	%	TU N°	%
SEXO				
MASCULINO	279/305	91	26/305	9
FEMININO	210/225	93	15/225	7
APL/TOTAL	489	92	41	8 530 DADOS
FAIXA ETÁRIA				
Dos 20 aos 36 anos	246/270	91	24/270	9
Dos 37 aos 49 anos	101/106	95	05/106	5
+ de 49 anos	142/154	92	12/154	7
APL/TOTAL	489	92	41	8 530 DADOS
NÍVEL ESCOLAR				
Fundamental	417/447	93	30/447	7
Médio	72/83	86	11/83	14
APL/TOTAL	489	92	41	8 530 DADOS
PROCEDÊNCIA DO FALANTE				
São Paulo, Minas Gerais e Paraná	390/422	92	32/422	8
Piauí, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro	99/108	91	09/108	9
APLICAÇÃO/TOTAL	489	92	41	8 530 DADOS

Os valores apresentados na tabela acima evidenciam alta frequência de uso do pronome **VOCÊ** em detrimento do uso de formas relacionadas ao antigo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular **TU** em todos os fatores sociais considerados. Fatores como *sexo*, *escolaridade*, *faixa etária* e *procedência do falante* não exercem força condicionadora entre as formas pronominais analisadas, ou seja, não há *pressão social* que motive o uso de uma e outra forma. Assim, o modelo pronominal em uso nas três CsPrát. analisadas, conforme também confirmaram os resultados das outras tabelas já mencionadas, é constituído por **VOCÊ/SUJEITO** junto de **TE~VOCÊ**, **TE~PRA VOCÊ** e **TEU/A~SUA/A**, totalizando 92% de frequência de uso das formas voltadas para os pronomes da série **VOCÊ** em detrimento das formas associadas ao antigo paradigma **TU**, 8% de frequência de uso (total geral). Especificamente, de acordo com processos de gramaticalização as formas observadas estão *especializadas* considerando as altas taxas de frequência de uso em suas respectivas funções *sujeito/você*, *complemento/te* e *possessivos determinantes/seu/a*.

4.4.2 NOVA AMOSTRA ESTATÍSTICA – afunilando o olhar

Para testar os grupos de fatores considerados, realizei uma segunda etapa estatística com o intuito de verificar se com acréscimo de dados os mesmos fatores seriam eleitos significativos estatisticamente pelo pacote estatístico Goldvarb X ou se outros fatores seriam considerados relevantes. Assim, selecionei aleatoriamente **36** populares, homens e mulheres, que produziram **851** fatos relacionados aos pronomes de segunda pessoa do singular. Conforme exhibe o gráfico a seguir, os pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** obtiveram percentuais gerais de 10% de formas relacionadas à série **TU** e 90% das formas associadas à série **VOCÊ**. Outra vez, as formas associadas ao paradigma **você** obtiveram índices mais elevados em detrimento das formas ligadas ao paradigma pronominal antigo (**TU**).

Gráfico 2: Pronomes associados às séries **VOCÊ** e **TU**.

Obs.: total geral.

Considerando que a alternância entre formas linguísticas seja comum nas línguas, é natural esperar que variantes relacionadas aos pronomes de 2ª pessoa do singular façam parte da gramática do indivíduo, já que desde tempos antigos havia essa variação conforme abordei nos capítulos anteriores. Desse modo, como afirmou Labov ([1966] 2003), não há falante que tenha somente *um único estilo*, ele varia conforme situações, condições de uso, vivências, conhecimento, confronto face a face entre pares linguísticos etc.

Assim, dos **36** falantes analisados para esta nova rodada estatística, **10** são oriundos de outros estados brasileiros e vinte e seis são nativos ou nascidos em regiões interioranas próximas da cidade de São José dos Campos-SP. Dos **10** informantes oriundos de outras regiões brasileiras, apenas **04** apresentaram dados categóricos relacionados à forma **VOCÊ** e **06** variaram as

formas (**VOCÊ** e **TU**). Dos **26** falantes originários da cidade ou região vizinha, **09** apresentaram dados categóricos **VOCÊ** e **17** entrevistados variaram suas expressões pronominais, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 8: Percentagens relacionadas ao indivíduo, uso variável e categórico dos pronomes considerados

36 ENTREVISTADOS ANALISADOS: 26 falantes oriundos da cidade ou imediações (72,22%) 10 são migrantes (27,77%)
<hr/> DOS 10 MIGRANTES: 06 falantes variaram as formas das séries VOCÊ e TU (60%) 04 falantes apresentaram uso categórico das formas associadas ao VOCÊ (40%)
<hr/> DOS 26 NATIVOS DA CIDADE OU MEDIAÇÕES: 17 falantes oriundos da cidade ou imediações apresentaram variação (65,38%) 09 falantes oriundos da cidade ou imediações não apresentaram uso variável, eles preferiram utilizar formas associadas ao pronome VOCÊ (11,98%)

Esses percentuais de uso revelam comportamentos linguísticos interessantes. Na distribuição geral dos índices, há indivíduos que variam formas relacionadas às duas séries pronominais **TU** e **VOCÊ**, considerando que *a gramática do indivíduo ou o seu repertório de variantes é reflexo do comportamento linguístico desses populares*. Contudo, há falantes que não variaram as formas estudadas. Eles utilizaram formas associadas à série **VOCÊ**¹⁶⁵ nas funções de *sujeito*, *objeto* e *possessivos determinantes*, situação que corrobora uma tendência futura de usos exclusivos do pronome **você** em todas as funções consideradas. Mas o que subjaz à aparente “uniformidade de uso” das formas relacionadas à série **VOCÊ** na fala de metade dos populares investigados?

Grande parte dos falantes considerados, oriundos ou não da cidade de SJC-SP, segundo os percentuais de uso, variam as formas associadas às séries **VOCÊ** e **TU**. Situação que comprova uma das hipóteses deste trabalho: formas pronominais *velhas* e *novas* convivem no PBPOP falado em SJC-SP, seja na boca individual, seja na boca coletiva das CsPrát. consideradas. Vale lembrar que o pronome **você** como *sujeito* é a forma primeira da cidade para tratamento do interlocutor e, por conseguinte, o seu uso é majoritário nessa função, apesar de outras formas de tratamento ao interlocutor existirem como já relatei. Esse modo de tratar o outro é o que subjaz

¹⁶⁵ Os falantes que preferiram usar categoricamente **VOCÊ** em todas as funções sintáticas (sujeito, complemento e possessivos determinantes) talvez por não terem mais **TU/TE/TEU** em seu repertório linguístico. Outro ponto de vista seria que esses falantes, por estarem em uma situação menos íntima, pouco rotineira (entrevista), usassem a categoricidade do **VOCÊ** no sentido de *efeitos de uso ou efeitos de estilo*, ou seja, para se adaptarem à situação ESSDs, esses populares escolheram a variante que lhes pareceu *mais polida, estilisticamente mais “educada” e mais generalizada* já que estavam diante de uma documentadora desconhecida que dizia fazer um trabalho acadêmico.

a alta frequência de uso das formas relacionadas ao **VOCÊ (90%)** nesta segunda etapa estatística.

Nesse sentido, à luz de teorias sociocognitivas e funcionalistas é possível considerar que *forças interacionais, projeções, processos de gramaticalização e experiências humanas cumulativas* refletidas em processos de aprendizagem e modelos sociocomportamentais moldam o PBPOP em certas CsFal. para que cada vez mais se manifeste o uso do pronome **você** em todas as funções observadas nesta pesquisa. Sob essa linha de raciocínio, há duas possibilidades explicativas para o uso categórico do pronome **VOCÊ** nas funções de *sujeito, objeto e possessivos determinantes*: **a)** os falantes, oriundos ou não da cidade em questão, empregaram a forma que lhes pareceu mais polida, mais adequada ao contexto situacional (ESSDs), *adaptando-se* ao momento da entrevista. Isto quer dizer que o falante *escolheu a variável* que mais lhe pareceu conveniente à situação vivida e **b)** os falantes que usam **VOCÊ** categoricamente já não teriam mais **TU/TE/TEU/A** como alternativas de dizer a mesma coisa, isto é, o sistema linguístico não teria mais variantes pronominais como opções de uso.

Assim, populares entrevistados, oriundos de outros estados da região Nordeste, por exemplo, são falantes do pronome **TU**. Alguns falantes nordestinos confidenciaram a mim que falam **TU** em suas relações *familiares/íntimas*, mas mesmo assim empregaram o pronome **VOCÊ**, única opção para apontar o outro em situação de maior formalidade (e/ou menos convencional para eles, já que nunca foram entrevistados). Isso quer dizer que esses falantes não oriundos da cidade se adaptaram ao grupo social que os acolheu para conviverem em ambientes de trabalho e realização de tarefas. Outro aspecto a salientar é que eu, documentadora, fui apresentada a eles como estudante de graduação¹⁶⁶, estabelecendo, dessa maneira, “uma hierarquia de conhecimento” menos constrangedora, ao meu ver, do que se eu me apresentasse como aluna de pós-graduação¹⁶⁷. Minha presença foi, talvez, a força de maior monitoramento para esses *agentes sociais e estilísticos*, representantes da *baixa renda*, controlassem mais a sua produção de pronomes relacionados à segunda pessoa do singular mesmo entre “iguais linguísticos e

¹⁶⁶ Eu me apresentei como estudante de faculdade, termo usado na cidade para a pessoa que está se graduando em universidades situadas no município em questão. Assim, usei o termo faculdade como variante mais comum de Curso Superior e também por querer não me distanciar demais dos falantes populares com os quais conversei. (A depender da concepção de mundo, um aluno de graduação terá sempre “mais sabedoria” que pessoas não escolarizadas). Cursar faculdade para esses falantes já é situação que poucos deles alcançam em suas trajetórias de vida. Minimizei, desse modo, certos constrangimentos. Passei essa orientação para as pessoas que marcavam as entrevistas para mim (documentadora). Elas falavam para os entrevistados que uma aluna de faculdade iria conversar com eles para fazer um trabalho.

¹⁶⁷ Tenho a impressão que muitos desses falantes não saberiam o que é ser um aluno de pós-graduação principalmente em Cursos voltados a Mestrado e Doutorado.

sociais”, seus pares cotidianos de trabalho. Como postula Moreno Fernández (2012), a língua é um sistema *adaptativo, complexo, dinâmico* e, através da linguagem, falantes constroem sua língua, motivados pelo *uso cumulativo* de suas experiências humanas (TOMASELLO, 2003; DIJK, 2012).

Por essas razões, alguns falantes, oriundos ou não da cidade, variaram as formas pertencentes às séries **TU** e **VOCÊ**, isto é, “misturam” **você/sujeito** com **te~você; te~pra você** e **seu/sua~teu/tua**. Isto quer dizer que esse padrão de uso pronominal relacionado à segunda pessoa do singular faz parte da sua gramática ou do “modelo pronominal em uso”. Assim, esse modelo interpessoal de tratamento relacionado ao uso do **você/sujeito**, à posição mista de pronomes complemento [OV] e [VO] e ao uso dos possessivos **seu/a~teu/a** lhes oportunizou empregar *variantes das mesmas variáveis que significam a mesma coisa* no sentido de ainda poderem escolher entre um item e outro dos *velho* e *novo* paradigmas pronominais de segunda pessoa do singular.

Do mesmo modo ocorreu com o uso de **seu/a** vs **teu/a** nas **ESSDs** consideradas. Além disso, os *frames* com um ou mais falantes oportunizaram que esses populares falassem com mais espontaneidade sobre assuntos como *saúde, educação, transporte, baixos salários, relacionamentos familiares* etc. motivando a emergência dos pronomes em questão como já abordei. Os resultados contidos nas tabelas abaixo apontam para o padrão pronominal de segunda pessoa do singular que “mistura” formas. Isto quer dizer que embora **você/sujeito** seja praticamente a única forma para tratar o interlocutor em cidades com as de SJC-SP, ainda há elementos linguísticos em uso associados ao antigo paradigma pronominal (**te** e **teu/a**) confirmando a hipótese geral deste trabalho: as formas associadas aos pronomes **TU** e **VOCÊ** estão deixando de ser variáveis já que **VOCÊ** penetra paulatinamente em contextos ainda resistentes como os de complemento (*acusativo, dativo*) e também possessivos (**teu/a**).

FUNÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS

Conforme ocorreu com a rodada anterior, o fator *função das formas pronominais de segunda pessoa do singular* foi novamente considerado relevante nesta segunda etapa estatística. Sob esse prisma, o que há por trás desses valores estatísticos gerais? Os percentuais relacionados à segunda pessoa do singular mudam ao serem observados especificamente por funções como *sujeito, objeto* e *possessivo determinante* conforme mostram as taxas de uso na tabela 9:

Tabela 9: Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular.

FUNÇÃO DAS FORMAS/ VARIÁVEIS	FORMAS RELATIVAS À SÉRIE VOCÊ			FORMAS RELATIVAS À SÉRIE TU		
SUJEITO	690/696	99%	0,742	06/696	01%	0,258
ACUSATIVO	10/49	20%	0,001	39/49	79%	0,999
DATIVO	26/56	46%	0,005	30/56	53%	0,995
POSSESSIVOS	45/50	90%	0,112	05/50	10%	0,888
PARCIAL/TOTAL	771/851	90%		80/851	10%	

Obs.: número de ocorrência, percentuais e peso relativo. *Log-Likelihood*=-79,548 *Significance*: 0,019. *Input*: 0,993.

Dos **851** dados falados por **36** populares, **771** são relacionados ao **VOCÊ** e somente **80** estão voltados à série **TU**. Os pesos relativos da tabela acima mostram, como os índices da tabela anterior (1), que **você/sujeito** reina como *grande especialista* nessa função conforme os princípios que regem a evolução linguística sob à luz de teorias da Gramaticalização (capítulo 3). **Você**, então, é item obrigatório e pela sua excelência dêitica, aponta *o outro/receptor*. Isto não quer dizer que não há outras formas para apontar o receptor, há **o/a senhora** e **zero no início de frase** em construções imperativas no PBPPPOP da cidade, mas a forma generalizada para tratar o outro é **VOCÊ** (e variações como **ocê** e **cê** também ocorrem). **Você/sujeito** obteve o peso relativo de 0,742 e a frequência de uso de 99%. Em contrapartida, os contextos de retenção das formas associadas ao pronome **TU** foram *as funções completivas e possessivas* como mostram os resultados da tabela 9. Nas funções de *sujeito, complemento e possessivos* o traço é obrigatoriamente [+animado]¹⁶⁸ por ser relativo à pessoa discursiva (**P2**). Já as formas possessivas podem exibir particularidades, pois **seu/sua~teu/tua** se referem ao interlocutor [-eu]. Já os traços podem variar para [+/- animado] em razão das noções de possuidor [+an] e coisa possuída [+/-an] como em: **teu livro; sua mãe**, assim a interpretação semântico-discursiva de 2ª segunda também é atribuída às formas possessivas em questão. Entretanto, nas ESSDs o traço [-animado], coisa possuída, mostrou-se mais frequente¹⁶⁹ em razão do conteúdo que os populares considerados preferiram manifestar.

Na fala popular observada, os contextos de resistência como o clítico **te** (acusativo) obteve o P.R. de 0,999 e percentual de uso de 79%; na função dativa, **te** obteve 0,995 e frequência de uso de 53%. O contexto possessivo obteve peso relativo de 0,888, embora o percentual de uso seja mais baixo, 10% apenas. Houve, assim, um estreitamento do leque de escolhas, os falantes têm

¹⁶⁸ Não houve necessidade de se elaborar um fator traços [+/-animado] em razão do uso majoritário do traço [+animado].

¹⁶⁹ Nas ESSDs só houve ocorrências de possessivos determinantes.

em sua gramática ou sócio-gramática o pronome **você**/sujeito, forma primeira e convencional para tratar o outro na cidade, embora haja variação na sintaxe de objeto e possessivos determinantes. Além disso, é preciso salientar que **você** mantém-se como forma livre, pois preserva traços comportamentais de sua forma fonte **Vossa Mercê** (3ª pessoa – à mercê de Rei; locução nominal que equivale a um substantivo ou adjetivo, exercendo as mesmas funções gramaticais segundo gramáticas normativas). Assim, **você** pode atuar livremente em várias funções sintáticas: *você/sujeito* (*você vai*); *você/objeto direto* (*levo você*); *de você* (*gosto de você*); *pra você/objeto indireto* (*comprei um livro pra você*); *com você/obliquo* (*fui com você*); *de você/possessivo* (*a xícara é de você*), corroborando os casos de falantes que usaram formas **VOCÊ** de maneira categórica. Isto quer dizer que os falantes populares que variaram as formas em questão são *agentes estilísticos* por natureza porque ainda têm escolhas linguísticas que poderão ser feitas diante de seus pares linguísticos entre outras pessoas.

Especificamente em relação à forma **te**, esse item linguístico tem posição fixa pré-verbal e, por isso, atua no domínio de sua restrição funcional, isto é, ele só pode atuar como complemento *acusativo* ou *dativo* com traços obrigatoriamente de [+pessoa] e [-eu] (LOPES E RUMEAU, 2004). Além disso, **te** atua categoricamente na posição proclítica [**te+V**] e, obviamente, como processos de mudança são lentos, esses resultados parciais apontam para o caminho de invasões a ser trilhado pelo pronome **VOCÊ** no decorrer dos tempos. Segundo Lima-Hernandes (2009b), falantes em geral não têm consciência dos desgastes que certas formas linguísticas sofrem com o passar dos tempos até porque falantes prestam menos atenção à sintaxe ou à morfologia da língua em uso. Sua atenção está mais voltada para determinados sons ou palavras quando para este mesmo falante alguma coisa lhe soar estranha, esquisita ou curiosa. Sob esse prisma, falantes populares não enxergam ou interpretam dois elementos *clítico + verbo* [**te+V**] e **te** como *forma especializada*, mas sim como uma só construção [**teV**], isto é, concebida como *única forma em processamento* conforme as discussões de Bybee (2003 a e b) entre outros pesquisadores citados (capítulo 3). Além disso, vale lembrar que essa mesma autora defende que altas taxas de frequência de uso relacionadas a antigos elementos da gramática de determinada língua indicam motivações para a emergência de novas formas que, por sua vez, alimentam a gramática usada em certa CF.

Em relação à mescla entre as formas pronominais consideradas, a tabela abaixo exhibe taxas relativas à frequência de uso sem mostrar pesos relativos porque esse fator não foi considerado relevante pelo pacote estatístico Goldvarb X:

Tabela 10: Antecedentes das formas em estudo (paralelismo)

ANTECEDENTES	FORMAS DA SÉRIE VOCÊ		FORMAS DA SÉRIE TU	
FORMA ISOLADA	432/467	92%	35/467	8%
ANTECEDENTE: FORMAS DA SÉRIE VOCÊ	320/352	91%	32/352	9%
ANTECEDENTE: FORMAS DA SÉRIE TU	19/32	59%	13/32	41%
PARCIAL/TOTAL	771/851	90%	80/851	10%

Como forma isolada **VOCÊ** obteve 92% de frequência de uso e **432** ocorrências. **TU** como forma isolada obteve **35** ocorrências e 8% de frequência de uso. Quando o antecedente do pronome **VOCÊ** era uma forma da série **VOCÊ** houve **320** ocorrências e 91% de frequência de uso e quando o antecedente das formas ligadas ao **VOCÊ** era uma forma da série **TU** houve **19** ocorrências e 59% de frequência de uso, indicando a tendência de **VOCÊ** combinar com formas relacionadas ao **TU**. Já quando ocorria uma forma ligada ao **TU** e o antecedente era um item das formas do **VOCÊ** houve **32** ocorrências e 9% de frequência de uso. Quando ocorriam formas da série **TU** e a forma antecedente era uma forma do antigo paradigma pronominal houve apenas **13** ocorrências, e a frequência de uso obteve o percentual de 41%, indicando que formas da série **TU** ainda combinam formas da mesma série. Esses valores mostram que ainda há “mistura pronominal” ocorrendo o PBPOP falado em SJC-SP, embora o maior índice de forma isolada ocorra com a forma **VOCÊ** e formas que antecedem o pronome **VOCÊ** também sejam itens relacionados a essa forma. Isto quer dizer que há uma tendência de o pronome **VOCÊ** ser repetido e utilizado como pronome exclusivo na sócio-gramática popular de SJC-SP, já que formas da série **VOCÊ** combinam com formas da série **TU**. Nesse sentido, a hipótese de que se uma primeira forma for mencionada a tendência é que ela seja repetida se confirmou em relação ao **VOCÊ**.

Ressalto que, embora **SNs**, **o/a senhor/a** e **zero no início de frase** não tenham sido analisados porque não fizeram parte do objeto de estudo em questão, **TE** e **TEU/A** costumam acompanhar essas formas denotando *generalização*, isto é, **TE** e **TEU/A** podem acompanhar formas mais formais como **o/a senhor/a** entre outras porque não há estranhamento para nenhuma das partes dialogais ou leitores se enunciados como esses listados abaixo forem manifestados:

(85) A SENHORA tem o SEU cartão? Eu **TE** ajudo.¹⁷⁰

¹⁷⁰ Dado ouvido em uma agência bancária na cidade de SJC-SP.

(86) “Se uma pessoa **TE** magoar, faça dessa pessoa uma música que **VOCÊ** ouviu, dançou e até curtiu. Mas que hoje não faz mais sucesso”.

(87) “Quem não **TE** procura, não sente **SUA** falta. Quem não sente **SUA** falta, não **TE** ama. O destino determina quem entra na **SUA** vida, mas **VOCÊ** decide quem fica nela. A verdade dói só uma vez. A mentira cada vez que **VOCÊ** lembra. Então valorize quem valoriza **VOCÊ** e não trate como prioridade quem **TE** trata como opção.”

(88) “Amor é quando **VOCÊ** perde um dente mas não tem medo de sorrir porque **VOCÊ** sabe que **os seus** amigos ainda vão **TE** amar mesmo se tiver faltando uma parte **SUA**”.¹⁷¹

Exemplos assim só confirmam que “misturar pronomes” relacionados à segunda pessoa do singular é natural, principalmente no PBPOP falado.

Além disso, ressaltar, com base nos resultados apresentados acima (tabela 10), que o falante popular usa pronomes de segunda pessoa do singular combinando **você/sujeito** com **te~você**; **te~pra você** (complemento) e **seu/sua~teu/tua** (possessivos) porque o sistema linguístico disponibiliza elementos antigos e novos provocando “mistura pronominal” e “instabilidades gramaticais”. Desse modo, se o falante popular não tem em modelos escritos sua representação de língua e está longe de bancos escolares há tempos, não há entre eles reflexão suficiente sobre processos migratórios de pronomes da 3ª pessoa para a segunda.¹⁷² Assim, considerando os dados da tabela 8, dos **36** entrevistados, 80,5% possuem somente o Ensino Fundamental completo e incompleto e 19,4% apenas dizem possuir o Ensino Médio (alguns com cursos técnicos e 1 falante apenas entrou no Curso Superior em Economia, mas não seguiu adiante). Para esses populares, as formas existentes para tratar o outro são **você/sujeito** como forma exclusiva em uso, fruto de suas experiências interlocutivas espontâneas, independente de hierarquia social, faixa etária e níveis de escolaridade. Já o completivo **te** na função objetiva (acusativa e dativa) e os possessivos determinantes **seu/a~teu/a** são itens frequentes no PBPOP junto do pronome **VOCÊ/sujeito**. Esses populares dispõem somente essas formas dêiticas para apontar o outro e isto quer dizer que é natural combinar **você/sujeito** com **te** e **seu~teu/a**, pois essas formas fazem parte dos usos cotidianos em uma cidade com tradições linguísticas e socioculturais anteriores à geração atual de falantes. Assim, *formas pronominais velhas e novas* convivem no PBPOP falado em SJC-SP.

¹⁷¹ Dados extraídos de mensagens postadas na rede social Facebook.

¹⁷² Ultimamente tenho conversado com vestibulandos populares falantes de formas associadas ao pronome **VOCÊ/sujeito**. Segundo o grupo de estudantes, eles também não percebem que “mescam pronomes” **você/sujeito** com **te~você/ te~pra você/ seu/sua~teu/tua**. Por vestibulandos populares entendo que seus pais não possuem Curso Superior ou só um dos pais possuem algum curso de graduação. Isto quer dizer na família há poucos indivíduos que frequentaram universidades. Considerei este falante (Superior Incompleto) como popular, já que trabalha como vigilante, baixa renda, e convive com populares (moradores do bairro, funcionários de limpeza etc).

FRAMES – molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”

Como ocorreu na primeira amostra estatística, o fator *frame* – moldura discursiva – foi novamente selecionado como importante pelo pacote estatístico Goldvarb X conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 11: *Frames* – molduras discursivas com e sem audiência de “iguais linguísticos e sociais”

FRAMES/VARIÁVEIS	FORMAS ASSOCIADAS À SÉRIE VOCÊ			FORMAS ASSOCIADAS À SÉRIE TU		
		%	P.R.		%	P.R.
INDIVIDUAL+DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	33/40	82%	0,363	07/40	17%	0,637
2 entrevistados +DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais” ausentes	426/453	94%	0,659	27/453	05%	0,341
3 entrevistados + DOC COM AUDIÊNCIA de “iguais linguísticos e sociais”	84/88	95%	0,421	04/88	04%	0,579
2 entrevistados +DOC COM AUDIÊNCIA de “iguais linguísticos e sociais”	151/180	83%	0,120	29/180	16%	0,880
4 entrevistados +DOC COM AUDIÊNCIA de “iguais linguísticos e sociais”	30/42	71%	0,049	12/42	28%	0,951
4 entrevistados +DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais” ausentes	47/48	97%	0,993	01/48	02%	0,007
PARCIAL/TOTAL	771/851	90%		80/851	10%	

Obs.: número de ocorrências, frequências de uso e peso relativo em relação ao *frame* e ao aspecto colaborativo entre os participantes da interação. *Log-Likelihood*= -79,548 *Significance*: 0,019. *Input*: 0,993.

Os percentuais apontam alta frequência de uso das formas associadas à série **VOCÊ** em todas as molduras discursivas com plateia (audiência) e sem, mas os pesos relativos indicam que as formas ligadas ao **TU** tem grande probabilidade de ocorrerem em razão de essas formas voltadas ao antigo paradigma pronominal provocarem *certa distância* entre os interlocutores na presença de “iguais linguísticos e sociais”. Já os *frames* sem plateia (sem audiência) também favorecem o uso das formas associadas ao **VOCÊ** indicando *proximidade* entre os interlocutores. Quando o ambiente tornou-se *mais restrito* com apenas um entrevistado (sem audiência), formas do antigo paradigma pronominal têm alta probabilidade de ocorrerem **0,637**. Talvez essas formas voltadas ao **TU** ainda mantêm certa *formalidade e distanciamento* entre os interlocutores. Os resultados revelam que esses populares são “agentes estilísticos” em potencial, isto é, eles ainda têm a possibilidade de *escolher* entre itens disponíveis no sistema

linguístico. Nesse sentido, as hipóteses aventadas se confirmaram relativamente, ou seja, *frames com e sem audiência* favoreceram a produção de formas voltadas para a série **VOCÊ** se associadas aos percentuais de uso, embora os pesos relativos indiquem alta probabilidade de itens ligados ao antigo paradigma **TU** ocorrem quando no ambiente há plateia. Além disso, “o modelo de contexto” (ESSDs) não propiciou mudanças no sentido de variar gêneros discursivos. A situação (inter)subjettiva foi sempre a mesma: **ESSDs** diferenciando-se apenas quanto ao número de entrevistados, isto é, a mudança de cenário ocorreu pela distribuição natural dos partícipes dialogais em questão, já que estavam em horários de folga de trabalho. Assim, *um, dois, três ou mais participantes* compuseram as cenas interlocutivas, associadas, muitas vezes, à presença de “*iguais linguísticos e sociais*” não partícipes das interlocuções, motivando, desse modo, a produção de formas relacionadas às séries **TU** e **VOCÊ** que, por sua vez, compõe o modelo pronominal usado na cidade de SJC-SP.

COMPARAÇÃO ENTRE TABELAS – primeira e segunda amostras estatísticas

A título de discussão comparei algumas tabelas das duas amostras estatísticas para melhor compreender os usos do fenômeno em questão. A primeira tabela exhibe índices obtidos em relação às formas e funções que cada pronome exerce na fala popular de SJC-SP:

Tabela 12: Resultados prévios entre a primeira e segunda etapas estatísticas.

FUNÇÃO DOS PRONOMES de 2ª p. do sing./VARIÁVEIS	PRIMEIRA RODADA FORMAS DA SÉRIE VOCÊ – APL/TOTAL 530 dados			SEGUNDA RODADA FORMAS DA SÉRIE VOCÊ – APL/TOTAL 851 dados		
		%	P.R.		%	P.R.
SUJEITO	434	99	0,770	690	99	0,742
ACUSATIVO	15	46	0,001	10	20	0,001
DATIVO	06	21	0,000	26	46	0,005
POSSESSIVOS DETERMINANTES	34	97	0,103	45	90	0,112
APLICAÇÃO/TOTAL	489	92		771	90	
FUNÇÃO DOS PRONOMES/VARIÁVEIS Contextos de retenção	CONTEXTO DE RETENÇÃO			CONTEXTO DE RETENÇÃO		
		%	P.R.		%	P.R.
ACUSATIVO	17	53	0,999	39	79	0,999
DATIVO	22	78	1.000	30	53	0,995
POSSESSIVOS DETERMINANTES	01	02	0,897	05	10%	0,888
APLICAÇÃO/TOTAL	40	08%		74	10%	

Obs.: comparação entre os 530 e 851 dados sobre as formas das séries **VOCÊ** e **TU** (funções).

A tabela 12 compara índices entre duas colunas. Apesar de cada uma dessas colunas apresentar totais diferentes de dados (a primeira coluna contém **530** dados e a segunda **851**), elas revelam resultados semelhantes. Ao que tudo indica não importa se há grande número de dados a serem analisados estatisticamente ou não, os índices não sofrerão muitas alterações a ponto de manifestarem interpretações distantes do que já mencionado. Mais especificamente em relação ao sujeito mesmo com acréscimo de dados, o pronome **você** continua a ser o item mais empregado em detrimento do **TU/sujeito**. Entre os itens completivos, o pronome **te** é item privilegiado como mostram os percentuais e pesos relativos.

Já os possessivos **seu/a**, apesar de terem altas taxas de frequência de uso, 97% e 90% (primeira e segunda colunas respectivamente), os pesos relativos indicam baixa probabilidade de uso. Os possessivos **teu/a**, apesar de terem obtido frequências de uso gerais baixas, 8% e 10% (primeira e segunda colunas respectivamente), esses itens têm alta probabilidade de uso de ocorrerem 0,897 e 0,888. Essas altas taxas dos pesos relativos relativos aos itens **te** e **teu/a** indicam que esses elementos têm vitalidade no PBPOP de SJC-SP. Isto quer dizer que com o passar dos tempos essas *frequências de uso* poderão se apresentar cada vez mais baixas, mas a *probabilidade de uso* desses itens na sócio-gramática dessas CsPrát. continuará existindo até o pronome **você** invadir mais e mais todos esses contextos. Esses usos corroboram a hipótese de que o uso dos pronomes **TU** e **VOCÊ** está deixando de ser variável principalmente em CsFal. nas quais **você**/sujeito se comporta como *item absoluto, especialista e generalizado* para tratar o interlocutor.

Para mostrar evidências de que *as formas das séries TU e VOCÊ* não têm só um comportamento gramatical, mas elas preservam um comportamento de práticas cumulativas da experiência humana, a tabela abaixo exhibe molduras discursivas que favorecem as duas séries dos pronomes em questão:

Tabela 13: *Frames* – molduras discursivas com e sem de audiência de “iguais linguísticos e sociais”

FRAMES/VARIÁVEIS	PRIMEIRA RODADA			SEGUNDA RODADA		
	FORMAS ASSOCIADAS À SÉRIE VOCÊ – APLICAÇÃO/TOTAL			FORMAS ASSOCIADAS À SÉRIE VOCÊ – APLICAÇÃO/TOTAL		
	530 DADOS			851 DADOS		
	%	P.R.		%	P.R.	
3 ENTREVISTADOS + DOC COM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	84/88	95	0,045	84/88	95	0,421
2 ENTREVISTADOS + DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos	291/311	93	0,618	426/453	94	0,659

e sociais”		
2 ENTREVISTADOS + DOC COM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	83/93 89 0,568	151/180 83 0,120
1 ENTREVISTADO + DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	31/38 81 0,350	33/40 82 0,363
4 ENTREVISTADOS + DOC COM AUDIÊNCIA DE “iguais linguísticos e sociais”	-----	30/42 71 0,049
4 ENTREVISTADOS + DOC SEM AUDIÊNCIA DE “iguais linguístico e sociais”	-----	47/48 97 0,993
APLICAÇÃO/TOTAL	489/530 92% VOCÊ 530 DADOS	771/851 90% VOCÊ 851 DADOS

Obs.: comparação entre molduras discursivas diversas com 530 e 851 dados.

A tabela 13 exhibe taxas muito próximas se a primeira coluna for comparada à segunda. A primeira coluna com **489** dados correspondentes às formas da série **VOCÊ**, extraídos de entrevistas escolhidas aleatoriamente, exhibe altas frequências de uso, mas nem todas as molduras discursivas consideradas exibem altos pesos relativos como é o caso do *frame* um entrevistado sem audiência de “iguais linguísticos e sociais” (P.R. 0,350), embora a frequência de uso seja alta 81%. Isto quer dizer que independente do *frame* com ou sem audiência de “iguais linguísticos e sociais” o uso das formas relacionadas à série **VOCÊ** foi favorecido em termos de frequência de uso, mas os pesos relativos indicam que formas associadas ao **TU** têm probabilidade de ainda ocorrerem.

A segunda coluna contém **771** dados de fala correspondentes às formas **VOCÊ**, extraídos também de ESSDs escolhidas aleatoriamente. Essa coluna obteve uma configuração de pesos relativos diferente dos contidos na primeira coluna, apesar de as frequências de uso apresentarem-se altas, todas acima de 70% de frequência de uso em relação ao uso das formas associadas à série **VOCÊ**. Das seis *molduras discursivas* consideradas, **04** apresentaram pesos relativos altos em relação à retenção de itens obsoletos, situação que mostra certo afastamento entre as partes dialogais. Além disso, esses resultados corroboram, sobretudo, um dos objetivos dessa pesquisa que pretendeu investigar ambientes que não favorecessem a penetração do pronome **você** na atual sincronia do PBPOP falado em SJC-SP, sejam esses contextos de natureza *sintática*, *discursivo-pragmática* ou *comportamental*. Assim, em relação a contextos gramaticais **te** e **teu/a** são ambientes de restrição sem sombra de dúvidas e está em jogo também o comportamento do falante em se afastar ou se aproximar do interlocutor/ouvinte.

Entretanto, ao compararmos cada *frame* das duas colunas, considerando os acréscimos de dados, torna-se evidente que, independente das *molduras discursivas* consideradas, as formas em estudo atuam de *modo generalizado*.

4.5 RESULTADOS FINAIS – padrões pronominais do PBPOP falado em SJC-SP

Para obter esta última rodada estatística, reuni todos os dados variantes coletados nas três CsPrát. analisadas, após excluir os dados linguísticos categóricos. Primeiramente, trabalhei com a seguinte questão: o que diriam TODOS os dados em variação de segunda pessoa do singular reunidos? Em seguida, observei as duas amostras estatísticas anteriores que exibiram condicionadores dos pronomes considerados. Assim, com apenas **530** dados, três grupos de fatores foram relevantes de acordo com o programa estatístico GOLDVARB X: **a)** Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular; **b)** Estratégias referenciais e **c)** *Frames* – molduras discursivas, além da variação no indivíduo analisada e comentada logo mais adiante.

Na segunda amostra estatística, os grupos de fatores relevantes selecionados pelo pacote estatístico já mencionado foram: **a)** Função das formas pronominais de segunda pessoa do singular e **b)** *frames* – molduras discursivas. Isto quer dizer que os padrões pronominais aqui estudados estão muito generalizados a ponto de não haver mais diferenças sociais, linguísticas e discursivo-pragmáticas que atuem no sentido de motivar o uso de uma série pronominal e outra. É importante voltar a destacar que em séculos anteriores “a mistura tratamental” já era comum como abordei no capítulo 1 e, por conseguinte, “instabilidades gramaticais” ou “rearranjos pronominais” são naturais em línguas em evolução (GIVÓN, 2012). Entretanto, esses padrões pronominais de “mistura” são semelhantes, mas não são iguais aos padrões falados no passado devido às pressões sociais e discursivo-pragmáticas peculiares de cada época. Assim, esses dados atuais apenas refletem, tanto na fala de populares e pessoas letradas quanto em outros gêneros discursivos falados, cantados, escritos, o comportamento desses itens. Essa “mistura pronominal” é, desse modo, reflexo evolutivo do comportamento linguístico de falantes que parece trilhar rumos voltados para o novo paradigma pronominal relacionado à segunda pessoa do singular, isto é, o caminho está voltado para *uma gramática do você*. Do mesmo modo como ocorreu há tempos com o pronome **vocês**, já que **vós** está extinto no PB falado. Essa situação na qual vivem os pronomes relacionados à segunda pessoa do singular evidencia, por conseguinte, *uma mistura generalizada* e, portanto, não há mais diferenças que motivem forças condicionadoras maiores entre o uso de formas do antigo paradigma e do novo. Sob esse ponto

de vista, as formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU**, ao que tudo indica, estão deixando de ser variáveis.

Nesse sentido, nesta última rodada estatística dos dados, com a reunião de todos os fatos linguísticos selecionados como *variantes*, o pacote estatístico Goldvarb X não encontrou forças maiores que condicionassem esses usos pronominais “mistos”. Assim, somente o fator Funções dos pronomes de segunda pessoa foi selecionado como relevante nas três amostras estatísticas. Além disso, a variação no indivíduo também foi verificada como *condições de uso* nas três rodadas. Dos sessenta e três falantes, **33** entrevistados variaram as formas consideradas e os demais, **33** falantes, não variaram os pronomes considerados, isto é, produziram fatos categóricos, todos relacionados ao novo padrão pronominal **VOCÊ**.

A seguir o gráfico 03 exibe as taxas gerais dos usos pronominais relacionados às formas das séries **TU** e **VOCÊ** no PBPOP falado em SJC-SP:

Gráfico 3: Pronomes associados às séries **VOCÊ** e **TU**.

Obs.: total geral.

O gráfico 3 exibe em valores estatísticos gerais os resultados finais. O pronome **VOCÊ** é sem sombra de dúvidas a forma eleita para tratar o outro no PBPOP falado em SJC-SP, 93% de frequência de uso. As formas relativas à série **TU** estão em desvantagem, atingiram apenas 07% de frequência de uso. Esses percentuais revelam que **VOCÊ** está atuando de modo praticamente exclusivo no PBPOP falado de SJC-SP.

FUNÇÃO DAS FORMAS PRONOMINAIS

A seguir apresento a tabela 14 com os resultados estatísticos finais em relação à função das formas pronominais observadas:

Tabela 14: Funções das formas pronominais de segunda pessoa do singular.

FUNÇÃO DAS FORMAS/VARIÁVEIS	FORMAS VOCÊ			FORMAS TU		
	QUANTIDADE	%	P.R.	QUANTIDADE	%	P.R.
SUJEITO	1.201/1207	99%	0,722	06/1207	01%	0,278
ACUSATIVO	26/75	34%	0,002	49/75	65%	0,998
DATIVO	45/82	54%	0,004	37/82	45%	0,996
POSSESSIVOS	72/80	90%	0,056	08/80	10%	0,944
TOTAL 1444 dados	1.344/ 1444	93%		100/ 1444	07%	

Obs.: número de ocorrências, percentuais e pesos relativos. *Log-Likelihood*= -109,573 *Significance* 0,000. *Input*: 0,993.

Do total de dados **1444**, **1.201** dados são do pronome **VOCÊ** na função de sujeito, mas apenas **06** dados são do pronome **TU** nessa função. Assim, o novo pronome obteve 99% de frequência de uso e 0,722 de P.R. em detrimento dos índices relacionados ao **tu/sujeito**, 01% de frequência de uso com 0,278 de P.R. Esses índices querem dizer que **você** na função de sujeito é praticamente exclusivo da gramática coletiva desses populares situados em SJC-SP mesmo que alguns deles sejam oriundos de outros estados, falantes do pronome **tu** como Maranhão, Piauí e Bahia. O pronome **VOCÊ**, portanto, é a forma primeira e exclusiva para tratar o outro na fala popular empregada nas três CsPrát. consideradas, predominante em ruas, bares, comércio em geral da cidade, mesmo em grupos sociais oriundos de países orientais como China, Japão e Coreias do Sul e do Norte (capítulo 2).

Já em relação a outras funções sintáticas como *acusativo* e *dativo*, o pronome **você** obteve baixa probabilidade de uso (0,002 e 0,004 respectivamente). Os percentuais de uso também se revelaram relativamente baixos, 34% para *acusativos*, já 54% de frequência de uso está relacionada ao **você/dativo** que revela competição entre *formas velhas* e *novas*. Embora **TE/dativo** tenha obtido 45% de frequência de uso, índice menor que o obtido pelo **você** nessa função (54%), a probabilidade desse item ocorrer é alta 0,996 de P.R. com **37** ocorrências. Isso quer dizer que **você** na posição dativa [**VO**] está penetrando paulatinamente nesse contexto sintático. Nesse sentido, o verbo exige preposição, ambiente que favorece o uso de novidades linguísticas conforme ocorreu em sincronias passadas (LOPES E CAVALCANTE, 2011; RUMEO, 2008). Em relação ao acusativo **TE**, ele também obteve taxas altas de uso 65% de

frequência e 0,998 de P. R., indicando forte contexto de resistência. Entre os possessivos determinantes **SEU/A** e **TEU/A**, os percentuais de **seu/a** estão altos: 90% de frequência de uso em detrimento dos possessivos representantes do antigo paradigma **tu**, 10%, indicando, assim, penetração dos possessivos **SEU/A** na sócio-gramática desses populares como correferente do **você/sujeito (P2)**. Especificamente, o peso relativo de **TEU/A** obteve 0,944 revelando alta probabilidade desse item ocorrer na fala popular de SJC-SP.

Vale dizer que esses contextos de retenção **TE** e **TEU/A** refletem evolução linguística justamente por se misturarem às novidades. Assim, **te**, em primeiro lugar, tem passado ao longo dos tempos por processos de gramaticalização (capítulo 3). Esse elemento há séculos perde mobilidade (ênclise e próclise) e fixa-se na posição proclítica (LOBO, 1992; PAGOTTO, 1992). Com o passar dos tempos, **te** muda da categoria *clítico*, passa a atuar de modo cada vez mais *especialista* até tornar-se *um afixo verbal* (HOPPER E TRAUGOTT, 2003) ou forma *uma só unidade em processamento* como advoga Bybee (2003a) entre outros pesquisadores mencionados, marcando, dessa maneira, a segunda pessoa do singular. Sob esse prisma, o falante enxerga a construção **[teV]** como *unidade*, não percebe mais dois elementos gramaticais distintos, emergindo novos usos linguísticos para compensar perdas relacionadas à série **TU** como relatei anteriormente. Em conformidade com as discussões de Bybee (2003 a e b), esses índices relacionados aos elementos obsoletos (**te** e **teu/a**) elevam o emprego de novidades linguísticas/formas de reparo **você** e, conseqüentemente, a gramática do PBPOP falado é alimentada até que essa novidade complete sua implantação no sistema da língua das CsPrát. consideradas. Além disso, fica nítida a convivência entre *formas velhas* e *novas* relacionadas à segunda pessoa do singular no PBPOP falado em SJC-SP em CsPrát. configurando *uma sintaxe de objeto mista* como advoga Givón (2012), característica de várias línguas (capítulo 3).

Assim, em terras dominadas pelo **você** há séculos, como são os casos de muitas terras paulistas e mineiras, existe “uma mistura pronominal” natural motivada por processos evolutivos associados à gramaticalização de itens linguísticos, a mudanças sociais e sociopragmáticas, e ao comportamento cumulativo de experiências humanas. Nesses termos, alcancei o objetivo primeiro e a questão geral desta tese: estudar e descrever “a mistura pronominal” relacionada à segunda pessoa do singular. Além disso, a hipótese que essas formas pronominais estão deixando de ser rivais linguísticas se confirmou, pois há somente três contextos de retenção nos quais elementos obsoletos (te e teu/a) atuam: **a)** nas funções *acusativas* e *dativas* (verbos bitransitivos), e **b)** *possessivos*; já que outros contextos dativos (verbos transitivos indiretos marcados obrigatoriamente por preposição) como em: “gosto **de** **você**”, “falaram de tanto **de**

você”, “quase esqueci **de você** no telefone”; “lembro **de você** nas festas de família” etc., contextos nos quais o pronome **VOCÊ** é categórico, foram descartados porque o item **ti** está ausente da gramática de algumas cidades brasileiras como é o caso de SJC-SP. O mesmo vale para *os oblíquos* cujas *formas de reparo* são itens voltados para o pronome **você**: “vou **com você** na feira”, “estou falando **com você**” etc. porque o item **contigo** também não é produtivo na cidade.

Como conclusão, esses resultados contidos na tabela acima e em discussões aqui expressas mediante exemplos de modelos em uso, o padrão pronominal utilizado por essa parcela de populares é **VOCÊ**/sujeito com **TE~você**, **TE~pra você**, **SEU/A~teu/a**. Embora a maioria dos entrevistados tenha preferido utilizar o novo paradigma pronominal **VOCÊ** nas ESSDs, esses índices comprovam o uso de *mistura pronominal* relacionada ao paradigma de segunda pessoa do singular, considerada neste trabalho como um fenômeno natural dos fatos em evolução no PBPOP da cidade de SJC-SP.

VARIAÇÃO DAS FORMAS DAS SÉRIES VOCÊ E TU NO INDIVÍDUO

Das **73** pessoas abordadas nas três CsPrát. consideradas, **66** falantes foram avaliados, pois sete populares não emitiram os pronomes relativos à segunda pessoa do singular em razão de timidez e pouco conteúdo emitido. Desses **66** populares considerados, **33** populares variaram as formas associadas às séries **VOCÊ** e **TU** e **33** falantes não variaram as formas pesquisadas, optando, assim, por emitir dados categóricos relacionados ao pronome **você**. A tabela a seguir exhibe as taxas relativas a cada falante que variou as formas pronominais consideradas:

Tabela 15: Variação das formas **VOCÊ** e **TU** no falante.

FALANTES/ Percentuais de uso % e P.R.	% P.R.	% P.R.		% P.R.	% P.R.	% P.R.
FALANTES	VOCÊ	TU		FALANTES	VOCÊ	TU
N	89/101 <u>88%</u> 0,359	12/101 11% 0,641		\$	36/38 <u>94%</u> 0,303	02/38 05% 0,697
A	17/20 <u>85%</u> 0,477	03/20 15% 0,523		E	15/16 <u>93%</u> 0,734	01/16 06% 0,266
F	12/14 <u>85%</u> 0,355	02/14 14% 0,645		I	17/18 <u>94%</u> 0,503	01/18 05% 0,497
H	18/24 <u>75%</u> 0,029	06/100 25% 0,971		9	28/30 <u>93%</u> 0,848	02/30 06% 0,152
&	26/42 <u>61%</u> 0,033	06/42 38% 0,967		O	15/20 <u>75%</u> 0,159	05/20 25% 0,841
5	11/14 <u>79%</u> 0,134	03/14 21% 0,866		A	21/28 <u>75%</u> 0,522	07/28 25% 0,478

FALANTES/ Percentuais de uso % e P.R.	% P.R.	% P.R.		% P.R.	% P.R.	% P.R.
FALANTES	VOCÊ	TU		FALANTES	VOCÊ	TU
6	01/07 33% 0,047	06/07 <u>66%</u> 0,953		W	35/37 <u>94%</u> 0,848	02/37 05% 0,152
L	43/46 <u>93%</u> 0,754	03/46 06% 0,246		#	29/30 <u>96%</u> 0,556	01/30 03% 0,444
O	28/30 <u>93%</u> 0,220	02/30 06% 0,780		!	07/08 <u>87%</u> 0,226	01/08 12% 0,774
P	21/27 <u>77%</u> 0,340	06/27 02% 0,660		3	71/74 <u>95%</u> 0,409	03/74 04% 0,591
+	32/33 <u>96%</u> 0,872	01/33 03% 0,128		a	28/29 <u>96%</u> 0,895	01/29 03% 0,105
B	36/38 <u>94%</u> 0,708	02/38 05% 0,292		 	15/16 <u>93%</u> 0,365	01/16 06% 0,635
D	17/18 <u>94%</u> 0,541	01/18 05% 0,459		G	19/21 <u>90%</u> 0,521	02/21 09% 0,479
N	34/35 <u>97%</u> 0,878	01/35 02% 0,122		J	16/19 <u>84%</u> 0,139	03/19 15% 0,861
Ã	04/05 <u>80%</u> 0,179	01/05 20% 0,821		E	20/21 <u>95%</u> 0,874	01/21 04% 0,126
*	17/18 <u>94%</u> 0,465	01/18 05% 0,535		M	34/36 <u>94%</u> 0,868	02/36 05% 0,132
TOTAL= 33 falantes				T	11/12 <u>91%</u> 0,645	01/12 01% 0,355

Obs.: variação no indivíduo. Log-Likelihood= -109,573 Significance= 0,000. Input: 0,993.

Desses **33** populares que variaram as formas das séries **VOCÊ** e **TU**, **15** obtiveram alta probabilidade de uso em relação às formas **VOCÊ**, os outros **17** falantes obtiveram pesos relativos mais altos em favor do uso de formas relacionadas à série **TU**. Em relação à frequência de uso, grande parte dos falantes obteve *altas taxas* correspondentes às formas **VOCÊ**. Em linhas gerais, isso quer dizer que há regularidade no uso das formas associadas ao **VOCÊ**, mas há grande probabilidade de formas do antigo paradigma **TU** (*te e teu/a*) serem utilizadas de modo que o modelo pronominal dessas três CsPrát. consideradas é “misturar” pronomes de dois paradigmas”: *um antigo e outro novo*. Entretanto, os altos índices associados ao uso das formas da série **VOCÊ** corroboram a hipótese que os pronomes **VOCÊ** e **TU** estão deixando de ser variáveis no PBPOP falado em SJC-SP como já mencionei. Uma das possíveis interpretações é que a comunicação intensiva entre esses falantes os fazem escolher entre uma forma e outra, presentes como opção no sistema pronominal de segunda pessoa do singular, principalmente em se tratando de contextos *completivos* e *possessivos*, já que **VOCÊ** atua com exclusividade na função de *sujeito*. O clítico **te** é o completivo que acompanha o pronome **você/sujeito** sem causar danos e prejuízos à comunicação em geral, marcando a segunda pessoa do singular. **Seu/a** e **teu/a** ainda disputam espaço como possessivos de segunda pessoa.

Entretanto, há uma segunda interpretação possível: os **33** falantes que empregaram **VOCÊ** de modo categórico já não teriam outras opções pronominais para falarem “*a mesma coisa no mesmo contexto com o mesmo valor de verdade*” porque já não há outras opções pronominais disponíveis em seu sistema ou modelo pronominal em uso. Em razão de itens obsoletos já não existirem mais em seu repertório linguístico, **VOCÊ** é pronome eleito e favorecido em todas as funções consideradas. Assim, a fala individual e coletiva é reflexo de padrões linguísticos adotados pelos grupos considerados e a heterogeneidade, característica, das línguas, é também característica das CsPrát. que parcialmente ainda adotam o uso “misto” das formas observadas.

Como pôde ser notado, *fatores* sociais não impulsionam mais mudanças em relação a essas variantes em razão de sua generalização *forma/sentido*. Como nenhum dos fatores sociais e linguísticos elaborados foram considerados estatisticamente relevantes, esses valores numéricos revelaram que *a competência linguística e discursiva* desses populares é adquirida e sofre adaptações na medida em que falantes oriundos e não oriundos da cidade praticam a língua em CsPrát. (contato), transformando esses domínios da experiência humana em locais nos quais o comportamento linguístico popular prevalece: *limpeza de ambientes, manutenção predial e organização de ruas (agentes ambientais, garis)*.

Desse modo, sob perspectivas funcionalistas e de gramaticalização de itens *de evolução* e *em evolução*, as formas da série **TU**, correspondentes do paradigma pronominal antigo, são *reliquias* ou *itens obsoletos utilizados com vitalidade*, já as formas da série **VOCÊ** atuam como *mecanismos de reparo* (LABOV, 2010). Nesse sentido, restam apenas poucos contextos ainda dominados pelas formas da série **TU** como os resultados dos três momentos estatísticos apresentaram. Em variedades do PBPOP, emitidas em CsFal. que expressam o pronome **você**/sujeito a todo momento, apesar de nem todos os falantes entrevistados para o desenvolvimento desta pesquisa serem oriundos da cidade de São José dos Campos – SP, **te** comporta-se e é interpretado como *única unidade em processamento [teV]* já que está amalgamado a verbos e, por essa razão, suas taxas de uso apresentaram-se altas com grande probabilidade de ocorrência. Vale dizer que o falante *em contato* desde sua infância com seus pares, adquire na *interação face a face* com adultos padrões linguísticos que utiliza no decorrer de sua vida e, assim, *com estímulos interacionais de contextos comunicativos diversos*, regras gerais (gramaticais e não gramaticais) são compartilhadas pelo grupo conforme advoga Lima-Hernandes (2009b) e depois esse mesmo falante entra em contato com outros grupos de modo que mantém alguns traços antigos e pode inovar outros. Ainda de acordo com a autora, “a língua muda, sim, mas o tempo de manutenção de um uso antigo sempre será aquele

demandado pela comunidade que o utiliza” (LIMA-HERNANDES, 2009b, p.2). Ao mesmo tempo em que **TE** é *contexto de retenção*, ele motiva o uso do **você** como *forma reparadora de perdas* sofridas pelo antigo paradigma pronominal **TU**. O mesmo pode ser interpretado em relação ao uso dos possessivos **TEU/A**, já que seu P.R. foi alto: 0,994, embora sua frequência de uso tenha apresentado percentual baixo: 10% apenas. Isso quer dizer, conforme já mencionei, que **SEU/A** com 90% de frequência de uso está penetrando como única forma possessiva para representar a segunda pessoa do singular (**você**) no PBPOP falado em CsPrát., situadas em SJC-SP, mas ainda enfrentam os rivais **TEU/A**.

Concluo, assim, que “mistura pronominal” é reflexo de *fluidez* e *dinamicidade linguística*. Isto quer dizer que essa “mistura” entre formas velhas e novas indica “efeitos de mudança” porque, de certa maneira, a mudança voltada para o paradigma **VOCÊ** já ocorreu com a implantação dessa forma em contextos antes dominados pela série **TU**, restando, desse modo, poucos contextos de retenção a serem invadidos pela novidade **VOCÊ** (formas de reparo). Assim, a trajetória do pronome **VOCÊ** tem ligação com *o mecanismo catraca*, isto é, uma forma de importância linguística uma vez em movimento contínuo jamais retrocede (TOMASELLO, 2003), corroborando, dessa maneira, a hipótese de *unidirecionalidade de itens em evolução* defendida por Hopper e Traugott (2003).

CONCLUSÕES

Os capítulos que compõem esta pesquisa tiveram como foco localizar os pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** no tempo e no espaço. Assim, no primeiro capítulo, “a mistura pronominal” foi explorada em gêneros discursivos variados com o intuito de mostrar que o PBPOP é governado por regularidades as quais inspiram outras produções humanas do mundo da escrita e do universo musical. Por esse viés popular, foi necessário explorar, além dos padrões em uso em gêneros discursivos e excertos de fala, a localização do **VOCÊ** em sua história evolutiva, já que sua inserção no quadro pronominal do PB reajustou o paradigma pronominal de segunda pessoa do singular para usos “mesclativos” no que tange à variação tratamental (tu, tu e você, só você), modificando, conseqüentemente, as sintaxes do imperativo e do objeto (acusativo, dativo e oblíquos) como advogam Lopes e Cavalcante (2011) entre outros pesquisadores citados nesta pesquisa. Além disso, discussões sobre correspondência linear entre essas formas a partir de gramáticas históricas e contemporâneas auxiliaram a delinear os movimentos dessa atual “mistura pronominal” no sentido de definir o estatuto da forma **VOCÊ** como pronome e outros itens linguísticos como **te** e **teu/a** como seus legítimos companheiros, principalmente na fala popular, já que **VOCÊ** na função de sujeito impera em terras brasileiras há séculos (COELHO E GÖRSKI, 2011). Entretanto, personalidades letradas também “misturam pronomes”. Em razão disso, cito uma publicação do site de notícias UOL¹⁷³ sobre diferenças entre o PB e o português europeu entre outras variedades do português espalhadas pelo mundo. O texto digital menciona o fato de, apesar de séculos nos distanciar dos primeiros tempos aqui no Brasil, Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, sociólogo (final do século XX e início do século XXI) e o Marquês de Lavradio (final do século XVIII e início do XIX) misturam ou misturavam formas tratamentais relacionadas às formas das séries **você** e **tu** assim como fazem os brasileiros na atualidade. Diante dessas “instabilidades gramaticais” naturais presentes no desenvolver de séculos, considere que os pronomes **TU** e **VOCÊ** na variedade popular são formas que ainda competem por espaço, mas estão deixando de ser variáveis já que em alguns contextos sintáticos a variação entre essas formas pronominais não é mais usual em CsFal. como São José dos Campos-SP. Assim, em primeiro lugar os resultados gerais apontaram que **VOCÊ** é pronome preferencial ou majoritário, já as formas relacionadas ao pronome **TU** obtiveram percentuais baixos em relação à frequência de uso. Em segundo lugar, o pronome

¹⁷³Disponível em: noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2015/04/12/em-200-anos-teremos-dificuldades-para-nos-comunicar-com-portugueses.htm. Acesso em abril de 2015.

VOCÊ, há séculos, desbancou formas da série **TU** em determinados contextos sintáticos, restando apenas três ambientes ainda resistentes à mudança para a nova forma conforme apontaram os resultados específicos deste trabalho (capítulo 4). Assim foi possível dizer que os pronomes das séries **TU** e **VOCÊ** no futuro, possivelmente, deixarão de ser rivais para **VOCÊ** imperar e, assim, um paradigma pronominal de segunda pessoa do singular voltado para a ordem VERBO+VOCÊ [**V+VOCÊ**] estará em uso.

Para testar essa hipótese rumo ao uso exclusivo do **VOCÊ**, foi necessário investigar CsPrát. que usam a língua no cotidiano. Desse modo, embasada em teorias da Sociolinguística Variacionista e Cognitivista, entre outras interfaces teórico-metodológicas, o capítulo dois explorou a pesquisa de campo que demorou quase nove meses para ser concluída. Essas interfaces teóricas como método levaram em conta *a percepção* (entre outros sentidos), e *o dinamismo do mundo real* e da língua, procurando observar os *arredores* e *entornos* das cidades nos quais falantes vivem e transitam. Assim, essa tese contribuirá para que “dedins de prosa” mais espontâneos sejam explorados reunindo *um, dois, três* ou *mais entrevistados* por sessões interlocutivas. Desse modo, respeitei a dinâmica e a disposição naturais dos interlocutores, favorecendo, inclusive, discussões sobre conceitos debatidos há décadas no que se refere a Comunidades de Fala e Comunidades de Prática. Nesse sentido, foi oportuno discutir esses conceitos já que há complexidades sociais existentes na atualidade, principalmente, em grandes cidades brasileiras nas quais costumam surgir grupos humanos diferenciados por vários motivos e condições de vida favorecendo o uso de variedades linguísticas empregado em ambientes de trabalho. Sob esse prisma, em CsPrát., caracterizadas por níveis de formalidade, ESSDs foram concebidas e realizadas para explorar não só o olhar de quem entrevista indivíduos, mas a percepção dos entrevistados e audiência de “iguais linguísticos e sociais” nas cenas interlocutivas. Isto quer dizer que falantes e espectadores, *atores sociais* e *agentes estilísticos* por natureza, deixaram os ambientes conversacionais mais empáticos e colaborativos, tornando “esses dedins de prosa” reais. Por fim, a história do município de SJC-SP contribuiu para localizar a cidade e cidadãos no seu desenvolvimento espaço-temporal e entender essa URBE como complexa e dinâmica por acolher pessoas oriundas de diversos lugares do país e do mundo (brasileiros de todas as partes do país, chineses, coreanos etc.), principalmente, depois da década de 1950, período no qual indústrias variadas foram implantadas na cidade, transformando essa pacata cidade em um centro industrial e comercial, voltado também para pesquisas climáticas e aeroespaciais.

O terceiro capítulo objetivou, em termos gerais, explorar as transformações de itens *de evolução* e *em evolução* no PB. Assim, tentei explicar por que falantes populares “misturam” formas das

séries **TU** e **VOCÊ** sob perspectivas teóricas da Gramaticalização, ordenação natural de palavras, acúmulo de experiências humanas, construção de mesclagem conceptual e uso de máscaras sociais. Na melhor das tentativas explicativas, posso dizer que nem todos os usos sociais da língua desaparecem por completo, eles se transformam em razão de como o falante *interpreta* e *enxerga o mundo*. Todas essas noções teórico-metodológicas “*enxergam*” O USO da língua e explicam variação e mudança de itens linguísticos sob o ritmo paulatino e gradual que, naturalmente, envolvem transformações na língua de certas CsFal. e de seus usuários. Esses falantes, por sua vez, são *agentes estilísticos* por natureza como mencionei anteriormente porque ainda podem escolher um ou outro item variável até que mudanças completas na língua aconteçam, deixando o padrão de comportamento linguístico relativamente mais homogêneo. Além disso, noções de categorização, mesclas conceptuais e usos de máscaras sociais forneceram bases teórico-metodológicas para que princípios e classificações fossem aplicados nesses usos pronominais “mistos”, isto é, na verdade, mostrei que *estratégias cognitivas* fazem parte da capacidade humana em explorar recursos, transformando-os *em competências linguísticas e discursivas*. Em outras palavras, como refletiu Lima-Hernandes (2009b, p.04): “não existe mudança linguística que se cumpra sem o envolvimento do povo, que é a engrenagem necessária da dinâmica linguística”. Sob essa ótica multifacetada “da língua do povo e da fala do povo”¹⁷⁴, justifico as interfaces teórico-metodológicas utilizadas nesta tese.

O quarto capítulo trouxe discussões sobre *a variável linguística* e aplicação desse conceito às séries dos pronomes **TU** e **VOCÊ** no PBPOP falado em CsPrát., localizadas em SJC-SP. Além disso, análises e resultados do fenômeno em questão também foram contemplados no sentido de trazerem noções a práticas *qualitativas* e *quantitativas*. A adoção da teoria laboviana foi importante para a execução de cada passo dessa pesquisa, abrangendo, por conseguinte, discussões sobre indivíduos, entrevistas, gravações de material sonoro para pesquisas científicas voltadas para CsFal. e CsPrát. Dessa maneira, partiu-se de uma noção mais homogênea de falantes que praticam os mesmos padrões linguísticos e comportamentais já que a variação, segundo Labov [1972] 2008, está na língua e não na comunidade de fala. Entretanto, valores linguísticos e escolhas mudam a depender do ir e vir de falantes que pertencem a redes sociais e/ou comunidades/grupos inseridos em seus domínios de atividades sociais. Nesse sentido, os populares, partícipes livres desta pesquisa, não possuem vida cultural intensa porque são trabalhadores braçais, pertencentes à condição social *baixa renda*, e, boa parte dos entrevistados tem pouca escolaridade (Ensino Fundamental completo e incompleto). Assim, esses populares,

¹⁷⁴ Referência à Lima-Hernandes (2009b, p. 1).

ao seu modo, contribuem para a construção deste país e mais especificamente trabalham para melhorar suas próprias condições de vida. Partindo dessa noção, assuntos relacionados à *saúde, educação, lazer, moradia, transporte público, escola* forneceram condições favoráveis para a emergência e uso dos pronomes voltados para a segunda pessoa do singular (**P2**), difíceis de emergirem em narrativas pessoais, proferidas, em geral, por um só indivíduo conforme sugere a tradição laboviana.

Especificamente, o capítulo quatro distribuiu os **1.444** dados de fala, categorizados e tratados pelo pacote estatístico Goldvarb X, em três etapas estatísticas de discussões e análises das produções pronominais dos populares em questão. Essas etapas estatísticas exploraram previamente poucos dados de falantes escolhidos aleatoriamente. Desse modo, as discussões teórico-metodológicas forneceram fundamentos necessários para explicar o uso da “mistura pronominal” entre velhas e novas formas “de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto”, isto é, esses pronomes, apesar de exercerem funções gramaticais diferentes nos enunciados, designam, de modo geral, o interlocutor. Sob esse prisma, os pronomes **você(tu)**, **te~você**, **te~pra você** e **teu/a~seu/a** representam o ouvinte (**P2**): a segunda pessoa do singular no atual PBPOP falado. Assim, discutir e analisar primeiras impressões de amostras de resultados me oportunizou explorar o referencial teórico-metodológico adotado e referenciais bibliográficos, já que *fatores sociais* e boa parte dos *fatores linguísticos* considerados não condicionaram os resultados finais em razão da *generalização forma/sentido (significado)* das variantes pesquisadas, contribuindo, assim, para reflexões sobre os rumos do **VOCÊ** no PB, principalmente na variedade popular falada.

Além disso, essa pesquisa oportunizou evidenciar que CsFal. podem até empregar os mesmos itens linguísticos e adotar atitudes sociais semelhantes, mas cada CF de fala é única, logo, o comportamento da variável linguística não é igual de CF para CF. Assim, CsFal. do Sul do Brasil empregam tanto formas associadas a **TU** quanto ao **VOCÊ**, mostrando que **VOCÊ** invade terras nas quais o pronome **TU** é forma primeira para tratar o interlocutor (**P2**), principalmente no vernáculo de populações locais (LOREGIAN-PENKAL, 2004; ARDUIN, 2005), com exceção de Pelotas (RS), por exemplo, terras nas quais **TU** é uso majoritário, utilizado com verbos sem marca morfológica final [Ø] (AMARAL, 2003). Já em CsFal. localizadas em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Vitória (ES), por exemplo, os pronomes em questão apresentam-se, de modo geral, como variantes da mesma variável (HERÊNIO, 2006; MODESTO, 2006; CHRISTIAN E FERRO, 1996; CALMON, 2010) mesmo que o pronome **você**, **te** e **teu/a** exerçam funções distintas, mas são formas correferentes do **VOCÊ**/sujeito.

Assim, posso dizer que **te** e **teu/a** são *reliíquias regulares em uso*, formas legítimas e prestigiadas tanto nas variedades populares do PB quanto em textos publicitários e musicais conforme mostraram os resultados discutidos no capítulo 4. Dessa maneira, **te** e **teu/a** são contextos de restrição que impedem a atuação mais vigorosa do pronome **VOCÊ** nesses ambientes na atualidade. Isto quer dizer que essas restrições são, na verdade, motivações, estatisticamente comprovadas com elevadas taxas de frequência de uso, para que a novidade **VOCÊ** nos contextos *acusativo, dativo e possessivos determinantes* seja mais empregada. Embora esses resultados estatísticos no que se refere aos itens **te** e **teu/a** comprovem o uso acentuado dessas formas no PBPOP falado na cidade de SJC-SP, suponho que o paradigma pronominal de segunda pessoa estará cada vez mais voltado para o pronome **VOCÊ** em terras já dominadas por esse item há séculos. Exemplos de fala, nesse sentido, contribuíram para exibir produções do **você/sujeito** acompanhado das formas **te~você**; **te~pra você** e **teu/a~seu/a**. Além disso, usos de redobro pronominal como “eu **te** falei **pra você**”, audíveis nas ruas de SJC-SP, foram interpretados por mim como em *fase de transição*, pois essa opacidade evidencia o emprego de dois pronomes ainda em disputa territorial. Assim, enquanto **te**, paulatinamente, adjunge-se a verbos marcando, por sua vez, a segunda pessoa do singular, **VOCÊ** vai se tornando uma alternativa completiva até que o afixo **te**, reanalisado como marcador de segunda pessoa do singular, possa deixar de ser produzido na língua, restando, provável e consequentemente, algumas cristalizações linguísticas como, talvez, “eu **te** amo”, “eu **te** pego”; “eu **ti**pego **ocê**” etc.¹⁷⁵ Outras construções como “**te** liga”, “**te** toca” são usos que possivelmente manteriam **TE** já que se esse item for substituído por **você** como em “liga **você**” ou “toca **você**”, essas construções mudariam de sentido. Assim, vale frisar as reflexões de Lima-Hernandes (2009b, p. 2), “o tempo de manutenção de um uso antigo sempre será aquele demandado pela comunidade que a utiliza”

Além das formas associadas a essas duas séries pronominais, houve a exploração de estratégias referenciais sob o viés de máscaras sociais¹⁷⁶ e *frames* (molduras discursivas) que levaram em

¹⁷⁵ Ontem, dia 2 de julho de 2015, em uma loja de eletrodomésticos, localizada dentro de um dos maiores shoppings da cidade de SJC-SP, um dos vendedores me atendeu do seguinte modo: “Procurando computador? Eu já **TE** mostro **PRA VOCÊ**. Só um minutinho”. E uma caixa de uma das inúmeras lojas de cosméticos da cidade de SJC-SP me falou o seguinte: “**A SENHORA** entrega o cartão que eu já **TE** mostro **pra ti**”. Ao conversar com a caixa da respectiva loja descobri que sua avó é chilena, avó, oriundo de algum país latino – língua espanhola, e sua mãe havia vivido muitos anos no Sul brasileiro, motivos pelos quais a jovem teria a variante “**pra ti**” em seu repertório linguístico, segundo explicações da própria falante. Uma das explicações foi: “Lá em casa a gente mistura tudo. É cada um de uma parte, de uma terra diferente”.

¹⁷⁶ Neste trabalho, *máscaras sociais* não se referem a vários papéis que o ser humano desempenha na sociedade (professor, pai, homem, amante, jogador etc.). Nas palavras de Eckert e McConnel-Ginet ([1992] 2010, p.105) “Ao nos tornarmos policiais, psiquiatras, cientistas ou professoras de linguística, podemos modificar nossos modos de ser mulheres e talvez de ser esposas, amantes ou mães”. *Máscaras sociais*, neste trabalho, são as várias

consideração a capacidade humana de categorizar itens de modo radial e situações a partir da experiência cotidiana. Assim, **você** envolve não só referentes determinados (**P2**), mas outras nuances referenciais como **você** (genérico), **você** (referente reportado) e **você** (referente *eu/self*). Isso quer dizer que, na medida em que o falante se responsabiliza ou não pelo que profere, referentes são evocados de modo determinado (referência específica), mas, se o falante não quer se responsabilizar pelo que diz, referentes gerais, menos específicos, serão mais empregados, contribuindo, assim, para a preservação do sagrado **EU** e, por conseguinte, equilibrando o jogo conversacional. Nesse sentido, as molduras discursivas com mais de um entrevistado contribuíram de modo relevante no que se refere ao número de entrevistados, valorizando, assim, cenários e espectadores “iguais linguísticos e sociais” que, por sua vez, privilegiaram o uso das formas **VOCÊ** em alguns *frames*, já em outros enquadres formas da série **TU** emergiram, principalmente em molduras discursivas mais restritas. Além disso, a noção de *frame* ressignificou as sessões interlocutivas ESSDs para conversas legitimadas em “dedins de prosa”, costumeiros/habituais em cidades do interior paulista e mineiro, refletindo, desse modo, o comportamento desses populares em seus respectivos locais de trabalho.

Quanto aos resultados estatísticos de cada amostra, os índices revelaram que **VOCÊ**/sujeito é pronome quase exclusivo para tratar o interlocutor (**P2**). Desse modo, os falantes de **TU** (oriundos de Salvador, Piauí, Maranhão, Fortaleza) preferiram empregar **VOCÊ**, principalmente na função de sujeito, evidenciando *adaptação* aos grupos sociais de interesse. Assim, dos **66** entrevistados considerados, **33** alternaram os pronomes de segunda pessoa considerados ao mesmo tempo que **33** falantes não alternaram entre uma forma e outra, empregaram formas da série **VOCÊ**. Isto quer dizer que **33** populares ainda possuem em sua gramática *formas alternativas de dizer a mesma coisa*, mas os outros **33** entrevistados não possuem mais variantes, empregando somente formas da série **VOCÊ**.¹⁷⁷ Na gramática desses falantes possivelmente há só formas **VOCÊ**. Mas pelo fato de esses falantes nunca terem sido entrevistados, talvez, a motivação maior para o uso categórico das formas relativas ao **VOCÊ**

e possíveis *máscaras* que uma única forma pronominal poderá ter no desenvolver de atividades discursivas, afetando, assim, o comprometimento daquilo que o emissor fala ao seu receptor. Devido às facetas referenciais que falantes produzem em diálogos, o referente pode ser prototípico (P2) e/ou sofrer expansão referencial até se afastar do núcleo, produzindo efeitos de distanciamento referencial. Sob esse prisma, chamei esse uso de uma mesma forma (**você**) que tem a capacidade de envolver referentes distintos de *máscaras sociais* porque tanto *forma* quanto *significados* são construções sociais utilizadas no social, isto é, *forma/significados* são usos sociais que se moldam às situações para suprir necessidades do universo comunicativo.

¹⁷⁷ Eu, Ivanilde da Silva, sou falante do pronome **TU** e não tenho em minha gramática o pronome **VOCÊ**. Como moro em SJC-SP há mais de sete anos, sempre que preciso utilizar esse pronome (**VOCÊ**) penso para utilizá-lo, esse meu uso não é *espontâneo, natural*, ele é mais *uma pressão*. Por exemplo, quando não quero dar explicações sobre mim, procuro empregar **VOCÊ** para não motivar questionamentos ou curiosidades.

terem sido utilizadas fosse a presença de uma documentadora, estranha ao grupo de trabalho diário, pressionando os falantes a emitirem formas da série **VOCÊ** como *escolha*, já que no sistema linguístico da cidade de SJC-SP ainda há *formas alternativas de dizer a mesma coisa*. Nesse sentido, tanto **VOCÊ**/sujeito quanto **te** são formas generalizadas porque apontam para o outro/interlocutor, embora atuem em funções sintáticas diferentes. Assim, **VOCÊ** designa o outro, independente da faixa etária, nível escolar e condições sociais, pois essa forma de tratamento não agride a ninguém. Isto quer dizer que essa *generalização de formas/significado* foi o motivo pelo qual fatores sociais e certas pressões linguísticas não tenham interferido na escolha de um e outro pronome. Desse mesmo modo, o item **te** também é *forma generalizada* porque acompanha **VOCÊ**, **O/A SENHOR/A** e **FORMAS IMPERATIVAS** sem com isso causar danos à *face/imagem do outro*. Assim, na cidade de SJC-SP são audíveis construções do tipo: a) **A senhora** tem **seu** cartão? Eu **te** ajudo; b) **Ø**vai até o ponto que o cobrador **te** informa e c) **você** perdeu **teu** namorado porque **você** quis. Eu **te** avisei, mas **você** não me escuta. Da mesma maneira, **seu/a** são *formas possessivas generalizadas* porque acompanham tanto o pronome **você** quanto outras formas que designam o outro ao mesmo tempo em que os itens possessivos **teu/a**, paulatinamente, perdem espaço conforme mostraram os resultados específicos de cada amostra estatística (percentuais de uso).

Nesse sentido, **VOCÊ** é pronome privilegiado como forma de tratamento do interlocutor em muitas CsFal. conforme apontaram as pesquisas de Nascimento (2011), Modesto (2006), Herênio (2006), Mota (2008), Gonçalves (2008), Calmon (2010) etc., embora formas da série **TU** ainda estejam presentes na língua dessas comunidades. Isso quer dizer que, primeiramente, pela alta frequência de uso do item **te** na atual sincronia do PBPOP falado de SJC-SP, esse item linguístico é correferente do **você**/sujeito e, portanto, é seu complemento mais utilizado. Em segundo lugar, **te** tende a seguir o percurso evolutivo das formas que sofrem processos de Gramaticalização conforme discussões feitas no capítulo 3. Na medida em que **você** também penetra paulatinamente em contextos completivos, **te** se comporta como se fosse *um traço de concordância* que marca a segunda pessoa do singular/receptor até que essa forma talvez desapareça ou permaneça em fatos cristalizados da língua como já mencionei. Na atualidade do PB, como afirma Perini (2010), **te** é complemento do sujeito **você** assim como os possessivos **seu/a** e **teu/a** são formas que representam a posse do receptor (**P2**). Nesse aspecto, essa mesma tendência em relação ao uso de completivos foi notada por Christian e Ferro (1996) ao observar fatos linguísticos da cidade de Curitiba (PR) que, por sua vez, emprega **você**/sujeito como estratégia exclusiva para designar o interlocutor. Outro exemplo é o trabalho de Mota (2008)

que descreveu fatos variáveis na cidade de São João da Ponte (MG). A pesquisa indicou a predominância do **você** na fala de mineiros escolarizados até o Ensino Fundamental, entretanto, há o uso de **tu/sujeito** e suas respectivas formas correspondentes **te** na zona rural. Assim, a autora percebeu que a cidade é, na verdade, uma ilha linguística no estado de Minas Gerais porque em outras cidades mineiras não há produção do pronome **tu**, principalmente na função subjetiva (GONÇALVES, 2008). Mota (2008) percebeu que **te** é produtivo na fala urbana, já na zona rural, como já mencionei, **tu** e formas correspondentes a essa série são mais frequentes. Essa mesma tendência ao desaparecimento da série **tu** (completivos e possessivos) foi observada em Uberlândia (MG) conforme apontou o trabalho de Herênio (2006).

Nessa perspectiva de análise variável, justifico mencionar os estudos supracitados porque eles evidenciam primeiramente que cada CF é uma, isto é, cada CF é distinta de outra, embora cada uma delas possa apresentar características semelhantes de usos, e, em segundo lugar, comportamentos como os notados por Herênio (2006) em Uberlândia (MG), por exemplo, são semelhantes aos encontrados em SJC-SP justamente porque essa cidade, situada no Vale do Paraíba, tem influência mineira, Sul de Minas Gerais, locais nos quais há a predominância do **você/sujeito**, forma primeira para tratar o interlocutor, apesar de formas ligadas à série **TU** ainda co-existirem na fala local. O mesmo ocorre no Sul, em Curitiba-PR, terras dominadas pelo uso do **você/sujeito** nas quais **te** é emprego privilegiado em relação a outros usos concomitantes em função completiva como, por exemplo, **o/a senhor/a** e **você** (CHRISTIAN E FERRO, 1996). Logo, independente da variação diatópica existir em relação ao emprego de **tu** e **você**, é fato que **TE** tem vitalidade no PB assim como os possessivos **TEU/A**. Vale ressaltar que **VOCÊ** não é forma pronominal “vencedora” em todo o território nacional. O Brasil tem extensão territorial imensa e nem em todos os lugares há vida sociocultural diversificada e intensa para transformar hábitos linguísticos e comportamentais em pouco tempo. Em reflexões anteriores, mencionei que as variedades populares são *seculares*, mas as variedades cultas são *recentes*. Ainda há na fala de populares empregos antigos e, por consequência, formas *velhas* e *novas* relacionadas à segunda pessoa do singular convivem no PB atual. Não há data marcada para que mudanças pronominais voltadas à série **VOCÊ** se consolidem de modo definitivo. Tudo dependerá do uso. Enquanto houver falantes, adultos e crianças emitindo formas da série **TU**, esses itens permanecerão em práticas orais da população brasileira (ver nota de rodapé número 152).

Dessa maneira, levando em consideração a existência de variação diatópica, no Sul do Brasil, o uso de **teu/a** é frequente em algumas cidades catarinenses e gaúchas, apesar de **seu/a** serem

utilizados junto dos pronomes **tu** e **você**/sujeito. A variação entre **seu/a** e **teu/a** no Sul brasileiro tem fortes condicionadores como *relações de poder* e *solidariedade*, *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo* como mostrou o trabalho de Arduin (2005). Assim, em relações *simétricas* e *assimétricas* (de superior para inferior) **teu** é mais utilizado. Já o possessivo **seu** é mais utilizado nas relações *assimétricas de inferior para superior* em relações de menor intimidade, revelando que **teu** é de uso mais restrito, familiar e menos formal, utilizados por jovens; já **seu** é de uso ligado à cortesia, menos familiar e mais formal. Em Curitiba (PR), como mostrou Menon (1996), **seu/a** e **teu/a** têm usos condicionados por ambientes de *familiaridade/intimidade* e *formalidade/não intimidade*. Nesse sentido, “**tua** noiva” está direcionado para usos de *intimidade* enquanto que “**sua** mãe” está mais propenso a ocorrer em contextos de *não intimidade* e *respeito*. Da mesma maneira que **lhe**, segundo a autora, está ligado a contextos de formalidade e não intimidade. Entretanto, essas condições de uso válidas para CsFal. existentes no Sul do Brasil, mas não são válidas para a cidade de SJC-SP porque nessas terras paulistas a *generalização forma/significado do VOCÊ* ocorre de maneira muito mais intensa. Vale lembrar que em Curitiba-PR há o uso do possessivo “**de você**” (MENON, 1995; 1996), mas essa construção possessiva não é usual em cidades como SJC-SP, por exemplo, local no qual o uso de **seu/a** (P2) é muito mais empregado pela sociedade, escolarizada ou não.

Sob essa perspectiva, os padrões pronominais em uso na cidade de SJC-SP são **VOCÊ**/sujeito, emprego exclusivo, com **te~você**, **te~pra você** e **seu/a~teu/a**, evidenciando que “misturar pronomes” é uma consequência natural justamente porque essa “mistura” faz parte do conhecimento cumulativo dos falantes como construções sociais convencionalizadas, já que a cidade é anterior aos habitantes que nela vivem e, assim, modelos pronominais baseados no uso são reflexos sociocomportamentais dessa URBE que elegeu **VOCÊ** como forma primeira para tratar o interlocutor. O quadro 31 a seguir exhibe a “mistura pronominal” existente no PBPOP falado em SJC-SP, considerando usos no singular e plural:

Quadro 31: padrões pronominais de segunda pessoa

SEGUNDA PESSOA	SUJEITO	ACUSATIVO	DATIVO	OBLÍQUOS	POSSESSIVOS
SINGULAR	VOCÊ	TE~VOCÊ	TE~PRA VOCÊ	COM VOCÊ, EM VOCÊ ...	SEU/A~TEU/A
PLURAL	VOCÊS	VOCÊS	PRA VOCÊS	COM VOCÊS, EM VOCÊS ...	SEUS/SUAS

Além disto, esses padrões pronominais, considerados formas *velhas* e *novas* de dizer a mesma coisa, associados aos resultados estatísticos contidos nesta pesquisa, apontam para a tendência

de uma sócio-gramática futura voltada para o uso do **VOCÊ** em todas as funções gramaticais (sujeito, complemento e possessivos determinantes), moldando, assim, o paradigma pronominal de segunda pessoa do singular voltado para o pronome **VOCÊ** conforme ocorreu com a forma **VOCÊS** (2ª pessoa do plural). Saliento que o contexto possessivo “**de você**” e “**de vocês**” não é usual nessas terras do Vale do Paraíba, o uso preferencial na língua popular é o possessivo **SEU/A(S)**. O plural o possessivo na fala popular ocorre geralmente posposto ao substantivo como em “os funcionário **seus** faltô”. Desse modo, no PBPOP falado de SJC-SP, é possível que um novo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular se instale com o passar dos tempos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva. Uma visão geral e aplicada*. COTIA (SP): Ateliê Editorial, 2010.
- ABREU, Helen de Andrade. Aspectos genéricos da dêixis: o caso dos pronomes “we” e “you” em inglês. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. “Por onde tá ‘o tu?’” no português falado do Maranhão. *Rev. Signum: Estudos Linguísticos*. Londrina, n.15/1. Jun. 2012, p. 13-31. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2012v15n1p13>. Acesso em janeiro de 2013.
- AMARAL, Luís Isaías Centero do. A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003.
- ANDRADE, Carolina Queiros. Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasileira. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2010.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: Sociolinguística e Sócio-história do português brasileiro. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2014.
- ARDUIN, Joana. A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2005.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: ORLANDI, Eni Puccinelli. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.
- BARCIA, Lúcia Rosado. As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridade do gênero e reflexo da mudança pronominal. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O papel histórico, social e político do discurso da gramática. In.: NEVES, Maria Helene de Moura. *As interfaces da gramática*. Araraquara (SP): FCL-UNESP Laboratório Editorial. 2010, p. 35-56.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna Le Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, ÉMILE. *Problemas de linguística geral I*. 2ª ed. Campinas: Pontes, [1946] 1988.
- _____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In.: BENVENISTE, Émile. *O homem na linguagem*. Lisboa: Ed. Vega. 2007, p. 17-57.
- BERND, Heine. *Grammaticalization*. In.: *The handbook of historical linguistics* edited by Brian D. Joseph; RICHARD D., Janda. Blackwell handbooks in linguistics, 2003, p. 573-575.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Formas de tratamento e Estruturas Sociais. *Alfa*. São Paulo: FFCL de Marília, nº 18/19, 1972-1973, p. 339-381.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Politeness. *Some Universal in Language Use*. Cambridge Press, [1978] 1987, p.1-18.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. *The pronouns of power and solidarity*. In.: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, p. 156-176, [1960] 2003.

BYBEE, Joan. *Mechanisms of change in Grammaticalization: the role of frequency*. In.: BRION, Jandra R.; BRION, J. (Eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003a, p. 602-623.

_____. *Cognitive Processes in grammaticalization*. In.: TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language*. Vol. III. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates 2003b, p. 145-166.

_____. *Mechanisms of change as universals of language*. 2006, p. 1-18.

CALMON, ELBA NUSA. *Ponte da Passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Analítico-descritivos da Linguagem, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2010.

CAVALCANTE, Rerisson; FIGUEIREDO, Cristina. Complementos verbais diretos e dativos. In.: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Orgs.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX [on-line]*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 90-137.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística. Uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da Linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMARGO JR, Arnaldo Rebello. *A realização do objeto direto em referência ao interlocutor*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP): 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. "Proposta Funcionalista de mudança linguística. Os processos de lexicalização, semantização, discursivização na constituição das línguas". In.: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 1997a.

_____. *A gramaticalização*. Estudos Linguísticos e Literários. UFBA, 19, março de 1997, p. 25-63b.

_____. *O português do Brasil*. In.: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992, p. 238-272.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, William Roberto Cereja; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. VolIII 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atual, 1999.

CEZÁRIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião Josué. *Sociolinguística*. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010: 141-156.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre <Formas de Tratamento> na Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Horizonte, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. PEREIRA, Cilene da Cunha. (Org.). Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2007.

COELHO, Izete Lemkuhl; GÖRSKI, Edair M. A variação no uso de dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In.: LOPES, Célia Regina; REBOLLO, L. (Orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2011, p. 263-287.

COOK, M. *A theory for the Interpretation of Forms of Address in the Portuguese Language*. In.: *Hispania*, vol. 80, nº3. 1997, p. 451-464.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática histórica*. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro. Ao livro técnico, 1976.

CORRADELLO, Elaine de Fátima Alcará. *Quem é você? Análise de um pronome pessoal*. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1997.

COSTA, Sandra Maria Fonseca da.; MELLO, Leonardo Freire de. *Crescimento urbano e industrialização em São José dos Campos*. In.: COSTA, Sandra Maria Fonseca da.; MELLO, Leonardo Freire de (Orgs.). Vol V. *Coordenação geral da série: Maria Aparecida Papali; Valéria Zanetti*. São José dos Campos: História e cidade. São José dos Campos: Intergraf, 2010, 272p.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

_____; BRITO, Onilda Regina M. de. *Perda (do uso TU/TE) e aquisição de (VOCÊ/TE)*. Fundação Ensino Eurípedes Soares da Rocha. Marília: GEL, 2003, p. 1-7.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2007.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto. Uma abordagem sociocognitiva*. Trad.: ILARI, Rodolfo. São Paulo: Contexto, 2012.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar. The structure of the clause*. Dordrecht Holland/Province RI: USA:Foris Publications 1989.

DINIZ, Carolina Ribeiro. *O redobro de clíticos no dialeto mineiro do português brasileiro e no espanhol Rio-Platense*. *Estudos Linguísticos* XXXVI (1), jan/abr, 2007: 152-161.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1995.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In.: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes Editora, 1989, p.19-34.

_____. *On the 'embedding' of a syntactic change*. In.: Comunicação apresentada no ICLaVE2 – Internacional Conference on Language Variation in English Uppsala, Suécia, 2003, p. 1-5.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In.: PAIVA, Maria da Conceição, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p.115-128.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et al.* (Orgs.). *Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003, p. 123-131.

_____; PAGOTTO, Emílio G. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In.: LOPES, Célia Regina dos Santos. (Org.). *A norma brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UJRJ)/FAPERJ, 2005, p. 67-81.

ECKERT, Penelope. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, 2012, p. 87-100.

_____; MC-CONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In.: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). *Linguagem, gênero e sexualidade*. São Paulo: Parábola, [1992] 2010, p. 93-107.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. Curitiba: Editora da UFPR. Fragmenta, n°13. 1996, p. 51-82.

_____. A produção textual de um estudante no final do Ensino Médio, apresentado na abertura do Encontro de Supervisores de Avaliação de Redações, promovido pela DAEB/INEP. Brasília, 30/08/2014.

FÁVERO; Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In.: Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – núcleo USP), 1998, p. 153-177.

FERRARI, Lilian; FONTES, Viviane da Fonseca Moura. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. In.: *Linguística Cognitiva*. Volume 6, número 2, 2010, p.1-16.

_____. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Linguística Cognitiva. Pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares*. In.: FERRARI, Lilian (Org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009, p. 13-48.

FERRO, Jeferson; CHRISTIAN, Liziane de. A variação no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa na cidade de Curitiba. Curitiba: Editora da UFPR. Fragmenta, nº13. 1996, p. 83-88.

FONTES, Viviane da Fonseca Moura. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “A gente” como categorial radial. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2012.

FRANCESCHINNI, Lucelene Teresinha. Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC. Tese de doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2011.

FREIRE, Gilson Costa. A realização do acusativo e dativo anafóricos na escrita brasileira e lusitana. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In.: Gramática do português falado. CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, v. 4. 1996, p. 273-319.

GARDNER, Howard. Ciência cognitiva. As primeiras décadas. In.: GARDNER, Howard. A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva. Trad.: CAON, Claudia Malbergier. 3ª ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo (USP), 2003, p. 43-60.

GIVÓN, Talmy. A compreensão da gramática. Trad. CUNHA, Maria Angélica Furtado da; MARTELOTTA, Eduardo; ALBANI, Felipe. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

GONÇALVES, Clézio Roberto. Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2008.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação. Ensaio sobre o comportamento face a face. 2a Ed. Ed.: Vozes: Petrópolis (RJ): [1967] 2012a.

_____. Os quadros da experiência social. Uma perspectiva de análise. Ed.: Vozes, Petrópolis (RJ): [1974] 2012b.

GÖRSKI, Edair Maria. Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais. In.: Estudos Linguísticos São Paulo, 41 (2). 2012, p. 806-817.

GUY, Gregori Riordan. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In.: Abralín, 2001. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em maio 2011.

_____; ZILLES, Ana. Sociolinguística quantitativa. Instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, MICHAEL ALEXANDER KIRKWOOD. An Introduction to Functional Grammar. 2. Ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____ & MATTHIESSEN; CHRISTIAN, M.I.M. Construing Experience Through Meaning. *A language-based Approach to Cognition*. Continuum, London, 1999.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, v. 1, 1991.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. “Tu” e “Você” em uma perspectiva intra-linguística. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2006.

HOPPER, Paul J. *On some principles of grammaticalization*. In.: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v.1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth CLOSS. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário da Língua Portuguesa*/Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos; NEVES, Maria Helene de Moura; POSSENTI, Sírío. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In.: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. *Gramática do português falado*. V.IV: Estudos descritivos. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996, p. 79-166.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago, The University of Chicago Press, 1990.

KATO, Mary. A. A complementaridade dos possessivos e das construções genéticas no português coloquial: replica a Perini. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 1, n. 1-2. p. 107-120, 1985.

_____. O objeto nulo revisitado no português brasileiro. In.: TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; ANDRADE, Maria Lúcia de C. V. de O. *História do português paulista. Séries Estudos Vol. II*. Campinas-SP: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Ed., [1972] 2008.

_____. *Some sociolinguistic principles*. In.: *Sociolinguistics. The Essential Readings*. Edited by Christina Bratt Paulston and G. Richard Tucker. Blackwell Publishing, [1966] 2003, p. 234-250.

_____. *Principles of linguistic change*. Vol III. Cognitive and Cultural Factors. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Foundation of Cognitive Grammar*. Vol. 1, Stanford, Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundation of Cognitive Grammar*. Vol. 2, Stanford, Stanford University Press, 1991.

LAVANDERA, Beatriz R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1978.

_____. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Language Society. Printed in Great Britain, vol. 7, 1977, p. 171-182.

LEITE, Marli Quadros. Tradição, invenção e inovação em gramáticas de língua portuguesa – séculos XX e XXI. In.: NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *Gramáticas contemporâneas do Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 115-133.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estudos sobre gramaticalização – objetos, métodos e problemas. In.: OLIVEIRA, Mariangela R. de; ROSÁRIO, Ivo da C. do. (Orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009a.

_____. A língua do povo, a fala do povo. In.: *Comciência* [on line] nº113, p.0-0. Campinas – SP (artigo), 2009b, p. 1-4. ISSN 1519 – 7654. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n113/a08n113.pdf>. Acesso em junho de 2015.

_____. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In.: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 87-104.

LOBO, Tânia. A colocação dos clíticos em português. Duas sincronias em confronto. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1993.

_____. A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico. Tese de doutorado da Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1999.

_____. Vossa mercê > você (português) e Vuestra Merced > usted (espanhol). O percurso evolutivo ibérico. II Congresso Internacional da ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística. Fortaleza, publicação on-line. www.letras.ufrj/abralin, 2001: 1-23. Acesso em novembro de 2014.

_____. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. “De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a análise da pronominalização de nominais em peças brasileira e portuguesa setecentistas e oitocentistas. In.: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antônia. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português*. Primeiros estudos. Rio de Janeiro, In-Folio, 2003.

_____. Pronomes Pessoais. In.: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-119.

_____. RUMEU, Márcia Cristina de Brito. “O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In.: *descrição, história e aquisição do português brasileiro*. 1ª ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, 419-436.

_____. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX, 7/7/2006, p. 187-214. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/12-lobes.pdf>. Acesso em 15 mai. 2012

_____; CAVALCANTE, SILVIA REGINA DE OLIVEIRA. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você – sujeito e retenção do clítico-te. In.: Revista Linguística. Vol. 25, junho de 2011:30-65. Acesso em 13-02-2012: http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf

_____; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; SOUZA, Camila Duarte de. A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro. In.: Veredas *on-line*, atemática. PPG – Linguística/UFJF – Juiz de Fora, 2013/2 p. 376-397.

_____; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; SOUZA, Camila Duarte de. O tratamento pronominal de 2ª pessoa e as formas alternantes oblíquas: analisando a variação linguística em cartas pessoais dos séculos XIX-XX. Disponível em [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Camila%20Duarte%20de%20Souza%20\(UFRJ\),%20Thiago%20Laurentino%20de%20Oliveira%20\(UFRJ\)%20e%20Regina%20C%20%20A%20lia%20dos%20Santos%20Lopes%20\(UFRJ\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Camila%20Duarte%20de%20Souza%20(UFRJ),%20Thiago%20Laurentino%20de%20Oliveira%20(UFRJ)%20e%20Regina%20C%20%20A%20lia%20dos%20Santos%20Lopes%20(UFRJ).pdf). Acesso em janeiro de 2015.

_____; MACHADO, Ana Carolina. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, Celia Regina dos Santos. (Org.). A norma brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), FAPERJ, 2006, p. 45-66.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da região sul. Tese de doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2004.

_____; MENON, Odete Pereira. Você, ocê (?) e cê em Curitiba, Paraná. In.: Signun Estudos Linguísticos. Londrina, n° 15/1. 2012, p. 223-243.

LUCCA, Nívea Naves Garcia. A variação tu/você na fala brasiliense. Dissertação de mestrado em linguística. Brasília: Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UNB), 2005.

LUCCHESI, Dante. Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.

_____. Grandes territórios desconhecidos. Linguística (ALFAL). São Paulo: n°. 14, [2002] 2004b, p. 191-222. http://abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf. Acesso em novembro de 2013.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. Revista Abralín, V. 5. N° 1 e 2. 2006, p. 83-112. http://abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art4.pdf. Acesso em novembro de 2013.

MACHADO, Ana Carolina Morito. A implementação de VOCÊ no quadro pronominal do português brasileiro. Rev. Gel/Grupos de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Vol. 1, 2004, p. 23-48.

_____. A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2006.

_____. As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In.: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Org.). Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 51-64.

MARTINS, Germano Ferreira. A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “O português são dois ...”: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo Editorial, 2004a.

_____. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. In.: COSTA, Sônia Bastos Borba; FILHO, Américo Venâncio Lopes Machado (Orgs.). Do português arcaico ao português brasileiro. Salvador (BA): EDUFBA, 2004b, p. 115-138.

_____. Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola. 2004c.

_____. Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. História e estrutura da Língua Portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. De máquinas e seres vivos. Autopoiese, a Organização do Vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português. Revista Letras 44. Editora UFPR, 1995, p.91-106.

_____. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Rio de Janeiro: Timing Editora: UFRJ. 1996, p. 101-106.

MENDES, Elisângela dos Passos. “Deixe a vida me levar, vida leva eu ...”: Estudo Sociolinguístico da flexão de caso dos pronomes pessoais de primeira pessoa no português de Salvador. Web-revista Socioleto. Ed. Especial/homenageado Fernando Tarallo. V.4, nº12, maio/2014, p. 1-22. www.socioleto.com.br. Acesso em dez.de 2014.

MEYERHOFF, Miriam. *Communities of practice*. In.: Chambers, J.K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes, N. (ed). Handbook of variation and change. Oxford: Blackwell, [2002] 2004, p.526-548.

MILANEZ, Wânia. Recursos de indeterminação do sujeito. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1982.

MILROY, James. *On the social origins of language change*. (s. d.), p. 215-236.

MILROY, Lesley. *Social network*. In.: Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Chilling-Estes, N. (Ed). *Handbook of variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 549-572.

MODESTO, Atarxerxes Tiago Tácito. Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos – SP. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 2006.

MONDADA, Lorenza.; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; Ciulla, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto [1995] 2003, p. 17-52.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Letras e Cognição* n°41, 2010, p. 93-113.

_____; BENTES, Anna Cristina. *Frames* em jogo na construção discursiva e interativa da referência. In.: MORATO, Edwiges Maria; Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *A noção de frame*. *Cadernos de Estudos Linguísticos* n°55(1), Unicamp/Campinas, Jan./Jun., 2013, p. 125-137.

MONTEIRO, José Lemos. Pronomes pessoais. Subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza, Ed. UFC, 1994.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Sociolinguística cognitiva. *Proposiciones, escolios y debates*. Iberoamericana/Vervuert, 2012.

MOTA, Maria Alice. A variação de ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG). Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2008.

NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In.: *Cad. Est. Ling.*, Campinas (20):9-16, Jan/Jun. 1991, p. 9-21.

_____; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9, n° especial, 1993, p.437-454.

_____; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 49-69.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____. Possessivos. In.: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do Português Falado*. Vol. III. *As abordagens*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Unicamp. 2002, p. 149-211.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem. Temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. Categorização e multifuncionalidade. Léxico e gramática. Santiago: ALFAL. Revista Linguística, n°23, 2010b. P. 59-80.

_____. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Ivanete Belém do. O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s) na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2011.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; SOUZA, Camila Duarte de. A representação da 2ª pessoa nas posições de complemento: o papel da categoria social. Revista *Working Papers Linguist.*, 2013/2, p.100-120. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420>. Acesso em 28 mar. 2013.

OLIVEIRA, Vanessa Cristina Morais *et al.* A elevação da Aldeia de São José do Parayba em 1767: o papel das Vilas e Aldeias paulistas no contexto político do Brasil Colonial. In.: PAPALI, Maria Aparecida. (Org.). Ingraf: São Paulo. Vol III, 2010, p. 73-90.

OMENA, Nelise Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In.: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Orgs.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003, p.62-80.

PAGOTTO, Emílio. G. A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1992.

_____. A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX. Linguagem & Preconceito. Revista Letra. Revista da Faculdade de Letras da UFRJ. Ano VIII. Vol. 1 e 2. [1998] 2013, p. 31-50.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Orgs.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2003, p. 63-80.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In.: MOLLICA, Maria Célia; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 33-42.

PAPALI, Maria Parecida. São José dos Campos: a vida na abolição (1888). In.: PAPALI, Maria Aparecida. (Org.). São José dos Campos: de aldeia à cidade. Ed. Ingraf: São Paulo. Vol III, 2010, p. 121-148.

PAREDES SILVA, V. L. P. O retorno do tu na fala carioca. In.: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, Juçara (Orgs.). Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 160-169.

PATRICK, Peter L. *The speech community*. In.: CHAMBERS, J. K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES (eds). [2002] 2004, p. 573-597.

PERINI, Mário A. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 1, n. 1 e 2. 1985, p. 1-16.

_____. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETERSEN, Carol. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas Cê, Ocê e Você. In.: D.E.L.T.A., 24/2, 2008, p. 283-308.

RAMOS, Jânia; VITRAL, Lorenzo. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 3, 1999, p. 55-63.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras. 2003.

ROCHA, Ricardo Machado. A reanálise de clíticos redobros como prefixos de concordância em falares mineiros. Disponível em Anais do SILEL. Vol2. N°2, Uberlândia: EDEFU, 2011, p. 1-17. leel.ufu.br. Acesso em abril de 2013.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. A concordância verbal no Português Popular em São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1987.

ROMAINE, Suzanne. Language in society. *An introduction on to sociolinguistics*. Oxford University Press, Oxford New York, 1994.

_____. *Variation in Language and Gender*. In.: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. The handbook of Language and Gender. Blackwell Publishing, 2003, p. 98-118.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A implementação do ‘você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel. Tese de doutorado (Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SAID ALI, M. Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, UNB, 1964.

_____. Gramática histórica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1971.

SAMPAIO, Ricardo Bezerra; JULIÃO, Maria Risoleta Silva. “O Senhor” tá no céu: crenças e atitudes linguísticas quanto às formas de tratamento na relação entre pais e filhos. Web-revista Socioleto. Ed. Especial/homenageado Fernando Tarallo. V.4, n°12, maio/2014, p. 1-22. www.socioleto.com.br. Acesso em dez.de 2014.

SANTOS, VIVIANE MAIA DOS. Tu vai pra onde? Você vai pra onde?: Manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. 30ed. São Paulo: Cultrix [1916], 1995.

SEVERO, Cristine Görski. Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo. Tese de doutorado. Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.

_____. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. *Revista Letras Magna*. Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa e Literatura – ano 4, n.7, 2º semestre de 2007, p. 1-15. Disponível em www.letramagna.com. Acesso em abril de 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. In.: Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. v.7, n.2, p.29-59, jul/dez de 1998.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. Alfa, São Paulo, 51 (1). 2007, p. 189-222.

_____. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível?. In.: Linguagem & Preconceito. Revista Letra. Revista da Faculdade de Letras do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.

_____. *et al.* Usos dos pronomes você, cê, ocê e tu no português brasileiro falado: sínteses e reflexões [no prelo].

SILVA, Ivanilde da. O que nós/a gente estamos falando afinal? Uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. Dissertação de Mestrado. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina (USFC), 2004.

SILVA, Shirley Gomes da *et al.* A fundação da Cidade de São José dos Campos. In.: São José dos Campos: de aldeia a cidade. PAPALI, Maria Aparecida. (Org.). Ingraf: São Paulo. Vol III, 2010, p. 31-72.

SOARES DA SILVA, Augusto. Integrando a variação social a métodos quantitativos na investigação sobre a linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e português brasileiro. In.: Revista de Estudos da Linguagem 16 (1), 49-81, 2008.

_____. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In.: SOARES DA SILVA, Augusto; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel. Linguagem, cultura e cognição. Vol. 1. Almedina, 2004, p. 1-18.

_____. Palavras, significados e conceitos. O significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição, nº 44, p. 27 a 53, 2010.

SOARES, Magda. Linguagem e escola. Uma perspectiva social. 17ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2012.

TARALLO, Fernando. Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. In.: Revista Organon/18. Porto Alegre (RS). 1991, p. 11-22.

TEYSSIER, Paul. O português do Brasil. In.: TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Trad. Celso Cunha. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 93-116.

TOMASELLO, MICHAEL. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fontes, [1999] 2003.

TORRES DE MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. Possessivos de 3ª pessoa: o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo. In.: Filol. Linguístico. Port., São Paulo. V. 16. N.Spes. Dezembro de 2014, p. 15-51. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419>, V.1 isep. Acesso em janeiro de 2015.

VIANA SOUSA, Valéria. Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. Tese de doutorado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2008.

VITRAL, Lorenzo. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. *Rev. Est. Ling.* Belo Horizonte, ano 5, n.4, v. 1, jan./jun. 1996, p. 115-124.

WEINER, J.; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistic*. 19 (1). [1977] 1983, p. 29-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1967.

_____. *et al.* Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. BAGNO, Marcos. Rev. FARACO, Carlos Alberto; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, [1967] 2006.

WILLIAMS, EDWIN. Do latim ao português. Trad. Antônio Hualiss. Instituto Nacional do livro, Rio de Janeiro, [1937] 1961.

ANEXO

ENTREVISTA com três populares (com audiência de “iguais linguísticos e sociais”)

SENAC – ENTREVISTA (20-12-13)

INF 1 – MASCULINO, 57 ANOS. 1o grau. IVAIPORÃ, PR.

INF2 – FEMININO, 36 ANOS, 4ª SÉRIE, FORTALEZA-CE.

INF 4 – MASCULINO, 33 anos, 8ª série. Caçapava.

Doc – vocês acham importante esse tipo de trabalho ... **o senhor** acha bonito jardinagem?

Inf1 (homem) – então eu acho o jardim uma coisa muito bonita, igual a limpeza que **você** falou. “Ohh, isso aqui tá limpinho, olha que coisa bonita também”. ... Imagina... **você** vai almoçar num restaurante e tá tudo sujo ... aí **você** não entra.

Inf2 (mulher) – eu num entro.

Doc – é nojeto

Inf 1 – faz parte da saúde também

Doc – vocês acham que lidam com a criatividade?

Inf 1 – não ... aqui a gente faz coisa diferente sim, né.

Inf 2 – minhas filhas qué ... arquiteta ... eu não tive oportunidade de estudá. Eu vim da roça.

Doc – mas então **tu** tem vontade de estudar. ... vocês trabalham em um lugar de ensino, vocês lidam com muita gente ...

Inf 1 - ... eu fiz curso de jardinagem ... eu peguei um professor muito bom e depois que a gente aprende, **você** não esquece mais.

Doc – é igual andar de bicicleta.

Inf 1 – isso ... é, **você** aprendeu a lição ... a gente vai querendo aprender mais porque eu acho que a gente nunca aprende tudo na vida ...

Doc – não tem que morrer aprendendo ...

Inf 1 – então a gente se aprendeu muitas coisas ... eu acho assim quanto mais **você** ter experiência melhor. Eu acho que pra tudo ter experiência é melhor.

Doc – vocês usam transporte coletivo todos vocês.

Inf 3 – não, eu não. Eu moro aqui mesmo no bairro. (outra faxineira)

Doc – aí que chique. Olha como ela é chique. Aí tu vem a pé.

Inf 3 – de carro.

Doc – e vocês dois usam transporte ou não?

Inf 1 – não. Eu não também não. Eu moro no mesmo bairro

Inf 2 – menos eu. Eu demoro uma hora ... dependendo do ônibus uma hora. ... é três horas, se eu saio daqui três horas ... só dá tempo de eu voá bem rápido ... se não demora.

Inf 1 – ahhh, é aqui **você** vê ... no SENAC 90% é esse horário das cinco da manhã. Das sete às três, das sete às cinco ... a passagem aqui pra nós em São José é a mais cara do Brasil, passou São Paulo. Ônibus

muito lotado, muita gente, aí **cê** nem entra direito, o motorista dá aquela arrancada ... aí joga **você** pra um canto ...

Doc – aí não respeita ... a mulher grávida, o idoso,

Inf 2. - tem lugar pro idoso e lugar pra gestante ... **cê** vai vê que é uma pessoa ali que poderia dar o lugar pra aquela pessoa que tá grávida ... e fica lá, finge que tá dormindo. 1

Doc – vocês acham que tem colaboração dentro do ônibus ou não?

Inf 4 (jardineiro) – o maior pobrema é o bão senso que não existe. É educação ... se **você** for em Caçapava ... é um lugar que não tem nada a ver ... é uma comparação meio boba, mas é lá se **você** subi no ônibus com uma baita barriga por mais que esteja no assento reservado ele levanta pra dar lugar **pra você**. Se **você** for no supermercado lá, **você** é melhor atendido que no carrefur. E a gente que não teve muita instrução, por exemplo, eu sou da roça ... lá do meio do mato ... aqui é muito bom pra tudo, mas só que é o seguinte a questão de educação é muito ruim.

Doc – vocês conseguem relacionar isso com isso que ele tá falando com rapidez, uma vida muito rápida?

Inf 4 – óhhh, eu nem vejo por isso, acho que educação não, não eu acho assim, qdo **você**, por exemplo, o assento do ônibus não é reservado? Vamo assimilá outra coisa aqui ... ele, por exemplo, não tem 60 anos, aí **você** chega lá não tem o assento. Eu vou citá um exemplo simples, um cara chegou aqui ... só porque ele é advogado ele se sentiu no direito de estacionar na vaga de deficiente. Aí eu que tenho 4ª série primária, e passei por um supletivo da vida, eu que sô burro? “Aí o guarda me falou o seguinte: sabe o que **você** faz Julião, vai lá chama o marronzinho pra multa o caboclo ...”. Quando o marron veio multa ele, ele se sentiu no direito de agredir esse guarda que tá aqui hoje. **Você** pode pergunta pra ele. Aí **você** não viu? ... Aí **você** vai no carrefur ... tem duzentas vaga de idoso, aí o cara diz “eu paro lá porque eu quero”. Se tem vaga lá embaixo eu paro lá. Isso não é porque a cidade corre, **cê** entendeu? Isso é falta de educação, de cultura de uma certa forma.

Doc – vocês acham que educação vem de casa ou vem de instituições assim como o SENAC? Será q de uma maneira ou de outra vem de exemplos?

Inf 1 – eu acho q a melhor vem de casa. Eu acho que aqui

Inf 4 – eu acho qui quem educa é pai e mãe.

Doc – então educação vem de casa, só que aqui é um complemento.

Inf 4 – então, só que a gente aqui como educador a gente não tem a obrigação de educar, a gente tem a obrigação de instruir, de direcionar ... eu frequentei a escola muito pouco, por não acreditar muito em professor com todo o respeito ... a minha infância foi muito difícil que nem a do seu XXX (nome da pessoa). Apesar de eu não ter ... porque ele tem a humildade de chegar ... não é porque eu sou mais jovem do que ele que ele não escuta o que eu falo. ... se eu estudei um pouquinho a mais é porque eu busquei, certo? Eu estudei ano passado no João Cursino, pohhh, aqui na cidade, se **você** vê o descaso, o descaso é tão grande que o professor de uma certa forma ele entra na sala de aula e olha **pra você** e diz: “não, eu não tenho a obrigação de **te** educar, quem tem essa obrigação é **seu** pai e **sua** mãe, bicho”. Aquele professor de uma certa forma é culpa da gente. Que é a gente de desmotiva ele. [...] o SENAC é uma puta instituição ... chega aqui ... mas se **você** tivesse vindo ontem aqui nesse horário que **você** tá sentada isso aqui tava um tumulto que **você** não tem noção. Porque é tudo de graça, a prefeitura paga tudo. E eles não destrói a nossa unidade? **Você** vê um prédio desse com 20 ano, tá cuidado porque a gente cuida, né seu XXX (nome da pessoa)? Ø Chega e Øvai lá **pra você** vê é cadeira quebrada ...

Inf 2 – banheiro

Inform 4 – elas que convivem ...

Doc – como é que é o banheiro feminino?

Inf 2 – pior que o masculino.

Doc – é?

Inf 2 – não era pra ser ...

Inf 4 – Øpara e Øanalisa **pra você vê**, isso é falta de educação. Na casa dele ele faz isso, porque se ele faz isso aqui na casa dele ele também faz.

Doc – é meio que um reflexo ... a gente não é muito diferente mesmo saindo de casa.

Inf 4 – com certeza, **cê** falow tudo. Eu vou **te** dizer o seguinte, é o que eu falo pro pessoal. A gente criticar uma pessoa é muito fácil, agora eu quero ver elogiar ela, **você** buscar as coisa, as qualidades dela. Então é muito difícil, aí **você** para e analisa.

Doc – mas por que que é tão difícil?

Inf 4 – pras pessoas é... **você** concorda?

Doc – não sei. Óhhh por que é tão difícil elogiar e é tão fácil criticar?

Inf 4 - a crítica pode ser benéfica ou destrutiva, eu busco sempre ver o lado certo. Elas são testemunha disso. Tá ela errou então vamo lá ver porque que ela errou ... muita gente não pensa assim ... então por exemplo **você** criticá pro mal é mais fácil que Øfazê pro bem e a grande maioria infelizmente pensa assim. **Você** sobe num ônibus, por exemplo, a gente discutiu ontem eu e minha senhora ... o prefeito foi eleito ontem, esse preço do ônibus da passagem subir isso vem de longe, **cê** entendeu?

Doc – isso iria acontecer com ele ou sem ele.

Inf 4 – e outra como?? Eu falei pra ela “**você** vive numa puta cidade que **você** tem tudo **você** quer que a passagem do ônibus seja um real?” eu falei pra ela “nem em Curitiba que é a melhor cidade do Brasil pra se viver a passagem é um real”. “Ahhh, mas lá eu uso uma passagem”. Ahh, mas aqui já melhorou tanto. Aqui **você** roda a cidade inteira com duas passagem de ônibus.

Inf 1 – antes era quatro.

Inf 4 – então

Doc – o cartão integração resolveu muita coisa?

Inf 1 – resolveu, vamo supo, daqui pro Colonial, **você** teria que pegá até uma altura, se não tivesse, Øteria que pegá outro, depois pra Øvim três e Øchegar em casa quatro. O cartão resolveu, **você** pega aqui e Øpega, Øpega e direto **você** vai com uma e Øvolta com outra, então ajuda. Eu acho que devia ter mais ônibus nas linhas ...

Doc – até pra diminuir o fluxo de carros, né? Não é muito inteligente cada um de nós ter um carro ... pra que cinco carro?

Inf 1 – porque São José daqui uns anos vai ficar igual São Paulo.

Doc – eu acho.

Inf 1 – aí não vai dá pra anda mais.

Doc – aí eu volto na rapidez, eu acho q São Jsé tá tão rápida quanto a metrópole?

Inf 1 – com certeza.

Inf 4 – aí vem a questão de **você** pagá caro. Eu falei pra ela “aqui em Caçapava onde a gente mora” ... lá a passagem é dois e trinta. Se eu for pagar 3.30 lá eu tô pagando caro, se **você** vê o ônibus que roda lá.

Doc – é muito diferente daqui.

Inf 1 – aqui é quase tudo novo.

Doc – quase, né, quase.

Inf4 – lá tem 3 supermercado, três semáforos e um tá cum as lâmpada queimada heheh

Doc – nossa ...

Inf 4 – tá bão pra você

Doc – kkkkkk só que a gente não pode comparar uma cidade pequena com uma cidade grande.

Inf 4 - ... não tinha um filho de empregada doméstica no protesto, tá bom pra você ou não? Aí ela, a XXXX (nome da pessoa), disse: “mas quem que foi fazer o protesto então? Quem tirou o Color do poder? Foram os caras pintadas. Quem eram os caras pintadas?” tudo gente que tinha dinheiro, não tinha pobre lá. Porque pobre infelizmente não tem acesso à boa educação. Como que o cara estuda em uma escola pública? É culpa da professora, não é. **Você** concorda? 35

O professor tem culpa dos alunos não consegui ingressar numa faculdade boa? O governo tem culpa? Às vezes o próprio aluno tem ...

Doc – tu acha que tudo isso que ele tá falando tá certo?

Inf 2 – eu acho.

Doc – por que?

Inf 4 – essa é a minha opinião, vocês tem que ter a de voceis.

Doc – ele não vai bater em vocês ...

Inf 2 – não, não ele não bate em nós não.

Inf 1 – é porque meu filho passou em dois vestibular. Ele passou em Curitiba, no vestibular em federal e passou aqui na UNESP.

Doc – olha que chique, muito bem.

Inf 1 – aí ele foi estudar em Araraquara, ficou 5 ano lá ...

Doc – isso é do povo do sul olhaaaaaa

Inf 4 – é nesse ponto que eu queria que ele chegasse **pra você vê**. Ele é exemplo de uma educação que ele deu de certa forma, **cê** entendeu, porque ele levou e foi lá “**você** vai conseguir”. O menino foi lá e conseguiu passou lá em duas faculdade boa.

Doc – as federais são muito boas ... se for pra São Carlos deixa ir, se for lá pra minha terra deixa ir ... porque são universidades muito boas.

Inf 1 – a do Rio Grande do Sul e do Paraná é muito boa também.

Inf 4 – e aí ela “e por que **você** acha que os play boys tão lá fazendo protesto?”. “Ø Sabe o que acontece, XXXX (nome da pessoa), olha só **pra você** vê ... quando ele for indenizar a empregada doméstica da passagem do ônibus ele vai pagar mais barato, deve ser por isso. Mas **você** acha o que, que tinha lá filho de empregada doméstica, não tinha, Aline. Isso é enganação aí os cara vai lá elis põe fogo no ônibus e quebram os vidro e tinha que ser dois e vinte, rapaz.”

Inf 1 – Elis acha que fazendo isso resolvi.

Inf 4 – e aí ela falou assim “**você** fala assim porque a empresa paga **a sua** passagem”. Aí eu disse pra ela: mas isso é privilégio meu, ué. Graças a Deus eu trabalho numa empresa que paga ...

Doc – é um privilégio teu, é verdade.

Inf 4 – então, foi o que eu falei, aí eu disse, mas **você** tem carro, **você** lota o carro. **Você** não precisa, **você** não precisa reclamá da passagem do ônibus. Aí ela falou assim “ahh porque eu ia” ... não tem nada a ver a passagem de ônibus era baratinha e **você** não ia trabalhar de ônibus. A pessoa que usa tem que reclamá, ela tem que ir pra cima, corre atrás dos direito dela.

Doc - ... a pessoa que usa ela deveria reclamar mais. Por que tu achas que as pessoas não reclamam do transporte público que não funciona, de um posto de saúde que é meia-boca ...

Inf 2 – é que incomoda, mas a gente termina ficando quieto.

Inf 1 – é que **você** vê isso tudo é que gera em volta do dinheiro que a gente paga, o imposto. O país que mais paga imposto é o Brasil. Agora **você** falou do posto de saúde. Eu fui lá marcar um especialista da vista e depois de 4 meis é que mandô chamá.

Doc – foi pouco, eu conheço gente que tá dois anos na fila.

Inf 1 – agora dia 26 eu vou passa lá de novo. Aqui vem gente de todo lugá, de São Paulo, Caraguá, Taubaté ... eu acho que deveria melhorar mais ... porque a verba que entrar aqui nesse prefeitura **você** não acredita!!! É igual eu falo é igual **você** abrir uma torneira e cai água direto. [...] Então dinheiro aqui tem demais, o prefeito poderia fazer mais coisas. **Cê** vê o IPTU eu pagava 210 foi para 320 reais, né? A casa que eu pagava 80 foi pra 140 isso é um dinheiro nosso.

Doc – vocês acham que São José é uma cidade cara?

Inform 1 – é cara, é cara.

Doc – tu tb acha?

Inf 2 – hummmmm, é cara sim.

Doc – pra se manter aqui. Família, filho, passeio. Vocês passeiam? Costumam sair de casa?

Inf 1 – ahh, sempre a gente dá umas passeada sim.

Doc – é bom passear?

Inf 1 – é bom.

Inf 2 – é. Ahh eu sou muito caseira.

Doc – mas do teu tipo ser caseira, ou outras coisas atrapalham?

Inf 2 – é o meu tipo mesmo, vou só na igreja e volto. Chego do serviço, chego em casa, faço uma janta ... elas ajudam muito. Agora, elas saem. “Mãe, posso ir no shopping?”. “Pode”. Se elas não tem, eu dou o dinheiro. Mas eu não saio não. Eu trabalho de segunda a sábado, aí eu tô cansada também.

Doc – é muito corrido e além de tudo tu mora longe.

Inf 2 – moro. Dá até desânimo **você** pegá um ônibus **pra você** passia. Esses dias uma amiga falou: “vamo no shopping comigo? Eu **te** pego. Vem pra cá direto do serviço que eu **te** pego”. Aí eu disse então tá bom, aí eu tinha médico, fui no médico e aí depois eu fui na casa dela e a gente foi no shopping. Aí tava muito lotado, muvuca ... eu não tenho paciência pra shopping. 16

Doc – eu também não gosto de shopping não.

Inf 1 – **você** quer ver é **você** estacionar um carro. Um dia desses eu fui no Center Vale e fizeram um estacionamento de quatro andar, **pra você** por um carro, eu vou com a minha filha, ela dirige bem e coloca o carro no último andar. Aí **Ø**tem que ser bom de volante porque o espaço é reduzido. E aí **você** vai rodando até **você** chegar lá em cima. E aí **pra você** achar uma vaga ... e shopping é pior que as loja ... se uma camisa lá no centro é trinta no shopping é 60.

Doc – vocês frequentam cinema ou não?

Inf 2 – não tenho paciência.

Doc – não tem paciência ou é caro?

Inf 2 – eu acho caro, não tenho paciência. Eu prefiro aluga, coloca lá na minha sala. Fico lá quietinha, tomo banho e fico lá [...] dou uns quatro pause no filme.

Doc – daqui para ir na **tua** casa como é que eu faço?

Inf 2 – **Ø** tem que passá, **Ø** arrudiá por aqui. Aí **Ø**pega o Novo Horizonte e **Ø**vai. Aí qdo **Ø**chegá ... aí **você** pergunta assim pro cobrador “eu quero para no Paraíso do Sol”, que eu moro pra cima ... tem o meu bairro que não é asfaltado, aí **você** tem noção quando chove. Às vezes eu chego aqui com as calças ...

Doc – é pra lembrar dos tempos da roça. Tu falou arrudiá, tu não é daqui. Tu é da onde?

Inf 2 – Fortaleza, Ceará.

Doc – olhaaa, eu tava na tua terra esses tempos atrás. Quanto tempo tu tá aqui?

Inf2 – eu casei em 95. (18 anos)

Doc – o que qui tu lembra da tua terra. Tu é de Fortaleza, capital?

Inf 2 – é perto, sou do interior. Eu gosto da minha terra. Eu não tenho mais nem pai e nem mãe. Eu casei com 19 ano, eu não tinha mais. O que eu sinto saudade de lá é plantá, colhê, andá de cavalo, que eu gostava muito. **Ø** Pegá cana do pé, é bom poder fazer uma fogueira na frente de **sua** casa, **você** poder fazer uns bolo de milho, ai, isso dá saudade.

Doc – lá a comida é bem diferente.

Inf 2 – é muito gostosa. Panela de barro, fogão a lenha.

Doc – baião de dois.

Inf 2 – eu faço lá em casa.

Doc – buchada de bode.

Inf2 – é muito bom. Hummmm, uma delícia.

Doc – buchada de bode (com sotaque)

Inf 2 – hummmm a seu Nerso ... buchada é uma coisa que eu não sei fazer não.

Inf 1 – mas **você** veio de lá pequena também.

Inf 2 – ai, eu casei muito nova.

Doc – eu gostei de lá foi de seriguela.

Inf 2 – é uma delícia. E a pitomba. **Você** chegou a chupá pitomba?

Doc – a pitomba, eu achei muito esquisito ...

Inf 2 – ahhh, é uma delícia.

Doc – chupá o caju é uma coisa ... mais gostosa que tem.

Inf 2 – é. Nossa minha avó fazia o angu, a gente moía o milho no moinho, aí penerava e fazia o angu. Depois quando tava feito ela colocava no prato, leite e rapadura do lado. Ai meu Deus do céu tem hora que eu falo assim: meu pai.

Doc – a culinária pra lá é muito boa, mas na nossa terra também é. Qual é o nome da sua terra mesmo?

Inf 1 – eu nasci e casei em Ivaiporã. ... eu tenho vontade de voltar também. Quer dizer para ir de lá pra ir na sua terra lá, umas três quatro horas de viagem chega. Não gasta três hora.

Doc – não aí é perto. Conhece Santa Catarina?

Inf 1 – não, eu conheço Garapuava, fica quase na divisa

Doc – vai lá toma um chopp na minha terra com a sua mulher quando o senhor se aposentá?

Inf 1 – a gente tá com a ideia de ir para Santa Catarina e ir até Angra do Sul, Gramado ...

Doc – Gramado é lindo.

Inf 1 – diz o que o Natal é que é bonito né?

Doc – vou aconselhar pro senhor ir em Novembro porque os preços são mais baixos. Aí não tem tanta festividade na rua, tem também, mas é menor.

Inf 1 – aí a gente foi até a Argentina, Foz do Iguaçu. Ficamo duas semana lá, em Foz nas Cataratas, a gente conheceu as cataratas da Argentina, e fomos até a cidade de Porto Iguaçu.

Doc – que ruim, isso.

Inf 1 – muita tristeza hehehe com a TAM ainda, nossa! Muito legal. Daqui lá uma hora e trinta

Doc – gostou de voar?

Inf 1 – nossa, eu adorei, uma hora e trinta.

Doc – já voou?

Inf 2 – não.

Doc – tem medo?

Inf 2 – tenho medo

Doc – por que é desconhecido?

Inf 2 –é.

Inf 1 – mas é só no começo depois ...

Doc – mas o nordestino encara?

Inf 2 – encara qualquer coisa

Doc – é da peixeira.

Inf 1 – eu passei dez ano fazendo avião. Nossa, eu trabaiava na parte da montagi. O motor passava tudo na nossa mão.

Doc – a gente precisa de um incentivo dentro de casa ...

Inf 1 – eu acho importante, é uma coisa qui eu falo

Doc – cê já pensou se um pai não acreditá na gente?

Inf 2 – os meu não acreditava não ... por isso a gente não estudou.

Doc – mas **tu** vê agora ...

Inf 1 – mas **você** é nova. Ela pode estudá.

Inf 2 – eu não tenho mais paciência. Eu chego em casa ...

Doc – amiga, arranja paciência ... faça como o seu XXXX (nome da pessoa) ...veja só ... (falante desconversa do assunto)

Inf 2 – era bom se a gente pudesse trabalhá sem botina como lá no interior da gente ...

Doc – aqui não pode, né?

Inf 1 – aqui a gente recebi ordi ... aqui **cê** tem que chegá na hora certa. **Ø**Tem que falá só o qui é certo.

Inf 2 – só o necessário.

Doc – ainda assim é muito diferente do que trabalhar em pizzeria, padaria ...

Inf 2 – eu já trabalhei, é muito corrido.

Inf 1 – eu já trabalhei em supermercado, linha de montagem, o banheiro fica ali do lado, **pra você** usar é rápido porque daí o outro também já quer ... **se você** demorar um segundo já atrapaia pro outro. É muito corrido.

Inf 1 – cuscuz lá também tem.

Inf 2 – eu faço.

Doc – cuscuz com ovo de manhã ... com manteiga de garrafa.

Inf 2 – eu fiz e as minhas vizinhas disseram “o que que é isso?”. Eu falei que é cuscuz.

Doc – é só tu deixa o endereço a gente vai.

Inf 4 – a gente tá aqui todo dia a gente vai. **Cê** viu aquela mais morena ... ela já morou até na Europa, mas trabalha aqui com a gente.

[...] **finalização:** pedido para utilizar a gravação em trabalhos científicos – final da entrevista.

Assinaturas dos participantes em suas respectivas fichas sociais.